OBRAS ESPIRITUAES

DO ESPIRITUAL, E VENERAVEL PADRE FREY

ANTONIO DAS CHAGAS,

Primeyro Missionario Apostolico Franciscano neste Reyno de Portugal, Fundador do Seminario de Varatojo.

PRIMEYRA, E SEGVNDA PARTE

Dedicadas pelo mesmo Author a

CHRISTO CRVCIFICADO.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,

Impressor de Sua Magestade, & à sua custa impresso. Anno de M. DCCI.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.

DEDICATORIA

Do mesmo Veneravel Padre, consagrando as suas Faiscas a hum

SENHOR CRUCIFICADO.

QUEM? A quem se naõ a vòs, meu Deos, se haõ de votar, & offerecer estes pedaços da minha Alma, que com a luz da vossa graça achey perdidos pelo mundo? A quem, senaõ a vòs estas cinzas do meu coraçaõ, que tiradas do fogo eterno sobre esse Altar da vossa Cruz, do meu coraçaõ saõ holocaustos, do meu engano saõ mementos? A vòs sómente, meu Senhor, que sois todas as minhas cousas, como tornaõ ao mar os rios, se reduzem estas minhas lagrimas, que filhas saõ desse Oceano. Este he o orvalho matutino, que na concha do vosso peyto se torna em perolas preciosas; estes os ultimos despojos, com que das batalhas do mundo trago as insignias da vitoria para trofeo das vossas Aras. Estas as taboas do naufragio, que escapadas do mar do seculo, para memoria do milagre no vosso Templo dependuro. Esta he a casa da Oraçaõ, onde esse auxilio me deu alma, onde a minha alma se fez Ceo, onde huma morte se fez vida. Pequena paga, meu Senhor, huma faisca por hum Ceo, huma lagrima por huma vida, hum só gemido por huma Alma! Bem sey, meu Deos, & Senhor, seráõ outra mayor culpa os fumos deste holocausto, & desta offerta a ninharia; porèm que victimas se esperaõ de hum coraçaõ tam pobre, que

 sendo

ſendo o mundo tudo nada, naõ teve mais que ſer do mundo? Mas ſe a voſſa miſericordia me fez de vós tambem aceyto, que muyto he, que eu já preſuma, que os meus nadas ſaõ bem viſtos? Naõ olhais vòs os ſacrificios, ſenaõ a tençaõ, que ſe offerece, & neſta ninguem tem mais que eu, pois tenho a vòs comigo. Hoje naõ ſó voſſas piedades haõ de ſer quem ha de aceytar eſtes troços da minha dor, que dos cadaveres da culpa, por ſer triunfos, ſaõ deſtroços: mas tambem quem ha de rever eſtes raſgos da minha penna, que com a tinta dos meus olhos eſcreveraõ as minhas culpas no papel do meu coraçaõ. Revejaõ pois voſſas piedades eſte papel, que de joelhos conſagro hoje a voſſos pès, ponha-ſe nelle a voſſa emenda, donde ſe tirem os meus erros, para que nelles me naõ cegue, & me veja ſempre nella. Primicias ſaõ de huma vontade, que nunca pode verſe livre, ſenaõ depois que atendes preza: que reviveo onde morre, para ſe morrer, onde ſe vive. Se ainda parecem flores os prantos deſta minha penna, quem duvída, que dos Altares ſaõ primeyras boninas? Nem eu, meu Deos, tenho outros cravos, que pôr hoje em voſſas maõs; ſe por duras eſtas razoens parecem mais que pedras, eu já hoje naõ poſſuo outras para joyas do voſſo peyto: & ſe parecem ondas precipitadas, eu já naõ tenho outras correntes, que deyte agora a voſſos pès. E ſe eu pudera fazer tanto, que vos pudèra fazer ſempre de cada Eſtrella do Ceo mundos, de cada ouçaõ da terra mares, de cada area do mar Ceos, & de todos multiplicados vos fizera tambem, meu Deos, das pedrinhas dos montes Aras, dos troncos dos boſques Templos, dos ramos das arvores Córos, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçoens, dos argueyros da terra olhos, das hervinhas do campo almas, & das flores do prado vidas: ſe veſtindo-me de todas juntas pudèra voar a eſſes Ceos, & lá com todos os ſeus Eſpiritos todo me cubrira de azas, todo me fizera thronos, em hum ſempre abraço da alma, naõ ouvera dia, nem hora, que com todos vos naõ amàra, nem vivera momento, ou atomo, que os naõ occupára com voſco: nem eſtivera inſtante, ou ponto, que com voſco me naõ unira. Façaõ pois voſſas benignidades, que ſe edifiquem em minha alma os muros de Jeruſalem: cayaõ da antiga

Baby-

Babylonia aquellas torres presumidas, de que foy baze o mesmo vento, & fundamento a mesma area. Postrados estão os Colossos, já derrubadas as estatuas, & em fim os Idolos cahidos com as armas do desengano, com os castigos da razão, com os golpes do escarmento. Feri agora, meu Deos, rasgay, Senhor, & meu bem todo, com as armas da vossa Cruz, ou com o fuzil do vosso amor, as entranhas deste penedo tão rebelde, & empedernido a tantos vossos merecimentos, pois não sómente dos meus olhos poderão assim nascer rios, mas tambem do meu coração correr hum mar de lavaredas. Tomay posse de huma Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o Titulo; nem consintais, meu Deos, que deyxe hoje o meu engano o direyto da vossa graça, pelo avesso da minha culpa: a justiça do vosso sangue, pela trapassa deste mundo. Não quero eu melhor Commenda, que verme com o vosso Habito, & nem para tomallo hoje a peyto tirarey outras inquiriçoens, mais que as memorias dos meus peccados: nem farey melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios. Aqui postrado a vossos pés nos incendios do vosso amor, peço que arda este papel: não peço, que mo defendais, rogovos sim, que mo emendeis. E se por meu parecer mal, sejais bemdito, Jesus, que assim fareis hoje, que o mundo se não engane mais comigo. Se sentirem bem do que ha nelle, louvado sejais, meu Senhor, & conheção todos, que sendo eu o mesmo erro, não consentirá vossa bondade, que em mim se louvem vossas obras. Louvemvos todas as creaturas, & eu por todas as Eternidades.

A QUEM LER.

PROLOGO

DO MESMO VENERAVEL PADRE, que se achou avulso entre os seus papeis.

PEÇOTE (pio Leytor) pelas Chagas, & entranhas de meu Senhor Jesu Christo, q́ primeyro que leas este livro, te ponhas em memoria de Deos, em cuja presença estás, & a quem na hora da morte, & dia do Juizo has de dar conta estreyta de teus peccados, & dos beneficios, dos Sacramentos, & dos auxilios, com que a cada instante te acorda, & te chama para o Ceo por via da penitencia; & cuidando nisto brevemente, faze hum Acto de contriçaõ de todo o coraçaõ.

PROLOGO AO LEYTOR.

DOUTE a primeyra, & ſegunda Parte das Obras Eſpirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, das quaes hũa pequena parte andava já impreſſa em volume muyto breve, mas que varias vezes reproduzio a eſtampa por ſatisfazer à devoçaõ. Pequena he entre as aves a abelha, & o ſeu fruto tem no doce o Principado, diz o Eſpirito Santo: *Brevis in volatilibus eſt apis & initium dulcoris habet fructus illius.* Se atègora eſta doçura ſe te dava a matar deſejos, já agora a lograrás a fartar vontade nos favos deſtes dous Tomos.

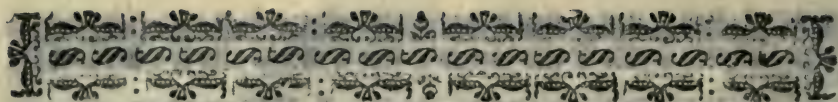
Eccleſ. 11.

Extremis liber actus umbilicis,
Extemplo in medium ruat coronam,
Et longas hominum eſuritiones
Sua lautitia famemque paſcat.

Naõ tenho neceſſidade de te encarecer a bondade deſta Obra, como á naõ tem o Sol, & a Lua de teſtemunhas para crermos, que o Sol allumia de dia, & de noyte a Lua: a ſua luz he o ſeu interprete: o ſeu eſplendor, ſem outro teſtemunho, lhe baſta para credito, como bem dizia Philo. A linguagem do Veneravel P. he lingua do ſeu eſpirito, & he gloria da ſua penna. E poſto que nada eſcreveſſe com intento de ſahir a luz, naõ era juſto, q̃ por eu poupar trabalho, comprehendeſſem as trevas tantas luzes ſuas, que vem a ser illuſtraçoens noſſas.

Acharás neſta primeyra, & ſegũda Parte variedade de materias, & tratados; & em todos gravidade, piedade, & hũa taõ Chriſtãa Filoſofia, que diſſera delles Jacobo Bilio, o que já diſſe dos de S. Gregorio Nazianzeno: *Omnia gravitatis, pietatis, Philoſophiæ que Chriſtianæ plena ſunt: nunc hominis naturam fragilem, & inconſtantem graphicè depingit: nunc ardentiſſimas ad Deum preces mittit: nunc optima, & ſaluberrima vitæ præcepta, regulaſque tradit.* Quanto fruto haja de cauſar eſta liçaõ, quero ſe conheça mais pela experiencia, que pelo meu encarecimento. Lè, aproveytate, & Deos te guarde.

Jacob. Bonfret. in Leſſ.

* iiij LI-

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

POdemſe tornar a imprimir os dous livros, de que eſta petiçaõ trata, & depois de impreſſos tornaráõ para ſe conferir, & dar licença que corraõ, & ſem ella naõ correráõ. Lisboa 30. de Julho de 1697.

Caſtro. Foyos. Azevedo. Diniz. Moniz.

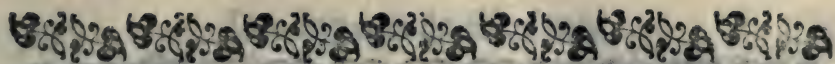
Do Ordinario.

POdemſe tornar a imprimir os dous livros, de que trata eſta petiçaõ, & depois de impreſſos tornaráõ para ſe lhe dar licença para correr, & ſem ella naõ correráõ. Lisboa 7. de Agoſto de 1697.

Fr. Pedro Biſpo de Bona.

Do Paço.

POdemſe tornar a imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impreſſos tornaráõ a eſta meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correráõ. Lisboa 9. de Agoſto de 1697.

Roxas. Marchaõ. Azevedo. Ribeyro. Sampayo.

Eſte

ESte livro, que contèm primeyra, & ſegunda Parte, eſtá conforme com o ſeu Original, que eſtava em dous tomos dividido. Saõ Domingos de Lisboa em 11. de Março de 1701.

Fr. Antonio Pacheco.

VIſto eſtar conforme com o Original, póde correr eſte livro. Lisboa 11. de Março de 1701.

Carneyro. Moniz. Fr. Gonçalo. Haſſe. Duarte.

POde correr.

Fr. Pedro.

TAxaõ eſte livro em hum cruzado. Lisboa 14. de Março de 1701.

Oliveyra. Mouzinho. Lacerda.

INDEX
DOS LVGARES DA ESCRITVRA, & materias ſobre que ſe diſcorre neſtes Golpes, & Toques.

TRATADO I.
DOS GEMIDOS ESPIRITUAES vertidos de hum pedernal humano a Golpes do Amor Divino.

Trata-se

TRA-

TRATADO II.

DOS CLAMORES DA TROMBETA do Ceo, inspirados ao toque das divinas Escrituras.

TRA-

TRATADO III.

Despertador celestial da alma adormecida na culpa. Pag. 244.

Hora est jàm nos de somno surgere. Ad Roman. 13. 11.

INDEX

Do que contèm a segunda Parte deste livro.

TRA-

TRATADO I.

DOS GEMIDOS ESPIRITVAES vertidos de hum pedernal humano a golpes do Amor Divino.

GOLPE I.

Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde. Jerem. 12. 11.

Como da falta de consideraçaõ nasce a perdiçaõ do mundo.

GEMIDO I.

TODO o mundo se perde por falta de consideraçaõ: mas se o mayor cuidado dos homens se encaminha a que os tenha o mundo em conta de homens de grande consideraçaõ; se toda a vida do homem he hũa guerra de discursos; se o juizo humano he perpetuo campo de batalhas; & se em fim nada obra o homem sem lho propor o entendimento, por ser o entendimento hũa potencia, que necessariamente obra, já seja aprehendendo, já discorrendo, jà julgando: como diz o Espirito Santo por Jeremias, que os homens se perdem, porque naõ consideraõ? Oh mortaes, os que estais em peccado, terrivel cousa he esta, mas verdade sem duvida! Porque se bem considerardes, que outra cousa

ſaõ as voſſas conſideraçoens, ſenaõ falta de conſideraçaõ? gaſtar hum peccador todas as horas do dia, & perder o ſono da noyte conſiderando nos creditos da ſua ambiçaõ; nas marès da ſua fortuna; nas maquinas da ſua grandeza; no ruido da ſua fama; nas vãglorias da ſua honra; nos ſonhos da ſua vaidade; nas chimèras do ſeu aggravo; nos idolos do ſeu intereſſe; & em fim, no ſeu deleyte, que he mentira; na ſua gentileza, que he ar; na ſua laſcivia, que he fogo; na ſua fazenda, que he pezo; na ſua vida, que he morte; & no ſeu regalo, que he nada? Que outra couſa he, ſenaõ falta de conſiderar, quanto ſe atreve contra Deos; quanto corrompe ſua ley nos máos uſos dos bẽs da vida, da natureza, & da fortuna, deſprezando igualmente os da graça; ſem aclarar com a luz da razaõ as ſombras da conciencia; ſem ver o eſtado da ſua alma, a cegueyra do ſeu coraçaõ, as perturbaçoens do ſeu eſpirito; & em fim, ſem lembrarſe efficazmente de que ha Deos, para ver, que caſo faz delle, & o que póde eſperar por iſſo na hora da morte, no dia do Juizo, & nos annos eternos?

Já, ſe ſem dano da ſua alma, ſe canſára cada qual dos homens em augmentar a honra, ſeguir a fortuna, avultar a fazenda, & dilatar a vida (que bem ſe póde fazer em graça) ſanta couſa fora; pois Deos ſe ſerve, de que o mundo ſe multiplique em ſeus eſtados honeſtos, atè que entre tantos, que ſe perdem, haja alguns, que acabem de encher o numero dos predeſtinados, para logo ſe acabar o mundo: mas como ha de ſer, ſenaõ cuydando os homens do mundo, & muytos dos que o naõ parecem, ou deviaõ naõ ſer do mundo; nem gaſtando o tempo mais, que na vida profana, vivem como ſe a alma ſe criára ſó para o corpo; o corpo para os deleytes; a fazenda para os vicios; os vicios para a vida; & eſta para a vaidade? que falta ha pois mayor para a conſideraçaõ, que eſtas conſideraçoens dos homens? Vive o laſcivo, & naõ ſe emenda; o homicida, & naõ ſe teme; o ambicioſo, & naõ ſe ſatisfaz; o vingativo, & naõ ſe humana; o adultero, & naõ ſe encobre; o ſacrilego, & naõ ſe turba; o ſoberbo, & naõ ſe humilha; o blasfemo, & naõ ſe refrea; o vaõ, & naõ ſe deſengana; & ſabendo todos baſtantemente, que naõ ſaõ caminhos do Ceo a laſcivia, a ambiçaõ, a vingança, o homicidio, o adulterio, o ſacrilegio, a ſoberba, a blasfemia, a vaidade, & os outros vicios; iremſe de ſeu vagar pelas eſtradas da maldade; correrem taõ precipitados pelos deſpenhadeyros

deyros da culpa; & dormem a sono solto à sombra da sua morte, entre os riscos da consciencia, entre seus mesmos inimigos, que he, senaõ falta de juizo, lethargo do discurso, & falta de consideraçaõ? Considerar, & naõ considerar o que importa, parece obra do discurso, & he falta de entendimento; parece exercicio da razaõ, & he cegueyra do juizo. A consideraçaõ he vista dalma; cujos olhos saõ o entendimento; se a alma não vè o que lhe toca, ou lhe convem, he cega; se olha para o que lhe està bem, ou mal, & o sabe ver, só entaõ se póde dizer, que tem vista: se pois a alma não vè os seus males, ou naõ póde ver os seus bens, como poderemos dizer, que tem vista, ou consideraçaõ?

Naõ cuidaõ os homens dentro na sua alma, que isto se entende na Escriptura sagrada pelo coraçaõ; não consideraõ com efficacia donde vieraõ, por onde andão, para donde vão, & para onde haõ de ir: se isto consideràraõ os homens, víraõ, que de Deos vierão, & que de outra parte nenhũa cousa tem; vírão, que andão pelo caminho da perdição; que vão para os infernos; & que haviaõ de caminhar para o Ceo: se cuidàraõ nisto, se vírão isto os homens, tornàrão atraz, arrependèraõ-se, & considèrárão mais em si, metendo-se por dentro de si; & não andárão tão fóra do mesmo Deos, quanto o andão da ley de Deos: se cuidàraõ mais em si, viraõ, que quanto à alma, està nelles o mesmo Deos; como em imagem sua; & que esta tanto he melhor imagem, & mais parecida com Deos, quanto nas virtudes se conforma mais com o original; & tanto mais fea, & disforme, quanto mais nos viciosos costumes se dessemelha: se cuidàraõ em si quanto ao corpo, víraõ, que he hum vil, & bayxo pó da terra; hum manancial de immundicias; hũ compendio de miserias; huma fragilidade instantanea; huma corrupção perenne; hum cevadouro de bichos; & hum guizado da terra: & quanto à vida, vírão, que Deos lha conserva, & da sua maõ està pendente; que he hum vapor da terra; hum sopro do vento; hum fumo aereo; hũa novem ligeyra; hũa flor do feno; & huma sombra fantastica, que tendo só de certa duraçāo o presente instante, a cada instante està acabando; sendo para a morte hum ligeyro correyo, que sem parar de dia, & de noyte sempre caminha: & finalmente se cuidàraõ em si os homens, quanto ao mundo, que tanto amaõ, virão, que sendo as suas honras, vaidade; as suas pompas, apparencias; as suas riquezas inconstantes; as suas vaidades, loucuras; as suas deli-

Jerem. supra.

cias, fel; os seus contentamentos, pranto; os seus divertimentos, achaques; os seus alivios, peste; & as suas consolaçoens, tristeza; como seu capital inimigo com continuos enganos os rouba; com hum sem numero de laços os prende; com hum sem conto de redes lhes arma; & cõ huma immensidade de malicias os perde.

Isto he o que nos dá a entender o Espirito Santo por Jeremias: porèm de naõ cuidarem os homens nada nisto, nasce, que daquelles meyos, que se lhes dispensáraõ para os usos da vida, fazem bemaventurança, sem lembrarse do fim ultimo para que foraõ creados; & neste esquecimento, nascido daquelle abuso, se perdem. Aquelles rios, que esquecidos de correr para o mar, se derramão pelos campos, perdemse a si, & mais a elles: assim os homens, que devendo correr a Deos com o coração, o derramaõ pelas creaturas, igualmente se perdem: póde o rio tornar a ser o que era, & muyto mais, se tornar a seu curso: tambem os homens, se tornarem a seu Deos, podem ser muyto melhores que dantes: mas ah, que as aguas, que no principio pudèraõ tornarse a seu centro, a pouco custo do refluxo, ou fluxo da natureza, encharcandose pela terra, se convertem em lagoas mortas; onde se somem, ou se corrompem viciosamente entorpecidas as neves, que das entranhas do mar se communicáraõ aos valles; & os cristaes, com que para unirse ao Oceano, se desentranhàraõ os montes!

Jerem. supra.

Simile.

Tanto mal faz hum só descuido da natureza, ou da culpa, que fazendo-se vida, o que só era inclinação, se muda em segunda natureza, o que parecia apetite; & acaba costume da malicia, o que apenas começou desvio da razaõ: a pouco custo do geyto se arranca em planta, aquella mesma, que a todo o empenho das forças se naõ póde abalar em arvore: o rio, q̃ a pouco custo se pudèra cortar na fonte para naõ chegar a ser ribeyro, por mais que o cortem junto ao mar, naõ o tiraõ já de ser rio: aquelle incendio, que se pudèra apagar de hum golpe quando começou faisca, naõ bastão meyos para o diminuir, logo que chegou a ser chamma: por isso, quem despreza as cousas pequenas, pouco a pouco se vay inclinando para de todo cahir nas grandes: *Qui spernit modica, paulatim decidet.* Tudo o que a parede se inclina para a ruina, he começalla; o mais he proseguilla, ou padecella.

Ecclesi. 16. 1.

Eis aqui em figura, o que saõ nossos descuidos na realidade; começa-se a memoria por hum divertimento a apartar de Deos; assalta-se logo o entendimento; alons

alonga-se a vontade; seguem-na os sentidos; & pondo a alma todo seu sentido nas cousas vãs, & caducas, perde o cuidado das eternas: de que se segue, que suspendendo-se, ou cegando-se o homem superior, & a parte racional, se precipita a natureza taõ depravada desde o ventre, para a parte inferior do homem ao animal, & ao sensitivo, abraçando aquelles mesmos perigos de que fugíra, se os olhos dalma desalumbrados naõ cegárao pelo seu mal, & pudèraõ ver o seu bem.

Pois, se bem consideraramos, quem se atrevèra a peccar? & se peccàra, se naõ arrependèra logo? se advertíra, se consideràra, quem he o que offende; a quem; porque; de que modo; donde; & quando. Quem? hum sacco de terra, & de bichos; hũa corrupçaõ vivente; hum lodo mais authorizado, porque o Senhor o tomou nas maõs, & lhe deu alentos de vida, dependente do mesmo Deos, naõ só nos antes, mas nos agoras, & nos depois. A quem offendeo? a hum Senhor de taõ alta magestade, de taõ infinito poder, de taõ grande sabedoria, immensidade, fermosura, providencia, & misericordia; taõ respeytado dos Justos, taõ louvado dos Santos, dos Anjos taõ adorado, taõ querido dos Serafins, servido dos Ceos, & da terra; Senhor universal do mundo; & per si mesmo taõ amavel, taõ bom, taõ manso, & taõ amigo, que nos criou de nada; nos sustenta de tudo; nos conserva por amor; & nos servio de graça, redemindonos antes que fossemos; amandonos sem merecerlho; sofrendonos sem obrigallo; & esperandonos sem pedirlho. Porque o offende? por hum gosto torpe de brutos, que começa desalumbramento, continùa cegueyra, cresce precipicio, pára semsaboría, & acaba condenaçaõ: por hum ponto de honra, que he ar: por hum interesse, que he vil: por hum capricho, que he loucura: por hum primor, que he perdiçaõ: por hũa payxaõ, q̃ he desatino: & por tudo o mais que he vaidade. De que modo offende a Deos? com tanta facilidade, & com taõ leve promptidaõ por qualquer ninharia, como se fora algũ Deos de barro, de quem se pudèra zombar, & naõ fazer caso. Aonde o offende? na sua presença, pois o temos sempre à vista, ou sejamos bons, ou maos: nos lugares sagrados, & profanos, aonde, sem pejo, ou escrupulo peccamos com taõ grande gosto, & vaidade de offendello, como se lhe tiveramos o mayor odio do mundo, & nos importára muyto fazerlhe acintes, & lisongear ao demonio. Quando o offendemos? no tempo, que nos dá para tratar da salvaçaõ pelas

 vias

vias da penitencia; dandonos de espera, quanto nos dá de vida, para que nos emendemos hoje do que errâmos hontem.

Quem pois naõ aborrecèra o peccar, se se detivera em cuidar o grande odio, que Deos tem ao peccado; pois a seu proprio Filho, a quem amou sobre tudo quanto ha, naõ perdoou, & castigou rigorosissimamente, sendo a mesma innocencia, por querer tomar sobre si a carga de nossas culpas? A quem pois ha de perdoar, se naõ perdoou a seu Filho? Foy castigada a innocencia por se nos inclinar, & unir; naõ o será a malicia por se perverter, & apartar de Deos? Naõ escapou a saude de nossas almas; & escapará a enfermidade de nossas vidas? Quem pois naõ tremeria de Deos, se lhe soára nos ouvidos dalma cada instante, aquella trombeta, que póde ouvirse a cada instante? Quem se naõ metèra por dentro, se puzera diante dos olhos a ultima hora da morte, que vem correndo, & póde chegar a cada passo? Quem se lembràra deste mundo, se subíra com o pensamento à gloria da patria celeste? Quem naõ vivèra como morto, se descèra com o discurso às escuras penas do inferno, & se detivera em cuidalas? Quẽ prezára os dias do seculo, se medíra cõ o tremor os longos annos de tormento daquella horrenda eternidade? Quem fizera caso da vida, se estendèra os olhos da Fé por aquelles campos eternos, que alegra, & lustra o Sol da graça; & puzera bem o sentido na vileza de huns bens aparentes, donde o que foy, já naõ he; o que ha de ser, ainda naõ chegou; & o que está sendo, vay passando? Mas que se ha de esperar dos homens, que só ao mundo, & seus enganos entregão a sua vontade, a memoria, & entendimento, que se espera mais, que a perdiçaõ? se podendo ser maravilhas da graça pela misericordia por privilegios do discurso; saõ escandalos dos destinos, & injurias da misericordia por condiçaõ da vaidade, esquecimento da razaõ, quedas da graça, & ruina da natureza? ou por melhor dizer; porque anda a razaõ vadía, a discriçaõ vagabunda, & o entendimento ocioso: & podendo elle ser o melhor casamenteyro da vontade, a poucos passos do discurso deyxa perdela pelo mundo, fazendo praça deste cego, toda a corte da profanidade: & por isso brada Jeremias contra a ruina, & perdiçaõ dos homens, nascida do seu esquecimento, & descuido: *Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde.* Jerem. supra.

GOL.

GOLPE II.

Aspexi terram, & vacua erat, & nihil; & cælos, & non erat lux in eis. Jerem. 4. 23.

Como da falta das obrigaçoens dos que presidem, & ensinaõ, procede a ruina das almas.

GEMIDO II.

OLhey para a terra, diz Jeremias, & de puro vaõ me pareceo nada; puz os olhos nos Ceos, & naõ vi nelles luz: de sorte, que de terse reduzido a terra ao nada, que dantes tinha sido, era causa a sua vaidade; & de estar o Ceo escurecido, eraõ occasiaõ as suas sombras. Pelas sombras se entendem na Escritura os peccados: *In regione umbræ mortis, id est, in densissima caligine ignorantiæ, & peccatorum*: & pelo nada o mesmo: *Peccatum nihil est*: a terra he figura dos homens do mundo: *Terra pro terræ amatoribus sumitur*; o Ceo, dos q̃ fazem vida de espirito; ou ao menos tem estado de vida espiritual: *Cælos, id est, clericos, in quibus debent esse luminaria vitæ, & scientiæ.* Donde se segue, que da vaidade dos homens mundanos nascia a sua culpa; & da culpa dos outros homẽs Ecclesiasticos, & Religiosos nascia tambem o seu dano. Mas que razaõ teria o Profeta, quando affirma, que vio a terra, para dizer naõ só que era vãa, mas accrescentar, que era nada? Oh mortaes! Oh peccadores! Ser vãa a terra, & ser nada, naõ he mais, que hũa mesma cousa: dizeime pois, de que estais vãos? he por ventura de peccar? como se fora para a vaidade o que só presta para o pejo: estais ocos acaso das virtudes, que naõ tendes? naõ ter virtudes, & ter vaidade, he ser inutil, & he ser nada. Cousa nenhũa, & cousa inutil disse Moysés, que era a terra depois de a haver Deos creado: *Terra autem erat inanis, & vacua*: depois de confessar, que Deos lhe tinha dado o ser: *In principio creavit Deus, &c.* affirmou, que o seu ser era hum vasio, & hũa vaidade, que nas cousas creadas naõ admitte a Filosofia: *Vacua, id est, inutilis.* Isto, que parece contradiçaõ, foy mysterio; porque atè aquelle tempo naõ tinha a terra as virtudes de produzir as flores, & frutos, que ao terceyro dia lhe foraõ dadas: & terra, que naõ tem virtude; terra, que sendo vãa, naõ dá frutos; terra, que he como se naõ fora; terra, que naõ faz cousa boa, que ha de ser, senaõ cousa vãa, cousa inutil, & hum puro nada? Por esta razaõ Jeremias,

Alap. in Isai. 9. 2. August. tom. 9. tr. 1. in Joan. post med. Hug. Card. in Jerem. 22. 29. Hug. C. myst. in Jerem. hic. Latè S. Bonav.

tom. 7. de Eccl. hier. p. 4. cap. 4.

Genes. 1. 2.

Ibid. 1.

Hug. C. ibi.

mias, vendo a terra, lhe chamou váa; porque sendo esta terra os homens, & não tendo elles virtudes, em que se pudesse pôr olhos, eraõ os homens terra inutil; eraõ homens, como se naõ foraõ; & eraõ nada os mayores homens.

Porém que a terra fosse nada, andar: foy obra da vaidade: que estivesse a terra vasia; passe: que he falta de virtudes; mas que nos Ceos naõ visse luz? que visse defeytos nos Ceos, que tem por natureza luzir, & por officio allumiar? esta só he a maravilha: que haja defeytos na terra, que muyto he, se he taõ grosseyra, taõ varia, desigual, & bayxa? que haja no mar dessassegos, que muyto he, se he taõ mudavel, & furioso? que tenha o vẽto liviandades, que admiraçaõ faz, se he tão leve? que tenha o fogo grandes fumos, que espanto he, se está tão alto? mas que o Ceo haja de ter sombras? que nos Ceos se naõ ache luz, sendo os Ceos as fontes da luz, solar da claridade, & mar dos resplandores? este he o mayor espanto. Como he possivel, que na terra, & nos homens, que amaõ a terra, naõ haja hum mundo de defeytos, se nos Ceos, em que se figuraõ os Prègadores, & os Prelados, os Ministros, os Generaes, os Governadores, homens grandes, os Principes, Reys, & Monarcas: *Cæli, id est, Apostoli, & Prædicatores: & Cæli, quia alti, & clari, significant ordinem Prælatorum*, se naõ acha mais, que defeytos; os Ceos, por cuja intelligencia se move a maquina do mundo; os Ceos, de cujos movimentos pende a conservaçaõ do Orbe; os Ceos, por cujas influencias se inclinaõ todas as creaturas; os Ceos, por cujo resplandor se governa todo o universo, naõ tem luz, que faça seu officio, allumiando as ignorancias? naõ tem movimento efficaz, com que persuada o bom exemplo? tem defeytos naquella luz, que Deos lhe deu para luzir? tem defeytos na claridade, com que devem resplandecer? tem defeytos no resplandor, com q̃ haviaõ de allumiar? A luz da verdade, a claridade da doutrina, o resplandor do exemplo, & as outras luzes da razaõ naõ desfazem, & naõ confundem as sombras da mentira, as nevoas do engano, a escuridade da culpa, & as outras trevas da maldade? Pois que muyto he, que a terra naõ tenha em que se pôr os olhos, nem tenha virtudes, se sem a luz naõ se vè nada? que muyto he, que tenha faltas, senão ha já luz, q̃ as aclare, lhas descubra, ou lhas emende reprehẽdendo-as, & castigando-as, ou ao menos envergonhando-as? & isto, porque os Ceos naõ resplãdecem como he justo; naõ allumiaõ como devem; naõ influem como

Literal.

Moral Hug. C. in Psal. 95. in fin.

como he razaõ; naõ se movem como era bem: deyxaõ os Ceos; deyxão os grandes; os que aconselhaõ,& reprehendem; os q̃ administraõ,& governaõ; os q̃ reynão, & tudo querem; os q̃ imperaõ,& tudo mandão; os q̃ dizem, & pouco obraõ; os que podem, & nada fazem; deyxaõ crescer no mundo as sombras, cubrirse o Ceo de escuridades, imperar na terra a malicia, & reynar em tudo a cegueyra, por defeytos de seu officio, por faltas da sua obrigação, por máo objecto da doutrina, por máo exemplo da pessoa, por máo uso das dignidades; & não querem dar conta a Deos, naõ só de si, mas tambem dos outros? oh engano, oh cegueyra, oh miseria! As fontes da luz vem-se eclipsadas; as Estrellas; todas saõ errantes, & por isso os tempos se turbão; os signos não dão sinaes de que se acabe cedo o mundo, & por isso naõ ha juizo; cada qual dos Planetas trata da sua exaltação, ainda que de muytos outros seja cahida, & detrimento; os aspectos não saõ benignos; os cursos naõ saõ muy rectos; & em fim os Ceos não saõ muy solidos: pois que ha de dizer o Profeta, senão, que he nada a vaidade, em que se tem tornado a terra, em comparação da culpa, que tem os Ceos por não ter luz?

Para entender que se acabava o mundo, bastou ao grande Dionysio Areopagita ver contra a ordem natural apagada em eclipse escuro hũa só das tochas do Ceo; vio vestirse o dia de noites, porque o Sol não fez seu officio; vio cubrirse a terra de sombras, quando esperava verlhes luzes; vio enlutarse o Ceo de trevas, sendo tempo de resplandores; naõ o moveo a persuadirse, q̃ a maquina do mundo espirava, o ver em conflito os elementos; os penedos em pendencia; a terra em tremendos abalos; as ondas contendendo com as nuvens; os mares chocando com os ventos; porque nascendo esta guerra da natural antipathia, não reparava o Filosofo na contenda das naturezas, senão nos defeytos do officio: pois trocado assim o governo, a ordem, & a obrigaçaõ, era dano mais infallivel a falta de hũa obrigação, que a batalha de todo o mundo. Se pois o faltar hũa só tocha do Ceo, era argumento de acabarse, & desfazerse esta maquina do universo; como não será argumento, de que se acaba todo o mundo moralmente considerado, isto he, todos os homens, se destes Ceos moralizados, isto he, dos q̃ governaõ,& ensinaõ, vemos as tochas apagadas, as Estrellas cahidas, as luzes mortas, & as esferas escuras? Destas esferas supremas vemos o movimento sem ordem; a musica sem consonancia; a proporçaõ

In ejus Officio

lect.4. 9. Octobris in Brev. Rom.

çaõ ſem armonía; a fórma corrupta; os aſpectos ſem influencia: donde com fundamento podemos conſiderar, que com a viſta do eſpirito profetico via Jeremias a terra deſtes tempos desfeyta em nada; & os Ceos deſte ſeculo convertidos em trevas: *Aſpexi terram, & vacua erat, & nihil; & cælos, & nõ erat lux in eis.*

GOLPE III.

Viæ Sion lugent, eoquòd non ſint, qui veniant ad ſolemnitatem.
Thren. 1.4.

Os deſcaminhos dos peccadores ſaõ das lagrimas, que vertem os caminhos do Ceo, a cauſa.

GEMIDO III.

CHoraõ as vias de Siaõ, porque naõ ha quem vá por ellas às feſtas de Jeruſalem: choraõ os caminhos do Ceo, que iſto ſaõ as vias de Siaõ, por naõ haver quem queyra ir às glorias da celeſte patria; as ruas ſe veſtiraõ de erva; as caſas ſe fizeraõ tumulos, & a Cidade de Deos, deſerto neſta via de peregrinos; os caminhos choraõ; & naõ choraõ os que caminhaõ, caminhando já todo o mundo pelas vias da perdiçaõ; a Corte de Deos ſe fez ermo; as vias do Ceo ſolidoens; & o mundo todo Babylonia: as eſtradas da ſalvaçaõ, que abrio no mundo Jeſu Chriſto, ſe tornàraõ matas ſilveſtres; & cheas ſó de agreſtes ſilvas, para nenhum ſaõ já eſtrada, para todos ſaõ aſpereza. Eſſoutros caminhos difficeis, por onde ſempre vaõ errando os peregrinos deſte ſeculo, ſendo ſómente povoados, ſaõ paſſagem de todo o mundo.

Intricada a vaidade humana por ſeus confuſos labyrinthos; embrenhado o goſto dos homens entre ſeus viçoſos enredos; & precipitada a razaõ por mil riſcos idolatrados, & por tantos erros bemquiſtos, goſtoſamente ſe embaraça, voluntariamente ſe arroja, & aprazivelmente ſe perde; como ſe fora a perdiçaõ, ſuave emprego da caricia; & a cegueyra, ancia, & a ruina, doce viſco da liberdade.

Chora a Cidade celeſtial ver já cahidos os ſeus muros, derrubadas as ſuas portas, deſtruidos ſeus edificios, & profanados os ſeus templos: que iſto ſaõ na Igreja de Deos os Doutores, & Prègadores, que ſe canſaõ mais pela flor, que pelo fruto da doutrina: *Portæ ejus deſtructæ; id eſt, Doctores, & Prædicatores; qui dicuntur portæ, eoquòd debent aliis aditum præbere; ſed aditus ille deſtruitur per curioſitatem doctrinæ:* iſto he, os Prelados, & cabeças dos Eſtados da Chriſtandade, q̃ tra-

Gloſſ in Jerem. ſupra moral.

tratao mais da temporal fortuna, que do augmento espiritual.

Tres vias, dizem os contemplativos, que ha para a jornada do Ceo: Purgativa, Illuminativa, & Unitiva: na primeyra se purgaõ as almas de todos os males da culpa; na segunda as allumia a graça de Deos para viver sem creaturas; na terceyra se desapegaõ totalmente de si, para se unir bem com Deos: chora pois a via Purgativa, porque adoçada a natureza humana cõ os sabores da malicia, mais quer sentir, & padecer os males, & os symptomas da pena eterna, que beber por hũa vez a amargosa purga do desengano: chora a via Illuminativa, porque os homens cegos pelo engano do mundo, naõ sofrem, que lhes fira os olhos o Sol da graça, querendo mais ser aves nocturnas neste valle escuro de lagrimas, que aguias da fé no mayor imperio das luzes: chora a via Unitiva, porque se desataõ as almas tanto dos vinculos do amor de Deos, q̃ he sua origem, & seu fim, que chegaõ a gloriarse em desunirse, & separarse desta suavissima uniaõ, por se prenderem sómente em huns laços torpes, que hoje saõ cadeas, à manhãa morte, o outro dia inferno: eis-aqui como as vias, & caminhos do Ceo choraõ; & o Senhor por todas as vias.

As vias, ou caminhos do Ceo, dizem os Doutores sagrados, que saõ as virtudes: *Viæ Sion, virtutes, scilicet, ad supernam Ierusalem ducentes.* David dizia, que eraõ duas, a misericordia, & a verdade: *Universæ viæ Domini misericordia, & veritas*: & em outra parte, q̃ era a ley de Deos: *Viam mandatorum tuorum.* Daniel de todas fez huma, que eraõ os juizos de Deos: *Omnes viæ ejus, judicia*: & o mesmo Senhor por Saõ Joaõ tambem nos disse, que elle mesmo era via: *Ego sum via.* Se pois as vias de Siaõ, & as vias do Ceo, que choraõ, saõ as virtudes, a verdade, a misericordia, a ley de Deos, os seus juizos, & juntamente o mesmo Christo; segue-se infallivelmente, que choraõ as virtudes, a verdade, a misericordia, a ley de Deos, os seus juizos, & o mesmo Christo finalmente: choraõ as virtudes, porq̃ se andaõ rindo os vicios: chora a verdade, porq̃ se idolatra a mentira: chora a misericordia, porque se exaspera a justiça: choraõ os juizos de Deos, porq̃ os naõ teme a ignorancia: chora a ley de Deos, porque encerrando-se toda no amor divino, & do proximo, poem os homens o amor de Deos no mũdo, & o do proximo em si mesmos: chora finalmente Christo, porque o deyxaõ os peccadores pelo demonio; & sendo via taõ segura, lhe fogem por tantos desvios,

Gloss. sup. moral. Psalm. 24. 10. Psalm. 118. 32. Daniel. 4. 34. Joan. 14. 6.

desvios, seguindo os asperos caminhos, & os descaminhos escabrosos, da perdição, & da vaidade. O' mortaes, ó peccadores, não engeytados da misericordia, senão filhos da perdição; naõ espurios da ley de Deos; porèm bastardos do Evangelho; naõ degradados da Igreja, mas desnaturalizados de Deos; naõ bandidos da Fé Catholica, porèm foragidos da graça, seara sempre do Senhor, mas cizania do seu trigo; esteril campo do seu verbo, com tudo sempre semeado; hervas, & arvores agrestes, mas regadas de suas nuvens; que fazeis, que naõ dais huma hora, a quem vos dá todos os dias? porque lhe não respondeis hum dia, se ha tantos annos, que vos chama? abrio-vos em suas entranhas as vias da misericordia, & quereis em odio de Deos, ser prova da sua justiça, só por dardes gosto ao demonio? Pelas vias do vosso engano caliginosas, & cõfusas; pelas estradas da malicia; pelos barrancos da cegueyra; pelas veredas arriscadas de huma ignorancia empedernida, vos affastais, os que sois sabios, os que sois grandes, & entendidos, dos atalhos da salvação, das vias da sabedoria, & dos caminhos da prudencia? Chora Deos amarguissimamente a vossa perdiçaõ: *Cum clamore valido, & lacrymis;* & naõ chorais a sua offensa? Manda que todos seus Ministros vaõ pelas estradas do mundo a buscar coixos, & aleijados; a persuadir surdos, & mudos; a encaminhar cegos, & enfermos para o convite celestial da eterna bemaventurança: *Pauperes, ac debiles; cæcos, & claudos, &c.* & vòs teymosos, & obstinados sem lhe quererdes pedir mesa, vos ides a torrar nas eternas fogueyras? Aonde está o vosso aviso, se entre os horrores do castigo, & entre os tremores do peccado todavia quereis correr pelo escandalo das virtudes, com desprezo da ley de Deos, com aggravo dos seus juizos, com queyxas da misericordia, com indinaçaõ da justiça, & com injuria da verdade?

Ad Hebr. 5. 7.

Luc. 14. 21.

Bradaõ as lagrimas de Christo; grita o silencio da verdade; soaõ os ecos do juizo; lamentaõ os prantos da misericordia; retumba o duro açoute da justiça; & clama a execução da ley de Deos; & nada disto vos faz móça nesses espiritos de marmore? naõ se move, nem se estremece a rocha viva desses peitos? naõ se derrete, nem desfaz o duro brõze dessas entranhas? naõ se arrancão ainda as raizes da cana vãa de vossas almas, com que naõ ha desapegarvos da terra donde estais metidos? Impossivel he naõ chorar, & sentir as culpas neste seculo, ou no outro: donde pois iremos parar, se antes de chorar nossas culpas arrependen-

Ad Hebr. 5. 7.

pendendo-nos agora, nos fizer entrar em juizo, quem nos póde tirar a vida, & darnos cada instante a morte? Naõ he melhor neste desterro, que he para nòs valle de lagrimas, chorar a pena temporal, que lá no carcere do inferno, no theatro da eternidade padecermos a eterna morte, & em fim chorarmos para sempre? Oh, pois, peregrinos do mundo, sede hoje os seus delengadados! porque se este valle desconhecido tantas vezes vos enganou com as primaveras da vida, naõ he razaõ, que atè o ultimo valle, que acharcis no outono da morte, vades cultivando os enganos, para recolher os castigos: & desta sorte cessaráõ de chorar contra vòs os caminhos do Ceo, que atègora lamentaõ os vossos descaminhos: *Viæ Sion lugent, &c.*

GOLPE IV.

Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt: non est, qui faciat bonum, non est usque ad unum. Psalm. 13. 3.

A ruina dos estados nasce de faltarem a suas obrigaçoens cada huns.

GEMIDO IV.

MAs ay, que todos declinàraõ, & se pervertèraõ! os maos, fazendo-se peyores; os bons, tornando-se maos; & os melhores, não sendo taõ bons: vive o Christão como o idolatra; o Frade, como o secular; o Ecclesiastico, como o mundano; tal como o povo, o Sacerdote; tal como o mundano, o Religioso; tal o Christão, como o gentio. Que faz o gentio, mais que adorar os seus idolos em afronta da ley de Deos? Que faz o Christão, mais que afrontar a ley de Deos, fazendo de seus gostos, idolos? Que faz o mundano, mais que amar os bens da terra, como senaõ ouvera Ceo? Que faz o Ecclesiastico, mais que esquecerse do Ceo, tratando só dos bens da terra? Que faz o secular, mais que edificar para o seculo, & arruinar para a eternidade? E que faz o Religioso, mais que fugir do eterno bem, por buscar as glorias do seculo, confundindo-se naquella, & acabando de arruinar este? Devia o secular lembrarse de Deos hum hora, quando não fosse o mais do dia, porque era ser Christaõ: devia o Ecclesiastico empregar-se em Deos todo o dia, quando não fosse toda a noyte, & isto era ser Ecclesiastico: devia o Religioso vagar para Deos noyte, & dia, sem perder hora, nem ponto, que isto era ser Religioso; porque o Religioso, logo que o fey, devia morrer para o mundo; porque devia o Ecclesiastico, tanto

to que o chegou a ser, viver só para Deos; porque devia, ainda q̃ o fosse, naõ vagar só para o demonio: mas que ha de ser, se estes, como cavallo sem freyo: *Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium*; aquelles, como Nao sem leme; & os outros, como cego sem guia, correm ao precipicipio, buscaõ o naufragio, & seguem o desalumbramento?

Jerem. 8.6.

Todos adoraõ o interesse; todos cortejaõ a maldade; todos idolatraõ o vicio: desde o sceptro atè o cajado; da purpura, atè o burel; da tiára, atè o barrete, naõ só se empeycráraõ os máos; naõ só se pervertèraõ os bons; mas, ah, que declinàraõ atè os melhores! *Conjurasse contra te, Domine, videtur universitas populi Christiani à minimo usque ad maximum*. Todos se fizeraõ peyores; porque o secular zomba da vida de Christaõ, & contenta-se com o nome; o Ecclesiastico busca na Igreja a dignidade, & naõ a santificaçaõ; quer a prebenda, & naõ a santidade: o Religioso busca no habito a cõmenda, & naõ a Cruz de Christo; quer o titulo, & naõ a Cruz; & titulos sem Cruz seraõ letras, mas naõ passaõ de rotulos: prebendas sem santidade seraõ fartura, mas naõ bens da Igreja: Fé sem obras será carta de crença, mas não carta de seguro; será credito, mas naõ salvaçaõ.

S. Bern. tom 1. Serm. 1. in Conv. S. Pauli in med.

Oh lastima! oh miseria! que o gentio, o secular, & o mundano, sem ter razaõ, tenhaõ desculpa nos vicios, que tem o Christaõ na vida, que faz o Ecclesiastico; no exemplo mao, que dá o Religioso! David, sendo secular, porque considerava, trazia a eternidade na memoria: o Publicano, sendo homem do mundo; porque confessou sua culpa, sahio justificado do templo: Seneca, sendo gentio, porque conheceo a brevidade da vida, todo seu estudo punha, & toda sua võtade em vir a ter a melhor morte: se pois hum gentio préga desenganos, quando se engana hum Christaõ; se hum mundano busca a Deos no templo, quando tantos Ecclesiasticos se esquecem delle; se hum secular cuida na eternidade, que tantos Religiosos perdem, por não querer perder o tempo; como se dirá só, que todos declínáraõ, senaõ, que se pervertèraõ? Duvidaõ alguns se se salvou este gentio; & não se duvida, de que se perdem muytos Christãos: sabe-se, q̃ se salvou aquelle mundano; & sabe-se q̃ muytos Ecclesiasticos se perdem: coroou-se no Ceo aquelle secular; & oh desventura! saber de certo, que se condenaõ muytos Religiosos, q̃ se coroáraõ no mundo.

Psalm. 76 60. Luc. 18. 14. Senec. epist. 71

Fizeraõ-se juntamente inuteis: porque o Religioso naõ aproveytou ao secular com o seu

reti-

retiro; porque o Ecclesiastico danou aos outros com o seu exemplo; porque o secular naõ estudou pelo seu engano; & podendo o secular prestar ao menos para si, o Ecclesiastico para os outros, & o Religioso para todos; todos se fizeraõ inuteis, naõ prestando para os outros, nẽ para si, nem para Deos; porque enganos mal conhecidos, saõ venenos idolatrados; exemplos escandalosos saõ peste authorizada; retiros sem santidade saõ medicinas sem virtude: saõ como luz sem calor, que naõ póde desfazer nevoas; saõ como chuva de pedra, que em vez de aproveytar, dana; saõ como flores rusticas, que em lugar de cheyrar bem, cheyraõ mal: homens necios, vede, que todos estamos feytos espectaculo dos Anjos, & dos homens: se os que sois Religiosos danais com o exemplo a doutrina, de que importa ter lingua de ouro, & coraçaõ de chumbo? Se os que sois Ecclesiasticos, naõ tendes nos entendimentos, o que mostrais nos vestidos, que vos aproveyta a tonsura, se andais mentindo a dignidade? Se os que sois Christãos, desmentís nas vidas o que prometteis na ley, de que vos val o nome, se o infamaõ as obras? Inuteis saõ todas as obras daquelles que estaõ em culpa, como diz a Sabedoria Divina: *Inutilia opera eorum*: por isso mandou o Senhor, que nas trevas exteriores fossem deytados os inuteis: *Inutilem servum ejicite in tenebras exteriores.* Inuteis saõ os peccadores, porque naõ fazem cousa boa: ser inutil, he naõ prestar, naõ prestar he viver em vaõ; por isso saõ vãos os inuteis, & em fim peccadores, pois naõ prestando para cousa algũa a Deos, a si, ou ao proximo, todos crem, que tem grandes prestimos nas vaidades deste mundo: por isso naõ sobem ao monte da superior Jerusalem, porque tem recebido em vaõ os favores, que Deos lhes fez; huns, cegos da sombra da noyte, que tal he do mũdo a cegueyra; outros dormindo a manhãa toda na cama do descuido humano, outros, fazendolhe mal o demonio do meyo dia; tal he a fragil presumpçaõ da vangloria espiritual, ou do temporal luzimento; pois raro será, ou nenhum, aquelle que chegue ao zenith do mayor orbe da fortuna, ou da alta esfera do espirito, q̃ cõ razaõ possa affirmar q̃ vive sem algum peccado.

Sap. 3. 11.

Matth. 25. 30.

Oh Christãos, que viveis no seculo, todos sois membros de Christo; mas se todos estais corruptos, afistulados, & leprosos, que vos importa, que a cabeça, & coraçaõ estejaõ livres delles contagios, & venenos; se he força, que vos corte, & queyme o mesmo, que vos conservava? Edificio sois de Jesu Christo; fea

cousa

cousa pareceria continuar com pedras toscas aquella obra sublime, fundada sobre diamantes: se ainda assim foreis pedras, pudèra ser, que naõ cahireis; mas se sois area sem cal; se em fim sois barro, & terra solta, como chegareis sem ruina ao remate daquelles timbres, com que esta obra se coroa?

O' Varoens Ecclesiasticos, todos sois sagrados, & por taes vos reveréceyo; mas se nos templos consagrados, & nas aras de Jesu Christo víramos os vultos, & os idolos, que adorou a gentilidade, q̃ taes ficáraõ estes templos? Vede, pois, dentro de vossas almas, que tambem saõ templos de Deos, se fazeis ainda sacrificios às apocrifas divindades dos profanos gostos do mundo, & a seus falsos, & vãos deleytes; & se nas aras de vossos corações he ainda adorado o infernal idolo da culpa.

O' Religioens, todas sois Santas, & por taes vos amo, & venero: nascestes fontes, fizestesvos rios; parece, que vos engrandecestes? Mas ah que quanto na apparencia crecestes, na substancia declinastes! nascestes quasi todas nas solidoens, & desertos; servio-vos de berço o sepulcro, porque nascestes pelas covas: aquellas brenhas, & espessuras, que apartadas do trato humano, eraõ mais asperas, & agrestes, foraõ a vossa companhia; cada folha das vossas arvores, que para o Ceo se levantava, era hum livro muy dilatado da celeste sabedoria para o discurso, & para as ancias, com que a vossa corrente pura se arrebatava para o centro, para o seu fim, & sua origem: as mais grosseyras penedias, q̃ eraõ vosso hospicio muyto apenas, apenas vos davaõ sufficiente passo: porèm agora para os vossos passos não basta já todo esse campo de batalha para o socego, & quasi esteril para o fruto: as Cidades, & seus contornos saõ já estreytos orbes para a sede de vossas aguas, que ambiciosas de serem mares, sem darem as costas à terra, buscaõ hoje no mundo as melhores barras: fostes fontes, hoje sois rios: ereis ribeyros, & já sois pégos: quem se metia então na fonte, lavava-se de suas manchas; quem se mete agora no pégo, arriscado vay a affogarse: pobres corrieis algũ tempo, porèm alegres, & aprazíveis mẽdigaveis por esse campos beijando as plantas desses bosques, a cuja sombra entaõ vivieis, corrieis claras, & risonhas; & atè o vosso murmurar era delicia dos penedos, & das aves, que vos ouviaõ; hoje ricos, & caudalosos cõ o cristal, & prata falsa dos q̃ vos turbaõ mais, q̃ augmentaõ, desaguando em vòs seus torrentes, ides tristonhos, & sombrios; sendo horror, & melancolia naõ só dos

dos valles, mas atè dos menores soberbos: a todos servieis de espelho; agora servis de espanto, quando lhe naõ sirvais de susto: nada vos tem escurecido mais, que estardes nessas alturas, sem quererdes chegar ao bayxo, com que a humildade vos reprehende, & com que a vòs vos causaõ medo vossas proprias profundidades: todas sey, que ides para o Ceo, como os rios para o mar; mas ay, quanta agua se vos some, & vos fica como em poçada pelos braços dessas montanhas; pelos seyos dessas campinas; pelas logeas dessas casas, quando fóra da mây correis; & pelo occulto desses valles!

Deyxay pois já os embaraços com que se embarga o vosso curso, com que se alteraõ vossas ondas, & se turbaõ vossas correntes: inclinayvos, & naõ declineis do caminho, que começastes, se nelle tendes precipicios, esses podem adiantarvos, se ahi quizerdes abatervos: naõ sejaõ mais pègos sem fundo esses thesouros cristallinos, podendo estar hoje areados do menos, que nos poem à margem: chegayvos todas para o mar, separadas das salobras aguas desses valles, & das immundas correntes dessas ruas, & naõ queyrais mais ter nome, se podeis ter uniaõ: naõ se diga que nem hum só ha entre tantos, que hoje correm com recto, & puro movimento: fiquem no seculo, os do seculo: venerem o mundo, os do mundo, quando naõ queyraõ melhorarse: naõ valha embora a immunidade aos que à Igreja se acolhèraõ, se lhe profanaõ o sagrado; mas naõ vivaõ como no mundo, os que professaõ vida celeste; os que da terra fazem Ceo; & os que emfim devem ser espiritos para que o mundo se edifique, para que a Igreja se sustente, & para que no Ceo se triunfe.

Torne cada estado ao estado de que declinou: se a declinaçaõ a todos fez inuteis, pare a declinaçaõ, & logo as utilidades seraõ muytas; porque seraõ muytas as boas obras, de cuja falta se queyxa o Espirito Santo por David: *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt, &c.*

GOLPE V.

Nullus est, qui agat pœnitentiam super peccato suo, &c. Idcirco cadent inter corruentes.
Jerem. 8.6. & 12.

De quanto importa a todos fazer penitencia.

GEMIDO V.

TOdos os homens, que cahem em algons dos males a que està sugeyta a mortalidade da

humana vida, acodem logo aos medicos, ou aos remedios, por naõ deyxar frouxamente arruinar este vivente edificio, a cuja conservaçaõ intrinsecamente se inclina, & os persuade a natureza: todos os que entraõ a convalecer, cada dia fazem por dar mais hum passo, com que a saude se melhore; atè que esforçando-se pouco a pouco, se chegaõ a fazer robustos: só nas doenças dalma naõ ha quem busque a Deos, que he o medico; nem a penitencia, que he a cura: só nas convalecencias do espirito naõ ha quem faça cousa alguma por ir melhorando na emenda; dando cada dia algum passo nos exercicios das virtudes; deyxando-se assim perecer nas enfermidades da culpa, naõ querendo convalecer, nem levantarse do peccado, em que mortalmente cahiraõ: todos abraçaõ o perigo de huma penosa eternidade; nenhum se cansa, ou se affadiga por se livrar da eterna morte; como se fora digna de mayor estimaçaõ a enfermidade, que o remedio: taõ entrevados estaõ todos na ignorancia, ou na malicia, ou na humana fragilidade, que naõ ha hoje quem se atreva a dar hũ passo para Deos por cobrar a saude dalma: tudo he cahir, & perecer; & se da cama do peccado succede levantarse algum, vemos que torna a recahir.

Almas Christãas, que he isto? para qualquer accidente, para hũa febre maligna, & para menos que febre, tantos cuidados, & fadigas, tantos passos, tantos dispendios? & para a alma, que morre à falta de hum desengano, que he balsamo; de hum jejum, que he dieta; de humas lagrimas, ou suspiros, que he sangria; de hum cilicio, que he defensivo; de hum exame de consciencia, que he xarope; de hũa inteyra confissaõ, que he purga, entregais de todo, o coraçaõ às febres da culpa, à modorra do descuido, aos syntomas da malicia, aos erpes da obstinaçaõ, & as almas ao inferno? A cada instante perguntais nos latidos do pulso à natureza o seu estado; & à consciencia, que he pulso dalma, dandovos tantos latidos, quantos saõ seus remorsos, naõ quereis ouvirlhe os clamores, que entre mortaes entrecadencias, & entre mudos desassossegos, saõ gritos, com que a alma brada, & ays, com que o espirito geme, & lamenta a sua eterna morte? Temeis a morte temporal, senaõ acudis depressa aos males do corpo; & naõ temeis a morte eterna, naõ acudindo aos males dalma? Que he isto, senaõ estares entregues ao letargo de vossos vicios; senaõ haverse acabado em todos com o temor de Deos, o horror do inferno? Que he, senaõ estarem

tem todas as potencias alheas, ou amortecidas as operaçoens da razaõ; & faltar já ao coraçaõ aquelles seus vitaes espiritos, por naõ terdes nada de espirito, & havervos todos feyto carne? Pois desenganayvos, mortaes; porque como disse o Senhor, se naõ fizerdes penitencia, para sempre perecereis: *N si pœnitentiam habueritis, &c.*

Luc. 13. 3.

Parecelhes aos peccadores, que lhes basta a devoçaõ de hum Santo, que por seus merecimentos, sem cansarse com penitencias, se poderáõ salvar: ó mortaes, nenhum de todos os Santos pos todos seus merecimentos vos póde dar a salvaçaõ, senaõ fizerdes penitencia. O mesmo Deos, ò homẽs, que de nada vos creou, sem fazerdes alguma cousa da vossa parte, naõ vos ha de salvar, sem que da vossa parte façais alguma cousa. Enfermidade dalma he o peccado, de que a penitencia he remedio; ou para melhor dizer, morte, sendo mortal a culpa, de que a alma resuscita só por milagre da penitencia: se he aspero o remedio, vede qual será a enfermidade? se penoso o convalecer; que tal será o recahir? se he custoso o resuscitar; q̃ será o perecer de todo?

Nenhum outro livramento tem, os que saõ grandes peccadores, mais que confessar a culpa: nenhum outro meyo tem estes criminosos para escapar do carcere infernal, senaõ correr seu livramento com a carta de seguro confessativa da penitencia, com defeza na propria fragilidade, & na misericordia de Deos: os que saõ bons, & os que saõ maos matàraõ ao Filho de Deos: *Omnes enim peccaverunt:* andamos todos ausentes, foragidos, & homiziados pelo deserto deste mundo; estaõ as culpas em aberto; & ha de colhernos Deos às maõs, quando naõ queyra nesta vida, na ultima hora da morte; naõ podemos livrarnos no tribunal de sua justiça, sem que a sua misericordia nos dè o perdaõ: se pois naõ rogarmos à misericordia nesta vida, dizendo-lhe a nossa miseria; senaõ sómente a desprezamos, mas nos gloriamos de offendela; que havemos de esperar depois? Carceres saõ os nossos corpos donde estaõ prezas nossas almas; se do carcere ninguem sahe, senaõ a justiçar, sem dar satisfaçaõ a todos os crimes; que conta daremos nòs a Deos, de estar no carcere toda a vida, naõ só dormindo com o livramento, mas multiplicando os crimes, & afrontas contra quem infallivelmente nos ha de sentenciar a final sem appellaçaõ, nem aggravo? Que doudice pois ha mayor, q̃ estarmos prezos em nòs mesmos, & naõ cessarmos de offender a justiça divina, que de nòs se ha de vingar?

Rom. 3. 23.

Que fazemos pois, ò peccadores? nada fazemos, se penitencia naõ fazemos: todos devemos fazella, & nenhum se deve izentar: devem os Santos fazella; porque muyto Santo era o Bautista, & ainda que viveo sem culpa, naõ viveo sem penitencia: devem fazella os Religiosos; pois Religioso era hum S. Paulo, hum Santo Antaõ, & Hilariaõ, & fizeraõ aspera penitencia: devem fazella os Ecclesiasticos, cuja cabeça era Saõ Pedro, & fez penitencia amargosa: devem fazella os Reys poderosos; porque grande, & poderoso Rey era David, & fez muy larga penitencia: devem fazella os Generaes, & os soldados mais valerosos; pois taes eraõ os Machabeos, & armavaõ-se com os cilicios: devem fazella os mais perversos, & os mayores inimigos de Deos; pois seu inimigo era Saulo, & fel-o a penitencia Apostolo, mediante o favor de Deos: devem as mulheres mais regaladas fazella, principalmente as mais perdidas; pois tal foy a Magdalena, & Santa Maria Egypciaca, & foraõ pasmo, maravilha, & admiraçaõ dos penitentes: todos estes chegàraõ a ser Santos, & Santos da mayor esfera, havendo sido peccadores, por fazer penitencia publica, ainda que parecesse escondida, & retirada pelas covas, com que os ermos os sepultavaõ: & vòs naõ a fazendo occulta dentro de vòs, & em vossas casas, quereis salvarvos, sendo peccadores?

Descobriaõ-se na Palestina os segredos mais escondidos nos occultos seyos da terra, cheyos de homens, que como troncos se exponhaõ despidos ao desabrigo do rigor aspero dos tempos: encerravaõ-se na aspereza das vastas solidoens do Egypto, naõ só homens, mas mulheres, que depondo a fraqueza humana, & os reparos communs da vida, pareciaõ pedras com alma, ou cadaveres com espirito: para enternecerem a Deos se empederniaõ contra si; póstos em campo contra o mundo, fazendo sempre guerra à carne; & dando batalha ao demonio, faziaõ desapparecer este em medos, aquella em espiritos, & o outro em pó, & cinza: & vòs metidos pelo mundo, atados nas prizoens da carne, & abraçados com o demonio, andais muy lédos, & contentes, parecendovos que basta huma hora para alcançar a salvaçaõ, peytando a justiça de Deos com pedirlhe misericordia? Homens cegos: homens sem luz: como quereis, q̃ Deos vos cega, q̃ vos crea, que vos acuda no vosso ultimo quartel, na vossa derradeyra hora, & no vosso final suspiro, se buscádovos tantas vezes, se rogandovos tantos annos, se esperandovos tantos tempos, desprezastes, & en-

engeytastes a sua misericordia zombando de sua justiça? O' mortaes, a penitencia naõ mata, senaõ culpas; o peccado só tira a vida; tiray de vòs a culpa, & peccado pela penitencia, & tirareis a morte pela obstinaçaõ; porque só então eternizareis a vida, quando perpetueis a penitencia: entaõ vos escapareis das eternas ruinas, comminadas por Deos à multidaõ dos impenitentes, quando arrependidos das culpas, emendares vossas vidas: & cessará a queyxa divina, q̃ dá por Jeremias, de naõ haver entre tanta multidão de peccadores quem faça penitencia: *Nullus est, qui agat pœnitentiam, &c.*

GOLPE VI.

Væ tibi Corozain, væ tibi Bethsaida: quia si in Tyro, & Sidone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egissent. Matth. 11. 21.

De quam pouco se aproveytaõ os Catholicos dos auxilios divinos para fazerem penitencia.

GEMIDO VI.

AY de vòs homens de Corozaim, & de Betsayda (dizia, & exclamava Christo) porq̃ se aos de Tyro, & Sidonia se déraõ taõ grandes auxilios, como a vòs outros se tem dado, cheyos de cinza, & cilicio tiveraõ feyto penitencia: & ay de vòs miseraveis Christaõs obstinados em vossas culpas; porque se em muytos barbaros, & idolatras fizera Deos as misericordias, que comvosco usa, já elles seriáo Santos, com o que vòs sois peccadores: por seus altissimos juizos deyxa Deos condenar a tantos, que se poderiaõ salvar, & agradecerlhe melhor, que vòs, os favores, que desprezais: & sem embargo de tudo quer Deos salvarvos, ò Christãos, quando sabe, que quasi todos naõ estudais mais, que em perdervos. Deyxa Deos perecer ha tanto, & para toda a eternidade em tantos climas, & regioens, tantas naçoens, & tantas gentes, & offerecevos cada hora, em que vos acha mais dispostos para receber seus influxos, a efficacia de seus auxilios, sem que tantas misericordias achem em vòs correspondencia, sendo ella quem finalmente faz os auxilios efficazes. Oh que dura, & que estreyta conta vos tomará disso o Senhor! que castigos taõ rigorosos tereis dos Ceos, & dos infernos! que açoute tão cruel tereis por fugir dos braços de Deos para as cadeas do demonio! por resistirdes aos impulsos, com que vos bate às portas d'alma

ma! por rebaterlhe aquelles golpes, com que vos fere os coraçoens! por retardarvos no caminho donde vos chama para a patria! por desviarvos das estradas onde vos meteo a caminho! & por vos perderdes no porto, depois de atravessar os mares!

Menos infernos, & menos penas teraõ os Mouros, os Turcos, os Barbaros, os Gentios, os Idolatras, a quem faltou a luz da Fé, a abundancia dos Sacramentos, os gritos da misericordia, & os ameaços da justiça, que por tantas bocas de Deos, quantas saõ as suas creaturas, vos ensinaõ, & vos advertem sua bondade incomprehensivel, & vossa culpa abominavel. Servem a Deos todas as cousas; obedecemlhe as creaturas, que naõ tem razão, nem juizo; só o homem, que deve mais, pois deve a Deos mandar, que o sirvaõ as creaturas, & cousas, que creou, atè em sua propria offensa, naõ serve a Deos, nem lhe obedece, quebrando seus Mandamentos; antes se lhe oppoem, & lhe resiste às inspiraçoens que lhe dá, gloriando-se de ser ingrato, escandaloso, & fementido, pois vive alegre, vão, & ufano nas injurias da ley de Deos, na pertinacia de seus vicios, & no gosto da sua culpa, como se naõ houvera nascido, nem vivèra para outra cousa, mais que para fazer acintes a Deos, & fazerse Deos sobre a terra.

Mandou Deos ao Sol, que allumiasse; às Estrellas, que influissem; aos Ceos, que se movessem; aos elementos, que vos servissem; à terra, que vos désse frutos; ao mar, que vos désse passagem; ao ar, que vos désse respiraçaõ, ao fogo, q̃ vos désse abrigos; & ainda aos Anjos, que vos guardassem: & ha muyto mais de seis mil annos, que todas estas creaturas naõ fazem nenhuma outra cousa, mais que andarem obedecendo a Deos, & servindovos sem parar: & cuidaremos por ventura, que mandaria Deos a tantas creaturas celestes, & terrestres, que nos servissem para offendello? que nos fizessem a vontade para nos entregarmos aos vicios, & faltar à ley de Deos? Oh miseria! Oh loucura! E vòs sem dar a Deos hum anno, hum mez, hum dia, ou huma hora, viveis quietos na consciencia: & naõ contentes só com isto, quereis fazerlhe cada hora hum milhaõ de abominaçoens, & huma eternidade de offensas?

Quem he este a quem obedece o mar, & o vento? perguntavaõ as gentes sem luz, vendo ficar o mar sossegado, & horizontes quietos, logo que Christo desde a barca lhes mandou, que se serenassem: obedeceo o mar, & o vẽto aos imperios da voz de Christo no mesmo instante, em que

que os mandou: obedecelhe a terra, o fogo, os rayos, os coriscos, tanto, que quasi se naõ distinguem no tempo, o imperio, & obediencia; & só vòs ó peccadores, naõ lhe obedeceis ha tantos annos, que vos manda, fiados no que vos espera? ha tantos tempos, que vos chama, fiados em que vos busca? O mar, figura da soberba, pois naõ sofre que hum ar lhe toque, guarda de Deos os Mandamentos, naõ passando as rayas do seu destrito: as ondas, symbolo da ira, pois com qualquer vento se alteraõ, a huma voz de Deos se amansaõ, & tornaõ marè de rosas: o vento, imagem da inconstancia, pois cada momento se muda, obedece a Deos pelos ares: o fogo, debuxo da altiveza, pois sóbe lá sobre as nuvens, a hum aceno de Deos se abate: o Ceo, solar das perfeyçoens, pois o poz Deos sobre as Estrellas, respeytando a ordem de Deos anda sempre em roda viva: a terra, retrato da firmeza, pois se conserva sempre immovel, treme à vista deste Senhor: & só vòs naõ quereis tremer, obedecello, & servillo? Vós, cuja vida, & cujo ser tem recebido as qualidades do mar, terra, vento, & fogo, & dos influxos celestes, naõ dependes ainda a soberba? ainda naõ quebrais a ira? naõ perdeis a inconstancia? naõ abateis as altivezas? naõ cedeis a soberania, nem variais de condiçaõ, por ser mais soberbos, que o mar, mais irados, que as ondas; mais inconstantes, que o vento; mais arrebatados, que o fogo; mais soberanos, que o Ceo; & mayor cousa, que a terra? O' homens, donde está a differença, que vos faz distinguir dos brutos? donde mora aquella razaõ, que vos iguala com os Anjos? & donde a vida de Christaõs, que nos faz ser filhos de Deos? Ay de nòs, prezos nos laços enganosos de taõ varias profanidades! adormecidos no leyto da culpa, como se naõ houvera morte! Estamos na casa do vicio, como se naõ houvera inferno; & vivemos com o demonio, como se naõ houvera Deos?

O' homens pedras, naõ se vos espedaça a consciencia com os golpes de seus delitos? não vos esmorece o mesmo vicio com sua vista abominavel? não vos foge o sangue com vossa vida aborrecivel? se naõ ousaõ vossas maldades no mesmo trato dos perversos andar com a cara descuberta: se naõ podem vossos deleytes nos mesmos olhos dos mundanos fazerse mais, que às escondidas: se naõ se atrevem vossos pensamentos a pôr na praça as suas maquinas: se das mesmas vossas palavras se temem vossos pensamentos: como cuidais homens profanos (vòs, que vos temeis de vòs mesmos, naõ

ſómente dos outros homens, que tal vez ſaõ como vòs ſois) como entendeis, que naõ eſtais taõ arriſcados, que vos poſſais temer de Deos? de hum Deos, que ſupposto he benigno, ſabemos, que he Deos de vinganças? de hum Deos, que vos conta as palavras, que vos eſpreyta os penſamentos, & vos eſtá vendo os coraçoens? Viveis no mundo, como em ſitio, ſem fiardes mais que de vós; quando fiais muyto de vòs, voſſas obras, & penſamentos, por eſconder do meſmo mundo quam maos, quam impios, & perverſos, & quam nocivos ſois ao mundo, para Deos, & para vòs meſmos? E viveis contra o meſmo Deos taõ ſoltos, & taõ depravados, que na cara do meſmo Deos, & do meſmo Senhor, que eſtá ſempre preſente a tudo, vos atreveis, & deſpenhais a fazer taõ pouco caſo, naõ ſó dos fóros da razaõ, dos eſtylos da natureza, mas do imperio do meſmo Deos? O' mortaes: da nao, que vay dar à coſta, que ſe eſpera, mais que o naufragio? daquelle bruto, que ſe arroja por barrancos, & por penhaſcos, que aguardais mais, que o precipicio? de quem buſca por iguaria os venenos, bem que dourados, que ſe ſegue, ſenaõ a morte? & de quem por culpas, & vicios eſcandaliza ſempre a Deos, que ſe eſpera, ſenaõ o inferno? O remedio, pois, que unicamente ha para èſcapardes deſte eterno deſpenhadeyro, he a penitencia; aproveytandovos melhor, que aquelles miſeraveis povos (de quem Chriſto ſe queyxa) de ſeus divinos, & continuos auxilios: *Væ tibi Corozain, &c.*

GOLPE VII.

Quid prodeſt homini, ſi univerſum mundum lucretur, animæ verò ſuæ detrimentum patiatur? Matth. 16. 26.

A quem perde a gloria nada aproveyta tudo o da vida.

GEMIDO VII.

QUe vos importa, ò mortaes, ſerdes ſenhores do mundo, ſe as almas ſe haõ de condenar? Que val o imperio, & a grandeza, ſe ſendo ſolar da vaidade, ſe faz theatro do caſtigo? Que importa a fama, & a fortuna, ſe em poucos tempos de vangloria, ſaõ infinitos ſeculos de eſtrago? Que val o ſangue, & fidalguia, ſe atè naſcendo ſuperiores, nas meſmas honras do ſepulcro tudo faz hum, o pó, & cinza? De que ſerve a gala, & gentileza, ſe à primeyra viſta da morte todos ſaõ aſco, & corrupçaõ? De que aproveytaõ os goſtos, & deleytes, ſe ſendo enganos de hũ mo-

momento, saõ penas de huma eternidade? De que servem pompas, & riquezas, se sendo faustos da ambição, acabão medos da ventura? De que val a anthoridade, se a penas he Lua, que enche, quando he Estrella, que se eclipsa? De que montaõ os grandes lugares, se saõ estudos da ruina, quando edificios da grandeza? De que serve a força, & a saude, se sendo flores, que se murchaõ, saõ folhas, que depressa cahem? De que aproveytão os mais bens do mundo, se sendo thesouros da mentira, se fazem carceres da culpa? De que val a mesma discriçaõ, se errando o norte da verdade pelos mesmos rumos do acerto, se chega para o desatino? De que importa finalmente a mesma vida, se, sendo escandalo da morte, he cometa infeliz d'alma? O' mortaes: gloria, & fumo saõ no mundo huma mesma cousa: glorias taõ raras, & de taõ pouca dura, porq haõ de ser de estima? alfayas saõ de pouco preço, per mais que lhes creça o valor: a moeda da estimação, hum engano he, que se deyxa, & hũa condenação, que se leva: saõ fumos, que se sobem às nuvens para cahir em lagrimas: sonhos saõ, que se soltão, sendo mentiras, que nos prendem: luz de rayo, que nos derruba, sendo resplandor, que allumia: & emfim apparencia, que se rompe, sendo tormento, que se veste; & estopa, a que se pega o fogo da nossa mortalidade, que luz, & em breve espaço se converte em pouca cinza.

Eu me persuado que os mayores gostos, & felicidades do mundo saõ como a era de Jonas, engano de hum dia, & desengano de outro; alegria de hoje, mágoa de à manhãa: taõ escaço anda o destino no tempo, que veloz concede; que quanto augmenta de ventura, diminue de duração. Retirou-se Jonas de Ninive à solidaõ de huma montanha, & como fazia calor, & havia trabalhado muito, chegou-se à sombra de huma era; donde Deos, pelo haver servido, naõ só lhe preparou docel, com verde sitial de ramas, mas tambem alcova sombría, com fresco pavilhão de folhas: & diz a Escritura, que Jonas se alegrára muyto com isto, tendo por grande felicidade achar em hum mar de serras, & em hum bosque de penedías a aprazivel amenidade daquelle seu refrigerio alegre: passou a noyte, veyo o dia, & olhando Jonas para a era, não só vio murcha, & macilenta a lisonja bem assombrada daquella presumpçaõ florída; mas de todo seca, & defunta a ostentação aparatosa daquella vaidade verde: porèm que mysterio teria a pressa de tanto estrago? a penas era, & já naõ era? ha pouco, assom-

sombro da montanha, & já cadaver da espessura? hum dia, das plantas assombro, outro, lastima das mesmas plantas? hontem fazendo sombra ao Sol, & hoje naõ vista, nem por sombras? Ora a Escritura diz a causa de sua pouca duraçaõ: cresceo tudo, quanto cresceo, na breve idade de huma noyte; no espaço de vinte & quatro horas venturosamente nasceo, monstruosamente medrou: ah sim! & vòs era quereis em hum dia crescer mais, que as outras em hũa era? quereis as ditas do crescer, sem os riscos do arruinar? quereis as glorias do luzir, sem as pensoẽs do perecer? pois achareis o vosso estrago adonde tivestes o augmento; chorareis a vossa desgraça adonde lograstes a dita; porque he condiçaõ dos fados, & parece estylo dos tempos, descontarnos da dura, quanto de dita nos concedem; he estatuto das Estrellas, & parece acaso da sorte; parece officio da fortuna, & emfim he ley da providencia: ó mortaes, venturas a correr, naõ só saõ riscos a cahir, mas precipicios a acabar: ditas que madrugaõ, mais depressa anoytecem; para ter duraçaõ serodea he necessario, que a dita naõ seja muyto temporãa: os bens do tarde sempre saõ de guarda: bem poderáõ ser maravilhas, porèm nunca flores perpetuas: Sol, que amanhece ao meyo dia, muyto perto está de se pôr: polvora, que arde em hum momento, bem mostra que corre a extinguirse: luz, que quer crescer toda junta, naõ está longe de apagarse; he candea, que agoniza, quando he mais; o que resplandece; parece Estrella, & he exhalaçaõ; parece rayo, & he reflexo; & por isso gostos a maõs cheas, saõ gostos com a candea nas maõs; nascem pompa de hũa manhãa, para ser mágoa de huma tarde; crescem presumpçaõ de hũa noite, para ser destroço de hum dia; duraõ emfim a era de hũa hora, para ser lastima de hum seculo.

Eis-aqui a era de Jonas; eis-aqui a sua gloria; enganou-o hũ dia, outro o desenganou; foy caricia de huma tristeza, para mayor assumpto da ansia; foy a figuraçaõ do gosto, para ser verdade da pena: hũ bichinho muy pequeno derrubou todas estas maquinas; taõ pouco basta para estrago das mais avultadas grandezas, & das mais crescidas venturas, que sobeja o menor gusano; taõ pouca cousa lhe faz mal; & emfim cousa taõ desprezivel tem este imperio nas fortunas para poder arruinallas, abatellas, & confundillas: se pois cahio amortecida aquella florente ambiçaõ, porque lhe roeo as entranhas hum escrupulo taõ pequeno: como hoje vo las naõ fere esse roedor de vossas almas, esse bicho da consciencia, que he gu-

sano

ſano eterno da culpa, com tantos racionaes eſcrupulos? Quem cuidais vòs, que he eſſe bicho, que aſſim vos corta, & atraveſſa, naõ ſó o intimo das entranhas, mas o interior de voſſas almas? *Ego ſum vermis, & non homo.* Pois naõ he outro, ò peccadores, ſenaõ o meſmo Deos, que vos creou, & vos redemio com ſeu Sangue: nada tendes hoje de Deos aquelles, que viveis em culpa, mais que a dor deſſa conſciencia, que he ſciencia do coraçaõ: & qual de vòs ha, que naõ ſinta eſſa eſtocada interior, que Deos vos tira cada hora dentro n'alma com voſſas culpas? Mas ah, que temo, que ainda iſto naõ quereis ter hoje de Deos! taõ depravados vi a muytos neſta era dos noſſos tempos, que peccando já por coſtume, & fazendo vida da culpa, ſem eſcrupulo ſe abraçavaõ com as meſmas armas da morte.

Psalm. 21. 7.

Oh que depreſſa os mais dos homens deſeſtimàraõ as venturas, & os goſtos da profanidade, ſe advertindo neſte guſano, eſcutàraõ nelle a ſeu Deos! Quanto a medo ſe foraõ nos bens ſem deſtruir o deſengano, quando ſe viraõ mais ditoſos! mas darem de maõ aos aviſos, que importa, para que ſe eſcapem de quem os tem na ſua maõ? Que importa aos ſabios, & entendidos ſaberem como Salamaõ, ſe naõ ſabendo-ſe ſalvar, fizerem vida de ignorantes? Que aproveyta aos homens de bem, que ſe prezem de ſer quem ſaõ, ſe ſem lembrarſe do que foraõ, ſe eſquecem do que haõ de ſer? Que val ao homem de negocio todo o ſeu livro da razaõ, ſe naõ tratando de ſalvarſe, que he da vida o mayor negocio, não achar Deos razão alguma para o pôr no livro da vida? Que aproveita aos Grandes do mundo ſerem gigantes da fortuna, ſe eſtando debayxo das aguas, que lhes daõ mais que pela barba, haõ de gemer, & haõ de ficar taõ encolhidos ao ſom da ultima trombeta? Que val aos Reys mais poderoſos ganhar Reynos, & Monarquias, ſe no ſeu ultimo conflito perderem o Reyno dos Ceos? Que importa às Mitras, & Tiaras ter as chaves do Paraiſo, ſe abrindo-o para outros muytos, o fecharem ſó para ſi? Que aproveyta ao mao Sacerdote haver ſido hum homem ſagrado, ſe vivendo como demonio, do paõ da Igreja de Deos, que elle lhe deo para os ſeus pobres, naõ ſó fizer manjar da culpa, mas veneno da ſua alma? Que aproveyta ao mao Religioſo veſtir o habito dos Santos, ſe havendo de ſer, o que não he, deſcalço, cheyo de piolhos, & com o burel ſobre a carne ſe for caminho dos infernos, podendo tal vez, lá no mundo, ir ao Ceo, veſtido, & calçado? Que aproveyta aos de eſta-

do humilde acharemſe em melhor eſtado, ſe por ſer Icaros da ſorte, ſendo formigas, oſaõ de azas? Que aproveyta, que val aos pobres, aos deſgraçados, & affligidos eſtar no caminho dos juſtos começando a ter ſua Cruz, ſe ſe deſviaõ do caminho da virtude pelas veredas da impaciencia, & deſcaminhos da malicia? Finalmente que importa a todos o ſerem quanto querem, ſe em muyto menos de cem annos ha de eſtar feyta em pô, & cinza eſta bemquiſta preſumpçaõ; eſta taõ prezada apparencia; eſta taõ querida fantaſtica? E eſta authorizada vaidade dos enganos deſta vida acabarà, Deos ſabe quando; a alma irá, Deos ſabe donde; como ha de ſer, ninguem o ſabe; mas ſabem todos, que ha de ſer. E para que ninguem ſe deſcuide da morte com os deleytes da vida; aviſa o meſmo Senhor a todos, que nada lhes aproveyta ganhar o tudo da vida, ſe tudo o da graça perderem na hora da morte: *Quid prodeſt homini, &c.*

✠✠✠✠✠✠
✠✠✠✠
✠✠✠
✠

GOLPE VIII.

Præterit figura hujus mundi. I. ad Corinth. 7. 31.

Da variedade, & inconſtancia do mundo; & como por iſſo deve ſer deſprezado.

GEMIDO VIII.

A Repreſentar ſeu papel, a fazer ſua figura, veſtida de tramoyas, calçada de maquinas, coroada de chimeras ſahe a figura deſte mundo ao theatro deſta vida, com mais luzido fauſto de apparencias, que realidades: prezada das repreſentações ſahe fazendo ſeu papel, fingindo maravilhas, prometendo felicidades, dizendo loucuras, fazendo deſatinos: acompanhada da arrogancia, preſumida da oſtentaçaõ, cortejada da liſonja, galanteada da mentira diz quanto ſonha, córa quanto diz, finge quanto quer: perſuade, que he nella cabedal de prendas, o que he volume de defeytos; banquete de glorias, o que he tinello de vaidades; caſa de ſaude, o que he hoſpital de incuraveis; & emfim, academia de entendimentos, o que he familia de loucuras.

Vay outro diſcurſo differente, toque 18. aract. 2.

Eſta oca ſoberania, com que ſempre deſvanecida ſe deyxa levar

var da vangloria, faz com que diga grandes cousas da grandeza dos seus estados; com que agigante a menor sombra dos vultos da sua fortuna; com que arme os seus espectaculos de fabricas vans, & apparentes; & com que a sopros da soberba se pertenda pôr sobre as nuvens: pelas penas dos riscos nos promette as azas da fama; por meternos nos seus debuxos, nos faz guarniçaõ dos seus riscos; para nos torcer o sentido, nos faz fiar dos seus enganos; & emfim por vernos nos abismos, nos levãta acima das Estrellas. Porèm como tudo isto passa, & nòs lhe passamos por isto, adiante passa o seu mal; para bemquistar os venenos, com q̃ nos quer tirar a vida, veste a peçonha de caricias, & cobre o dano de lisonjas; para darnos as triagas, que nos convidaõ com o remedio, desautoriza o desengano, & cospe no rosto à verdade; tira emfim a pelle à verdade, para enfeitarnos a mentira; & canonizanos os vicios, para que infamemos as virtudes: & que lendo isto os humanos pelos livros da experiencia; que escutando isto os discretos aos clamores do desengano, em tantos tempos da razaõ, & com tantos annos de idade, naõ queyraõ, nem se persuadaõ a ter hum dia de juizo, para que o mundo tenha fim? Todo o tempo de nossa vida, & todos os dias dos homens haõ de ser dias de vontade, & nem hum só de entendimento? Que havendo isto, emfim, no mundo, desde que houve homens no mundo, sejaõ toupeyras da razaõ, & aves nocturnas da verdade, os mayores linces do aviso, & as aguias do juizo humano, em hum mundo, que anda ha tantos annos, naõ em cueyros, nem mantilhas, mas em vasquinhas, & calçoens? em hum mundo, que ha tantos tempos, que se preza de trazer togas; que se jacta de vestir sayas; que gosta opas roçagantes; & tambem trajos penitentes? em hum mundo, que com aquelle parecer ayroso da mentira, que nos arrasta pelos olhos a liberdade, tem hum fingir taõ doce? hũ semblante taõ alegre, hum fallar taõ suave, & huma caricia taõ mimosa, que perdida a mesma razaõ pelo seu engano, no lo mete no coraçaõ, & delle nos faz passadiço para o metermos nalma?

O' mortaes: Mundo he a terra; mundo he o mar; mundo he o ar; & mundo he o fogo: & a mesma figura do mundo, que vos engana tantas vezes, outras tantas vos desengana com a sua mesma figura: cada dia com a mudança, que em seus estados experimenta, vos prèga o mundo desenganos: figura do campo, que he mundo, he aquella verde librè, & aquella varia fermosura,

mistura, com que o enfeyta a Primavera; esta lhe descora o Estio; esta lhe enxovalha o Outono; & esta emfim lhe despe o Inverno: aquella figura do mundo, que em Abril amanheceo verde; em Agosto se mostra pállida; em Outubro triste; & em Dezembro defunta: taõ veloz se vay desmentindo a figura vãa deste mundo, que do rosto, que lhe fez Abril, lhe não deyxa sinal Agosto; do caraõ que lhe queyma Agosto, naõ lhe deyxa feyçaõ Outubro; & da carranca, que lhe fez Outubro, naõ lhe deyxa fórma Dezembro; nem do vulto, que lhe faz Dezembro, lhe naõ deyxa Abril semelhança. O mar tambem vemos, que muda de parecer a cada instante; agora Ceo cristallino, logo serra de vidro, depois monte de escama, & finalmente inferno de ondas. O ar da mesma maneyra mudando fórmas, & variando figuras, pela manhãa de ouro, & azul, ao meyo dia a fogo, & sangue, & à tarde de bandeyras negras fazendo guerra a todo o mundo. O fogo pelo conseguinte, huma vez feyto exhalaçaõ, outra rayo, outra relampago, outra corisco, arde, allumia, & resplandece, para outros perigo, & para todos medo.

Se pois com taõ varias feyçoens passa a figura deste mundo; se deste mundo material a figura desapparece a cada momento, que passa; como deste mundo mortal, cuja figura he mais veloz, vos naõ passa da imaginaçaõ, o que como imaginaçaõ se passa? Toda a figura deste mundo moral, ou he Ethica, ou Economica, ou Politica: a Ethica pertence aos costumes da pessoa; a Economica à direcçaõ da familia; a Politica ao governo da Republica: examine cada hum a sua pessoa, olhe a sua familia, & veja a sua Republica; & naõ contentando-se com isto, considere todas as pessoas, todas as familias, & todas as Respublicas do mundo, ou as de que tiver noticia, & veja no estado destas, quanto durou hũa fórma de governo; quanto persistio naquellas hum modo de direcçaõ; & quanto permaneceo nas outras hũa maneyra de costumes; verá, que se estaõ mudando pinturas, naõ de bem em melhor; naõ de melhor em excellente; mas de bom em ruim; de mal em peyor: a pessoa pudèra contentarse com o seu tamanho, & quer ser mayor pessoa; à familia bastavalhe ter casa; & quer parecer palacio; à Republica sobejavalhe ser Republica, & aspira a ser Monarchia: de que se segue, que em perpetua transformaçaõ, seguindo os sonhos de seus desvarios, nem a Republica he o que se cuida, nem o que cuidava ser; nem a familia o que parece;

nem a pessoa o q̃ representa: tudo he engano, tudo mentira, tudo castellos de vento, tudo brincos de papel, & tudo lume de palhas.

Todos os estados deste mundo moral tem mudança taõ apressada, & duraçaõ taõ ligeyra, que como cor, q̃ se perde; como agua, q̃ corre; como vento, que voa; & como exhalaçaõ, q̃ arde, se passaõ todos brevemente: Lua de tantas mudanças, como a figura deste mundo, todo o mundo junto a naõ tem: Sol, que tantas vezes se eclipse; Estrella, que tantas vezes erre; mar, que tantas vezes se mude; Protheo, que tantas formas tome; nem o ha, nem se póde considerar: por isso, a meu entender, he este mundo, como pintura de paízes, que o melhor, que tem, saõ os longes; como imagem de perspectivas, que de huma figura faz muytas; como comedia de tramoyas, que sendo tudo apparencias, nos ostenta grandes cousas, & todas ellas saõ mentira: a sua pompa, & suas galas saõ como vèla, que se consome por luzir, & resplandecer, & tudo vem a parar em fumos: sua ambiçaõ, & soberba, à maneyra de opilações, que com o seu dano se inchaõ: os seus deleytes, como anzoes, que com a isca nos enganaõ: a sua fortuna, como vidro, que no melhor se quebra: a sua fama, & valentia, como cousa de terremoto, que faz tremer a terra, & naõ he mais, que hum pouco de ar: & a sua mayor fermosura, como vestido, que hum dia lustra, outro se çuja, outro se rompe, & em fim se faz hum trapo.

Como pois consente a razão, que essa pintura vos enleve, para que depois vos minta? que essa imagem vos namore, para que logo vos engane? que essa comedia vos entretenha, para que sempre vos custe? que essa luz vos cegue, para que depois vos abraze? que essa opilação vos inche, para que depois vos rebente? que esses anzoes vos pesquem, para que logo vos matem? que esse vidro vos agrade, para que logo vos firais? que esse ar vos dè, para que nunca se cure? que esse trapo vos dispa, para que sempre vos çuje? O' mortaes: bens, que saõ terra; presumpçoens, que saõ escuma; honras, que saõ ar; glorias, que saõ fumo; de que vos servem, ou vos prestaõ, mais que de cegarvos, pois saõ fumo; de fazervos mal, pois saõ ar; de desfazervos, pois saõ agua; & de enterrarvos, pois saõ terra? Se o mesmo mundo se retrata das vaidades, que vos pinta, na brevidade com que passa, & nas varias formas, que veste: se a mesma figura do mundo, depois que faz sua figura, passa, & nos mostra, que foy sombra, engano, & afiguraçaõ: como nos naõ retratamos destas chimeras, em que

que cremos; deste fingimento, que amamos; & desta illusaõ, que seguimos? Que he isto senaõ andarmos na luz às escuras; cegos com os olhos claros; & frios entre labaredas? E por isso o Apostolo nos manda advertir na momentanea apparencia como vay passando a figura deste mundo: *Præterit figura hujus mundi.*

GOLPE IX.

Verumtamen in imagine pertransit homo: sed & frustra conturbatur. Psalm. 38. 7.

Da brevidade, incerteza, & falencia de nossa vida.

Gemido IX.

Diraõ alguns, que os naõ engana o mundo, mas que os naõ desengana a vida: & eu naõ sey como póde ser, pois passa a vida pelos homens taõ ligeyra, & arrebatada, que a mesma duraçaõ da vida naõ he mais, que hum voo da morte: desfazse a vida, & desvanecese como nevoa, que fere o Sol; como vestigio de nuvem; como vizlumbre de relampago: taõ surda corre, & taõ ligeyra como nao, que naõ sente o curso, com que se engolfa pelos mares; como ave, que em hum momento vence as distancias, a que voa; como setta, que em hum instante traspasse o alvo a que tira: emfim passa pelos humanos, como imagem pelo espelho, que sem deyxarlhe algum final da fórma, que nelle se vio, desapparece em hum momento como sombra, como figura apenas vista, ou suspeytada, que nem por sonhos, nem por sombras segunda vez nos apparece: *Ad modum imaginis, quæ videtur in speculo, & statim disparet.* Ella emfim se resolve em nada, como flor de feno, que cahe; como empola de agua, que se ergue; como escuma de mar, que corre. He a imagem huma figura, cousa de taõ pouca sustancia, que apenas se nos representa em leve vágado de sombras, quando se morre de accidente em huma febre de nada: he hum debuxo vaõ, & acreo da sustancia, que nos retrata; das cousas, que nos agoura; & das propriedades, que nos finge; sem algũa outra entidade, que huma privaçaõ do que ostenta; hum remedo do que nos mostra; & huns longes do que nos debuxa: por isto dizia David, que o homem passava em figura, em imagem, & em semelhança; ou como cousa imaginaria; ou emfim só como apparencia, que nasce representaçaõ, dura fingimento, & acaba mentira.

Hug. Card. hic.

Aquelles dias já contados nos numeros da nossa vida, saõ como

mo cifras sem numeros, que naõ valem cousa alguma; ou postas atraz da unidade, que se naõ contaõ, porque naõ tem valor; & só prestaõ para que em cifra nos escrevaõ, que já passáraõ, & nada valem: os momentos, que nos vay dando o mesmo tẽpo, que vivemos, saõ huns mementos, que nos gritaõ, que se nos vay passando o tempo: os instantes, que estaõ por vir, naõ tem mais ser, que o de hũas duvidas de os podermos vir a gozar; isso mesmo, que a vay crescendo, he quem a vay diminuindo; os seus bens se vaõ acabando, logo que começaõ a hir sendo; & tanto mais nos himos consumindo, quanto mais himos durando; o primeyro passo de tempo, com que todos amanhecemos na caduca aurora da vida, he o primeyro, que apressamos para o occidente da morte; as flores, que mais madrugaõ no Abril da nossa meninice, saõ as primeyras, com que a idade estiica nas aras da morte os primeyros lustros da vida; os primeyros frutos dos annos, com q̃ o tempo nos enriquece, saõ sinaes do Outono infallivel desta fragil mortalidade, que foy pensaõ da nossa culpa, ou tributo da natureza: tanto se vay perdendo a vida na mesma vida, que acquirimos, que a cada instante perecemos no mesmo tempo, que duramos: cada instante, que tem de seu esta nossa vida enganosa, naõ he menos, que hum inimigo, que em si mesma tem contra si: a mesma vida, no que dura, nos adverte com o que passa, sem que nos chegue ao entendimento o que nos passa pela memoria; todos se daõ por entendidos, muyto poucos por avisados, por entender que neste aviso lhes passa a vida mais depressa: corre a vida, & naõ se sente; voa, & naõ se enxerga; desapparece, & naõ se cuida.

De tres modos me persuado, que morrem os homens: morrem à graça; morrem à mesma vida; & morrem à natureza: à natureza, pela morte; à vida, pelo tempo; à graça pela culpa: da morte da natureza, que naõ tem remedio, & da morte da vida, que naõ tem escusa, buscámos a escusa, & o remedio todos os instantes da vida; & da morte da culpa, que o póde ter em hum só acto de contriçaõ, naõ fazemos caso algum, senaõ no ultimo da morte. Oh mortaes, taõ mortos na vida, & taõ pouco resuscitados na memoria de vossa morte! acorday, & vinde a juizo, antes que a ultima trombeta com o mayor horror vos acorde; antes que aquelle pregaõ tremendo vos chame àquelle juizo, em que todos sereis julgados. Sepulchros saõ os vossos corpos, muyto mais cheyos de immundicias, que

aquellas covas, & sepulturas, aonde dormem cinzas defuntas, os que já foraõ pó vivente; naõ vivais mais tempo em vaõ, affadigandovos debalde por estas glorias suspeytadas de vossa presumpçaõ caduca: ondas saõ, que o mar deste mundo hora poem nas Estrellas, hora nos abismos; Estrellas, que huma sombra as turba; Sol, que cada dia se poem; noyte, que segue a cada dia com taõ ligeyra brevidade, que parece, que o mesmo tempo, ou se corre de envergonhado, ou vay fugindo de corrido: & senaõ, olhay para o Sol, quam rico de seus resplandores nos seus orientes amanhece; porèm vede, quam desluzido lá sobre a tarde se sepulta: aquelle grande luzimento, a quem hum mundo he estreyta esfera, como vos naõ faz grande espanto ver, que naõ dura hum breve dia? Assim a Estrella mais brilhante apenas luz, quando se eclipsa; assim a flor mais magestosa mal se abre, quando se murcha: pois se isto lhes succede às flores, que saõ joyas da Primavera: se isto acontece às Estrellas, que saõ diamantes do Ceo: se disto naõ escapa o Sol, com ser o morgado das luzes: que duraçaõ mayor espera, quem, se foy Sol, naõ vive hum dia; quem, se foy flor, dura huma tarde; quem, se he Estrella, brilha huma hora? Taõ apressado, & perigoso he o curso da humana vida, que naõ havendo mais que hum passo do berço à sepultura, nos basta para cahir nella hum pè mal posto a cada passo: & naõ havendo mais que hum folego entre o inferno, & o mundo, o mesmo ar, que nos alenta, póde parar a cada ponto em darnos a respiraçaõ: sahi pois à luz da verdade; deyxay as trevas da mentira; & pondevos a discorrer, que fostes nada ha pouco tempo; que estais sendo pouco mais de nada; & que sereis cousa nenhũa brevemente; hontem, hum favor do possivel; hoje, hum perigo do futuro; & à manhãa, medo de presente: hum póde ser, antes que fosseis; hum naõ sereis, hoje, que sois; & hum fostes, deyxando de ser: no principio lodo muy vil; agora hum pó mais levantado; muyto cedo, terra cahida.

Oh se isto aos homens do mũdo passára pelo pensamento, que depressa, atè nos mais vaõs, cada instante da mesma vida fora hum memorial da morte! que facilmente, atè nos nescios, cada lembrança da morte fora hum despertador para a vida! que para isso nos adverte o Espirito Sãto por David, que cousa he a nossa vida: *Veruntamen in imagine pertransit homo, &c.*

GOLPE X.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens. Psalm.38.6.

Que os homens saõ hũa universal vaidade.

GEMIDO X.

ESte engano da vida taõ solicitado dos homens, naõ só do que naõ cuidaõ, mas do que cuidaõ, nasce: naõ cuidaõ os homens em aquelle fim, a que se ordena o seu principio; cuidaõ só nos meyos da sua vãa prosperidade, & do temporal desatino, segundo o conselho dos nescios, mais presumidos de atinados: querem coroarse das rosas antes que se morchem, por naõ passar a flor do tempo sem que colha a sua malicia os frutos da profanidade: disto procede, que naõ contentes com serem vaõs toda a sua vida, passaõ a ser a mesma vaidade, & huma vaidade universal, donde naõ se acha cousa alguma, que seja merito, que pareça razaõ, ou tenha feyçaõ de virtude.

Sap.2.8.

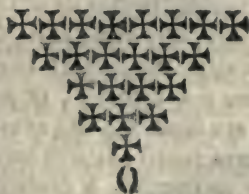
Esta vaidade universal de tres modos se considera: vaidade em obras, em palavras, & em pensamentos; & todos estes modos juntos se achaõ em cada hũ dos homens; porq̃ he vaidade quanto obraõ, quanto dizem, & quãto cuidaõ: he vaidade tudo, porque nada fazem por Deos, nada dizem de Deos, & nada cuidaõ em Deos; & em naõ sendo este o exercicio, a conversaçaõ, & o cuidado; os cuidados, que podem ser, mais que huns descuidos da razaõ? a conversaçaõ, que será, mais que ruido da loucura? as obras, que viráo a ser, mais que huns debuxos da chimera? Saõ os homens vaõs nas obras, da natureza dos Colossos, que ainda que seja de hum metal, de que ha no mundo tanta copia, & de que o mundo só se serve para as cousas de mayor dano, querem que os julguem maravilhas: saõ os homens vaõs nas palavras, da condiçaõ dos idolos, que ainda que sejaõ huns cepos, & falle nelles o demonio, querem que os tenhaõ por oraculos: saõ os homens vãos nos pensamentos, como espaços imaginarios, que sem ser mais, que fantesias, querem que os ponhaõ sobre o Ceo: por isto se esquecem os homens, de que as qualidades, & os morgados, que os humanos só tem de seu, saõ dous nadas, em que se encerra toda a essencia da vaidade; vaidade por natureza, & vaidade por malicia: vaidade por natureza fostes todos, ò peccadores, antes que chegasseis a ser; vaidade sois por malicia todas as vezes que peccais, porque nada

faz o peccado a quem pecca: *Nihil sunt homines, cum peccant*; & estas saõ as profundidades donde David clamava a Deos confessando todos seus nadas. Por vaidade da natureza, sois como se nunca foreis; por natureza da malicia, sois, como naõ devieis ser; a vaidade da natureza naõ faz dano, antes proveyto, quando chega a ser conhecida; a vaidade da malicia, nunca faz bem, & sempre dana, senaõ he de todo arrancada: eis-aqui, como por tudo nada, que isto he o mais, que o mundo tem, vos arriscais a perder tudo: eis-aqui, como fugindo de Deos, que he o melhor de quanto ha, vos tornais ao centro do nada, que he o peyor de quanto ha.

August. tom. 9. tr. 1. in Joan. post med. Psalm. 129. 1.

Homens cegos, que vos enleva? coraçoens vaons, que vos engana? he por ventura o ter mais vida? isso deu a hum tronco a montanha: he por ventura o vestir sedas? isso deu o bosque a hum gusano: acaso he o trazer plumas? isso deu a natureza a huma ave: saõ acaso os faustos, & as pompas? isso deu o ar a hũa nuvem: será por dita a fermosura? isso deo o campo a hũa flor: he a altura do estado? isso deo o mundo a hũa grimpa: será tambem a valentia? isso deu o monte a huma fera: será a sede das riquezas? isso deu a terra a huma mina: será o credito da fama? isso deu a gente a hũ sepulchro: será fome de adoraçaõ? isso deu a cegueyra a hum idolo: será em fim o comer mais? isso concede o tempo a hum bruto: como pois chega a ser possivel, que seja a vossa idolatria, vossa ambiçaõ, & vossa vaidade o comer, que he gosto de brutos; hum culto, que he uso de barbaros; a fama, que he morte de loucos; o ouro, que he gloria de nescios; a valentia, que he fereza; a altura, que toda he mudança; a fermosura, que he melindre; a pompa, que he hum pouco de ar; as plumas, que saõ liviandades; a gala, que he librè de hum bicho; & a vida, que he commũa a hum tronco? Hum tronco naõ estima a vida, & fazeis della tanto caso? Hum idolo naõ preza o culto, & quereis o que elle despreza? Hum sepulchro esconde essas honras, & buscais o que esconde a terra? Descompoem o vento essas pompas, & bebeis por ellas os ventos? hũa fera bruta se humana, & vòs prezaisvos de feras? hũa ave se naõ jacta das suas plumas, & vòs jactaisvos das alheas? huma flor se enterra donde nasce, & quereis florecer na terra? hum bicho faz das sedas tumulo, & quereis dellas fazer gala? naõ pára a grimpa nas alturas, & nellas quereis vòs parar? faz a fartura mal a hũ bruto, & quereis que vos faça bem? Oh quanto mais vos importára, que vendovos troncos robustos,

imaginasseis que ereis folha: que cresseis, vendo-vos nas minas, que desse ouro ereis as fezes: que vestindo-vos dessas sedas, entendesseis, que ereis gusanos: que adornando-vos dessas plumas, cuidasseis que vos tem por passaros: que achandovos com essas forças, vos naõ gloriasseis de feras: que olhandovos lá sobre as nuvens, soubesseis, que tudo era vento: que contemplandovos nas flores, vos julgasseis de pouca dura: que tomandovos bem a altura, vos persuadisseis, que ereis grimpas: que advertindo bem no sepulchro, visseis bem que sois terra: que dando fé de vossos idolos, considerasseis, que sois barro: & que abstendovos dos comeres, vos reprehendesseis de ser brutos.

Naõ vos pareçais, pois, com os brutos, que isso he negar, que sois homens; naõ vos canseis por serdes idolos, pois sabeis, que he gentilidade; naõ vos mateis por ser sepulchros, porque atè para estes ha morte; naõ estimeis ser como feras, pois fogem da gente as mais dellas; naõ façais muyto por ser grimpas, pois sabeis, que naõ tem sossego; não morrais por ser como as flores, porque morrem todas em flor; naõ vos pareçais com as nuvens, porque vos levará qualquer vento; naõ vos jacteis de serdes aves, pois saõ pennas os seus enfeytes; naõ trateis mais de ser gusanos, pois se vestem da mortalha; naõ vos metais em serdes minas, que he querer cova aberta; nem queyrais em fim ser arvores, pois se queymaõ as que naõ daõ fruto. Mas que esperança póde haver, de que vos quereis emendar, se a vossa universal vaidade toma dos brutos a fereza; das flores, a fragilidade; dos troncos, a grossaria; das minas, a escoria; dos idolos, o engano; das grimpas, a inconstancia; das nuvens a borrasca; dos sepulchros a immundicia; dos gusanos a podridaõ; & das plumas, a liviandade? Oh ignorancia das ignorancias! Oh vaidade das vaidades! Por isso diz o Santo David, que todos os homens saõ huma pura vaidade: *Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.*

GOLPE XI.

Milvus in Cælo cognovit tempus ſuum: turtur, & hirundo, & ciconia cuſtodierunt tempus adventus ſui: populus autem meus non cognovit judicium Domini. Jerem. 8. 7.

Da ingratidaõ com que os homens pagaõ a Deos à viſta das mais creaturas irracionaes.

GEMIDO XI.

POr dar mais aſpera reprehenſaõ ao entendimento, & ao coraçaõ humano de ſua ingratidaõ, & cegueyra; traz Jeremias contra o deſconhecimento dos homens por exemplo, & teſtimunha o conhecimento das aves do Ceo; & Iſaías o reconhecimento dos brutos da terra: *Cognovit bos poſſeſſorem ſuum, & aſinus præſepe Domini ſui: Iſrael autem me non cognovit, & populus meus non intellexit.* As aves, que naõ tem razaõ, ſabem aproveytarſe do tempo; & conhecendo o que pede o tempo, muytas vezes fugindo ao mar, onde algumas tem o ſuſtento, buſcão nas prayas ſeu abrigo, porque antevem as tempeſtades: para edificarem ſeus ninhos, & para ſua conſervação em ſeus filhos, eſcolhem tempo conveniente; & a ſua vinda muytas vezes nos enſina qual he o tempo, como nas aves Alcioneas a experiencia o tem moſtrado: mudão de clima, & de lugar, & de condição muytas vezes: atraveſſaõ mares, & terras, quando a intemperança dos ares, ou vicio algum dos elementos faz com que achaque a conſonancia deſta natural harmonia: finalmente ſabem ſervirſe dos tempos para ſeu aviſo, das terras, para ſeu reparo, dos mares, para ſeu remedio, da mudança, para ſeu bem, ſem outro influxo, ou efficacia, que porem os olhos no Ceo com interior obediencia aos imperios de ſeu Creador nos inſtintos da natureza.

Iſai. 1. 3.

Só o homem, a quem Deos entregou a Monarchia das creaturas pela excellencia da razaõ: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus, &c.* a cujo diſcurſo da razaõ cedem os diſcurſos do tempo, nem o conhece a ſeu tempo, nem o toma para ſervir, & amar a Deos, vivendo tanto ſem razaõ, nem diſcurſo, como ſe ſó lho déra Deos para a culpa, & para a vaidade. O mais bruto dos animaes conhece o ſenhor, a quem ſerve; conhece a ovelha o ſeu paſtor; a fera ruda o ſeu albergue; o leaõ, a quem o ſuſtenta; o touro bravo, a quem o guarda; o tigre agreſte, a quem o cria: ſó o homem, o peccador naõ quer conhecer

nhecer a seu Deos naõ estima seus beneficios; naõ faz caso da sua ira, nem se lhe dá da sua afronta, como se a sua salvaçaõ não consistira em outra cousa, que nas injurias de seu Deos: Deos o busca, & elle se foge; Deos lhe bate, & elle lhe fecha; Deos o vence, & elle resiste; Deos o chama, & elle naõ ouve; Deos o ganha, & elle se perde. O' mortaes, que outra cousa he este desconhecimento, que hum final de ingratidaõ, & de infidelidade, com que imitais aquelles perversos Judeos, que sendo povo mimoso, & favorecido de Deos, o desconheceo quando veyo ao mundo, conhecendo-o, como diz Saõ Gregorio, as creaturas, & elementos insensiveis? Conhecèraõ a Christo os Ceos, mandando a Estrella por guia dos Magos; o mar, fazendo-se solido passeyo a seus pès; a terra tremendo de sentimento, quando morreo; o Sol, vestindo-se de luto; as pedras, & paredes, quebrando-se de dor; atè o inferno, largando os mortos, que tinha prezos; & atègora os coraçoens dos infieis Judeos o naõ conhecem; & mais duros, & obstinados, que as mesmas pedras, se naõ querem partir com a dor de o haver offendido: assim vòs, imitando na perversidade estas humanas viboras, ou infernaes furias, desconheceis a Deos, quando vem a cada passo ao mundo de vossas almas com a visitaçaõ dos auxilios, das advertencias, das misericordias.

S.Greg. Pap. tom.2. homil. 10. in Euang. post princip. habetur in Epiph. lect. 9.

Que he isto, ò gente sem temor? inimigos da vossa ley, & escravos da abominaçaõ? Isto chamais vòs ser Christaõs? esta he a ley, que guardais? & esta he a Fé, em que viveis? com que obstinada rebeldia se trocou a vossa razaõ? com que rochas, os coraçoens? com que bronzes, a natureza? Por dita, das misericordias, que engeytais assim cada dia, achareis na hora da morte mais, que a vingança à cabeceyra? acaso, daquella justiça, que exasperais todas as horas, achareis na ultima mais que a ira, & castigo sobre vòs? por ventura dos bens da terra, que vos enganaõ cada instante, no vosso ultimo arranco ficarvos-ha mais que a mortalha? servis-vos do livre alvedrio para andardes sempre à vontade? servis-vos das razoens humanas, para achar razaõ ao descuido? servis-vos da memoria da morte, para depravar mais a vida? Que mais faria o peyor bruto, que fere, ou mata a quem o cria? Que peyor faria hũa vibora, que nasce rompendo as entranhas de quem lhe deo o ser? Que mais fez o mesmo demonio, que oppor se a seu Deos, conhecendo-o? Se pois sois feras contra Deos, & andais merecendovos

dovos na terra, que esperanças tendes do Ceo? Se sois viboras de Jesu Christo, & lhe andais rasgando as entranhas, porque esperais, que vos dè vida? Se sois demonios, & andais metendovos no inferno, como esperais de Deos a gloria? Sem duvida em vossas entranhas, mais que nas areas da Libya, produzio serpentes a terra? Sem duvida em vossos coraçoens, qual Medusa, a obstinaçaõ, empedernindovos as almas, vos deshumanou o juizo? Sem duvida nas vossas almas, friezas, mais que da Noruega, regelàraõ a vontade, para vos congelarem o espirito?

Os campos rudos, & grosseyros, dandolhe Deos a primavera, daõ flores, & ao menos daõ hervas, donde se achaõ muytas virtudes: as plantas, que viviaõ pobres de toda a natural virtude; os troncos, que estiveraõ nùs fazendo penitencia dura nos desabrigos de Janeyro, ao menor auxilio de Abril, a hum beneficio do Veraõ, naõ só florecem, mas daõ frutos, com que tambem nos daõ exemplo: a neve, que se gelou mais fria; a fonte, que se vio mais preza; o rio, que parou mais atado nos grilhoens frios, que lhe poz o Inverno, em lhe dando os rayos do Sol se desembargaõ, & se soltaõ; se desfazem, & se derretem: só os homens, donde a malicia desnaturalizou a razaõ, por mais que o Ceo lhes mostre os tempos, se ficão rudos, mais que os campos; bem, que Deos lhes dobre os auxilios, se mostraõ immoveis, mais que os troncos; & por mais calor, que lhes dem os rayos do Espirito Santo, se ficaõ enregelados, mais que a neve: pois, que he isto, ó filhos da terra, almas de neve, coraçoens de tronco, juizos do campo? Que he isto, que vos acontece, mais que hũa dura resistencia, & hũa porfiada obstinaçaõ ao natural conhecimento? As aves do ár, os brutos da terra, & ainda as creaturas insensiveis sabem conhecer o seu tempo, & só vòs o naõ conheceis?

Conheceo o Sol o seu fim, reconhecendo o seu occaso: *Sol cognovit occasum suum*; & que se seguio de conhecello? Seguio-se que no dia do juizo, como anteviu o Euangelista, appareceo o Sol penitente com cor de cilicio, & coberto de hum escuro burel: *Sol factus est niger, tamquam saccus cilicinus.* Começou este conhecimento do Sol, por aprehensaõ do tempo, continuou discurso, & acabou juizo: tinha visto o Sol cada dia, que nascia, mas que espirava; tinha visto em seus resplandores, que se rindoselhe a manhãa, nascia em berços de perolas, encapotandoselhe a tarde, se punha em eças funebres; se luzidamente triunfando

Psalm. 103. 19.

Apoc. 6. 12.

fando voltava pelo meyo dia, declinando, como decrepito, ſe ſepultava no occidente: vio, que naõ contentes os fados com eſta morte ſucceſſiva de ſua vida mais luzente, lhe decretavaõ para ſempre a tumba de hum eterno occaſo: conheceo o Sol finalmente, que havia de acabarſe o tempo, que haviaõ de parar as luzes, por iſſo ſe veſtio de ſacco, como fazendo penitencia daquella luzida vangloria, com que luſtrára ufanamente toda eſta caduca maquina a eſte enganoſo mundo. Se pois o Principe das luzes, o requeſtado das Eſtrellas, a fermoſura do univerſo, a joya dos Ceos, & das nuvens, porque conhece o ſeu occaſo, aſſim muda a gala dos rayos em cilicio negro de trevas; a téla de ſeus luzimentos, em eſcuro burel de ſombras; o enfeyte das ſuas luzes, em funeſto luto de eclipſes; & a pompa de ſeus reſplandores, em mortalha de eſcuridades: quem ha, ſe tem conhecimento, que antes que chegue ao ſeu occaſo, naõ converta a gala em cilicio; naõ demude a téla em burel; em meya noyte, o meyo dia; o curſo da vida, em diſcurſo; & a vontade, em entendimento?

O' mortaes, ſe hum ſó dia conſiderareis, que haviaõ de parar as luzes no occaſo de huma ſepultura, que haviaõ de eclipſarſe os rayos com a eſcura ſombra da morte; & amortalharſe os luzimentos na nuvem de hum eſcuro burel; he certo, que tivereis a luz da razaõ nos eclipſes do luzimento; achareis a aurora da vida no meſmo occidente da morte; lograreis o meyo dia dalma nos meſmos occaſos da tumba. Porèm ſe do voſſo juizo ainda os ſinaes naõ apparecem; porque ainda as cores do cilicio, & outros ſinaes da penitencia ſe naõ vem pelos voſſos roſtos: ſe, ainda que a memoria da morte vos faça ſinaes pela vida, vos naõ dobra o temor pela alma: quem não dirá, ſe tem razaõ, que ſó pelo voſſo juizo ſe podem já fazer ſinaes? Conhecem as aves o ſeu tempo, os brutos a ſeu ſenhor, o Sol o ſeu occaſo; ſem que o Sol tenha entendimento, ſem que os brutos tenhaõ razaõ, ſem que as aves tenhaõ juizo; & o homem, que ſó tem juizo, razaõ, & entendimento, nem quer conhecer o ſeu fim, por naõ cuidar na morte; nem a ſeu Senhor, por naõ guardar a ſua Ley; nem a ſeu tempo, por viver como immortal: de que ſe ſegue, conhecer menos, que hum planeta; fazer menos, que huma ave; & viver peyor, que hum bruto. As aves conhecem o tempo, porque poem os olhos no Ceo: conhece o bruto a ſeu ſenhor, porque recebe delle o ſuſtento: conhece o Sol o ſeu occaſo, porque declina

na para elle: só o homem naõ quer pôr os olhos no Ceo, por naõ perder de vista a terra; naõ quer olhar o que recebe, por naõ pagar o que deve; naõ quer saber o que declina, por naõ suspeytar, que acaba: de que tambem se segue, que por naõ aproveytar o tempo, perde a eternidade; por naõ sugeytarse a Deos, se entrega ao demonio; por naõ olhar o seu occaso, anoytece em eternas sombras, quando cuidava que amanhecia. Torna a terra o fruto a seu dono tanto mais, quanto mais ferida he do rigor util dos arados; torna à gayola huma avesinha, engeytando, de agradecida, pela prizaõ a liberdade; faz affagos a seu senhor hũ cachorrinho no mesmo tempo, em que o açouta, & castiga: & emfim, naõ affaga, naõ torna, nem dá frutos a seu Senhor o homem, a quem Deos fez livre, porque o prendesse o seu amor; o homem, a quem Deos affaga, quando elle cuida, que o castiga; o homem, que Deos aproveyta, quando elle presume, que o fere; como se o homem fora a ave mais fugitiva, o animal mais agreste, & a terra mais inutil: pois, em que póde isto parar, senaõ em que sendo a vingança pelos mesmos termos da offensa, tambem Deos naõ conheça o homem, quando no ultimo suspiro chama por Deos com mayor ancia? *Milvus in Cælo, &c.*

GOLPE XII.

O insensati Galatæ, quis vos fascinavit non obedire veritati, ante quorum oculos Jesus Christus proscriptus est, & vobis crucifixus? Gal. 3. 1.

Do descuido, que tem os peccadores em buscar, & servir a Deos.

Gemido XII.

O' Peccadores, ó mortaes, ó entendimentos do seculo, ó hydropicos da ambiçaõ, ó idolatras da mentira, legisladores da vaidade, gentios da mesma razaõ, & barbaros da Ley de Christo: cujo Deos naõ he outro, senaõ o vosso vicio; cuja bemaventurança he a mundana vida; cujo Ceo he só o mundo: com quem a verdade he desprezo; o desengano, doudice; fim ultimo, o viver; & a morte fabula: com quem a doutrina dos justos he trovaõ, que vos faz tremer, mas naõ rayo, que vos fira as entranhas, ou vos allumie o entendimento, & desperte a memoria, de que sois pó, & sereis cinza: com quem a Fé, he como herança baldia posta em herdade inutil; ou como titulo de bens, de que se naõ tem a posse: com quem

quẽ a memoria do ultimo juizo; he como medicina, q̃ cura; mas porq̃ amarga, naõ se toma, ou se se toma, se vomita: com quem a consideraçaõ do inferno, he como sonho, que ainda q̃ vos assusta, naõ lhe dais credito algum: com quem o Ceo, he como mina, que se deseja, mas naõ se cava: nuvens sem agua do amor de Deos, & do proximo, que vos deyxais levar à vontade dos ventos: arvores do Outono infructiferas, & duas vezes mortas, em vão do Sol beneficiadas: lagoas mortas de agua podre em o torpe vicio corrompidas: ondas do mar, que sempre inquietas, escumais de puro soberbas: Estrellas errantes sem luz, que sempre annunciais borrascas, & sempre naufragais em sombras: cometas tristes, & funestos, que a vòs mesmos sois ameaço, & assombro infausto a todo o mundo: que densa nevoa da mentira vos tem encoberta a verdade? que escura sombra da ignorancia vos eclipsou o entendimento? que feytiço do vosso engano vos endoudece a razaõ? que cegueyra da liberdade vos precipitou o discurso? tivestes em Deos o principio, & he vosso fim o demonio? compris à risca as leys do mundo, & naõ guardais a Ley de Deos? aborreceis a vosso Deos no exercicio das virtudes, adorando ao mesmo demonio nos objectos torpes da culpa? açoutais o Filho de Deos nas colunas das vossas almas com cada qual de vossos vicios; & ergueis altares ao demonio com cada qual de vossos gostos, naõ menos, que no coraçaõ? ao vosso Deos, ao vosso Rey, ao vosso Pay, ao vosso mayor amigo despís, & pondes em huma Cruz cada vez que cahis em culpa; & com o mayor inimigo, que tendes na terra, & no inferno, andais em braços toda a vida? pregais as maõs a Jesu Christo, que vos quer ter da sua maõ, & quereis, que ande Satanás taõ solto dentro em vossas almas, fazeis honra de ser agradecidos a quem no mundo vos obriga; & jactaisvos de ser ingratos a quem vos deu o ser, & a vida, & vos está rogando com os Ceos, se fizerdes o q̃ vos manda? Por bens fingidos, & enganosos, que hum breve instante apenas duraõ, deyxais a cada momento os longos bens da eternidade? & por males que eternamente vos haõ de ter no castigo, engeytais a Cruz de Christo, q̃ durará poucos momentos? Tendes diante de vossos olhos a Christo crucificado por vosso amor, & por vossas culpas, veyo vos ensinar ao mundo do modo com q̃ se ha de hir ao Ceo pela Cruz do preceyto da ley, ou da mortificaçaõ; & fazeis conta de hir ao Ceo sem Cruz, & sem seguir a Christo, de quem em vaõ tendes o nome? Como cuidais, que tereis

mais

mais privilegios, que o Filho de Deos para a vida de eternidade? a mesma innocencia, a mesma bondade, a mesma virtude, naõ foy ao Ceo, senaõ crucificado; & vòs quereis, sendo o mesmo vicio, a mesma maldade, a mesma abominaçaõ, hir ao Ceo sem Cruz? quereis hir por flores, por boninas, & deleytes da profanidade, sendo peccadores, donde o mesmo Filho de Deos, o Justo, o Santissimo foy por espinhos agudos, por cravos de ferro, & por abrolhos de bronze?

Toda a causa obra por algum fim; Deos criou-vos, & para alguma cousa foy; por ventura para zombardes da sua Ley toda a vida, vos criaria Deos na terra? para naõ temerdes sua ira, vos sustentará neste mundo? para afronta de sua justiça, usará comvosco de misericordia? & darvos-ha os bens do tempo, para vos cevardes nos vicios? será pois bom, que nesse estado, em que vos vay passando a vida, vos colha a morte, que na culpa vos ameaça a cada passo? folgareis no ultimo dia, que póde ser o de hoje, que vos ache hum Deos offendido postos nos braços do demonio, na feya cama do peccado, & no sono torpe da culpa? como naõ temeis viver em hum estado, em que vos pezará de morrer? cuidais, que entaõ vos daraõ tempo para peytardes a justiça, se a todo o tempo, pelo vicio engeytais a misericordia? parecevos, que a Deos lhe pezará de que vos percais para sempre, se vos naõ pezou de offendello, no que naõ prestou para nunca? entendeis, que os Anjos, & Santos rogaráõ por vòs ao Senhor ao mesmo tempo, em que obstinados fazeis por dilatar a vida para tornar aos bens do tẽpo? tendes juizo, & toda a vida naõ credes, que ha de haver juizo? tendes vida, & para a hora da morte guardais o mayor negocio da vida? tendes tempo de appellar da sentença de morte eterna para a vida perduravel; & por pedir meia aos Sacramentos vos ides às eternas chammas? O' mortaes, os que estais em mortal culpa, que comvosco sómente fallo, naõ vos diz isto quem he justo, naõ vos prèga isto algum Santo, o mayor peccador do mundo, hum penedo na dureza, hum tronco secco da maldade, huma vibora da ingratidaõ, & hum bronze vivo da malicia; mas pela misericordia de Deos arrependido, vos chora, avisa, & reprehende os perigos em que se vio, os remedios que perverteo, & os venenos de que gozou: se pois hum bronze se enternece, se quem he tronco assim se move, se quẽ penedo vos grita: porque naõ vedes, quaes sereis no juizo dos bons, se sois escandalo dos maos? porque naõ vedes, quaes sereis

nos

nos olhos de Deos, se pareceis taõ mal aos peccadores?

Como vos nao envergonhais de buscardes com mayor ancia tudo, o que he gosto do demonio, que o que he vontade de Deos? de que trateis com mais amor a Satanás, que a Jesu Christo? de que ponhais em vos perder mayor cuidado, que em salvarvos? de comprar com tantos desvelos a perpetua condenaçaõ; & de fazer taõ pouco caso do Ceo, que Deos vos offerece? Como em fim vos naõ pejais muyto de que vos deva mais finezas a affeyçaõ de qualquer creatura, que as perfeyçoens de vosso Deos, Creador, & Redemptor vosso? & que queyrais cõ mais extremos servir ao vosso desatino, que seguir a vossa razaõ? Se Deos fora o interessado, & nòs os independentes; se elle nos houvera mister, & nòs o puderamos escusar; se elle só quizera o seu bem, & nos mandára fazer mal; parece que alguma desculpa tiveraõ nossas frexidoens; & ainda assim a naõ tiveraõ, porque sempre Deos fora amavel, digno de ser obedecido, & por tudo sempre louvado: mas se do principio do mundo, & desde a mesma eternidade nos está Deos mostrando amor, & fazendonos beneficios; se deyxou perder nossos pays entre a cega gentilidade por taõ largos seculos, & vindo ao mundo nos buscou, & nos fez dos seus escolhidos sem algum merecimento nosso; como cabem na nossa vontade os aggravos, que lhe fazemos, se naõ cabe no entendimento a ingratidaõ, com que o deyxamos? Naõ sendo cousa alguma, deo-nos o ser, nascendo cegos, deo-nos luz; querendo gostos, fez-nos mimos; gostando de honras, deo-nos creditos; pedindo males, dá-nos bens; buscando a morte, dá-nos vida; querendo o nada, dá nos tudo; & nada disto ha de bastar para o amar, para o querer? nada em fim nos póde obrigar para o buscar, para o servir? por ventura nòs nos fizemos? nòs por dita nos sustentamos? & acaso por nossas forças vivemos? obras somos de suas maõs; empregos de sua bondade; & perdoens de sua justiça: qual he disto a satisfaçaõ, & qual he o agradecimento? reduzir tudo ao nosso engano, & pervertello em sua offensa? Se a vosso pay todas as horas quizereis tirar a vida, que esperareis de vosso pay? Se cada dia ao vosso amigo mayor quizereis tirar a honra, que esperareis do vosso amigo? Se cada instante ao vosso Rey quizereis fazer traiçaõ, que esperareis do vosso Rey? Se pozereis em fim por obra todos estes maos pensamentos; de todos elles, que esperareis? Se pois esperareis do pay, quando menos a maldiçaõ;

le

se atè do amigo, quando pouco, que logo vos tirasse a vida; & se em fim do Rey, quando nada, que vos naõ faltasse com a pena: que esperais, que vos faça Deos, ainda que amigo de verdade? q̃ aguardais, que vos faça o Senhor, bem que Pay de misericordia? & que entendeis, que fará Deos, sendo Rey de tanta justiça? tirastesIhe a vida na culpa; tirasteslhe a honra na Cruz; fizesteslhe traiçaõ no mundo; & quereis no ultimo dia, em que se descobre a verdade, em que vos julga a Justiça, & em que naõ ha já misericordia, que vos naõ deyte a maldiçaõ, q̃ vos naõ tire a eterna vida, & vos naõ dé a pena eterna? oh cegueyra! oh deslumbramento! E que outra cousa he querer salvarse hum peccador, que naõ se emenda, senaõ esperar, que a sombra lhe dè luz; que o fogo se lhe torne em neve; q̃ o Inverno se lhe mude em Veraõ; & que a noyte se lhe converta em dia? Como pois dormis, sendo, naõ só devedores, mas ingratos correspondentes às mercès de tal Rey; aos beneficios de tal Amigo; aos favores de tal Pay? Oh que por isso se queyxava o Senhor de seus Discipulos dormirem ao mesmo tempo, que Judas se desvelava em entregallo! *Judam non videtis quomodo non dormit, sed festinat tradere me Judæis? quid dormitis? surgite.* Pois naõ tinha o Senhor outra pessoa, que lhes lançar em rosto, com que os envergonhar, se naõ com Judas? O' mortaes: Judas vinha a vender a Christo, & a fazer a mayor maldade do mundo; os Apostolos acompanhavaõ a Christo, & eraõ os mais queridos de Deos, & os melhores homens da terra; & naõ podia haver mayor mágoa para o Senhor, que ver que os que lhe eraõ mais obrigados, naõ se desvelavaõ tanto por seu amor; naõ se cansavaõ tanto pelo agradar, como os perversos pelo offender: ha de ser possivel, Christaõs, que percais o sono por amor do demonio, & que o naõ queyrais quebrar por amor de Deos? já vos deytais a dormir, como se naõ tivesseis por andar hũa taõ grande jornada, como he daqui ao Ceo? assim descançais a sono solto, sendo devedores de tantos beneficios, & de tantas ingratidoens? que loucura he esta? naõ vedes com a experiencia os beneficios? com a perversa vida as dividas? & com os olhos da Fé as obrigações, em que estais a hum Deos taõ amante, que por vòs foy posto em huma Cruz? Eis-aqui porque S. Paulo taõ asperamente reprehendeo os de Galacia: *O insensati Galatæ, quis vos fascinavit, &c.*

Resp. 8. Fer. 5. in Cœna Domin.

GOL-

GOLPE XIII.

Juxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora. Deuter. 32. 35.

De como os peccadores perdem o tempo ao mesmo passo, que elle lhes vay fugindo.

Gemido XIII.

INsensivelmente, ó mortaes, ides correndo à perdiçaõ cada dia de vossa vida: os tempos já se vaõ chegando tanto mais, quanto mais vos duraõ vossos profanos passatempos: vay-se chegando a perdiçaõ, porque ao remedio, & salvaçaõ ha já muyto que ides fugindo: desviados da salvaçaõ ides fugindo, correndo para a morte sem se vos dar mais, que da vida: ides voando para os infernos, sem lembrarvos mais, que do mundo: fugindo o tempo, que coxea, vos engana com as muletas, ao mesmo tempo, que com azas vos desengana o como voa: quereis detervos nesse engano, que vos faz ter em mayor conta; & naõ quereis nunca dar conta deste engano, em que vos detendes? quereis assim deter a vida na mesma pressa, com que corre a estragarse, & consumirse? quereis tambem deter o tempo, que foge de vossos peccados, como afrontado, & pezaroso de darvos tempo para tudo? quereis, que o mesmo Author da vida, dandovos tempo, q̃ gastais na culpa, vos detenha mais nas offensas, com que o indignaõ vossas almas? cada dia, que Deos vos dá mais de vida, naõ he hũa licença para peccar; he huma espera para vos arrepender: se em toda a vida vos naõ arrependerdes, antes perverterdes a espera da misericordia, que muyto he, que caya sobre vòs a indinaçaõ da justiça?

Oh que fadiga taõ inutil, quererdes conservar a vida à medida do vosso gosto, se assim o gosto, como a vida de si mesmo vaõ declinando, precipitando-se, & cahindo para os occasos do seu termo, para os extremos do seu fim! Oh que malicia taõ perversa, querer que Deos vo la conserve em vossos vicios, & peccados; & sofrendovos toda a vida, seja o mesmo Deos offendido consentidor de vossas culpas! Pois desenganayvos, mortaes, q̃ pela vossa mesma vida ides correndo para a morte; & na ultima hora da morte, que póde ser muy cedo, para todo sempre dos sempres vos sepultareis nos infernos: corre o peccado para o inferno, como para a morte a vida; he a morte o termo prescripto do ligeyro curso da vida,

acnde

adonde pára, & termina a que corre mais vagorosa; he o inferno paragẽ infallivel de quantos voaõ pela culpa à morte eterna de sua alma, por mais tarda, & vagerosa, que meça o curso dos tempos: que doudice pois ha mayor, que hir correndo para hum lugar, & naõ querer chegar a elle? Que cegueyra ha taõ grande, como hirse a idade consumindo, & os peccados acrescentandose? acabarse a vida por horas, & querer a culpa por annos? hirse renovando a maldade, & nunca reformar a vida? Se vireis florecer as arvores, qual de vòs outros naõ diria, que estava perto a Primavera? Se metereis no fogo hũ madeyro, qual de vòs se espantaria de que elle se queymava, & fazia em pó, & cinza? Se florecereis nas virtudes, que muyto era, que confiados na graça de hum Deos taõ benigno, esperasseis da eternidade a inalteravel Primavera? Mas se ardeis como troncos seccos nas chammas de vossos peccados; se viveis como salamandras nas labaredas da vingança, da lascivia, da concupiscencia, do interesse, & da malicia, que muyto he, que chegando a morte, que se atea no mesmo vicio, vos convertais todos em pó, porque buscastes sempre a terra; vos desfaçais todos em cinza, porque vivestes sempre em braza; vos resolvais todos em sombra, porque acabastes sempre em fumos? Começarem a despirse as arvores daquelles seus verdes adornos, & daquella alegre esperança, com que Abril as fermosea, já he final de que o Estio mes toma estreyta residencia naõ só aos frutos, mas às folhas; naõ aos ramos, mas aos troncos: se pois começais a seccarvos na obstinaçaõ, que vos murcha; se vos despìs das esperanças, que nas virtudes reverdecem; que muyto he, que a vossa vida seja final do seu estrago, se as vossas mesmas sequidoens saõ annuncio do seu castigo?

O' mortaes: fazer o gosto ao vosso gosto tanto à custa de vossas almas, bem se póde fingir deleyte, mas naõ vos póde dar socego: gostos, que logo saõ ancia para depois, para quando saõ gostos? pezares saõ para sempre, & vanglorias para nunca: fazerdes zombaria de Deos, no caso, que fazeis da culpa; desestimardes o Ceo, fazendo gala de perdervos, como póde ser gosto d'alma, se he peste do coraçaõ? se credes, que ha Deos, & entendeis, que nesta vida ha de salvarvos, em má conta tendes a Deos, pois por maldades, & peccados esperais, que vos dè em premio a gloria: se para o vosso ultimo tempo guardais a emenda dos peccados, bayxamente tratais a Deos, pois quereis, que a sua

a sua bondade vos sirva com as condiçoens, que lhe poem o vosso delito: muyta conta fazeis de Deos, pois da vossa maõ entendeis, que estaráõ os mezes, & annos; a vosso serviço as Estrellas; a vosso mandado os destinos; & a mesma justiça de Deos às ordens da vossa maldade, & às desordens do vosso gosto.

Que mayor cegueyra ha no mundo, que naõ parar huma hora, nem ponto; nem sossegar noyte, nem dia correndo pelos despenhadeyros infernaes; & naõ repararдes hũa hora em que póde vir a parar tanto correr, tanto cahir? pudereis cobrar o perdido, o por perder, & o que se perde desse tempo, que se vos passa, em hũa só hora cada dia, em que discorreis no espirito o mal que correstes no seculo; & por naõ terdes na razaõ o mesmo discuso do tempo, perdese vos o tempo passado em naõ ser pezar do presente; frustrasevos o tempo presente em naõ ser tençaõ do futuro; baldasevos o tempo futuro em naõ ser desejo do eterno: naõ se cobra o tempo, q̃ se passa; naõ se detem o que se dura; naõ se tem ainda o que ha de vir; & vòs, passando todo o tempo, como se nunca passára, do passado fazeis vangloria pela jactancia do logrado; do presente fazeis desprezo pelas ambiçoens do futuro; do futuro fazeis tormento pelas saudades do perdido? Se sentis o tempo passado, he saudade do que foy; se chorais o tempo presente, he mágoa do que já naõ he; se vos doe o tempo futuro, he ancia do que naõ será; & devendo ser a vossa dor hum pezar do mao, que tem sido; hum dissabor, do que está sendo; & hum receyo do que ha de ser; nem vos lembrais do que passou, para emendar a vossa culpa; nem vos dá pena, o que se passa, para recear vossa morte; nem se vos dá do que ha de vir, para mudar a vossa vida? Oh homens, que perdeis o tempo, sem medir a perda, que tendes em cada hora, & cada dia! *Perdidimus diem.* Sentio hum Principe do mundo perder hum dia de vaidade; & vòs naõ sentis tantos dias, tantos mezes, & tantos annos, em que perdeis o amor de Deos, & em que vos perdeis para sempre? cada dia, cada momento, naõ sómente perdeis hum dia, mas tambem perdeis hũa eternidade; & naõ vos deyxa estremecidos a memoria de tantas perdas, & a certeza de tantos males, quantos ides acquirindo em cada momẽto de culpas, hũa eternidade de penas? Naõ menos, que a respiraçaõ, q̃ Deos vos dá a cada instante, devia ser o amor de Deos, & a lembrança de seus favores; & para o ultimn suspiro guardais a primeyra memoria, & o primeyro agradecimento?

Tit. Vesp. apud Sueton.

Baſtẽ pois, mortaes, baſte o tempo, que tendes dado à vaidade, & vivido em vaõ neſte mundo. Se por terra vos poz o mundo com os eſtragos de ſeus vicios; ſe vedes em voſſos eſtragos, que eſtaõ fumando eſſas ruinas, & todos ſaõ menos, que fumo em comparação das eternas; para deſapegarvos da terra, & dar as vélas à eſperança no mar largo do amor de Deos, ou no eſtreyto da penitencia, que eſperais tempo mais feyto, que quando as divinas moçoens vos daõ os ventos favoraveis dos gemidos, & dos ſuſpiros, que correm do Eſpirito Santo? Quem, para lançar ao mar amargoſo da penitencia tudo, eſpera marè mais de roſas, que quando as enchentes de Deos lhe poem nos olhos agoas vivas? Deos não olha para o paſſado, quando ha emenda de preſente; & o que ſe emenda de preſente, tudo lhe he facil de futuro: mas ay, que chega a advertencia, & naõ o deſengano; a occaſiaõ, & naõ a vontade! Oh laſtima, que venha chegando a perdiçaõ, & naõ ſe acabe de procurar o remedio! Oh cegueyra, que eſteja ameaçando a ruina, & naõ ſe procure o remedio! Oh deſventura, que ſe aveſinhe tanto o tempo da conta, & naõ haja quem trate de as dar boas! *Juxta eſt dies perditionis, & adeſſe feſtinant tempora.*

GOLPE XIV.

Si juſtus vix ſalvabitur, impius, & peccator ubi parebunt?
1. Petr. 4. 18.

Da ignorante confiança, que tem os peccadores de ſalvarſe ſem penitencia, quando muytos juſtos ſe vieraõ a perder por falta della.

GEMIDO XIV.

SE os juſtos apenas ſe ſalvaõ, (diz o Apoſtolo Saõ Pedro) adonde pararáõ os maos peccadores, & os perverſos? Perdèraõ-ſe os Anjos no Ceo; no Apoſtolado hum eſcolhido; na Igreja tantos dos chamados; os ſepultados nos Conventos; já defuntos nos deſertos; nos caminhos altos do Ceo tantos que cahiraõ no inferno; nas eſtradas largas do mundo tantos, que deſcem como nuvens ao mar eſcuro dos abiſmos: & naõ temem os peccadores, que o mais certo ſeja perderſe? & ſe temem, porque naõ ſe emendão? ſe não ſe emendão, como temem? & ſe não ſe emendaõ, nem temem; como dizem, que ſaõ Chriſtaõs? como crem em Deos? como o amaõ? como o reſpeytaõ, & o conhecem? Tremem os cedros do Libano, & naõ tremem as canas

Luc. 6. 13. &c.

canas do ermo? Confunde-se Jerusalem, & naõ palma Babylonia? Cahem as Estrellas do Ceo, & estaõ em pè as grimpas da terra? Eclipsaõ-se as luzes do Sol, & naõ se turba a sombra da noyte?

O' homens vesgos de razaõ, surdos de juizo, vazios de memoria, esquerdos de vontade, buçaes de entendimento; que fazeis, em que vos occupais? Nos ouvidos de hum S. Jeronymo soava a ultima trombeta todos os momẽtos do dia; nos olhos d'alma de hum S. Bruno estava sempre a cova aberta; cõ setenta annos de penitencia no deserto, tremia na hora da morte, naõ menos, que hũ Santo Hilariaõ; nas affiguraçoens de hum David o cercavaõ as penas do inferno; & que vendo isto o peccador, o que a bandeyras despregadas fez guerra a todas as virtudes: o que peccando à redea solta, foy odio do Ceo, & da terra; que o offendendo a Deos à escancara, foy de Deos publico inimigo, haja de estar muyto seguro, de que ha de ter salvaçaõ? haja de andar muyto contente, crendo, que a Deos lhe importa muyto rogarlhe com a sua gloria? Homens cegos: homens sem siso, que confiança vos engana? Por hum soberbo pensamento, que foy culpa de tres instantes, se perdeo a terceyra parte dos Anjos; por este só cahio no inferno condenado aos danos eternos aquelle medonho diluvio de tantos espiritos celestes; por hũa pequena maçáa, que comèraõ Adaõ, & Heva contra o preceyto de Deos, perdeo a graça todo o mundo, & só por isto sahiraõ logo do Paraiso desterrados; & aos mesmos que ainda estão por ser, alcança já agora esta culpa, que só parece, que entaõ foy: & não sendo os vossos peccados, nem hum só breve pensamento, nem hũa pequena maçáa, cuidardes, que sem penitencia haveis de escapar, do que naõ escapou hum Anjo? entenderdes, que nascendo em culpa, tereis mayor privilegio, que hum homem, que foy feyto em graça? & que vos salvareis como elle, sem o imitar na penitencia? que he, senaõ hum final evidente, de ser reprobros, & precitos? Os finaes, que ha de salvaçaõ nesta via de peregrinos, he seguir o caminho dos justos, temer, & amar a Deos; confessar a Fé com as obras, naõ quebrar sua ley com as culpas; cahindo em peccado, levantar pela penitencia; & levantando-nos, perseverar sem cahir: mas seguindo os passos de Caim; querer salvarvos como Abel; hindo pelas vias de Esaú, querer a bençaõ de Jacob; & vivendo como Ismael, querer acabar como Isaac, he cegueyra do vosso engano, he teyma do vosso delito, & he já pena da vossa culpa.

Já se Deos vos naõ avisára com tantos castigos do mundo, tivera còr, se naõ desculpa, o descuido da vossa vida: mas se estaõ gritando os exemplos; se nos dão vozes os castigos; & se só os eccos dos clamores, que nos dão as cinzas humanas, nos atroaõ as consciencias, que desculpa poderá ter huma tão surda obstinaçaõ? Para affogar com o diluvio todos os viventes da terra, cahio o Ceo em cordas de agua; para abrazar a Sodoma em chamas, choveo o Ceo hum mar de fogo; para subverter nos abismos o exercito de Faraò, todo o mar roxo foy sepulchro; para tragar o inferno em vida a Corè, Dathan, & Abiron, naõ só a terra se fez bocas, mas fez gargantas das entranhas: se pois a terra abrindo-se em bocas, vos está dando gritos; se o mar com rubricas de sangue vos escreve a final sentença; se as chamas com linguas de fogo vos estaõ dando avisos; & se ainda o Ceo ao lume dagua vos está dando tantos golpes; se todas as mais creaturas vos fallaõ, & vos prègaõ da parte de Deos; que fazeis, ò homens do mundo? que esperais? em que vos detendes? que mais vozes quereis do Ceo, que as lamentaveis de hum diluvio? porque naõ entendeis a lingua, com que o fogo vos ameaça? porque estais surdos aos clamores, que com silencios eloquentes vos repete hum mar de sepulturas? porque vos fingis ignorantes aos avisos, com que a terra do mais profundo vos brada? Affoguem-se já vossas culpas em hum diluvio de lagrimas; purifiquem-se vossas almas no fogo do divino amor; lavemse todas vossas manchas no mar do sangue de Christo; & tomem terra vossas vidas na lembrança de que sois pó; porque se fizeres isto, a terra se vos tornará Ceo; o Ceo vos choverà hum diluvio de graças; o mar vos levará a salvamento; & o fogo do Divino Espirito vos dará calor para seguir, & amar a Deos, naõ só na emenda, mas no exemplo da vida; naõ só morrendo, mas vivendo; não só na via, mas na patria: mas se assim o não fazeis, como duvidais, deque o Ceo vos negue a luz de Deos; que o fogo eterno vos abraze; que a terra se abra comvosco; que as ondas do mar vos sobvertaõ; & que os infernos vos sepultem?

Se olhais para a terra, vedes a vossa sepultura; se para o Ceo, a vossa patria; se para o ar, o garrote da vossa vida; se para o fogo, o castigo das vossas culpas; & se para os peccados, os verdugos de vossas almas: o mesmo inferno vos adverte, q̃ todos, os que lá estaõ, forão pelo vosso caminho; o mesmo Ceo vos avisa, que todos, os que lá estão por caminhos differentes daquel-

daquelles por onde vòs ides; a terra vos faz memoria, que se resolvèraõ em pó, quantos, como vòs, a pizàraõ; & o fogo vos dá por novas, que nunca desceo sobre a terra, mais que a ser verdugo de vicios; & finalmente os peccados vos certificaõ, que sempre foraõ ruina das almas: a terra diante dos olhos vos poem os semblantes da morte; o fogo à vista da razaõ vos poem as sombras do inferno, & semelhanças do juizo; o inferno aos olhos da Fé vos avulta eterno dano; & o Ceo com sua mesma vista vos annuncia as eternas glorias. E vòs, homens, cujas consciencias saõ mais escuras, & medonhas, que o mesmo dia do juizo; cujas vidas saõ humas mortes; cujas almas saõ huns infernos; sobre naõ cuidares no Ceo, parecevos cousa escusada, hypocresia, ou despropósito, ter o juizo na vontade, trazer a morte no juizo, & pôr o inferno na memoria? Quem vendovos gastar as horas; quem vendovos perder os dias, & esperdiçar mezes, & annos; cujos reditos naõ se cobraõ, cujas perdas naõ se restauraõ, cujos furtos naõ se restituem, naõ sentirá, naõ chorará, ver que perde o tempo da vida, da penitencia, & salvaçaõ, quem cada instante, & cada ponto, sabe que tem o tempo feyto para o anno da perdiçaõ, para o seu dia do juizo, & para a hora da sua morte? Todos os justos, que a temèraõ; todos os Santos que a cuidàraõ; & todos os bons, que se afligiraõ, foraõ nescios, & mentecaptos? Vòs sois sómente os entendidos, os atinados, & prudentes?

Peccadores, todo he dizerdes, que Deos he de misericordia: oh quanto se vè, que assim he, pois vos naõ tem tragado a terra, engolido o mar, abrazado o fogo, & sepultado os infernos! Porèm, que mayor desaforo quereis vòs fazer contra Deos, que querer, que a sua misericordia das largas, que dá para a emenda, vos faça ensanches para a culpa? Poderá haver mayor maldade, que querer, que Deos vos espere para o offenderes mais; & vos deyxe muy de vagar estender pelos vossos vicios, & que atè vòs naõ enfadares, & enfastiares de peccar tenha Deos muy santa paciencia; porque naõ haveis de emendarvos, se naõ quando vos parecer, quando for muyto vosso gosto, no ultimo quartel da vida? O' homens depravados, parecèvos, que para Deos sobeja hum comprimento da maldade, & hũa somissaõ da malicia? cuidais, que podeis enganallo, ou ao menos satisfazello com hum sempre prometer de emenda, em hum nunca acabar de peccar? Pois, que he isto, ou que póde ser, mais que arrogancia do peccado, &

falta do temor de Deos? Que he isto, mais que estar gloriosos, & de todo ensoberbecidos de haver injuriado a Deos? O' mortaes, que viveis sem luz: ó atheistas da razão: ó dogmatistas da cegueyra, desenganayvos, que ha inferno, ha morte, & ha de haver juizo: juizo para as vossas culpas, morte para a vossa vida, & inferno para vossas almas, se naõ deyxais vossas culpas, se naõ emendais vossas vidas, & se naõ purificais vossas almas: porque sendo a conta taõ estreyta, que apenas se salvaràõ os justos, quem, como vòs, he peccador rebelde, & obstinado, adonde cuida que ha de parar? *Si justus vix salvabitur, impius, & peccator ubi parebunt?*

GOLPE XV.

Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quod non cognoveris tempus visitationis tuæ.
Luc. 19. 44.

Do peccado da ingratidaõ, & seu castigo.

GEMIDO XV.

OH se conhecèras (dizia Christo a Jerusalem) o que ha de vir sobre ti! Se souberas Cidade ingrata, que depressà se haõ de mudar teus contentamentos em penas, teus faustos em estragos, tuas maquinas em ruinas, oh com quanta pressa tãbem a pompa se tornàra em luto, a alegria em tristeza, & a vaidade em desengano! Naõ ficarà em ti pedra sobre pedra, porque desconhecestes o tempo da tua visitaçaõ, conhecendo-o as aves do Ceo, os brutos da terra, os campos, os rios, & as plantas. Estas, ou semelhantes palavras dizia o Senhor à vista de Jerusalem, chorando a sua destruiçāo, o dia que ella com mayor triunfo o trouxe nas palmas, para lhe virar logo as costas com taõ perversa ingratidaõ, cõ mudança taõ repentina, que hum dia foy afronta, o que outro tinha sido applauso; hũ dia Cruz, o que outro triunfo: & isto mesmo diz o Senhor a cada huma alma Christãa, de quem no sentido moral he figura Jerusalem: *Ista Civitas est animas peccatoris.* Cidades de Deos saõ as almas; cujas portas saõ os sentidos; cujos muros, & fortalezas saõ as potencias interiores; a quem governa o alvedrio, armaõ as virtudes, & soccorre Deos, quando santamente se portaõ, & se guardaõ de seus inimigos; porque naõ deyxa perecer as suas obras; nem sofre, se fazemos alguma cousa da nossa parte, que as arruinem, & destruaõ as traiçoens da carne, os poderes do mundo, & as artes do demonio, que nos tem em sitio perpetuo;

Lyr. hic mor.

peito: porèm como a fraqueza humana de ninguem tanto se affeyçoa, como do seu mayor inimigo, naõ ha mal, que muy facilmente naõ ache entrada em nossas almas, porque lhe tem a porta aberta a nescia guarda dos sentidos: mas naõ he este o mayor mal, nem o que o Senhor lamentava; porque he muy facil o remedio das primeiras quedas da culpa, donde o cahir, & o levantar se tem juntado muytas vezes: cahir na terra quem a piza, naõ he dano muy perigoso, quando naõ he continuado; cahir de mais alto, ou cahindo, naõ tornar a levantar, este he o mal, que mais se teme.

A causa, pois, mais principal da nossa universal ruina, & das lagrimas do Senhor, he aquelle desconhecimento, & aquella grande ingratidaõ, com que naõ queremos ouvillo, entendello, & obedecello, desprezando aquelles favores, prodigiosos, & maravilhas, com que tantas vezes nos deu vista pelos cegos, gritos pelos mudos, doutrina pelos publicanos, & exemplo pelos escolhidos; sem que tudo isto bastasse, para que abrissemos os olhos lisongeados de humas sombras, que nos adormecem no apparente, para o cerrar ao verdadeyro. Chora o Senhor naquelles dias, em que melhor o recebemos, por antever com quanta pressa o deixaráõ de si as almas, crucificando-o com as culpas, que o naõ podem sofrer comsigo: chora o Senhor ser-lhe preciso assolarnos, & destruirnos; tanto he o amor, que nos tem, que ainda, quando nos ameaça, parece, que mais o magóa o nosso mal, que a sua offensa; taõ grande he a sua bondade, que ainda quando quer sobverternos, naõ desce o golpe do castigo, sem preceder o ameaço; naõ bayxa o rayo da justiça, sem que o trovaõ nos avise; naõ desembainha a espada, sem ter nas espaldas da ira o rosto da misericordia; por isso havendo de castigar a Ninive, mãdou a Jonas, & a Nahum, que lhe annunciassem os estragos de sua justa subversaõ: conhece, como pay piedoso, esta nossa fragilidade, taõ morta, taõ esperdiçada pelos sabores do seu mal, taõ cega pelos seus venenos, taõ namorada do peyor, que arrastando furiosamente, naõ só os respeytos da vida, mas os decoros da razaõ, ou se casa com o seu dano; ou se amiga cõ o seu perigo: porèm não póde consentir, ver que esta nossa ingratidaõ se jacte de o ter por amigo, ao mesmo tempo, em que traidora o vende, deyxa, & injuría pelo que he pouco mais de nada. Perdoou Christo à Magdalena, defendeo a mulher adultera, foy buscar a Samaritana, chamou a Saõ Mattheus, & admitio o Bom Ladraõ, deyxando

perder a Judas, porque o peccado da Magdalena foy vaidade; o da adultera, fragilidade; o da Samaritana, cegueyra; o de Saõ Mattheus, ambiçaõ; o do Bom Ladraõ, miseria; mas o de Judas, ingratidaõ.

Sente o Senhor ver a nossa perversidade tão levada do seu parecer, ou por achaque da arrogancia, ou por payxaõ do desatino, que estandolhe fazendo o prato, & ainda servindo-a de focinhos os gastos do divino amor, & os mimos da misericordia, naõ póde levar para bayxo mais que as viboras, & as serpentes; os escorpioens, & basiliscos, de quem só o gosto estragado tẽ insaciavel appetite: tanto em fim se tem depravado gostando de abominaçoens, saboreando-se em maldades, & ufanando-se nos delitos, que fazendo feyra a malicia das cousas pessimas, & torpes, compra o peccado a pezo de ouro, & vende o vicio ás rebatinhas. Em taõ grande altura puzeraõ os peccadores os seus peccados pondo huns sobre outros, que chegáraõ no mundo a ter estimação as culpas, & authoridade os vicios; de que nasce, que naõ só desaforadamente se atrevem a fazerse publicos pelas Praças, & gala pelas Cortes; mas ainda sacrilegamente a quererem veneraçaõ entre os humanos, esperando gabos da maldade, vivas do delito, & lisonjas da abominaçaõ, & perversidade; & daqui vem chegarem os peccados a porse sobre as cabeças; estado taõ miseravel, que nenhum remedio tem, se à medida da soberba naõ for a humildade da penitencia.

Destas mantilhas da soberba, em que se cria a ingratidão depois de nascer como vibora das entranhas do beneficio; desta gala da obstinação, de que se veste a contumacia, depois de ser como corisco, que rasga a nuvem, que o detem, faz manto, com que a Deos se quer encobrir, & gala, com que Deos despreza a impenitencia endurecida, quarta maldade de Damasco, a quem nunca Deos perdoou, porque sempre o desconheceo, resistio, fugio, & aggravou, & finalmente aborreceo no amor, em que arde, de seus gostos, & na vangloria das maldades, por cuja vista abominavel, naõ só vira as costas a Deos, mas cospindolhe na cara, o exaspera, & indigna a que já mais a queyra ouvir, ainda que nos ultimos gemidos, clame, & brade pelo Senhor.

Amos 1. 3.

Eis-aqui, mortaes, a razaõ, porque desta mortalidade não vereis na hora da morte ficarvos pedra sobre pedra; pedras saõ aquellas durezas, ignorancias, & sequidoens, com que a machina da vangloria edificou para a ruina, mais do que ergueo para

para a vaidade; por isso com fatal estrago ficaráõ todas derrubadas, & postas na morte por terra, para que nem dos sinaes do estrago tenha vanglorias a ruina; nem das grandezas da ruina lhe fique à fama essa vaidade; nem este escandalo à memoria: não ficará pedra sobre pedra, porq̃ assim como a maldade quiz fazer culpa sobre culpa; assim virá sobre os màos castigo sobre castigo.

Viráõ dias, ó peccadores, em que direis aos montes, que vos cubraõ, & aos outeyros, que vos escondaõ; porque se Deos castigou tanto o lenho verde da innocencia, por querer pagar nossas culpas; que ha de fazerse aos troncos secos da malicia, & obstinaçaõ, sobre quem clama cada dia o sangue do divino Abel? Abrirse-ha comvosco a terra, queyxando-se por tantas bocas, quantas foraõ as vossas culpas; & em fim subvertervos-ha o inferno no carcere de suas entranhas, entre cujas chamas escuras chorareis sem nenhum remedio aquella sentença final: Ide malditos para o fogo eterno, aonde estareis para sempre nas cadeas de Satanás: se ainda assim vos parecer o castigo mayor, que a culpa, cuiday bem a quem offendestes, aquella bondade infinita, aquella immensa Magestade, & aquella Omnipotencia eterna; & vereis com quanta igualdade vos paga tudo, o que fizestes.

O' mortaes: criaõ os homens hum bruto, para que os sirva; cultivaõ a terra, para que lho agradeça; & regaõ as plantas, para que lhe dem fruto: se o bruto os naõ serve, deytaõ-no de si; se a terra lhe naõ corresponde, deyxaõ-na, & naõ a lavraõ: & se as plantas naõ frutificaõ, cortaõ-nas para o fogo: se pois Deos vos criou, para que o servisseis: se vos cultivou, para que lho agradecesseis: se vos regou com misericordias, para que lhe desseis frutos de boas obras: que muyto he, que vos deyte de si, se lhe naõ servis para nada? que vos deyxe, se lhe naõ correspondeis agradecidos? & que vos corte para o fogo eterno, se naõ frutificais? vòs quereis ter razaõ contra o bruto, que a naõ tem; & deytallo de vòs, porque vos naõ servio? contra a terra, que naõ teve culpa, ainda que naõ vos correspondeo, & por isso a naõ cultivais? contra a planta, que naõ tem vicio, ainda que naõ vos désse bom fruto, & por isso a fazeis em achas? & naõ quereis, que a tenha Deos contra vòs, para deytarvos de si, para deyxarvos, & cortarvos com o cutello da justiça; se peccais contra a razaõ, que vos deu? se cahis na culpa, sabendo-a? & se gostais do vicio, advertindo-o? quereis, sem nunca dar

fruto, que vos regue Deos ſó para o vicio? quereis, ſem correſponder a Deos, que vos faça beneficios ſó para a ocioſidade? quereis, ſem o ſervir, que vos crie, & ſuſtente ſó para a ſem-razaõ? ſendo homens, que vos tornaſtes brutos; ſendo terra, que ſe fez mato; & ſendo plantas, que ſe fizeraõ agreſte? Pois, que quereis, que vos ſucceda, homens, que pareceis feras; terra, que naõ dá mais, que eſpinhos; arvores, que naõ tem mais, que folha; ſenaõ, que a todos vos diga na voſſa hora derradeyra, ou ainda antes deſſa hora. O' homens brutos; ó terra amaldiçoada; ó arvores infructiferas, pois para nada me ſervistes; pois nunca me correſpondeſtes; pois já mais me déſtes bom fruto; ide para o fogo eterno. O' creaturas peſſimas, que enchendovos de beneficios, & buſcandovos para o remedio, pagaſtes à minha liberalidade com ingratidoens, & ao meu deſvelo com deſconhecimentos; as voſſas ingratidoens, & os voſſos deſconhecimentos ſeraõ a cauſa da voſſa eterna ruina: *Non relinquent in te lapidem ſuper lapidem: eoquod non cognoveris tempus viſitationis tuæ.*

GOLPE XVI.

Lugebit terra, & mærebunt Cœli. Jerem. 4. 28.

Do ſentimento, que naõ ſó o peccador ha de ter da ſua perdiçaõ, mas tambem as creaturas.

GEMIDO XVI.

CHorará a terra (dizia Jeremias) & entriſtecerſehaõ os Ceos: mas como ha de chorar a terra, ſe ſó os humanos choraõ? como ha de entriſtecerſe o Ceo, ſe he centro de alegrias? Se a redondeza da terra ſe cobríra de tantos olhos, como tinha a roda admiravel, que vio ſobre ella Ezechiel: *Apparuit rota una ſuper terram, &c. & totum oculis plenum &c.* preſumiramos, que choràra, pois ver, & chorar, ſaõ officios, ou propriedades, que ha nos olhos. Se como pedio Jeremias fontes de lagrimas para os ſeus olhos, pedíra a terra às ſuas fontes olhos de agua, que choràraõ, entendèramos, que tinha lagrimas: mas ſe as lagrimas naõ ſaõ agua, pois ſaõ ſangue do coraçaõ, q̃ ſe deſangra pelos olhos: ſe a agua tambem naõ he ſangue; bem que a agua parece o ſangue, que corre pelas veas da terra; como póde chorar a terra?

Ezech. 1. 15. &c.

Jerem. 9. 1.

ra? quem lhe dará à terra olhos, & quem as lagrimas de sangue para chorar a sua culpa, & lamentar sua ruina? Mas se se diz, que se está rindo o campo, quando vestido de flores; porque se não dirá, que está chorando a terra, quando poem cilicio de espinhas? Se se diz, que vay rindo a manhãa antes q̃ o Sol dè luz ao mundo; porque se naõ dirá, que choraõ as alvas dos olhos do Ceo, & ao menos se melanconizaõ vendo no mundo cada dia mayores as noytes das culpas? Ria-se a terra para o Ceo, em quanto as flores das virtudes, com o bom cheyro dos exemplos; erão dos campos alegria, primicias dos altares, & para o Ceo perfumes: ria-se o Ceo para a terra, quando cahindo sobre a terra o orvalho das misericordias, naõ só aljofarava as flores, & crescia a fermosura; mas ainda os troncos estereis, & às arvores secas, & murchas avivava, & reverdecia.

Mudou a terra a condiçaõ, & viçosa com tanto regalo, mal criada com tanto mimo, usou mal das misericordias ingratamente; convertendo em veneno os beneficios produzio hervas sem proveyto, deyxou de florecer o prado, & não déraõ as plantas seus frutos: faltou logo o Ceo com o orvalho, as nuvens com sua brandura, & as manhãas com sua alegria; por cuja causa em breve tempo, as flores espiráraõ secas, o campo agonizou esteril, & o bosque pereceo inutil. Puxou a terra sequiosa pelo humor de suas entranhas, & com elle produzio abrolhos: puxou o Ceo pelos vapores, com que ainda assim fumava a terra; puxou pelas exhalaçoens, que do mar soberbo se erguiaõ, & naõ só se fizeraõ nuvens, q̃ a luz do Sol nos encubríraõ: naõ só borrascas, & tormentas, com que os ares se inquietàraõ; mas tambem rayos, & coriscos, trovoens, relampagos, & cometas com que o mundo se estremeceo: o Sol, & a Lua se assombrou.

Chegàraõ ao Ceo as maldades, com que os perversos peccadores se conjuràraõ contra Deos; cubríraõ o mundo de escandalos, de peccados, & de delitos, com que vòs homens, que sois terra, vos enchestes todos de abrolhos, figuras da offensa, & da culpa; de sombras, & de cerraçoens, que nos representão o mesmo. Quando naõ vemos luz no Ceo, he por ser tanta a escuridade, que sobre a terra se derrama, que chega com a sombra ao Ceo: se pois saõ tantos os peccados, & tao grandes os peccadores, que occupando a face da terra, & enchendo as longas regioens de tantas esferas do orbe, chegão já desde a terra ao Ceo; se se naõ vê mais, que

que maldades, com quem naõ mora a luz da graça; se impedem vossas liberdades com espessas perturbaçoens, & com cegueyras escurissimas, que a luz do Sol vos chegue aos olhos; como naõ chorará a terra? como se naõ entristecerá o Ceo? A terra, saõ os que amaõ a terra: *Terra, pro terræ amatoribus sumitur*; que só entaõ haõ de chorar, quando virem, que se perde tudo. Oh lastima! oh desventura! que já, que haõ de chorar os homens, naõ choraráõ pelo remedio, senaõ só pela perdiçaõ? não choràrão por dar gloria a Deos; choraráõ por perder aquillo, de que mais se vangloriavaõ?

Hug. Card. in Jer. 22. 19.

Eis-aqui porque se haõ de entristecer os Ceos, isto he, os homens Apostolicos, & os Prègadores Euangelicos: *Mœrebunt cæli, i. Sancti viri: cæli, i. Prædicatores*, por não poderem fazer fruto com todas suas influencias nesta terra amaldiçoada, depois de darem tantas voltas em beneficio dos ouvintes. Se pois sois terra, ò peccadores, & nella haveis de resolvervos, quem duvída, que desfazendo-se esse pó em cinzas caducas, choreis, quando já não tenhais remedio, porque naõ quizestes chorar, quando podieis ter emenda? vedes; que a terra de viciosa naõ produz mais, que hervas inuteis, & não mondais a vossa terra? por falta de ser cultivada, deyxais criarlhe asperamente balsas de silvas, & de abrolhos, & naõ pertendeis alimpalla? nos torroens, & na terra vil desse barro melhor córado, que se ha de ver mais, que vicios, se os naõ corta, & tira a disciplina, o cilicio, & mais armas da penitencia? se na terra mal rota do arado naõ importa semear trigo, porque as aves do Ceo lho levaõ; que se póde esperar da terra, a que falta toda a cultura? chegará o ultimo dia, & vendo-se amaldiçoada a terra, que nunca deo fruto, mais que espinhos, que atravessáraõ a cabeça de Jesu Christo, chorará; mas será sem fruto, a sua maldiçaõ eterna; tremerá, mas será em vaõ, pois o tremor a naõ virou; abrirseha, mas será tarde, para outro nenhum sim, mais que para fundirse aquella verde primavera de vossos annos mais floridos; aquelles campos deleytosos da sempre alegre mocidade; aquelles montes elevados de vossa arrogancia ostentosa; aquelles valles aprazìveis de tantas submissoens profanas; aquelles jardins agradaveis das lisonjas, & das mentiras; aquelles mais amenos prados de vossos vicios, & deleytes; todos desertos, & assolados, murchos, estereis, & despidos choraráõ verse empobrecidos de todo o decoro, que os orna; de toda a gala, que os guarnece; de todo o rego, que

Hug. Card. in Jer. hic, & in Ps. 18. 21.

os cultiva, sem haver homem interior, que os aproveyte, ou os habite; sem haver ave, que lhes cante; flor, folha, ou ramo, que os alegre, ficaráõ todos devastados, & feytos morada de brutos, ou couto aspero de feras, ou rudo leyto de serpentes: aquelle pó mais levantado, que querendo porse nas nuvens, foy eclipse do Sol da graça, abatido em sombras da morte, do mesmo dia será noyte, do mesmo inferno será trevas; & por isso dos Ceos mais alegres, seraõ as luzes, turbaçaõ; & o resplandor, melancolia, sentindo ver na noyte eterna, quanto na eterna claridade puderaõ ser tochas da Igreja, luz do mundo, & Estrellas do Ceo, com que se enchesse aquelle numero, a quem levou a terceyra parte a cauda do infernal dragaõ.

Mas naõ só a terra moral, que isto saõ os homens da terra; naõ sómente os Ceos metaforicos, q̃ isto saõ os servos de Deos, haõ de chorar, & haõ de sentir sua perdiçaõ lamentavel; mas ainda as outras creaturas sem sentimento, & sem razaõ, todos os orbes sublunares, toda essa maquina celeste, haõ de chorar, & haõ de sentir as offensas feytas a Deos, o que serviraõ aos perversos, o que criáraõ para os ingratos, & o que sofrerão aos precitos: chorará a terra elemental, ter sustentado tantos reprobos, desentranhandose-lhes em frutos, convertendose-lhes em thesouros, & desfazendose-lhes em regalos: gemeráõ as ondas do mar, por darem passo a tantos lenhos, que foraõ arca do interesse, mais que meyos da salvação: o ar se quayxará furioso, respondendo aos roncos do mar com bramidos tristes do vento, por darnos a respiraçaõ, com que anelamos aos delitos: o fogo com ardentes sanhas choverá rayos, & coriscos, porque em afronta do Creador concorreo com usos violentos em serviço das creaturas: o Ceo armado de cometas; o Sol de trevas, & de eclipses; a Lua de sombras, & sangue; os astros, de pavor, & assombro; o dia, de noyte, & medos; & todo o mundo finalmente de portentos, & de prodigios, seraõ terrivel espectaculo, & em fim tragedia temerosa de hũa vista, que será morte; de hũa dor que será inferno; & de hum mundo, que será cinza: & que sabendo isto os humanos, não cuidem nisto hũa só hora! mas, como se o naõ creraõ, nada cuidaõ; & se ocrem, & o cuidão, passaõ por isto sem pena, como se fora certo, que nunca haviaõ de passar por isto: oh magoa da razaõ! oh froxidaõ da Fé! oh perdiçaõ da vida! *Lugebit terra, & mœrebunt Cæli.*

GOL-

GOLPE XVII.

Filii hominum usquequò gravi corde: ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?
Psalm. 4. 3.

O amor dos homens ao caduco & terreno he a queyxa de Deos offendido.

GEMIDO XVII.

ATè quando (se queyxava Deos por David) atè quando, ó filhos dos homens, imitadores de seus vicios, com taõ pezado coraçaõ haveis de amar a vaidade, & fazer caso da mentira? Que razaõ, pois, teria Deos para queyxarse tanto aos homẽs do pezo de seu coraçaõ, se hũa vaidade, & huma mentira saõ cousas de taõ pouco pezo? como dá mostras, que se cansa de esperarlhes já estes quandos, se em delitos de mayor vulto, lhes dissimulou tantos tempos? Ora, a meu ver, a mayor causa deste queyxume do Senhor, foy ver, quanto mais pezava nos coraçõez dos homens o amor das cousas caducas, & vans, q̃ o das eternas, & divinas. He o amor como pezo, segundo nos deo a entender Santo Agostinho: *Pondus meum amor meus.* Saõ os corações como balanças, conforme nos affirma o Cardeal Hugo: & he o amor, como pezo, & o coraçaõ, como balança: *Statera est cor hominis*; porque para ahi mais se inclina para onde o pezo he mayor: não ha balança sem pezo; naõ ha coração sem amor; ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar, quem tem coração; peza-se nos nossos corações hora o amor de Deos, hora o amor do mundo; se peza mais o amor de Deos inclinando-se para o Ceo, para ahi inclinamos o coraçaõ; se peza mais o amor do mundo, inclinamonos para a terra: & a razaõ he; porque todas as cousas buscaõ naturalmente o seu centro, & fóra delle estaõ violentas; o pezado desce para bayxo, o leve sóbe para cima, obedecendo a estas qualidades, de que o vestio a natureza; porque he a levidaõ huma qualidade, que nos leva acima; a gravidade outra, que nos traz para bayxo: por isso a pedra deytada ao ar, naturalmente cahe, porque vem aquietar no centro: por isso o vapor da terra naturalmente sóbe ao ar, porque tudo o mais lhe he violento. Vay o amor do mundo para bayxo, naõ só porque he bayxo o seu termo, mas porque he muyto grave o seu pezo, & saõ sempre muyto pezadas as suas mesmas vaidades; assim o dizia Isaias: *Onera vestra gravi pondere.* Vay o amor de Deos para cima, naõ só, porque o seu centro he alto, mas porq̃ o amor de Deos he muy leve; assim o dizia

August. tom. 1. lib. 13. Conf. cap. 9. ante fin.

Huc. C. in Prov. 11. 1. mist.

Isai. 46. 1.

dizia o Senhor: He pezado o amor do mundo, & he muy leve o amor de Deos: *Onus meum leve*; porque he propriedade do amor transformarnos no que amamos; se amais a terra, dizia Santo Agostinho, sois terra; se amares a Deos, Deos sereis: *Terram diligis, terra eris: Deum diligis, quid dicam? Deus eris.* Donde se deyxa ver, que sendo a terra pezada, pezado he o amor da terra; & sendo Deos todo espirito, & espirito o amor de Deos, he o amor de Deos muyto leve.

Matth. 11.30.

August. tom.9. tr.2. in Epist. Joan. in fine.

A vaidade, que pezava tanto nos coraçoens dos homens, diz Hugo Cardeal, que eraõ os seus idolos a mentira, os bens temporaes: *Vanitatem, id est, idola vana, vel terrena ista: & quæritis mendacium, id est, temporalia.* Como pois pezariaõ pouco, & voariaõ para Deos huns coraçoens taõ cheyos de idolos, & do amor das cousas da terra, que saõ pezo muy carregado, ainda que o pezo seja de ouro? E como se calaria Deos, que espreyta os coraçoens dos homens, vendo-os a todos cheyos de idolos, que isto saõ aquelles seus gostos, & aquellas cegas affeyçoens, por quem perdem o amor de Deos, se esta foy já do mesmo Deos a mayor dor do coraçâo, que lhe fez castigar o mundo com o diluvio universal: *Tactus dolore cordis intrinsecus?* Por isso se queyxava Deos, porque pezavaõ tanto os idolos nas balanças dos coraçoens, que em fim declinando os fieis da igualdade da justiça, com que se peza a ley de Deos, carregadôs do amor do mundo, déraõ em terra com a balança: pezáraõ mais, que Deos, os idolos; pezou a terra mais, que o Ceo; pois affastando-se do Ceo o pezo vaõ do amor do mundo, descançou o pezo na terra, tanto sem pezar dos idolos, que ainda das culpas fez amor, porque fez amor da vaidade: *Diligitis vanitatem.* Por esta razão, a meu ver, disse David em outra parte, que a si mesmos não eraõ fieis, mas falsos os filhos dos homens no pezo de suas balanças: *Veruntamen mendaces filii hominum, &c.* pois pezava na sua estimaçaõ mais o nada, que o que tem ser; mais, que a razão, o desatino; mais, que o eterno, o temporal: eisaqui porque os coraçoens saõ balanças aleyvosas; naõ só naõ pezão ouro fio os bens do Ceo com os da terra, mas ainda postas de huma parte as temporaes felicidades, com o triste contrapezo das eternas tribulações, & da outra as glorias infinitas, estas pezaõ menos, ainda que valem infinitamente mais; & essoutras estimaõ-se mais, ainda que naõ valem nada: as cousas, que nos vende a terra, ou com que nos compra, & nos vende, saõ caras pelo que se estimão;

Hug. C. hic.

Genes. 6. 6.

Psalm. hic.

Psalm. 61. 10.

& pelo què custaõ, pois custaõ a vida, & custaõ a alma; & cada vez valem mais, porque cada vez se prezaõ; as do Ceo, ainda q̃ saõ de graça, naõ ha quem as queyra, porque naõ ha quem as peze, nem quem as estime. Trocou-se o amor de Deos em amor dos idolos; trocou-se o amor do Ceo em amor da terra; fizeraõ-se almas de terra, & coraçoens de pedra, os que ainda sendo corpos, haviaõ de ser espiritos, ou ao menos corpos celestes. O rudo alimento da culpa naõ só he prato da maldade, mas idolatria do gosto; o suave manjar da graça naõ só he fastio das almas, mas aborrecido desprezo da humana profanidade: todos se fizerão idolatras, porque aos idolos do seu gosto dão os homens a adoraçaõ, o decoro, & toda aquella ancia, q̃ a Deos sómente se devia; & apegou-se desorte ao mundo este visco do seu engano, que ainda hoje os mais dos humanos se deleytaõ com os seus idolos. Mayor he hoje a idolatria, que a da cega gentilidade; porque se Labaõ, que amava o ouro, fazia do ouro os seus idolos; que muyto era, se era idolatra? Que Cesar adorasse a fortuna, & por isso lhe levantasse templos; que muyto foy, se era gentio? Que Epicuro pozesse a gloria nas superfluidades da gula; que muyto he, se era hum barbaro? Mas que se veja hoje no mundo entre Catholicos, que os que tem a Deos por seu Deos, tem os seus idolos no ouro, tem por seu idolo a fortuna, tem o ventre por seu Deos: *Quorum Deus venter est*, *&c.* adorão a torpeza, venerão a maldade! oh que he isto mais, que idolatria?

Ad Philip. 3. 19.

Nos tempos de Ezechiel se queyxava Deos, de que o seu povo lhe fugia: *Recesserunt à me in cunctis idolis suis.* E porque fugiria a Deos naquelle tempo o seu povo? O mesmo Ezechiel o diz: diz, que corriaõ atraz dos idolos os coraçoens de todo o povo: *Post idola cor eorum gradiebatur.* Para correr saõ necessarios pès; os pès do coraçaõ saõ os affectos, & desejos: *Pedes nostri, affectus nostri sunt*, com que naõ só anda, & corre, mas azas, com que voa; com os affectos do coração corrião logo aquelles idolatras atraz dos idolos, que adoravaõ: & hoje naõ só os coraçoens, mas os sentidos, & potencias correm tambem com os affectos atraz dos idolos: tem idolos o entendimento; pois tem muytos por divindades os seus mesmo entendimentos, & ainda as idèas da ignorancia: tem seus idolos a vontade; porque muyto à sua vontade busca cada qual o seu idolo: a memoria tambem tem idolos; pois saõ idolos da memoria todas aquellas vaidades, que gostosamente nos

Ezech. 14. 5.

Ezech. 20. 16.

August. tom. 8. in Psal. 94. vers. Venite, &c.

nos lembraõ: tem idolos a imaginaçaõ; pois atè as figuraçoẽs de q̃ a affeyçaõ nos faz imagens, ſaõ do cuidado idolatrias: os mais ſentidos tem ſeus idolos, quando fazem de ſeus objectos final deleyte do ſeu goſto: os olhos tem ſeus idolos, pois vemos, que cegaõ por ver, quem a olhos viſtos os cega: tem ſeus idolos os ouvidos, pois ſe tapaõ a quem os aviſa, para abrirſe a quem os engana, & encanta: o coraçaõ tem tantos idolos, quantos adoraõ as potencias, & ſentidos, fazendo-ſe altar de todos, os que por eſtas portas entraõ. Se pois os idolos cahíraõ, quando veyo o Senhor ao mundo; quando elle vem às noſſas almas com auxilios, & inſpiraçoens, porque naõ cahe, ó peccadores, toda eſſa maquina profana de voſſos enganoſos idolos? Cahi pois, cahi na razaõ, & cahiráõ por huma vez eſſas fingidas divindades, & eſſas adoradas mentiras, que vos tem a razaõ ſem cor, o juizo ſem luz, & a verdade ſem figura, para que naõ ponhais os olhos, adonde pondes a cegueyra. Deſpejay os vaſos de Deos da peçonha de Satanás, para que Deos os poſſa encher de ſeus licores ſuaviſſimos. Deitay fóra dos coraçoens os idolos, & entrará Deos, que naõ ſofre os ſeus apoſentos occupados de outro Senhor. Nos vaſos cheyos de veneno, que importará deytar triagas, ſe eſtas haõ de cahir fóra, & elle ſe ha de ficar dentro? Dous contrarios taõ grandes, como ſe podem ajuntar? ou Deos ha de reynar nos voſſos coraçoens, ou o demonio. Deytay eſſe pezo do coraçaõ, que o arraſta aos infernos: pezo he do coraçaõ, & morte d'alma qualquer peccado mortal, que naõ aborreceis, ou ſeja mais, ou menos grave; & hum ſó para vos tirar a vida da graça, ſobeja; aſſim como para matar, tanto monta, que vos chegue ao coraçaõ a ponta de hum alfinete, como a ponta de huma lança. Acabay de aborrecer tantas vaidades, & mentiras; como atègora adoraſtes; & tratay de amar a verdade, que he o meſmo Deos, & ceſſaráõ as queyxas, que contra vòs, ò filhos dos homens, & naõ de Deos, dá o meſmo Senhor: *Fili hominum uſquequò gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?*

GOLPE XVIII.

His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.
Zachar. 13.6.

Quanto sente o Senhor as offensas dos Catholicos; & como as suas queyxas saõ para a nossa emenda.

GEMIDO XVIII.

QUe Chagas saõ estas, meu Senhor (perguntava Zacharias a Deos) que vejo nas vossas mãos? Estas, respondeo elle, saõ as que recebi em casa de meus amigos. As offensas dos amigos, saõ feridas abertas, feridas mortaes, chagas q̃ naõ tem cura; porque saõ golpes sem reparo, mal sem remedio, & dor sem satisfação: começão por onde acabaõ as offensas dos outros homens; porque saõ traiçoens padecidas primeyro, que imaginadas; olhaõ-se, & não se imaginaõ; recebem-se, & não se crem; sentemse, & naõ se cuidão.

Desacostumada pena, & mágoa naõ sofrivel he aquella, que sem prevenilla o susto, cahe sobre o alvoroço; porque não só se padece a dor, que he condição da pena, mas dobrado aquelle tormento, que a razão não cuidava no gosto, que se prevenia: ir colher flores, & achar aspides; esperar mimos, & achar venenos; levar pedradas, donde se esperavaõ caricias; punhaladas, donde se achavaõ abraços, tanto he mayor dor do coraçaõ, quanto foy menos a suspeyta do receyo, & quanto mais he novidade da experiencia: he agua, que cahe no fogo, que naõ se abraza sem a queyxa do ruido, & fumo que se ergue: he luz de Sol eclipsado, que he mais nociva em hum só dia, que nos mais rigores do Estio: he mar, que nos leva ao fundo, depois de nos meter no porto: & he polvora, que nos mina, metendo-senos debayxo dos pès: por isto se queyxava Deos, que na casa dos seus amigos se lhe tinhão feyto as chagas, & naõ feridas; porque as feridas curaõ-se, as chagas naõ se curão bem: as feridas, porque se soldaõ, se curão; as chagas não se curaõ, porque se não soldaõ: daquellas os mayores sinaes saõ hũa reconciliação muda das partes divididas, que se tornáraõ a ajuntar; destas, como se naõ chegão a unir, as fistulas saõ bocas, os silencios saõ gritos, & as dores saõ razoens: saõ hũas dores em aberto, que se queyxão por tantas bocas, quantas saõ as bocas das chagas; & por isso lhes não chama o Senhor feridas, mas com grande propriedade, chagas.

Naõ se queyxa o Senhor daquelles, que naõ conhecem o seu

seu nome, que vivem em diversa ley, & que em fim saõ inimigos seus; pois destes, o que se espera, he seguirem, como atègora, o bando da perdiçãõ, os exercitos da ignorancia, & os estendartes da cegueyra: queyxa-se daquelles amigos, que prezando-se de muy Catholicos, pondolhe o joelho no chão, & confessando-o por seu Deos, cada noyte o vendem, cada dia o açoutão, por cada rua o arrastão, & cada passo o crucificaõ dentro de suas mesmas casas: (que casas de Deos saõ as almas, donde toda a sua delicia he estar com os filhos dos homens) de que nasce, que contra Deos o mesmo demonio se está jactando, de que naõ foy vendido pelos homens, & elles o buscaõ mais que a Deos; de que naõ foy açoutado por amor dos homens, & elles mais que a Deos o servem; de que naõ foy crucificado pela redempção dos homens, & elles mais, que a Deos o adoraõ: com que fica muy ufano o demonio, perdidos os homens, & Deos afrontado na casa dos seus amigos: esta he a dor, estas as chagas, estas as lastimas, & as queyxas do Senhor; porque insignias arrastadas pelo desprezo, de quem foraõ estimação; joyas metidas debayxo dos pès, de quem as ponha na cabeça; plantas arrancadas pela maõ de quem as dispunha, saõ injurias, que avultão muyto; saõ espantos, que não podem ser menos; & saõ aggravos, que parecem mais.

Ex consideratione S. Cypr. tom. 2. lib. de oper. & eleemosin. ante fin.

Ainda assim, se queyxa o Senhor, & do infinito amor, que nos tem, não ha mayor final, que esta queyxa sua; porque a dor, que se queyxa podendo ser vingança, começa queyxa, para acabar desafogo: será impaciencia do aggravo, será reprehensaõ do descuido; mas he desejo de satisfação: & quem quer a satisfação, faz diligencias à desculpa de quem lhe escandalizou a Fé; poemse da parte de quem o offende; naõ se arma cõtra o delito; quer, & não aborrece; roga, & não engeyta; obriga, & não ameaça: & a razão he; que para huma dor, que se saborea na queyxa, naõ ha satisfação, que seja desenxabida, todas saõ gostosas; porque gostosamente abraça o arrependimento de quem pecca; & amorosamente agasalha a reconciliação de quem torna, quem ensina com o queyxume, & ainda com o agastamento, o descuido da satisfação. He a queyxa hum brado, que chama, & não escandalo, que affasta: he pedra de cevar, que atrahe, quando he perdrada, que se tira: he anacardina de amor, que serve de fazer memoria: he despertador da affeyçaõ, que serve de acordar descuidos: he sainete de enfa-

 stiados,

ſtiados; que ſerve de abrirlhes a vontade: he carta de ſeguro do queyxoſo, que ſerve de dar confiança: & he mexerico do deſejo, que ſerve de fazer aviſos: taõ perto eſtá de ſer caricia, logo que começa a ſer magoa, que atè nas carrancas da ira, he geſto de mayor amor, ou rayva de o naõ deyxarem ſer.

Queyxa-ſe o Senhor, podendo-ſe vingar; porque as ſuas chagas, ainda que as abrio a noſſa culpa, & as fiſtulou a noſſa obſtinação, tem a dor, mas não a condição das chagas dos outros homens: não tem a condição: porque ſe deyxaõ ſarar de hũa liſonja enternecida, quanto mais de hũa ancia namorada: de hũa affeyçaõ diſcreta, de hũa tribulação contrita, & de huma caricia maviosa: tem a dòr, porque lhe doe muyto a Deos o pouco, que curamos delle; ſendo huma lagrima do noſſo arrependimento o ſeu oleo d'ouro; o jejum, o ſeu unguento; hum acto de amor, o ſeu cauſtico; & hum cilicio a ſua atadura. E a ſua magoa mais intrinſeca, a offenſa, de que mais ſe doe, o mal, de que mais ſe laſtima, o erro, de que mais ſe ſente, he ver, que o deyxamos ſem cura na noyte de noſſa cegueyra, & ao ar de noſſas vaidades, por lhe não pôr a noſſa emenda, o jejum de hum dia, o cilicio de hũa hora, as lagrimas de hum momento, & o amor de hum ponto: eſtá moſtrandonos as entranhas por cada qual de ſuas chagas, como gritando ao peccador, que todas ſaõ miſericordia; & por naõ tella do Senhor, não ha quem queyra olhar para ellas.

O' mortaes: ó peccadores: o primeyro effeyto do peccado he a cegueyra, com que vos tira a viſta d'alma, para que naõ poſſais ver com os olhos o meſmo, que tendes à viſta: o ſegundo he o deſatino, com que corre a precipitarvos; porque foy ſempre o precipicio filho mais velho da cegueyra: o terceyro he o amor proprio, com que perdeis o amor de Deos: o quarto he odio de Deos, com que vos affeyçoais a aborrecer ſua juſtiça, porque temeis, que vos caſtigue: ſe vos convẽ cegar, por iſſo naõ olheis para aquellas chagas, & perdereis em hum abrir de mãos, o que não quizeſtes ganhar em hũ voltar de olhos: ſe vos eſtá bem precipitarvos, deyxayvos ir por eſſes riſcos, & deſcobrireis na queda ſem remedio, o que naõ quizeſtes evitar ſó com hũa volta de vida: ſe vos ſerve o amor proprio, naõ trateis do arrependimento, & ſabereis no caſtigo, o que grangeaſtes na culpa: ſe achais, que he bom ter odio a Deos, naõ eſtranheis ir aos infernos, porque haveis de conhecer na morte, o que deſprezaſtes na vida. Olhay pois para as

cha-

chagas q̃ fizestes ao vosso Deos, Senhor, Creador, Redemptor, Pay, & Amigo com vossos peccados, sendo de profissaõ seus amigos: ouvi, para aproveytarvos da sua misericordia, as queyxas que de vòs dá, sendo de sua casa: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.*

GOLPE XIX.

Popule meus, quid feci tibi, aut quid molestus fui tibi? responde mihi. Mich. 6. 3.

Continuaõ as queyxas, que dá o Senhor das nossas culpas, por serem ingratidoens a seus beneficios.

GEMIDO XIX.

POvo meu, que mal te fiz, para que me offendas? em que te molestey, para que me aggraves? respondeme. Esta queyxa mandou Deos fazer ao seu povo pelo Profeta Michèas, lembrandolhe juntamente, que o havia livrado da escravidaõ do Egypto, para que à vista do beneficio fosse mais fina a ingratidaõ: & esta mesma queyxa manda fazer todos os dias pelos seus servos ao seu povo Christiaõ, de quem o outro foy figura, lembrandolhe tambem, que pelo mar vermelho do seu sangue, pelos milagres da vara de sua Cruz nos livrou do cativeyro do demonio, com que a cega gentilidade de nossos antigos avòs entre seus erros perecia. Se cuidarmos bem, no que Deos nos tem feyto, para que, como por vingança, o offendamos todas as horas, & o mais de nossa vida, veremos, que tudo quanto temos, excepto o peccar, recebemos de Deos: todos os bens, que ha nesta vida caduca, & o que parece fortuna, ou do que he natureza, ou do que foy graça; & todos, os que consideramos em nòs, ou communs, ou particulares, foraõ dadivas da maõ de Deos: veremos, que nos fez de nada, que nos criou, & nos deu vida, nos conservou, nos adoptou por filhos, que nos redemio de antemaõ, q̃ nos chamou, naõ poucas vezes, que nos perdoou outras muytas, que nos sofre todos os dias, & nos espera cada hora; & em fim hum sem conto de beneficios, hum sem numero de misericordias, hũ sem cabo de mercès, & bens, assim da graça, como da natureza, & fortuna, que cada qual nas regras da sua experiencia, ou no livro da sua vida poderá ver, soletrear, & ler.

Metidos estavamos todos no profundo abismo do nada, naõ só ha seis mil annos pouco mais, ou menos, em que o mundo teve principio, mas desde a eternidade, sendo ainda menos, que huma sombra, que hum ouçaõ, & que hũ argueyro; tirounos Deos

deste naõ ser nada, que eramos ha poucos annos antes de criarnos, que he o peyor, que póde ser, para fazernos imagens suas; & sendo o primeyro solar desta terrena natureza o lodo vil, de que nos fez, nos honrou dandonos huma alma com as fidalguias de espirito, & fóros de immortalidade, podendo-nos criar na Libia, ou em outros climas apartados da Fé, & do Bautismo, & mais Sacramentos da sua Igreja Catholica, ou em outras gentes, & naçoens estrangeyras da Ley de Christo, nos trouxe seu eterno amor ao collo das misericordias, criando-nos, & sustentando-nos com a nata da Christandade, com o melhor leite da Igreja, & ao bafo de seus beneficios, depois de nos ter escolhidos para filhos seus desde o ventre, regenerados no bautismo, adoptados da sua graça, & allumiados pelas tochas de tantos Doutores sagrados, que nos deyxou por luminarias da noyte de nossa ignorancia; nascendo na terra taõ pobres, que sahimos nùs a este mundo: de todas as mais creaturas, que nelle poz, para servirnos, nos deu o uso, & dominio, para que dellas naõ ficasse féra nos campos, ou nos montes, de cuja grosseyra librè naõ podessemos fazer vestido; naõ só nisto nos prevenio para a desnudez reparos, mas fazendo que as mais creaturas trabalhassem só para o homem, tratando-o como Senhor seu, naõ ficasse bicho nos bosques, ave no ar, ou flor na terra, sem que obediente a seus imperios para o vestir de melhor gala, para o coroar com mais pompa, & ornallo de mayor belleza, tambem lhe naõ offerecesse tudo, o que o bosque lavra de sedas, fazendolhe tear das arvores; tudo, o que o ar tremóla em plumas, fazendo guarda-roupa os ventos; tudo o que Abril lhe borda em cores, fazendo bastidor dos campos; abrindolhe tambem a terra mais esteril, & a mais inutil em rios de prata, em poços de ouro, em minas de diamantes; desentranhandolhe do mar o coral, o ambar, & as perolas, naõ só enriqueceo o homem, & o fez servir de quanto vive, mas ainda fez, com que lhe fossem feudatarios os elementos moyto antes, que a presumpçaõ de nossa soberba vaidade suspeytasse dos seus poderes esta servidaõ das creaturas: encheo o Ceo de Estrellas, o Sol de luzes, o ar de ventos, o mar de peyxes, & a terra de frutos, só para servirem ao homem, obrigando-se a Omnipotencia a conservallas em seu ser só a fim de nos conservar, querendo com estes, & outros extremos de seu amor incomprehensivel, que tudo fosse para nòs nos honestos usos da vida, & nòs sómente para elle pelos fóros da Ley da Graça.

Naõ contente sua bondade infinita com taõ supremos beneficios, cada momento nos offerece huma eternidade de glorias, a troco de que naõ queyramos por outro momento de culpa hũa eterna duraçaõ de penas; & havendo condenado a ellas por toda a eternidade a outros muytos peccadores, que cahíraõ em menos culpas, que nós outros, tantas vezes nos tem livrado das escuras chamas do inferno, quantas temos peccado mortalmente no discurso de nossa vida, & cahido nos erros do nosso discurso, no enleyo da nossa vontade, trocando o officio da razaõ, em vangloria do desatino: mas passando muyto alèm destas rayas, que pareciaõ *non plus ultra*, com particulares vocaçoens nos chamou, & especialmente pelos ecos de nossas almas nas inspiraçoens interiores, por nossos bens, por nossos males, por castigos, por beneficios, que tudo saõ vozes de Deos; pois apenas póde haver alma, das que tem Deos no gremio da Igreja, que alguma hora, ou algum dia, & por muytos dias, & horas naõ visse, que Deos a chamava pelos brádos dos Prègadores, pelos conselhos dos Confessores, pelo exemplo dos reformados, pela vista dos penitentes, pela liçaõ dos livros, & pelos mesmos fastios, que os gostos do apetite humano deyxaõ; quando naõ pelos gritos mudos, que estaõ dando por toda a parte tantos portentos, & prodigios, que saõ nossos accusadores; atè pelas bocas dos mortos, pelas sombras da perdiçaõ, & pelos vultos do castigo. E finalmente o beneficio, que excede todo o encarecimento, que naõ cabe em nenhuma humana consideraçaõ, que naõ cabe nos limites de toda a correspondencia, de chegar o mesmo Deos a fazerse homem, para com huma morte taõ afrontosa, & horrenda nos livrar da eterna prizaõ; pagando com o infinito preço de seu Sangue Santissimo as dividas de nossas culpas, que naõ podiaõ satisfazer todos os cabedaes humanos.

Eis-aqui pois, ò peccador, os males, que Deos te tem feyto, & os aggravos que tens sentido, naõ fallando em milhares de outros, que cada qual dentro de si pudéra ver, se bem se olhára: creoute de cousa nenhũa; redemiote sem merecerlho; conservate, ainda em sua offensa; servete, sendo teu Senhor; perdoate, quando offendido; chamate, quando queyxoso; & affagate, quando aggravado. Responde pois ao teu Senhor, ao teu Deos, Pay, Creador, Redemptor, & Salvador, que te manda, que lhe respondas. Que mal te fez, se te creou? em que te aggrava, se te espera? em que

te afflige, se te anima? em que te offende, se te sofre? em que te afronta, se te ama? & ve se tens, que responderlhe, se naõ sómente, que peccaste, que foste ingrato, & fementido, ruim, perverso, & depravado; & que te peza entranhavelmente do gosto, com que o aggravaste; da vangloria, com que o deyxaste; & de todo o mal, que fizeste: faze honra de ser agradecido, capricho de naõ ser mais ingrato, pundonor de ser fiel, fidalguia de naõ ser traidor, primor de ser constante, & valentia de naõ tornar a cahir em offensa algũa de teu Deos, de teu bemfeytor, de teu Rey, & de teu Senhor, para que evitando assim as culpas, cessem as suas queyxas: *Popule meus, &c.*

GOLPE XX.

Excutere de pulvere, consurge, sede Jerusalem: solve vincula colli tui captiva filia Sion Isai. 52. 2.

Da grande piedade com que o Senhor convida com sua graça, ainda as almas dos peccadores mais destragados.

Gemido XX.

POr Isaías disse Deos estas palavras à Cidade de Jerusalem, que he figura de nossas almas: & saõ, como se dissera a cada qual das almas Christãas: Alma mais dura que essas pedras dos muros de Jerusalem; alma minha, a quem eu criey, naõ menos, que para espoza minha; sacodete do pó, que te tem cega; mete já debayxo dos pés o pó de tua humanidade; deyta de ti tudo o que he terra, & lembrate do Ceo sómente; deyta de ti tudo o que he carne, & ficate no que he espirito; levantate, que estás cahida de minha graça no lodo, & immundicias de tuas culpas; trata de fazer assento em meu serviço, & de te naõ apartares de minha vontade; soltate dessas prizoens, com que arrastas escravidaõ taõ pezada do cativeyro do demonio, que se jacta a tua cegueyra, de que a tenhaõ por bem prendida: essas cadeas, & colares, com que te adorna o teu delito, & te enfeyta a tua vaidade, cadeas saõ, mais do que adorno; colares saõ, & naõ enfeytes, com que intenta o mesmo demonio, quando te ata a liberdade, saborearte a perdiçaõ; parecem joyas do deleyte, & saõ insignias do castigo, com que nos triunfos do mundo, te prende ao carro como escrava; parecertehaõ nós de rosas, mas adverte, que saõ nós cegos.

Esse pó, que te poem nos olhos, parecete venda do amor, & he engano, com que te compra

pra a melhor vista da razaõ; parece amor, & he invençaõ, com que atè às aras da morte te tapa os olhos, como a victima; bemquistate assim a cegueyra, porque a tudo feches os olhos, & naõ abras os olhos d'alma, senaõ dentro na sepultura: se a vida he vento, o homem pó, os vicios laços, morte a culpa: como, sendo guerra esta vida, & huma continua guerra, & perpetua tentaçaõ, queres que o ar da mesma vida te cegue os olhos do discurso com o pó, que levanta a vaidade, para que cahindo nos vicios com que te armaõ teus contrarios, te colha a morte em os laços, com que te prendem tuas culpas? Se com o baraço na garganta te tem deyxado tantas vezes a miseria de teus peccados; se parece, que a cada passo, em que o demonio te despenha, póde a morte apertar o laço, & o castigo tomarte a respiraçaõ: como dando tantos nòs cegos no mais corredío da vida, naõ tens ainda hum nò na garganta com o pezar do que peccaste, tendote posto em tanto aperto os do peccado em que cahiste? Cuidas, que andas muyto livre, & muyto senhora de ti, todo o tempo de distrahida, & em quanto segues taõ solta corrente de teus vicio? pois enganaste; porque só nelles perdeste a tua liberdade: aquellas mesmas correntezas, com que blazonaste de livre, correntes saõ, donde te meteste como preza, & como cativa: aquellas mayores solturas, com que correste desenvolta a carreira de teus apetites, saõ grilhoens, com que a mesma culpa te lopea, & maniata; grilhoens saõ todos os passos, que déste para o desatino; algemas, todas as acçoens, com que obraste a maldade; & aquellas mayores caricias, com que o vicio te poz ferretes, ferros foraõ, em que te poz: & saõ tanto mais poderosas as prizoens da vontade humana, que as do castigo, ou tyrannia, que naõ ha quem rompa as primeyras, por mais que espedace as segundas. Rompeo Samsaõ por muytas vezes as cordas, nervos, & cadeas, em que o tinhaõ maniatado seus inimigos, como se fossem delgadissimos fios: *Ita rupit vincula, quasi fila telarum*; & aquelles braços robustissimos, a cujas forças se rendeo a grossura das cordas, a rigeza dos nervos, & a dureza do ferro, perdéraõ a força, & virtude nos lascivos braços de Dalila, donde a morte lhe armou o laço: & a razaõ he; porque naõ ha prizaõ mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne fraca nos ata; he branda a prizaõ, por isso naõ escandaliza; aperta, & parece, que abraça; magoa, & finge, que lisongea; fere-nos a alma, & parece, que a adoça: he fortissima, sendo taõ

Judic. 16 12.

taõ fraca, porque he voluntaria; de que ninguem se quer livrar.

Deyxa pois esses fallos idolos de teus deleytes mentirosos: rompe esses ferros, que forcejas nesses teus gostos fementidos: & abata-se já esse pó, que hum pouco de ar tem levantado. Tornate a mim filha de Siaõ, chegate a mim homem perdido, quanto fores mais peccador; pois quanto fores mais perversos, tanto me darás mayor gloria, porque me darás mayor motivo de mostrarte minha bondade em perdoarte, em acolherte, em amarte, & ainda em servirte, se verdadeyramente arrependido me buscas: nada do de antes te estremeça, se de presente me amas, & nos futuros me obedeças, que isto he sómente o que procuro dos coraçoens arrependidos, & das almas desenganadas, hum pezame da culpa, hum parabem da emenda, & hũ sempre da perseverança: porque disto nasce nas almas hũa penitencia atè morte; hum proposito para toda a vida; & hum amor de cada vez mais.

Vem pois, vem homem peccador aos braços de Deos teu amigo: vem, que te rogo com o remedio, quando tu me foges com o dano: vem, que podes obedecerme, pois te mando, que obedeças: naõ resistas mais aos auxilios, que te dá o Espirito Santo; porque saõ estas resistencias, os peccados, quẽ nem nesta, nem na outra vida achaõ perdaõ. Naõ te oponhas mais aos imperios de hum Deos, que póde castigarte; & porque te ama, te perdoa, se apiada, & te acaricia: acaba contigo huma hora; lembrate de que te convem viver para que te deu vida, & morrer para quem te dana: vè, que se doe, & se magoa hum Senhor, de quem es feytura, de quanto lhe tens sido ingrato; & te dá, para que o naõ sejas, os cabedaes mais poderosos da divina misericordia: olha, que se está lastimando de ser preciso condenarte, mais porque engeitas o perdaõ, que com seu sangue te offerece; que por todas as outras culpas, com que ao teu Deos escandalizas.

Troca pois, troca essas cadeas pelo leve jugo, & prizaõ doce de minha ley, & meu amor; & de tua propria ignominia, de tua mesma escravidaõ farás coroas de vitoria, timbres de vencimento, & insignias de triunfo. Na ponta da setta, ou no laço, aonde a leva a liberdade, paga a avezinha enganada a ingratidaõ de haver fugido a huma prizaõ, q̃ era favor: os caramelos, que o Sol naõ desfaz com a caricia de seus rayos taõ mimosamente benignos, os brutos o pizaõ, a terra os enxovalha, & a lama os corrompe: a lagoa, que se naõ corre de naõ correr para

o seu

o seu centro, como as outras aguas, naquelle descanso torpe, naquelle seu sossego inutil, ou apodrece, ou se consome, atè que de todo perece. Ardaõ pois, ardaõ, & derretaõ-se essas durezas congeladas taõ frias, & secas com Deos: tornem, & voem essas pennas a hũ Deos, que nellas te deu azas: entornemse por esse rosto correndo as lagrimas em fio, porque em fim saõ confissoens mudas, verdades liquidas, satisfaçoens claras, & oraçoens correntes para aplacar a hum Deos irado, quanto mais a hũ Deos amoroso, brando, manso, & enternecido.

Convertete pois, ó Siaõ: converteivos almas Christãas; & naõ deyxeis de convertervos, por dizerdes, que he tudo nada, o que vos prende neste seculo para vos chegardes a Deos: se hum fio de seda basta para vos prender o demonio, & tervos como maniatados, que differença lhe achais vòs em estardes assim por hum fio, ou estardes por huma amarra? cortay de hum golpe esses nòs cegos, que naõ saõ os de Gordiano, que hajaõ mister Alexandres: livraivos desses embaraços, pois sabeis, que nos ramos verdes poem os caçadores o visco: se dizeis, que hoje naõ podeis, estando menos impedidos, como podereis à manhãa, estando mais embaraçados? Porque hoje podeis, & naõ quereis, poderá ser, que à manhãa queyrais, & naõ possais. Acaba já alma cahida de levantarte: rompe já alma escrava por essas prizoens, com que o demonio te arrasta para o inferno: *Excutere de pulvere, consurge, sede Jerusalem: solve vincula colli tui captiva filia Sion.*

GOLPE XXI.

Dixit Dominus: Ex Basan convertam, convertam in profundum maris. Psal. 67. 23.

Ex Basan, id est de turpitudine vitiorum, &c. In profundum maris, id est, in perfectã pœnitentiæ amaritudinem. Hug. C. hic.

Os peccados, ou saõ de fraqueza, ou de ignorancia, ou de obstinaçaõ: os de obstinaçaõ impenitente naõ tem remedio, em quanto ella dura.

GEMIDO XXI.

DAs torpezas çujas da carne, & dos cegos vicios do mundo converterey os peccadores: disse o Senhor por David. Taõ benigno he o nosso Deos, que por melhor assegurarnos de qual he a sua misericordia, pela boca dos seus amigos mostra o cuidado, com que acode a esta nossa fragilidade, taõ precipitada ao seu mal, naõ só dos tronos da malicia, mas do berço da natureza, que à redea solta corre cega ao seu mal.

Eu me persuado, que em tres ramos divide a arvore da

culpa

culpa as differenças da malicia; isto he, em peccados de fragilidade, de ignorancia, & de obstinaçaõ. Tres inimigos ha de Deos, a carne, o mundo, & o demonio, a quem pertencem estas culpas, & de quem tomaõ os sabores: a obstinaçaõ os toma ao demonio, a ignorancia ao mundo, a fragilidade à carne. Gera a obstinaçaõ impenitencia, a ignorancia, confusaõ, & a fragilidade, temor: temor de Deos, porque o vè justo; confusaõ, porque se envergonha; & impenitencia, porque ateyma: de que nasce, que a fragilidade se converte, porque se converte a carne; a ignorancia tambem se reduz, porque tambem se reduz o mundo; & a obstinaçaõ naõ se arrepende, porque naõ se arrepende o demonio: a que se segue, que achando Deos a fragilidade timida, a ignorancia confusa, & impenitente a obstinaçaõ, naõ converte Deos a obstinaçaõ, porque ella naõ querendo, & resistindo, foge; converte a fragilidade, porque ella se reduz tremendo; & reduz a ignorancia, porque se envergonha peccando: & quem se peja do mal, que fez, quem treme do erro, em que cahio, facilmente acha perdaõ nas misericordias de Deos; mas quem se naõ affasta da culpa, quem se jacta de que peccou, quem se recrea, & se glorea nas offensas, que fez a Deos, sem penitencia, & sem pezar de aggravar a bondade immensa, de naõ fazer caso da Ley Divina, & menos do Legislador, naõ acha em Deos misericordia, & na sua culpa acha a sentença para acabar desamparado.

Por ignorante dizia Saõ Paulo, que lhe perdoára Deos, ainda que fora blasfemo, & perseguidor da Igreja: *Quia ignorans feci.* Por fragil perdoou Deos a David, havendo sido adultero, homicida, & escandaloso; mas naõ perdoou a Caim, porque o achou sempre obstinado: porque como a obstinaçaõ se veste das propriedades do demonio pela impenitencia, assim como o demonio naõ merece perdaõ, tambem quem da sua librè anda vestido, o naõ alcança: porèm como a fragidade toma os sabores da carne pelo temor, & a ignorancia se acha com as condiçoens do mundo pela confusaõ, achando Deos em David a fragilidade com temor, & vendo em Saulo a ignorancia com vergonha, ficou o pejo com perdaõ em Saõ Paulo, & o temor com misericordia em David. Por isso se a fragilidade, perdendo o temor de Deos, chegar a ser obstinaçaõ; se a ignorancia, perdendo ao mundo a vergonha, chegar a ser impenitencia; por quererem sempre ser carne, os que pudéraõ ser espirito; por naõ que-

1. ad Timot. 1. 13.

querèrem mais, que o mundo, os que Deos criou para o Ceo, virsehaõ a fazer demonios, assim como succedeo aos q foraõ Anjos, por fazerem jactancia da teyma, & vangloria da contumacia: & como pela circunstancia da pertinacia, com que dura, & resiste a Deos toda a vaidade da ignorancia, & o engano da fragilidade, huma, & outra muda de especie, & ficaõ sendo obstinação; assim como Deos com o demonio naõ usa de misericordia, assim a naõ usa tambem com aquella ignorancia vãa, que se obstinou na contumacia; nem com aquelle gosto fragil, que se amarrou na impenitencia.

O' mortaes, que andais taõ cegos pelas ignorancias do mũdo, cujos bens saõ pura vaidade: peccadores, que estais taõ prezos nos brandos vinculos da carne, cujo gosto he momento breve; se tendes temor de Deos, & se tendes pejo, ou pezar, de que sempre vos veja o mundo desaferados contra Deos, de que sempre vos ache Deos esperdiçados pelo mundo, paray, & reparay hũ pouco: vereis, que Deos vos diz agora, que vos quer converter a si, & que se quer tornar a vòs: elle vos commette hoje as pazes, podendovos fazer a guerra a ferro, & fogo, a fogo, & sangue: elle vos offerece os partidos, & vos roga com o conceito, tendo justiça contra vòs, & sendo juiz da sua causa: tudo isto saõ justificaçoens, para depois vos condenar se lhe engeytais o concerto, & se lhe desprezais a paz: ouvi a Deos, temey a Deos, confessaylhe já vossa culpa, & pedilhe misericordia: naõ vos tenhais mais tempo firmes nessa tão dura rebeldia, com que sois para o mesmo Deos muito peyores, que o demonio; pois se elle se oppoem a Deos, & procura as suas offensas, he açoutado, & castigado, & já posto no fogo eterno pela justa ira de Deos; mas vòs estais injuriando-o, aborrecendo-o, & desprezando-o ao passo, q o mesmo Senhor vos faz mimos, & beneficios. Deu-vos vida, & quereis com ella, quanto em vòs he, tirarlhe a vida? Deu-vos tempo, & querèis com elle, quanto em vòs he, negarlhe o tempo, & perdello huma eternidade? Rigorosa cousa seria darvos hum amigo para vossa defesa a espada, & meterlha pelo coraçaõ: cousa cruel pareceria darvos ouro esse mesmo amigo, para vossas necessidades, & fazeres vòs delle ballas, com que lhe tirasseis a vida: insofrivel cousa seria pôr a vida por vossa honra, quando vos fosse necessario, & tirarlhe vòs a honra todas as vezes, que podesseis: porèm cousa mais insofrivel, mais cruel, & mais rigorosa fora terdes disso vangloria, gabarvos

vos

vos desta bizarria, & não terdes nunca pezar de cousa taõ abominavel, & tão odiosa à natureza, Se pois isto, com hum amigo da vossa esfera, com hum homem da vossa classe fora taõ digno de castigo, & de que não houvesse no mũdo quem vos não procurasse a morte por termos taõ aleyvosos, por procedimentos taõ bayxos, infames, & fementidos dignamente merecida; que seria, sendo contra Deos, cujas distancias, delle a vòs, nenhum entendimento as mede, só as suspeyta a maravilha, só a Fé as respeyta, & só elle as sabe? Pejaivos pois, & envergonhayvos da vida, que déstes ao mundo, podendo empregalla no Ceo; do tempo, que déstes à carne, podendo aproveytar no espirito; da alma, que déstes ao demonio, podendo-a restituir a Deos. Se fostes ignorantes do mundo, fazeyvos avisados do Ceo; & se fostes na carne fracos, fazeyvos robustos no espirito; se obstinados, como o demonio, sede já como David contritos; se perseguidores de Christo, como Saulo, sede já na conversaõ huns São Paulos; pois vedes, que tendes tempo, & que muy cedo o naõ tereis; se ouvindo os avisos de Deos, deyxardes a vossa ignorancia, darvosha o Ceo pelo mundo; se guardando seus mandamentos, esforçardes vossa fraqueza, darvosha pela carne o espirito; se abominando a obstinação vos deytardes logo a seus pès, & naõ tornardes mais atraz, ainda q̃ no caminho tropeceis muytas vezes, darvosha pelo inferno a gloria, convertendovos a melhor vida em satisfaçaõ de sua divina palavra: *Dixit Dominus: Ex Basan convertam, &c.*

GOLPE XXII.

Derelinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & miserebitur ejus, & ad Deum nostrum: quoniam multus est ad ignoscendum. Isai. 55. 7.

Como ha de ser a conversaõ do peccador a Deos, para ser verdadeyra.

GEMIDO XXII.

ASsim como da inconsideraçāo, com que os peccadores vivem submergidos em seus vicios, entregues ao demonio, & apartados de Deos, nasce a sua perdição: assim tambem da consideraçaõ lhes resulta o remedio. Considerou David nos caminhos da culpa, por donde a inconsideraçaõ a passo largo o guiava ao eterno precipicio, & logo achou o remedio na emẽda de sua vida pelos passos do arrependimento: *Cogitavi vias meas:* Psalm. 118. 59.

&

& converti pedes meos in testimonia tua. A consideraçaõ dos bons, & dos maos caminhos nos fazem converter a Deos; os maos nos ensinaõ o que havemos de temer, os bons o que havemos de seguir: nas mesmas viboras, a cujos venenos fugimos, buscamos as triagas, porque se achaõ tambem entre os seus dannos os remedios: assim podemos aprender dos caminhos da perdiçaõ o mal, & o bem q̃ tem comsigo: o mal, se se seguem, o bem, se se deyxaõ: por isso nos diz Isaías, que deyxemos o mal, & viremos para o bem; porque naõ basta deyxar o mundo, a carne, & o demonio, com suas vaidades, caricias, & enganos, senaõ viramos para Deos: deyxar os vicios, & naõ pôr logo os olhos em Deos, virando para elle o coraçaõ, ainda he parar nos vicios: querer tambem virar para Deos, sem deyxar de todo atraz das costas as culpas, he olhar a Deos muy torcido, & naõ com os olhos direytos: por esta causa, em saber deyxar, & em saber virar está tudo; em virar de todo; & em deyxar de todo. Quatro cousas se haõ de deyxar, & quatro se haõ de virar; & basta que de todo se virem, para que de todo se deyxem: máos pensamentos, màs intençoens, màs obras, & vangloria dellas; que he de tudo isto o peyor, conforme diz S. Jeronymo: *Primum peccatum est, cogitasse mala, quæ sunt: secundum, cogitationibus perversis acquiescere: tertium, quod mente decreveris, opere complere: quartum, post peccatum non agere pœnitentiam, & in suo sibi complacere delicto.* Destas quatro sortes de peccados, as primeyras tres perdoa Deos facilmente, se se lhe ajunta a penitencia, & pezar; mas a quem accrescenta o quarto aborrece Deos de maneira, que o naõ podem sofrer os olhos da Divina misericordia, antes se lhe aparta, & se lhe vira a clemencia do mesmo Deos.

S.Hier. tom. 5. in Amos 1. vers. tenentem sceptrum.

Figura disto temos nos Cantares, donde o Senhor mandava à alma, de quem a Esposa era figura, que quatro vezes se virasse, para que elle lhe puzesse os olhos: *Revertere, revertere, &c.* Chamavalhe o Senhor, Sulamitis, que quer dizer, como declara S. Boaventura, alma miseravel cativa da culpa: *Sulamitis, id est, anima misera*; porque naõ costuma Deos porlhe os olhos de sua Divina clemencia, se quatro vezes se naõ vira, como acima fica notado, & o adverte o mesmo Santo: *Quater dicit revertere, propter illa quatuor prædicta.* He este quarto peccado, aquella quarta maldade de Sydonia, Tyro, & Damasco por tantas vezes repetida nos gemidos deste Tratado; & esta culpa, como já disse, naõ teve, nem terá perdão das benignidades de Deos

Cant. 6. 12. S.Bon. tom. 6. Dictæ Sul. tit. 1. c. 1. ad fin.

por

por todas as classes dos tempos, & duraçaõ da eternidade, por fundarse na impenitencia, que he contra Deos odio perverso, a que o Senhor tem aversaõ infinita; & este odio impenitente nenhuma outra cousa he, mais, que hum naõ pezarnos da maldade apartandonos della; porque pezar, & naõ apartar, parece pezar, & he mentira; pois, como diz Santo Agostinho, quem he verdadeyro penitente, naõ torna a fazer aquillo, que lhe peza haver feyto, & se o faz, naõ lhe pezou, nem he penitente: *Si pœnitet, cur facis, quod male fecisti? si adhuc facis, non es pœnitens.* Por isso convem deyxar os vicios, & voltar para Deos de todo: deyxar o mundo, a carne, & o demonio, naõ he irelvos para os desertos nem metervos em huma cova, nem fazer grandes penitencias; ainda que isto tudo com prudencia he o melhor para voltar de todo a Deos, & deyxar o mundo de todo; mas basta deyxar aquelles seus enganos, seus deleytes, & quaesquer obras, que sejaõ contra a Ley de Deos, contra o seu amor, ou do proximo; & em deyxando estes maos caminhos, convem olhardes para Deos, voltando para os desejos, obras, palavras, & pensamentos; isto he, se cuidaveis nas cousas do mundo, em fazer a vontade à carne, em servir ao demonio, se nisso fallaveis, se nisso trabalhaveis, cuiday em Deos, fallay em Deos, & fazey alguma cousa pelo amor de Deos: nos mesmos estados, que tendes podereis todos fazer isto, se vos quizerdes dar a Deos, & naõ ao mundo, carne, & demonio; pois nem a todos he possivel mudaremse de seus estados: tirar do peccado, he o que importa, mudar de vida, o que convem; variar de objecto, o que basta; & perseverar na emenda, o necessario: se quereis muyto às creaturas, querey muyto ao vosso Creador; gostaveis de fallar com ellas, gostay de fallar com Deos; eraõ ellas o vosso cuidado, seja o vosso cuidado Deos, & tudo o mais vosso descuido; & melhor cuidado tereis, para que na vida, & na morte o tenha Deos de vòs tambem.

August. tom. 10. homil. 41. in princ.

Se a culpa toda consistio, em naõ fazer o que Deos quer, seja toda a vossa penitencia, o fazer o que elle quer; pezevos de havello offendido, naõ pelas penas merecidas, mas por haver a Deos aggravado; perseveray na emenda, & naõ façais mais penitencia: isto he o primeiro deyxar, isto o primeyro converter: converter a Deos, he desandar pela emenda os passos, que se déraõ peccando: he desfazer o malfeyto tudo quanto he possivel, dando a Deos, & ao proximo a satisfaçaõ por donde se lhe fez a offensa: peccàraõ os olhos vendo o q̃

naõ

naõ convinha; façaõ elles a penitencia, vendo só o que convem: peccáraõ os ouvidos, ouvindo o que naõ era justo; façaõ elles a penitencia, ouvindo só o que he justo: peccou o gosto, usando do prohibido; faça elle a penitencia, mortificando o seu appetite; & assim os mais sentidos, & potencias, como ensina Saõ Bernardo: Naõ satisfaz o mal, que fez com seus passos a maldade, quem com os da emenda naõ apaga os vestigios, que deyxáraõ taõ ruins passos: por isso o Profeta Isaías naõ aconselha outro caminho a quem se quer tornar a Deos, mais que deyxar o que leva, & voltar para o que deyxou: deyxou-se a Deos, torne-se a Deos, pois naõ ensinar outra via, & dizer, que se torne a Deos, que outra cousa he, senão mandarnos deyxar os passos da culpa pela volta da emenda? Naõ quer Deos, que haja outro caminho para quem foy peccador; quer sómente, que a penitencia, virando-se para a razaõ, apague o rasto escandaloso do mao exemplo, & da má vida; quer, que as estradas do peccado vejão penitente, a quem olháraõ peccador; por isso lhe manda, que deyxe, por isso lhe ordena, que vire: *Derelinquat revertatur*. Os peccadores naõ buscáo a Deos como os justos; os justos vaõ para diante, os peccadores para traz: os peccadores, como lhes fica Deos atraz, porq̃ lhes déraõ as costas, atraz he necessario que tornem a buscar o que deyxáraõ; os justos, como o tem diante, adiante caminhão sempre: tem os justos diante a Deos, porque o trazem diante dos olhos; fiça Deos atraz dos peccadores, assim porque naõ olhão para elle, como porque anda atraz delles, & elles lhe andão fugindo: esta he a razaõ, porque Santo Thomás, & os Theologos diffinindo a graça, & a culpa, dizem, que a culpa he hum virarnos para as creaturas, & dar as costas a Deos; & a graça, virar para Deos, & darmos as costas às creaturas; porque converter, he virar, & virar he dar as costas para quem tinhamos os olhos. Eis-aqui porque a Esposa Santa encarecia nos Cantares, para dizer, que amava a Deos, & quanto Deos a amava a ella; que andava para Deos virada, & Deos virado para ella: *Ego dilecto meo; & ad me conversio ejus.* E eis-aqui porque todo o bem, & mal de hũa alma está em hũ virar bem; se o justo se vira, perde-se: se o peccador dá volta, ganha-se.

Bern. tom. I. Serm. 3. de Quadr. in fine.

Isai. sup.

S. Thom. 1.2. q. 87. art. 4. in concl.

Saõ as almas como espelhos; se os pomos para as cousas da terra, ficaõ-lhes as imagens da terra; se os viramos para o Ceo, imprimemselhe as figuras do Ceo: taõ capazes saõ nestas almas de imprimirselhe o bem, & o mal, que está a nossa salva-

çaõ, ou a nossa condenaçaõ em hum virar de mãos, & em hum voltar de olhos: se puzermos os olhos em Deos, virando para o Ceos os olhos, daremos as costas ao mundo; & se nos virarmos para o mundo, & puzermos na terra os olhos, daremos as costas a Deos. Que mayor dor, que mayor lastima póde, pois, haver neste mundo, que saber, que anda o mesmo Deos ha tanto atraz de nòs, sem haver quem lhe ponha os olhos, nem vire o coração para elle? taõ virado anda para o mundo, taõ torcido para a vaidade, & taõ avesso para Deos, como se o naõ houvera, & só no mundo consistíra toda a nossa bemaventurança: recreou-se Deos em crearnos, esta-se revendo em nos ver, & nòs revendonos no vicio, & recreandonos na culpa, naõ nos doemos, nem sentimos de lhe fazer isto na cara, pondolhe no rosto esta injuria, sabendo que a cara de Deos he sua altissima presença, que em toda a parte está. O' peccadores: ò mortaes: fez-nos Deos seus espelhos para ver nelles sua imagem; fez-nos taes, para que em nóssas almas, como em espelhos reluzentes, resplandecesse a imagem de seu Unigenito Filho; & sendo o fim da nossa creação & a mayor dignidade nossa imitarmos a Jesu Christo, conformandonos com suas obras, quanto se conforma o espelho com aquillo, que tem diante, tanto às avessas o fazemos, que lhe damos em rosto com as costas do espelho. Que cegueyra, pois, ha mayor, que perder huma alma ao seu Deos naõ só o amor, mas o respeyto? & com modo taõ desatinado, como se Deos naõ fora Deos; ou como se fora algum negro, ou algum idolo fantastico, que nem olhára, nem ouvíra, nem soubera, nem conhecèra? Sabemos da erva gigante, que por ter affeyçaõ ao Sol, que he segundo creador seu, segue o Sol para toda a parte para donde víraõ seus rayos: só as almas Christãas naõ viraõ; taõ grande amor tem ao seu mal, & taõ grande odio a seu Deos, que o naõ podem já ver dos olhos: porque se veja, que hũa erva tem mais amor a huma creatura, sem ter amor, nem razaõ, do que hũa alma tem a seu Deos, tendo razão, & tendo amor. Eis-aqui porque estaõ riscadas, affeadas, & escurecidas com os borroens de Satanás as imagens do mesmo Deos. Eis-aqui, porque está cego o espelho de cada qual de vossas almas. Eis-aqui, porque o espelho do entendimento, que nos havia de dar luz, anda sem luz da verdade, sem o lume do amor de Deos, sem a clareza da virtude, cego com o bafo da mentira, & quebrado com o mesmo Deos. E se he força, que em nòs outros

ande, ou a imagem de Deos, ou a figura do demonio: *Nullus homo est, qui aliquam non habeat imaginem, aut sanctitatis, aut peccati*; viremos para Deos as almas, & demonos já por achados de quanto nos vemos perdidos; demonos a Deos por sabidos, de quanto nos tem soportado; & deyxando as vias confusas de nossa errada presumpçaõ, viremos para Deos o espelho, para que vendo-se nelle o Senhor, nelle o vejamos tambem; & para que sem todos resplandeçaõ as obras de sua bondade, sem que nos turbem, & escureçaõ aquelles taõ medonhos voltos, & aquellas taõ defuntas sombras da fea imagem da culpa: *Derelinquat impius, &c.*

Gloss. ord. sup. Ezech. 8. v. Et ecce omnis similitudo rept.

GOLPE XXIII.

Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis. Ex Epist. B. Jacob. 4. 8.

Do modo, & brevidade com que o peccador convertido ha de chegarse a Deos.

GEMIDO XXIII.

POuco importa alimpar o cãpo das espinhas, se se lhe naõ meter o arado, & semear, para que dè fruto: deyxar peccados, & exercitar virtudes, he arrancar espinhas, mas naõ lavrar, nem semear a terra; de que vem a succeder, que pelo discurso do tempo o mato cresce, & as espinhas tornão: por isso dizia David, que não só nos apartassemos do mal, mas que seguissemos o bem: *Diverte à malo, & fac bonum: inquire pacem, &c.* E a razão dá São Gregorio; porque muyto mayor cousa he fazer bem, que naõ fazer mal: *Minus est mala non agere, nisi etiam quisque studeat & bonis operibus insudare.* Dous actos se achaõ na vontade, hum de amor, outro de odio: hum, com que seguimos o que amamos, & outro, com que fugimos do que aborrecemos; porque pelo acto de amor se inclina a vontade ao seu bem, & pelo acto do odio se affasta do seu mal: affastarseha do mal do mundo, quem lhe começar a ter odio; mas naõ se chegará muyto a Deos, quem depois de ter odio ao mundo, naõ proseguir o amor de Deos: cansarseha mais no acto menos bom da vontade, que he o naõ querer; & medrará menos no seu melhor exercicio de querer, que saõ os actos do amor; & sem amar a Deos, seguindo-o, & imitando a vida de Christo, pouco mais de nada aproveyta deyxar os enganos do mundo. Aquillo ainda nos desviamos de Deos, que podendo, naõ nos chegamos mais: por isso o chegar mais

Psalm. 33. 15.

Greg. tom. 2. homil. 13. in Euang. in princ.

a elle, naõ ſó he deyxar mais o mundo, mas tambem aquelles desvios, que tem a noſſa froxidão, de que póde logo naſcer eſta preguiça da vontade. Entre eſtes dous extremos de chegarmonos a Deos, ou chegarmonos ao demonio, naõ ha meyo algum; he dia, & noyte ſem crepuſculos: ou logo depois do Sol poſto cahe a noyte negra da culpa, ſem aquella parda confuſaõ, que he guerra de ſombras, & luzes; ou logo, que as eſtrellas cahem, quando a noyte eſcura agoniza, amanhece o dia da graça, ſem eſſoutras alegres duvidas, com que a madrugada começa: entre a culpa, & a graça não ha meyo algum: como ſetta, que ou ſóbe, ou bayxa; ou ſubimos no amor de Deos, ou cahimos do ſeu favor: ſer froxo, & ſer ſempre tibio he o peyor de tudo, entre tudo o que ha bom, & mao; como reprehendia o Senhor ao Anjo de Laodicèa, dizendolhe, que viria a vomitallo de ſi, por ſer tibio, & naõ frio, ou quente: *Quia tepidus es, nec calidus, incipiam te evomere ex ore meo.* O que ſe vomita, já eſtá dentro de nós; & nem por iſſo ſe logra: muyto melhor fora ao tibio, froxo, & preguiçoſo naõ eſtar dentro de Deos, porque de dentro o lançará fóra; & aſſim como, o que huma vez ſe vomíta, não ſe torna a comer, naõ ſe póde mais tragar, faz aſco, & naõ ſe póde levar para bayxo; aſſim ſuccede ao morno, ao tibio com o Senhor, que depois de vomitado, naõ o póde goſtar, nem tragar mais. Peſſima couſa he a tibieza, que a naõ coze, nem conſente o eſtomago do Senhor: & aſſim conheçamos, que nem por eſtarmos dentro de Deos, nos havemos de confiar, & deytar a dormir; he neceſſario obrar bem com fervor para poder perſiſtir. Dentro de Deos eſtá o Chriſtão, que vive no ſeculo, porque toda a Chriſtandade he corpo myſtico de Chriſto: mais dentro eſtá o Eccleſiaſtico, porque a Igreja já he caſa propria de Deos: & mais dentro o Religioſo, porque a Religiaõ he o coração de Deos; mas porque nem o Religioſo; nem o Eccleſiaſtico, nem o Chriſtaõ ſe confiem niſto para ſe deſcuidarem, lhes diz o Senhor na peſſoa do Anjo de Laodicèa, que muyto melhor lhes fora não eſtarem dentro, ſe eſtão mornos, & tibios. Saõ eſtes tibios hũa indifferença do poſſivel, que pudéra ſer muyto, ſe deyxára de ſer o que he; & he nada do que viera a ſer, ſe chegára a ſer o que póde: a razaõ he; porque a agua fria, ſe a poem ao fogo, ferve; a braza viva, ſe lhe deytão agua apaga-ſe; mas o q̃ ſempre he morno, & tibio, nem creſce, nem diminue, porque em hũa inutil neutralidade nem quer ſer bom, nem quer ſer mao;

Apoc. 3.16.

&

& por isso fica sendo nada, assim porque entre o bem, & o mal nada ha de permeyo; como, porque para nada presta; naõ se resolve a ser cousa alguma; & entre os confins do bem, & mal, se fica, sem aproveytar, nem para mal, nem para bem: donde disse Santo Agostinho, que quem se aparta do mal, & naõ faz boas obras, he transgressor da ley de Deos: *Si à malo recesseris, & non feceris bonum, transgressor es legis*; & para que escape, como tal, da eterna condenaçaõ, o reprehende o Senhor, porque só a quem ama, diz elle, que reprehende, & castiga: *Ego quos amo, arguo, & castigo.* Homens, que em toda a sua vida naõ sentíraõ o açoute de Deos nas disgraças, nas contradiçoens, nos males, ou gostos do mundo: homens, a quem as Estrellas servem de focinhos, a quem os fados poem o joelho no chaõ, a quem os destinos naõ daõ hum dissabor, a quem as fortunas trazem nas palmas, sem nunca lhes dar hũ disgosto, hũa reprehensaõ, huma pena, hũ infortunio, hum desengano; oh que mao sinal de salvaçaõ! Aos enfermos, de quem os Medicos já desabrem maõ, porque desconfiaõ delles, deyxaõlhes comer tudo, o que querem: assim aos que se haõ de condenar, por naõ quererem ter remedio, nem penitencia, nem emenda, deyxa-os Deos fartar de peccados, & de seus gostos, & deleytes para mayor condenaçaõ.

Chegaõ-se a Deos os homens pelos males, que lhes acontecem, mais vezes, que pelos bens humanos; despertalhes a necessidade, a disgraça, & contradiçaõ, aquelle sono carregado, em que os adormece, & embebe a vaidade deste mundo: só os que padecem no mundo, tem a divisa do Senhor, & o final dos bem aventurados: saõ azas as perseguiçoens, as molestias, & adversidades, com que o corpo se molesta, & o coraçaõ se afflige, para que o espirito voe: multiplicáraõ-se aos justos as tribulaçoens, & depois se apressáraõ, dizia David: *Multiplicatæ sunt infirmitates eorum: postea accelleraverunt.* A joya, que com mais primor, & mayor perfeyçaõ sahe das mãos do artifice, he a que mais vezes no fogo, no martelo, & mais instrumentos, que a trataõ rigorosamente, padece as varias experiencias, que a diminuem, espedaçaõ, para que mais a aperfeyçoem, mais a lustrem, & mais esmerem, & entaõ está perfeyta, quando está acabada: com ser ouro a sua materia, o menos que fica ao parecer, he o ouro; cobre-se este dos esmaltes, & daquellas pedras preciosas, que nelle engasta o artificio, com que fica Estrella por arte, o que por essencia da natureza he terra melhor córada: assim tambem

Psalm. 15. 4.

bem, aquèllas almas, que Deos chega à perfeyçaõ, por estes rigores caminhaõ; mas quem se naõ deyxa lavrar do Artifice soberano, naõ quer ser provado no fogo, naõ consente dobrarse ao martelo, nem diminuirse, & apurarse nos outros instrumentos, que lhe daõ tormento, & angustia, impossivel he, que aproveyte, ainda que seja ouro, pois naõ dá lugar a que assentem nelle bem as preciosas pedras das virtudes, o esmalte, a fórma, & figura, com que ha de perder o ser proprio, quem quer ser joya de Deos.

O mais excellente dom, com que Deos honra, & enriquece os seus mayores amigos, he a Cruz, & tribulaçaõ, porque por ella mais depressa se faz escada para o Ceo, & se sahe do pó da terra, como ensinou o mesmo Christo por nosso amor crucificado: este he o apressar, este he o chegar a Deos. Naõ se gloriava Saõ Paulo de haver subido ao terceyro Ceo; gloriava-se na Cruz de Christo, donde nasce a fonte da graça entre mil mares de amargura: necessario he por esta razaõ, & por todas, que padecendo cheguemos àquillo, de que nos apartamos gozando. Assim como se Deos víra para nòs, em nos virando para elle; assim para nós se chega, quanto para elle nos chegamos: *Convertimini ad me, ait Dominus exercituum, & convertar ad vos.* A véla se senaõ chega ao fogo, naõ póde luzir, nem arder; ahi se está dura por remissaõ, sendo branda por natureza. A ave, que importa ter azas, se naõ tiver pennas com que voe? & que lhe importará ter pennas, se com ellas se naõ mover? Quem ha no mundo, que podendo ter nos braços o q̃ deseja, lhe falle de longe? Como pois se naõ aggravará Deos, naõ tendo maos pertos, de que nos deva mayor cuidado, & mayor esmorecimento este amor das cousas caducas, que o das eternas, & celestes? O amor de Deos, & o nosso, ambos estaõ em hum andar; naõ he necessario subir outros degraos para chegar ao seu amor, que terlhe moyto amor a Deos: por isso dizia S. Bernardo, q̃ quem quizesse saber o amor, que Deos lhe tinha, olhasse em si o amor que tinha a Deos, & que quanto esse fosse mayor, mayor seria aquelle: *Anima scilicet, ex eo quod se diligere, & vehementer diligere sentit, etiam diligi nihilominus vehementer non ambigit*; naõ porque possamos igualar aquelle infinito amor de Deos, que he sem algum limite; mas porque, a nosso modo de dizer, naõ fazemos por Deos fineza, que elle logo por nòs naõ faça: conforme nelle se derramaõ as labaredas de nosso amor, assim os incendios do seu se ateaõ por nossas entranhas.

Ad Galat. 6. 14.

Zachar. 1. 3.

S. Bern. tom. 1. Serm. 69 sup. Cant. ad fin.

nhas. Esta era a razaõ, porque dizia David, que nos chegassemos a Deos, para que nos allumiasse: *Accedite ad eum, & illuminamini*; pois era certo, que com elle se nos acendesse o coraçaõ, & ardessemos dentro de nòs, ou dentro no mesmo Deos, a quem temos no centro d'alma.

Psalm. 33.6.

Convem pois fechar a porta ao mundo; entrar, & chegar para dentro; porque dentro de nòs està o Reyno dos Ceos: *Regnum Dei intra vos est.* Imperios, & Monarquias, que naõ caducaõ, nem se acabaõ, à maneyra do corpo fisico, se achaõ em hum só passo, que para os bons he de Rey, & para os maos, de riso: todo os passos, que isto custa, dentro de nòs mesmos se daõ, caminhando pelo entendimento, & torcendo pela vontade; se ella naõ quer, & elle tem forças, leve-se a rastos a vontade a ver o que diz a memoria das perfeyçoens, & amor, & de seus grandes beneficios: feyte esta o entendimento, para que converta a vontade; digalhe por quem se perdeo, gabelhe a Deos, fallelhe em Deos, para que delle se affeyçoe, pois naõ tem a vontade humana outro nenhum casamenteyro, mais que este nosso entendimento: naõ ande o discurso vadio, nem vagabunda a discriçaõ; naõ seja praça para hum cego todo esse imperio do alvedrio; naõ se queyxe a misericordia, de quê nos deu em vaõ a graça; naõ se irrite mais a justiça, de que com o perdaõ cresceo a culpa; porèm se a razaõ dos homens anda taõ ociosa, que nada faz, taõ aleijada, que naõ dá hum passo, taõ tonta, que naõ enxerga a luz, com que Deos a allumia, tanto sem prestimo, que naõ quer abrir a vontade aos fastios d'alma, & do espirito, que muyto he, que a nossa vontade esteja com huma maõ sobre outra, preza na sua froxidaõ, atada no seu embaraço, & morta à falta de hum aviso? De nenhuma outra cousa nascem estas preguiças da vontade, senaõ de naõ cuidarmos muyto no que haviamos de querer muyto, desejar mais, & buscar sempre, que he nosso Deos, nosso Creador, & todo nosso bem.

Luc. 17. 21.

O' mortaes: como se ha de aquentar ao fogo, quem senaõ chega a elle? Como ha de chegar à India, quem para lá naõ parte? Com a nao, que no porto está surta, quem faz a boa viagem sem largar as vélas ao vento? Com a setta, que está na aljava, quem dirá, que fez bom tiro, sem a pôr no arco primeyro? Como poderá matar a sede com estar perto da fonte, quem não chega a beber nella? Como póde estar verde, & dar fruto a vara, que está cortada da vide? Fogo he o amor de Deos, se a

 elle

elle naõ chegamos, como havemos de aquecer? Nossa India he o Ceo; & como chegaremos lá se nos naõ pomos a caminho? Vento favoravel he cada inspiraçaõ do Espirito Santo; & que nos importará este, se estivermos sobre as amarras, & o naõ recebermos nas vélas, que saõ as disposiçoens da vontade? Setta he o nosso amor; & que tiro fará este a Deos, se o naõ pozermos na Cruz, que he o arco, com que se tira do mundo, o que poem no Ceo a mira? Vide he Christo Senhor nosso, & nòs varas desta Vide: *Ego sum vitis, vos palmites, &c.* como poderemos ter vida da graça, & dar frutos de boas obras, estando divididos de Christo? Os amigos de Deos haõ-se com elle, como as varas com a vide: as varas da vide naõ dáo fruto, nem crescem, senaõ atrahem a si o humor, & suco da sepa: os justos naõ fazem boas obras, se da graça de Deos naõ attrahem a si o amor, & as virtudes, que Deos lhes communica, de que procedem as boas obras aceytas a Deos, porque nascèraõ de Deos, donde todo o bem procede. Para esta virtude de atrahir he necessario naõ só chegar muyto, mas unir de todo: para chegar perto de Deos, basta deyxar o mundo com seus vicios, & vaidades; mas para unir com elle, he preciso deyxarnos a nòs mesmos em hũa perfeyta negação de todas as nossas vontades, que saõ o nosso interdito, & o nosso impedimento. Todos, ou sejamos bons, ou maos, somos varas desta vide da vida: varas, que florecem, & daõ frutos, saõ os bons, que a ella estaõ unidos; os maos, varas saõ cortadas, que se secaõ na obstinaçaõ por cortadas, & apartadas do tronco, que naõ servem mais, que para o fogo do inferno, como diz o mesmo Senhor.

Joan. 15. 5.

Joan. prox.

Tem o fogo calor; tem a neve frieza; mas para que a lenha arda, ou a maõ se esfrie, he condiçaõ necessaria, o chegar a elles; sem a qual, nem a neve esfria, nem queyma o fogo, por vizinhos, que estejão: sem os meyos, conforme a razaõ natural, ninguem póde chegar aos fins: fim do homem he Deos, que para si nos creou; & o amor de Deos he o meyo de poder chegar a este fim, & os mais, que a Fé, & as Escrituras nos aconselhaõ, & nos mandaõ: se pois os desprezamos, como chegaremos sem meyos ao fim? Querer pela estrada do inferno fazer o caminho, & jornada do Ceo, he nova culpa da malicia, q̃ intenta por todas as vias introduzir o desatino, & authorizar o nosso engano: se parece aspera a subida, que nos leva ao monte da gloria, naõ nos pareça tambem aspero o descer daqui para os infernos: escadas saõ as

crea-

creaturas para subir ao Creador, & escadas tambem saõ para descer aos abismos; nestes viremos a parar, se pondo-as na nossa cabeça, nos formos affastando de Deos, porque por escadas, que os pès naõ pizaõ, ninguem sóbe; & a Deos tanto mais nos chegaremos, & nos subiremos mais alto, quantas mais forem as creaturas, que metermos debayxo dos pès; porque ainda dos mesmos vicios, & peccados, diz Santo Agostinho, fazemos escada para a Deos subir, quando debayxo dos pès os metemos: *De vitiis nostris scalam nobis facimus, si vitia ipsa calcamus.*

Auguft. tom. 10 Serm. 176. de temp. in fin.

Cheguemonos pois, ò mortaes, cheguemonos mais a Deos. Resoluçoens com detenças saõ vistas com embargos, saõ finezas com interdito, saõ tençoens excommungadas, que naõ chegaõ a sagrado: saõ acçoens, que naõ se poem em juizo, appellaçoens sem dia de apparecer, & que se naõ podem seguir, porque se deytáraõ de parte: he em fim toucar a malicia com os enfeytes da disculpa; mas he affear a razaõ com o toucado da maldade, & descompor o desengano com as feyçoens do mao costume: *Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis.*

GOLPE XXIV.

Videte vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles: sed quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes: & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia: & ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus, & ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret: ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus. 1. ad Corinth. 1. 26.

Como se haõ de vencer os tres inimigos d'alma com o ter, com o saber, com o poder, que saõ as armas com que nos fazem guerra.

GEMIDO XXIV.

CHamanos Deos, chamanos o mundo, a carne, & o demonio; o demonio com as artes do mundo, o mundo com o poder do demonio, a carne com as nobrezas do seculo; & Deos com o desprezo de tudo isto: se fazeis por serdes mais nobres, ides donde a carne vos chama; se fazeis por serdes mais poderosos, ides ao chamado do mundo; se vos cansais naquellas artes, donde nada de Deos se aprende, & menos se ensina de

Deos,

Deos, seguis o bando do demonio; & se nada disto seguis, ides por onde Deos vos chama. Veja agora cada hum na sua vida, no seu estado, & no seu caminho, que caminho leva, q̃ estado tem, q̃ vida procura, & logo saberá se faz, o que Deos lhe manda, se o que o mundo quer, se o q̃ a carne busca, se o que o demonio pertende: se faz o que lhe manda Deos, bem encaminhado vay; se o que quer o mundo, muyto se aparta de Deos; se o que busca a carne, muyto se chega ao demonio; se o que o demonio pertende, direyto vay para os infernos: naõ se póde isto duvidar, pois sabem todos; que o mundo, a carne, & o demonio, naõ só saõ inimigos d'alma, mas tambem do mesmo Deos: se pois vos meteis na cama com vossos inimigos, q̃ esperais, que vos aconteça? Se naõ vos pondes contra Deos, mas servis a seus inimigos, que premio de Deos esperais? Oh lastima grande! oh cegueyra mayor! oh pertinacia indeclaravel! que esteja vendo hum peccador, que a carne o prende, que o mũdo o engana, que o demonio o leva, & no mesmo tempo por sua livre vontade se meta na prizaõ, fuja ao desengano, & busque o precipicio! Já se houvera algum homem taõ barbaro, & taõ ignorante, que pelos deleytes da carne esperàra as glorias do espirito, pelas grandezas do mundo, as bemaventuranças do Ceo, & pelas artes do demonio, as amizades com Deos, naõ fora muyto, estudar muyto nestas grandezas, & deleytes: mas se nenhum dos ignorantes ignora, que tudo isto he mao, como se persuade, q̃ ha Deos, se naõ teme, q̃ o castigue? como o tem em cõta de bom, se naõ se aparta de ser mao? & como crè, que ha outro mundo, se só se desvela por este?

Que caya a fragilidade huma hora, que erre o nosso engano alguns dias, que dure a cegueyra alguns annos, andar, mao he; mas he miseria que herdamos na primeyra culpa: mas que passem dias, & annos, hũa idade, & outra idade sem darmos à emenda hum só dia, sem lembrarnos da nossa perdiçaõ; oh que malicia já casada com a sua condenaçaõ! Homens cegos: homens perversos, onde trazeis o entendimento, & onde puzestes a vontade? A muytos fez Deos sabios, a muytos poderosos, a muitos nobres; mas nem a nobreza, nem o poder, nem a sabedoria do seculo, foy o fim para que Deos os fez; felos para o servirem, & para se salvarem, & em se desviando destes fins, tudo o que finge a carne, tudo o que promette o mundo, tudo o que inventa o demonio, he conhecida perdiçaõ. Fez Deos os Reys, fez Deos os ricos, fez os poderosos, & sabios, assim como

mo fez os ignorantes, humildes, pobres, & pequenos; & tanto lhe custàraõ huns, como outros: mas nenhuns fez para outro fim, que para honra, & gloria sua; & esta lhe daráõ no inferno os que lha naõ derem no Ceo, nem lha dèrão no mundo; porque o que se naõ paga à sua misericordia, paga-se à sua justiça. Bom he ser Rey, bom he ser sabio, bom he ser rico, & poderoso: pois poderoso foy Joseph no Egypto, & salvou-se: rico foy Zacheo, & foy bom: sabio, foy Daniel, & foy justo: Rey era David, & foy Santo: mas se os Reys usaõ mal do officio, como Saul; se os sabios, da sabedoria, como Salamaõ; se os ricos, da fazenda, como o Avarento; se os poderosos, do poder, como Balthasar; como será possivel, que seja o fim, para que Deos vos criou, o imperio, que foy tirania? a sabedoria, que se fez ignorancia? a riqueza, que se tornou avareza? & o poder, que se fez vangloria? Pelo reynar, pelo saber, pelo ter, & pelo poder vos chama Deos muytas vezes; mas se no Reyno naõ servís a Deos, senaõ ao mundo; se na sabedoria naõ seguis a Deos, senão ao demonio; se na fazenda naõ buscais a Deos, senão a carne; se no poder naõ dais gloria a Deos, senaõ a vòs; como cuidais, que com o poder podereis salvarvos? que com o que tendes, comprareis o Ceo? que com o que sabeis, sabereis morrer? & que com reynar, reynareis na gloria? Chamavos Deos pelo Ceo, mostrandovolo todos os dias; para que façais por ir lá: chamavos pela terra, lembrandovos, que brevemente nella vos haveis de tornar: chamavos pela agua, advertindovos, que vos bautizou: chamavos pelo ar, dizendovos que delle depende a vossa vida, & que em vos faltando, espirais: chamavos pelo fogo, advertevos com suas chamas, que se preparaõ para a vossa pena; & nada disto nos desperta, a nada lhe damos ouvidos.

O' homens, que tendes juizo: ó peccadores, que o naõ tendes: mais surdos às vozes de Deos, que os vizinhos do rio Nilo, que naõ ouvem o seu estrondo; ouvi as palavras de Deos, & vede a vossa vocaçaõ: vede, que nem viestes ao mundo para ser Principes, sabios, ricos, & poderosos, ainda que no mundo o sejais por nascimento, ou por fortuna; viestes para vos salvar, & para honrar ao vosso Deos. Quem guarda a sua ley, o honra, & se salva; quem lhe tem amor, só o estima; quem deyxa peccados, o busca; & qualquer, que o deseja, o tem: vede, que haõ de vir dias, em que vejais aos pequeninos, aos desprezados, & afrontados metervos debay-

xo dos pès, triunfar de vòs, & do mundo, & ir reynar no Ceo para sempre. Quem saõ estes, direis entaõ, de quem zombavamos no mundo, & agora os vemos coroados, como filhos do mesmo Deos? Elege Deos as cousas vís, & desprezadas, as pequenas, as mais fracas, as menos nobres, para confundir com ellas os sabios, destruir os fortes, abater os poderosos, & aniquilar os mayores. Quem visse a estatua de Nabuco, como se persuadiria, que huma pedrinha pequena derrubaria aquella maquina taõ robustamente poderosa, & soberba? Quem visse a torre de Babel, como havia de imaginar, que a sua mesma confusaõ começaria a destruilla? Quem olhasse a hera de Jonas, como lhe havia de parecer, que hum gusanito desprezivel a secaria taõ depressa? Quem visse o templo de Diana, como havia de presumir, que hũa faisca desprezada seria seu total estrago? Desfizeraõ-se em pó, & cinza os muros, & torres, piramides, que eraõ maravilhas do mundo, rodàraõ os Collossos de Rhodes, cahiraõ as estatuas dos Cesares, & descendo aos infernos as almas, estaraõ no eterno horror daquelle abismo todo o sempre dos sempres: & isto mesmo ha de succeder a quem pelas glorias humanas despreza a vontade divina.

Dan. 2. 31. &c.

Genes. 11. 4. &c.

Jean. 4. 7. &c.

Ao contrario succede àquelles, que seguem os passos de Christo, desprezando os gostos da carne, as vaidades do mundo, & as mentiras do demonio, naõ usando mal desta vida, & aceytando as inspiraçoens, com que Deos por todas as cousas nos mostra nossa vocaçaõ. Ergueraõ-se da beyra do mar, levantàraõ-se do pò da terra huns pobres pescadorinhos, & homens-zinhos desprezados, & arrebatando a Deos os Ceos, puzeraõ os pès sobre o mundo, subiraõ ao celeste Reyno, & postos nos thronos da gloria, saõ Principes da eternidade, & huma mesma cousa com Christo. Essoutros q̃ estimava o mundo, & estima hoje a vaidade por oraculos da vangloria, por exemplares da grandeza, & por idéas da fortuna, reduzidos a pouca terra, em que começa o ser humano, cà deyxàraõ quanto tiveraõ, levando só comsigo para aquelle carcere eterno o peccado para nunca mais, & o castigo para todo sempre: sepultados eternamente em huma vida, que sempre morre, em huma morte, que sempre dura, gemeráõ sem remedio, arderáõ sem alivio, & padeceráõ sem fim.

O' mortaes, se naõ podeis vencervos, se naõ tendes temor a Deos, se naõ sabeis salvarvos: que sabeis? que tendes? ou que podeis? Com todo o vosso poder,

der, sem a graça de Deos naõ vos podeis salvar; com tudo, quanto o mundo tem, se naõ tiverdes dor de ter offendido a Deos, he sem duvida o condenarvos; com tudo quanto sabeis, se não souberdes amar a Deos, infallivel he o perdervos: castigarvosha Deos, destruirvosha, confundirvosha com o mesmo, que desprezaveis. Soberbo com o seu poder desprezava Holofernes não só os muros de Bethulia, & todo o poder de Judèa, mas ao mesmo Deos de Israel; & huma molher fraca por natureza, sem outras armas, mais que a oração, & fermosura, dentro naõ só da sua guarda, mas de todo o seu mesmo exercito, lhe cortou a cabeça com a sua mesma espada. Ao breve estralo de huma funda cahio aquelle Filisteo, aquelle Gigante soberbo, que estremecia os montes, assombrava os valles, segava exercitos, & arruinava Cidades; & quem com os olhos do mundo via a Golias, que caso faria de David? Quem olhava para Holofernes, que medo teria a Judith? E em que veyo aparar este desprezo, & aquella arrogancia, senão em mostrar Deos aos homens, que os mesmos desprezos da culpa, eraõ instrumentos do castigo? que o que parece não ter ser, nem ter valor, saõ as armas com que apea a soberba? Assim tambem nas outras cousas: quem visse o rico Avarento banquetearse, & recrearse com taõ esplendido deleyte, que enveja teria de Lazaro? Quem olhasse para Salamaõ no throno de sua grandeza, & no auge da sabedoria, que se lhe daria de Amòs, que era hum pastor rustico, & simplez, ainda que alumiado de Deos? parecerlhehia, que no mundo naõ havia mais que desejar, que a sabedoria de Salamaõ, & o regalo do Avarento: mas logo que chegasse a ver, que o rico se perdeo, & que Salamaõ deyxou em duvida o salvarse; que duvida ha, que antes quizera ser Amòs, & que mais desejàra ser Lazaro? antes pobre como hum, & simplez como o outro; que rico, como naõ importa, & sabio, como naõ aproveyta? Se pois, ó mortaes, o poder vos aparta de Deos, apartayvos do que podeis. Se o ter mais vos tira do Ceo, tirayvos com a caridade dos bens, que possuís em vaõ. Se o que sabeis vos mete no inferno, meteyvos por dentro de vòs, & naõ saybais mais que de Deos, mas se o saber vos naõ dana, se o ter vos naõ faz mal, se o poder vos naõ precipita, usay de tudo muyto embora, que de tudo podeis usar senaõ fizerdes peccado; & o peccado he só, quem faz mao tudo o mais, que sem elle he bem para q̃ o mundo se conserve; pois em todos vossos estados he certo, que so-

Judith 6.1.&c.

1.Reg. 17.49.

Luc.16. 19.

Amos 1. 1.

podeis servir a Deos, ter amor a Deos, & saber a Deos. Sabey, pois, o que vos importa, sabendo a vossa vocação: tende o que vos convem, tendo temor de Deos: podey comvosco alguma cousa, vencendo vossos appetites; porque se amardes a Deos, quanto podeis com sua graça, todo o poder do mundo vos naõ fará mal: se o mardes quanto souberdes, naõ vos confundireis pela arte do diabo: & se derdes por seu amor quanto tendes de vosso, entaõ ficareis mais ricos; porque todo o ter, todo o saber, todo o poder, que naõ he com Deos, por Deos, & para Deos, nem he ter, saber, nem poder; mas antes mayor pezo, que humilha, abate, & derruba os ricos, sabios, & poderosos no mais profundo lugar dos infernos: por isso a todos diz S. Paulo, que vejaõ a sua vocação: *Videte vocationem vestram fratres, &c.*

GOLPE XXV.

Multi sunt vocati, pauci verò electi. Matth. 20. 19.

Mostraõse ao peccador as razoẽs, porque saõ muytos os chamados por Deos, & poucos os escolhidos.

GEMIDO XXV.

SAlvaõ-se poucos, & perdemse os mais dos homens do mundo, porq̃ os bons saõ raros, & os maos saõ infinitos: *Stultorum infinitus est numerus.* Eccles. 1. 15. Assim como das cousas mais preciosas da arte, ou da natureza he menor o numero, & das peyores mayor a multidão; assim o numero dos perversos, que he vil canalha do demonio, he muyto mayor sem comparação, & menor o dos escolhidos, que saõ preciosas obras de Deos, & da sua graça. Assim como entre as arvores, as menos dão bom fruto; entre as flores, as menos cheyrão bem; entre os metaes, he menos o ouro; entre as pedras, os diamantes saõ raros; entre os homens, os Reys saõ poucos; & entre os artifices, os pintores, & escultores bons saõ pouquissimos; porèm mais nobres sem comparação estes, que os mais artifices, os Reys, que os outros homens, os diamantes, que as outras pedras, o ouro, que os outros metaes, as rosas, que as outras flores, & as palmas, que as outras arvores: assim os bons saõ menos, porèm valem mais naõ só diante de Deos, mas tambem tarde, ou cedo na estimação dos homens. Sendo pois taõ poucos os bons, & sendo tantos os maos, que muyto he, q̃ quasi todos, diga eu agora, que se perdem? Atè nos temporaes castigos mostrou Deos, que eraõ sempre raros os que escapavaõ da sua ira; porque eraõ estes figura,

gura, & retrato da condenaçaõ eterna; & tambem os poucos, & bons, que escapavaõ, eraõ figura dos outros poucos, & bons, que do inferno escapariaõ. Castigou Deos o mundo com o diluvio, & perdendo-se todo o mundo, só oyto almas se salvàrão na arca de Noè: *Octo animæ salvæ factæ sunt*; porque era Noè justo, & perfeyto: *Noe vir justus atque perfectus, &c.* De seiscentos mil homens de armas, fóra mulheres, & meninos, com que Moysés sahio de Egypto, só duas consta da Escritura Sagrada, que entráraõ na terra de Promissaõ, figura do Ceo, que forão Josuè, & Caleb, varoens perfeytissimos em fazer a vontade de Deos inteyramente: *Pater Caleb filium Jephone Cenezæum, & Josue filium Nun: isti impleverunt voluntatem meam.* De toda a terra de Sodoma, & suas vezinhas, que o fogo fez em pó, & cinza sepultando-as no inferno, naõ escapou mais que Lot com a gente de sua casa; porque Lot temia a Deos. Daquella total assolação de Jericò só Rahab por ser fiel escapou salva: *Fide Rahab meretrix non periit cum incredulis.*

1.Petr. 3. 20. Genes. 6. 9.

Num. 32.12. Genes. 19. 1. &c.

Ad Hebr. 11. 31.

Mas deyxando exemplos antigos, vamos ao que hoje estamos vendo: a Fé nos ensina, que todo aquelle que naõ crè em Deos, se perde; & tambem aquelles, que tem Fé, se lhes faltão boas obras: *Fides sine operibus mortua est*; porque Fé sem obras, he Fé morta, corpo sem alma, sombra sem corpo, fogo sem calor, lume sem luz, & arvore sem fruto: & perguntando Santo Agostinho, quaes saõ os inimigos de Christo, & da sua Igreja, responde, que saõ os Pagãos, Turcos, Mouros, & Judeos; & muyto peyores que todos, os maos Christãos: *Qui sunt inimici Ecclesiæ? Pagani, Judæi: omnibus peius vivunt mali Christiani.* A experiencia nos mostra, que nas quatro partes do mundo se perde toda Asia, quasi toda Africa, a mayor parte da America, & naõ pouca da Europa: naõ nos admira ouvir dizer, que se perde o Mouro, o Turco, o Barbaro, o Gentio; & admiranos muyto, que se diga, que os maos Christãos se perdem, sendo peyores, que os Gentios, Barbaros, Turcos, & Mouros? O' mortaes: Deos a todos chama, a poucos escolhe, escolhe os bons, & reprova os maos: saõ poucos os bons, os maos, quasi todos; & por isso estes saõ reprovados, & aquelles escolhidos de Deos: assim como para fazer o edificio muytas pedras se trazem, & as que se reprovaõ, he depois que não servem; assim a todos traz, & chama Deos para o edificio eterno da celeste Jerosalem: a todos, q̃ em fim somos pedras por dureza do coraçaõ, traz o Senhor com sua misericordia, a todos

Jacob. 2. 17.& àn. 14.

August. tom. 8. in Psal. 30 vers. super omnes inimicos meos.

todos quèr arrancar da terra, donde estamos metidos; humas quebramos antes, que nos tirem; outras sahimos inteyras, & nos deyxamos lavrar; outras duras, que o naõ consentem: as melhores pedras saõ escolhidas para coroar a obra, as outras, senaõ servem, perdemse; naõ porque a escolha de huns fizesse reprovar os outros, mas porque huns tiveraõ prestimo, & serventia, & os outros o naõ quizeraõ ter: estes, ou naõ servíraõ, ou naõ perseveràraõ depois que na obra foraõ metidos; que foy o mesmo, que cahir depois de póstos no edificio, & naõ se tornar a levantar: aquelles perseveràraõ, ou se cahíraõ, levantàraõ-se. Quem pois quizer ser escolhido, seja bom, faça por isso, viva melhor, & siga as pizadas de Christo; naõ porque esteja nas nossas forças o justificarnos; mas porque naõ nega Deos a sua graça a quem faz o que póde por seu amor: & quam impossivel he salvarse alguem, se morrer em peccado mortal, ainda que dantes fosse justo; tanto he impossivel, que acabando em graça, se perca, ainda que haja sido o mayor dos peccadores.

Se pois, ó mortaes, os q̃ estais em peccado, naõ sois pedras do edificio espiritual; senaõ servis a Deos; se naõ fazeis por ser dos bons, & para bem dos melhores, como sereis dos escolhidos? Se a vos mesmos entre os metaes vos deraõ a escolher, escolhereis a prata, & ouro: se entre as pedras preciosas, quanto mais entre os toscos seyxos, lançarieis maõ dos diamantes: se entre as flores, da rosa, que he a senhora dellas: se pois vos inclinareis ao ouro, por ser o melhor dos metaes; ao diamante, por ser a melhor das pedras; à rosa, por ser a melhor das flores; que offensa vos faz Deos em escolher os justos, se saõ os melhores homens, ainda que estes sejaõ os menos; pois tambem saõ menos os diamantes, menos o ouro, as rosas menos? Pouco he tudo, o que he bom; raro, o que he melhor. Poz a arte, & a natureza no raro a mayor perfeyção; & por isso a razão humana, namorada de seus primores, poz nelles a mayor estima. Infinitas saõ as Estrellas, mas menos illustres, q̃ o Sol, porque só lustra mais, que toda; & juntas todas as Estrellas, naõ só não luzem como o Sol, mas mendigaõlhe as suas luzes. Quasi infinitas saõ as aves, porèm nenhuma como a Feniz, mais nobre, & que todas as outras na pompa da sua grandeza, das plumas, fórma, & figura. Innumeraveis saõ os brutos, mas nenhum, como o Leaõ; cuja regia ferocidade com fereza magestosa se coroa só entre as feras, & se faz respeytar de todas: deu a estes a natureza, esta nota-

Tacit. in v. 2. Claud.

vel

vel preferencia, porque naquella perfeyçaõ, com que a todos os coroou, lhes deu realces mais sublimes, & primores mais excellentes: & por isso os Leoens saõ raros, a Feniz unica, & singular o Sol, na republica dos brutos, na monarchia das aves, & no imperio das luzes. Nas obras da arte he o mesmo. Que pinturas se poem nas casas dos Principes, se naõ saõ raras? as vulgares, quem as estima, senaõ o povo miseravel, que naõ póde ter o melhor? Assim tambem o demonio tem o que póde ter, que sempre he o peyor. Aquellas copias mais insignes, que sahiraõ do original de Deos, no seu palacio se guardaõ; saõ poucas a respeyto das muytas, que ficando de mortal cor nas sombras da culpa, & nos longes da pena, Deos lhes deu só huma demão, antevendo que os mesmos homens com a tinta negra da culpa lhe haviaõ de escurecer, & desfigurar a sua imagem, quando a mentira deste mundo lhe meresse melhor as cores.

Se pois saõ tantos, ó mortaes, os que saõ maos: se o ser mao he cousa vulgar: se o vulgar he de menos estima: deyxay de ser o que sois, sede o que deveis ser; & sede dos poucos, & dos raros, que mais naõ seja, que por naõ ter valor da parte dos muytos; sede dos melhores, sereis dos escolhidos: na vossa maõ está querer a Deos, ou ao mundo, porque a vontade he livre; & ainda que o peccado a tem preza, se chamardes por Deos: que digo? se ouvirdes a Deos, logo vos livrareis, pois para vos escolher, vos chama; & não ha outro impedimento, para que vos escolha, mais que naõ quererdes ouvillo: naõ reprova Deos a nenhum, senaõ por mao, & impenitente; naõ escolhe a nenhum, senão por bom, ou porque havendo sido mao, ou podendo-o ser, o naõ he já. Se pois a mayor parte dos homens não quer a Deos, & quer ao mundo; que muyto, que a mayor parte delles se perca? Naõ se admiraõ os homens de dar a Deos os Reynos a taõ poucos, como saõ os Reys da terra a respeyto dos outros homens, que naõ saõ fieis, & admiraõ-se de que dé a poucos o altissimo Reyno dos Ceos? Se no mundo sahio mao hum Rey, desejaõ tirallo do mundo, naõ o sofrem, ou o sofrem mal; & querem, que aos que saõ maos, pessimos, torpes, & perversos, sofra Deos, q̃ he a summa bondade, sendolhe taõ incompativel a malicia dos peccadores, que he força, que aparte de si, & deyte à sua maõ esquerda esta tão bayxa multidão, que por fea, & aborrecivel, por vil, infesta, & asquerosa naõ entra no Paço da gloria; naquelle sublime lugar, que não consente dentro

em ſi o mao cheyro dos peccadores, o traje eſtranho do peccado, a peſte, & lepra da culpa.

O' homens, nenhum de vòs ſe admira, de que ſeja menos entre os metaes o ouro, entre as pedras, os diamantes, entre as arvores, as palmas, entre os homens os ſabios, & entre os enfermos, os Medicos, & entre todos, os Principes; & aſſombraiſvos muyto, de que ſejaõ menos, os que ſe ſalvaõ, & mais os que ſe perdem? Sabem, que naõ ha outra cauſa para ſe condenarem, ſenão ſerem maos; & admiraõ-ſe de ouvir a ſentença, & naõ a culpa? aſſombraõ-ſe de ſabella, & não de remedialla, ſendolhes a todos taõ poſſivel? Contenta-ſe Deos com pouco, para ſe ſatisfazer. Impio, & peccador entrou o Publicano no templo, & ſahio juſtificado; & que fez eſte homem para tam grande mudança, & taõ breve? cõ que contentou a Deos eſte homem? Com hum bater nos peytos, com hum abrir de boca na confiſſaõ, com hum abayxar de olhos no arrependimento: huma palavra, que he hum pouco de ar articulado, baſtou para David, humas lagrimas, que ſaõ pingas de agua, que o coraçaõ deſtilla, ſobejàraõ a Saõ Pedro: com hum ſuſpiro, que he huma reſpiraçaõ menos, ou ſoluço mais, ſe faz todo eſte cuſto; & que ainda aſſim naõ queyramos comprar a Deos o ſer eſcolhidos por hum ſuſpiro d'alma, que he ar, por huma palavra, que he vento, por huma lagrima, que he agua, & por tudo o mais, que he nada, em comparaçaõ do que damos pela perdiçaõ! pois que muyto, ſe fazemos tão pouco pelo em que nos vay tanto, que ſejamos todos chamados, mas pouces os eſcolhidos?

Luc. 18. 13. &c.

2. Reg. 12. 13.

Luc. 22. 62.

Naõ ſe póde o ferro fazer ouro, nem o ſeyxo diamante, nem o carvalho, cedro, nem as Eſtrellas Sol, nem as aves, Feniz, nem os lobos, leoens; mas os maos fazeremſe bons, os peccadores, juſtos, & os impios, juſtificados, facil he com a graça de Deos, que a cada qual dá quanta quer; porque he como a fonte de aguas vivas, donde cada hum, conforme a vaſilha, que leva, traz a agua, que lhe parece: he como o fogo, que ſegundo a lenha, que lhe poem, aſſim arde: he como o Sol, que eſtá defronte, que quanto lhe abrem a porta, tanto entra para dentro; porèm ſe fechais a porta ao Sol, ſe tirais a lenha do fogo, ſe não levais à fonte o cantaro, que muyto he, que fiqueis em trevas, que morrais de frio, & que pereçais à ſede? O que he Pintor, deſeja ſer hum Apelles; porque Apelles foy o mais inſigne Pintor: o que he Imaginario, ou Eſtatuario, deſeja

seja ser igual a Fidias; porque Fidias foy sobre todos o melhor Imaginario: o Legista quizera ser hum Bartolo: o Soldado hum Scipiaõ: o Musico, hum Orfeo: o Medico, hum Galeno: o Valente, hum Hercules: o General, hum Cesar: o Rey, hum Alexandre; porque todos estes homens foraõ nas suas faculdades os mais venerados do mundo; fazendo por imitallos, para que quando naõ possaõ ter delles huns pertos, tenhão ao menos huns longes, & hũas sombras. Fazem todos quanto podem, por ser grandes Reys, grandes Soldados, grandes homens, bons Medicos, & bons Letrados, bons Musicos, & bons Artifices: porèm por serem bons Christãos; por seguir, & imitar a Christo, cujas copias saõ, cujas imagens veneraõ, cuja Ley professaõ, cuja Fé defendem, cujos louvores cantaõ, cujo remedio esperão, cujas forças conhecem, a cujo Reyno aspiraõ, & de cujas mercès dependem; isso de nenhum modo. Quizeraõ, os que saõ Theologos, saber como Santo Agostinho, mas naõ querem viver como elle; cansaõ-se por lhe imitar a sciencia, mas naõ por lhe imitar a vida: homens loucos, que vos aproveytará a sciencia de Santo Agostinho, se o naõ imitais nas virtudes, & tivereis consciencia de demonio; se nem a elle aproveytará, se naõ mudàra de vida? & com toda a sua sciencia, se lhe faltàra o ser bom, fora como metal, que soa, & como soalha, que tine, & se perdèra finalmente com todas as suas letras.

Desenganayvos, mortaes, que nem os pinceis de Apelles, nem os instrumentos de Fidias, nem as leys de Bartolo, nem as artes de Scipiaõ, nem a voz de Orfeo, nem a sciencia de Galeno, nem as forças de Hercules, nem a fortuna de Cesar, nem o animo de Alexandre, vos naõ podem dar o Ceo; senaõ só ser bons Christaõs, naõ viver em peccado, & acabar a vida em graça. Os mais desses homens, que foraõ, & saõ celebrados por grandes no mundo, estaõ ardendo nos infernos, & arderáõ para sempre por toda a eternidade, sem lhes aproveytar cousa algũa tudo o que tiveraõ no mundo, & tudo o que o mundo os estima; & vòs ireis acompanhallos na condenaçaõ, & castigo, se assim na vida, como na morte lhes imitares as vaidades, entregandovos de todo ao mundo, & fugindo sempre de Deos, que ha tantos annos vos chama, naõ para ficares no grande numero dos chamados, mas para passares com a mudança da vida, ao pequeno dos escolhidos: *Multi sunt vocati, pauci verò electi.*

GOLPE XXVI.

Non veni vocare justos, sed peccatores. Marc. 2.17.

Declaraõ-se os modos, com que Deos está chamando sempre os peccadores.

GEMIDO XXVI.

AOs peccadores vim chamar, & naõ ao justos (diz Christo Senhor nosso;) porque os enfermos, naõ os saõs tem necessidade de Medico. Aos peccadores chama, aos peccadores brada, como fez no Paraiso terreal a Adam, logo que Adam peccou, & se quiz esconder a Deos, como se lhe fora possivel: tão proprio he do peccador fugir de Deos, & quererse esconder; como he proprio da divina bondade querer logo reduzillo a brados, chamando por elle a vozes; pois, como se fora armonía, & dissonancia o peccado, naõ se sabe das nossas fugas, sem que se ouça a voz de Deos. Chamou Deos finalmente a Adam, naõ porque ignorasse aonde estava, mas porque lhe reprehendia a soberba: *Non ubi esset, Deus ignorabat; sed superbum increpabat;* como se dissera: Peccador, aonde estás? estás no abismo do peccado; estás na minha offensa, na minha ira, na minha maldiçaõ; & podendo fugir de tudo isto com o arrependimento, es taõ soberbo, que foges de mim; de mim te escondes? naõ te podendo esconder de minha presença, nem acima dos Ceos, nem abayxo da terra, nem no fundo do mar, nem nas entranhas dos abismos? Devendo tu buscarme para me pedires perdaõ; eu te busco, para perdoarte, & para te ensinar a buscarme! Fogesme, sendo eu o summo bem; & eu te busco, sendo o teu peccado a cousa mais aborrecivel, que póde haver para meus olhos! mas naõ olho em ti o peccado, que desse se apartaõ com ira os olhos de minha clemencia; olho a tua fragilidade, & olho para os meus beneficios, pois vejo, que te criey, & como obra minha te conservey. E quero em fim experimentar, o como aceytas, ou engeytas este favor, com que te chamo; naõ porque ignore a tua aceytação, ou obstinaçaõ, mas para que, se te converteres, vejas, que eu te chamey, & tive cuidado de ti primeyro, que tu o tivesses. E se teymares em tua cegueyra; para que se justifique a minha ira, mostrandote, que te chamey, & que em me não quereres ouvir, quizeste, que eu, como rebelde te condenasse.

Genes. 3.9.

August. tom. 8. in Psal. 118. v. increpasti superbos, concione 9.

O' mortaes, quaesquer, que isto ledes, isto vos diz a voz de Deos,

Deos, por mais, que delle fujais. Vem-nos Deos a ver com seus auxilios; chamanos com suas inspiraçoens; & por mais longe, que andeis delle apartados pela culpa, anda a sua misericordia bradando atraz de vòs, como quem se queyxa, de que tendo-a taõ perto, nem com ella vos abraceis, nem vireis os olhos para ella, nem ainda della façais caso com hum pouco de respeyto, com que algũ tempo confusos, & arrependidos lhe cortejeis as caricias, ou lhe agradeçais as piedades. Direis, que naõ entendeis bem a lingua, com que Deos vos falla; ou o modo, com que vos chama: pois ouvi, & sabeloheis. De tres modos, disse Panufio, como o relata Cassiano, que Deos nos chama: per si, pelos homens, pela necessidade: *Primus ex Deo est, secundus per hominem, tertius ex necessitate.* Per si, quando elle mesmo com sua voz nos chama; como fez aos Apostolos, & a meu Padre Saõ Francisco; ou pelas palavras do Euangelho, como fez a outros muytos Santos: pelos homens, quando por seu exemplo, & doutrina faz com que outros se convertaõ; como fez a Santo Agostinho por meyo de Santo Ambrosio: pela necessidade, quando com medo das penas do inferno converte os peccadores à emenda da vida, como tem feyto a muytos:

Cassian. collat. 3.c.4.

os primeyros dous modos saõ melhores que o terceyro, quanto he melhor o amor de Deos, que o temor da pena; mas nem por isso todos os que foraõ chamados pelos primeiros dous modos, foraõ mayores Santos, que os que Deos chamou pelo ultimo: porque pouco importa principiar bem, se o fim naõ corresponde ao principio: pouco importa conhecer, que sois chamados, se em fazer por ser escolhidos fores preguiçosos: fazer alicerces de diamantes, & continuar o edificio com pedras toscas, fea cousa seria. Começar rio, & acabar regato; ter principios de aguia, & fins de ave nocturna; nascer cedro, & acabar pinheyro; amanhecer Sol, & pôr cometa; madrugar Rey, & anoytecer escravo, será infortunio, mas naõ se livra de infamia: será disgraça, mas naõ se isenta de culpa: mais he desmancho, que destino; & mais froxidaõ, que fraqueza. Que importou a Judas começar como Saõ Pedro, se acabou como Satanás? Que lhe aproveytou a Lucifer nascer a mais bella Estrella do Ceo, se a fermosura mayor, que houve de Serafim, se trocou taõ depressa na fealdade de hum demonio? E que mal fez a Saõ Paulo haver sido perseguidor de Christo, blasfemo, & impio contra Deos; se em hum instante de mudança chegou ao

come mais levantado da Euangelica perfeyção? E que importou a outros muytos Santos haverem sido grandes peccadores, se sendo chamados de Deos por qualquer modo, se passárão da morte à vida, do peccado à penitencia, & da culpa à graça; & perseverando nella, acabáraõ santamente? O que importa he, naõ fazer surdo, nem fiar em começar bem, perseverar he o que importa, pois só assim ha salvaçaõ.

Se pois naõ sentimos em nòs, que Deos nos chama per si, nem pelas palavras do Euangelho, nem pelo exemplo dos homens espirituaes, nem por sua doutrina; vejamos ao menos, se nos chama pela nossa necessidade: vejamos se nos entristece o temor da morte; se nos sobresalta a representação do tremendo juizo; & se nos atemorizão as penas do inferno. E quem nada disto sente, nem se move com estas cousas, nem faz conta de se mover, senão para a tarde da vida, não faça conta da sua alma, que tarde se salvará; apparelhe-se para os infernos, que Deos lhos tem apparelhados. Almas Christãas, quereis, que desça Deos outra vez dos Ceos a dizervos, que deyxeis o mundo, que largueis peccados, que emendeis as vidas? tanto o peytais, vòs para isso? naõ o ouvis nos seus mandamentos? naõ vos contentais, do que vos diz pela Sagrada Escritura, que a Igreja nos seus Euangelhos vos repete todos os dias? pela vida do mesmo Christo, pela morte dos Santos, & pela vida dos justos? Já vos naõ dais por satisfeytos, de que vos falle por terceyro, quando vos falla pelos homens, que com a vida, & conselhos, vos dizem como Deos vos chama? & atè por estes meus escritos, que com serem gemidos meus, saõ brados do mesmo Senhor? Oh que sinal taõ grande de condenaçaõ he o naõ cuidar hũ homem mais que na vida presente! entristecerse, se houve fallar na justiça de Deos, aborrecendo-a, fugir das lembranças de Deos, esconderse na obstinaçaõ, & fecharse na contumacia, esquecendo-se do seu fim ultimo!

Sinaes saõ infalliveis de reprobo, em quanto duraõ, tapar os ouvidos ao som, que nos fazem na alma os ecos da ultima trombeta, fechar os olhos às representaçoens da morte, fugir com o corpo às consideraçoens do inferno, perder o amor aos bens do Ceo, & os desejos da eterna patria, passar o dia sem cuidar em Deos, desvelar pelas vaidades, trabalhar por offender a Deos, buscar com sede os peccados, & depois gloriarse nelles: mas he tal a misericordia de Deos, que ainda às almas, que em

em ſi conhecem eſtes taõ infauſtos ſinaes, & funebres prognoſticos da eterna perdiçaõ, com elles meſmos lhes falla pelo terceyro modo, & lhes brada rijamente aos ouvidos do coraçaõ, para que troquem a vida, & naõ façaõ às ſuas vozes orelhas de mercador. Os ſinaes de ſer eſcolhido, he temer, & tremer de Deos, pezarnos de havello offendido, & fazer pelo naõ offender mais: quem iſto faz, entende a Deos, & conhece, que Deos o chama por todas ſuas creaturas; a todas ouve, & de todas ſe ſerve para fazer a vontade de Deos, & naõ apartarſe de ſeu querer; porque por todas nos falla Deos, & nos chama todas as horas. Nada ſuccede neſte mundo, que naõ ſeja hum perpetuo aviſo, com que o Senhor nos allumia; que naõ pareça hum memorial, que Deos nos mete cada inſtante; que naõ ſirva de deſpertador, q̃ nos acorda a cada ponto: he doutrina do Eſpirito Santo cada afflicçaõ da conſciencia, cada fadiga, & golpe d'alma, cada illuſtraçaõ do juizo, cada dictame interior: hũa voz, cada inſpiraçaõ; hũa advertencia, os deſeſtrados ſucceſſos, & hum prègaõ os infortunios continuos. Dentro dos voſſos coraçoens, quando andais longe mais de Deos, vos moſtra elle, que vos chama com o que ſuccede em vòs meſmos; as voſſas proprias conſciencias ſe eſpedaçaõ dentro de ſi, reprehendendo vos dentro de vòs a voſſa propria maldade; & a voſſa meſma obſtinaçaõ vos diz, que andais fóra de vòs; parece, que os meſmos vicios, & peccados querem ſer voſſos Prègadores, porque lhes naõ culpeis o engano, com que vos cegàraõ os olhos, pois logo vos moſtraõ tambem, que vos ferem o coraçaõ; prègaõvos os meſmos peccados, & aviſaõvos os meſmos vicios com o pouco, que ſaõ de dura, com a torpeza, com que ſe gozão, com o ſegredo, com que ſe fazem, com os caſtigos que padecem, & com as eternas penas que vos grangeaõ.

Se pois, ó peccadores, naõ ſois penedos, já que fugis de ouvir a Deos, ouvi voſſos meſmos peccados, cuiday bem no que vos promettem, & reparay no que vos deyxão. O erro, que vem em traje de acerto, deſculpa deyxa a quem lhe faz corteſia; a peçonha, que ſe disfarçou em manjar, fez diſgraça, & naõ delito à ignorancia, que ſe enganou com elle: o aſpide, que ſe diſſimulou em flores, deſacautelando hum ſentido, tambem diſculpou hum engano: mas depois que o erro ſe deſpe de todo o disfarce, que o fez deſconhecido; depois que os males apparecendo com o ſeu caraõ, nos moſtrão quam mà cara tem, & quam mao roſto nos fazem, namo-

morareſvos delles, que diſculpa poderá ter? Chegar ao precipicio, & cahir nelle, naõ o ſabendo, he mofina da deſatençaõ; mas buſcallo, depois de vello, ou he pertinacia do animo, ou deſeſperaçaõ da malicia, ou locura da razaõ. Se pois neceſſariamente haveis de ter arrependimento dos voſſos erros, ou neſta vida, ou na outra; por ſer o arrependimento penſaõ inquitavel, que paga todo o erro; ſeja antes neſta vida, para ſervir de cautela às recahidas; pois he primor de entendidos naõ fazer couſa, de que hajão de arrependerſe; & com iſſo evitares a eterna perdiçaõ, dando gloria ao Senhor, que teſtifica que naõ veyo a eſte mundo chamar juſtos, mas peccadores: *Non veni vocare juſtos, ſed peccatores.*

GOLPE XXVII.

Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum. Ad Galat. 6. 10.

Como ſe naõ ha de perder tempo algum em obedecer aos brados, & chamamentos de Deos: & dos males da dilaçaõ.

GEMIDO XXVII.

HUm ſó dia, que percaõ de monçaõ as naos, que vão para a India, naõ ſó ſe arriſcaõ a chegar mais tarde, mas a perderſe na viagem: mais ſe navega como convem em hum ſó dia com vento em popa, & mar bonança, que em hum mez com tempos contrarios. A occaſiaõ, que dá a fortuna em hum dia para alcançar vitoria, paſſado elle, naõ ſe acha outro em muytos annos: ſaõ irremediaveis as perdas do tempo; porque ao tempo perdido, ainda que ſe não percão as ſaudades, perdemſe as eſperanças de recuperallo: tudo conſiſte em hum ponto, & he neceſſario eſtar à mira para ſe naõ errarem os pontos: por iſſo ſe erra o tiro, porque tambem o ponto ſe erra: & eſta he a razaõ, porq̃ naõ ſaõ para os froxos, nem para os deſcuidados os bens da graça, & da fortuna; hũ deſcuido os larga, quando lhe vão à mão; hũa froxidaõ os perde, quando ſe lhe vaõ por pès.

Simbolizavaõ os Egypcios as obrigaçoens do reynar em hum olho eſperto, & vigilante ſobre a ponta de hũ baſtaõ agudo: olhos, que não perdem o ſono ſobre a aguda ponta da culpa; olhos, que ſe deyxão dormir ſobre os riſcos da conſciencia, não ſaõ dignos do Reyno do Ceo: almas, que não eſtão à eſpera dos favores, que Deos lhes faz; que naõ vigiaõ ſobre ſi, ſaõ ſentinellas perdidas, que não tem quartel na juſtiça, ainda que o achem

na

na piedade, & na misericordia. Bemaventurado chama o Senhor aquelle servo, a quem achar vigiando, quando lhe bater à porta: abrir a Deos, quando nos bate à porta, he sairlhe ao encontro, & recebello para dentro quando nos busca; parece fineza do amor, & he cento por hum do interesse: buscallo depois de aggravallo, naõ lhe abrindo, ou deyxando-o ir, he arriscar a naõ achallo, como succedeo à Esposa Santa; sobre ser mao termo da razaõ, he pouco respeyto da Fé, & escandalo daquelle respeyto, que Deos quer aos seus beneficios: desazamos o tempo, que nos dava azas, & ficamos em muletas, coxeando para o remedio, cahindo para a perdiçaõ: por isso se sentirmos hoje, que dentro em nossos coraçoens nos chama a bondade de Deos por alguma via das suas, naõ deyxemos para à manhãa, o que ainda he tarde, sendo hoje; porque se o já parece tarde; quam longe virá o a manhãa? passada a monçaõ, perderemos a viagem, & chegaremos muyto tarde, quando nos naõ precatarmos, pondonos a risco de perdernos; podendo atravessar os mares com mar de rosas, & ventos favoraveis, fluctuaremos nas ondas, & nos meteremos no pègo, quando as borrascas nos contrastem, & os riscos nos arrisquem: perdido o tempo, perde-se a viagem; naõ percamos pois a viagem, perdendo huma hora de tempo.

Luc. 13. 17.

Cant. 5. 2. &c.

Eu tenho para mim, & assim o entende Santo Agostinho, que os peccadores saõ como os corvos, tudo he dizer, *crás, crás*: que significa, *à manhãa, à manhãa*; prognosticos infaustos de ruina, & annuncios da perdiçaõ: *Quoties dicis: cras, cras, factus es corvus: cum facis vocem corvinam, occurit tibi ruina.* Perguntàralhe eu agora: Se hoje, que tem mais força, se naõ querem levantar de todo donde tem cahido; como se haõ de erguer à manhãa estando mais debilitados? Crescendo os laços, crescem os embaraços; aggravando-se os males, diminuemse as forças: males saõ as culpas, & males contagiosos; laços saõ os peccados, & laços, que apertaõ a vida: se pois hoje naõ rompem o laço, quando he hum fio; como o romperáõ à manhãa, sendo já calabre? Se logo naõ accdem a curar o mal antes de malinarse; como lhe acharáõ cura ao depois, estando já pestilente? Deyxar para daqui a pouco, o que póde ser logo; deyxar para logo, o que póde ser já, he malicia, & naõ bem proposito; porque como saõ os nossos logos da natureza dos depois, quasi sempre se lhes passa o tempo nos passatempos do outro dia: querer cobrir os naõ quetos com

August. tom. 10. Serm. 164. de temp. in fine.

as sobcapas dos naõ pellos, he querer vestir as disculpas dos mesmos trajes da malicia; & malicias, que fazem gala, do que devia ser cilicio, usaõ as modas do vicio, com que ao costume se anda à larga; naõ o habito do desengano, que he estreito para a malicia: fuja pois, fuja o desengano de vestir das cores da emenda as apparencias da mentira; porque naõ toma bom caminho, quem se deyta na estrada do vicio para enxovalhar a virtude: naõ seja nas tençoens do mundo tudo propor desenganos, & tudo naõ cumprir promessas; tudo estes logos de futuro, & tudo nuncas de presente; pois para serem estes logos da condição daquelles nuncas, parece nunca o à manhãa, & o ainda, naõ parece sempre; & naõ ha nos olhos de Deos malicia, que mais o exaspere, nem maldade, que mais castigue, que hũ ainda naõ dos que elle ama, & hum à manhãa dos que elle avisa. Fechou Deos os Ceos, & secou a terra nos tempos do Profeta Ageo, para que naõ désse ao povo de Israel nem huma erva verde, nem hum pequeno de orvalho: *Prohibiti sunt Cæli nè darent rorem; & terra prohibita est nè daret germen suum*; os homens pereciaõ à fome: os brutos morriaõ à mingoa. Abrio-se o mar Vermelho em bocas nos dias de Moysés, & Araõ, & meteo com servos horrendos nas entranhas de suas ondas a Faraò, & a todo seu exercito, sem deyxar hum só homem vivo: *Operuit aqua tribulantes eos: unus ex eis non remansit.* A causa destes castigos, & a razaõ daquellas sequidoens nos consta da mesma Escritura Sagrada. Amava Deos muyto o seu Povo, & queria ter nelle hum templo, avisava Deos a Faraò por Araõ, & Moysés, que deyxasse sahir o Povo de Israel do cativeyro; resistia a Deos o seu Povo nos tempos de Aggeo com a disculpa do ainda naõ: *Nondum venit tempus domus Domini ædificandæ*; resistia a Deos Faraò com a promessa do à manhãa: *Ego dimittam vos.* Ò ainda naõ, era sempre, o à manhãa, era nunca; chegava hum dia, & outro dia, & a malicia era como sempre; passava hũa hora, & outra hora, & o vagar era para nunca: o Povo, porque Deos o amava muyto, nas esperas da misericordia dava aos delitos confiança; Faraó, porque Deos o avisava, das largas, que lhe dava a justiça, fazia licenças à culpa: & como Deos se offende mais de quem depois de favorecido se descuida; & de quem zomba depois de avisado; converteo-se em sequidoés o amor, que tinha ao seu Povo; & mudaraõ-se em castigos os avisos, que fazia à sua obstinaçaõ: naõ aproveytàraõ ao Povo as dilaçoens

Agg. 1. 10.

Psalm. 105. 11.

Agg 1. 2.

Exod. 8. 28.

çoens do ainda naõ, nem a Faraó as appelaçoens do à manhãa; antes estiveráo taõ longe de poder ser sua disculpa, que essa foy a culpa mayor para naõ tardar o castigo, nem se retardarem as sequidoens.

O' mortaes, ó peccadores: que sequidoens, & que castigos naõ teremos da ira de Deos? Que Ceos se naõ haõ de fechar, & que abismos senaõ haõ de abrir, se queremos resistir a Deos com o ainda naõ de cada hora? se queremos enganar a Deos com o à manhãa de cada dia? Tudo he dizer, à manhãa; & o à manhãa se faz nunca; tudo he dizer, daqui a pouco; tudo, esperay hum pouco mais; & este pouco he jà mais de muyto: propondes de vos emendar, & só vos lembra aquella hora; propondes de vos confessar, & esquecevos o mesmo dia; chega hum anno, & outro anno, & quasi apenas de anno em anno chegais aos pès do Confessor, porque o preceyto vos obriga, naõ porque a vontade o deseje, ou a contriçaõ vos disponha: chegais aos pès do Confessor tam sem dor de vossos peccados, que a mesma confissaõ, que fazeis, he mais despejo da memoria, que descarga da consciencia; & succedevos, como a Absalam pendurado pelos seus cabellos, porque os cortava todos os annos, para que lhe crecessem mais, podendo arrancallos por hũa vez; podereis tambem hũa vez arrancar de vòs os peccados, mas contentaisvos com cortallos de anno em anno na confissaõ; de que se segue, que como os cortais, para que mais vos creçaõ, por elles recebereis a morte, & estando a vossa vida à dependura pelos cabellos, vossos mayores inimigos vos atravessaráõ a alma.

2 Reg. 18.9. 2. Reg. 14.26.

Naõ deyxeis pois para mais tarde, o que nunca póde ser cedo: tomay os avisos de Deos, & fazey sua vontade no mesmo ponto, em que vos chama, & dentro n'alma vos avisa, pois o faz, porque vos ama: vede, que hoje já he tempo, pois naõ sabeis se o dia de hoje será o ultimo de vossa vida; naõ vos guardeis para o depois, porque nem a morte, nem o tempo saõ da vossa jurisdiçaõ. Se a morte vos colher nestes antes da penitencia, & nos sempres da obstinaçáo, qual de vòs póde duvidar, que se vay direyto aos infernos? Vòs mesmos vos day a sentença, que vos póde dar o Senhor; sentayvos no seu tribunal; vede o que tendes merecido, & fazey o que Deos fizera: & se achares, que vos convem, ou presta para algũa cousa deterervos no vosso engano, & carregar as consciencias com mais hum dia de culpa, lá vos avinde, peccadores, fazey o que vos parecer.

Dirmeheis, que vos peza muyto

muyto de offenderes a hum Deos tão bom, tão benigno, manso, & amigo; porèm, que em fim sois miseraveis, & não ha mais na vossa mão: oh peccadores sem temor! ides a offender a Deos, & dizeis, que vos peza muyto? he mentira: meteisvos por vossa livre vontade nos viscos, & laços da culpa, & dizeis, que naõ podeis mais? he maldade: recreaisvos na offensa de Deos, & dizeis que lá virá tempo? he depravada obstinaçaõ: atè quando ha de ser agora, com que a fraqueza se disculpa? quando ha de ser aquelle então, para quem appella a vossa emenda? & em que tempo ha de ser o quando, em que a vossa esperança se confia, & a que o vosso proposito se dilata? Vem o tempo, & vay-se o proposito; chega a occasiaõ, & esquece a emenda; batevos Deos, & fecha-se a alma; gritavos a alma, dorme a vida; pois que esperais, que vos succeda, naõ sabendo a hora, nem o dia, em que Deos vos póde pedir a conta de tantos dias mal gastados, & de tantos tempos perdidos? Entre pois em si a razaõ; & naõ ande fóra de si tantos annos o entendimento; tomay o conselho do Sabio, que lá dizia nos Proverbios: Naõ digais ao vosso amigo: Ide, & tornay, à manhãa vos darey o que me pedís; se podeis dar logo, o que pede: *Ne dicas amico tuo: Vade, & revertere, cras dabo tibi: cum statim possis dare.* Vosso amigo he Deos, & taõ amigo, que vos sofre, vos espera, busca, & ensina; pedevos o vosso bem, & remedio, & naõ o seu interesse; pedevos, que queyrais salvarvos, não vos pede nenhum mal vosso, & menos, algum bem seu, pois nem Deos póde ser mayor, nem vos ha mister para nada: se pois agora vos chama, respondeylhe logo; se quer que logo vos mudeis, para quando guardais os logos? Teymar no erro, conhecendo-o, he peccar assinte fazer assintes a Deos, que se póde vingar quando, & como quizer, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno he fogo, que naõ se apaga, tormento, que naõ cessa, noyte, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, morte, que sempre dura, & bicho, que sempre roe: oh mortaes! vede quam caro vos vende o demonio hum gosto momentaneo do peccado, por hum tormento eterno: & vede quam barata, & quanto de graça vos dá Deos huma vida sem fim, & huma gloria infinita, por huma mortificaçaõ breve. Seja logo, ó peccadores, a conclusaõ destas premissas, hum logo de arrependimento, hum nunca mais de culpa, hum para sempre de obrar bem, em quanto Deos vos dá com os avisos o tempo, como acon-

Prov. 3. 28.

aconselha Saõ Paulo: *Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum.*

GOLPE XXVIII.

Multifariam, multisque modis olim Deus loqens patribus in Prophetis: novissime diebus istis locutus est nobis in Filio. Ad Hebr. 1. 1.

Trata-se das moytas maneyras, com que Deos nos ensina a salvarnos.

GEMIDO XXVIII.

TOda esta maquina fermosa, que lustra nos Ceos, & na terra as esferas da humana vista, he livro donde Deos escreve tudo o que quer que os homens saybaõ he arte por onde lhes ensina, o que devem mais aprender; saõ folhas todas as esferas, capitulos os elementos, & letras as creaturas, donde a razaõ soletra, & lé as palavras do mesmo Deos; donde entende o conhecimento as varias linguas, com que fallaõ; donde o espirito declara os enigmas, que mais se encobrem; & donde decifraõ as almas os mysterios, que mais se occultaõ: com pouca pratica do espirito, que estuda por tudo o que vè, naõ ha idioma, que se ignore; caracter, que naõ se conheça; figura, que naõ se declare; & sentido, que naõ se adevinhe: os que aprendem no amor de Deos, o que só se deve saber da divina sabedoria, naõ se cansaõ com outra arte; trataõ só de ler pelo mundo as maravilhas do Senhor; nem procuraõ outra sciencia, mais que a admiraçaõ destes segredos, que o mũdo tem por ignorancia; em todo o mundo nada olhaõ, mais que o que vem de Deos no mundo; & delle naõ querem mais nada, que ignorar o que elle mais sabe.

Serve de liçaõ aos discretos a vista de todas as cousas para ver o que haõ de fugir, & advertir o que haõ de fazer; tudo os desperta para Deos, tudo os esquece para o mundo: as aves, que acordaõ cantando, lhes ensinão, logo que amanhece, a louvar ao mesmo Senhor, como aves espirituaes, em interiores armonías, ou amorosas consonancias: a luz, que faz fugir as sombras da noyte, o que faz a graça nas culpas: as lagrimas da madrugada, o quanto reverdecem as almas com as lagrimas da penitencia: as fontes, que correm ao mar, a ancia com que cada hum em Deos deve buscar o seu centro: o Sol, que declina do meyo dia, & logo as sombras da noyte se lhe seguem, o como vay escurecendo-se, quem começa a cahir da graça: a noyte,

te, que entristece a terra, & tira às cousas todas a cor, o como deyxa, & desfigura o peccado huma alma: os males, que sempre vemos no mundo, nos mostraõ a sua miseria; & as honestas felicidades nos affiguraõ os bens do Ceo: o mao fim da vida dos maos, quam mao he seguir seus passos: a gloria da morte dos justos, quam bom he seguir seus exemplos. Estas, & todas as mais cousas, que estamos vendo cada hora, saõ recados mudos de Deos, que claramente por todas ellas nos manda; & saõ os modos, com que o Senhor persuade a nossa razaõ, & observa as nossas omissoens, aceytaçoens, & resistencias de suas ordens, & vontade.

Se pois por todas as creaturas nos está olhando o Senhor; se sempre nos está fallando por todas as cousas do mundo; como para vermos a Deos, se naõ faz a Fé toda olhos? & como para escutallo, toda a vista naõ he ouvidos? Por ventura, por este livro da nossa experiencia mesma, & dos casos de todo o seculo aprendemos só para troncos, & estudamos para penedos? Como pois chega a ser possivel, que os que se estimaõ por mais sabios; os que sabem mais, que Aristoteles, pois conhecem melhor as cousas; os que reprehendem a Lycurgo, pois lhe emendaõ a sua ley; os q̃ querem emendar a Escoto, prezando-se de mais subtìs, naõ saybaõ ainda as linguagens, com que na arte deste mundo nos começa Deos a ensinar? O' mortaes nesciamente sabios, ouvi os recados de Deos, que vos manda pelas creaturas, & por seus casos, & successos. Pagens saõ todas as do mundo, por quem vos manda visitar, & allumiar cada dia; todas ellas saõ enviados da misericordia, que benigna vos offerece cada hora as pazes com sua justiça; Embayxadoras saõ do Espirito Santo, que com ardentissimo amor se quer casar com vossas almas, & darvos o Reyno dos Ceos; medianeyras saõ, quando menos, daquella liga, & uniaõ, que quer fazer contra o demonio na continua guerra da vida: naõ repareis sempre nos ministros, por quem vos manda as embayxadas; nos instrumentos, & sugeytos, de que usa para estas obras; reparay no aviso, na offerta, no recado, ou nas embayxadas, que podem vir por hũa tera, por hum tronco, por hum penedo: naõ vos detenhais no instrumento, detendevos sómente no toque: reparay no recado, & naõ no pagem: na embayxada, & naõ no Embayxador: naõ vos detenhais na cortiça, ide dentro buscar o favo: naõ olheis as cousas por fóra, esmiuçay-as bem por dentro, que estes saõ os grandes proveytos da espiritual anatomia.

Vedes

Vedes as arvores no Outono com menos folhas do que frutos; accuſavaõvos interiormente da moyta folha, ou pouco fruto, que tendes dado atè o Outono de voſſa vida: não repareis nas arvores, que iſſo vos dizem à conſciencia; reparay ſó no que vos dizem, pois tomou Deos as ſuas folhas para fazervos memoriaes, & eſſes alvarás de lembrãça: vedes voar ao Ceo huma ave, & diz-vos à alma, que tambem lá podereis voar, ſe fazendo azas das penas, & vivendo vida de juſto, fugireis das couſas da terra; naõ olheis, que vos diz iſto huma ave, ſuſpeytay, que vo lo eſcreve Deos, ſervindo-ſe das ſuas pennas; & voay com a que tiverdes de deyxar a vaidade humana: olhais tal vez para hum penedo, & diz-vos lá no coraçaõ, que ſois mais duro, que huma rocha, pois tendo alma racional, não vos move o amor de Deos, nem vos abrandaõ ſeus favores: não repareis em que he penedo; cuiday, que Deos, para advertirvos, faz fallar as pedras comvoſco: vedes correr huma fonte, & parecevos, que ſe vay rindo, ſendo que murmura, & chora de vervos; reparay na cauſa diſſo, & correyvos de naõ chorar voſſas culpas, & de vos naõ rirdes do mundo, ſendo elle couſa de riſo: vedes cahir hum rayo, & diz-vos com linguas de fogo, que eſtava para vos partir, mas que Deos vos eſpera a emenda, & ſó por iſſo vos perdoa; conhecey, que he já ameaço, & day muytas graças a Deos, que podendovos abrazar com eſſe rayo, com ſua luz vos allumia: ſentis hũ grande terremoto, & eſtremecevos a conſciencia, parecendovos, que vos diz, que vos quer já tragar a terra, ou que treme a meſma terra de vos ſuſtentar em ſi; fazey memoria deſte aviſo, & cuiday, que o meſmo Senhor vos manda prègar pela terra: vedes hum homem bom, ou mao, & a ſua viſta mudamente vos diz, quam mal parece quem mal vive, & quam bem parece, quem vive bem; ſegui o que no bom louvais, & fugi do q̃ no mao reprehendeis; porque de outro modo debalde tereis o auxilio, & o diſcurſo: eſtais na converſaçaõ, & ferio-vos hũa palavra no mais vivo da conſciencia, naõ repareis em quem a diz, que ſerá tal vez hum perverſo, reparay em quem a inſpirou, que he o meſmo Eſpirito Santo: ledes no livro huma palavra, que vos atraveſſa as entranhas, naõ cuideis que a diz o livro, entendey que vo la imprime: ouvis hum ſucceſſo do mundo, ou hiſtoria dita acaſo, & parecevos, que falla comvoſco, & vos adverte algũa couſa do q̃ vos toca à ſalvaçaõ; abri o coraçaõ a Deos, & agradeceylhe o que vos diz: eſtais ouvindo o Sermaõ, ainda

que naõ ſeja de hum Saõ Paulo, & entravos nalma algũa couſa; não repareis no Prègador, ſe não he digno de reparo; cuiday em Deos, que vos pegou ao coração eſſa faiſca: vedes cortar com hũ ſó golpe hũa era muyto creſcida; & diz-vos a alma agudamente, que acabou com hũ golpe aquella fabrica de ramos, aquelle labyrinto de eras, que pizava troncos, & penhas; que trepava torres, & muros; reparay na era, & nos laços de voſſa vida, & ambiçaõ, & quam breve golpe os derruba: vedes cahir hum edificio, & a vida ſe vos eſtremece; preſumi, que he golpe do Ceo, & cuiday nos riſcos da vida: vedes morrer qualquer homem, & ſe vos repreſenta a morte; vede, que Deos vo la lembra, & cuiday na hora da morte: vedes hum dia temeroſo, & ao juizo ſe aſſigura, que he chegado o fim do mundo; preſumi, que he ordem de Deos, para que vos lembre o juizo: reparais na noyte eſcura, ou em hũ carcere tenebroſo, & trazvos à memoria o inferno; cuiday que he aviſo do Ceo, para que cuideis hum pouco nelle; & entendey que reſiſtis a Deos, & à ſua doutrina, que aſſim nos dá por tantos, & tão exquiſitos modos, que acabareis deſemparados dos favores da miſericordia, para experimentares eternamente os rigores de ſua juſtiça; acabando de entender, que ainda agora nos falla Deos de muytos modos, & maneyras, como Saõ Paulo diz que fallava antigamente: *Multifariam, multiſque modis, &c.*

GOLPE XXIX.

Si pœnitentiam egerit gens illa à malo ſuo, quod locutus ſum adverſus eam: agam & ego pœnitentiam ſuper malo, quod cogitavi ut facerem ei. Jerem. 18. 8.

Como ha de ſer a noſſa emenda para alcançar de Deos a miſericordia.

GEMIDO XXIX.

SE o peccador (diſſe Deos por Jeremias) fizer penitencia de ſeus peccados, farey eu tambem penitencia de o querer caſtigar por elles. Oh bondade de Deos immenſa! oh amor ſempre incomparavel! que chegue o meſmo Deos a dizer, que fará penitencia de ter tençaõ de caſtigarnos, ſe nòs a fizermos de havello offendido; como ſe a divina juſtiça fora culpa, de que ſe deva arrepender, logo que nos nòs arrependeſſemos das culpas, que merecem o rigor de ſua juſtiça! Tal he a ſua infinita bondade, que por melhor nos perſuadir os remedios da penitencia, faz por bemquiſtala,

la, promettendo tambem fazella: se pois o mesmo Deos Santissimo, Purissimo, & Soberano infinitamente se naõ dedigna em sua gloria de fazer por nòs penitencia, se a fizermos de nossas culpas; quem será taõ ousado, abominavel, & blasfemo, que zombe do que Deos estima, que se ria do que Deos faz, & que despreze o que Deos quer? Fazer Deos penitencia, nenhũa outra cousa he, senaõ pôr a sua misericordia donde estava a sua justiça; & a nosso modo de fallar, pezounos de offender a Deos; pezoulhe de nos querer castigar por isso: com o pezar de havello offendido, propuzemos de o naõ offender mais; com o pezar de querer castigarnos, propoz de nos naõ dar mais castigos: eis-aqui a penitencia de Deos, eis-aqui a nossa penitencia; mas quer o Senhor explicarse comnosco pelos termos de arrependido; porque o peccador vendo isto, à medida do seu peccado, (no que he possivel à creatura) & a exemplo do mesmo Deos, se solicite arrepender: naõ olha Deos os peccadores do arrependimẽto para traz, senão da emenda para diante; naõ conta os annos do arrependimento, senaõ as tençoens, & os propositos delle; póde ser o tempo muyto, & o fervor pouco; & isto naõ he o que Deos quer, porque estima mais sem comparaçaõ hum dia de pezar com grande magoa do coraçaõ, & com firmes propositos, q̃ muytos annos de emendado com poucas ancias de dorido: mede Deos pela qualidade a penitencia, & naõ pela quantidade: assim como hum tronco de pao de Aguila, ou Calambuco, val mais, que hum bosque de outros; assim val mais hum só peccador muyto arrependido para com Deos, que muytos outros froxamente emẽdados: naõ está na extençáo do tempo a perfeyçaõ da penitencia, senaõ na intensaõ dos propositos, do pezar, & dos sentimentos: muytos annos de arrependimento com pouco fervor, saõ muytas testimunhas da frouxidaõ, & malsins da nova culpa, que se commette na tibieza; & poucos dias de fervor depois de emendarmos a vida, saõ provas de que foy verdade o pezar de offender a Deos; saõ vidas inteyras da Fé, que sem obras morre; saõ mais que idades de esperança; saõ seculos de merecimẽto; saõ eternidades de amor: & como saõ tanto, nada importa contra a salvaçaõ, que sejaõ muytos os annos do peccado, porque como Deos naõ olha o tempo, senaõ o fervor da emenda, em cada hora deste, se he grande, ficaõ logo perdoadas eternidades de offensa, & immensidades de culpa: mas nem por isso o peccador deyxe para a

Text. in cap. 2. de pœnit. dist. 7.

H velhi-

ve hice a penitencia; porque naõ será perdoado de Deos quem deyxa os peccados, quando já naõ póde peccar: deyxar os peccados, quando elles nos deyxaõ, he mais final de obstinação, que de arrependimento; porque os verdadeiros arrependidos fazem penitencia em quanto podem, & naõ querem peccar; mas deyxar de peccar por mais naõ poder, he grito de impenitencia, que podendo, se não quiz emendar em quanto peccar podia.

A verdadeyra penitencia he chorar os peccados commettidos, & naõ tornar a fazellos: se pois queremos, que a Deos lhe peze dos castigos que nossas culpas merecem, para que naõ haja mais castigos; porque nos naõ ha de pezar dos peccados commettidos, para naõ haver mais peccados? Ter pena de haver offendido a Deos: fazer penitencia, he darmonos pena, & castigo dos peccados, que commettemos: naõ tem verdadeyro pezar de haver aggravado a seu Deos, quem depois de propor a emenda, naõ castiga em si o que lhe peza haver commettido, mas antes torna ao vomito da culpa, porque a naõ castigou como devia: o verdadeyro penitente ha de doerse do passado, ha de emendar o presente, & ha de prevenir o futuro; sem descanso se ha de doer; porque descansando a dor, torna com a complacencia a reverdecer a culpa; sem tardança se ha de emendar, porque em quanto tarda a emenda, naõ chega o arrependimento; sem culpa se ha de prevenir, porque quem contra os peccados futuros se naõ acautela, muy perto está de os naõ ter aborrecido: de tal modo ha de chorar as culpas commettidas, que naõ torne mais a commetter, o que huma vez soube chorar: enganos de hontem, & desenganos de hoje, ou saõ hũ começar, ou hum nunca acabar da culpa: ou saõ propositos para nunca mais, ou malicias para todo sempre; & por isso mesmo, ou saõ remedios para logo, ou mayor mal para depois. Perdoou Deos à Cidade de Ninive nos tempos de Jonas, naõ lhe perdoou nos dias de Nahum, porque foy entaõ de todo assolada, sem ficar pedra sobre pedra de suas maquinas sublimes: a causa da misericordia de antes, & do castigo de depois facilmente se deyxa ver. Chorou Ninive as suas culpas nos tempos do Profeta Jonas, & serviolhe entaõ de remedio aquelle começar de emenda; tornou-se logo a seus peccados, com hum nunca acabar de culpa, & fez mais grave o castigo; os extremos da penitencia na face da primeyra ira parecèraõ propositos para nunca mais, por isso foraõ remedios para logo; as froxidoens do desengano

Joan. 3. 10.
Nah. 3. 7.

engano nas tenções da segunda emenda, foraõ malicias para sempre, como o Profeta lhe dizia; & foraõ por este principio seu mayor mal para depois: tanto mal faz hum desengano para deyxarse depois, que acha menos piedade em Deos, que hum engano, que se arrepende, huma cegueyra, que se chora, & huma culpa, que se confessa: & a razaõ he; porque estando na nossa maõ, como prègava o Rey de Ninive, ou a emenda para abraçada, ou a culpa para querida, depois de conhecida a culpa, & depois da emenda proposta, he mayor offensa de Deos huma emenda, que se despreza, que huma cegueyra, que se abraça.

Nah. 3. 19.

Joan. 3. 8.

Quem promete a Deos emenda, naõ menos, que para todo sempre obriga a culpa a nunca mais; & se o vagar das frouxidoens, ou a mudança dos propositos faz perder a Fé aos extremos, mà conta dá de si a Deos, & peyor dos seus beneficios, quem coxea para a satisfaçaõ, depois de voar para a culpa; quẽ torna a traz com a verdade, depois de ir adiante com a mentira. Naõ achaõ misericordia em Deos os homens, que havendo gastado na culpa o tempo da misericordia, chamão por ella, quando já indignada a justiça vem castigar a sua offensa: chamar por Deos com medo de seus castigos, & naõ com amor à sua bondade, naõ livra de condenaçaõ, se se naõ junta aos Sacramentos esta atriçaõ espavorida, & ainda que haja misericordia, deve apressarse a penitencia; porque se o enfermo, ainda que tenha por certo o alcançar a saude, naõ quizera estar mais tempo na enfermidade, mas logo apressáraõ o remedio: porque razaõ o peccador ha de querer estar em peccado, ainda que tenha por certo alcançar misericordia? Malicia he de duas larguras offender a Deos mais, porque Deos me espera mais, fazendo da sua bondade razaõ para a minha maldade.

O' mortaes, ou nessa vida, ou na outra haveis de fazer penitencia; mas com esta differença, que a penitencia desta vida he taõ breve como a vida, & tem eterno perdaõ, & a penitencia da outra vida, he taõ longa, como eterna, & tem tormento sem fim: com a penitencia de agora podeis apartarvos dos peccados para nunca mais; & com a penitencia de depois os naõ podereis deytar de vòs; levarvos-haõ para os infernos, & levalos heis comvosco, naõ cõ o gosto com que agora os naõ largais, mas com eterna pena de os naõ ter deyxado: desejareis entaõ apartarvos delles, como de crueis inimigos, naquella eterna duraçaõ, & nunca vereis compridos vossos desejos, por-

Sap. 5. 3.

que como os mais crueis verdugos naõ se apartàraõ de vòs; pois he certo, que mais sentireis ver, que nada vos espedaça mais as entranhas, nem vos roe mais cruelmente o coração, como esses vicios, & peccados mais amigos com q̃ sempre andastes em braços, & que foraõ vosso mayor deleyte por taõ breve espaço de tempo, só para mais vos affligirem por toda a longa eternidade.

Vede pois agora, ó peccadores, que a paciencia de Deos he quem vos chama à penitencia; aquelle, que aggravado vos roga, que naõ fujais perdoando, clama sobre vòs, porque lhe fugis: tornay a Deos, ó mortaes, vede que tudo tem seu tempo; ha tempo de penitencia, porque ha tempo, em que a penitencia aproveyta; & ha tempos, em que nada val, porque se faz fóra de tempo. Penitente acabou Judas, mas condenou-se: assim como o semear a seu tempo, plantar quando o pede o tempo, vindimar quando naõ he sazaõ, & navegar sem monçaõ, naõ aproveyta cousa alguma; assim querer fazer fóra de tempo penitencia das culpas, nenhuma cousa importa: he a penitencia segunda taboa de toda a humana perdiçaõ no naufragio da culpa; mas só nella certamente se salva, quem com tempo lãça maõ della: de quem guarda a penitencia para o fim da vida, duvída o mesmo Santo Agostinho se vay seguro com ella para a viagem do outro mundo; & por isso aconselha o mesmo Santo, & com elle vos exhorta a Igreja Catholica, que se quereis livrarvos de duvidas, & se naõ quereis deyxar o certo pelo duvidoso, que façais penitencia na flor da idade, no melhor da saude, & no melhor tempo da vida, & que naõ estejais perdendo tempo. Finalmente aquelles, que naõ buscàraõ a Deos na madrugada da vida, nem na manhãa da mocidade, nem no meyo dia da idade perfeyta, busquem-o ao menos na tarde de seus annos, & ainda na noyte da velhice; porque como o Senhor naõ trata em nenhum tempo, como engeytados, a seus filhos arrependidos, por mais prodigos, & destruidos, que tenhaõ sido de antes; tambem he certo, que cada vez que fizerem de seus peccados legitima penitencia; isto he, que podendo peccar, naõ queyraõ, puramente por amor de Deos, pezandolhes de todos os maos fins, que puzeraõ a seus enganos, & lhes peze de haver feyto mal; tambem (a nosso modo de fallar) a Deos lhe pezará do mal, que por isso lhes queria fazer, condenando-os para sempre: *Si pœnitententiam egerit gens illa, &c.*

August. per tex. in d. cap. 2.

GOL-

GOLPE XXX.

Pœnitentiam agite. Matth. 4. 17.

Penitencia verdadeyra qual seja, & como he necessaria.

GEMIDO XXX.

EM tres cousas consiste a verdadeyra penitencia: em dor de peccados com detestação de vicios; em confissaõ de culpas com proposito de emenda; & em satisfaçaõ de obras com perseverança de virtudes: a primeyra dispoem para a graça, se a naõ alcança; a segunda alcança, se a naõ acrescenta; a terceyra a acrescenta, se a naõ aperfeyçoa: conforme as disposiçoens da dor nos começa Deos a ver; conforme a força dos propositos se começa Deos a chegar; & segundo a perfeyção das obras, se nos começa Deos a unir: começanos a ver, porque nos vira; começa a chegarse, porque nos toca; começa a unirse, porque nos prende: viranos do avesso da culpa para o direyto da graça; tocanos da sua maõ, para nos pormos a seus pès; prendenos nos seus braços, para nos soltar dos vicios: mas se o fazemos ao contrario, esquecendonos da penitencia, a piedade se faz justiça, com que nos condena em juizo; dos toques faz crueis açoutes, com que nos castiga na morte; dos braços faz duras cadeas, com que nos sepulta no inferno. Castigou Deos a Jerusalem, & a seu Povo pelos Assyrios, assolou-a pelos Romanos; sobverteo as Cidades infames; ferio a terra dos Egypcios; açoutou o Imperio dos Medos, & outras gentes, & Monarquias; affogou finalmente a terra com o diluvio universal; & tem deytado nos infernos huma multidaõ sem numero de almas; porque as lagrimas da penitencia naõ quizerão verter diluvios de sentimento; porque o fogo do amor de Deos se não ateou pelas almas; porque as armas do desengano naõ quizeraõ assolar a culpa; & porque os imperios da emenda naõ quizeraõ mudar a vida; todos estes foraõ punidos, destruidos, & devastados naõ só com o temporal estrago, mas com os eternos castigos: naõ foy Ninive assolada, quando temeo ser sobvertida, porque em tres dias de jejum, cilicio, & penitencia sobverteo a emenda os peccados, que tinhaõ a Deos taõ irado; & ainda dos males do tempo se livràraõ moytas pessoas, Cidades, & Reynos, por fazerem publicamente penitencia de suas culpas: assim o testimunha Bethulia, & todo o Povo de Israel; porque cada vez,

que clamõu a Deos com verdadeyra contriçaõ, embainhou a misericordia a espada daquella justiça severa; que já hia descendo com o golpe a ensanguentarse nos perversos: tanto ata as mãos ao mesmo Deos hum coraçaõ arrependido, que em tomando huma disciplina, tira a Deos a espada da maõ; em se irando bem contra si, desassombra a ira de Deos; & em se cubrindo de cilicio, despe as armas a Deos.

Que esperais, ó peccadores, para fazeres penitencia, se vedes, que por naõ fazella, foraõ ao inferno os que lá estaõ? Aquelles bayxos, que no mar forão riscos naõ sabidos, vistos na carta de marear, saõ advertencias dos que navegaõ; a advertencia de huma nao, que padeceo naufragio, he salvaçaõ de muytas outras, que escarmentão no dano alheyo: assim todos os que navegaõ pelo enganoso mar do mundo, pelo exemplo dos que se perdem, podem saber donde perigaõ: perdemse os mais dos homens do mundo por naõ fazerem penitencia, ou não ser como convem; porque he a taboa segunda do naufragio do peccado: se pois da praya das virtudes sahistes para hum mar de vicios, se fostes correndo fortuna por todo o pègo da maldade, se cada vez mais engolfados em ondas de abominaçoens ides dando à costa da morte com a fragil embarcação da vida, se cada vez mais carregados do que he pezo da consciencia, mais que riqueza do deleyte, vos ides sorvendo no abismo; que fazeis, que naõ lançais maõ dessa taboa da penitencia, que naõ só vos serve de taboa, mas póde servirvos de porto? Vá ao mar, vá à confissaõ a mercancia do delito, & a mayor fazenda da culpa; & tratay de vos pôr em salvo em quanto he tempo de remedio. Naõ repareis no que vos doe, reparay no que vos convem. Se entre a morte, & a vida não ha outro algum remedio; se entre o naufragio & perdiçaõ não tendes outro remedio; porque naõ pegais desta taboa? Se vos fechais na obstinaçaõ, Deos vos fechará nos infernos: se abrires a vossa vontade na confissaõ, & penitencia, vereis abertos os Ceos para receberes a Deos, & para que Deos vos receba, abrivos com Deos de huma vez, & desabrivos com tudo o que o offende para sempre.

He a penitencia como chave, o entendimento a fechadura, a vontade como fecho, & o coraçaõ como porta: para abrir a porta, he necessario correr o fecho; para correr o fecho, he preciso dar volta à chave; para a chave dar volta, he força, que faça na fechadura; & para fazer

na

na fechadura, requere-se, que entre bem nella, & sem estas condiçoens todas naõ se póde ábrir a porta: se pois a penitencia, que he chave, vos naõ dá volta, porque vos naõ entra na fechadura do entendimento; se o entendimento vos naõ serve, porque a penitencia naõ faz nelle; se o fecho da vontade naõ corre, porque a fechadura do entendimento naõ dá entrada à chave da penitencia, para que a vire; por mais, que Deos vos bata à porta, como ha de abrir o coração, que a tantas chaves està fechado, quantos peccados tem feyto? Abre-se o coraçaõ pela vontade de amar a Deos, corre-se a vontade pelo pejo de havello offendido, vira-se o entendimento pelo conhecimento da culpa, dá volta a penitencia pela emenda da vida: faça pois, faça a penitencia por vos servir no entendimento, deyxe-se entrar o entendimento para dar volta a vontade, corra-se a vontade de ser necessario, que a virem, & logo se abrirá o coraçaõ de par em par para Deos: porèm se naõ succede assim, a chave, como naõ serve, perde-se; a fechadura, como naõ se entra, tira-se; o fecho, como se naõ corre, quebra-se; & a porta como se naõ abre, rompe-se; he Cruz para Christo, & naõ porta; he grilhaõ para vòs, & naõ fechadura; he lança contra Deos, & naõ fecho; he prego para as portas do Ceo, & naõ chave.

Mas ainda que seja ao contrario, duas cousas mais se haõ de mister: pès para chegar à porta, & mãos para usar da chave: os pès na Escritura se entendem pelos affectos, as mãos pelas obras: he necessario, que cheguem os affectos ao coraçaõ; & haõ de movello vossas obras: se com as vossas más obras déstes de mão a Deos, se com vossos maos affectos fugistes de Deos por pès, necessario he que vos vades deytar aos pès de Deos, deytandovos aos do Confessor; & pondo por obra os bons propositos, com que abrirdes o coraçaõ, he tambem necessario, que vos ponhais nas mãos de Deos.

Se pois, batendovos Deos à porta do coraçaõ atè com estes escritos, para naõ lhe abrires a porta, todos tendes o pè dormente, & todos huma mão sobre outra: se em fim não pondes mão à obra, nem quereis tomar este pè, que vos dão os vossos affectos, só porque a alma se naõ bula, porque o coração se naõ mova, & a culpa se naõ inquiete: se vos tem o mundo, & a carne, o demonio, & esse amor proprio taõ atados de pès, & mãos, q̃ o entendiméto naõ quer virarse, por não dar as costas ao mundo, que a vontade não quer

correrse, porque a carne naõ se envergonha, que a penitencia naõ quer dar volta, porque o demonio se não vá, que o coraçaõ não quer abrir, porque o amor proprio se não saya; que importa ter chave para dar volta, fechadura para virar, fecho para correr, & porta para abrir? Fora chave mestra esta chave, com que se abrem todas as portas do templo mystico de Deos, se ao mesmo passo dos auxilios, com que Deos vos levanta os pès do chaõ, entrareis no paço de Deos, que naõ he outro, senaõ essas almas cerradas pela obstinação com as travessas da malicia, trancadas pela contumacia, & pregadas com a cegueyra. Se quizereis entrar em vòs, & se cuidares algum tempo, que dentro de vòs anda Deos, ou sejais bons, ou sejais maos, ainda que só nos bons por graça; qual de vòs não folgará moyto, lançando mão da penitencia, & correndo a Deos a cortina de vossa consciencia escura, ser não só da chave dourada, mas ainda sumilher de Corpos daquelle Rey Omnipotente, que he Senhor dos Ceos, & da terra? O' Fieis, viray hoje as guardas desse appetite, que he gazùa para abrir as portas do inferno: sejaõ as guardas dessa chave, a guarda dos dez mandamentos, que o Senhor vos encerra em dous: tomay nas mãos das boas obras esta chave da penitencia: buli os pés desses affectos, que valem sempre muyto pouco, se senaõ poem em exercicio; & vede, que o chegar a Deos està só em hum abrir de mãos, & em hum fechar de olhos ao mundo. Abrivos pois na confissaõ, & abrivos de todo com Deos; abrilhe, abrilhe os coraçoens, & vereis nelles os venenos, que dentro vos meteo a culpa; abri os olhos da razão, & vereis logo a semrazaõ, com que a Deos fechais os olhos: abrivos com a penitencia, abrivos com a disciplina, abrivos todos com açoutes, & fechareis por huma vez de pancada contra o demonio: *Pœnitentiam agite.*

GOLPE XXXI.

Noli itaque erubescere testimonium Domini nostri. 2. ad Timot. 1. 8.

Como todo o Christaõ se naõ ha de envergonhar de servir a Deos, & ser virtuoso.

GEMIDO XXXI.

POuco beneficio póde fazer aos campos o Sol de Inverno em quanto se encobre em nuvens: pouco lugar dá o mar do Norte aos navios, para que naveguem, em quanto prendem as suas ondas em grilhoens de cara-

mello: & pouco fruto fazem no mundo, & pouco serviço a Deos aquellas almas, que com as nuvens da vergonha querem encobrir o Sol da justiça no tempo da sua frieza: impedem imprudentemente o calor, que receberiaõ com a luz de Deos, naõ só ellas, mas outras muytas; & naõ deyxaõ navegar bem pelo mar do norte da graça aquelles, que com a frieza de seus animos congelados ficaõ prezos nos caramellos de huma vergonha indurecida. Por isso sabendo o Apostolo, que Deos se offende do animo, & naõ da natureza, mandava a Timotheo naõ só, que se naõ envergonhasse de servir a Deos; mas que naõ quizesse envergonharse: porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor, pôr no impedimento a vontade, que havia de pôr na resoluçaõ, era mayor culpa, que naõ resolverse por ignorancia, ou froxidaõ. Animos entanguidos naõ se achaõ senão em coraçoens fracos, que naõ ousando a resolverse, querem praça de entendidos entre o numero dos inuteis, mais que os timbres de generosos com as ventagens de arriscados: & he notavel esta cegueyra; porque perguntrára eu aos homens: se a nenhum lhe peza de que o tenhaõ por entendido; se nenhum se envergonha de que o avaliem por valeroso, por nobre, sabio, ou cortesaõ; que razão ha, para que se envergonhe de que o tenhão por bom Christaõ? Porque se o valor he virtude, se o juizo he parte, se a nobreza he lustre, se a sabedoria he dom, se a cortesanía he prenda; que prenda he mais para estimada, que dom mais para desejado, que lustre mais para querido, que parte mais para prezada, que virtude, que assim se louve, como a verdadeyra virtude de saber contentar a Deos, encher a ley, & edificar o mundo? Dirmehaõ alguns, que por isso mesmo, porque a virtude he taõ louvada, póde ter o seu perigo no seu mesmo louvor: & a mim me calára a reposta, se a virtude de quem se resolve a servir a Deos houvesse de achar diante de si cousa, que lhe fizesse vangloria; & hum pouco de ar, que corre da regiaõ do engano, lhe houvesse de fazer mayor mal, do que lhe fez todo o mundo; como na verdade faz, a quem faz caso de alguma cousa, que naõ seja servir a Deos: mas quem se resolve a servillo, poem o seu fim em darlhe gloria, & naõ querer para si nada, mais que o conhecimento do nada, que foy antes que fosse, que he sempre, que pecca, & que será, se peccar.

O' mortaes, naõ vos envergonheis de servir a Deos: porque se os homens só se devem

de envergonhar quando comettem algum erro, envergonharvos de que vos vejaõ amar a Deos, & resolvervos a servillo, he mostrar ao mundo, que tendes por erro este amor, & esta resoluçaõ: & mais se offende Deos, de que os homens se mostrem corridos, & envergonhados de servillo, ou de querello servir, que de offendello; porque isto póde ser fraqueza, & aquillo sempre he ignorancia, desacato, ou ingratidão. Basta, que se naõ ha de pejar o lascivo de que o tenhaõ por lascivo? naõ se ha de envergonhar o blasfemo de que o julguem por blasfemo? o homicida por matador? o liviano por louco? o peccador por peccador? & vòs haveis de envergonharvos de parecerdes bons Christãos; de que vos naõ julguem escandalosos; & vos naõ tenhão por nocivos a todos os outros homens? Que he isto, senaõ fazer gala de escandalizar o mundo, de fazer mal ao proximo, & ter por honra o atrevervos contra Deos? Envergonhaisvos por ventura de que o mundo vos veja buscar o Ceo? Pejaisvos de que sayba o demonio, que quereis servir a Deos? demonios saõ, & os mayores, que podem ser, quantos vos fazem este pejo, ou seja a vossa honra, ou o vosso estado, ou vosso pay, ou vossa mãy, ou vosso Rey, ou vosso amigo. Contentarvos com amar a Deos às escondidas depois de offendello às claras, nem he o que Deos quer, nem tem graça alguma: viverdes na graça de Deos, & tambem na graça do mundo, he cousa muy difficultosa; porque ha de quebrar com o mundo quem se resolve a amar a Deos: *Nemo potest duobus dominis servire.* A verdade de Deos, & a mentira do mundo, como se naõ correm, naõ se fallaõ bem, & pouco namorados estais vòs da fermosura da verdade, pouco procurais agradalla, se ainda lhe fallais pela boca da mentira: ter hum pè no mar, & outro na terra, ainda he duvida da eleyçaõ, & sinal da neutralidade: buscar a Deos com mascara, parece cousa de zombaria, & querer, que vos naõ conheça: estar sobre duas amarras ainda he medo de perigo: querer ter ainda alampada em Meca, he ter ainda fé com Mafoma.

Matth. 6. 24.

Oh que repartido tem o coraçaõ quem quer servir a dous senhores! & de naõ querer dallo a hum só, se segue não o dar a nenhum, & por isso mesmo perderse. Peccadores, ou bem dentro, ou bem fóra; porque querer isto, & aquillo, nem vos deyxa hir para o Ceo, nem vos deyxa gozar da terra; nem obrigais a Deos, para que vos ajude, nem peytais ao mundo, para que vos estime, se vos quereis

hir

hir aos infernos por eſte breve engano, que hum momento vos dura, bebey por hũa vez a purga, & fazey o eſtomago a padecer para ſempre a maldição de Deos, as eternas chamas, os tormentos ſem fim, & a companhia terrivel dos demonios, porèm ſe tratais de hir ao Ceo, de gozar a viſta de Deos, de ouvir os córos dos Anjos, de morar na celeſte patria, de ver a eterna fermoſura, de ter glorias ſem termo, goſtos ſem ſobreſalto, felicidades ſem medida, & bens ſem corrupçaõ, reſolveyvos por huma vez naõ querer o Ceo de meas: haveis de cuidar com Saõ Paulo, que daquelle bem naõ ſaõ dignos os humanos merecimentos, & todas as penas do mundo: ou tudo, ou nada tem aquelles, que deyxaõ o nada do mundo, ou ſe perdem por tudo nada: quem ſe rende ao amor de Deos, naõ faz capitulaçoens com Deos; rende-ſe à mercè, & de tudo lhe faz entrega: para que vos preſta a razaõ, ſe naõ deſauthorizando-ſe no ſerviço, & no amor de Deos, tendes vergonha de ſervillo? Naõ gaſteis a voſſa vaidade nos deſejos do deſengano, ſe quereis, que o amor de Deos viva encantado na vergonha, prezo na caſa do ſegredo, ou de conſerva na mentira: amor que he hũa vergonha, que amor póde ſer? por força ha de ſer couſa má, pois tem medo de apparecer, ou o ſeu parecer mete medo: deſenganos de meyo olho ſaõ verdades ſuſpeytoſas, ou cautelas conhecidas; & cautelas com Deos naõ ſervem, ſe ſaõ mais, que para naõ offendello; porque ſó ſe encobre o que he mao, & Deos quer, que os ſeus conhecimentos tragaõ o roſto deſcuberto. Quererdes tambem, que totalmente vos deſencante Deos dos vicios, ſem fazerdes da voſſa parte, naõ ſó he teyma da malicia, mas eſcandalo da razão: ſe cuidais, que enganais a Deos com hũa lagrima de agora, com hum ay de tempos em tempos, com hum ſoluço de anno em anno, he mayor maldade do engano, que vos arraſta ao precipicio, pois naõ ſe chora o que ſe foge; naõ ſe ſuſpira o que ſe larga; nem ſe ſoluça o que ſe engeyta: muyto ſimplez he a verdade, muyto nùa, & muyto ſingella; a mentira muyto compoſta, bem veſtida, & muyto ornada; por iſſo naõ póde a mentira conformar-ſe bem com o parecer da verdade; pois por mais que o queyra imitar, ainda que fique bem córada, ſempre fica mal parecida: mentem muyto os pulſos do mundo, a quem lhes quer curar os males; porque encobrem ordinariamente com os latidos do engano as intercadencias do eſpirito: o meſmo he parecervos mal o mundo alguma vez, que appa-

Ad Roman. 8. 18.

apparecervos Deos com a occasiaõ do desengano, se naõ lançais mão delle para o meter em casa, & desenganar os outros, em que vos aproveytais de Deos. Se quereis viver para Deos, haveis de morrer para o mundo: pois fizestes honra ao demonio adorando os vultos da culpa; haveis de honrar tambem a Deos, derrubando as aras, & os idolos a quem daveis adoração: ha de fugir a vossa vida de todas as vias do escandalo; haveis de buscar a luz, ainda que naõ queyrais luzir; haveis de amar a Deos às claras, ainda que o gozeis às escuras, conforme vossa vocação, & segundo seus beneficios: escondey embora o segredo, que importa moyto que se guarde; & guarday tambem o thesouro, que não convem porse na estrada; mais haveis de mostrar ao mundo, que aborreceis em seus deleytes o q̃ vos fez fugir de Deos; que não quereis de seus enganos, o que o desengano vos prohibe; que engeytais à sua mentira, o que só quereis na verdade.

Se pois quereis, ó peccadores, caminhar por via direyta sem duvidas, nem embaraços, naõ he necessario ir ao ermo, para que povoeis os desertos, & despovoeis as Cidades; idevos à vossa razaõ, entray no vosso conhecimento, vede o que fostes, & o que sois, & o que brevemente sereis; entray logo mais para dentro, & cuiday bem em quem he Deos, cuiday como vos receberá quando sahirdes desta vida, & como vos convem sahir, & vivey dahi por diante, como naquella ultima hora quizereis ter vivido: naõ se vos dè do que dirá o mundo; olhay só o que dirá Deos, se para não servillo se vos der mais do que dizem os homens, que do que elle quer: notavel medo faz à virtude que está no berço, & anda em mantilhas, este coco, do que dirão; mas a que já he crescida, como conhece os espantalhos, ou os despreza, ou zomba delles. Se dizem, que sois hypocrita, & vòs o sois, razão he que o digaõ; não vos fazem injustiça; & se o naõ sois, que mal vos faz quem vos não faz ser o que diz? Se vos chamaõ santo, & vos ensina a humildade, que por vòs sois nada, nada disso vos toca; deixai louvar a Deos na sua creatura: se vos faz mal a vangloria, vede que vòs sois o mao, pois fazeis peste do louvor de Deos: & se isto vos não succede, vede, que vos ensina Deos pelos homens o que deveis de ser; & que vos reprehendem os que vos chamão santo, se ainda o naõ sois, & nada disto vos fará mal. Envergonhe-se cada qual de faltar às obrigaçoens da ley de Christão, que professa; & de rebellarse contra Deos, por fazer o gosto

ao demonio peccando; mas naõ tenha pejo de ſer bom fiel, & de parecer o que he para honra, & gloria de Deos; como a cada hum de nòs admoeſta Saõ Paulo na peſſoa de ſeu diſcipulo Timotheo: *Noli itaque erubeſcere teſtimonium Domini noſtri.*

GOLPE XXXII.

Deum, qui te genuit, dereliquiſti, & oblitus es Domini Creatoris tui. Deuter. 32. 18.

Moſtra-ſe, como o peccador por hum nada, & menos que nada deſempara, & deyxa a Deos.

GEMIDO XXXII.

DEyxáraõ a Deos os homens, affaſtáraõ-ſe de Deos, deraõlhe as coſtas, & viráraõ-ſe para as creaturas: & naõ ſó para as creaturas, mas para muyto menos, que ellas; deyxàraõ finalmente a Deos por tudo nada. Nada, dizem os Theologos com Santo Agoſtinho, que he tudo, o que he offenſa de Deos: *Peccatum nihil eſt.* Deyxàraõ os homens a Deos pelas honras do mundo, pela fortuna, pela fama, pelo deleyte, & pela fazenda, que eſtas ſaõ as fontes principaes de toda a perdiçaõ do mundo, como diz o Euangeliſta S. Joaõ: & todas eſtas couſas ſaõ nada, porque ſaõ offenſas de Deos; nada, porque para nada preſtaõ para a virtude, antes a arriſcaõ; nada, porque nada aproveytaõ para a ſalvaçaõ: antes a impedem; nada, porque para a outra vida naõ levaõ mais, que a culpa, ſobre quem fica o caſtigo da condenaçaõ eterna; nada em fim, porque em nada ſe conformaõ com os preceytos da ley de Deos, que ſaõ amar a Deos, & ao proximo: & como por todas eſtas couſas, que ſaõ nada, deyxamos o Senhor de tudo, bem ſe deyxa ver, que por nada deyxamos a Deos ſempre, que o deyxamos por iſto.

August. tom. 9. tract. 1. in Joan. post med.

1. Joan. 2. 16.

He offenſa de Deos a honra, & por conſequencia nada; porque o deſejo da honra teve principio na offenſa, & deſeſtimaçaõ de Deos; deſeſtima a Deos, & offende-o, quem por ſer o mais honrado do mundo, quer ſer como Deos: iſto quiz ſer Lucifer, Adam, & Heva; & nada lhes aproveytáraõ eſtas honras pertendidas, mais que de cahir Lucifer do Ceo nas penas do inferno, & ſahir Adam do Paraiſo, ainda depois de penitente: a hũ, fazerſe vil demonio; a outro, bayxo trabalhador, homem de ganhar miſeravel, que roçaſſe abrolhos, & eſpinhos: eis-aqui como as honras ſaõ nada, porque ſaõ offenſas de Deos; eis-

aqui

aqui como se castigaõ.

He nada a fortuna, porque o querer ter fortuna por maos caminhos começou em aggravos de Deos, & em mal do proximo; & offende a Deos quem quer ser o mais bem afortunado no mundo. Matou Caim a seu irmaõ Abel, por tirar do mundo hum homem, que tivera melhor fortuna com Deos, do que elle tivera: mas isto que lhe aproveytou? Naõ lhe aproveytou isto de nada, mais que pollo peyor com Deos, de excommungarse para o mundo, & condenarse para sempre. Traçou Amaõ a morte de Mardocheo, porque lhe naõ furtasse a fortuna: & que ganhou com esta traça? Que? Morte infame de forca neste mundo, & morte eterna no outro, porque a Deos, & ao proximo offendeo ambicioso da sua fortuna.

Gen. 4.

Ehster 6. & 7.

He nada a fama; porque o querer ter nome, & fama teve a sua raiz no pouco temor de Deos. Fez Nemrod a torre de Babel, para fazer grande a sua fama, & famoso o seu nome; & que lhe aproveytou, querendo sem temor de Deos tomar o Ceo com as mãos? Que lhe valeo aquella maquina, que lhe levantou a vangloria? De nada lhe valeo mais, que de edificar huma confusaõ do mundo, & arruinar a communicaçaõ, & a sociedade dos homens; & no cabo irse aos infernos com outros muytos, que, por lhe guardarem as pevides, deraõ o mesmo fruto.

Gen. 10. 9. & 11. 4.

He nada o deleyte; porque o deleyte profano nasceo da corrupçaõ das virtudes, mudando a ley da razaõ, na eleyção do appetite. Misturáraõ-se os filhos de Deos cõ as filhas dos homens; isto he, os adoptados na ley com os quebrantadores della; & corrompeo-se toda a carne em feyos, & abominaveis vicios: & em q̃ parou este deleyte? Parou em fazerse ira de Deos, & sua dor de coraçaõ; & a nosso modo de fallar, em pezarlhe de haver feyto o homem; de que se seguio castigar universalmente a terra com as aguas do Diluvio, para apagar com ellas os sensuaes incendios; & depois punillos com eterno fogo, deytando no inferno hum diluvio de almas.

Gen. 6.

He nada a fazenda; porque o querer ter mais fazenda da necessaria para o uso honesto da vida, naõ teve outras fontes, q̃ as da ambição, & avareza; & querer guardar para si o q̃ Deos deu para todos, he offensa grande de Deos, & falta do amor do proximo. Principiou o rico Avarento a juntar fazenda, juntando culpas a culpas, & deyxando perecer a Lazaro: & de que lhe servio a riqueza, & banquetes? Naõ lhe serviraõ de outra cousa, que de darem com elle no mais profundo abismo.

Luc. 16. 19.

Eis-aqui, mortaes, o que ten-

des

des de tudo, nada para a duraçaõ da vida, & menos que nada para alcançar a gloria: vangloria he tudo, & tudo offensa de Deos, & por isso nada: se quereis ser honrados como Deos, sendo Deoses na terra, ou perdereis o Paraiso, como Adam, ou cahireis no inferno, como Lucifer: se quereis por ruins caminhos ter melhor fortuna, que os outros, ou vos perdeis como Caim, ou acabais como Aman: se quereis ter nome, & fama como Nemrod; como elle vos confundis: se quereis deleytarvos sensualmente como os filhos dos homens, apressareis o castigo; & virá sobre vòs hum diluvio de ira: se quereis superfluamente juntar riquezas como o Avarento, meteis-vos na regiaõ da morte, & no carcere da perdiçaõ.

Boas saõ as honras, a fama, a fortuna, a fazenda, o deleyte honesto, boa a fermosura, a sabedoria; pois Deos honrou a Adam, como diz David: Deos deu boa fortuna a Mardocheo: Deos fez grande o nome de Abrahaõ: Deos com Rachel concedeo deleytes a Jacob; & fez rico a Job sobre todos os da sua idade: fez Deos fermosa a Judith para livrar a Bethulia da oppressaõ de Holofernes; & a Salamaõ o mais sabio homem do mundo: mas em naõ sendo todas estas cousas dirigidas ao louvor de Deos, & a mayor gloria sua, as honras saõ precipicio da soberba, as fortunas saõ isca do dano, a fama, consolaõ da vida, a fazenda, trato do inferno, os deleytes, caosa da morte, a fermosura, alfaya da vaidade, & a sabedoria, aposento da vangloria.

Psal. 8. 6. Esther supr. Genes. 12. 2. Genes. 29. 20. Job 1. 3. Jud. 10. 4. 3. Reg. 3. 12.

Para que saõ honras, se no ser fisico, & se na natureza a todos somos huns? As mais pequenas fontes, & os mais humildes regatos, da mesma natureza saõ, que os mayores rios; se estes saõ mais nobres, mais ricos, mais deleytosos, & mais nomeados no mundo, he, porque usurpando as aguas alheas, alcançàraõ a mayoria, tiranizando as igualdades: mas isto de que lhes aproveyta, senão de chegar mais depressa ao mar da morte, que tomandolhes residencia de tantas ambiçoens, & roubos, lhes faz perder o nome, entregar a fazenda alhea, suspender o curso, & acabar a vida?

Oh que pequeno coraçaõ devem de ter os peccadores, pois se enchem com tudo nada! Chorava Alexandre Magno, sendo Gentio, naõ haver mais que hum mundo para vencer; sentia o coraçaõ vasio com a posse de hum mundo inteyro, porque a seus bizarros espiritos era hũ só mundo tudo nada: & sabendo as almas Christans, que he menos que nada este mundo, como o ponderou Daniel, quererem

Dan. 5. 27.

per

por menos, que nada, perder a Deos, que he mais que tudo, que he, senaõ fraqueza de espirito, cegueyra de entendimento, & pequenhez de coraçaõ? Naõ se serve Deos de coraçoens pequenos, nem de espiritos pusillanimes; quer huns coraçoens taõ grandes, que naõ cabendo em todo hum mundo, só com Deos se possaõ encher: coraçaõ, que se enche com hũa creatura, adonde ha de agasalhar a Deos? adonde lhe fará bom lugar, quando Deos vier a elle? Casas muy terreas saõ aquellas almas, que hum dia, que Deos as visita, naõ tem adonde o ponhaõ mais alto, que entre as mais cousas vís, & bayxas, que tem em si da mesma terra: almas, que naõ tem sobrado, adonde o que he do Ceo fique em cima, & em bayxo tudo o mais que he bayxo, adonde receberáõ a Deos? adonde o meteráõ? por força ha de ser na rua ao andar do mundo, pois ha de ser fóra de si; porque dentro de si naõ póde ser, por estar a casa occupada, & com alfayas muyto indignas de poremse aos olhos de Deos: se pois isto succede aos coraçoens, que se enchem com o que tem ser, que em fim tem ser as creaturas; que vileza será a de hum animo, que com nada se enche, & se occupa com tudo nada? Se pois as honras, as fortunas, a fama, o deleyte, a fazenda, & a fermosura saõ nada em tendo fins profanos, se o nada naõ tem ser algum; que coraçaõ teraõ os peccadores, para que Deos se sirva delles, se com nada se pejaõ, & com nada se occupaõ?

Por isto me persoado, que lhe faz mal a muytos homens terem algum favor de Deos, algũa luz do caminho da salvaçaõ; porque como saõ para nada, se começaõ, naõ perseverão; se hum dia vão para diante, os outros tornão para traz, fazendo-se sempre peyores, & morrendo do que os outros vivem: o fogo, que para o ouro he prova, para a palha he incendio; a agua, que para o peyxe he vida, para o homem he morte; a chama, que para os animaes he medo, para a salamandra he pasto; o mesmo vento, que mete no porto huma nao forte, mete no fundo huma barquinha fraca; a mesma agua, que correndo por hervas salutiferas he boa, correndo por hervas peçonhentas he pessima; o mesmo calor do Sol, que para hum jasmim delicado he febre aguda, para hum cedro forte, & robusto he saude: & a razaõ he; porque aquella fragilidade cheyrosa adoece do seu melindre; & aquella verde valentia no seu vigor se fortalece: as cousas grandes, & sublimes não saõ para animos molles; saõ para coraçoens robustos: a Cruz de

de Christo, que para os fracos he morte, para os generòsos he vida; a huns serve de pezo, a outros de valor; para estes he alento, para aquelles desmayo; desmayaõ estes de ver, que para seguir a Christo, da honra haõ de fazer desprezo; da fortuna, infortunio; da fama, infamia; do deleyte, mortificaçaõ; & das riquezas, pobreza: alentaõ-se os outros, porque achaõ na pobreza os thesouros, na mortificaçaõ o gosto, na infamia a estimaçaõ, no infortunio a Estrella, & na deshonra o credito: recebem o cento por hum na Fé, com que se desenganaõ, na esperança, que poem em Deos, & no amor, que só tem a Deos; do mais usaõ, como se naõ usáraõ, vendo que tudo he corrupçaõ, apparencia, vento, & mentira; mas, oh desdita grande! enfermidade sem cura! erro sem emẽda! que o mesmo vento, que para huma nao he favoravel, para outras seja contrario! tudo nasce em fim de andar às avessas com Deos, que sempre nos dá vento em popa: & por isso o mesmo Deos, que para huns ha de ser misericordia, para outros será justiça; para huns, piedade, & para outros, rigor; para huns, premio, & para outros, castigo; para huns, gloria, & para outros, pena: gloria para o justo, & pena para o peccador, que por nada o desamparou, & sem que, nem para que lhe virou as costas,

Oh almas melindrosas, se a tentaçaõ vos acha flores, com qualquer ardor da concupiscencia vos derruba, com qualquer bafo de vento da vaidade vos murcha, & vos enxovalha: mas se vos acha troncos robustos, fortificavos, fazvos crescer, & medrar: & a razaõ he; porque assim como a flor he figura da fragilidade, que naõ se cansa em deytar raizes, senaõ em crescer, & deytarse para o ar com desejos de ostentaçaõ, & por isso logo perece: assim a nossa fragilidade amiga das cousas vans, & caducas faz por parecer bem, & por ser recreaçaõ do mundo, naõ tem fundamento em que se firme; dalhe o ar da vaidade, & leva-a o vento; dalhe o Sol, & mirralhe toda a substancia: naõ assim o tronco, figura da virtude, porque em lhe dando o Sol, ou vento, pega-se às raizes, vay buscar com humildade ao centro da terra as forças, com que ha de resistirse; de que nasce, que tendo as tempestades dentes por fóra, & naõ por dentro, naõ lhe passaõ do vestido os golpes do tempo; se lhe fazem movimento nas folhas, naõ lhe aballaõ o pè, nem lhe movem as raizes, que estaõ pegadas ao seu centro; & disto nasce, que o tronco, & a virtude se augmenta com o que a flor, & o vicio se arruina.

O'alma peccadora, se como tronco te pegas com as raizes da Fé, Esperança, & Caridade ao teu centro, que he Deos, nenhum mal te poderáõ fazer todas as tempestades do mundo, carne, & inferno: porèm, se como flor leviana, com qualquer sopro te deyxas levar do vento de qualquer tentação, pereces, porque te apartas de Deos. Naõ desampares, peccador, a teu Pay celeste por hum nada: naõ te esqueças de Deos teu Creador: ouve a reprehensaõ, que te dá o Santo Moysés: *Deum, qui te genuit, dereliquisti, & oblitus es Domini Creatoris tui.*

GOLPE XXXIII.

Fallax gratia, & vana est pulchritudo. Prov. 31. 30.

GEMIDO XXXIII.

NAõ ha cousa mais fea aos olhos de Deos, que a fermosura, que se emprega nas profanidades do mundo: porque se aquellas graças da natureza, que Deos lhe deu para que o louvasse, se empregaõ na sua disgraça, requestando as suas offensas para melindres da vangloria, para alvitres da culpa; que cousa póde haver mais fea? A corrupçaõ das cousas tanto he peyor, quanto he melhor o que se corrompeo; ou quanto mais se muda no seu contrario: por isso o Sol, quando se eclipsa, he medonho, & aborrecivel, sendo de antes taõ agradavel, & bemfeytor da natureza; muda-se em sombra escura a luz mais clara, & parece, que todo o orbe se escandaliza, & se aborrece desta mudança naõ esperada: naõ se escandaliza o mundo, de que a sombra seja fea, a noyte, escura, & o escuro feissimo; mas de que a luz se eclipse, a claridade se escureça, & o Sol se demude, naõ só se escandaliza, mas se aborrece.

Bellezas, que naõ servem para mais, que para ser iscas do vicio, oh que fea cousa saõ! Gentilezas, que naõ prestaõ para outra cousa, que para alvo do appetite, para incentivo do erro, para occasiaõ do peccado, oh como deviaõ ser medos de seu dono, mais que vanglorias; fastios, mais que satisfaçaõ! saõ perigos bem assombrados, males, a que se tem amor, & viboras, que se criaõ no seyo, para depois se meterem no coraçaõ. Alguns julgaõ por pedra filosofal a fermosura, que de tudo faz ouro; & ordinariamente he pedra de escandalo, que de tudo faz culpa. He falsa a graça das bellezas, porque parece hũa cousa, & he outra: parece ouro, & he alquime; parece bem, & he cousa má: he má para seu dono;

dono; porque lhe mete em cabeça, que ninguem lhe faz melhor rosto, que seu mayor inimigo: & para os outros he má, & peyor; porque os persuade, que naõ ha mais que ver, nem desejar, que aquella treyçaõ enfeytada, com que o seu dano se bemquista: muytos crem, que he huma benção da natureza, & he huma maldiçaõ de Deos: diz a boca, quando a vè, seja Deos louvado: & diz o coraçaõ, seja Deos offendido: começa em Deos vos guarde, & acaba em Deos nos livre: anda seu dono toda a vida amimando-a, & cada vez se faz peyor, & mais perigosa a seu dono; naõ quer às vezes este, que o ar a toque, porque lha naõ leve o vento; naõ a deyxa ver Sol, nem Lua, porque lhe naõ quebre o caraõ: empapela-se na vaidade, poemse de conserva no resguardo, & corrompe-se no vicio; porque os dias a gastaõ, as horas a minaõ, & os momentos a voaõ; corrompendo-se, quando com mayor cuidado se conserva: cada dia he hum inimigo, que de mais a mais lhe faz mal, porque lhe vay tirando a vida sem se sentir, vaylhe enxovalhando a flor sem se conhecer, & mudando a feyçaõ, sem a desaffeyçoar: & he vãa por isso a fermosura, pois affaga a vaidade, que só lhe fica de hum desengano, que se lhe vay em cada momento, q̃ vem: fica vãa do que tem em vão, & do que goza debalde, pois se goza do que se lhe passa cada dia, do que cada hora se muda, & do que cada instante se acaba: gloria-se do que naõ he seu, trata-o como proprio, & paga-o como alheyo; porque tarde, ou cedo ha de dar conta cada hum do thesouro, que recebeo, & dissipou como quiz, & naõ como devia: sendo de Deos tudo, & nello só o mao uso.

He falsa a graça, & a belleza: porque sendo hũa musica de feyçoens, hum a consonancia de partes, & hum aggregado decoroso de proporçoens convenientes, quanto se affina por só a, tanto desafina por dentro; quanto melhor tempera o som, que faz aos olhos, tanto mais se desporporciona para os coraçoens: parece armonia dos sentidos, & he dissonancia para os animos: os bayxos, & os altos dissonaõ, porque no louvor de Deos naõ tem o fundamento: os graves, & agudos desdizem, porque naõ soaõ para Deos, como para os homens; nem se regulaõ para o espirito, como para o corpo: as falsas na verdade, as quebras na razaõ, & os requebros na culpa, saõ os que parecem melhor, o que muyto se estima, & o que mais agrada: & daqui nasce, que quem parece Serafim por fóra, he demonio por dentro, pondo-se no parecer toda a

gio ia, & no ser todo o descuido.

Oh gentilezas do mundo enganosas, como enganadas! enganavos a vossa vaidade com o mesmo, com que enganais o mundo; enganais o mundo com huma apparencia agradavel, & ella vos engana a vòs com hum desvanecimento aprazivel: bebevos a caricia os semblantes, a lisonja vos gaba as fórmas, o vicio vos adora os vultos, & a culpa vos suspira os geytos, sem passarlhe pelo pensamento, que vos gerou a podridaõ, que nascestes em angustia, que viveis em miseria, & acabareis em afflicçaõ; & que em fim sois no mayor mimo de vossa presumpçaõ florente, hum barro com melhor caraõ, hum saco de terra com vida, hum pouco de lodo com alma, hũa caveyra paleada, que se esconde, huma morte encuberta, huma terra melhor córada, & huma cinza bem parecida: de que pois vos ensoberbeceis, gentilezas vans, bellezas falsas, fermosuras fingidas? de hũa apparencia, que he mentira, de huma presumpçaõ, que he quimera, & de huma vaidade, que he nada? Se he de hũ pouco de ar, que vos move, quando a outros suspende; que vos recrea, quando a outros faz mal; como naõ vedes, que he ar, onde vòs ficais em vaõ, porque he vangloria? Como estimais esse ar, que parecendo bom, he ar corropto, & hũa peste, que aos outros, & a vòs mata por contagio? Se he de huma natural viveza, que mexerica as perfeyçoens; como tendes por cousa boa, quem descobre os vossos segredos, & desafiza a gravidade? Se he dessa mesma gravidade, que vos authoriza as presenças; como tendes a hypocrisia por virtude da fermosura? Se he das artes, com que a malicia quiz emendar a natureza; como dos remendos do vicio fazeis vòs a gala das prendas?

O' bellezas, ó fermosuras; todas sois como vestido, lustrais hoje, à manhãa vos rompeis, o outro vos çujais, & depois vos fazeis hum trapo: sois barro, & ainda que sejais de Estremòz, ainda que da Maya, hoje sereis brinco, & à manhãa caqueyros: sois lodo, & ainda que ao Sol, & ao tempo pareçais lama de prata, haveis de tornar ao que sois, porque vos haõ de pôr de lodo: sois podridaõ: & ainda que pareçais hũas flores, & cheyreis às mil maravilhas, haveis de ser asco, & fedor, porque sois agora hum cofre de nojos, & depois hum saco de bichos. Se pois a experiencia, & a vista vos ensinaõ estas verdades, para que sois vãs? para q̃ sois enganosas? Todas sois cavallos de Troya, por fóra hũ apparato santo (sendo de ordinario lascivo, & profano) q̃

se

se fingiò virtude, & por dentro huma guerra viva, hum diluvio de estragos, huma maquina de mortes, hum artificio de incendios, hum mar de ruinas, & hũa ostentaçaõ fermosa, que pareceo maravilha: se a vangloria, que vos ufana, he queda, que já vos derruba: se a corrupçaõ, que vos castiga, he impulso, que vos apressa ao dano, que vos ameaça: se nada no mundo vos favorece, & tudo vos persegue, a honra, que vos poupa, vos enterra; a carreyra, que vos goza, vos enxovalha; o vicio, que vos gasta, vos destroe: se o tempo vos falta, tiravos com a morte a belleza; se vos sobeja, poemvos na cara a vossa injuria: oh que disgraça taõ grande! que engano taõ manifesto, ver que saõ tantos os riscos da fermosura, assim vista, como vistosa; & que seja ainda assim mofina taõ prezada, risco taõ requestado, escandalo taõ bem visto, & peste taõ assistida, & cortejada! Naõ se contenta quem a vè, de a trazer nas palmas, & nos olhos; mas ainda para a meter dentro n'alma lhe faz passadisso do coraçaõ. Oh affeiçoado bem! oh requestado mal! veneno suspirado, praga appetecida, salvaçaõ de nenhum, & perdiçaõ de todos!

O' mortaes, do mal, que nos apparece com o seu rosto, naõ ha muyto, que recear; nem he necessario estar de aviso para nos defendermos delle, elle mesmo nos avisa a rosto descuberto: se a espada nùa se nos poem nos olhos, cada qual acode logo ao reparo: da serpente, que se nos poem diante para tragarnos, cada hum faz por lhe fugir; mas do mal, que nos parece bem, do dano, que se veste de remedio, da peçonha, que se vende por triaga, do demonio, que se finge Serafim, quem se poderá livrar sem engano, ou sem perigo? he necessario trazer álerta o cuidado, a cautela de sobremaõ, & os avisos de maõ posta: hum mal taõ gentil-homem, que nos leva os olhos, taõ geytoso, que nos enleva os sentidos, tão galante, que lhe achamos graça, & taõ meygo, que se nos mete no coração, como se ha de sahir, se o deyxamos entrar? como ha de ter reparo, se naõ reparamos nelle? He pois necessario andar de acordo, que a gentileza, & fermosura mundana he falsa, fingida, & apparente, para que naõ engane aos descuidados, como adverte o Espirito Santo: *Fallax gratia, & vana est pulchritudo.*

GOLPE XXXIV.

Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus, ipse verò dormiebat. Matth. 8.24.

Como no meyo da tempestade dos vicios haõ de recorrer a Deos os peccadores.

GEMIDO XXXIV.

MEtèraõ-se em huma barca os Discipulos com o Senhor, resolvendo-se a naõ deyxallo nas tribulações do mar, assim como o tinhaõ seguido nas prosperidades da terra: mas em se fiando das ondas, começou com cerraçaõ escura a cahir o Ceo em nuvens, o ar em chuva, o fogo em rayos, os orizontes em ventos, & todo o mundo em confusaõ, pois o mar se erguia em montanhas, o vento se precipitava em serras, o dia se desfigurava em sombras, o Sol se descorava em trevas; em cuja turbaçaõ medonha, cheyo tudo de horror, & assombro vagava a misera barquinha padecendo, quasi sorvida da voracidade das ondas, em cada momento hum risco, em cada vaivem hum naufragio: viraõ-se a risco de perderse os mesmos escolhidos de Deos; desconfiáraõ de remedio por todas as vias humanas, & recorrèraõ ao Senhor, que dormia, parecendo que no descuido se esquecia dos seus mimosos, & do governo das creaturas.

Se pois, os que trazem a Deos comsigo, os que andaõ na companhia de Deos, os que se chegaõ mais a elle, & os que o servem com mais cuidado, se vem a risco de perderse em o Senhor se descuidando, a nosso modo de fallar, ou fazendo, que se descuida; se achaõ, que naõ ha outro remedio, senaõ recorrer ao Senhor, clamarlhe, & pedirlhe que os salve, que lhe acuda, & que os ajude: como esperaõ melhor fortuna os que andaõ no mar deste mundo em companhia do demonio, cubertos das ondas dos vicios, & perdendo-se a cada passo nos bayxos, & sirtes do seculo? Correm perigo os justos, naõ o correm os peccadores? Os justos se escapaõ do naufragio, hé pegados à taboa da Cruz; & os mundanos salvarseháõ submergidos em hum mar de culpas, & tragados já das baleas, & de outros monstros infernaes? Se se salvaõ escassamente os que naõ tem outro cuidado, mais que tratar da salvaçaõ; como crem que se haõ de salvar os que só trataõ de perderse? 1. Petr. 4. 8.

O' homens de almas assombradas, de coraçoens anoytecidos, de vidas torpes, & asquerosas,

rosas, de palavras negras, & escuras, de pensamentos carregados, de consciencias sombrias, de obras cegas, & defuntas, como naõ vedes, & notais, que todos esses movimentos, que tendes no golfo do mundo, os permitte Deos muytas vezes, para que delle vos lembreis? Que todas as tribulaçoens d'alma, tempestades da vida, & honra, borrascas do fado, & fortuna, tormentas do gosto, & da pena, as manda, & quer o mesmo Deos, por ver, se de humas affligidos, de outras feridos, & humilhados, contrastados, ou confundidos recorreis à sua piedade, buscais nelle o vosso refugio, & dais emprego, ou exercicio àquella altissima bondade, que vos queria para mais, que para assumpto vaõ, & inutil de taõ grandes misericordias? Vede que he mar todo este mundo, cheyo de riscos, & tormentas, de que se escapaõ muy poucos; por huma parte o vosso descuido he calmaria, que vos prende; por outra a vãa sensualidade he serea, que vos atrahe; por muytas, a vossa vaidade he temporal, que vos çoçobra; por nâo poucas, a vossa ambição he tormenta, que vos contrasta; & por todas, o vosso engano he onda, que vos mete a pique: tome pois a razaõ o leme, vire as vélas o entendimento, siga outro rumo a vontade; porque se a vossa estimação quizer saber por fantasia a altura, & clima donde está, na breve carta de hum papel, que huma pinga de agua desfaz, achará posto todo o mundo; nas pinturas de hum pergaminho, que huma gotta de tinta borra, verá a melhor apparencia de sua falsa ostentaçaõ, muyto chãs as suas alturas, muy igoaes suas mayorias, suas larguezas entre huns riscos, toda riscos sua grandeza, & comprido à risca o engano, dos que estimaõ suas larguezas, ou aceytão seus comprimentos, ou se arriscão por huns, & outros.

Oh se os homens já se enjoárão de andar lutando com as ondas! Se se persuadírãõ os homẽs, que andavão fóra de seu centro! Se desejando tomar terra, se lembràraõ de que saõ pó, quem duvída, que para o porto da sempre alegre eternidade puzeraõ a proa do sentido, dobrando para a India do Ceo o Cabo de Boa Esperança; & naõ o verde da ambiçaõ para a oca mina do mundo? Oh que depressa o desengano conhecèra então claramente, que quanto aqui he porto bello, nada tem de porto seguro! Que facilmente descubrira nas enseadas, com que o mundo nos convida com seus abrigos, encubertos aquelles riscos, que amorosamente nos chamão, & enganosamente nos prendem no mesmo ponto, em

que se tecião! Oh como viramos a tempo as armaçoens, com que no pègo, feyto cossario este inimigo, anda a corso de nossas almas! Mas nem por isso desconfiem os que se vem mais derrotados, porque à liberdade dos ventos entregárao a liberdade; os que engolfados no appetite, nas cegueyras, & nos deleytes pertendèrao surcar os mares a todo tempo vento em popa; porque se em fim, dando por davante nos fizermos em outra volta; se buscando a Estrella do mar, seguirmos o norte da Fé; se, tomando a altura do Sol, naõ nos deyxarmos à esperança; se dos rumos do amor de Deos nos não desviar o amor proprio; & se finalmente não perdermos na mesma quietação do porto tudo o que escapou do pégo, ganharemos o balravento ao mundo, à carne, & ao demonio; mudarseha em breve tempo o temporal em mar bonança, o naufragio em boa viagem, & a perdição em salvamento: com o que sendo para a alma todas as ondas mar pacifico, no meyo dellas gozaremos hũa doce serenidade; atè que em fim desembarcando nas prayas de hũa vida quieta possamos erguer ao Senhor o templo santo da oraçaõ, pôr nas aras do desengano os sacrificios da vontade, pelas paredes da memoria as insignias destes milagres, & por toda a parte do exemplo as reliquias deste escarmento, a cuja vista vão crescendo os votos da vida Christãa, & devoção das maravilhas, atè q̃ no socego eterno descanse a alma para sempre.

O' pois miseros peccadores, que calçados de rémoras, & vestidos de tartarugas naõ dais hum sorco, nem hum passo para salvarvos desses riscos; que metidos no mar do mundo, quando quereis fugir das ondas, ides chocando com as penhas; que nessa escura cerração de vossas culpas, & ignorancias, perdido o norte da razaõ, apagado o farol da Fé, roto o leme do entendimento, ides ao gosto desse mar de vossos vicios, & deleytes; ides à vontade dos ventos de vosso engano, & vaidade, a sobvertervos no profundo dos negros abismos do inferno; abri os olhos, & os sentidos; vede, que dentro de vòs tendes a Deos, que ellá dormindo sobre a taboa de vossos corpos, que vay já fazendo naufragio; pedi a Deos, que vos acuda; chamay por elle, ainda que dorme por não attentir a olhos vistos às offensas, que lhe fazeis. Tempestuoso he este golfo nas mayores serenidades; nelle se perdem cada instante naõ só as barcasinhas pobres de vossas vidas miseraveis; mas tambem os bayxeis mayores, que surcaõ suas falsas ondas: para escapar naõ ha remedio,

medio, se naõ vier das mãos de Deos: a barquinha de vossa vida por todas as partes faz agua: os monstros desse mar terriveis por ambos or bordos esperaõ tragarvos a cada momento: contra vòs he diluvio a chuva, que para os campos he remedio: contra vòs he já tempestade, o que he sómente viraçaõ para as plantas da terra boa; que esperais, em que vos detendes? Esperais a hora da morte, em que ninguem de Deos se lembra para cuidar em deter a vida? Detendelvos na mudança da vida, por parecervos huma morte? oh que engano taõ manifesto! pois vos arrasta essa detença à derradeyra perdiçaõ: recorrey a Deos muyto à pressa, naõ percais instante, nem ponto, pois por instantes vos perdeis; ainda que dorme, ha de acudirvos no mesmo ponto, em que de coraçaõ o chamardes; ainda que entendais, que está taõ longe, quanto delle vos apartastes, ha de ouvirvos, & ha de valervos; & naõ deyxará confundirvos, se pondes nelle as esperanças: acudi a Deos conhecendo-o, que elle he sómente quem nos salva, & não nossas forças, quem nos livra: chamay-o pois de coraçaõ, ponde sómente nelle os olhos: que elle fará parar os ventos, & porá em obediencia os mares em hũa tranquilidade taõ outra, do que saõ todas as domando, q̃ direis com louvor, & espanto vendo de Deos as maravilhas: Quem he este, a cujos imperios, a cuja voz, a cujo aceno os mares, & ventos obedecem? *Ecce motus magnus, &c.*

GOLPE XXXV.

Lapis, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, & implevit universam terram.
Dan. 2. 35.

Mostra-se, como he facil ao peccador o crescer na virtude, se principia a emenda da vida, & a continùa.

GEMIDO XXXV.

MAis facil he o crescer, que o começar: assim o entendia Seneca: *Facilius crescit dignitas, quam incipit*; & assim o ensina a natureza com as aves, rios, & plantas: a aguia, que antes de ter pennas naõ se atrevera a dar hum voo, nem ainda hum passo, em tremolando a pompa leve de suas menos graves plumas se remonta a voos sublimes: o ribeyrinho, que nà fonte naõ teve brios de regato, em começando a ser ribeyro, ensaya as aguas para rio: as arvores, que o mais do anno saõ rudo exemplo da fortuna, & das variedades do tempo, em dous dias de primavera

Senec. Epist. 150. in princ.

vera se enchem de pompas, & de flores. Para saber, qual he a causa natural da velocidade, cõ que em começando se cresce, basta pouca filosofia; pois do naõ ser ao ter principios ha muytos longes no possivel; porèm do ser ao augmentar ha muytos pertos no duravel. Das ondas do mar vio Elias subir hũa nuvem pequena; começou vestigio de hum homẽ, continuou chuveyro grande, & ultimamente fez-se palio, & manto escuro do orizonte, com que cubrio o Ceo, & a terra. Ninguem deixe de começar, por ter por muy difficultoso poder crescer, ou proseguir; mais faz quem move aquella pedra, que nos montes teve a raiz, que quem, já depois de arrancada, a deyta a rodar ao valle, adonde desce ajudada da natureza, que a faz seguir o mesmo impulso.

3. Reg. 18.44.

Natural he, que a planta cresça no mesmo momento, em que nasce; & naõ he facil, que o Sol nasça, sem que no mesmo instante luza: todos somos como regatos, que para chegar a ser rios, he necessario nascer fontes; & todos somos como as aguias, que se naõ provamos ao Sol, que do mesmo Sol somos filhos, os que nos criaõ, nos engeytaõ; & por bastardos do primor das naturaes inclinaçoens, despenhandonos, nos castigaõ: & somos em fim como arvores, que se vivemos sem dar fruto, gastando em folha todo o tempo, para o fogo eterno nos cortaõ: demos pois para Deos os frutos, para elle encaminhemos os passos, a elle dirijamos os voos, & será mar, quem foy regato; crescerá palma, quem for planta; & terá azas, quem tiver pennas: mas querer voar sempre toda a vida pelas regioens da vaidade, sem pôr nunca os olhos no Sol; oh que he final de ave nocturna, & naõ de aguia magestosa! querer ter o mimo do rego, & viver no vicio da terra sem crescer para se augmentar, ou florecer para dar fruto, he malicia de arvore agreste, mais que sinal de planta boa: querer empoçar pelos valles sem correr a seu beneficio, & menos reduzirse ao mar, donde as aguas todas nascéraõ; oh que he sinal de charco immundo, & de lagoa corrompida, mais que de fonte, ou de regato!

Façaõ pois, façaõ os humanos alguma cousa por seu Deos, ou ao menos por se salvar; naõ queyraõ que Deos faça tudo, pois para nada os ha mister: comecem, & augmentarsehaõ; porque o crescer no amor de Deos he mais facil, que o começar: naõ se escusem de orar a Deos, ou de entrar na santa oraçaõ, com dizer, que estes exercicios requerem conciencias puras, grande apparelho, & contriçaõ,

çaõ, & que nos estados do mundo naõ póde havella facilmente; saõ falsas estas humildades, fementidos estes decoros, pois saõ malicias, que se esprayaõ, quando receyos, que se encolhem: saõ cetrerias do demonio, que com estas filacterias nos aparta do entendimento o caminho da salvaçaõ; pois ainda que seja verdade, que para perfeyta oraçäo se haja mister pureza com Deos, grande desapego comnosco, grande differença de vida, muyta mudança de costumes, & em fim hũ grande excesso d'alma no odio, que ha de terse a si, & no amor, que ha de ter a Deos, naõ impede, que ao menos busquemos a Deos moytas vezes, como o enfermo busca o medico, como o escravo a seu Senhor, como o pobre, que pede esmola, como o prezo, que quer soltura, & em fim como filho a seu pay, que o ha de receber nos braços, ainda que tenha sido prodigo, & ainda que venha çujo, & nù, & cheyo de outras mil miserias.

Se pois o Pay celestial, Pay de amor, & misericordias, & infinita consolação, taes, quaes somos, nos esta rogando, que venhamos para os seus braços, os que andamos carregados, & oprimidos; como póde ser cortesia, reverencia, ou humildade não querermos chegar com a falsa cor, & discolpa de naõ estarmos para isso? Estando cheyos de immundicias, de abominaçoens, & peccados, quem, senão elle, ha de limparnos, & fazernos dignos a todos de estar diante dos seus olhos? Por ventura para este traje, em que queremos apparecerlhe, & achar graça em sua presença, nos poderemos preparar, enfeytar, & compor nas guardaroupas do mundo, nas cadeas do demonio, ou nos atoleyros da carne? Se na casa do arrependimento nos naõ podemos concertar; se com a cor da penitencia, & com os sinaes da contriçaõ nos naõ fazemos gentishomens, & capazes de apparecerlhe; como apartados da virtude, & desavindos com a emenda nos acharemos mais capazes? Quem pois nos ha de preparar para chegarmos ao Senhor? Seraõ as feyçoens do peccado, o toucado da malicia, a gala da impenitencia, quarta maldade de Damasco, que naõ tem, nem terá perdão das misericordias de Deos? Oh Fieis! torpe he o vicio, fea a culpa, desestrada a maldade: tem a cegueyra maos olhos, peyor boca a mentira, & nenhũa graça o peccado: se ainda assim achais bom caraõ ao engano deste mundo; se ainda assim vos namorais muyto do ar de vossa vaidade; se achais geyto na vossa teyma, bizarria na perdiçaõ, & no dano galantaria; despedivos de

Amos 1.3.

de Deos de todo, & naõ façais caso, nem conta da salvaçaõ, que desprezais, & da bondade, que offendeis com estes respeytos fingidos de naõ chegar a Deos taõ feyos, como vos tem vossos peccados.

Culpa he de muy grande pezo fugir de Deos muyto às claras, para querer peccar às cegas; & chegarmos a crer, que he bom naõ nos chegarmos logo a Deos sem primeyro nos emendar, he maldade mais, que ignorancia, pois elle he só quem nos emenda, nos alimpa, & aperfeyçoa, como esculptor a sua imagem, como pintor a sua pintura, & como oleyro o barro, que toma; & se este lhe fugir da maõ, ficará no lodo, ou na terra. Como póde ser reverencia, & respeyto, que se tenha a Deos, fugir delle para o demonio? tanto nos chegamos a este, quanto de Deos nos apartamos: como pois agradará a Deos esta enganosa submissaõ, com que se escusa o nosso engano, ou a nossa perversidade, se Deos, por quanto lhe devemos, se sari faz com hũa lagrima, & se pega de hum só gemido, querendo de nòs hũ pequey, muyto mais, que fazer milagres? Como se póde contentar de q̃ delle nos assaltemos, se quanto sofre, & nos permitte, he só por ver se nos viramos; he porque a elle nos cheguemos, dizendolhe nossas miserias, nossas fraquezas, & delitos? Que temos nòs neste mundo, que possamos chamarlhe nosso, senaõ a culpa, & o peccado? Se pois de males taõ mortaes receamos a medicina, que esperamos da doença? E se o medico naõ cura os males de quem lhe naõ dá conta fiel delles; como fugimos do Medico divino, & lhe naõ mosthamos nossas chagas, se he que queremos saude? Naõ teve a nossa fragilidade menos antiga a origem, do que esta nossa natureza: barro fomos, & barro somos, & terra finalmente seremos: cahir, & quebrar a cada passo, he propriedade do que somos; erguernos para nos unir, he condiçaõ do que Deos he: quem o busca quanto he possivel, faz tudo aquillo, que Deos quer; quem o poem diante dos olhos, obriga-o tudo, quanto póde: se hoje a sombra do delito nos encubrio o Sol da graça, à manhãa a luz da verdade, ou hum sopro daquelle Norte desfará as nevoas da culpa.

Se isto, ó peccador, naõ basta para te tirar do erro dessa pessima reverencia, ou respeyto, sobejará para te converter, se cres que Deos por sua grandeza infinita està em toda a parte; & que delle te naõ podes esconder de modo algum: se pois isto he verdade Catholica; & assim torpe, feyo, & asque-

roso

roso andas, & estás diante de Deos, naõ será bem, que com a capa da penitencia, & vestido do arrependimento, o busques para que te vista a Estola nupcial da graça? Como dirás ainda, que te naõ atreves a apparecer diante de Deos, se nem nos calabouços do inferno podes escapar de sua divina presença?

Mas soppondo que começamos a buscar a Deos, he necessario, que advirtamos nesta materia outra segunda tentaçaõ, que he, querer logo começar por onde os grandes acabáraõ; & se logo naõ crescemos muyto, nos naõ vemos sobre as Estrellas, cahimos em desconfiança, & quasi sempre na soberba de sentirmos naõ voar muyto nos favores, & nos regalos, que o Senhor faz quando convem, ou a quem melhor lhe parece. Só do rio Nilo se conta, que he taõ grande quando acaba, como quando começa o seu curso: aquella materia abrazada, que ardeo no Ceo exhalaçaõ, primeyro foy vapor na terra: poucas vezes ha grande incendio, que naõ principiasse faisca: crecerá em huma hora hum cedro, mais que outras plantas em hum dia; mas naõ vemos, que dem as palmas em poucos annos grandes tratos: naõ fora seguro o correr, a quem começa a engatinhar; por isso nestes o cahir naõ he tanto de reprehender; donde vem, que Deos muytas vezes naõ consente às formigas espirituaes, que tenhaõ azas: aos mesmos, que com longo estudo adquiriraõ grandes sciencias, nos primeyros dias da escola foy arte escura o A, B, C. Animemse pois os bisonhos, naõ desmayem antes da guerra, das batalhas, & dos conflitos; porque as batalhas, que ao homem rustico saõ medo só imaginadas, para o soldado generoso saõ gloria, ainda combatidas: os grandes edificios do mundo naõ foraõ obra de hũ só dia: nem ainda as maravilhas em flor foraõ só fadiga de hũa hora: o ponto està em começar, & continuar, que assim vem as pequenas cousas a ser grandes; como succedeo àquella pedrinha, de que falla Daniel: *Lapis, qui percusserat statuam, factus es mons magnus, & implevit universam terram.*

GOLPE XXXVI. & ultimo.

Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit. Matth. 10 22.

Sem perseverança na emenda da vida atè o instante da morte naõ ha salvaçaõ d'alma.

GEMIDO XXXVI. & ultimo.

POuco, ou nada importa começar bem, se os fins naõ cor-

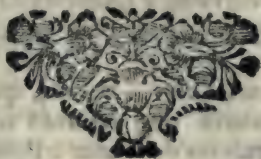
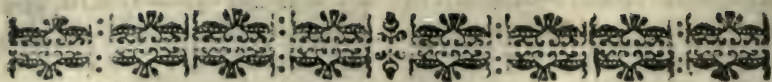
corresponderem aos principios: começar com remontes de aguia, & acabar com abatimentos de morcego, ter principios de rio, & fins de regato, nascer cedro, & morrer pinho, amanhecer Sol, & anoytecer cometa, madrugar Rey, & parar escravo, he desgraça, mas parece culpa; será infortunio, mas tem feyçaõ de discredito: & a razaõ he; (quanto ao que toca da nossa parte, porque Deos naõ falta da sua) porque quem se empenha a começar, obriga-se a naõ desistir; desmanchar hoje o que fiz hontem, desgostarme agora do que me agradou ha pouco, desavirme já com o que antes me parecia bem; que outra cousa he, senaõ arruinar depressa, o que edifiquey devagar, mostrar com a inconstancia da vontade a falta do entendimento na resoluçaõ, declarar com a covardia na desistencia, a falta que houve de valor na empreza; & finalmente perder cedo, o que busquey cedo, ou tarde? E arrependermos de amar a Deos, de acquirir as virtudes, & de buscar o Ceo, que outra cousa he, senaõ servir ao demonio, amar a Satanàs, idolatrar os vicios, & caminhar para os infernos?

Naõ he final de ter verdadeyro amor a Deos isto de fazer pè atraz no caminho de seu serviço. Aquelles animaes, que puxavaõ por aquella roda admiravel, donde Ezechiel diz, que andava o Espirito do Senhor, nunca tornavaõ para traz. He o amor de Deos, como a escada, sobe-se de virtude em virtude, como de degrao em degrao, atè coroar o ultimo com o fim da perfeyçaõ Euangelica: *Ibunt de virtute in virtutem*; & taõ finas pontualidades pede este amor de Deos, que ainda o parar, naõ só parece, mas he voltar atraz; & o naõ ir adiante, he o mesmo, que retroceder; tudo se perdèra, ainda naturalmente, se na ordem da mesma natureza faltáraõ as creaturas àquella consonancia, com que as dispoz a providencia, ou ley divina: as aguas, que paraõ com seu curso, tornaõ tanto para traz no seu prestimo, que se corrompem; & sendo antes, quando corriaõ a seu fim, alegres, & saluferas; depois de encharcadas, saõ melancolicas, & peçonhentas: se o mar paràra seus movimentos, ficára hum mar morto, & feyto hum sepulchro universal de toda a Monarquia dos peyxes: se os rios naõ perseveràraõ em correr ao mar, alagára-se a terra, como succedeo nos dias de Noè, se o Sol suspendèra sua carreyra, perdèra-se hum emisferio por falta de suas luzes, & influxos, de que se ajudaõ os humanos para os usos da vida: se naõ continuàraõ os Ceos na ordem de seus movimentos, acabara-se

Ezech. 1.20. & 21.
Psalm. 83.3.

este

este mundo inferior dependente de seus movimentos para a conservaçaõ de seus individuos: eisaqui como da perseverança das cousas naturaes, segundo a conformidade da primeyra ordem, que as dispoz, pende a total armonía, & conceito da sua duraçaõ: vemos tambem na natureza humana, que se a saude naõ persevera, vem a perderse de todo, & com ella a vida: se naõ persevera o edificio na fórma de sua fundação, cahe, & arruina-se: se pois tudo isto se perdèra, se naõ perseveràra; como se naõ perderá, quem naõ persevera em amar, & servir a Deos? Como chegará ao porto da salvaçaõ, quem deyxando a sua direyta viagem, se faz na volta do mar deste mundo? Como chegará finalmente a Deos, quem deyxa o caminho, que para Deos levava; ou quem nelle se assenta, sem querer ir por diante? impossivel he notoriamente.

Faz a perseverança nas virtudes, o que faz o tempo nas sementes da terra: as sementes saõ as mais pequenas cousas, que ha no mundo entre as suas especies; semeaõ-se, & pela continuação do tempo, hum graõ de trigo vem a dar huma, & mais espigas; hum graõ de mostarda fazse huma planta alta; hum caroço produz hũa arvore altissima; com a perseverança nascèraõ, crescèrão, subíraõ, & fruticárão: & se naõ perseveráraõ, ainda q̃ nascèraõ, naõ crescèrão; ainda que crescèrão, não subírão; & ainda que nascèrão, crescèraõ, & subírão, naõ chegàraõ a frutificar. Assim tambem, que importa aos mortaes peccadores o resuscitar da morte da culpa para a vida da graça, se não crescem nas virtudes, se não sobem à perfeyção, & se não daõ fruto de boas obras? Por isso Christo Senhor nosso, que nos ama tanto como emprego do preço de seu Santissimo Sangue, & trabalhos, & não quer, que nenhũ de nòs se perca, nos avisa, que sem perseverança nõ ha salvaçaõ: *Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.*

TRA-

TRATADO II.

DOS CLAMORES DA TROMBETA do Ceo, inſpirados ao toque das divinas Eſcrituras.

Clama ne ceſſes, quaſi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo ſcelera eorum.
Iſai. 58.

Tuba de Cælo canens eſt vox Prædicatorum, de ſecretis ſacræ Paginæ cæleſtia exprimens, reſonans, & exponens.
S. Bonav. tom. 7. p. 4. de Eccleſ. Hierarch. cap. 4. poſt med.

TOQUE I.

Montes Iſrael audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus.
Ezech. 6. 3.

CLAMOR I.

Mais facilmente ouvem a Deos as creaturas inſenſiveis, que as racionaes, ſendo peccadoras.

Offerece-os o A. aos mayores peccadores do mundo.

MONTES de Iſrael (clamava a trombeta do Ceo) ouvi a palavra de Deos, que iſto manda dizer aos montes, & aos outeyros, às rochas, & aos valles. Eſtas palavras, que no ſentido litteral fallavaõ com os Principes, & com o Povo de Iſrael, no myſtico, & moral (como he commum entre os Expoſitores ſagrados) fallaõ com as almas Chriſtans da-

Gloſſ. in Iſai. 1. mor. Fr. Heit. Pint. hic & alii alibi.

daquelles grandes peccadores, que a soberba dos montes, com a altiveza dos outeyros, com a dureza das rochas, & com o vicio dos valles tendo semelhança moral, mudáraõ a vontade humana, em appetite terreno, a forma racional, em disformidade profana, a piedade Christãa, em condição empedernida, & a virtude humilde, em inclinaçaõ viciosa. Fallaõ tambem com os Principes, & Cabeças dos Estados do seculo, que se figuraõ nos montes: cõ os Grandes das Respublicas, que se symbolizaõ nos outeyros: com os Estados Ecclesiasticos, & Religiosos, de quem as pedras saõ geroglifico; & com a gente do povo, de quem saõ os valles significaçaõ: & com grande fundamento, querendo Deos persuadir aos homens, que fizessem penitencia de seus peccados, lhes fallou como se foraõ valles, rochedos, outeyros, & montes; porque andaõ os peccadores taõ desnaturalizados daquella differença, que os distingue dos brutos; & ainda daquella razaõ, que os constituío viventes, que he mais facil cousa ouvirem a Deos, & darem sinaes de contriçaõ vestindo-se da razaõ de montes, de outeyros, rochedos, & valles, que usando da razaõ humana: fazem mayor impressaõ as palavras de Deos nas entranhas duras dos montes, nas secas almas dos outeyros, nos coraçoens duros das rochas, & no semblante carregado dos valles, do que nas almas Christans, nos coraçoens, nas entranhas, & nos semblantes dos homens.

Do seu Povo se queyxava Deos, que naõ ouvia os seus clamores; porèm dos montes diz a Escritura, que algum tempo, que olhàraõ para Deos, se mostràraõ doridos: & por Sofonias diz dos outeyros, que lá viráõ dias, em que fosse grande a sua contriçaõ: dos rochedos disse por David, que se converteriaõ em fontes de agua; & dos valles por Micheas, que se desfariaõ, como cera junto do fogo: & como Deos quer coraçoens de cera, ainda que seja nos valles; como deseja ver fontes de lagrimas, mas que seja nos olhos dos rochedos; como estima a contriçaõ, mas que seja de hum outeyro; como se gloría, de que se lhe mostre dorído, mas que seja hum monte; achando em todos estes, o que nos homens naõ encontrava, falloulhes, como se foraõ montes, para que naõ fossem soberbos, & se doessem de o terem sido; clamoulhes, como a outeyros, para que tivessem contriçaõ de estarem taõ altivos; bradoulhes, como a rochas vivas, para que se desfizessem em lagrimas de haverem estado taõ duros; gritoulhes, como a valles, para se rasgarem

Psalm. 80.12.
Habac. 3.10.
Soph. 1.10.
Psalm. 113 8.
Mich. 1.4.

com pena de haverem sido taõ viçosos: naõ lhes quiz fallar, como a homens, porque se fizeraõ os homens taõ terrenos com o amor das cousas da terra, que naõ fazendo caso das vozes do Ceo, só com as linguagens da terra se entendem melhor; porisso lhes falla Deos algumas vezes com os terremotos, & tremores da terra, com as covas, & sepulturas, com o pó, & cinza, & com a vista dos mortos, para que aquillo, que lhes naõ podem ensinar os avisos da razaõ, & os brados do desengano, lho persuadaõ com rethorica muda os idiomas mais rudos da natureza: taes estaõ em fim os humanos, que para atemorizallos o mesmo Deos, & reduzillos a penitencia manda fallarlhes, naõ por quem lhe falle como homem; mas quem se lhes mostre a mais dura cousa do mũdo: & assim disse a Jeremias, quando o fez Prègador do seu Povo, que o fazia coluna de ferro, & muro de bronze: & a Ezechiel, que lhe dava rosto de diamante, & cara de pederneyra; porque como os homens daquelle tempo por dureza de coraçaõ, por rebeldia do juizo, por obstinaçaõ da malicia, ou pertinacia da cegueyra se tinhaõ feyto do mesmo metal dos bronzes, & diamantes, do ferro, & pederneyras, necessario era, que outros homens do seu metal os movessem, & persuadissem a penitencia, & contriçaõ; ou attrahindo como diamantes o ferro daquellas almas; ou ferindo fogo, como pederneyras, naquelles coraçóes de ferro; ou imprimindolhe como brenzes mais duros as suas razoens naquellas laminas de bronze; ou finalmente lavrando-se huns diamantes toscos com outros melhores diamantes: & este só era o meyo de os deyxar contritos; porque de outro modo, como eraõ ferro, marmores, & bronzes, & penhascos, se lhes falláraõ vozes do Ceo, he certo, que as naõ entendèrão; se ouvirão só clamores de homens, ainda os abalariaõ menos.

Jerem. 1. 18.

Ezech. 3. 9.

E ve-se claramente que os homens estaõ cheyos desta ignorancia dura, pelo amor da terra, & pelo desprezo, ou esquecimento do Ceo, pois quando Deos os ameaça com os castigos do Ceo, naõ fazem caso delles; porèm se os atemoriza com os açoutes da terra, logo se enchem de temor, de espanto, & de maravilha. Mandou Deos a Jonas a prègar a Ninive a sua subversaõ; & foy hum pasmo a penitencia, que fizeraõ os Ninivitas cubrindo-se de cinza, & cilicio: mandou depois disto o Profeta Nahum prègar na mesma Corte, & não consta da Escritura, que houvesse boa penitencia; & a razão da differen-

ça

ça hē; porque Jonas prègava que se subvertia Ninive, que era castigo, que lhe havia de vir da terra: & Nahum dizia, que o fogo os havia de devorar, que he flagello, que havia de descer do Ceo; & por isso fizeraõ tanto caso do aviso de Jonas, & taõ pouco do recado de Nahum, porque como amavaõ tanto o terreno, eraõ os males da terra todo o seu temor; & como naõ tratavaõ, nem cuidavaõ nas cousas do Ceo, naõ se atemorizáraõ do castigo, que de lá os ameaçava; & por isto faltou a penitencia, mas naõ o castigo; porque assim como a emenda nos tempos de Jonas lhe dilatou a perdiçaõ, assim o esquecimento della nos dias de Nahum lhe apressou mais a indignaçaõ de Deos; & foraõ todos assolados, devastados, & destruidos.

Joan. 3. 4. Nahum 3. 13.

Oh mortaes, oh peccadores: como sois bronzes por dureza de consciencia, pelo bronze duro desta trombeta vos manda Deos fallar; de Deos saõ estes clamores, porque he o toque da Escritura Sagrada, & a inspiraçaõ de Deos: quando a trombeta soa, naõ he ella a que falla, senaõ quem a inspira: hum bronze he duro, hum instrumento aspero, hum metal rigoroso, que conforme o tocaõ retumba; porque o impulso o move, & naõ a natureza: ouvi, pois, as inspiraçoens de Deos, aproveytayvos dos seus toques, day ouvidos aõs seus clamores, & naõ repareis no instrumento, que he do vosso mesmo metal; naõ algum dos Anjos do Ceo, que haõ de chamarvos a juizo; menos de algum justo da terra; se naõ do homem mais ingrato, do peccador mais perverso, & do servo de Deos mais inutil, que tem o mundo todo: mas Deos se deve servir disto, ou para gloria sua, ou para confusaõ vossa; porque se o peyor homem do mundo vos vem a reprehender, bem se mostra, que lhe parecem mal, & que saõ perversas, & abominaveis as vias por onde ides: & que pareceráõ a Deos summamente offendido, sendo summa verdade, summo bem, & summa justiça?

Clamava a voz de Deos no deserto (porque desertos saõ as Cidades, donde os homens, ou saõ montes soberbos, ou outeyros altivos, ou rochedos duros, ou valles viciosos) clamava, & persuadia aos peccadores que fizessem penitencia, porque este era o caminho de se encher o vasio dos valles, de se humilhar a soberba dos montes, & dos outeiros; & de se alhanarem em estradas chans para o caminho do Ceo as mais asperas penedías: aparelhay pois o caminho, fazendo caminho direyto, pois sobre as pedras fundou o Senhor a sua Igreja, sobre os outeyros o seu templo, para os valles guardou

o juizo, & nos montes mostrou sua gloria: manda Deos, que o louvem huns, & outros; & se o naõ fizerdes assim, ainda que sois montes, haverá no mar diluvios para vos submergir; ainda que sois outeyros, haverá em vòs terremotos para vos descõpor; ainda que sejais rochas, haverá nos Ceos rayos para vos partir; ainda que sejais valles, haverá na terra aguas para vos alagar. Ouvi a palavra de Deos homens montes, homens outeyros, homens penhascos, & homens valles, para escapares da ira divina: *Montes Israel audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus.*

TOQUE II.

Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium.
Jerem. 8. 6.

CLAMOR II.

Trata-se da furiosa cegueyra, cõ que os peccadores correm a peccar, & a perderse.

TOdos déraõ as costas a Deos, & com taõ arrebatado impeto se arrojaõ aos vicios, que como cavallo, que se arremeça com furor à batalha; como fonte, que se despenha ao valle mais fundo por rochas, & penedias; assim correm, assim se precipitaõ à guerra das virtudes, & às profundezas do inferno: vay o bruto cavallo à peleja com furioso impeto, porque orgulhoso, & ufano do seu perigo naõ cabe no seu socego, nem aquieta atè se naõ meter no dano: despenha-se a fonte risonha, porque aquella inclinaçaõ, que a leva para o centro, lhe faz aprazivel o precipicio: eis-aqui como os peccadores caminhaõ aos vicios, & à perdição, naõ só como quem caminha passo a passo, mas como quem vay a correr; que por isso o Profeta naõ chamou às suas inclinaçoens, caminho, senaõ, carreyra: vaõ a correr aos peccados, como se lhe faltàraõ peccados, de que se fartar; taõ sofrega se tem feyto a maldade humana dos seus delitos, que sobre buscallos correndo, & despenhando-se com ancia, & com desejo de naõ parar atè os conseguir, vay orgulhosa, vay soberba, alegre, risonha, & sequiosa de correr muyto, de precipitarse mais, & de nunca fazer menos.

A tal estado tem chegado a malicia dos homens, que naõ sofrendo os soberbos, que outros sejaõ mais soberbos, os lascivos, que outros sejaõ mais lascivos, os ambiciosos, que outros sejaõ mais ambiciosos, os voraces,

zes, que outros sejaõ mais vorazes, os irados, que outros sejaõ mais irados; contendem pela mayoria das culpas, & se envejaõ huns aos outros os peccados, sentindo, que nelles haja outros, que pareçaõ mayores homens: & daqui naice, que ou da vangloria da culpa fazem huns caminho para a impenitencia, ou outros se entranhaõ mais nella, tendo sómente pezar de naõ poder igualar os mayores peccadores, & saborearse, como elles, nos pessimos gostos da mundana profanidade: & este he aquelle quarto peccado de Damasco, que Deos naõ perdoa; porque para perdoarnos Deos, he necessario, que nos peze de todo o coraçaõ havello offendido. O primeyro peccado (como diz Saõ Jeronymo) he o mao pensamento, o segundo he o consentimento, o terceyro he a obra, o quarto he naõ ter pezar de haver peccado: quem pecca só nos tres primeyros, facilmente se converte, se lhe peza de offender a Deos; mas de quem chega a cómetter o quarto, aparta-se a misericordia divina, que naõ póde sofrer cousa taõ fea, como he buscar o homem o summo bem nas torpezas mundanas, & sobre tudo recrearse nellas, como em cousa suavissima.

Amos 1.3.

Hier. in Amos cap. 1. vers. tenentem sceptrũ, tom. 5.

A Ezechiel disse Deos hum dia, que o levou ao templo em espirito, que naõ perdoaria, nem usaria de misericordia com huns vinte & cinco homens, que alli lhe tinhaõ virado as costas, & adoravaõ o Sol, que nacia; mas não era esta a razaõ de naõ perdoarlhe senaõ a que o mesmo Senhor declarou ao Profeta, dizendolhe: Eis-alli se estão recreando no cheyro daquelle ramo; & por isso, ainda que a grandes vozes clamem por mim, não os ouvirey. Este ramo, diz hum douto, que era o costume de peccar, no qual desprezando a voz de Deos, que os chamava pela penitencia, se estavao recreando nas cousas péssimas, & torpes, & alegrando-se nas maldades, como no cheyro de algum ramo suavissimo. Perdoa Deos, que algum tempo lhe vire as costas o peccador: perdoa, que na presença do Creador idolatre o homem miseravel em huma creatura; mas que se alegre o peccador, & que se recree no costume de peccar, & que naõ se arrependa, & faça penitencia disso, apartando-se disso, abominando-o, & detestando-o, isto he o que Deos não perdoa, nem ha de perdoar. Qualquer peccado mortal nenhuma outra cousa he, senaõ apartarse o homem de Deos pelo desprezo do mesmo Deos, ou em si, ou na sua ley, & preceyto; se pois sobre o desprezo, q̃ se faz a Deos, & sobre o costume de desprezar o que

Ezech. 8.16. &c.

Fr. Heit. Pint. in Ezech. hic.

Deos na sua ley manda, nos deleytarmos, & gloriarmos de fazer delle pouco caso, & ainda grandissimo desprezo; em que juizo cabe, que haja de ter perdaõ de Deos, quem assim gosta de desprezallo, & offendello, salvo sómente, se fizer verdadeyra, & digna penitencia?

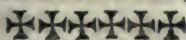
Oh mortaes, que poucos saõ no mundo os que cuidaõ em ponderar, que cousa he hum peccador mortal! Muytos o sabem, muytos o reprehendem, muytos o abominaõ; mas oh que saõ rarissimos os que cuidaõ que cousa he, a quem se oppoem, que mal nos faz, & que castigo tem! Tenho para mim, que fora impossivel peccar, mediante a graça de Deos, quem trouxera sempre no sentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, & o vulto aborrecivel de hum peccado mortal: porque cousa taõ pessima, que nos faz cahir em odio de Deos, & sobre isto desprezallo; mal taõ grande, que nos aparta de Deos por distancia infinita, naõ de lugar, que em todos está Deos, mas de dessemelhança com elle; culpa taõ grave, que he castigada com fogo eterno; dano taõ terrivel, que ha de carecer da vista de Deos por toda a eternidade; pena taõ cruel, que ata para sempre o peccador nas penas do inferno, no carcere infernal, & na companhia dos demonios; que tremor, que assombro, que medo, que aborrecimento, que odio, & que abominaçaõ naõ causaria em hũ bruto, se tivera uso de razaõ, em hum penedo, se tivera espirito, em hum bronze, se tivera entendimento? Bastava cuidar, que havia Deos, para naõ peccarmos: bastava saber, que o peccado he taõ grande mal, para termos por impossivel o peccar: quem conhece a Deos por seu Deos, & que cousa he o peccado, naõ tem para si, que lhe he possivel peccar; mais possivel lhe parece, que a terra voe, que os Ceos parem, que o Sol dè trevas, & que a noyte dè luzes, do que commetter hum peccado. Quiz a mulher de Putifar obrigar ao casto Joseph a que peccasse com ella; & respondeolhe elle, vendo-se a estado: Como posso eu fazer hum taõ grande mal, como he peccar cõtra o meu Deos? Conhecia Joseph a Deos, andava Deos com elle, & dirigia as suas obras; & por isso conhecendo, que naõ podia haver mayor mal, que apartarse de Deos, & peccar contra elle, tinha por impossivel peccar.

Gen. 39. 9.

Mas, oh miseria nossa! que naõ havendo hoje entre os humanos cousa mais facil, que offender a Deos, só o arrependerse, só o fazer penitencia tem por impossivel. Tem por impossivel o arrependerse; porque assim como he impossivel, segundo

do a ordem natural, q̃ as aguas ſubaõ para cima; que o fogo deſça para bayxo; tendo-ſe feyto natureza da culpa, naturalmente ſeguem os peccadores o curſo de ſeus appetites, & de ſuas maldades, ſem ver, que as mudanças moraes naõ ſaõ em tudo como as naturaes; pois como diz Santo Agoſtinho, para que o corpo ſe erga (que he movimento natural) he neceſſario mudar de lugar; mas para que a alma ſe levante (que he movimento moral) baſta, que ſe mude de vontade: para vencer eſte impoſſivel baſtava mudar de animo, baſtava querer, ainda que naõ ſe mudaſſe de eſtado. Pudèraõ as lagrimas da penitencia correr para cima, pois as lagrimas ſaõ vozes, com que ſe falla a Deos; pudèraõ eſtas atrahir o fogo do Eſpirito Santo, que deſcèra dos Ceos a nos allumiar, logo que nos vira chorar, & arrepender; mas que haõ de fazer os homens, ſenaõ ſeguir o ſeu curſo, correndo como brutos ao ſeu perigo, voando como borboletas ao ſeu incendio, deſpenhando-ſe à ſua eterna perdiçaõ? *Omnes converſi ſunt ad curſum ſuum, quaſi equus impetu vadens ad prælium.*

August. tom. 8. in Pſal. 85. verſ. Jocund. anima &c.

✠✠✠✠✠✠
✠✠✠
✠

TOQUE III.

Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: factæ ſunt ei aræ in delictum. Oſeæ 8.11.

CLAMOR III.

Dos peccados dos Beneficiados, & Eccleſiaſticos.

MUltiplicou Ephraim os altares para peccar; converteraõ-ſe-lhe os altares, & ſacrificios em culpa. Eſtas horrendas palavras, & as que ſe ſeguẽ, com que o Profeta Oſeas atemorizava o ſeu povo, em o ſentido myſtico fallaõ com o eſtado Sacerdotal; de quem lamentando Saõ Bernardo a declinação no ſeu mayor augmento, rompeo dizendo aſſim: Muy dilatada parece que eſtá a Igreja; tambem a ſacratiſſima Ordem Clerical com o exceſſivo numero dos Clerigos eſtá multiplicada; mas ſuppoſto, vòs Senhor, lhe multiplicaſtes a gente, naõ lhe engrandeceſtes a alegria; pois nada menos ſe vè, que lhe falta de merecimento, que aquillo que lhe creſceo de numero: creſceo o numero, naõ o reſplandor; multiplicou-ſe a gente, naõ o decóro; creſcèraõ os Clerigos, naõ as virtudes. Efraim, quer dizer couſa que frutifica, couſa

Bern. tom. 1. Serm. de converſ. ad Cler. c. 29. in princ. & per tot.

Bibl. in fine

que creſce: *Ephraim, Frugifer, Creſcens*: tratou o augmento dos ſeus intereſſes quanto ao temporal, & eſquecendo-ſe, de q̃ Deos o fez creſcer na terra de ſua pobreza: *Ephraim, dicens: Creſcere me fecit Deus in terra paupertatis meæ*, deu à ambiçaõ profana aquelle culto, & aquelle desvelo, com que devia agradecer a Deos os celeſtes beneficios.

Gen. 41. 52.

Parece, que ſe naõ contentou a malicia dos homens, com que foſſem humanas ſuas abominaçoens; quiz tambem, que foſſem ao divino os ſeus delitos: buſcou nos altares o intereſſe, & porque eſte ſe multiplicaſſe, multiplicou os altares para peccar. Os meſmos officios (dizia com ardente zelo a meſma brandura de Saõ Bernardo) os meſmos officios da dignidade Eccleſiaſtica já paſſáraõ a ſer torpe lucro, & negoceaçaõ infernal; nem ſe buſca já nelles a ſalvaçaõ, & bem das almas, mas a ſuperfluidade das riquezas: por eſte reſpeyto ſe frequentaõ as Igrejas, ſe celebraõ as Miſſas, & cantaõ os Officios divinos; já hoje claramente ſe procuraõ os Biſpados, os Arcediagados, as Abbadias, & as mais dignidades Eccleſiaſticas, para que as rendas Eccleſiaſticas ſe gaſtem, & diſſipem em ſuperfluidades, & vaidades. Reſta agora (continùa o meſmo Santo) que venha o Antechriſto por remate de tantas abominaçoens. Oh que medonha couſa vemos na Igreja de Deos! (exclama a ſuſpiros o meſmo Santo) & que ſerá iſto? (dizia elle meſmo) Que ha de ſer, ſenaõ ver que ſaõ idolatras os ſeus Miniſtros? Mentira ſeria, ſe (como diz o Apoſtolo) naõ he ſervidaõ de idolos a avareza. Atèqui Saõ Bernardo.

Bern. tom. 1. Serm. 6. ad fin. in Pſal. Qui habitat.

Bern. tom. 2. in Declamat. post princ. v. Neque enim ad Galat. 5. 20.

Eis-aqui, porque as aras, ou altares de Deos ſe convertèraõ em delitos, & peccados dos homens: levantou-os a adoraçaõ, & piedade Catholica para pedir a Deos miſericordia de neſſas culpas, & offerecerlhe ſacrificio de juſtiça; & parece, que os occupa ſó o intereſſe mundano, pois aquelles frutos da Igreja, que haviaõ de ſer alimento das virtudes, & da pobreza, ſe tem feyto theſouro da avareza, ou cõmendas da carnal voracidade. As aras, que haviaõ de ſer refugio do eſpirito, naõ ſey ſe ſaõ horror da conſideraçaõ; pois aquelles varoens da Igreja, que haviaõ de ſer ſagrado, a que ſe acolheſſe a miſeria, naõ ſey ſe ſaõ eſcandalo de quem ſe affaſta a caridade: deviaõ eſtes diminuir na ambiçaõ, para multiplicar no eſpirito; deviaõ repartir com a caridade, para fazer boa conta dos bens de Deos; & entaõ fizeraõ mayor ſoma, porque Deos lhe dèra cento por hũ; multiplicàra-ſe mais que o numero o merecimento, & às avelias

vessas da conta, que faz o mundo, a Igreja crescèra, quanto diminuira: mas que havemos de dizer, se os frutos da Igreja, & o paõ dos pobres naõ só se tornàraõ em manjar da culpa, mas em veneno escandaloso da mesma Igreja? Este he o mayor mal, que póde haver na terra; pois, como disse Saõ Gregorio, de ninguem recebe Deos mayor perjuizo, nem mayor aggravo, que dos Sacerdotes; quando aquelles, que elle poz no mundo para freyo dos outros, saõ exemplos da ambiçaõ, & da perversidade.

Greg. P. tom. hom. 17 in Euang. ante med. & habetur in Brev. Roman. 12. Martii, lect. 8.

Eis-aqui porque o Senhor rugindo como leaõ moverá os Ceos, & fará tremer a terra, bramir o mar, cahir os montes, espedaçarse as penedias, & submergirse os valles: & quem poderá sofrer a vista de sua indignaçaõ? Quem resistirá ao furor de sua grande ira, se a sua indignaçaõ, como fogo abrazador desfará em pó, & cinza naõ só o feno da terra, naõ só as arvores do campo, mas aos mesmos montes, & pedras? & que esperais de Deos peccadores? Se Efraim, por quem se entende o vosso augmento, bebeo os ventos da vaidade, apascentou-se na malicia, seguio o ardor da concupiscencia, fez concerto com os inimigos de Deos, & levou os haveres das virtudes, naõ para o Ceo, mas para a terra da perdiçaõ: se pois enfermou Basan, & o Carmelo: se cahio a flor do monte Libano; que esperais, senaõ que os montes se cômovão, que os outeyros se assolem, que a terra se confunda, & que o inferno vos sobverta? Virá sobre vòs o juizo de Deos; que isto come, quem indignamente come o Corpo de Christo: & virá sobre vòs a condenaçaõ eterna; que isto he o juizo de Deos, que comestes indignamente. Prove-se pois cada qual a si mesmo, olhe para a sua consciencia, veja quem he, & a quem vay receber todos os dias; & quando a consciencia o naõ reprehenda, & o coraçaõ suspire, & tenha sede daquella fonte de aguas vivas, lave-se na confissaõ, & satisfaça o que puder, & chegue-se com confiança às celestes delicias daquelle divino banquete. Mas que chegue o mao Sacerdote, que pela culpa mortal he mais feyo, que o demonio; mais çujo, torpe, & abominavel, que tudo quanto o póde ser; que chegue sem se confessar, ou com confissaõ sacrilega a tomar nas suas mãos a Deos! a Deos, que nas Estrellas do Ceo naõ achou limpeza; que no luzeyro da manhãa vio escuridades! oh que horrenda, oh que medonha cousa! Hum Saõ Francisco meu Padre, crucificado para o mundo, naõ ousou verse com a dignidade Sacerdotal: hum Saõ Boaventura, que

Joel. 3. 16.

Nahum 1. 6.

Nahum 1. 4.

1. ad Corint. 11. 29.

que ardia como Serafim em labaredas de amor de Deos, se retirava de commungar a mendo: hum Santo Agostinho, nem o louva, nem o vitupera; & hum peccador miseravel se chega a este altissimo Sacramento com huma facilidade, com huma ousadia taõ grande, & tanto sem escrupulo, como se fora só a comer hum pouco de paõ, ou huns aparos de hostia! E tal vez com mayor desprezo, & fastio deste manjar eterno, que de qualquer vil iguaria das mesas temporaes, & profanas; oh lastima, oh ignorancia, oh desventura da mundana cegueyra!

Mas, ay de vòs Sacerdotes, que depois de vender a Christo por vilissimo preço, fazendo calvario dos altares, crucificais a Christo quantas vezes podeis! Ay de vòs Pastores do Povo de Deos, que vos apascentais a vòs mesmos, & deyxais espalhar as vossas ovelhas, & o rebanho do Senhor pelas vias do engano, & da perdiçaõ, sem que vos dè cuidado vellas andar perdidas por valles, & por outeyros, sem reduzillas dos descaminhos por onde se perdem, ou se expoem a ser devoradas de todas as feras do campo; & sem vos lastimardes dos miseraveis balidos, com que as ovelhinas perdidas accusaõ vosso descuido! tirais lhes a lãa, comeislhe o leyte, matais o que he mais pingue, & naõ as apascentais; naõ fortaleceis o enfermo, naõ sarais o doente, naõ soldais o quebrado, naõ reduzis o desencaminhado, nem buscais o perdido; mas com severidade tratais só do imperio, do poder, & da conveniencia; por isso descerá sobre vòs a ira de Deos, & em aquelle dia de trevas, de escuridoens, & de nuvens sereis tambem apartados para o lugar da maldiçaõ, pagando eternamente as abominaçoens, que fizestes na casa de Deos, & em seus altares: *Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta sunt ei aræ in delictum.*

Ezech. 34. 2.

TOQUE IV.

Similiter eos qui exasperant, qui habitant in sepulchris.
Psalm. 67. 7.

CLAMOR IV.

O Mesmo succederá àquelles, que exasperaõ, & indignaõ a justiça de Deos; àquelles, que moraõ nos sepulchros. O sepulchro (como diz Hugo Cardeal) he figura das Religioens, adonde moraõ, ou deviaõ só morar, os que vivem como mortos para os gostos do mundo: *Sepulchrum significat Religionem, in quo habitant, qui mortui sunt mundo*; porque ve-

Hug. C. hic mor.

stig

ſtir a librè dos mortos, & buſcar as vaidades da vida; trazer em vida às coſtas a mortalha, que he inſignia do deſengano, & deſacreditar o deſengano, buſcando com a mortalha às coſtas os enganos do mundo, que he ſenaõ exaſperar a Deos, com quem no mundo pudèra ter mais alguma diſculpa a noſſa fragilidade, ſe naõ viera a zombar de Deos com os memoriaes da morte, quem pudèra paſſar a vida no eſquecimento do ſeculo? Se viramos hum homem morto ſahir da ſepultura; ſe viramos hum amortalhado erguerſe de huma cova, que ſuſpeytariamos delle, ſenaõ que vinha a movernos a contriçaõ, a prégarnos penitencia, a reprehendernos vicios com ſemblante medonho, com repreſentaçoens triſtes, & com vozes do outro mundo? Cõſiderando iſto nas meſmas penas do inferno o rico Avarento, dizia a Abrahaõ: Manday lá ao mundo hum dos que eſtaõ no inferno, ou na regiaõ da morte, para que prègue aos homens o deſengano da vida: & devendo ſer iſto aſſim, vemos que ſuccede de ordinario o contrario. Sahem dos ſepulchros Religioſos com habito de mortos, os que ainda vivem no mundo; & havendo de ſer com obras, & palavras todos linguas do deſengano, todos brados da penitencia, & todos exemplares das virtudes; ſaõ quaſi todos vozes, que inculcaõ o engano, em que vivem, da ambiçaõ, que praticaõ, da relaxaçaõ, em que vivem, & eſcandalo das virtudes, que naõ praticaõ: oh que iſto ſobre tudo exaſpera não ſó os olhos, & ouvidos dos mortaes, mas os do meſmo Deos! como diz por David o Eſpirito Santo, ainda que taõ ſucintamente; porèm a gente de ordinario naõ pecca por ignorancia, baſtaõ muyto breves advertencias: *Similiter, &c.*

Luc. 16. 30.

TOQUE V.

Pulvis es, & in pulverem reverteris. Geneſ. 3.19.

CLAMOR V.

De quanto importa a lembrança do que ſomos, & do que havemos de ſer.

HOmem miſeravel, lembrate, que es hum pouco de pó, & cinza, & que niſto te has de converter: olha para teus pays, & a vòs deſde o principio do mundo; conſidera os mayores Principes, & Monarcas, que houve em toda a redondeza da terra; cuida na mayor idade, na mayor valentia, na melhor ſaude, q̃ gozáraõ algũs dos filhos do ſeculo; contempla na mayor fortuna,

tuna, na mayor gloria, na mayor gentileza, que floreceo na vaidade humana; & fazendo finalmente na tua memoria hum dia de juizo, tendo nelle à vista todo o mundo, todos os homens, & todas as idades, que se te representaráõ em hum instante; dizeme, que foy feyto finalmente de huns, & outros? em que parou toda aquella maquina de seus pensamentos vãos? em que se resolveo a mayor pompa, & grandeza de sua condiçaõ caduca? acharás em breve espaço, que tudo se converteo em terra, se desfez em pó, & se resolveo em cinza; porque estes saõ os extremos infalliveis da nossa mortalidade, & os desenganos ultimos da cegueyra humana, & a ultima resoluçaõ da terrena natureza. Deve o homem lembrarse, que he pó, & cinza, naõ só quanto ao corpo, como disse Deos ao primeyro homem do mundo; mas ainda moralmente, quanto à alma, por tres razoens principalmente. A primeyra pela vileza; pois assim como a cinza he vil, ainda que a materia fosse preciosissima, assim a alma tambem fica vilissima pela culpa, ainda que seja nobilissima por natureza. A segunda pela difficuldade de resistir; pois assim como a cinza, ou o pó em huminstante se espalha, & naõ póde resistir ao vento, assim o homem sem a graça de Deos naõ póde resistir à menor tentaçaõ. A terceyra pela impossibilidade de poder tornar a ser o que foy; porque assim como a cinza não póde tornar ao estado de sua antiga materia, assim a alma peccadora não póde per si reduzirse ao estado da graça, se não lhe sobrevier o superior auxilio.

Na cinza se nos inculca a consideraçaõ da morte, pois por ella nos tornamos em pó, & cinza: se em vida nos fazemos em cinza pela consideraçaõ, he infallivel, que faça em nós a mortificação o que havia de fazer a morte; he sem duvida, que nos accusemos logo a Deos, & façamos penitencia por nossos peccados, por leves, que hajaõ sido. Leves eraõ os peccados de Job, pois eraõ humas poucas de palavras, que affligidamente disse no meyo de suas angustias; & por isso disse a Deos, que se accusava, & fazia penitencia em faisca, & cinza; & isto lhe nasceo de elle se considerar semelhante ao lodo, à faisca, & à cinza.

Job 42. 6.
Job 30. 19.

Sendo pois o esquecimento da morte o mayor mal da vida; parece que quiz Deos, dando ao homem esta receyta, que fosse a memoria da morte o mayor remedio da vida: com esta lembrança dizia Saõ Paulo, que cada dia morria; porque quem cada dia cuida, que morre, morrendo por consideraçaõ, vive para viver para a penitencia, &

1. ad Cor. 15. 31.

naõ

Isai.38.15. naõ para a vida. Senhor, dizia a Deos ElRey Ezechias, com amargura de minha alma, com penitencia de meus peccados, cuidarey huma, & muytas vezes no mal, que gastey todos os annos de minha vida; clamarey como o filho das andorinhas, & meditarey como pomba: & donde nasceria ter hum Rey moço tanta penitencia? Elle mesmo o diz: que foy cuidar pela manhãa, que naõ chegaria à tarde: & cuidar hum homem, & esperar pela morte de hũa hora para a outra, naõ faz só com que faça penitencia amarga, mas que à imitaçaõ da andorinha, figura dos contemplativos, porque vivem em huma terra como estrangeyras, & voaõ para a sua patria; & da pomba, symbolo dos que meditaõ retirados na solidaõ dos tumultos do seculo, tenha conversaçaõ no Ceo, vivendo ainda cá na terra: isto faz o cuidar na morte; & por isso lhe diz Deos, que se lembre della: mas esquecemse della os homens, porque naõ lembrando-se mais, que de erguerse como pó vivente, de que saõ feytos, se deyxaõ levar pelos ares do vento da mundana vaidade: cuidaõ, que saõ grande cousa, & isto os esvaece, & os precipita primeyro na culpa, & depois no inferno! Oh mortaes! subir muyto, & levantarvos muyto nos estados do mundo, & nas felicidades do seculo he o mayor risco, que podeis temer, & o mayor mal de que vos podeis queyxar; porque as fortunas altas naõ saõ grandes alturas, mas saõ quedas altissimas; por isso o mesmo he dizer hum homem, que o puzerão sobre as nuvens, que dizer, que o despenhàraõ nos abismos.

Isai.proxim.13.

Job 30.21 & 22. Queyxava-se Job amargamente a Deos, & dizialhe assim: Certo, Senhor, que vos fizestes cruel comigo, & que me affligis duramente: levantastesme, & pondome sobre os ventos gravemente me feristes. E como se queyxa tanto Job de Deos, se a causa de sua queyxa he dizer, que Deos o levantou tanto, que o poz sobre as nuvens, & sobre os ventos? taõ pouco favor lhe fez Deos em o pôr nessas alturas sendo hum bicho da terra, & hum pouco de pó, & cinza? & que no fim, alèm de se mostrar muyto magoado, se queyxe do mao trato, que Deos lhe fez? Lembrome eu, que para David encarecer a magestade de Deos, dizia delle, que andava sobre as pennas dos ventos, & que fazia carroça das nuvens. Oh mortaes! tem grande fundamento, & grande mysterio explicar Job a sua queda pela sua altura; porque as alturas da humana felicidade, que outra cousa saõ, senaõ humas quedas altissimas, que se padecem, antes

Psalm.103.3.

tes que se falle em cahir? O mesmo he subir ao mayor ponto, que haver cahido no mayor dano: o mesmo nome da altura declara o precipio: porque estados, que naõ saõ mais, que hum pouco de vento, que podem ser, senaõ instabilidade para a duração, ruina para o gosto, queyxa para a lembrança, & dor para o sentimento? Hum homem posto sobre o vento, que he a mesma instabilidade, donde póde naturalmente vir a parar, senaõ em cahir? Humas felicidades armadas no ar, que podem dar de si a quem he sabio, como Job, senaõ susto, quando se lograõ, danno quando se perdem, & dor quando se cuidaõ? Por isso queyxe-se Job de se ver levantado, & naõ seja necessario declararse cahido; porque como as alturas saõ quedas altissimas, assás disse, que o derrubáraõ, quando disse, que o subíraõ.

Se pois nas alturas deste mundo, em que Deos poem aos justos como Job, se sentem, & se padecem taõ grandes quedas; quaes seraõ aquellas, que nos daráõ as felicidades mundanas, em que o demonio nos poem? Só nos sóbe ao pinaculo, para nos crescer o precipicio. O' peccadores, ó mortaes, que fazeis adoraçoens ao demonio, porque vos ponha nas nuvens; quem cuidais vòs, que sois, ou quem presumis, que sereis? Pois sabey, & acabay de crer, que não he possivel, que sejais cousa mais vil, do que sois, ainda que sejais os mayores, & os primeyros homens do mundo. O primeyro, & mayor homem do mundo foy Adam; a este disse Deos, que era pó, & que em pó se havia de converter: mas que mysterio teria, dizendo Deos a Adam, que era pó, dizerlhe tambem, que nelle se havia de converter depois da sua morte? para se dar corrupção necessario he, que se dé mudança naquillo que se corrompe, segundo ensinaõ os Filosofos, & mostra a experiencia; porque sem se mudar de ser, naõ se póde dar corrupçaõ; por isso o mesmo Deos está sempre em hum ser, porque he immutavel; logo, se o homem he pó na mesma duraçaõ da vida, como lhe diz Deos, que se ha de tornar em pó depois da corrupçaõ da morte? que ha de ficar depois de morto, o mesmo que he na vida? Se Deos quer ameaçar, & atemorizar o homem, que ameaço lhe faz? que temor lhe mete em lhe dizer, que ha de tornar a ser o mesmo, que está sendo? Se a mayor ambiçaõ dos homens he serem sempre o que saõ, como naõ diz o Senhor a Adam; que ha de vir a ser muyto menos do que he? O' peccadores: queria Deos abater a presumpçaõ de Adam: queria tirarlhe da cabeça aquelles

Matth. 4. 3.

Genes. 3. 19.

les fumos de divindade, que lhe fizerão tão grandes vàgados, que o fizerão cahir em culpa: queria desenganar a vaidade terrena taõ nesciamente desvanecida; & naõ lhe podia fazer mayor horror, nem mayor ameaço, que dizerlhe, que era pó, & que nisto se havia de tornar: he o pó, como materia prima, de que Deos fez o homem; & donde a Escritura diz, que o fez do limo da terra, lé o Hebreo, do pó da terra; esta foy a materia prima de que Deos fez o homem. A materia prima, diz Santo Agostinho, que he a cousa mais vil, que se póde considerar; & Saõ Bernardo affirma, que naõ ha cousa mais vil, que o limo da terra de que Adam foy formado: se pois agora na vida somos a cousa mais vil, que póde haver, & ainda depois de corruptos pela morte em quanto ao ser terreno; naõ podemos ser cousa peyor, do que estamos sem a vida; como não desfazemos esta poeyra, que levantou o vento da nossa vida, ou da nossa vaidade para nos cegar os olhos do entendimento? Cahi pois na razaõ, ó peccadores, antes que caya sobre vòs a ira de Deos: ponde na cabeça essa cinza, & esse pó, que isso he polo na memoria: lembraivos da morte, & escapareis do castigo; porque quem pela consideração da morte mostra, que está feyto em cinza;

Auguft. tom. 1. lib. 12. Concef. c. 7. in fin.
S. Bern. tom. 1. Serm. 4. in Vig. Nativ. ad med.

& assim como a cinza naõ póde já arder no fogo, assim vòs naõ podereis arder no do inferno: vede, que sois peccadores, & terra que anda pelos ares levantada contra Deos, & para aplacarlhe a ira he necessario cahir no que sois, ou no que haveis de ser: quem cahe no que he, ou no que ha de ser, fazse outro homem, & naõ he o que dantes era; se he Christão, que he o mesmo, que imitador de Christo, em cahindo no que he, ou no que será, naõ só vive como naõ vivia, mas vive nelle o mesmo Christo.

Galat. 2. 20.

Já não sou quem dantes era, dizia S. Paulo: sou Christo, porque Christo vive em mim. Se o Apostolo pouco tempo ha se levantou contra Deos, & como pó soberbo, que voa pelos ares, vinha bebendo os ventos ao mesmo Sol da justiça, contra quem se oppunha; como em taõ breve tempo tanta mudança, taõ grande differença? Em quanto Paulo foy Saulo, era pó, que vinha voando contra Deos, levantado com o vento da vaidade; mas tanto que ouvio a voz de Deos, cahio no que era, & no que havia de ser, cahindo em terra; & por isso já naõ he quem antes era, porque naõ vive, como dantes vivia, mas vive como hũ Christo crucificado para o mundo, morto para a vida, & vivo só para Deos. Eis-aqui, Fieis, o que faz

1. ad Timot. 1. 13. Act. Apost. 9. 1.

o cahir na razaõ, & o cahir no que sois, & no que sereis! Vede, que andais levantados contra Deos: vede que pela sua voz, que isto saõ os Prègadores, vos pergunta, como a Saulo, porque o perseguis. Criouvos, redemiovos, conservavos, sustentavos, chamavos, quer salvarvos, sofrevos, podendo castigarvos, esperavos, podendo condenarvos, & convidavos, podendo sobvertervos, se vos faz cahir em algum dano temporal, he, para que vendovos por terra com as miserias da vida, vos lembreis do que sois, do que sereis, & daquelles bens eternos, q̃ dá a quem em vida morre para o mundo: em que juizo cabe pois, que tendo vontade, naõ tenhais alvedrio? que tendo entendimento, naõ tenhais memoria para vos lembrar do que importa, & para vos resolver no que vos convem, conhecendo, ou com o desengano da vida, ou com a memoria da morte, quanto deveis a Deos, quanto vos convem servillo, & quanto vos importa salvarvos?

Dirmeheis, que para chegar a ser pó a materia, que nelle se resolve, primeyro he fogo, depois fumo, dahi a pouco labareda, logo braza, & ultimamente cinza; mas que sem estarem exhaladas aquellas porçoens terrestres nestas antecedencias, he impossivel moral, assim como he natural, que vos convertais, os que sois troncos verdes, naquelle pó: ser caduco, sem que se dè ao tempo, o que he do tempo, impossivel tambem parece: & que por isso he força, que primeyro vos accendais no fogo para arder, & que vos desvaneçais, como fumo, ardendo nas chamas do amor proprio, & que ultimamente vos desenganeis com as cinzas da morte. Oh Christãos, deyxar para a hora da morte o mayor negocio da vida, he final de reprobos, & precitos: & certo, que podereis convencerme, se como he necessario para chegares a ser cinza, naõ podereis com todas estas cousas servir a Deos: porèm he certo, que com todas ellas o podeis servir, se mudares o objecto de vossas acções, ardendo no fogo do amor de Deos, subindo ao Ceo em fumo de oraçaõ, abrazando o mundo com labaredas de espirito, & renascer nas cinzas para a vida da graça: mas querer os incendios só para a sensualidade, os fumos para a vangloria, as chamas só para luzir, & as cinzas só para acabar; oh que he zombar de Deos, adulterar a razaõ, & apressar o inferno! Naõ he miseria da natureza, he progresso da malicia; & malicias, que se chegaõ a fazer natureza, atè da mesma fragilidade fazem obstinaçaõ.

Mas que razaõ terá o Senhor

para

para dizer aos homens na pessoa do primeyro homem do mundo, que se lembrem, que saõ pó, & que em pó se haõ de tornar, se a memoria (como querem os Filosos) he huma lembrança das cousas passadas, & o Senhor lhe manda ter memoria do que saõ de presente, & do que haõ de ser de futuro? Oh mortaes, se os homens quizerão entender bem a Deos, viraõ nas mesmas palavras do Senhor, que a memoria das cousas da vida, do presente faz passado; & a memoria das cousas da morte, do q̃ he futuro faz presente: sendo pois a memoria huma lembrança do passado, mandar lembrar a hum homem do que está sendo, que he, senaõ mostrar-lhe, que já passou o mesmo que ainda he? & mandar-lhe, que se lembre, do que ainda naõ he, que he, senaõ querer que seja logo, o mesmo que ha de ser? Taõ presentes deviaõ trazer os homens as cousas, que haõ de succeder-lhes, que já lhes pareça, que as passaõ; & taõ passados lhes haviaõ de parecer os gostos que possuem, & os males, que padecem, como se já naõ foraõ, nem existiraõ. Mas a que fim se encaminhará toda esta confusaõ de tempos? A nenhuma outra cousa, ó mortaes, senaõ a que vivais por consideraçaõ, como se já estivereis na sepultura: da vida passada, se vivemos mal, nenhuma cousa boa nos fica, senão o arrependimento; da morte futura, se fazemos conta de acabar bem, naõ temos outra cousa boa, mais que o desengano: se pois, vendo o mal que vivemos, estamos arrependidos, vivemos, como se naõ viveramos para o mundo; se attendendo a como acabaremos, estamos desenganados, estamos como mortos para a mesma vida; estando mortos para a vida, naõ tratamos da vida, tratamos da alma; estando mortos para o mundo, naõ tratamos do mundo, tratamos do Ceo; se tratamos do Ceo, no Ceo he a nossa conversaçāo; se tratamos da alma, os negocios d'alma saõ o nosso cuidado: & como então todo o presente se olha como passado, & todo o futuro se considera como presente, dos bens presentes, q̃ nos offerece o tempo, naõ fazemos caso, como de cousa, que já passou, & que já não he; dos males futuros fazemos conta, como cousa, de que nos pedem conta, & que a estamos já dando: porque o esquecimento do presente faz, com que o homem se naõ ate mais nas prizoens da vida; & a representaçāo do futuro faz com que viva como se já estivera às portas da morte. Dizia Ezechias: Eu disse: No meyo de meus dias irey às portas do inferno. Se confessa Ezechias, que estava no

Isai. 38. 10.

meyo dos dias de sua vida, como diz, que morreria antes de gozar a outra ametade, que ainda lhe faltava de vida? E se conta os dias de vida, que tem de presente, como falla de preterito. Eu disse? Mais: Diz o mesmo Rey Ezechias, vendo-se nos seus males por hum fio: Cortada está a minha vida como fio de tear: ainda agora eu ordia, ou principiava, & já mo cortou a morte: se pois naquelle, agora, mostra que tinha a vida de presente, como falla em que lhe fora cortada de preterito? E se ainda estava com vida, como chora já a morte futura, como se a tivera presente? Oh mortaes: o mesmo Ezechias deu a razaõ nas primeyras palavras: Eu disse: (dizia elle) No meyo de meus dias chegarey às portas do inferno: esta morte, que lhe havia de succeder, fezselhe presente pela representaçaõ; por isso fallou na morte futura, como cousa já presente: a vida, que ainda tinha de presente, representoulelhe perdida pela consideraçaõ da morte; por isso a lamentou como cousa passada: tinha presente a vida, pois estava entre o passado, & entre o futuro, que isso he o meyo de seus dias; mas como a aprehençaõ do que havia de ser o naõ deyxava sossegar no que era; como o temor do que era, lhe dava a entender, que já naõ era o

Isai. ibi. 12.

mesmo que estava sendo, os agoras pareciaõ antes, os depois representavaõlelhes agoras, cada logo do temor era hũ já da morte, cada memento da morte era hum depois da vida: eis-aqui o que faz ainda em vida a memoria da nossa mortalidade; eis-aqui o que faz antes da morte o desengano da vida: se nos lembráramos, como era razão, do que nos ha de succeder, tiveramos presente o futuro; se nos acordáramos do que somos, tiveramos o presente por passado; & se nos naõ esquecèramos do que somos, conheceramonos de presente por hum nada, por hũa cinza, por hum pó.

Mas se o homem he pó em quanto vive, & se naõ he mais que pó em quanto morre, para que lhe faz Deos esta segunda lembrança, se nada nella lhe acrescenta de novo? Se dissera, que o homem na morte havia de ser menos que pó, que em vida está sendo, como he effeyto da corrupçaõ, bem estava; porèm dizerlhe Deos, que no tempo da mortal corrupção ha de ser o homem o mesmo que de presente he na vivente conservaçaõ, alèm de naõ parecer ameaço, tem apparencias de superfluidade, que em Deos se naõ póde dar, por ser vicio; como logo, sendo o homem pó em quanto vivo, & pó em quanto morto, que differença haverá

em

em hum, & outro tempo? A diferença he, a meu ver, que os homens em quanto vivos saõ hũ pó levantado, & os homens depois de mortos saõ hum pó cahido: o pó levantado daves nos olhos, çujavos, & enxovalhaves, & vay todo em huma poeyra atè que vem a cahir; & o pó cahido metesevos debayxo dos pès; confunde-se com a terra, & naõ vos aggrava os olhos; alli se deyxa estar donde o vento o deyxou cahir: pó somos todos na vida, & pó depois da morte; em quanto dura o sopro da nossa vida, que he vento: *Ventus est vita mea*, somos pó levantado por esses ares; mas em cessando de respirar o ar da vida, ficamos pó cahido por essa terra; & vay tanta differença de hum cahido a hum levantado, que ninguem chega a verse levantado, ainda que seja do vento, que se naõ julgue, naõ só vivente, mas huma cousa grande, & eterna; ninguem chega a estar cahido, que naõ só se julgue acabado, mas tambem extincto de todo: eis-aqui logo a razaõ da differença, porque o Senhor diz, que o homem he pó differente na vida, & na morte; & porque lhe manda, que em quanto vivo conheça que toda a sua imaginada grandeza, soberania, & ostentação he todo hum pó levantado com o sopro do vento da vida; & que se acorde que em morrendo será pó cahido com a falta da respiraçaõ da vida; & com a mortal corrupçaõ ficará pó confundido com a terra, da qual antes da morte, o trazia separado hum pouco de vento da vida.

Job 7. 7.

Se pois sendo o homem pó, Deos o ameaça com dizerlhe, que em pó se ha de tornar; que castigo vem a dar Deos ao homem convertendo-o no mesmo que he? adonde vay aqui a pena, adonde está o castigo? Oh mortaes: grande pena, & grande castigo he isto, que vos parece o naõ he: vay muyta differença em Deos fazer, & em Deos desfazer: hum pó feyto homem por Deos he a melhor cousa, que Deos fez; & hum pó desfeyto pela ira de Deos he a peyor cousa, que póde haver: fez a infinita bondade, & misericordia de Deos do pó ao homem, obra taõ excellente, & perfeyta, como cousas das maõs de Deos; desfez a ira de Deos o homem em pó, porque levantando-se a mayores naõ quiz obedecer a Deos: o pó feyto homẽ por Deos, era a melhor cousa do mundo na sua graça; o homem desfeyto em pó pela ira de Deos, depois de cahir em peccado, ficou o peyor de tudo; porque (como diz Santo Agostinho) o peccador fica reduzido a hum nada: *Nihil fiunt homines cum peccant*; & qualquer cousa, por infima que seja, he mais que nada. Oh quan-

Psalm. 8. 7.

August. tom. 9. tract. 1. post med. in Evang. Joan.

quanto devemos temer, que a ira de Deos desfaça em pó o homem, que do pó criou a sua misericordia, porque naõ quizemos obedecer a seus preceytos! Haja pois em nòs huma continua memoria do que somos pela misericordia de Deos, para que naõ haja em nòs culpa, que provoque a ira de Deos a desfazer o que fez a sua misericordia: que para nòs avisa o Senhor na pessoa do primeyro homem, dizendo: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

TOQUE VI.

Homo sicut fœnum dies ejus: tamquam flos agri sic efflorebit. Psalm. 102. 15.

CLAMOR VI.

Considera-se a vileza do homem: & o pouco, q̃ dura a sua vida.

COmpara David com o feno a vida do homem, que isto saõ os seus dias; para que vendo os humanos na fragilidade do feno a fragilidade da sua vida, achem o desengano da sua vaidade no mesmo sugeyto, donde a sua vaidade achou o seu engano, & daqui passem a considerar, que se os desenganão aquellas mesmas cousas, que os costumaõ desvanecer; que fazaõ aquellas, que os costumaõ desenganar, abater, & advertir? Engana aos mortaes, & desvanece-os a flor da sua idade, & a verdura dos seus annos, dandolhes a presumir, que quem começa a florecer, muyto tem para durar; que quem principia a reverdecer, muyto tem para luzir, antes que se chegue a secar: desengana-os depressa o seu mesmo engano, pois na vida do feno, que reverdece, na duração da flor, que mais pomposa nasce, vem quam depressa se acaba a vida; vem a flor quam pouco espaço dura: para que soubessem isto os homens, mandou Deos ao Profeta Isaías, que clamasse ao seu povo; & perguntandolhe o Profeta que havia de dizer: Clama (lhe responde o Senhor) dizendolhe, que todo o homem he feno, & toda a sua gloria como flor do campo; secou-se o feno, cahio a flor, & acabou-se a gloria em hum breve instante, porque o mesmo Espirito do Senhor, que em hum sopro lhe inspirou a vida, tambem lha tirou com outro sopro: & foy a causa naõ fazerem os homens aquillo, para que Deos os fez.

Isai. 40. 6.

Eis-aqui o que saõ os homens mais presumidos de quem saõ, & os mayores homens do mundo; saõ hum feno vilissimo, que na terra nasce, depressa reverdece, & subitamente morre: eis-

aqui o que he a vida dos homens, huma flor taõ fragil, que o frio a seca, o Sol a murcha, o vento a arrebata, os brutos a pizaõ, & os bichos a comem; sem que lhe valha o privilegio da fermosura, a authoridade da pompa, ou a virtude da fragrancia, para que o mundo a respeyte, o tempo lhe perdoe, & a morte a naõ castigue: parecelhe a alguns homens do mundo, que naõ saõ feno, como os outros homens, ou pelo valor do nascimento, ou pelo feytio da fortuna, ou pelo preço que lhes dá a estimaçaõ; mas oh que he engano manifesto! tudo he feno: só ha esta differença entre huns, & outros homens, assim como entre hum, & outro feno: ha huns homens que estaõ na mayor altura que os outros homens, porque tambem ha hum feno, que está posto em mayores alturas, que o outro feno; porèm com esta pensaõ, & com esta condiçaõ, que assim como o feno dos lugares altos antes de chegar a morte parece, que perde a vida, & antes que lhe façaõ dano perde a sua pompa: assim os homens, que estaõ em mayor esfera, antes que lhes façaõ violencia perdem a felicidade; & antes que cheguem naturalmente à morte, parece que se lhes acaba a vida. Exclamando David contra seus inimigos dizia assim: Confundaõ-se os peccadores, & façaõ-se como o feno dos telhados, que se seccou primeyro, que o arrancassem: & que parecer tinhaõ com a altura do feno dos telhados os inimigos de David, para que o imitassem na ruina de caducos antes de arrancallo a violencia; & na disgraça de acabar antes do tempo da morte? Oh mortaes, muyto parecer tinhaõ estes inimigos de David com o feno dos telhados: o feno dos telhados faz a sua fabrica sobre os edificios terrenos, os homens soberbos, como os inimigos de David, tambem fazem suas fabricas sobre os edificios humanos, que por isto entende Santo Hilario os corpos dos homens: o feno punha os pès de suas raizes sobre os telhados, os inimigos de David punhaõ os fundamentos da sua soberba sobre a altura de suas pessoas: se pois estes peccadores imitavaõ aquelle feno na soberba da elevaçaõ, porque o naõ imitariaõ tambem no modo do castigo? antes que haja quem os arranque pela violencia, haõ de perder a pompa; & antes que chegue naturalmente a morte, haõ de perder miseravelmente a vida: porque naõ sofre Deos, que durem muyto tempo huns homens, que fiados na altura de suas pessoas, querem meter debayxo dos pès todos os outros homens: desconhecem a natureza, sahem da sua esfera, querem sempre viver das telhas

Psalm. 128. 5. & 6.

Hilar. super Psalm. 128.

acima; pois cayaõ de cabeça abayxo, morraõ antes de tempo, & sem que outrem lhes faça dano, pereçaõ às mãos da sua mesma vaidade, para que seja a sua culpa instrumento do seu castigo.

Chamaõ os homens flor da idade a primavera da vida; & com razaõ lhe chamaõ flor, porque toda a duraçaõ dos annos desta vida caduca, toda a repetiçaõ das primaveras da mais florida idade, naõ só tem a fragilidade da flor na mais tenra idade; mas apenas tem a idade de huma flor na mayor duraçaõ da vida. Fallando Job na vida do homem disse, que eraõ breves os seus dias. David dizendo os dias da vida humana, cõparou-os ao feno, & à sua flor; porèm se a vida do feno he taõ caduca, & a da flor taõ breve, que ainda naõ dura hum breve dia; & se os dias do homem fazem annos; se a idade de hũa flor naõ chega a fazer hum dia, como diz Santiago: como se contaõ os dias da vida dos homens pelos instantes da vida da flor do feno, que morre antes do meyo dia? Oh mortaes: todos os annos do homem se contaõ por hum dia, porque naõ valem mais de hum dia os mais compridos, & os melhores annos do homem: & a razaõ he; porque os annos da vida naõ se contaõ pelo que se tem, senão pelo que se vive: os annos, & dias, que passáraõ, já se não vivem; os que ainda não chegáraõ, não se vivem ainda; & por isso só vivemos o tempo que temos presente, & naõ o preterito, nem o futuro; & por tanto quando muyto em hum dia se cifra toda a nossa vida. De cento & vinte annos sou hoje (dizia Moysés ao seu Povo despedindo-se delle antes de morrer) como se dissera: Cento & vinte annos que vivi, he só hum dia de hoje; & ainda esse dia se reduz ao instante presente, que só esse se está vivendo: & assim nem os antes, nem os depois podemos contar de vida, porque huns se foraõ, & só deyxaõ quãdo muyto a saudade de passados; os outros ainda não vieraõ, nem dão outra cousa, mais que huma ancia de presente, & huma esperança de futuro: se pois se não póde affirmar, que se goza nada de vida, mais que hum agora; que importa haver vivido cento & vinte annos, ou muytos menos; que aproveyta ser a idade mais larga, ou mais breve, se a vida do homem he só agora? Eis-aqui como a vida do homem convem com a vida da flor do feno, que apenas amanhece com vida, quando ao nascer do Sol entra já nas agonias da morte.

Job.14. 5. | Psalm. hic. | Jacob. 1. 10. & 11. | Deut. 31.2. | Jacob. 1. 10. & 11.

E sendo taõ fragil, momentanea, & de pouca dura a vida do homem, ha de entenderse da vida

Chrys. tom.2. in 2.

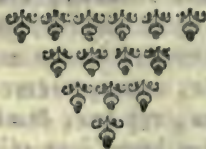
Expos. in Matt. homil. 45. in initio.

vida do homem justo, do que vive na graça do Senhor; porque o peccador, que anda em peccado mortal, nem hum instante tem de vida. Diz Saõ Joaõ Chrysostomo, que os corpos dos peccadores saõ sepulcros de mortos, porque a alma está morta no corpo do peccador: andais sepultados, ó peccadores, dentro de vòs mesmos, porque mortas andaõ vossas almas dentro de vossos corpos em quanto viveis em peccado: estaõ postas vossas almas nestes sepulcros, porque sendo o amor de Deos, como diz Santo Agostinho, o calor natural de que as almas vivem, assim como as almas o saõ dos corpos; faltandovos este amor de Deos, faltavos o calor natural, & morrem miseravelmente: de que se segue, que nada tendes de vida, se nada tendes do amor de Deos: sois feno, que em hum instante nasce, & em outro morre: sois flor, que em hum momento lustra, & em outro acaba.

August. tom. 10. Serm. 18. de verb. Apost. in med.

Mas ainda assim parece a muytos homens, que sem mysterio comparou David o homem à flor do campo, & não à flor do jardim: porèm com grande mysterio o fez; porque nenhuma outra cousa quiz David nesta comparaçaõ, mais que persuadir aos homens a humildade, & desprezo da vida; porque a flor do jardim cria-se com vicio, & he tratada com grande mimo, asseyo, & resguardo; & ainda depois de colhida, em final da estimaçaõ, que della se faz, trazem-a nas palmas, & a poem sobre a cabeça: naõ assim a flor do campo por mais fermosa, que seja, alli mesmo donde nasceo, & donde mais lustra, ahi a pizaõ, & metem debayxo dos pés. E juntamente quiz David nesta comparaçaõ dar a entender aos homens, que naõ ha nelles mais que huma vida, que he pouco mais de nada; taõ pouco tem o homem de seu, ainda que tenha quanto ha no mundo, que em tendo parecer de homem nem por sonhos dura, dentro de hum instante, como flor de feno, se resolve em nada. Appareceo aquella Estatua de Nabuco, taõ soberba na grandeza, tam arrogante na excellencia, & taõ pomposa no apparato, que atè a hum dos mayores Monarcas do mundo assombrava, & fazia rosto; mas bastou ter figura de homem, para que sendo a sua vida apenas sonhada, em hum momento se vio nas mãos da morte convertida em menos, que nada, sem apparecer da sua grandeza, riqueza, & ostentaçaõ, nem huma leve reliquia: para desenganar em figura as mayores affiguraçoens da vaidade humana, & mostrarlhe, que nem por sonhos era de dura; pois apenas tinha dado de si huma vista

Dan. 2. 31. &c.

ſta de olhos, quando a toque de huma pedra, que foy pedra de toque dos melhores metaes do mundo, moſtrou o que elles ſaõ; pois moſtrou dentro de hum fechar de olhos, que nada era tudo; pois a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, a valentia do bronze, & o valor do ferro ſe reſolveo em nada. Saõ ſonho, ó mortaes, todas eſſas maquinas de ouro, & prata, com que quereis na voſſa imaginaçaõ, ou na voſſa póſſe ter hum mundo inteyro, ou os imperios de todo o mundo, que iſto repreſentava a Eſtatua: aſſim tambem todos ſois feno, & de tanta dura, & valor como a flor do campo; & ainda que huns ſejais feno com mais flor, & flor com mais pompa, que os outros, tudo em fim he feno, & tudo huma vil flor do campo: *Homo ſicut fœnum dies ejus: tamquam flos agri ſic efflorebit.*

TOQUE VII.

Quid eſt homo, & quæ eſt gratia illius: Eccleſiaſt. 18. 7.

CLAMOR VII.

Ve-ſe o nada, que he o homem quanto ao ſer terreno, & immortal ſem Deos.

QUe couſa he o homem? perguntava o Eccleſiaſtico: & que tem o homem de ſeu, para que ſe perſuada que he alguma couſa? O homem mortal, diz hum Douto, que he como empolla de agua; porque aſſim como a empolla de agua naõ he mais, que huma inchação vaſia, que ſe vè nas aguas apenas apparente, quando já deſvanecida: aſſim o homem peccador com huma pouca de vaidade, que he o ar que lhe entra, mal repreſenta o engano de ſuas apparencias vans, quando desfaz a fragil pompa de ſua oſtentaçaõ aerea, & de ſua preſumpçaõ caduca. Vaſo de barro chama S. Paulo ao homem; porque aſſim como o vaſo de barro, ou ſeja novo, ou velho, igual perigo tem de quebrar em chegando a cahir: aſſim o homem, ou ſeja moço, ou velho, igualmente póde morrer em cahindo em qualquer mal: he

Varro, apud Calep. verb. bulla.

2. ad Corint. 4. 7.

he como as Estrellas do mar; porque assim como ellas ao parecer saõ Estrellas, naõ sendo na realidade mais, que hũas sombras, & reflexos das Estrellas do Ceo: assim tambem o homem, se he justo, he huma sombra, & semelhança de Deos, & nada per si proprio, & pela culpa, nada, pois, por ella a sombra se vay, & a semelhança de Deos se perde, ainda que a imagem fique: he como sombra o homem; porque assim como a sombra, que vay fugindo, vay dessapparecendo, sem deyxar algum sinal de si: assim o homem, que vay vivendo, vay acabando, sem deyxar algum vestigio daquella vida, que apenas se nos representa em leve vágado de sombras, quando morre como de accidente em breve efimera de nadas: he como a escuma do mar, que se levanta vigosamente sobre as suas aguas, & qualquer onda a derruba, & a desvanece: he hum bocejo da terra, que sóbe vapor para morrer em fumos: he hum fumo, que o ar espalha, hũa folha, que o vento leva, fogo, que se converte em cinza, cinza que se desfaz em pó, pó, que se muda em lodo, lodo, que se torna em terra, & terra, que se converte em nada: & que sendo tudo isto, & muyto peor que isto o homem mortal, & miseravel, & sugeyto a mayores miserias, & desventuras por seus peccados, haja de terse em grande conta, vivendo em culpa? & haja de fazer muyto caso de quem he, naõ vivendo em graça? O justo naõ se sabe resolver se he digno de odio, se de amor de Deos; & ensoberbecese o pó, & cinza, sendo o termo ultimo da vileza, & da abominaçaõ?

Job. 14. 2.

Job. 13. 25.

Eccles. 9. 1.

Ah Senhor! (dizia David a Deos) trazey as gentes a juizo, & saybaõ, que saõ homens: porèm se os peccadores de nenhũa cousa se jactaõ tanto, como de serem homens; como he necessario, que venha sobre elles hum dia de Juizo, para que se conheçaõ por homens? Naõ fora melhor dizer o Profeta: Para que conheçaõ os humanos, que saõ pedras na dureza, brutos no appetite, arvores na elevaçaõ, pois abominava nelles a soberba, obstinaçaõ, & demasia? Oh mortaes! excellentemente disse David. Diffinindo Job, que cousa era o homem, disse, que era huma pouca de podridaõ. Queria David, que os homens conhecessem, que saõ huma podridaõ, que vive, huma immundicia, que se doura, & huma corrupçaõ, que se estima: se os homens se tiveraõ por arvores, ainda que os condenàra a sua elevaçaõ, pudèra enganallos o darem algum fruto: se se conhecèraõ por féras, quando os malquistára a fereza, a brutalidade os desculpára: se se consideraraõ

Psalm. 9. 20.

Job. 25. 6.

deiráõ pedras, a duração os confiára, ainda que a dureza os reprehendèra: pois, para que nem a duração os confie, nem a brutalidade os desculpe, nem o darem algũ fruto os engane, saybaõ, que saõ podridão, & não pedras; conheção, que saõ immundicia, & naõ brutos; vejaõ que saõ corrupçaõ, & não arvores: & conheção finalmente os mortaes, que naõ saõ gente, pois saõ homens: *Ut sciant gentes, quoniam homines sunt*; porque sendo homens, saõ huma podridão corrupta, huma immundicia nojenta, & huma corrupção asquerosa, que foy nada ha pouco tempo, que está sendo pouco mais de nada, & que em breve será cousa nenhuma: hontem hum favor do possivel, hoje hum perigo do futuro, à manhãa hum medo do presente: hum póde ser, antes que fossem, hum não seraõ, agora, que estaõ sendo; & hum seraõ, em acabando de ser: & se saõ mais alguma cousa, nada saõ mais, que hum lodo, que vive, huma lama, que lustra, hũa terra que anda, huma vaidade, que corre, huma mentira, que falla, hum engano, que dura, & huma presumpçaõ, que mente.

Psalm. sup.

De que pois vos vangloriais homens miseraveis? Quem cuidais, que sois? Quem presumis, que sereis? Pois sabey, & acabay de crer, que em todo o mundo não póde haver cousa mais vil, quanto ao ser terreno, que esse mesmo ser que tendes, & de que tanto vos prezais: toda essa fabrica vivente, toda essa apparencia fermosa, toda essa ostentação robusta, & toda essa pompa desvanecida he cousa taõ vil, tão bayxa, & miseravel, que nem depois da morte póde ser peyor, nem mais vil, do que he na mayor gloria, na mayor presumpçaõ, & na mayor felicidade da vida. Peccou Adam, & querendo Deos tiralhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vágados para o derrubar na culpa, querendo porlhe por terra aquella vaidade nescia, & desvanecida, com que andava endeosado com presumpçoens de divino, disselhe hum dia: Homem miseravel, lembrate, que es pó, & que em pó te has de tornar. Se Deos quer abater os brios de Adam, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser por castigo da culpa, se o quer atemorizar com a memoria da morte figurada no pó, & cinza; que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendo, que ha de ser na morte, o mesmo que está sendo em vida, pois lhe diz, que he pó, & que em pó se ha de converter? Naõ era meyo mais efficaz para confundillo, & para estremecello, dizerlhe, que se lembrasse, que cedo seria pó, & cinza,

Genes. 3.19.

cinza, ainda que de preſente era homem? Naõ mortaes: ſe Deos diſſera ſó ao homem, que havia de ſer pó, & que o naõ era já, deralhe hum deſengano para o tempo futuro, mas naõ lhe tirâra a vaidade do ſeu engano preſente: via Deos, que do engano preſente naſcia todo o mal do homem, pois com nenhuma outra couſa ſe enganava tanto, como com o que era; & para que viſſe quanto ſe enganava com a ſua ignorancia, com a ſua vaidade, naõ ſó lhe diſſe que havia de ſer pó quando o caſtigaſſe a morte; diſſelhe que iſſo meſmo eſtava ſendo, quando o enganava a vida.

Mas ſe Deos fez o homem do pó da terra, & ſe o homem vivendo he pó; que caſtigo lhe dá Deos em o desfazer em pó? Se na morte o desfaz, ſe na morte o caſtiga, como o naõ desfaz diminuindolhe o ſer? como o naõ caſtiga fazendo-o ſer mais vil? Oh mortaes, naõ achou Deos couſa algũa peyor, em que pudeſſe desfazer o homem, que aquella meſma de que o fez; naõ teve outra mais vil, com que o caſtigar, que fazendo-o tornar a ſer aquillo meſmo, que era; & por iſſo naõ podia porlhe no roſto mayor afronta, que dizerlhe, que ainda havia de ſer o meſmo, que eſtava ſendo antes da mortal corrupçaõ. Se pois o homem naõ podia ſer peyor couſa, nem mais vil do que era (como atraz moſtrámos) que mayor caſtigo podia darlhe Deos neſte ſeculo, que fazello ſer o que tinha ſido, quando acabaſſe de ſer o que eſtava ſendo? Deſenganayvos, mortaes, que nada podeis ſer peor; nada podeis ter, que ſeja mais vil, que eſſe meſmo ſer, de que tanto vos prezais, pois atè quando parece, que Deos vos quer aniquilar, parece tambem, que vos naõ póde envilecer mais, nem peyorarvos o ſer.

Tract. 2. toq. 5.

Fez Deos a luz do dia, do Ceo as Eſtrellas, do mar os peyxes, da agua as aves, da terra os bichos, os animaes, & as plantas; mas ao homem de hum pó viliſſimo, que ou nos cega, ou nos empoa; taõ bayxo, & taõ miſeravel, que ſugeytando-ſe a tudo quanto fazem delle, ſempre anda cheyo de immundicias, & de deſaventuras; ſe ſe levanta o vento o leva pelos ares, & depois o derruba; ſe ſe naõ move, todos o atropellaõ, atè que para fugirem delle, a chuva o poem de lodo. Iſto ſois, homens miſeraveis: diſto fez Deos o primeyro homem, para que vendo-ſe mais vil por eſte principio, que todas as outras creaturas, buſcaſſe no ſeu conhecimento o ſeu deſengano, & achaſſe na ſua vileza a ſua humildade. Naõ ſó niſto, mas em outros moytos doens fez mais caſo a natureza das

das hervas; & das plantas, das aves, & das féras, que dos humanos, pois os brutos nos excedem na força, as féras na saude, os cervos na vida, os linces na vista, os abutres no cheyro, as aves na ligeyreza, as flores na fermosura, as arvores na pompa, & as hervas nas virtudes, & em outras muytas cousas, que fora hum nunca acabar, começar a dizellas. Por isso queria Deos, que o homem se conhecesse pela cousa mais vil, que podia haver no mundo, & a quem naõ era devido nenhum respeyto; antes tendo-se por indigno das mercès de Deos assentasse sobre esta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez Senhor de tudo, & aquella misericordia, com que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas naõ cuidaõ os homens, que saõ pó, cuidão, que saõ Deoses. Aquelle engano, que o demonio fez a Adam no Paraiso, faz no mundo todos os dias aos outros homens: & como cuidão tanto de si, nada cuidaõ na morte, nada cuidaõ em Deos: nada cuidaõ na morte, porque vivem, como se naõ tuveraõ de morrer; nada cuidaõ em Deos; porque obraõ como se naõ ouvera Deos; & ainda que a morte os desengane todos os dias; ainda que Deos os avise todas às horas; como não olhaõ para o pó, que he memoria da morte; como naõ olhaõ para o sepulcro, que he espelho da vida; o pó, ainda que lhes dá nos olhos, deyxa-os mais cegos; o sepulcro, ainda que se lhes ponha defronte, ficalhes a perder de vista. Oh se os homens olháraõ algum dia para o pó da morte! Se fizeraõ alguma hora espelho do seu sepulcro, que depressa se esquecèraõ do que parecem; que facilmente conhecèraõ bem o que eraõ! Naõ se teriaõ mais por homens; quando muyto parecerlheshia, que eraõ huns bichos vís da terra, & huma pouca de podridaõ. Senhor (dizia a Deos David) eu naõ sou homem, sou hum bicho vil da terra, huma afronta dos homens, & hum escarneo do povo: porèm se David era hum dos mayores Reys da terra, o mayor homem dos seus tempos, o gabo dos outros homens, a valentia do mundo, & a occupaçaõ da fama, como he já bicho, & naõ homem? como escarneo, & naõ gabo? como afronta, & não credito? Oh mortaes: chegou David às consideraçoens da morte, como elle logo diz, por meyo do pó, & cinza: chegouse ao sepulcro, como explica Jansenio, fez memorial do pó, & cinza, fez espelho do sepulcro, & como vio nelle, que todo o parecer do homem, & toda a feyçaõ de humano se havia de mudar em gusanos,

Psalm. 21. 7.

Ibid. 16.

Jansen. ibi.

ſanos, & bichos fedorentos, já naõ he, o que parecia, já parece ſó o que he; porque conſiderando-ſe pela morte feyto pó, & cinza na ſepultura, via, que nella naõ ficava do homem nenhuma outra couſa mais, que aquillo, que naſce da podridaõ, & iſto ſaõ bichos, & guſanos, como diz Job: & alturas, que vem a parar debayxo da terra, Mageſtades, a que ſe ha de pôr huma pedra em cima, ſceptro, que ſe ha de tornar em pó, throno, que ſe ha de fazer em cinza, purpuras, que ſe haõ de converter mortalhas, que haõ de parecer aos homens, que chegaõ ao deſengano, ſenaõ hum deſprezo do mundo, huma injuria dos tempos, & huma afronta dos homens?

Job 25. 6.

Iſto vè quem olha para o ſepulcro; porèm ainda vè mais quem olha para Deos: quem faz eſpelho do ſeu ſepulcro, temſe por hum bicho da terra, julga-ſe pó, & cinza, & conhece, que he podridaõ; mas quem tem a Deos por eſpelho, ainda vè mais, porque vè, que he nada diante de Deos. Vio-ſe neſte eſpelho David, porque nelle trazia ſempre os olhos, & logo vio que era nada diante de Deos, dizendo: A minha ſubſtancia, Senhor, & o meu ſer he nada diante de vòs: porèm ſe David ſe via, & ſe revia em Deos, como vendo tanto, via que era nada? Ora notem: quem olha para o eſpelho vè a ſi meſmo; quem naõ olha, naõ ſe vè: ve-ſe quem o olha, porque em olhando para Deos, como para ſeu eſpelho, vè a ſua imagem; & conhece, que ſendo a imagem de Deos, nada lhe fica mais, que aquelle puro nada, ſobre quem Deos poz eſta imagem; & por iſſo vè, que he nada: quem naõ olha para Deos, que he o ſeu eſpelho, naõ ſe póde ver a ſi; & daqui naſce, que como acha em ſi tantos doens de Deos, ſem ſaber de quem ſaõ, nem donde lhe vieraõ, deſconhece a Deos, deſvanece-ſe a ſi, cuida que tudo he ſeu, diſſipa-o como proprio, atè que na ultima hora o paga como alheyo.

Pſalm. 24. 15. Pſalm. 38. 6.

Se pois, peccadores, hum homem Santo, como David, quanto ao ſer mortal, & caduco ſe tem por hum bicho vil olhando para o ſepulcro, & quanto ao ſer immortal, tem para ſi, que he nada olhando para Deos; em que conta ſe devem ter aquelles peccadores, que ſendo para ſi nada pela culpa, ſaõ huns ſepulcros vivos de humas almas mortas? Se quereis conhecer o que ſois, quanto ao ſer terreno, olhay para o ſepulcro; ſe quereis ver o que ſois; quanto ao ſer immortal, olhay para Deos: vede, q̃ de naõ olhar para Deos naſce o caſo, que fazeis de vòs: vede, que de naõ ver o ſepulcro procede o caſo, que fazeis da vida: a vida ſem memoria da morte, he hũa morte

morte d'alma; vòs sem memoria de Deos sois hum inferno da vida: da morte d'alma facilmente se caminha para a morte da vida; do inferno da vida com facilidade se vay para o inferno d'alma: a morte da vida póde ser cada hora, o inferno d'alma ha de ser para sempre: se pois naõ tendes mais que huma vida, nem mais que huma alma, como naõ receais hũa morte; que se apressa na culpa? Como naõ temeis hum inferno, que na culpa se leva? Oh miseria da vida, oh perdiçaõ d'alma, oh ignorancia do nada, oh soberba do pó, & cinza! Como naõ consideras peccador, que cousa he o homem, & que he o que tem de seu: *Quid est homo, & quæ est gratia illius?*

TOQUE VIII.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum.
Job 5. 7.

CLAMOR VIII.

Trata-se do trabalho para que todos nascemos em castigo da primeyra culpa.

Vay outro discurso differẽte Toq. 17.

NAsce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: ou seja com as mãos, ou com o entendimento, em quanto estiver sobre a terra ha de trabalhar o homem: trabalha chorando em nascendo, porque naõ póde servindo, ou considerando: tam pobre ficou a natureza humana depois do peccado, que quem naõ ganha o sustento com o suor do seu rosto, ou do juizo, parece que naõ chega a alcançallo sem merecello com as lagrimas, que saõ suor do coraçaõ. Esta pensaõ do peccado obrigou ao mayor, & ao primeyro homem do mundo a roçar espinhos, & abrolhos feyto cavador vil, & homem de ganhar miseravel, aquelle mesmo homem, que sendo criado para o fim sobrenatural da gloria, teve a Deos por Pay, os Anjos por amigos, o Paraiso por palacio, o mundo por imperio, & por vassallos seus todas as outras creaturas: & naõ parando aqui a sua miseria, quiz Deos mostrarlhe, que elle só havia de trabalhar na terra, de que nasceo senhor, & nenhuma outra creatura; salvo, se atrahida pela industria, ou arrastada da violencia se sobmetesse à sugeyçaõ, & à necessidade: & a razaõ he; porque na mesma desobediencia, com que o homẽ perdeo os fóros da graça rebelando-se ao seu Creador, sacudíraõ todas as creaturas o jugo interior da obediencia, com que à ordem de Deos serviaõ, & obedeciaõ ao homem. Mostroulhe a Providencia, que a ave naõ fia, o peyxe naõ semea, a fera

Gen. 17. &c.

féra agreste naõ lavra, as arvores naõ trabalhaõ, & as flores naõ cultivaõ; & que ainda assim tem para a vida o necessario, & às vezes o sobejo sem rasgar a terra com o arado, ferir os campos com a enxada, cruzar os mares, descompor os rios, nem descubrir aquelles segredos da terra, donde o ouro, a prata, & as outras classes de metaes metidos como em sepulcro, parece, que pedem ao homem, que os naõ desenterre, pois a pezar de todas as riquezas, que podem darlhe as minas, tambem o haõ de enterrar dentro de pouco tempo, donde naõ lhe póde valer o ouro, para que se naõ converta em bichos, & em podridaõ.

Voando em fim a ave pela regiaõ dos ventos, nadando o peyxe pelas ondas, vagando a féra pelos campos, parece, que como assinte da vaidade humana, ou dandolhe doutrina muda, lhe mostraõ que naõ nascèrão para outra cousa, que para viver descansadamente cantando, recreando-se, & apascentando-se ao mesmo tempo, que o homem chora, que se afflige, & que sente a falta do que aos animaes não falta, do que às aves sobeja, & do que aos peyxes enfastia: & quando ellas querem recolherse, & retirarse dos desabrigos da noyte, sem haver levantado edificios, nem solicitado algum reparo para o sossego, & menos para o sono, achaõ nas lapas do mar alcovas, nas covas dos montes leytos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, donde a planta que lhes offereceo toldos para passar a calma, lhes arma pavelhaõ verde para lhes dar abrigos; donde as covas, que para o nascimento lhes offerecèraõ berços, para o descanso lhes dão alvergue, donde as lapas, que para os riscos lhes offerecèrão refugio, para a quietação lhes dão encosto; & donde finalmente a Providencia superior sendo ministra do agasalho, lhes tem prevenido o reposo naturalmente. Vive a toupeyra nas entranhas da terra, & alli lhe leva o Ceo o seu alimento: vive no seu casullo o gusaninho vil, & sobre vestirse de sedas, lá o sustenta a Providencia: vivem outros bichos immundos sem se bulir de hum lugar, & ahi donde os poz a natureza, lhe acode com o necessario a divina bondade: a herva mais humilde, a planta mais inutil, a folha mais esteril, a flor mais melindrosa, o ramo mais levantado, sem fazerem diligencia alguma para sustentarem aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o succo, que lhes basta. De todos o Ceo, & a terra tem natural cuidado, com todas se desentranha suavemente; só ao homem naõ acode com a

mesma

mesma promptidaõ, sem que primeyro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligencia: nisto, & em tudo o mais, quanto à porçáo terrena, quiz Deos mostrar aos humanos, que eraõ muyto mais miseraveis, que as outras creaturas, pois nascendo as féras do campo naõ só vestidas, mas armadas, as aves do Ceo adornadas de plumas, os peyxes do mar cubertos de escamas, as plantas da terra enfeytadas de folhas, as Estrellas do firmamento cheas de resplandor, só o homem appareceo nù nos orientes da vida, como mendigando, & pedindo a todos, que o cubrissem, & abrigassem, atè que pudesse buscar com que vestirse. Mostrou-se a natureza mais liberal atè com as hervas agrestes, que com os humanos; mayores ventagens lhes deu neste privilegio, do que deu naõ sómente aos homens de menor esfera, mas ainda ao de superior estado. Olhay os lirios do campo, dizia Christo, & vede se Salamaõ na sua mayor gloria se pode vestir como elles; naõ trabalhaõ, nem fiaõ para vestirse, & vestem tanto melhor, que o mayor Rey da terra, quanto he melhor a verdade, que a mentira, o natural, que o artificial, & o solido, que o fingido: em fim, vestio Deos fermosamente as flores, robustamente as arvores, alegremente os campos, para que podendo fazer mayor gala da sua natureza, que os mayores homens, lhe lembrassem a necessidade com que nasciaõ aquelles mesmos, a quem a ignorancia, ou a fortuna fingio mais isentos da miseria, & da necessidade: todas em fim sem trabalhar tem o que haõ mister; só o homem, nem com o trabalho do animo, ou da pessoa chega ordinariamente a ter tudo o que lhe he necessario: & tudo isto procede de que nenhuma creatura offendeo a Deos mais, que o homem; antes fazem todas melhor, que o homem, aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos, para que o louvassem; & isto fazem a todo o tempo todas as creaturas, excepto as racionaes. Estaõ sempre louvando a Deos todas as creaturas, porque todas a todo o tempo saõ hum espectaculo fermoso, & huma contillaõ louvavel, ainda que muda, das obras do seu Creador, pois nellas, como em vestigio da divina grandeza; como em copia, ainda que breve, de seu immenso original; como em espelho, ainda que escuro, daquella claridade eterna; como em lamina, bem que tosca, da divina fermosura, parece, que quando se nos manifestaõ por obra de Deos, nos convidaõ à admiraçáo de suas maravilhas, se olhando-as com a consideraçáo com que se devem contem-

Matth. 6.28.

contemplar, sabemos estender o discurso, & o entendimento por quanto a terra mostra, o mar descobre, o ar ostenta, & o Ceo debuxa: isto fazem as creaturas mais rudes, aquellas, que com as almas de terra, & com espiritos de vento broncamente nascem, brutamente sentem, & vegetando vivem: por isso naõ trabalhaõ por castigo, como faz o homem, porque naõ trabalhaõ quem louva a Deos.

Naõ fazem outro tanto os homens, porque trabalhando pela vaidade, & naõ pela virtude, fogem daquelle jogo, em que se descansa, por buscar aquelle descanso, em que se affadigaõ; donde se vè, que faltando o homem em seguir o fim para que foy creado, que he louvar, & amar a Deos, menos ama a Deos, que huma planta, que hum bruto, & que huma pedra, pois qualquer destas naturalmẽte naõ falta ao seu fim ultimo; & por isso, nem descansa o homem, nem trabalha como deve: naõ descansa, porque naõ louva a Deos; naõ trabalha como deve, porque naõ serve a Deos, serve aos idolos da sua vaidade, & da sua inclinação, trabalha mais por offender a Deos, que os bons por o amar, cansa-se por descansar na culpa, como se fora na gloria, desvela-se pela sua perdiçaõ, mais que os justos por salvarse, & poem mayor cuidado em se ir aos infernos, que os outros ao Ceo: oh miseria, oh desventura digna de chorarse com lagrimas de sangue; digna de escreverse com letras de ferro; digna de clamarse com vozes de bronze! Basta, peccadores, que se naõ ha de ir hum homem aos infernos, sem que lhe custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canseyra do corpo, a affliçaõ do animo, & o dinheyro da bolsa? Ha de ser possivel, que por Sol, & por frio, por calmas, & por chuvas, por ventos, & por neves ha de hum homem andar buscando a sua perdiçaõ? & ha de ser necessario para chegar hum homem a ser condenado, que ponha nisso todo o seu estudo, todo o seu sentido, todo o seu trabalho? & que sobre tudo isto se naõ contente o demonio, se lhe naõ comprais o inferno com o vosso dinheyro; & se em cima naõ fazeis muyto caso, & muyta vaidade da vossa condenaçaõ na estimaçaõ, que fazeis do peccado; no gosto, com que vos saboreais na maldade? Tantos passos em fim para vos condenar? Tanto trabalho para vos perder, taõ pouco para vos salvar? Tantas fadigas pelos bens caducos, & transitorios, que vos levaõ ao eterno carcere, & vos arrastaõ para a morte eterna? Tanto descuido, tanto esqueecimento dos bens eternos, & permanen-

manentes, que vos atrahem, & levaõ suavemente para a eterna gloria, para a eterna vida? Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais, vede, que se trabalhares pelos bens do Ceo, tereis brevissimamente mais do que quereis; vede, que se vos cansardes toda a vida pelos bens do mundo, em toda a vida naõ tereis cousa algũa; nada tereis, nada vos aproveytará todo o vosso trabalho, ainda que seja licito, se trabalhardes só pelos bens do mundo.

Joan. 21.3.

No mar de Tiberiades trabalhàraõ toda huma noyte os Discipulos de Christo, & nada colhèraõ por fruto de seu trabalho; veyo a manhãa, & tomando o conselho do Senhor, que appareceo na praya, deytárão as redes para a mão direyta, & de hũ só lanço tiráraõ tanto peyxe, que pela multidaõ, & grandeza delle, naõ podiaõ arrastar, nem recolher as redes: porèm se a noyte he o melhor tempo das pescarias, se o mar, se as redes, se os pescadores eraõ os mesmos, como de hum só lanço tirão tanto peyxe, que era mais do que querião? como toda a noyte, & de tantos lanços nada tiraõ, nem lhes importa cousa alguma o seu trabalho? Oh mortaes: toda a noyte, que he figura da vida, como diz Santo Agostinho, naõ tinhão deytado os Discipulos as redes para a maõ direyta, figura dos bens eternos; tinhaõ-as deytadas para a maõ esquerda, figura dos bens temporaes, conforme S. Gregorio: pois, que lhes havia de aproveytar todo o trabalho, ainda que licito, de toda a vida, mais que cousa nenhuma? E que menos lhes havia de render hũ só lanço do trabalho meritorio, que enchentes, & mais enchentes dos bens da Igreja, & dos bens eternos? Mas se os Discipulos de Christo eraõ exemplar, & figura dos mais perfeytos homens; se na barca se figurava a Igreja, nas redes a prègaçaõ, no mar o mundo, nos peyxes os peccadores, nas ondas os vicios, segundo he o cõmum sentir dos Expositores Sagrados; como naõ aproveytou todo o trabalho de toda a vida figurada em toda a noyte? como não aproveytàraõ os desvelos dos mais perfeytos homens, para que das ondas dos vicios, & do mar do mundo tirassem nas redes da prègaçaõ ao menos hum peyxinho; isto he, hum só peccador por fruto do seu trabalho? Oh peccadores, não havia alli Deos, como diz o Texto, tudo erão sombras figura da culpa: appareceo a manhãa symbolo da graça, & então appareceo Christo, & se lançárão as redes para a mão direyta, & só então se fizerão bons lanços, pois se encheo a barca da Igreja dos seus escolhidos.

August. tom. 8. in Psal. 76. vers. manibus meis, &c.

Greg. P. tom. 2. homil. 21. in Euang. in princ.

Desenganayvos mortaes, que ainda

ainda quê sejais discipulos de Christo, ainda que sejais varoens perfeytos; ainda que tenhais as melhores redes da sciencia, & da eloquencia humana, ainda que trabalheis toda a vida, se vos cansardes pela gloria temporal, & naõ pela eterna; se se naõ vir, que está o Senhor adonde trabalhais; se não tomardes seus conselhos, deytando as redes para a maõ direyta, tudo vos ha de sahir esquerdo, nada haveis de colher, nada aproveytar: os peyxes coaráõ a malha por meuda que seja: quanto mais finas forem as redes, mais de pressa as romperáõ, pois valem mais por fortes, ainda que grosseyras, que por finas, sendo fracas: & em fim, da vossa vãa fadiga não colhereis mais, que vento nas redes, frio na vida, aflicção no animo, & agua de tribulação na barca, atè que Deos vos amanheça: & se isto se colhe dos trabalhos licitos, dos illicitos que será? Trabalhemos pois em fazer de nossos peccados penitencia: trabalhemos em cortar os vicios, em servir a Deos, & em fugir do inferno, que este he o trabalho, para que todos os peccadores nascèraõ: *Homo nascitur ad laborem &c.*

TOQUE IX.

Militia est vita hominis super terram. Job 7. 1.

CLAMOR IX.

Trata-se da guerra contra os inimigos d'alma, & como se ha de fazer.

NAõ bastava, que a vida do homem fosse trabalho, senaõ, que em cima havia de ser guerra: trabalho de guerra, que he o mayor dos trabalhos, he a vida do homem, ou huma guerra viva, que dura, quanto a vida dura. Trabalha, como bom soldado, dizia Saõ Paulo a Timoteo; porque naõ basta trabalhar, nem trabalhar como soldado, senaõ como bom soldado; quem he bom soldado naõ descansa, cõ os mayores riscos contende; alli donde padece mayores opressoẽs, afflicçoens, & rigores, ahi com mayor gloria emprega o braço, arroja o coração, & acrescenta o animo; ahi grangea o nome, donde he mayor o conflicto: quẽ ainda naõ alcançou o nome de bom soldado, he porque se naõ arriscou muyto, ainda que trabalhasse sempre. Guerra he a vida do homem, mas naõ aquella guerra, que começou a ser ruina do mundo, depois que

2. ad Timot. 2. 3.

o homem semeando discordias para colher estragos, fez parir a terra homens armados, povoarse o mar de naos, as Cidades de ermos, os montes de sepulcros, os bronzes vomitarem fogo, os homens vestirse de ferro, os campos de sangue, o ar de pò, & o Ceo de fumo: na vida se padece esta guerra, mas outra guerra he a mesma vida: na guerra da vida pelejaõ os homens com os outros homens; na vida, que he guerra, naõ só pelejaõ com todo o mundo, & com todo o inferno, mas comsigo mesmos; peleja o espirito contra a carne, a alma contra o corpo, & a virtude contra os vicios.

Por toda a parte tem guerra o homem; porque acima de si tem hum Ceo, que ha de conquistar, abayxo de si hum inferno de que se ha de defender, fóra de si hum mundo, a que ha de fugir, & dentro de si huma carne, que ha de crucificar. Naõ se póde conquistar o Ceo, sem primeyro ficar a carne crucificada, o mundo atropellado, & o inferno confundido, a carne crucifica-se com a mortificaçaõ, o mundo atropelha-se com o desprezo, o inferno confunde-se cõ a oraçaõ: mas he taõ difficultosa a vitoria destes inimigos, que ainda depois de vencer o mundo fugindo de suas vaidades, se o homem se recolhe dentro de si para naõ querer mais mundo, acha contra si a carne rebelada; cujo domestico desassossego, & perigosos tumultos naõ se domaõ bem, se com os auxilios de Deos, depois de enfraquecella a fome, & sede de hum, & outro jejum, a naõ poem a ferro, sangue, & fogo: fogo do amor de Deos, sangue da disciplina, & ferro do cilicio, que como armas da penitencia naõ mataõ, porèm amansaõ, & mortificaõ a insolencia deste inimigo, que he o mayor de todos.

Mas naõ parando aqui a guerra, se o homem na guerra de fóra venceo o mundo atropellando-o; se na batalha interior da guerra civil, & às vezes continua, derrubou a rebeliaõ da carne affligindo-a, ainda lhe fica por vencer o demonio, que ardilosamente caviloso das mesmas vitorias do vencedor faz armas contra elle para rendello, se se deyxa entrar, ou possuir daquelle ar suave, daquella viração aprazivel, mas pestilente, com que a vangloria o recrea, & a perdiçaõ lhe faz caricias; isto he, deyxarse levar daquelles gabos da virtude, que só saõ bons depois da morte, quando nem o que louva corre o perigo de lisongear, nem o louvado tem o risco de se desvanecer. He o applauso do seculo para os virtuosos, como a mina para os muros; poemse a mina ao pè do muro, & quanto mais

se

se lhe mete debayxo, tanto dalli rebenta com mayor estrondo, & faz mayor estrago, se quem guarda o muro antevendo o perigo, naõ faz, que se desafogue toda aquella violencia dissimulada pelas roturas da contramina: assim o applauso do seculo parece, que se deyta aos pès da virtude, metesselhe debayxo com a submissaõ, & com a cortesia, rebenta com o ruido do louvor, com o estrondo do encarecimento, & se o homem virtuoso naõ contramina este seu dano com a virtude da humildade, por donde o louvor, & a vangloria se deve divertir, & desafogar, quanto he mayor o impeto da vaidade, q̃ o faz voar, tanto he mayor o estrago, & a ruina com q̃ vem a cahir.

Saõ muros da Cidade de Deos os virtuosos; mas se se deyxaõ minar, se naõ trataõ de se defender daquelle seu perigo, tanto mais poderoso, quanto mais escondido, ou menos contraminado, hum pouco de ar ardente os arruina, quando mais os levanta; & com aquillo mesmo, com que os lança para o Ceo, os faz cahir, & precipitar na terra. Porèm se com o divino auxilio, se livra o homem deste demonio do meyo dia, ainda se naõ livra da guerra; porque aquella Hidra infernal de sete cabeças, adonde lhe cortaõ hũa, multiplica outras; de que nasce, que em quanto, vive o homem, ainda que viva bem, sempre vive em batalha pelejando atè a morte, donde se canta a vitoria, acabada esta mortal vida, & principiando-se a immortal com paz perpetua. Antes que a nao chegue ao porto para donde navega, por mais, que lhe soprem ventos favoraveis, ainda que tudo lhe pareça, que he mar bonança, ainda que outras muytas vezes escape da tormenta, naõ póde dizer, que fez boa viagem, atè que vendo-se surta no porto desejado, naõ esteja sobre as ancoras descançadamente: assim nòs, em quanto navegamos pelo mar do mundo, como poderemos dizer, que vencemos as ondas, por mansas que se finjaõ, por quietas, & sossegadas que se mostrem, senaõ depois que servindonos de porto hũ fim alegre, & huma morte feliz, sayamos da nao destes corpos na praya da eternidade, donde, vendonos já na patria, gloriosamente possamos triunfar da guerra desta miseravel vida, como estrada chea de asperezas, como mar cheyo de tempestades, & como guerra chea de conflitos? Por isso dizia Job, que com a esperança de sua resurreyçaõ se hia esforçando cada dia na guerra de sua vida; como quem sabia, que em huma vida, que he continua guerra, naõ póde haver descanso. Oh mortaes, se tivereis por guerra a vossa vida, se pe-

Job. 14. 1.

se pelejareis com ella valerosamente, quem duvída, que com a esperança de resuscitar adonde só se triunfa, vos foreis esforçando a merecer donde sempre se contende? Mas naõ vos lembra, que a vossa vida he guerra, nem a quereis fazer aos vicios, com que os justos pelejaõ; quereis viver com os inimigos de portas a dentro, sem advertires na conhecida perdiçaõ; & daqui procede, que como a vida he guerra, naõ tendo guerra, naõ tendes vida, necessario he o poder de Deos para resuscitar essas almas, que andaõ em vòs defuntas; porque viveis mortos dentro de vòs mesmos todo o tempo que viveis em peccado vencidos, & prisioneyros de vossos inimigos, a quem voluntariamente vos rendestes.

Eu abrirey os vossos tumulos, & vos tirarey dos vossos sepulcros: dizia Deos por Ezechiel ao seu povo: porèm se estas palavras, como consta do Texto, se mandavaõ dizer aos homens, que naquelle tempo viviaõ, & se nos sepulcros só estaõ mortos; que sepulcros eraõ estes, de que Deos havia de tirar os filhos de Israel? Oh mortaes, os corpos dos peccadores, diz Saõ Joaõ Chrysostomo, se chamaõ sepulcros de mortos, porque morta està a alma no corpo do peccador: se pois as almas daquelles homens ingratos andavaõ mortas, & enterradas em seos mesmos corpos, quem, senaõ o mesmo Deos, havia de abrirlhes os sepulcros fechados pela obstinaçaõ? Quem, senaõ o braço de Deos, & a sua omnipotencia, os havia de tirar delles para os resuscitar na graça? Depois de acabarse a guerra da vida pela morte da culpa, só Deos vos póde resuscitar de vossas maldades, só o poder de Deos vos póde tirar do cativeyro do demonio, & só o braço divino tem poder de vos livrar dos sepulcros da morte. Andais sepultados, ó peccadores, dentro de vòs mesmos, porque mortas andaõ vossas almas em vossos corpos em quanto viveis em peccado. Saõ vossos corpos carcere da morte, & masmorras de Satanàs, donde tem prezas as almas, que estaõ em culpa mortal, atè que no vosso ultimo dia as mude Deos do carcere para os infernos, donde na eterna morte, & nos eternos castigos paguem para todo sempre o naõ quererem por breve tempo ter guerra com os inimigos de Deos. Mandavos Deos pelejar em quanto viveis, com vossos, & seus inimigos, para que ganhando na batalha a vitoria, merecendo no conflito o triunfo, & alcançando no trabalho a coroa, vades por toda a eternidade para o celeste Reyno, para os eternos thronos, para as glorias sem fim. Desenganayvos

Ezech. 37.12.

Chrys. tom. 2. in 2. Expos. in Mat. hom. 45. in initio.

vos mortaes, que ninguem ha de ser coroado no Ceo, sem pelejar legitimamente na terra, como affirma o Apostolo Saõ Paulo. Quem peleja legitimamente, peleja hora com força, hora com industria: com a força, q̃ se faz a si para vencer o amor proprio, & os proprios apetites que encontra a ley de Deos; com a industria, com que se ha de livrar a si das forças alheas: & assim como nas guerras do mundo mais faz o valor, que o numero; & a ordem, & industria, que o perder; ha de ter valor a virtude, sendo hũa só, para vencer tres inimigos; & ha de ter ordem, & industria a vida, para que com ella sopee, ou ao menos resista a todo o poder contrario. Tem-se este valor, quando desconfiando de nós, & fiandonos só de Deos, com Fé viva, ou confiança certa, nos atrevemos a vencer tudo em seu nome, com o seu auxilio; & assim só com as armas da nossa vontade podemos em nome do Senhor vencer todos nossos inimigos, naõ querendo ja mais consentir em peccado algum. Temse aquella ordem, quando castigando as desordens da carne, os desmanchos do mundo, & os desabrimentos do demonio, à carne se poem freyo, ao mundo se poem termo, ao demonio se poẽ medo; medo, para que nos naõ chegue; termo, para que se aparte de nos; freyo, para que a sugeytemos a ella: serve de freyo a penitencia, & solidaõ para domar a carne: serve de termo o retiro para nos dividir do mundo: serve o amor de Deos de medo, para que nos fuja o demonio: quem assim foge, vence; quem assim se affasta, vive; quem assim se doma, reyna: vence seus inimigos, vive em graça, & reyna com Deos. Para isto he necessario, que o homem se afflija de maneyra, se mortifique de modo, & se trate de tal sorte, dandose perpetua batalha na guerra de toda a vida, que pareça, que nenhum outro inimigo tem taõ grande odio, como a si mesmo, com tal temperança, que mortifique, & naõ mate; que amanse, & naõ consuma; que modere, & naõ destrua a carne, sem a qual naõ poderá continuar a peleja: & nisto consiste o ter vida, porque nisto consiste o ter guerra; & isto aconselha o Senhor, quando disse, que perderia a vida eterna, quem naõ tivesse odio à vida temporal, & mundana: vencerse a si mesmo o homem aborrecendo-se, he a mayor victoria; porque o amarse muyto he a mayor repugnancia, que tem para conseguilla: por isso, quem quizer ter vida, negue-se a si mesmo, destruindo a vontade propria por fazer a de Deos; tome a sua Cruz, crucificando os

2. ad Timot. 2. 5.

Joan. 12. 25.

Matth. 16. 24.

gostos da vida, que encontraõ o gosto de Deos; & siga a Christo perseverando na mortificaçaõ.

Pouco he o tempo da contenda, porque com a morte se acaba; o gosto de peccar breve, porque em hum momento desapparece; a pena eterna do peccado, porque nunca ha de ter fim; a gloria infinita dos que legitimamente pelejarem, porque naõ ha de acabarse. Muytos saõ os chamados para as eternas coroas, porque a todos quer Deos salvar; & os escolhidos poucos, porque poucos saõ os que querem pelejar contra seus inimigos atè a morte. Muytos saõ os que correm no estadio desta vida; mas poucos os que levaõ o premio, porque saõ poucos os que querem cortar pelo mundo, & pelo demonio, quanto mais por si, com aquella espada com que o Senhor veyo ao mundo, naõ a meter paz, mas a fazer guerra, & a dividirnos de seus, & nossos inimigos, & mais que tudo, de nòs proprios, de nossos pays, de nossas mãys, & de tudo aquillo, que nos impede o perfeyto amor de Deos.

1. ad Cor. 9. 24.

Matth. 10. 35.

Naõ acabaõ de crer os homẽs, que he guerra a vida, & que em naõ havendo guerra, tudo he morte d'alma: naõ se podem persuadir, que o mundo lhe faz guerra com suas vaidades, a carne com seus deleytes, & o demonio com seus enganos: naõ ha quem lhes faça crer, que as vaidades do mundo saõ huma mentira dourada, os deleytes da carne hum veneno doce, os enganos do demonio huma quimera bem quista: & como esta cegueyra dos homens se poem da parte de seus contrarios, sem batalha se rendem ao demonio, & sem repugnancia se lhes entregaõ; & por isso sem remedio morrem, & para sempre acabaõ.

Oh mortaes, o mayor perigo da guerra he naõ conhecer os inimigos, naõ considerarlhes as forças, naõ sospeytarlhes as industrias, naõ reconhecerlhes as armas, nem saberlhes os caminhos per que nos busca, & acomete; porque disto nasce, que achando em vòs sitio para tudo, entraõ por donde lhes parece, & sahemse quando querem: vede, vede peccadores, que as armas com que pelejaõ, saõ lisonjas, com que obrigaõ, caricias, com que affagaõ, ternezas, com que animaõ, & quanto saõ mais brandas as ballas, com que vos tiraõ, mais surdas as violencias, com que vos investem, mais suaves as armas, com que vos conquistaõ, & mais leves as prizoens, com que vos ataõ, tanto he mais froxa a resistencia, que se lhes finge, & tanto mayor o dano, com que vos rendem: saõ inimigos mortaes, & tem o parecer de amigos: vem

a fazer-

a fazervos guerra, & parece, que vem de paz: querem tirarvos a vida d'alma, & fallaõvos à vontade do corpo: naõ cabem comsigo, & vemse a meter comvosco: & como pelo semblante, nem todos os conhecem, abraçaõlhes a violencia, como se fora caricia, agasalhaõlhes o odio, como se fora amor, & estimaõlhes a treiçaõ, como se fora amizade. Oh mortaes: do mal, que nos apparece com o seu rosto; do inimigo, que vem em som de guerra, naõ ha muyto, que recear, nem se ha mister estar de aviso para nos pormos em defensa; elles mesmos nos dizem, que nos defendamos, quando nos acometem a rosto descuberto. Da espada nua, que nos tira aos olhos, cada qual naturalmente acode ao reparo: da serpente, que se nos poem diante para tragarnos, o mesmo perigo nos persuade a defendermos, ou ao menos a fugirlhe; mas do mal, que nos parece bem, do dano, que vem em trajos de gosto, da peçonha, que se vende por triaga, do demonio, que nos parece Serafim, quem se saberá defender, senaõ estiver àlerta com cautelas de sobremaõ, com avisos de maõ posta, com desenganos de sobrecellente, & com resoluçoens superabundantes? Tal he o mundo como isto; toquemoslhe a retirar: tal he, & peyor que isto a carne; toquemoslhe a degollar: tal he tambem o demonio; toquemoslhe a recolher. General tendes em Christo, exercito na Igreja, & estendarte na Cruz: & pois a vida he guerra, o mundo campanha, o demonio inimigo, & a carne contraria; importa comer pobre, dormir duro, vestir aspero, viver morto, fallar simplez, cuidar pouco, & amar muyto: pelejay como bons soldados: imitay vosso General; naõ fujais do exercito, nem deyxeis a Cruz: tereis guerra na vida, mas na morte vitoria: tereis no tempo o trabalho, mas na eternidade o triunfo: naõ fareis na terra o vosso gosto, mas vivereis na gloria à vossa vontade; porque de outra maneyra seria a vida do homem paz, & naõ peleja sobre a terra, como diz Job: *Militia est vita hominis super terram.*

TOQUE X.

Homo quidam descendebat ab Jerusalem in Jericho, & incidit in latrones, qui etiam despoliaverunt eum: & plagis impositis abierunt, semivivo relicto. Luc. 10, 30.

CLAMOR X.

O Rio, que começou a descer para o mar, naõ sossega

ga atè cahir nelle: o meſmo rayo q̃ naõ tem por natureza deſcer, ſe chegou a declinar, não pára, atè naõ cahir: deſatou-ſe a pedra do monte, & logo veyo a parar não menos, que aos pès da eſtatua, que eſtava no valle: ſaõ conſequencias infalliveis as quedas, donde ſaõ antecedentes as declinaçoens. Iſto, que ſuccede na natureza, ſuccede tambem na graça; o meſmo he começar a deſcer da graça, que cahir della. Começou o homem a deſcer da graça, & cahio logo na culpa, apartando-ſe do Ceo, de quẽ he figura Jeruſalem, & buſcando o mundo, ſignificado em Jericò, como explica Santo Agoſtinho: deſceo pelo peccado, com que ſe affaſtou do Ceo; porque tudo o que he peccar, he deſcer; & como todo o deſcer peccando he perigar cahindo, logo que começou a deſcer, cahio nas mãos dos demonios, ſignificados nos ladroens, conforme o meſmo Santo Agoſtinho; & cahindo nellas, como havia de ficar, ſenaõ roubado dos bens da graça, & mortalmente ferido nos bens da natureza? Ficou o homem mortalmente ferido na natureza, porque perdida pelo peccado a juſtiça original, que conſerva ſans, & inteyras as forças d'alma, aquellas meſmas potencias, que natural, & livremente ordenavaõ para a virtude as ſuas operações, ficáraõ quaſi

Auguſt. tom. 7. lib. 3. contra Pelag. Hyp. ante med.

deſtruidas de toda a virtude; & eſtas deſtruiçoens ſe chamaõ chagas, pois tendo o homem antes de peccar com grande perfeyçaõ aquellas quatro potencias, que ſaõ ſugeytos das virtudes, iſto he, no entendimento a prudencia, na vontade a juſtiça, na iraſcivel a fortaleza, na concupiſcivel a temperança, a hum ſó golpe da culpa ſe confundio toda a conſonancia deſta racional armonía; de que naſceo perverter a razaõ a ordem para a verdade, & ficar ferida da ignorancia; deſencaminhar a vontade a direcçaõ para o ſummo bem, & ficar chagada da malicia; deſcompor a iraſcivel o reſpeyto para o difficultoſo, & ficar cortada da fragilidade; & finalmente deſvirar a concupiſcivel a intençaõ do moderado, & ficar atraveſſada do ſeu meſmo apetite.

Mas naõ parando os males do homem ſó na natureza, tiráraõlhe a vida d'alma: ficou o homem em quanto à graça totalmente morto; porque como o amor de Deos he o calor natural de que as almas vivem, perdeo o homem a vida d'alma, perdendo o calor natural da graça, & do amor de Deos: & diſto ſe ſeguio que naõ ſómente a alma ficou feyta cadaver do ſeu meſmo eſpirito, o corpo naõ ſómente ſepulcro da miſeravel alma, mas ainda o peccador, carcere

de ſi

Luc. 11. 26.

de ſi proprio, inferno de ſi meſmo, & habitaçaõ dos demenios: ſelo o peccado inferno de ſi meſmo, porque no peccador eſtá o fogo da avareza, o fedor da laſcivia, as trevas da ignorancia, o bicho da conciencia, a ſede da concupiſcencia, finalmente eſtaõ tantos demonios, quantos ſaõ ſeus peccados: neſte inferno eſtá ardendo em vida, atè que chegue o outro pelo caminho da morte, ſenaõ fizer de ſuas culpas baſtante penitencia.

Eis-aqui os males, que fez hum ſó peccado no primeyro homem, & em todos os do mundo por participaçaõ da meſma natureza inficionada da culpa: começou a deſcer, & logo cahio, & de cahir, que ſe havia de ſeguir, ſenaõ ficar meyo morto? morto na melhor parte, que he a alma; & mal vivo no peyor, que he eſta terra vivente. Se pois o Sol da racional natureza ſe eſcureceo tanto com hũ ſó eclipſe; que faraõ tantos eclipſes, & tantos defeytos do reſplandor celeſte nas Eſtrellas já eſcuras do firmamento humano? Que faraõ as ſombras de Jericó, Lua ſempre minguante, cujas luzes anoytecidas ſaõ reſplandor defunto de humas trevas viventes? Oh mortaes, que poucos ha no mundo, que conſiderem bem, que couſa he hum peccado mortal! Muytos o ſabem, muytos o comprehendem, muytos o abominaõ; mas ah que ſaõ rariſſimos os que cuidaõ, que couſa he, que mal nos faz, a quem ſe oppoem, & que caſtigo tem! Tenho para mim, que parecèra impoſſivel commetter hum peccado (mediante a graça de Deos) quem trouxera ſempre no ſentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, & o volto aborrecivel de hum peccado mortal: porque couſa taõ péſſima, que nos faz cahir em odio de Deos, & ſobre iſto deſprezallo, ou em ſi, ou no ſeu preceyto; mal taõ grande, que nos aparta de Deos por diſtancia infinita, naõ de lugar, que em todos eſtá Deos, mas de ſemelhança com elle; culpa taõ grave, que he punida com fogo eterno; dano taõ terrivel, que ha de carecer da viſta de Deos por toda a eternidade; pena taõ cruel, que nos ha de atar para ſempre no carcere dos abiſmos, & nas cadeas do demonio; que temor, que aſſombro, que medo, & que aborrecimento naõ faria a hum bruto ſe tivera razaõ, a hum marmore ſe tivera eſpirito, a hum bronze ſe tivera entendimento? Baſtava cuidar, que havia Deos, para naõ peccarmos; baſtava ſaber, que o peccado he taõ grande mal, para nos parecer impoſſivel o offender a Deos.

Oh mortaes: ó peccadores: quem pecca mortalmente, dá

contra si a primeyra sentença de condenaçaõ, & por ella voluntariamente se faz inimigo de Deos, desprezador da sua misericordia, & reo da sua justiça: o apartar de Deos para a culpa, deyxar o caminho do Ceo pelo do inferno,& em fim peccar contra Deos, ou he naõ conhecer o peccado, ou cuidar, que naõ ha Deos. Do peccador, dizia David, que no seu coraçaõ dizia: Ahi naõ ha Deos, bem podemos peccar à nossa vontade: mas a este peccador chama David nescio; porque todo o que pecca nescio he, pois se naõ sabe, que ha Deos, ou vive, como se o naõ soubera: naõ sabem os peccadores quam grande mal he peccar; saõ nescios, & por isso naõ sabem isto, nem sabem cuidar nisso.

Psalm. 12.1.

Quem houvera que peccára, & se peccára, quem naõ se arrependèra logo, se cuidára por quam pouca cousa se poem em odio com Deos, perde o Ceo, & se mete no inferno? Tal-vez por hum gosto de brutos, que começa deslumbramento, continúa cegueyra, cresce precipicio, pára semsaboría, & acaba condenaçaõ: por hum ponto de honra, que he ar, por huma ambiçaõ, que he bayxeza, por hum primor, que he perdiçaõ, por huma payxaõ, que he desatino, & por tudo o mais, que he vaidade: & isto com tanta facilidade, tanto sem escrupulo, & sem pejo da consciencia, ou da vergonha, & com tanto gosto por qualquer ninharia, nos lugares sagrados, & nos profanos, como se offenderamos algum Deos de pao, que naõ fora mais que hum cepo digno de zombaria, & naõ de veneraçaõ, temor, & amor; peccando com tanta vangloria da sua injuria, como se lhe tiveramos hum odio muyto capital, & como se nos importára muyto gastar na sua afronta, & no serviço do demonio aquelle tempo, que ainda assim nos está dando para a penitencia, & para a salvaçaõ.

Quem pois se atrevèra a peccar, se considerára, que este a cada instante offendido, he hum Senhor de tal Magestade, de taõ infinito poder, de taõ grande sabedoria, de tam immensa fermosura, de taõ summa bondade, justiça, & misericordia, que he o respeytado dos justos, o louvado dos Santos, o querido dos Anjos, o adorado dos Serafins, o servido dos Ceos, o temido do inferno, o Rey dos Reys, o Senhor dos Senhores; & per si mesmo taõ amavel, taõ bom, taõ manso, & taõ amigo, que nos criou de nada, nos sustenta de tudo, nos conserva por amor, & nos serve de graça; redemindonos antes que fossemos, amandonos sem merecerlho, sofrendonos sem avernos mister, & esperandonos sem pedirlho?

Quem

Quem naõ tremeria de Deos, se lhe toára dentro nalma a cada instante aquella trombeta, que póde ouvirse a cada momento? Quem se naõ meteria por dentro, se trouxera sempre no sentido o semblante da morte, considerando cada hora, que a póde ver cada instante? Quem naõ vivera como defunto, se descèra com a imaginação às escuras sombras do inferno, & se detivera nellas considerando aquella eterna escuridaõ, aquellas chamas medonhas, aquelle horror sem fim, & aquellas penas sem cabo? Qué amára os dias do seculo, se medira com algum tremor os longos para sempre da eternidade? Quem se lembràra do mundo, se subira huma hora com os suspiros às eternas glorias da patria celestial? Quem fizera caso da vida, se soubera estender os olhos d'alma por aquelles campos luzentes, que o Sol eterno lustra, que o eterno Abril alegra, que o dia sem fim doura? Se cuidáraõ isto os homens, se esmiuçàraõ isto, se esprayáraõ bem o coraçaõ pelo que Deos he, quem duvida, que com a graça divina, lhe parecerá impossivel poder peccar? Mas, oh miseria nossa! que naõ havendo já nos humanos cousa mais facil, que offender a Deos, só o arrependerse, só o fazer penitencia tem por impossivel! Tudo isto nasce do primeyro descuido, com que começou a cahir, ou da primeyra facilidade, com que se começou a descer do Ceo para o mundo, da graça para a culpa, de Deos para o demonio: por isso quem despreza as cousas pequenas, pouco a pouco vay declinando atè cahir nas grandes: todo o que a parede pende para a ruina, he começalla, o mais, ou he proseguilla, ou padecella: aquelle incendio, que se pudèra apagar de hum golpe quando começou faisca, naõ bastaõ muytos para o extinguir logo que chegou a ser chama: o rio, que a pouca fadiga se pudèra cortar na fonte para naõ chegar a ser ribeyro, por mais que o cortem junto ao mar, naõ o tiraõ já de ser rio: & em fim todo este dano, cujas raizes se pudèraõ arrancar, quando estavaõ à flor da terra, por deyxallas arreygar, & prender no centro, tem difficultoso remedio, & muytas vezes só depois que se lhe abre cova.

Eis-aqui o que saõ nossos descuidos na realidade: começa a memoria por hum divertimento a affastarse de Deos, affasta-se logo o entendimento, affasta-se tambem a vontade, seguem-a os sentidos lisongeados do appetite, & pondo a alma todo o seu cuidado nas cousas vans, & caducas, perde a lembrança das eternas: perdendo-se a lembrança, perde-se o amor de Deos; & viran-

virando-se para o mundo a nossa inclinação, metendo-se nas mãos do apetite a monarquia d'alma, que ha de fazer o entendimento cego, & a vontade fraca, senaõ cahir nos viscos, que lhe enfeytou o engano, saborearse nos venenos, que lhe guizou a culpa, & abraçar sobre isto os laços, com que o prendeo o vicio? E daqui procede, que multiplicando o demonio as prizoens ao peccador, ao mesmo passo, que vay multiplicando os peccados contra Deos, que fica em quanto à alma defunto, & quanto ao corpo, meyo vivo, roubado de todos os bens, & de todas as forças para poder levantarse: *Homo quidam, &c.*

TOQUE XI.

Mendaces filii hominum in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate in id ipsum.
Psal. 61. 10.

CLAMOR XI.

Trata-se de quanto preço fazem os peccadores do amor do mundo, & quam pouco estimaõ as cousas do Ceo.

SAõ balanças os coraçoens dos Fieis, & he o seu pezo o amor: saõ balanças os corações, porque no seu coraçaõ peza cada hum os bens eternos, & temporaes: he o pezo, com que isto se peza, o amor de cada qual; porque quanto he o amor, que cada hum tem aos bens do tempo, ou aos bens da eternidade, tanto he o pezo, que estas cousas tem na estimaçaõ dos humanos para a sua inclinaçaõ. Que seja o coraçaõ do homem balança, o Cardeal Hugo o diz: que seja pezo o amor, Santo Agostinho o declara: & assim como a balança se inclina mais para onde o pezo he mayor; assim o coraçaõ para donde tem mais amor, para ahi mais se inclina: naõ ha balança sem pezo, ou seja mao, ou bom; naõ ha coraçaõ sem amor, ou seja bom, ou mao: ou seja à Deos, ou seja ao mundo, ha de amar quem tem coraçaõ. Se naõ tem igualdade o pezo com aquillo que se peza, temse por falso o pezo; se naõ tem igualdade o amor com aquillo, que se ama, na proporçaõ, que póde ser, temse o amor por falso: se a balança não he igual, justa, & verdadeyra; se naõ tem pezo, conta, & medida, que dè o seu a seu dono, he, como diz Salamaõ, abominação de Deos: assim tambem o coração do homem he de Deos abominado, & aborrecido, quando sem ter a equidade, que ordena a ley divina, naõ peza como he razaõ as cousas da consciencia; naõ faz conta como deve

Hug. C. in Prov. 11. 1. mist.

August. tom. 1. lib. 1. Conf. cap. 19. ante fin.

Prov. 11. 1.

ve, ao seu legislador; naõ mede, como he justo, o temporal, & eterno: antes, sem fazer caso do pezo da consciencia, anda sem pezar a maldade, fazendo conta do apetite, estima o seu deleyte, & vivendo à medida da sua vontade, se recrea no apetite: & isto abomina Deos summamente; porque sobre serem estas balanças taõ aleyvosas, que inclinaõ mais ao rico, que ao pobre; ao grande, que ao pequeno; ao amigo, que ao estranho; a si mesmo, que ao proximo: sobre julgarem, que saõ mais leves os peccados proprios, que os peccados alheyos; sobre terem para si, que as virtudes alheas saõ mais leves, que as virtudes proprias; chegaõ a commetter estas culpas sob especie de justiça, mostrando, que pezaõ tudo no seu juizo com notavel equidade; ficando-se muy leves no caso com a vangloria, que tem, como se lhes naõ pezàra hũa palha a sua consciencia. Por isto dizia David, que os homens carnaes, & terrenos saõ mentirosos nas suas balanças; pois por huma pouca de vaidade se andavaõ enganando huns aos outros, & ainda a si mesmos.

Psalm. sup.

Naõ saõ fieis a si mesmos os filhos dos homens peccadores, pois andando em balanças toda a sua vida, naõ sòmente naõ pezaõ ouro fio os bens eternos com os caducos, a verdade, & a mentira, o nada, & o que tem ser; mas ainda postos de hũa parte os deleytes momentaneos da vida profana, & da outra as glorias perduraveis da eterna vida, estas pezaõ menos, ainda que valhaõ mais; & os outros se estimaõ muyto, ainda que valhaõ nada. Se tambem de huma parte manda Deos pezar as temporaes tribulaçoens, & da outra as escuras eternidades das infernaes angustias, & diz a cada qual, que escolha; todos lançaõ maõ dellas, & das outras naõ fazem caso. Taõ esperdiçados andaõ os homens pela sua perdiçaõ, que se achaõ sempre mais dispostos, & aparelhados para perder o amor de Deos, que o amor do mundo: taõ namorados vivem deste apparente feytiço que os endoudece, que naõ se lhes dá nada dos tormentos futuros, se a troco disto os deyxaõ engodar nos enganos presentes: as cousas, que lhes vende a terra; ou para melhor dizer, as cousas com que os compra, & vende, saõ caras pelo que se estimaõ, excellentes pelo que parecem; custaõ-lhes a vida, & alma; & ainda assim suspeyta a vaidade, que nunca se vio tal barato, & que lhes fica devendo muyto dinheyro: as cousas do Ceo, ainda que se dem de graça, naõ ha quem as queyra, porque naõ ha quem as peze, nem quem as avalie. Trocou-se em fim o amor de Deos

em amor da culpa; troca-se o amor do Ceo em amor da terra; fizeraõ-se almas de terra, & coraçoens de marmore, aquelles, que ainda sendo corpos, deviaõ parecer espiritos, ou ao menos corpos celestes; de que nasceo inclinaremse os Fieis tanto para a terra, que declinando da igualdade, com que os poz no mundo a justiça original, deraõ em terra com as balanças dos coraçoens carregados com o pezo grave do falso amor do mundo. Isto dizia Deos por David, quando dizia em espirito aos peccadores: Homens de coraçaõ carregado: porque buscais a mentira? Tal he a sem-razaõ do amor do mundo, & tanto sem porque, nem para que, que naõ tem razaõ, nem porque, se a quizermos pezar bem.

Psalm. 4. 3.

Mas se huma vaidade, & hũa mentira parecem cousas de pouco pezo, & às vezes saõ taõ leves, que se levantaõ pelos ares; porque estranha Deos tanto huma vaidade, & huma mentira dos homens, que lhes chama homens de coraçaõ pezado? O Cardeal Hugo diz, que esta vaidade eraõ os idolos dos homens; & esta mentira os bẽs temporaes: saõ idolos dos homens todos os seus gostos, & todas as suas vaidades, porque as amaõ como a seus idolos: saõ mentira todos os bens temporaes, porque os enganaõ parecendolhes bem, & fazendolhes mal: se pois os coraçoens dos homens saõ balanças, & se estas balanças estavaõ cheas de idolos, & de seu falso amor, como naõ havia de ser grave o pezo, que as inclinasse à terra? Como estariaõ leves huns coraçoens cheyos de tantos idolos, quantos saõ seus gostos, suas affeyçoens, & seus amores, por mais que todos sejaõ mentira, & huma vaidade pura? E como naõ se queyxaria Deos de ver, que pezava na estimaçaõ dos homens muyto mais o contrapezo da mentira, que o pezo da verdade? a culpa, mais que a graça? o caduco, mais que o eterno? Em fim pezàraõ os idolos mais que Deos, & a terra mais que o Ceo; pois se affastàraõ os homens tanto de Deos, & tanto do Ceo, quanto vay dos homens a Deos, & do Ceo à terra.

Psalm. proxim. Hug. C. ibi.

Poemse nos nossos coraçoens, ou o amor do mundo, ou amor de Deos: se péza mais o amor de Deos, inclinanos para o Ceo; se péza mais o amor do mundo, arrastanos para a terra: & a razaõ disto he; porque o pezo do amor de Deos he muy leve, como diz o mesmo Senhor; o pezo do amor do mundo he muy carregado, como affirma Isaias, & o certifica a experiencia; nasce isto das qualidades, de que se veste hum, & outro amor, para que naturalmente busque o seu

Matth. 11. 30.

Isai. 46. 1.

ſeu centro; porque ſe naõ eſtaõ impedidas, ou violentadas, todas as couſas buſcaõ ſeu centro naturalmente; o leve ſóbe para cima, porque a levidaõ o levanta; o pezado deſce para bayxo, porque o pezo o puxa: por iſſo a pedra deytada ao ar, naturalmente cahe tanto que ſe vè livre da força, que a obriga a ſubir, porque ſendo pezada, vem aquietar na terra, que he o ſeu centro: por iſſo o vapor, a exhalaçaõ, & o fogo naturalmente ſóbe em ſe vendo livre, porque tem o centro ſublime. Vay o amor do mundo para bayxo, naõ ſó porque he bayxo o ſeu termo, & grave o ſeu pezo; mas porque he o inferno o ſeu centro. Vay o amor do Ceo para cima, porque tem o pezo leve, o centro ſublime, & o ponto alto. Se amais a terra, dizia Santo Agoſtinho, terra ſois; ſe amais a Deos, que direy de vòs? direy, que ſois Deoſes: tal he a transformaçaõ de quem ama, naquillo que ama, que o meſmo he começar a amar, que começar a ſer o meſmo a que ſe tem o amor, & a naõ ſer o meſmo que era dantes. Por iſſo a Eſpoſa dos Cantares pedia a ſeu Eſpoſo, que a puzeſſe como ſello ſobre o coraçaõ; porque aſſim como donde o ſello ſe poem, fica ſó a fórma do ſello: aſſim ella com elle ficaria da meſma fórma, & ſeria huma couſa meſma, ſe o amor no ſeu coraçaõ chegaſſe a pôr o ſello: ſaõ os coraçoens como cera; facilmente ſe lhes imprimem as condiçoens daquillo, que amaõ. Se pois os peccadores amaõ a terra, que he taõ pezada, como naõ ſeraõ terrenos, & pezados os coraçoens dos peccadores? Se Deos he eſpirito, & os eſpiritos naõ tem mais pezo, que a ſua inclinaçaõ, como naõ eſtaraõ leves aquelles corações, cujo amor todo he eſpirito? Serafim, quer dizer, incendio de amor; & huma vez, que Iſaías vio, que couſa era amor a Deos, logo vio Serafins, & ſe lhes naõ vio as chamas, em que ſe ſentem arder, nem o eſpirito, com que ſe coſtumaõ unir, violhe ao menos as azas, com que moſtraõ voar.

Auguſt. tom. 9. tr. 2. in Epiſt. Joan. in fine.

Cant. 8. 6.

Iſai. 6. 2.

Pintou o mundo o ſeu amor, & logo moſtrou que aquelle ſeu arco, & aljava, de que tanto ſe preza, eraõ para os ſeus fracos hombros pezo tam carregado, que o naõ podiaõ levantar da terra as ſuas meſmas azas, menos vezes tremoladas para voar, que para cahir: eraõ penas, & pareciaõ azas; era aljava, & parecia feyxe; era arco, & ſervialhe de Cruz; eraõ frechas, & ſerviaõlhe de ferros; pezavão hũas como chumbo, outras, ainda que eraõ de ouro, tambem pezavaõ; porque o ſerem fermoſas a matar, naõ lhes tirava o ſentiremſe a morrer. Oh que

N pezapeza-

pezado! oh que carregado amor he o amor do mundo! pintou-o a gentilidade, & ainda que em huma escassa vista de olhos quiz deyxar a perder de vista todas as gentilezas, naõ pode encubrir, que era cego, porque as suas mesmas vendas o descubriraõ; por mais que avultou armado, naõ lhe pode esconder o nù, & menos a pequenhez; por mais que o fingio amoroso, naõ lhe dissimulou o cruel; posto que lhe esmerou a ternura na feyçaõ da idade, naõ lhe acreditou o juizo nos geytos da meninice. O' mortaes, como vos guiais por hum cego? que esperais de hum pobre que anda nù? como credes huma ignorancia, que naõ tem uso de razaõ? como vos fiais de hum inimigo, cujos amores, & caricias saõ settas hervadas, punhais buidos, & traiçoens descubertas? donde vos guia, mais que à perdiçaõ? como vos trata, senaõ mal? que vos dá, senaõ mortes? que tendes, quando o tendes comvosco, mais que offensas de Deos, afflicçoens na memoria, brigas no entendimento, ancias na vontade, & guerra nos sentidos? que vos deyxa, quando vos passa de parte a parte, mais que queymaçoens de sangue, vergonha no rosto, & magoas na coração? E que ainda assim se mortaõ os humanos por esta vaidade cega? por esta mentira gostosa? por este veneno dourado? por este engano bemquisto? oh lastima esperdiçada na cegueyra dos peccadores! Pézalhe, mas naõ lhe peza da carga, com que a consciencia se opprime; cahem, mas naõ cahem na razaõ, em que só dá o desengano.

Almas Christãs, pezay isto, & pezay aquillo com o entendimento, que de o naõ pezardes bem nasce todo o mal: he mentirosa a balança de vossos coraçoens; enganaisvos a vòs mesmos cõ o vosso amor proprio, com a vossa vaidade, & com a vossa mentira; porque mentira he todo quanto o tempo vos dá; he vaidade, he nada quanto no mundo amais; & he pezada offensa de Deos todo esse amor, que lhe não tendes: & disto se queyxa Deos pelos seus Profetas, ver que em cima de offendello, andais vãos de haver peccado; ver que andais desvanecidos da culpa, andando tam vasios do amor de Deos. Mas que naõ ha de acontecer aos humanos, se a troco da vaidade, com que se vem levantar, daõ alviçaras a quem lhes diz que se haõ de perder, & de todo arruinar?

Deu Balthasar a Daniel purpuras, & colares logo, que naquelle seu esplendido banquete lhe annunciou a morte, & a perda da sua Monarquia: que fundamento pois teria ElRey Balthasar para acçaõ tam notavel?

Dan. 5. 29. & per tot.

vel à tantas honras, tantas dadivas por huma má nova? Se em ninguem, como nos Principes, faz tanta impressaõ qualquer suspeyta da sua ruina; se ninguem, como elles, se offende tanto da liberdade, com que lhe fallaõ claro, como agora compra os seus sustos a tanto pezo de ouro; & como paga com taes honras ao Embayxador da sua morte, & da sua ruina, & perdiçaõ? A razaõ he; que interpretando Daniel a visaõ que teve Balthasar, disselhe, que estava posto em hũa balança, & que já pezava menos: quando se peza alguma cousa, a balança, que tem mais pezo abate-se à terra, a que peza menos levanta-se ao ar; se pois Balthasar, que pezava menos, se via levantar mais, que muyto he, sendo taõ vaõ, & soberbo, que désse grossas alviçaras pela nova de se ver sublimado, ainda que lhe custasse a vida, o estado, & o imperio, se he tal a vaidade dos homens, que a troco de levantarse mais na sua vaidade daráõ alviçaras pelas novas da sua ruina, & da sua perdiçaõ? Naõ sentem ver o pouco, que pezaõ, se vem que se levantaõ mais; naõ lhes peza do que podem abater de estado, se podem subir de ponto; nem se lhes dá de perderse por hum momento de honra.

Dan. sup. 27.

Parecevos, que huma vaidade he muito leve? naõ vos enganeis, porque he cousa muy pezada huma vaidade diante da divina justiça; pois peza mais no juizo de Deos hũa vaidade, hũa cousa vãa do que peza hum mundo inteyro. Mostrou Deos por Daniel, que em huma balança havia pezado o Imperio dos Assyrios, que quasi constava de todo o mundo; & diz o Texto Sagrado, que a balança donde Deos pezou este Imperio pezava menos que a outra: porèm se do Texto naõ consta, que a outra balança que pezava mais, tivesse cousa alguma, como pezou mais, que a balança em que estava hum mundo inteyro? Por isso mesmo. Estava a balança vasia, que he o mesmo, que estar vãa: estava chea de vaidade, que isto he, naõ ter cousa algũa; pois havia de pezar mais que o mundo; mayor havia de ser o seu pezo, mais grave a sua carga, que a da maquina do universo: porque no juizo de Deos, figurado na balança, & nas demonstrações da justiça de Deos, he cousa pezadissima huma cousa chea de vaidade; o mundo inteyro naõ peza tanto, como huma vaidade do mundo. O' mortaes, ò peccadores, em cujos coraçoens, como em balanças, peza tanto a vaidade, & a malicia, como a cousa de mayor preço, & da mayor estimaçaõ; deytay só a dellas balanças esse gravissimo pezo, & essa pezadissima estimaçaõ, que

Dan. supr.

leva tanto abayxo vossos coraçoens, & affectos, que atè o inferno vos arrasta comsigo; adverti no engano, que a vòs mesmos fazeis na falsidade de vossos pezos, no erro da vossa conta, & na falta de vossa medida; que para isso vos clama o Ceo: *Mendaces filii hominum in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate inidipsũ.*

TOQUE XII.

Usquequò piger dormies? quando consurges è somno tuo? Prov. 6. 9.

CLAMOR XIII.

Mostra-se quam perigosa he a dilaçaõ na emenda da vida.

ATè quando (clama a misericordia divina) has de estar sepultado no lethargo de tuas culpas, ó peccador preguiçoso? Quando ha de chegar a hora de acordares desse mortal sono? Quando se haõ de acabar esses vapores terrenos, estas infernaes fumaças, que taõ profundamente te fazem dormir sobre negocio de tanto porte, como he o da tua salvaçaõ? Atè quando, pergunta Deos ao peccador; como quem quer, que os peccadores assinem termo, & fim à sua maldade, & tratem da sua salvaçaõ, de que dormem tão descuidados; porque de naõ acharlhe termo o mesmo Senhor; de não verlhe cabo, nem fim na duração do tempo, & menos na intençaõ do animo, se deyxa ver que os homens peccaõ, & desejaõ peccar sem termo, sem limite, & sem fim; por cuja causa guizandolhes Deos a pena pelos moldes da culpa, porque ella na intensaõ teve malicia infinita, & folgára de ser eterna, lhe dá eterno castigo, & eterna maldiçaõ.

Para quando pois, ó preguiçoso, guardas o desengano? Dormir na culpa, teymar no erro, conhecendo-o, he peccar ácinte: fazer acintes a Deos, que se póde vingar cada vez que quizer, he discurso de quem dorme, he sinal de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno, he fogo, que naõ se apaga, tormento, que naõ cessa, noyte, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, bicho, que sempre roe, morte, que sempre dura. Se pois Deos pela sua Igreja, pelos seus Evangelhos, pelas vozes do Ceo, pelos tremores da terra, & atè por este papel te está clamando que acordes, que despertes, que te emendes, & que te naõ percas, que fazes, que te dilatas, como naõ tornas em teu acordo? Se hoje ouvires a voz de Deos, dizia David, naõ endureçais mais tempo os vossos coraçoens: Psalm. 94. 8.

coraçoens: se pois Deos te chama hoje, respondelhe hoje, naõ durmas como pedra no poço da culpa; se quer que logo volvas em teu acordo, para quando guardas os logos, & quem te diz miseravel, quem te segura, que chegarás à manhãa? Deyxar para à manhãa, o que he tarde, sendo hoje; prolongar para daqui a pouco, o que póde ser logo; encostar para o logo, o que póde ser já, naõ só he aleijaõ da culpa, mas culpa da mesma vontade: naõ he só geyto da froxidaõ, mas traça da malicia; porque como os nossos logos, saõ da condição dos depois, de hum dia para o outro se lhe passa o tempo nos passatempos do outro dia, atè que passa a ser nunca: & isto de coxear para a satisfaçaõ quem póde livrarse a correr depois de voar para a culpa; tornar atraz com os bons propositos, depois de hir adiante com a mentira, bem poderá ser alguma hora froxidaõ da nossa miseria, & vagar da nossa vontade; mas oh que parece industria do nosso engano, & refinada malicia da nossa culpa.

Dirmeheis peccadores, que a todos vos peza muyto de offender a Deos por ser summamente bom, summamente amavel, & digno de todo o respeyto, & reverencia; porèm que sois miseraveis, fracos por natureza, peccadores por herança, & que naõ ha mais na vossa maõ. Oh mortaes, estais peccando, & dizeis que vos peza muyto, he mẽtira; porque ninguem faz por sua vontade aquillo, de que não gosta: continuais na offensa de Deos, & dizeis, que o sentis muyto; he falsidade: meteisvos por vossa livre vontade nos laços do demonio, & dizeis, que naõ podeis mais; he maldade: recreaisvos na offensa de Deos, & dizeis, que lá virá tempo, em que façais penitencia; he obstinação: dormis a sono solto na cama da culpa, no leyto do vicio, & do mao estado, & não acordais aos brados da divina misericordia; he final de morte, & morte eterna: quando ha de ser aquelle entaõ, para quem appella a vossa emenda? atè quando ha de durar o agora, com que se disculpa a vossa fragilidade? & em que tempo ha de ser esse quando, em que a tardança se funda, & o proposito se confia? Vem o tempo, & vayse o proposito; chega a occasiaõ, & esquece a emenda; batevos Deos à porta, & fecha-se a alma; gritavos a alma, & dorme a vida: pois que esperais, que vos succeda? em que quereis vir a parar, senaõ na perdiçaõ eterna? naõ tereis hora, nem tempo, porque deyxais para a hora da morte o que podereis fazer todo o tempo da vida.

Querer cobrir os naõ queros com a capa dos naõ possos, oh q̃ he vestir as disculpas do mesmo trajo das malicias: & huma malicia taõ satisfeyta de si, & taõ bem vista de vòs, ó peccadores, que chega a fazer gala, do que havia de ser cilicio, será geytosa para andar ao uso daquelles vicios, cujo costume he andar à larga; mas naõ tem geyto de lhe estar bem o habito da penitencia, que he estreyto atè para o desengano: fuja pois o vosso desengano, se o chegares a ter, fuja de vestir das cores da emenda as apparencias do fingimento; porque naõ toma bom caminho, quem se deyta na estrada do vicio para enxovalhar a virtude. Naõ seja nas vossas tençoens tudo propor desenganos, & tudo naõ cumprir promessas; tudo logos de futuro, & nuncas de presente; porque como os logos saõ da natureza dos nuncas, o amanhãa será nunca, & o ainda naõ, he sempre: & não ha cousa, que mais indigne a Deos, nem que elle mais castigue, que hum, ainda naõ, daquelles a quem ama; & hum, à manhãa, daquelles a quem Deos avisa.

Fechou-se o Ceo, & a terra nos tempos do Profeta Aggeo, & foy tal a esterilidade, com que Deos se indignou contra o povo de Israel, que por naõ cahir do Ceo hum orvalho, por naõ haver nos campos hũa folha verde, naõ só os homens, mas as féras pereciaõ à fome. Abrio-se em bocas o mar vermelho nos dias de Moysés, & meteo de hũ sorvo nas entranhas de suas ondas a Faraò, & todo seu exercito, sem ficar hum só homem vivo, que levasse a nova: que cousa pois haveria, para que Deos tratasse o seu povo com taõ grandes sequidoens; & para que castigasse a Faraò, & ao seu exercito com taõ fatal estrago? Naõ amava Deos ao seu povo com grande extremo? Naõ mandava visitar a Faraò todos os dias por Moysés, & Aram? O mortaes: por isso mesmo, porque o amava muyto, & o avisava sempre, foy toda aquella sequidão, & todo aquelle estrago: amava Deos o seu povo, & queria, que lhe edificassem hum templo, em que o venerassem: avisava Deos todos os dias a Faraò por Moysés, & Aram, que deyxasse sahir o povo do cativeyro do Egypto: resistia a Deos o seu povo com a disculpa do, ainda naõ; resistia Faraó a Deos com a promessa do, à manhãa; já era tempo de edificar o templo, & o ainda naõ, hia estirando o tempo: já Faraò podia largar o povo cada dia, & o à manhãa, de dia em dia naõ acabava de chegar: estirando-se a disculpa nas dilaçoens do tempo, o ainda naõ, era sempre; estendendo-

Agg. 1. 10.

Exod. 14. 28.

August. sup. 2. ibi: non dum venit tempus, &c.

Cras. Exod. 8. 10.

dendo-se a promessa na dilaçaõ dos dias, o à manhãa, era nunca: o povo, porque Deos o amava, das confianças que tinha na sua misericordia, fazia licenças para o delito; Faraò, porque Deos o avisava, das largas que lhe dava a divina Justiça, fazia ensanchas para a culpa: pois que havia de succeder ao povo, indignando a misericordia de Deos com os vagares do, ainda naõ? Em que havia de parar Faraò, apurando a paciencia de Deos, & tentando a sua justiça com as dilaçoens do, à manhãa? Justo era, que se fechasse o Ceo, & se secasse a terra para consumir a huns; razaõ era, que se abrisse o mar para sobverter a outros: em sequidoens se havia de tornar quanto de antes era mar; & castigos haviaõ de ser, os que antes tinhão sido avisos; porque não ha cousa, que indigne mais a Deos, nem que elle mais castigue, que hum, ainda naõ, daquelles a quem ama; & hum à manhãa, daquelles a quem o mesmo Senhor avisa.

O' mortaes: ó peccadores: que sequidoens naõ havemos de sentir na indignação do Senhor? Que castigos naõ havemos de padecer na justa ira de Deos? Que Ceos se não haõ de fechar, que terra não ha de secarse, & que mares naõ haõ de abrirse contra nòs, se queremos resistir a Deos com o a inda naõ he tempo de acordar; & se o queremos enganar com o à manhãa, de nos levantar do sono do ruim estado? Tudo he dizer, ainda não, & o ainda não, he sempre: tudo he disculpar com o à manhãa, & o à manhãa, he nunca: tudo he responder deytado na culpa: daqui a pouco me levantarey: esperay mais hum pouco; & este pouco, he já mais de muyto: se Deos vos avisa para logo, que tem que fazer com o logo, o que naõ acaba de ser? Se Deos vos quer já, em que se parece com este, já, o que nunca he? Se Deos vos diz, que já he tempo de reedificar o templo de vossos corpos, que todos saõ templos de Deos, como diz Saõ Paulo, que por vossas culpas estaõ arruinados, para quando o guardais? Quereis por ventura dizer a Deos, que naõ sabe o que diz, pois dizeis, que não he ainda tempo? Se Deos vos avisa, que deyxeis sahir essas almas do cativeyro do Egypto do demonio; que fazeis, que as não deyxais ir para a terra da Promissaõ, que he a celeste Patria? Se pois chega hũa hora, & outra hora, & o ainda naõ, he sempre; se passa hum dia, & outro dia, & o à manhãa, he nunca; que muyto he, que pelejando contra nòs todas as creaturas, nos mostrem a indignaçaõ, & a ira de Deos, fazendosenos o Ceo de bronze, o ar de fogo, a

1. ad Cor. 3. 16.

terra de ferro, & o mar de sangue, a luz de trevas, o dia de sombras, & o Sol de lutos? Naõ deyxeis pois para mais tarde o que nunca póde ser cedo; naõ andeis dilatando de hum dia para outro dia a vossa conversaõ; vede, que subitamente virá a ira de Deos sobre vòs, & que primeyro vos occupará a morte, que o conhecimento della. Vede que hoje já he tempo, pois naõ sabeis se o dia de hoje será o vosso ultimo dia. Naõ vos guardeis para à manhãa, nem para o depois, pois nem o tempo está ao vosso mandado, nem a morte anda à vossa ordem. Hum só dia, que percaõ de monçaõ as naos, que vaõ para a India, naõ sómente se arriscaõ a chegar tarde, mas a perderse: a occasiaõ, que a fortuna dá hum dia para ganhar huma vitoria, se se perde, arrisca-se a batalha. As perdas do tempo saõ irremediaveis; porque ao tempo perdido, ainda que se lhe naõ percaõ as saudades, perdemse as esperanças. Desazamos com os nossos vagares o tempo, que nos dava azas para a ventura; & ficamonos em muletas para buscar o remedio, ou fugir da perdiçaõ. Se pois passada a monção, a viagem se arrisca; se perdida a occasiaõ, a vitoria se perde: como, Christãos, por mais hum dia quereis arriscar a salvação na viagem do Ceo, que he India d'alma? Como por mais huma hora quereis perder a vitoria dos vicios, que he o desengano da vida? Como por mais hum ponto quereis errar o vosso fim ultimo, que he o eterno bem? Se hoje naõ podeis, estando menos impedidos, como podereis à manhãa, estando mais embaraçados? Se hoje naõ rompeis o laço do demonio, que he de hum fio, como o rompereis à manhãa, sendo já huma cadea? Se agora que tendes mais força, vos naõ podeis levantar da cama da culpa, como depois, estando mais debilitados, vos podereis erguer? Crescendo os viscos, crescem os riscos; porque crescem os apegamentos: crescendo os laços, crescem os embaraços; porque os enleyos crescem: crescendo a enfermidade, cresce a debilidade; porque com as forças da doença se debilitaõ as da saude: crescendo a preguiça, cresce a malicia; porque quem se naõ levanta, podendo, por sua vontade se deyxa estar deytado. Que fazeis logo, peccadores adormecidos, que vos naõ desapegais dos viscos, com que o mundo vos prende? que naõ venceis essa fraqueza, com que a carne vos derruba? que naõ rompeis esses laços, com que o demonio vos ata? que naõ acordais desse lethargo, com que a peste da culpa vos mata, com que o costume de peccar vos sepulta?

Os

Os caramelos, que o Sol naõ derrete com a caricia de seus rayos taõ mimosamente benignos, os brutos os pizaõ, a terra os enxovalha, & a lama os corrompe. A lagoa, que se naõ corre de naõ correr ao mar, como os rios, que he o seu centro, no seu descanço torpe, no seu mesmo sossego inutil, & no seu sono profundo, ou apodrece, ou se consome, atè que de todo acaba chea de bichos, & immundicias: finalmente quem dorme, dormelhe a fazenda. Oh mortaes, que como aves enganadas, cahistes nos laços do caçador infernal: que razaõ ha, para que gosteis antes das prizoens do demonio, que da prizaõ da ley, & amor de Deos, que parecendovos dura cadea, he o mayor, & mais suave beneficio? Como vos empedernis como caramelos duros, & frios contra o Sol da divina graça, para seres pizados dos brutos infernaes, & vos corromperes na terra? Porque razaõ, como lagoas adormecidas sem movimento, apodreceis em vossos vicios, sem quererdes correr a Deos, que he nosso centro, como mar, de quem somos rios? E finalmente como dormis a sono solto nos braços do demonio, deyxando perder os bens da graça, que he a melhor fazenda? Despertay jà, & levantayvos dahi; vá fóra essa mortal preguiça; tenha fim esse diabolico sono; tratay de hir a correr, & naõ devagar; logo, & naõ depois; hoje, & naõ à manhãa; já, & naõ daqui a pouco; porque se o naõ fizeres, em castigo de hoje poderes, & naõ quereres, poderá ser que à manhãa queyrais, & naõ possais: & para q̃ naõ possais entaõ allegar disculpas diante da justiça divina, que vos naõ aproveytaráõ, vos faz agora estes avisos, despertadores de vosso mortal sono, a divina misericordia, para que delles vos aproveyteis: *Usquequò piger dormies? quando consurges à somno tuo?*

T O.

TOQUE XIII.

Videns autem Deus quòd multa malitia hominum esset in terra; & cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum omni tempore, pœnituit eum quòd hominem fecisset in terra. Et tactus dolore cordis intrinsecus, Delebo, inquit, hominem, quem creavi. Gen. 6. 5.

CLAMOR XIII.

A causa dos castigos de Deos he a continuaçaõ nos peccados, & falta de penitencia.

VEndo pois Deos (diz a divina Escritura) a grande maldade dos peccadores, & que toda a sua intençaõ, & todos os cuidados do seu coraçaõ se inclinavaõ para o peccado, sem que houvesse esperanças de emenda, & de penitencia; & que corriaõ aos vicios, & à perdiçaõ com mayor sede, que o cervo à fonte, com mayor diligencia, que a fonte ao rio, & com mayor pressa, que o rio ao mar: chegando esta dôr ao coraçaõ de Deos, disse: Eu castigarey, & assolarey asperamente esta perversa gente, a quem criey, & sustentey com taõ grandes beneficios; a quem chamey, a quem redemi com meu proprio Sangue, & com taõ grande amor: converterseha a misericordia em justiça, o amor em odio, a piedade em indignação: pois esquecendo-se do seu Creador os peccadores, da Ley de Deos, & do fim, para que foraõ creados, vivem tam solta, & depravadamente, como se não vieraõ ao mundo para outra cousa, mais que a adorar o vicio, idolatrar o peccado, & servir o demonio nos idolos de seus gostos, enchendo-se de abominaçoens, & delitos, com que me desprezaõ: assim o disse o Senhor naquelles tempos passados; & como he a infinita verdade, assim o fez, como o disse. Mandou sobre o mundo hum diluvio, & tomando as aguas por instrumento daquelle universal castigo, apagou com ellas neste mundo as chamas sensuaes dos incendios peccaminosos, & dos corações mundanos: subíraõ as ondas sobre os mais altos montes quinze covados; & affogando rigorosa, & asperamente todo o genero humano, excepto Noè, & os que encerrou comsigo na arca, ainda aos brutos, & às cousas insensiveis se estendeo o castigo, para que acabassem, & perecessem com os peccadores todas aquellas creaturas, que os haviaõ servido, & acompanhado na offensa de seu Creador. Naõ castigou a Noè, porque

ſendo juſto, havia obedecido a Deos, & obſervado ſua Ley, vivendo ſempre naquelle ſanto temor de Deos, com que a Deos ſe agrada, o demonio ſe confunde, o Ceo ſe ganha, & as almas ſe naõ perdem. Affogou finalmente a terra com o diluvio: caſtigou ao depois Jeruſalem, & a ſeu povo por mãos dos Aſſyrios, & aſſolou pelos Romanos: ſobverteo as Cidades infames com ſeus termos, & comarcas: ferio a terra do Egypto com horrendas pragas; & ſepultou no mar vermelho a Faraò, & a todo ſeu exercito: fez que tragaſſe a terra em vida a Datan, & Abiron: & deſtruío finalmente muytas gentes, & Naçoens, Reynos, & Provincias, Cidades, & Monarquias, porque perdendo o temor de Deos, & deſprezando a penitencia, naõ quizeraõ obedecerlhe; porque o fogo do amor divino naõ ſe lhes atecu pelas almas; porque as armas do deſengano naõ quizeraõ aſſolar a culpa; porque os imperios da emenda naõ quizeraõ mudar a vida.

4. Reg. 25. per tot. Luc. 19. 41. &c. Dan. 9. 26. Gen. 19. 24. Exod. 7. 20. &c. Pſalm. 105. 17.

Todos eſtes foraõ punidos, deſtruidos, & aſſolados naõ ſó com o temporal eſtrago, mas com as eternas ruinas; & naõ foy Ninive ſobvertida, quando Deos a ameaçou pelo Profeta Jonas; porque em tres dias de penitencia ſobverteo a emenda da vida os vicios, & peccados paſſados, que provocavaõ a ira, & indignação divina; embainhou a miſericordia a eſpada da juſtiça, que já deſcia com o golpe para deſtroçar os perverſos filhos da terra. De tal ſorte ata as mãos ao meſmo Deos hum peccador arrependido, que em tomando pela ſua mão huma diſciplina, tira das mãos de Deos o açoute; em cortando pelos ſeus peccados, parece, que tira a eſpada das mãos a Deos; em ſe irando contra ſi, deſaſſombra, & desfaz a ira de Deos; em ſe veſtindo de cilicio, deſpe ao meſmo Deos as armas; em ſe mortificando com o jejum, & affligindo com a dor de ſeus peccados, alegra os olhos de Deos, & de todos os Bemaventurados do Ceo: & finalmente em clamando o peccador a Deos de todo ſeu coração com eſpirito humilhado, coração contrito, & oraçaõ fervente, faz com que Deos (a noſſo modo de fallar) ſe eſqueça das offenſas, que ſe lhe haviaõ feyto, por mayores que foſſem, & ſe vire para o peccador, como dizendolhe: Filho, já me naõ lembro dos males que fizeſte, naõ me perſigas mais tornando a peccar, guarda meus Mandamentos, & teremos amigos, perſevera, & teràs a ſalvaçaõ.

Joan. 3. 10.

Ezech. 18. 21. & 22.

Eccl. 21. 1.

Se o peccador (diſſe Deos por Jeremias) fizer penitencia de ſeus peccados, tambem eu farey peni-

Jerem. 18. 8.

penitencia de lhe querer dar caſtigos: oh bondade immenſa! oh amor incomparavel! que chegue a dizer o meſmo Deos, que fará penitencia de querer caſtigarnos, ſe nòs a fizermos de o haver offendido! como ſe a juſtiça divina fora culpa, de que ſe houveſſe de arrepender, logo que nòs nos arrependemos de noſſas culpas: tal he o noſſo Deos, tam bom, tam noſſo amigo, que ſendo a meſma immutabilidade, para melhor nos perſuadir a fazer penitencia, faz por bemquiſtalla, promettendo tambem fazella: ſe pois o meſmo Deos ſe naõ dedigna de fazer penitencia por amor de nòs, ſempre que nòs por ſeu amor a façamos; quem ha tam neſcio, tam ouſado, & tam atrevido, & que tenha a Deos tam grande odio, que ſe envergonhe de fazer penitencia por amor de Deos? & que em fim zombe do que Deos eſtima, que ſe ria do que Deos faz, & ſe deſpreze de fazer aquillo, que o meſmo Deos fizera? Fazer Deos penitencia, nenhuma outra couſa he, ſenaõ pôr a ſua miſericordia no lugar donde havia de apparecer a ſua juſtiça; & a noſſo modo de fallar, pezounos de offender a Deos, pezoulhe de nos querer caſtigar por iſſo: propuzemos de naõ offendello mais com o pezar de havello offendido; propoz Deos de nos naõ caſtigar mais, com o pezar de nos querer dar caſtigos: eis-aqui a penitencia de Deos; eis-aqui a noſſa penitencia: mas quer o Senhor explicarſe comnoſco pelos termos de arrependido, para que o peccador a exemplo do meſmo Deos naõ ſe envergonhe de ſe arrepender, que errou, & que fez mal em peccar, quando Deos moſtra arrependerſe de querer fazer juſtiça em caſtigar a quem peccou: mas ſe o peccador deſconhece eſta bondade de Deos, & perde o temor, com que devemos tremer de ſeus profundos juizos, dá-ſe Deos a conhecer pelos caſtigos, em vingança de o naõ querermos conhecer pelas miſericordias.

Mandou Deos a Moyſés, que foſſe a dizer a Faraò, que deyxaſſe ſahir ao ſeu povo da terra do Egypto; & perguntandolhe Moyſés, quem havia de dizer, que o mandava, reſpondeolhe o Senhor: Vay, & dizelhe que eu ſou quem ſou: pois, porque lhe naõ manda Deos que diga a Faraò, que he Deos de Abraham, Deos de Iſaac, & Deos de Jacob, como mandou dizer aos filhos de Iſrael? Que razaõ haveria, para que Deos ſe naõ quizeſſe dar a conhecer a Faraò por eſte nome, nem por outro algum? A razaõ he: que Faraò naõ havia de querer conhecer a Deos pelas miſericordias, que uſava com elle nos aviſos, que lhe dava;

Exod. 3.14.

Ibid. 15.

dava; havia de conhecello nos castigos, que lhe désse, & pelas pragas, com que havia de ferir, & assolar a terra do Egypto: se pois Faraò ha de ser obstinado, ha de endurecerse; se Faraò naõ ha de ter emenda, & se ha de fazer peyor com os avisos de Deos, & em fim naõ ha de conhecer a Deos pelas misericordias; naõ lhe mande Deos dizer quem he, nem se dé a conhecer com elle; conheça-o Faraò pelos castigos, pelas pragas, pelos açoutes, com que a justiça divina, ainda neste mundo, que isto he a terra do Egypto, o ha de assolar, & confundir, atè que no mar vermelho, que para Moysés foy estrada, ache Faraò o seu sepulcro.

O' mortaes: todos aquelles, que naõ quereis conhecer a Deos pelas misericordias, que usa comvosco em avisarvos, haveis de conhecello pelos castigos ainda neste mundo: o mesmo mar vermelho, figura do Sangue de Christo, que para os justos, como Moysés, foy estrada para a terra da Promissaõ, figura da Gloria; para os obstinados, como Faraò, ha de ser eterno sepulcro, que os meta nas profundezas dos abismos, figura dos infernos. Se pois naõ queremos conhecer a Deos, se naõ queremos ter pezar de nossas maldades, que muyto he, que a nosso modo de entender, lhe peze a Deos de nos haver creado, & feyto à sua imagem, & semelhança? Que muyto he, que nos castigue, & nos assole de todo, ainda que seja com grande dor de seu coraçaõ, se nòs, que pela nossa culpa fizemos a morte, tambem pela impenitencia della fazemos os castigos? Castigou Deos o mundo naquella primeyra ira com hum diluvio de agua, castigalloha na segunda indignaçaõ com hum diluvio de fogo; cujas chamas abrazadoras, naõ só haõ de converter o mar em cemeterio de areas, o ar em sepulcro de sombras, mas a toda a terra em solidaõ de cinzas: se isto ha de succeder à terra, que naõ peccou, ao mar, que naõ delinquio, ao vento, que naõ prevaricou; que succederá àquella terra de nossos corpos, que naõ produz mais, que os espinhos da culpa? Que ha de succeder ao mar de nossas concupiscencias, q̃ nos cubrio, & alagou sempre em ondas de vicios, & em tempestades de culpas? Que ha de succeder ao vento de nossa vida, que antes de chegar às regioens da morte, encheo todos esses mundos pequenos de sombras, & escuridades? Que ha finalmente de acontecer ao ar de nossas vaidades, que em tormentas desfeytas nos trouxe sempre por esses ares? O' mortaes, naõ presumais nesciamente, que Deos vos ha de perdoar,

por-

porque vos creou, senaõ fizerdes penitencia. O mesmo Deos, para que vos naõ enganasseis com isto, disse que havia de consumir o homem, a quem creára: he razaõ para a ira, & naõ para a misericordia, o crearnos Deos, se sendo creaturas suas, vivemos como se o naõ foramos, desconhecendo a infinita bondade, que nos deu o ser, desprezando a ley que nos poz, com a naõ querermos guardar, & caminhando às avessas pelo caminho, per que nos manda ir a sua vontade; & sobre tudo, clamando o Senhor, que nos emendemos, zombamos disso, fazendo ouvidos de mercador.

Exod. 7. &c. Favores de Deos mal agradecidos, que saõ, senaõ justificaçoens de castigos multiplicados? Quem visse castigar Deos o Egypto por amor do povo de Israel com taõ cruel açoute; quem visse depois das mortes de tantos seus inimigos, abrirse o mar em ruas, & em estradas para lhe dar passagem a pè enxuto; quem visse, que o mesmo Deos com hũa colona de nuvem os defendia do rigor do Sol no discurso do dia, & os allumiava pelo deserto com huma colona de fogo na escuridaõ da noyte; quem visse que lhe chovia dos Ceos o paõ dos Anjos, & que as pedras durasse desentranhavaõ em agua, para que bebesse; quem visse, que o Jordaõ tornava atraz com a furia de sua corrente, levantando-se as aguas em serras de ondas, para que passasse a pè enxuto; & que os muros de Jericò se lhe arruinavaõ sem força, para que entrassem sem trabalho nas Cidades inimigas; quem visse no meyo do Ceo parar o Sol, & estar à sua obediencia, para que vencesse; & finalmente quem os visse vencer, & arruinar tantas Naçoens robustas, tantas gentes indomitas, tantos muros de bronze, tantos campos de ferro, que havia de dizer de tantos favores de Deos, & desta sua amizade, senaõ que atè o fim do mundo amaria Deos o seu povo, & o traria nas palmas, & na estimação das gentes? Porèm como este povo lhe foy depois ingrato, & nescia, cega, & maliciosamente rebelde ao mesmo Senhor, seguio-se, que dandolhe Deos as costas, & mudando-se em ira a sua clemẽcia, desde Tito Vespasiano, que foy instrumento do temporal castigo, foy este povo ingrato consumido em guerras, morto à fome, & antes de chegar a cadaveres, alimentado nos cadaveres de seu mesmo sangue; & os que delle restáraõ miseravelmente reduzidos à servidaõ, & espalhados pelo mundo, cativos, & desterrados da sua patria, em toda a parte degenerados, em nenhuma conhecidos, sempre novos,

Exod. 14.22. Exod. 13.21. Exod. 16.4. Num. 20.21. Josuè 3.16. Josuè 6.20. Josuè 10.13.

novos, sempre alheyos, sempre estrangeyros, sem nobreza, porque naõ tem solar, sempre bayxos, porque naõ tem estimação, sempre suspeytosos, porque ha poucos, em que haja Fé; & sobre tudo isto, cegandoselhes o entendimento para mayor castigo, vivendo sem espirito de Deos entregues à carne, & a seus mundanos appetites, saõ constituidos para sempre no ventre dos infernos, donde seraõ pasto eterno daquelle bicho immortal, que os ha de roer, & daquelle eterno fogo, que os ha de abrazar, sem nunca os consumir.

Se pois succedeo, & se isto succede ainda hoje às reliquias daquelle povo taõ favorecido hum tempo do amor de Deos: que succederá àquelles Christãos, a quem Deos tirou do Egypto da gentilidade; a quem fez passar pela agua do Bautismo; a quem com a sombra de seus auxilios cobre, & ampara de seus contrarios, & dos ardores da concupiscencia; a quem allumia com a doutrina das colunas de sua Igreja nas escuridoens da cegueyra, & ignorancia humana; a quem sustenta com o manjar de seu mesmo Corpo, & com o seu mesmo Sangue, que esta he a agua tirada a golpes daquella pedra; & a quem finalmente faz tantos outros beneficios, de que foraõ figura, & sombra os que fez àquelle povo ingrato? Quanto pois vay de beneficio a beneficio, & de favor a favor, tanto irá de castigo a castigo, de açoute a açoute, & de assolaçaõ a assolaçaõ.

1. ad Cor. 10.

Oh Fieis! oh Christãos! acabay já de ser Christãos na realidade das obras, que isto he ser imitador de Christo, donde vos vem o nome; tratay de ser fieis a vosso Deos, a quem tendes sido tantas vezes inconfidentes; fazey disso penitencia para aplacares a ira divina contra vossas rebeldias exasperada: que de outra maneyra, vendo Deos que a vossa malicia cresce sem penitencia, viráõ sobre vòs diluvios de castigos: *Videns Deus, &c.*

TOQUE XIV.

Vos autem sicut homines moriemini. Psal 81. 7.

CLAMOR XIV.

Trata-se da fragilidade da vida; & como em nascer, & morrer naõ ha entre os humanos differença.

De tudo quanto ha no mundo (diz o Filosofo) a mais terribel, & cruel cousa he a morte: & por ser cousa taõ medonha, muyto he para temer: porèm muyto mais para temer he a vida. Da boa morte, alèm de ser

Arist. 2. p. lib. 3. Ethic. cap. 6. in med.

ser fim dos males temporaes, como diz Santo Agostinho, nasce o principio das felicidades da eterna vida: da boa vida nem sempre nasceo a boa morte; da vida nasceo a morte sempre, & às vezes o inferno, que esta he a successaõ da má vida. Com a pensaõ da mortalidade nascemos todos: iguaes nascemos, & iguaes morremos, o Rey, & o pastor, o grande, & o pequeno, o pobre, & o rico, o saõ, & o enfermo, o velho, & o moço, porque attentando à origem da natureza, tudo he hũ; & em chegando ao pó, & cinza, tudo he o mesmo; outra tanta terra, como occupa o mayor Monarca do mundo, occupa na sua cova o mais pobre homem da terra; & se ainda entaõ os quer distinguir a vaidade nas pompas do tumulo, naõ os differença o juizo na porçaõ das cinzas: o mesmo Legislador do direyto divino, & humano nos naõ distingue dos outros homens pelo nascimento, & pela claridade do nome, mais que em quanto vivemos; em chegando o juizo ultimo, & a sentença final, quem tem feyto melhores autos na vida, esse só he o melhor quanto à condiçaõ immortal, porque esta he a satisfaçaõ, que dá o Ceo ao acabar das differenças do viver: quanto à condiçaõ terrena, tudo fica hum, tudo parece o mesmo. He a morte para o vivo, como a maõ para o pintado: vereis pintados montes, & valles, mares, & rios, homens, & brutos, Cidades, & campos: & isto, que vos parece perto, aquillo longe, isto, que se vos affigura bayxo, aquillo alto, essoutro, que se vos finge immobil, essoutro corrente, grande, & pequeno, escuro, & claro, se lhe correis a maõ por riba, tudo he hũ, tudo he igual, tudo he o mesmo, hũa taboa com huns poucos de oleos, hum panno com humas poucas de cores; que como saõ accidentes, saõ de pouca dura; vaõ, & vem, poemse, & traspoemse, corrompemse, & acabaõ, sem que a taboa acabe, nem o panno se rompa: assim a morte tudo faz hum: vereis o Rey, & o vassallo, o Prelado, & o subdito, o pobre, & o rico, o grande, & o pequeno, o velho, & o moço, parecervolha em quanto vivem, que ha grandes distancias entre huns, & outros, notaveis desigualdades, & differenças, & em fim muyta terra em meyo; lançalhe a morte a maõ, & em lhe cahindo nellas esta miseravel vida, tudo se faz hum, tudo parece igual, & com huma mortalha, & sete pès de terra accommoda igualmente ao Principe, & ao pastor; & mostra, reduzindo tudo ao desengano de humas cinzas, que aquelles mesmos Alexandres, que em todo o mundo naõ

August. tom. 9. lib. 1. de visit. infirm. prop. fin.

naõ cabiaõ, já cabem em outra tanta terra, como qualquer homem vil, & bayxo do mundo.

Todos, ó peccadores, ſomos iguaes no naſcer, & no morrer: os entremeyos da vida ſaõ tramoyas da fortuna, ou furtacores do mundo, que parecem o que naõ ſaõ, & ſaõ o que naõ parecem. Compara a Sagrada Eſcritura os humanos às aguas, que vaõ correndo: & com muyta razaõ; porque todos ſomos, naõ ſó fracos, como agua, mas iguaes no principio, & no fim. Vereis hum ribeyro pobre, & humilde mendigando pelos valles, beijando os pès às arvores, & correndo tam bayxo, que ſem temor algum lhe pondes os pès em cima, ſem fazerdes caſo algum delle. Encontrais hum rio ſoberbo, & inchado, que ſenhorea campos, arraza montes, cerca Cidades, & leva às vezes ao mar mayor guerra, q̃ tributo; & he certo, que lhe guardais muyto mais reſpeyto, & tendes grande veneraçaõ, porque vos naõ atreveis a metervos nelle, nem a porlhe os pès: & ſe bem conſiderardes o que he o rio, & o que he o ribeyro, achareis entre as grandes diſtancias que entre hũ, & outro vedes, que tudo he agua, ou mais bayxa, ou mais alta, mas igual no naſcer, & no morrer; porque o rio naſceo da terra, & ſahio do mar, & no mar tornar a morrer, ſem ainda deyxar nome do que foy; & o ribeyro da meſma ſorte naſce, & do meſmo modo acaba: aſſim tambem vedes hũ homem bayxo, pobre, & humilde, que vive de eſmolas, & anda beijando com a ſua neceſſidade os pès a todos, & todos o trazem por bayxo dos pès: olhais para hum grande ſenhor, ſoberbo, & altivo, a quem os reſpeytos ſobejaõ, & ſobraõ as veneraçoens: pois aſſim o pobre, como o ſenhor quanto ao naſcer, & ao morrer tudo he o meſmo. Da terra naſceo o pobre, & em terra ha de acabar; & o ſenhor tambem da terra he filho, & terra ha de morrer, & tudo o que teve de grande na vida deſappareceo como ſombra, ficando o que antes era pó, & cinza.

2. Reg. 14. 14.

He a morte officio dos mortaes, que ſe aprende deſde o naſcer, & ainda muyto de antes, ou por ley da natureza, ou por caſtigo da culpa, ou por tributo da vaidade: aprende-ſe deſde a eſcola do ventre, & deſde a aula do berço; hũas vezes bem, & outras mal; porque huns morrem mal, & outros acabaõ bem: quem melhor faz ſeu officio quando morre, moſtra que ſoube melhor eſta regra geral, com que ſe acaba a vida: quem mal acabou, dá-nos a ſuſpeytar, q̃ naõ ſoube fazer o officio para q̃ naſceo; & por iſſo Seneca diz, ſendo hum Gentio, que em toda a

Senec. lib. un. de brev. vitæ c. 7. in princ.

O vida

vida se ha de aprender a morrer: saber viver, isso sabe a ignorancia, saber viver bem he sciencia da razaõ; mas saber morrer, he alta sabedoria, que se estuda nos claustros da morte, para que melhor se aprenda no circulo da vida: saõ ignorancias da morte todas as outras sciencias da vida, que para este fim naõ se aprendem; & saõ ignorancias puras, todas aquellas presumpçoens, com que a vaidade humana faz, que huns se tenhão por melhores que outros na condiçaõ terrena; se pois a jornada da vida he o caminho da morte: se as fontes mais humildes, & os regatos mais pobres saõ da mesma natureza, que os mais rios: se estes se fizeraõ mayores, he porque usurpando as aguas alheas, dos que a elles se chegavaõ, tiranamente se ergueraõ com a mayoria; mas isto, que lhes aproveyta? quanto lhes dura? de que lhes serve tudo isto, mais que de chegar ao mar da morte com mayor pressa, para acabar a vida mais amargosamente?

O' mortaes, he a morte ruina universal de toda a maquina caduca destes edificios viventes; & donde ha ruina, naõ ha desigualdades, tudo tem a mesma sorte, tudo he igual, tudo he hum. Cahio a pedra do monte sobre aquella portentosa estatua, que em sonhos vio Nabuco, & diz o Texto Sagrado, que todos aquelles metaes, de que ella se componha, igualmente foraõ despedaçados, & desapparecidos: se a cabeça da estatua era de ouro, os peytos, & braços de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro, & os pès de ferro, & barro; como se desfaz igualmente toda esta maquina: *Contrita sunt pariter, quasi in favillam*? Como se fez tudo hum? Como igualmente desappareceo tudo sem deixar sinal de si: *Nullusque locus inventus est in eis*? Se ha tam desigual differença do ouro para a prata, da prata para o bronze, do bronze para o ferro, & do ferro para o barro; como correm todos em hum instante huma mesma fortuna? O alto da cabeça, o levantado dos homens ha de ter a mesma sorte, que o bayxo dos pès? tudo ha de parecer hũa cousa? Que o barro pela sua fragilidade se desfizesse em hum momento, naõ era muyto; mas que o solido do ouro, o puro da prata, o forte do bronze, & o duro do ferro igualmente se desfizessem em pó, & cinza, como se desfez o barro, isto parece maravilha. Ha de ser possivel, que igualmente se ha de descompor a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, o valor do bronze, & a valentia do ferro, como se descompoem a fraqueza, & a vileza de hum barro humilde?

Dan. 2. 34. &c.

Sim

Sim mortaes: houve ruina em todos eſtes metaes, cahio a eſtatua, arruinou-ſe toda eſta maquina, pozſelhe huma pedra em cima; pois como havia de acabar tudo, ſenaõ igualmente arruinado? Que differença havia de haver, mais que fazerſe todo hum? Porque donde ha ruinas, naõ ha deſigualdades, tudo he da meſma ſorte, tudo a meſma couſa.

Tudo he terra, ó peccadores: tudo he pó, & cinza: ou ſejais Reys, ou ſejais Principes, ou ſejais nobres, ou ricos, ou poderoſos, ſois da condiçaõ do barro em ſe pondo em cima a pedra da ſepultura: o ouro mais fino, a prata mais luſtroſa, o bronze mais robuſto, o ferro mais rijo, tudo he da condiçaõ da terra, do barro, & do pó, & cinza: em quanto eſtá em pè a mentira do mundo, parece hum lindo como hum ouro, galhardo como humas pratas, valente como hum bronze, & duro como hum ferro; mas tanto que a morte dá de avelſo com tudo, logo ſe deyxa ver com verdade, que tudo he nada, & hum pouco de pó, & cinza, que naõ occupa lugar. Podera a vaidade de hũ Nabuco ſonhar; poderá levantar nos ſonhos da ſua fanteſia grandes maquinas, grandes imperios, & grandes differenças nos eſtados da vida humana, de que a eſtatua foy figura: mas

Hug. C. in Dan. ſupra, myſtic.

Chriſto, que he a meſma verdade, & foy a pedra, que derrubou a eſtatua, para deſenganar em figura as mayores afiguraçoens do mundo, naõ ſó moſtrará a todos, que ſaõ pó, & cinza em ſe lhes pondo em cima a pedra da ſepultura; mas que todos os bens da terra ſaõ tambem o meſmo: ſaõ o meſmo todos os bens da terra; porque quem viſſe deſcer a pedra para tocar eſtes metaes, que lhe havia de parecer, ſenaõ que moſtrariaõ mais a ſua pureza? Quem ſobre iſto entendeſſe, que naquelles metaes ſe ſignificavaõ as monarquias do mundo, como naõ ſuſpeytaria, que era de moyta dura huma couſa taõ notavel? Mas quando viſſe, que a grandeza era fingimento da fanteſia, que os Imperios naõ duravaõ, nem por ſonhos, & que os metaes todos eraõ terra, & tudo em fim huma faiſca, que voa, hum pó, que ſe levanta, & hum vento, que deſapparece; que havia de tirar deſte deſengano, ſenaõ hum verdadeyro conhecimento, de que o mais do mundo he mentira, engano, & vaidade, que em hum fechar de olhos ſe finge em quanto a vida dura; & em outro fechar de olhos ſe acaba, logo que a morte chega?

Dan. 2. 39. &c.

Naõ ſó depois da morte, ſenaõ na meſma vida ſe vè eſte deſengano: he engano, ó mortaes, cui-

dardes, que sois outros homens, porque tendes mayor estado, ou mayor fortuna; tudo he hum, tudo he o mesmo: & naõ ha outra differença, que estardes em mayor perigo, os que estais em mayor altura; tal he a condiçaõ das fortunas altas, & dos estados supremos, que quem os chega a possuir, primeyro perde a vida, & felicidade, que seja tempo da morte; & isto nasce, de que a sua propria vaidade, anticipandolhe a morte, lhe faz muyto mayor mal, do que lhe fizera a violencia alhea, se lhe tirára a vida. Rogando David pragas a huns inimigos, dizia a Deos: que se façaõ semelhantes ao feno dos telhados: & pois naõ fora melhor vingança pedir, que fossem como feno dos valles? porque se era para se vingar delles, ficavaõlhe nos telhados sobre a cabeça, & nos valles podia metellos debayxo dos pès: se acaso deseja que se consumaõ como o feno, que peyor successo acha no feno dos telhados, donde naõ póde chegarlhe, que no feno dos campos, donde pudèra atropellallos? A razaõ da differença he: porque o feno dos campos, muytos o arrancaõ primeyro que se seque; o feno dos telhados primeyro se secca, do que o arranquem, como diz o mesmo David: *Priusquam evellatur, exaruit.* Fazlhe a sua vaidade, & a sua altiveza, anticipandolhe a morte, muyto mayor mal, do que pudera fazerlhe a violencia alhea tirandolhe a vida; quando parece, que a violencia, que o pudèra arrancar, o vay poupando, como quem lhe perdoa; a vaidade com que havia de florecer, o vay consumindo, como quem o castiga: fazlhe a vaidade todo este mal, porque naõ tem raizes o feno dos telhados; isto he, naõ tinha fundamento para porse naquellas alturas: pudèra contentarse o feno com ser feno dos campos, pois o ser feno dos telhados naõ lhe tirava o ser feno; estiveralhe isto melhor, porque se vivera humilde, como o outro feno, florecèra, & duràra mais, & naõ se arruináera taõ cedo a fragil, & caduca pompa daquella vaidade verde: mas esquecerse o feno, de que nascèra das hervas, naõ querer ser feno, como o outro feno, desconhecer a sua vileza, & a sua fragilidade, sahirse da sua esfera, porse em grandes alturas, & querer viver das telhas arriba, em que havia de vir a parar, senaõ em darlhe na cabeça aquelle mesmo desvanecimento, que lhe fez perder o pè? Consumio-se por si mesmo antes de chegar ao fim de seus intentos vãos, sem que lhe fizesse mal o rigor alheyo; & em fim morreo antes de tempo.

Psal. 128.6.

Psalm. prox.

Alta providencia do Ceo foy, que

que assim morresse o feno, porque como no feno se figura a carne, & na flor do feno a vangloria humana, como diz Isaías, se o feno morrèra arrancado, parecèra, que a violencia das mãos alheas lhe tirava a vida, que ainda lhe concedia o tempo; & para desenganarnos o Ceo, que naõ tem a carne tantos perigos na violencia, como na vaidade propria, por si mesmo, permittio, que se consumisse o mais authorizado feno: para que aprendessem os deste exemplo, quanto mais he para temer a vaidade propria, que nos faz sahir da nossa esfera, como se foramos outros; do que a violencia alhea, que nos tira a vida anticipadamente. O' mortaes, ou sejais feno dos tectos, ou feno dos campos, todos sois feno: *Omnis caro fœnum*; tudo he hũ, porque todos sois huns; todos sois o mesmo, porq̃ todos sois homens, & homens peccadores, fracos, & mortaes: por mais altos, que estejais, por mais robustos, que vos sonheis, & por mais felices, que vos finjais, naõ ha outra differença, que serdes mais vãos, quando estais mais altos, q̃ estardes mais enganados, quãdo estais mais robustos, q̃ estardes mais perigosos, quando estais mais felices: sois huns rios, outros fontes, huns bayxos, outros altos, mas tudo agua: sois humas pinturas na apparencia muyto differentes, na realidade tudo hum: sois huns, feno mais erguido para ser mais miseravel; outros feno mais humilde, para naõ ser taõ caduco; & sendo na realidade vilezas, vos fizestes muyto peyores levantandovos contra Deos, por naõ querer guardar sua ley, zombando de suas vozes, por naõ querer emendarvos, desprezandovos a vòs mesmos, por quererdes servir antes ao demonio, que a Deos, & esquecendovos do que sois, & do que haveis de ser: pois desenganayvos, que todos, como homens fracos, mortaes, & miseraveis, haveis de morrer, & haveis de acabar: *Vos autem sicut homines moriemini.*

Isai. 40. 6.

Isai. sup.

TOQUE XV.

Nescit homo finem suum: sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur, sic capiuntur homines in tempore malo. Eccles. 9. 12.

CLAMOR XV.

Da miseravel ignorancia, com que os homens peccadores achaõ gosto na sua perdiçaõ.

NAõ sabẽ os mortaes quando, como, & dond. ha de ser

ser o seu fim; & vivem com tanto esquecimento da morte, como se ella naõ tivera igual jurisdiçaõ em todos: para os negocios de huma hora, para a jornada de hum dia, para a viagem de hum mez, costumaõ prepararse os homens com grande diligencia; só para lhes naõ ir mal na hora da morte, para dar conta a Deos no dia do Juizo, & para passar bem o salto da eternidade, naõ ha preparaçaõ alguma, como se isto fora sonho, fabula, ou mentira; de que nasce, que vivendo à maneyra de peyxes no mais profundo das ondas, vagueando a modo de aves pela regiaõ dos ventos, andamos no mar do mundo submergidos nos vicios, & seguimos por vias aereas as mundanas vaidades; donde gozando huns bens fantasticos, ou transitorios, naõ só cahimos do Ceo à terra nos enganos do mundo, naõ só nos himos pela agua abayxo ao pégo dos abismos, mas como aves incautas, & desprevenidas, como peyxinhos simples, & descuidados, ou cahimos nos laços da morte, quando menos o cuidamos; ou nos anzoes do demonio, quando menos o tememos. Deviamos ser como aguias, cuja natureza he voar, & fixar os olhos no Sol, para fazer vida celeste, & naõ terrena; deviamos estender as azas do entendimento pelas regioens sublimes da Patria celestial; deviamos levantarnos da terra para voar ao Ceo com as pennas do espirito; & ao menos com espiritos altos deviamos fazer ninho sobre as nuvens do Evangelho. Mas ay! que com bastardos voos, ou com bayxos espiritos abatemos a pópa vãa de nossa profanidade à preza sempre vil, & bayxa das miserias terrenas! De que se segue, que assim como só a ave, que se abate do Ceo à terra, cahe no laço, que lhe armáraõ: assim nos laços da culpa, da morte, & do demonio só cahem aquelles homens, que pelos gostos vãos da terra deyxàraõ os bens do Ceo: cahem nelles, quando menos o imaginaõ, porque vivendo debalde toda a sua vida, chega a hora da morte, como ladraõ, na noyte da cegueyra, & achando-os no descuido dormindo a sono solto na cama da culpa, nos braços do deleyte, não só lhes rouba aquelles bens, de que gozava enganadamente na vida; mas ainda lhes leva as almas arrebatadamente ao lugar da perdiçaõ: faz isto a morte, & faz isto o demonio; porque em todos os estados do mundo todos os seus bens saõ laços, & redes: laço, & rede he a ociosidade, a riqueza, a ambiçaõ, a lascivia, armaõ-se escondendose, attrahem lisongeando, & enganaõ attrahindo.

He o mundo todo, como a

rede;

rede; porque assim como na rede os mayores, & mais grossos peixes saõ os que ficaõ,& os mais pequenos naõ, porque escoaõ a malha muyto facilmente: assim nos enganos do mundo, que saõ as suas redes, os mayores, & os mais ricos homens saõ os que se prendem, os mais soberbos, os mais inchados saõ os que se embaraçaõ, & naõ os pobres, & os humildes, & pequeninos, que se livraõ de seus enredos, & de seus laços com mayor facilidade. Deviamos ser como peyxes em hum mar de pranto, que ou andassemos no mais alto das amarguras, ou nos metessemos nas covas mais escondidas, fazendo de nossas culpas hũa penitencia aspera. Mas ay! que fugindo do alto da consideraçaõ, vimos a dar no bayxo dos terrenos appetites, donde a nossa mesma vontade faminta do seu mal, se vay meter no anzol escondido nos mundanos deleytes, em que cahem miseravel, & cegamente os mais dos humanos! E he taõ grande mal, hum mal, que tem caraõ de bem, hum dano, que parece gosto, & hum tormento, que se veste de deleyte, que nem nos males da vida tem semelhante, nem comparaçaõ alguma nos da morte.

Eccl.7. 27. Dizia Salamaõ: Eu tenho dado, em que a mulher he mais amargosa, que a morte: porèm se Salamaõ de nada havia gostado tanto, como deste veneno doce; se nada lhe havia parecido taõ doce, como esta amargura dourada; se nada lhe encheo tanto os olhos, como esta enfeytada traiçaõ; como tendo-a pouco antes por mais doce que a vida, diz agora, que he mais amargosa que a morte? O' mortaes, por isso mesmo, soube Salamaõ quanto amargava a mulher, porque soube della tanto: soube della muyto, porque lhe soube muyto; ficou-se dos seus braços, & achou que eraõ laços do demonio; chegoulhe ao coraçaõ, & vio, que era rede da morte; cahiolhe nas mãos, & experimentou, que eraõ garras de leaõ: o laço apanha convidando, a rede lisongea prendendo, o cepo engana attrahindo: como pois a mulher parece bem, & faz tanto mal ao homem, convida-o com gostos, & leva-o às penas: o coraçaõ da mulher, a quem o homem dá o seu coraçaõ, helhe taõ prejudicial, como a rede aos peyxes: as suas maõs, em que elle se pōem, fazemlhe tanto danno, como o laço às aves, & o cepo aos brutos; fazlhe a bocca doce, & prende-o no laço; finge que o mete no coraçaõ, & mete-o na rede; mostra, que o traz nas palmas, & o faz cahir no cepo: he mal, & vende-se por bem; he danno, & estima-se por gosto; he tormento, & toma-se por deleyte.

3.Reg. 1.11.

leyte. Que havia de achar Salamaõ, que lhe amargasse tanto, como este paleado bem, que taõ caro custa; como este saboroso mal, que tam bem parece, ao qual nenhum mal da vida he semelhante, nem ha amargura na morte, com que se compare?

Bonav. tom. 1. in Eccl. supr.

Notou Saõ Boaventura, que a lascivia, por quem se entende esta mulher, de quem se queixa Salamaõ, de tres modos prendia; prendia com laços, onde se tomaõ as aves; com rede, com que se colhem os peyxes; com prizoens, donde se apanhaõ as feras: pelos que voaõ, diz que se entendem os soberbos, pelos que nadaõ, os deliciosos, & pelos outros animaes da terra, os homens avarentos, & que em fim ninguem lhe escapava: taes saõ os laços, & os enredos da mundana lascivia, que para colher altos, & bayxos, & os de meáa esfera, se faz para huns laço, para outros rede, & para os outros cepos: cuidais, os que sois soberbos, que bebem por vòs os ventos as mulheres, & fazem-vos cahir no laço: cuidais, os que sois deliciosos, que viveis como peyxe n'agua, & fazem-vos cahir na rede: entendeis, os que sois avarentos, que fazeis vosso negocio, & fazem-vos cahir no cepo, & depois zombaõ de todos: zombaõ depois de vòs; porque se cahis no laço, ainda que sejais aguias no juizo, dizem que sois huns passaros; se cahis na rede, ainda que sejais huns Delfins, dizem que sois huns peyxinhos; se cahis no cepo, ainda que sejais bichos de concha, dizem que sois huns brutos. O' mortaes, fugi dos laços, cortando os nòs cegos, fugi da rede, escoando a malha, livrayvos do cepo, ainda que roais os pès. Pelos pès se entendem os appetites, pelas malhas, os enganos, & pelos laços, as cegueyras: deyxay as cegueyras, & sahireis dos laços, deyxay os enganos, & escapareis das redes, cortay os appetites, & livrarvosheis dos cepos: vede, que naõ ha prizaõ mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne vos ata. Rompeo Samsaõ, como se foraõ fios delgados, as cordas, & as cadeas com que o maniatou Dálila; & aquelles mesmos braços robustos, a cuja força se rendeo a grossura das maromas, a rigeza dos nervos, & a dureza do ferro, naquelles braços lascivos perdéraõ cegamente a força, & a virtude: he branda a prizaõ, por isso naõ escandaliza, aperta, & parece que abraça, magoa, & finge que lisongea, fere-vos a alma, & parecevos que a adoça; & em fim saõ nòs cegos, & parecemvos de rolas; saõ ferros, & tendelos por ferretes.

Judith. 16. 12.

O'

O' mortaes, se tantos males traz comsigo hum só laço da vida: se os laços da carne naõ só vos ataõ de pès, & máos para vos entregar à morte; mas ainda vos poem a corda na garganta, como reos da culpa, para que assim vos leve o demonio ao supplicio eterno: como naõ vedes, que essas cadeas, & colares, com que a vaidade vos enfeyta, & vos adorna o delito, saõ colares, & naõ enfeytes, saõ cadeas, naõ adornos, com que vos ata a liberdade, quem vos doura a perdiçaõ? Parecemvos joyas do gosto, & saõ insignias do castigo, com que o mundo, que quer triunfar de vòs, jà vos vay atando ao carro como escravos seus: cuidais por ventura, que viveis muyto livres, & muyto senhores de vòs todo o tempo, que mais soltamente seguis a corrente de vossos vicios? oh cegueyra nunca chorada, ainda que sempre vista! Pois sabey, que em nenhuma outra cousa perdestes tanto a liberdade, & a honra de filhos de Deos, & ainda de homens livres: essas mesmas correntezas, a que vos arrojastes, correntes foraõ, em que vos poz como cativos do demonio o vosso mesmo alvedrio, a vossa propria vontade: todas essoutras solturas, com que vos precipitastes mais desenvoltamente, todos os passos, que déstes para o desatino, todas as acçoens, que obrastes para o escandalo, grilhoens foraõ, com que a culpa agora vos sopea; algemas saõ, com que a maldade hoje vos maniata: & se tantos males se encobrem em qualquer laço da vida, que haverá nos laços da morte, do inferno, & do demonio?

Lá dizia David, que tinha odio à sua alma quem amava a maldade, & o peccado: & em que estaria o odio, que se tinha a si, quem amava as offensas de Deos? O mesmo David o declara continuando o Psalmo. Tem odio à sua alma o peccador, porque fará Deos chover sobre elle laços, & mais laços, hum mar de fogo, hum inferno de enxofre, & hũa tempestade desfeyta de espiritos infernaes; & isto será o que lhe caberá em sorte para toda a eternidade: pois como haõ de ser os laços seu castigo, se os laços foraõ o seu deleyte? Por isso mesmo, peccadores: na mesma moeda com que comprastes a culpa, nessa haveis de pagar a pena; quer Deos que vos sirva de theatro para o tormento o mesmo, que vos servio de leyto para o peccado; quer, que acheis a mayor dor, que podeis sentir, naquillo mesmo, em que achastes mayor gosto para o offender. Porèm como saõ taõ longos tormentos por taõ breves gostos? Porque tivestes amor à maldade, & às offensas de Deos: huns

Psalm. 10.6.

huns peccados, a que se tem amor, humas maldades, a que se quer bem, huns delictos, a que se faz adoraçaõ, hũas culpas, por cujo amor nos pomos em odio comnosco, & com o mesmo Deos; oh que haõ de chover laços sobre semelhante peccador, que o enredem na morte, ha de descer fogo do Ceo, que o sepulte no inferno, ha de ferver enxofre, que lhe abraze as entranhas, & haõ de chover demonios, que lhe despedacem a alma.

Oh se trouxera o peccador a morte diante dos olhos, & o inferno no sentido, quem duvída, que com a graça de Deos aborrecèra a maldade, que tanto ama; & que com a dor de ter a Deos offendido, rompèra os laços, em que está atado, as redes do seu embaraço, & o cepo da sua prizaõ? Mas se naõ ha contriçaõ, com que os laços se quebrem, com que as redes se rompão, & os cepos se despedacem, como póde escapar? A ave grita no laço, porque se vè preza; o peyxe busca por donde escape da rede, que o embaraça; o bruto forceja quanto póde, atè cortar o seu mesmo pè para se soltar do cepo: porèm se o peccador naõ clama a Deos, para que o tire do laço, se não procura com diligencia escapar da rede, & se naõ faz toda a força atè cortar por seus appetites, para se soltar do cepo, que muyto he, que no tempo mao da sua ultima hora morra sem poder clamar, porque tem o nò na garganta; & espire sem se poder desenredar, & tirar do cepo, porque naõ tem já forças; & muyto peyor, que passaro, que peyxe, & que bruto, prezo, & maniatado seja levado pelo caçador infernal para eterno pasto das penas, & fogo do inferno? O' peccadores, clamay, em quanto vos dura a vida; fazey diligencia, & forcejay por vos tirardes de vossos peccados logo sem dilaçaõ, porque ao depois na ultima hora, que póde ser logo, ainda que clameis, será tarde, & muyto fóra de tempo; ainda que choreis, será quando naõ tenhais já remedio: mas como os miseraveis peccadores naõ attentaõ ao seu fim, que cada instante póde chegar, como passaros nescios se deyxaõ morrer nos laços do peccado; & como peyxes simples acabaõ a vida no anzol da culpa: *Nescit homo finem suum: sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur, sic capiuntur homines in tempore malo.*

✠✠✠✠✠

✠✠✠

✠

TO-

TOQUE XVI.

Sapientia hujus mundi stultitia est apud Deum. 1. ad Corinth. 3. 19.

CLAMOR XVI.

VImos o que he a ignorancia do mundo; vejamos agora o que he a sua sabedoria. A sabedoria deste mundo, diz Saõ Paulo, he huma pouca de ignorancia; & Santiago lhe chama, terrena, animal, & diabolica: he a ignorancia, & necedade a sabedoria do mundo, porque escolhe o mao, & deyxa o bom, prefere o peyor ao melhor; & se nòs tiveramos por ignorante quem deyxàra muyto ouro por hum ceitil, o cobre pelo ouro, os diamantes pelo vidro; como naõ teremos por ignorante huma sabedoria, que prefere a creatura ao seu Creador? como a naõ teremos por nescia, se deyxa os milhoens de ouro dos bens eternos, pelo ceitil dos temporaes? os diamantes da gloria pelos vidros da vaidade? Prefere a sabedoria do mundo a creatura ao Creador, pois, como diz S. Paulo, he inimiga de Deos a carnal sabedoria: contrahe-se esta inimizade cõ Deos por aquella rebelliaõ profana, com que os homens por amor do mundo, sugeytando-se às suas leys, rompem os vinculos da ley Divina, Natural, & Ecclesiastica; & como a razaõ corrompida, para que abrace a vontade esta sua perdiçaõ, lha representa fermosa, daqui nasce, que deyxando a Deos pelo mundo, o eterno pelo caduco, temporal, & transitorio, se mostra nescia no que escolhe, ignorante no que sabe, terrena no que busca, animal no que appetece, & diabolica no que obra. Que sabe, quem naõ sabe escolher? Que sabe, quem naõ sabe emendarse? Que sabe, quem salvarse naõ sabe? Saber todas as artes do mundo, & naõ as do Ceo, saber todas as sciencias da carne, & naõ as do espirito, he ignorancia pura, he desatino com brancas, & huma tontice caduca: que aproveyta saber para outros, quem naõ sabe para si? He como os que cavaõ nas minas, que enriquecendo os outros, se ficaõ pobres, morando em trevas, vivendo em trabalho, & morrendo em angustias. O' mortaes, a verdadeira sciencia he estudarmos muyto em q̃ nos ignorem todos; he pôr todo o nosso cuidado em ignorar quanto ha no mundo; he o saber, que somos nada, que para nada prestamos, que nada podemos, & que devemos desejar, que de todos sejamos na conta, & reputaçaõ de nada.

Jacob. 3. 19.

Por-

Porèm como Deos costuma destruir, & arruinar as maquinas da humana sabedoria, ou com aquellas cousas, que naõ tem ser à vista dos homens, & saõ vil desprezo da sua zombaria; ou com as suas mesmas artes, & fundamentos: naõ servem ordinariamente as fabricas da prudencia humana, que de ser artifices da sua ruina: como aquelles que lavraõ minas, ou trabalhaõ em abobadas grandes, que cahem sobre elles por senaõ haverem ajustado bem com as regras da verdadeyra architectura. Isto nos deu a entender o mesmo Apostolo, quando dividindo a sabedoria em prudencia da carne, & em prudencia do espirito, desta disse, que era vida, & paz, & daquella, que era morte, & guerra: he morte a sabedoria mundana: porque assim como o gusano em toda a sua vida naõ faz outra cousa mais, que lavrar a sua sepultura: assim esta sabedoria caduca naõ obra nada mais, que forjar as armas, que lhe haõ de dar a morte, & tecer os labyrinthos, que haõ de ser a sua perdiçaõ: he guerra cõtinua da vida, porque em batalhas perpetuas de discursos, & em maquinas de novidades com baterias da malicia anda descõpondo a ordem, & a paz da natureza para medrar de fortuna, sem ter por impedimento digno de reparo o dano, & prejuizo do proximo, a queda do igual, o precipicio do mayor, a confusaõ de todos, & a offensa de Deos: & daqui vem, que acodindo o Ceo pela sua causa, a terra pela sua vexaçaõ, & o mundo pelo seu mesmo engano, ainda no mesmo mundo vem a parar em estrago, & assombro de si mesma, toda esta prenhez de monstruosidades, que para o espectaculo das gentes foy embriaõ de quimeras, aborto de abominaçoẽs, & parto de perversidades. Ao contrario disto, he vida, & paz a sabedoria do espirito; porque naõ querendo cousa algũa das glorias do mundo, he como a materia celeste, que naõ tem contrarios, feyta alchimista ao divino de tudo faz ouro; porque conhecendo que os bens, & os males vem todos da poderosa maõ de Deos, naõ tendo por mal mais que as offensas de Deos, & do proximo, nos bens dá graças a Deos, porque sabe, que os naõ merece; nos males tambem o louva; porque conhece, que os merece mayores: isto se póde fazer facilmente; porque assim como a prudencia carnal só da carne trata, a prudencia espiritual só do espirito cuida: funda-se no temor de Deos, que he principio da celeste sabedoria; & encaminha-se toda ao amor de Deos, que he fim ultimo de nossas almas: tanto pelo temor, & amor de

Ad Roman. 8. 6.

de Deos devem começar, & acabar as nossas acções, que sem olhar estes dous extremos, nenhuma acçaõ nossa póde ser formal virtude: mas como a malicia infernal, que nos inficionou a primeyra graça, naõ descançou sem nos fazer recahir nas segundas culpas, desde a meninice dos seculos começou com o amor do mundo a destruir o amor, & o temor de Deos, introduzindo na razaõ já viciada tantos dogmas, & regras da falsa sabedoria, que ennevoado o entendimento humano cõ suas escuridades, naõ póde enxergar a luz do Sol da sabedoria verdadeyra, que quando rompe as trevas do nosso cego engano, faz com o divino influxo, que o terreno seja celeste, o caduco immortal, & o homem semelhante a seu Deos.

Querendo pois a malicia de Satanàs naõ só apartarnos do Ceo, & precipitarnos no abismo; mas ainda em odio de Deos bemquistarnos os venenos, que nos tiraõ a vida da eternidade, & authorizar as idolatrias de nossos interesses, vestio de tal sorte a peçonha de caricias, & o dano de lisonjas, que saboreada a ignorancia com os incentivos do gosto, namorada a sensualidade das apparencias do deleyte, fez iguaria do peccado, & vangloria da perdiçaõ, como se sómente no prato da maldade estivera só toda a felicidade da vida. Lograda esta primeyra industria, foylhe facil ao demonio coroar a obra de sua maligna perversidade; porque achando a cegueyra humana tanto da sua parte os imperios do alvedrio, naõ reparou atrevidamente em profanar a razaõ, & enxovalhar o desengano; antes perdido já o decoro a toda a magestade d'alma, sacudíraõ os sentidos terrenos o jugo do superior dominio, & desenfreando pelos campos da profanidade a licença do appetite, fartáraõ de viboras a malicia, & de escorpioens a natureza. Naõ paráraõ ainda aqui os excessos do desatino; pois cuspindo no rosto à verdade, & metendo debayxo dos pès as virtudes, as despiraõ daquellas decencias, com que a veneraçaõ as orna; & em seu aggravo, dando authoridade aos vicios, os adornáraõ daquella pompa, que os faz illustres, para que a estimaçaõ persuadida pelos olhos, pelos ouvidos, ou pela fantesia, naõ só os respeytasse esplendidamente servidos, mas canonizados do applauso os venerasse.

Paleados pois decorosamente os semblantes de seus delictos, variáraõ de figura, & de nomes; & com esta invectiva se começáraõ a fazer bom lugar todas as maldades: a soberba em figura de honra, se chamou brio; a vai-

a vaidade em trajo de necessidade, se chamou honra; a avareza com capa de cautela, se chamou prudencia; a ira com vestido de razaõ, se chamou valer; a lascivia vestida de deleyte, se chamou galanice; a gula trajada de urbanidade, se chamou grandeza; a inveja vestida de diligencia, se chamou emulaçaõ; & a preguiça com vestido de virtuosa, se chamou bondade. Feyta deste modo a sabedoria profana hidra de sete cabeças, & armando-as contra Deos todas, começou por outras tantas bocas a derramar a pestilencia de suas entranhas, com q̃ se acabou de inficionar a terra, naõ só mordida com os dentes infestos de tantas heresias, mas ainda viciada com o bafo pestifero de seus alentos, taõ nocivos aos usos da razaõ, aos costumes da modestia, ao direyto das gentes, & à sociedade humana; sem que os Hercules da verdadeyra doutrina, que a lume de palhas pudèraõ cõsumilla, queyraõ mais, que cortarlhe as cabeças, de que outras se multiplicaõ. Nestes males, que tem feyto aos homens a sabedoria mundana, se deyxa ver, quam diabolica, quam inimiga, quam terrena, quam animal, & quam nescia ella he; pois ainda que na aceytaçaõ dos perversos valha tanto o seu engano, se naõ faz mais, que estudar na sua vangloria para cahir no seu castigo: se corre ao inferno com mais sede de condenarse, do que os bons tem de naõ perderse: que lhe aproveyta a ostentaçaõ com que se despenha, se isto naõ serve mais que de acrescentar o ruido, & a pompa à ruina, assopros aos incendios, testemunhas à ignorancia, & aos deleytes a pena?

Oh com quanta razaõ neste seculo mais, que nos passados, pudèra o outro Sabio de Athenas andar com huma tocha accesa ao pino do meyo dia vendo se encontrava a algum homem, que fosse sabio! Muytos sabios do mundo, no mundo se encontraõ a cada passo: encontrarseha, ainda que raras vezes, hum Monarca, hum Rey, que sayba governar a sua Monarquia, o seu Reyno pelas leys da justiça; muytos Principes, & Senhores, que saybaõ governarse pelas leys da politica; muytos homens particulares, que saybaõ governar as suas casas pelas regras da providencia; muytos homens de negocio, q̃ saybaõ ajuntar muyta fazenda pela ordem de adquirilla; muytos soldados famosos, que saybaõ dispor batalhas, governar exercitos, & defender praças pelas leys da malicia; muytos julgadores, & ministros de justiça, que saybaõ conforme seus regimentos dar conta de seus ministerios; muytos pilotos, que sejaõ peritos na arte de marear

rear; & moytos outros homens peritos em ſuas artes, & officios: mas oh miſeria! quam raro he o encontrar hum Monarca, Rey, Principe, Senhor, pay de familias, homem de negocio, ſoldado, julgador, piloto, ou qualquer outro official, que ſabendo do mundo moyto, ſe ſayba governar pela Ley de Deos, pelas regras da razaõ, & pelos dictames da conſciencia! Que te importa, ſabio do mũdo, ſaber do mondo, & da terra tudo, ſe de Deos, & do Ceo naõ ſabes? Pela ſciencia, que te perde, te deſvelas; & pela que te póde ſalvar naõ dás hum paſſo? Em ſaber viver com o mundo te occupas; & em ſaber viver com Deos, & comtigo, te naõ canſas? Na vida temporal, & caduca poens os teus cuidados; & na morte, que te eſpera com huma vida, ou perdiçaõ eterna, naõ poens o ſentido? Em conſervar a vida do corpo corruptivel ſó eſtudas; & em recuperar a vida d'alma immortal, que perdeſte peccando, naõ eſtudas? Que he iſto, ó peccadores, ſenaõ a mayor cegueyra, a mayor loucura, o mayor deſatino, & a mayor ignorancia do mundo? E por iſſo diz o Apoſtolo, que a ſabedoria dos mundanos he huma pura ignorancia: *Sapientia hujus mundi ſtultitia eſt apud Deum.*

TOQUE XVII.

Homo naſcitur ad laborem, & avis ad volatum.
Job 5.7.

CLAMOR XIV.

Moſtra-ſe como a vida de qualquer eſtado he trabalho: & como o trabalho por amor de Deos he regalo.

OU ſeja das mãos, ou do entendimento, naſce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: naſce para trabalhar o Rey, & he mayor trabalho o ſceptro, que o cajado; porque póde o ruſtico depor o arado, o ſoldado a eſpada, o eſcrivaõ a penna; ſó naõ póde tomar o ſono ſobre a ponta de hum baſtaõ agudo aquelle olho ſempre vigilante, em quem figuravaõ os Egypcios a obrigaçaõ dos Reys. He carga, & naõ iſençaõ a Monarquia; porque tambem he pezo, mais que Mageſtade, a Coroa; ſobre ſeus hombros ha de trazer as inſignias de ſeu trabalho, & ſobre ſua cabeça as de ſeu martyrio, quem trouxer, ainda que ſeja por zombaria, as inſignias do Imperio. Logo que a Chriſto lhe chamàraõ Rey, naõ ſó lhe fizeraõ gravame da coroa, mas puzeraõlhe às coſtas o Prin-

Matth. 27.29.

o Principado; nem ainda por escarneo gozou na terra a regalia do titulo, sem que o Principado fosse Cruz, a coroa, espinhos, o regalo, fel, & vinagre, & a vida, huma morte.

Isai. 9. 6.

Nasce para trabalhar o Principe, o Grande, & o Ministro, & ainda que lhe fingio a fortuna o trabalho mais alegre, naõ póde desmentirlhe a fadiga, & o desvelo, com que devem, como atalayas sobre a campanha, estar de acordo para a cautela, assim como estaõ em mayor altura para a mayoria. Só a Pedro, que havia de ser Principe da Igreja, Grande no Ceo, & Ministro do Euangelho, perguntou Christo se dormia nas afflicçoẽs do Horto: naõ o perguntou ao Euangelista, que o amava tanto, com ser condiçaõ do amor o naõ dormir muyto; donde se deyxa ver, que he mais desculpavel o descuido, & o descanço no amor, que no ministerio.

Marc. 14. 37.

Nasce para trabalhar o Prelado Ecclesiastico, secular, ou Religioso, porque havendo de ser Piloto da Nao da Dieceli, ou da Religiaõ, que cruza ondas inquietas com Ceos turbados, ventos contrarios, & noyte escura, necessario he naõ dormir, antes estar àlerta, & ver de longe as tempestades, por naõ arriscar com hum só descuido, a que se percaõ todos com naufragio miseravel no mar do mundo, (como lhe chama o Cardeal Hugo) que se incha por soberba, escuma por lascivia, brama poi indignaçaõ, & se move com qualquer leve vento, que o desinquieta. Hum breve espaço, que, a nosso modo de fallar, se descuidou Christo, pois se deytou a dormir sobre as ondas, se atrevèraõ ellas a querer çoçobrar toda a Igreja, de que a barca de S. Pedro era figura.

Hug. C. in Luc. 5. in princ. moral.

Matth. 8. 24.

Nasce para o trabalho o General, o Cabo, & o Soldado; porque em vida, que he guerra, morte ha de ser qualquer descanço, que do seu poder se fia. Fechou os olhos Holofernes no meyo do seu exercito, & hũa mulher, de que naõ fazia caso, mais que para o seu gosto cego, com ser figura da fragilidade, & da fraqueza, lhe tirou a vida. Nasce em fim para trabalhar o nobre, & o plebèo, ou plebèa, ou nobremente; & em se furtando a natureza a esta pensaõ do peccado, logo os ocios a entregaõ à mayor servidaõ, que he o jugo do vicio. Ainda Heva no Paraiso naõ havia viciado a natureza com a culpa da desobediencia a Deos, & por isso a naõ ligava ainda a pensaõ do trabalhar; & com tudo isso, porque se pôz hum breve espaço ociosamente a conversar com o demonio, fez encorrer a todo o mundo na escravidaõ da culpa, causa do trabalho do homem, & da

Judith 13. 4.

Gen. 3. per tot.

da maldição da terra: tão grande mal nasceo da primeyra ociosidade do mundo, que não sómente ficou por ella, como em herança, ao homem ser trabalhador toda a vida; mas ainda esta pensaõ da culpa obrigou ao mayor, & ao primeyro homem do mundo a roçar espinhos, & abrolhos, feyto trabalhador vil, & homem de ganhar miseravel aquelle mesmo, que criado para o fim sobrenatural da gloria tivera ao mesmo Deos por Pay, & Amigo, por Palacio o Paraiso, por Imperio o mundo todo, & por vassallos todas as creaturas sublunares; & naõ parando aqui a miseria do homem, quiz Deos mostrarlhe que só elle havia de trabalhar na terra, de que nasceo senhor, & nenhuma outra creatura, salvo arrastada da violencia, ou atrahida pela industria, se sugeytasse ao trabalho para ajudar o homem a soportar a sua pena, & a remediar a sua miseria, & necessidade.

Gen. 3. 18.

Esta foy a pena, que a todos os humanos abrangeo, por não querer o homem trabalhar por servir a Deos, que se servíra a Deos o homem, vivéra sem trabalho; porque o trabalhar por amor de Deos, ou he trabalho fingido, ou fadiga muy alegre, ou cansaço muy amavel. Vòs, Senhor, dizia David a Deos, parece que no preceyto fingis trabalho: mas se o preceyto he jugo da liberdade; se naõ ha mais pezado jugo, que aquelle, em que huma vontade livre naõ ha de parecer vontade, mas sugeyçaõ; como sugeytando-se o alvedrio ao trabalho do preceyto, que he cativeyro, parece fingido o trabalho? Ora se reparardes bem nos preceytos da ley de Deos, vereis, que huns saõ negativos, & mandaõ que naõ façais nada; outros saõ positivos, & mandão, que façais alguma cousa: os que mandaõ, que nada façais, mandaõ, que naõ trabalheis, & no mais penoso trabalho, com que se colhe de fruto o inferno; os que mandaõ, que façais alguma cousa, ou vos mandão amar a Deos, ou ao proximo: se pois o trabalho do preceyto, ou he naõ fazer cousa alguma, ou he servir amando, quem duvida, que ou he fingido o trabalho do preceyto, ou fadiga alegre, ou cansaço amavel? He trabalho fingido, porque he gosto com semblante de trabalho; que como diz Santo Agostinho, o trabalho dos que amaõ, de nenhum modo he pezado, mas antes he deleytoso; como ainda no trabalho dos que andão à caça, & outros semelhantes, mostra a experiencia ao gosto; porque no trabalho que se ama, ou naõ se trabalha, ou o mesmo trabalho se ama. E Saõ Bernardino diz, que aonde ha amor, não ha trabalho, mas gosto, & suavi-

Psalm. 93. 20.

Augustin. tom. 4. lib. un. de bono viduit. cap. 21. in fine, Bern. tom. 1. supr. Cant. Serm. 85. in med.

ſuavidade: & por iſſo he fadiga alegre, que eſtá taõ longe de affligir, que antes coſtuma deleytar. He canſaço amavel, porque agrada; ſenaõ vede o trabalho dos caçadores, & peſcadores. Trabalha o caçador, pois corre montes, & valles, ſerras, & outeyros, paſſando muytas vezes o dia inteyro ſem lembrarſe de comer, nem beber de puro embebido no goſto, com que trabalha, ſendo muytas vezes em vaõ o ſeu trabalho: chama à ſua fadiga, o ſeu divertimento; & nada lhe parece mais aſpero em ſe affeyçoando à caça, que naõ poder andar ſempre neſte ſeu exercicio: ama-o, & por iſſo o naõ ſente, antes o deſeja. Trabalha tambem o peſcador, pois anda por Sol, & por chuvas, por rios, & por mares, por ventos, & por neves, tal vez nù, & deſabrigado às inclemencias do tempo, & ainda aſſim anda tam tranſportado naquelle ſeu doce engano, que a meſma occupaçaõ, que he todo o ſeu trabalho, parece ſer o ſeu mayor alivio. Deſte modo, & muyto mais ſaõ os que trabalhaõ no amor, & por amor de Deos; naõ ſentem o que paſſaõ, antes eſtimaõ o que ſentem, & amaõ o que ſe afadigaõ, & ſó lhes parece aſpero, & rigoroſo o naõ poderem trabalhar mais: taõ ſofrego anda, quem ama a Deos, daquillo, com que ſe affligem outros, que parece ſe naõ farta do ſeu trabalho, & da ſua mortificaçaõ, que aos outros enfaſtia: ſaõ como os hydropicos, que quanta mais agua bebem, mais deſejaõ beber, porque huma lhe faz ſede da outra: ſaõ como as palmas, que quãto mais pezo lhes poem, mais alto ſe levantaõ; & como o fogo, q̃ quanto mais lenha ſe lhe deyta, mayores labaredas ergue: & diſto naſce, que ou a fadiga dos que amaõ he hũ trabalho fingido para ſer merecimento; ou hum goſto com feyção de trabalho para ſer mayor gloria. Por iſſo dizia o Senhor: Vinde para mim todos os que trabalhais, & andais carregados das miſerias do mundo, & achareis deſcanço para voſſas almas, porque o jugo da minha ley he ſuave, & ainda que he pezo, porque he meu, he muy leve.

Matth. 11.28. &c.

Porèm taõ longe andão os homens de querer eſte deſcanço, que ha muy poucos, que queyrão trocar por elle o meſmo trabalho da vida: tudo he trabalhar pela gloria temporal, & bens do mundo, & nada pelos bens do Ceo, & gloria eterna: & por iſſo, ainda que trabalhaõ toda a vida, nada achaõ à hora da morte, mais que affliçoens de haverem de deyxar neceſſariamente o que naõ podem levar de ſeu trabalho; & de naõ terem trabalhado no que lhes podia

dia servir para aquella eterna jornada: & o que peyor he, vendo, q todo o desvelo, & fadiga do seu trabalho foy para a sua perdiçaõ, podendo ser, sendo muyto mais leve, para a sua salvaçaõ. Oh miseravel cegueyra, & ignorancia dos homens! Que seja tido no mundo por ignorante, & cego o que trabalha temporalmente para perderse, & naõ para ganharse! E que havendo tantos cegos, & ignorantes, que todo o seu trabalho empregaõ em perderse eternamente, haja tam poucos, que se conheção para emendarse! oh miseria!

Desenganayvos, ó peccadores, que se trabalhares no serviço de Deos por seu amor, o seu amor vos fará esse trabalho taõ suave, que o tenhais pela mayor gloria, & no fim colhereis por fruto do vosso trabalho os bens eternos: mas se por dar gosto ao demonio, & satisfazer vossos desordenados appetites for o vosso trabalho, naõ só vos será pezado na vida, mas pezadissimo na morte, porque colhereis por fruto delle os eternos males, & a perdiçaõ sem fim. Trabalhemos pois em agradar a Deos, & em não fazer o gosto ao demonio; que este he o trabalho, para que nascemos, como a ave para o voo: *Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum.*

TOQUE XVIII.

Præterit figura hujus mundi.
1. Cor. 7. 31.

CLAMOR XVIII.

Tudo o do mundo he mentira, engano, & vaidade.

Diraõ alguns, que os naõ engana a vida, mas que os naõ desengana o mundo: & eu naõ sey como he isto, porque os mesmos enganos do mundo saõ o seu mayor desengano. O mundo inferior, ou o havemos de cõsiderar quanto à materia, ou quanto à fórma, ou quanto à moralidade, ou quanto a nós mesmos, q tambem somos mundos pequenos. Se consideramos a materia, a primeyra materia do mundo foy a causa mais vil que se póde considerar; & qualquer outra materia tambem he vilissima, porque sempre se sugeyta a qualquer genero de fórmas, q se lhe introduzem, & debayxo dellas, como escrava, variandose os compostos, serve naõ só à mudança, & geraçaõ das cousas, mas à corrupçaõ, & estrago das naturezas: a mesma materia, que servio à fórma de hũa arvore verde, depois a serve em madeyro seco, logo em carvaõ negro, dahi a pouco em cinzas

mortas, & ultimamente em fumos elvaecidos: mostrando ao nosso desengano, que se antes fazia caso della naquella florente vangloria, aprenda tambem a não tella, vendo nos sugeytos de mais dura tanta servidão de mudanças, na mudança de hum só sogeyto, tão vario transito de fórmas, & na representaçaõ das figuras, tantas tragedias da natureza. Se consideramos a fórma desta maquina terrena, veremos, que tambem nos desengana quantas vezes nos enganamos com a sua mesma figura: o mundo material, quanto às apparencias todos os annos nasce, & todos os annos morre: cumpre a sua idade dentro de cada hum anno, pois lhe vemos a meninice na Primavera. a mocidade no Estio, a madura idade no Outono, & a velhice no Inverno: tem nos principios suas verduras, & seus vicios, no augmento seus excessos, & ardores, nos estados suas madurezas, & na declinaçaõ seus achaques, com que se debilita, & cahe de maduro. Ver como se vestem os campos, como os mares se espraya õ, como os ares se alegraõ naquella estação aprazivel de sua primeyra idade, certo que he muyto para ver; parece, que querem remediar ao natural a vida dos que começaõ seu mundo, ou córarlhes ao menos a disculpa, de que assim comecem a vida: mas ver, como no Estio se abrazaõ, como no Outono se carregaõ, & como no Inverno se melancolizão, he grande reparo da consideração, que os vio em breve tempo tão outros, & differentes.

Achaca finalmente a terra, & enche-se de abrolhos, & espinhos; adoece o mar, & incha-se com ondas, & escumas; recahe o ar, & sangra-se em chuvas, & nevoas; desmaya-se o fogo, & cahe em rayos, & coriscos: & indo adiante a enfermidade, a terra treme, os mares gemem, o vento chora, & o fogo arde: o fogo, sendo febre dos ares, o ar, sendo tresvalio do fogo, o mar, sendo colica da terra, a terra, sendo quartãa dos mares: de que procede, que o fogo em latidos ardentes, o ar em vágados escuros, o mar em roncos temerosos, & a terra em tremores horrendos, confundindo-se huns com os outros, perecem quanto às apparencias, pois o fogo se consome, & não dura, o ar se trespassa, & não córa, o mar se espedaça, & não cessa, & a terra se mirrha, & não cria. De tal sorte se troca, & se muda a superficie mais fermosa de sua efemeral, & diaria figura, que a pouca violencia dos mezes, que inclue o circulo de hum anno, o que era, já não he; o que he, parece q̃ não foy; & o que ha de ser, ainda não apparece; pois desping-

pindo-se os elementos da sua mais alegre pompa, arrastaõ por montes, & nuvens o capuz escuro das sombras, servindolhe de tochas tristes o mesmo lume dos relampagos, as ondas de eças, os outeyros, de tumulos, os campos, de cemeterio, as pedras, de caveyras, os ramos, de ossos, os troncos, de cadaveres. Se pois com tam varias feyçoens passa a figura deste mundo; se deste mũdo material a figura desapparece a cada momento, que passa; como deste mundo moral, cuja fórma passa mais depressa, vos naõ passa da imaginaçaõ, o que como imaginaçaõ se passa, o que como sonho se goza, & o que como comedia dura?

Quanto à fórma deste mundo moral, veja-se a perpetua variedade de figuras: considere-se quanto durou nas Respublicas hũa fórma de regimento, quanto persistio nas familias hũ modo de governo, quanto permaneceo nas pessoas hũa maneyra de costumes, & quanto durou nos trajes huma fórma de vestir; verá, que desde a origem do mundo foy em todas tanta a variedade, quanta no espelho das historias o mostra o discurso do tempo, & como aos olhos da experiencia o inculca o desengano: verá, que tudo se mudou, pouco de bem em melhor, & quasi tudo de mal em peyor, & de peyor em pessimo. As mais das familias podendo caber nas suas casas, as quizeraõ fazer Palacios; as mais das Respublicas podendolhes bastar o seu regimento, se quizeraõ fazer Monarquias: quizeraõ as pessoas mais fortuna, & deytáraõ-se a rodar; quizeraõ as pessoas mais casa, & expuzeraõ-se a cahir; quizeraõ as Respublicas mais imperio, & deytáraõ-se a perder: deytáraõ-se a perder as Respublicas, porque o imperio naõ sofre companheyros; expuzeraõ-se a cahir as familias, porque os Palacios tem muytos altos, & bayxos; deytàraõ-se a rodar as pessoas, porque na roda da fortuna ha muytas viravoltas: & como em cada hũa destas se póde virar a fortuna; como em cada hum dos altos, & bayxos se póde cahir do Palacio; como em cada hum dos imperios se perde a fórma das Respublicas, mudado o governo, a Republica se perde, cahindo do Palacio, a familia descahe, virando-se a fortuna, a pessoa se vira. Donde se deyxa ver, que nem a Republica he o que parece, nem a familia, o que se cuida, nem a pessoa o que representa: porque hum virado, outra figura faz; hum cahido, diversa fórma tem; & hum perdido, outro parecer toma.

Eis-aqui como tudo he mentira, pois vendo-se naõ se olha; eis-aqui como tudo he engano, pois se ama, & naõ se sabe; eis-aqui

como tudo he vaidade, pois se busca, & naõ se conhece: & por isso toda vestida de tramoyas sahe a figura deste mundo a representar de passagem seu papel: a cavillaçaõ a acompanha, a ostentaçaõ a serve, a arrogancia a busca, a cegueyra a olha, a lisonja a gaba, a ignorancia a corteja: vendo-se assistida deste cortejo, diz quanto sonha, córa quãto diz, & finge quanto quer; sabendo, que ha de sustentarlhe tudo a valentia, que por ella se mata, o desatino, q̃ por ella se morre, & ainda aquella razaõ de estado, que por ella endoudece. Faz em fim a sua comedia com mayor fausto de representaçoens, que de realidades: deytalhe a vangloria a loa, dalhe musica a sensualidade, tocalhe a fama as charamelas, fazlhe a liviandade os bayles, a fortuna os entremezes, & a malicia os enredos: servelhe o engano de galante, o entendimento de bobo, de ayas as adulaçoens, & fazem os demais papeis todos os vicios, & torpezas, que encerra a maquina enganosa da cega perdiçaõ do mundo: & por isso aos mais dos homens mete em cabeça, que naõ ha mais nada, que a grandeza de seus estados, & fortunas de seus deleytes, & vaidades: & tudo bem considerado, he lume de palhas, barcos de papel, castellos de vento, que o ar, que os fez, os desvanece, que a agua, em q̃ andaõ, os trespassa, & a luz, que cevaõ, as consome: sendo tudo hum descuido d'alma, para ser cuidado da vista. Mas que ha de ser, senaõ isto? Se aquelle parecer ayroso da mentira, que nos arrasta pelos olhos a liberdade, tem hum caraõ taõ fino, huma feyçaõ taõ boa, hum geyto taõ amavel, hum imperio taõ doce, huma força taõ suave, que perdida a mesma razaõ pelo seu engano, naõ só no lo mete em cabeça, mas em cima disto quer, que para o metermos n'alma lhe façamos o passadiço pelo meyo do coraçaõ.

O' mortaes, que outra cousa he o mundo, senaõ huma pintura de Paizes, que o melhor que tem, saõ os longes? Estar moyto longe delle, he a melhor cousa do mundo: porèm vòs o vedes taõ mal, que vos namorais do peyor, pois lhe gabais os pertos; pondes-vos perto delle, & deitaisvos a longe, porque vos pondes longe de Deos: deyxais a substancia, & buscais a figura, sendo taõ fraca figura, que a derruba qualquer sombra: & como andais taõ apartados daquella immensa fermosura, de quem he sombra o Ceo, & a terra, parecevos que naõ ha mais que ver, nem mais que desejar: oh se tivereis olhos para ver isto, como os tendes para cegar por isso, que depressa enxergarieis, que

que naõ ſó a figura deſte mundo he tudo mentira, engano, & vaidade; mas que tambem vòs meſmos, que ſois mundos pequenos, ſois ſemelhantes a elle! E para que vejais iſto claramente, entrará a voſſa figura a fazer tambem o ſeu papel; que a do mundo paſſa, & dá lugar para iſſo: *Præterit figura hujus mundi.*

TOQUE XIX.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miſeriis: qui quaſi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra, & nunquam in eodem ſtatu permanet. Job 14. 1.

CLAMOR XIX.

Trata-ſe da multidaõ de miſerias, que fazem a natureza humana viliſſima.

O Homem naſcido da fragilidade (dizia o Santo Job) vivendo breve tempo, ſe enche de muytas miſerias: como flor naſce, & como flor ſe murcha: como ſombra apparece, & deſapparece como ſombra: quer ſempre ſer o meſmo, & nunca permanece em hum meſmo eſtado: gera-ſe em podridaõ, naſce em peccado, vive em miſeria, morre em anguſtia; deſde o começar ao naſcer, deſde o naſcer ao acabar, tudo ſaõ miſerias na vida, tudo mudanças no homem: tudo ſaõ miſerias na vida; porque o ventre he trevas, o berço, pranto, a meninice, ignorancia, a mocidade, cegueyra, & engano, a adoleſcencia, vicio, a madura idade, ambiçaõ, & a velhice enfermidade: tudo ſaõ mudanças no homem, porque hoje moço, à manhãa velho, agora triſte, & depois alegre, hum tempo ſaõ, outro doente, hum dia irado, outro ſofrido, já ditoſo, já diſgraçado, ora peccador, ora arrependido, nunca pára no meſmo eſtado; couſa de tantas mudanças, figura de tantas fórmas, todo o mundo a naõ tem: & ſobre tudo iſto, ſe empregou mal o tempo da vida, tem morte para cada hora, juizo final para logo, mundo para nunca mais, & inferno para todo ſempre.

He gerado o homem em podridaõ; para que deſde as mantilhas, em que o envolve o ventre, aprenda a ſer hum deſprezo de ſi meſmo, hum deſengano dos outros, & hum diſſabor de tudo o que eſtima a vãa profanidade; porque ſe o melhor extremo da vida he hum aſco da conſideraçaõ, & hũ nojo da natureza; que ſerá aquelle extremo ultimo deſta vivente corrupçaõ, que ſe reſolve em cinzas mortas, em mortaes fedores, & em guſanos vivos? Se

pois assim começaõ os de melhor geraçaõ, se o Grande, o Principe, o Monarca naõ tem melhores principios, que estes; & estes saõ a materia, & fundamento de todo o ser humano; quem he taõ nescio no mundo, que faça caso de hũa vida, cujos principios saõ desenganos de conservarse, pois saõ começos de corromperse? & ainda mais, pois saõ hũa corrupçaõ consummada? A vida dos racionaes havia de ser como a flor: a flor em quanto vive donde nasce, parece que naõ tira o sentido do seu principio; se para o ar mostra a caduca pompa da sua fragilidade verde, entre todas as presumpçoens de sua gentileza vãa naõ larga a apprehensaõ do seu nascimento, & nisso consiste toda a sua conservaçaõ; porque quem a aparta da terra donde está enterrada, está taõ longe de lhe fazer beneficio, que antes lhe diminue a duraçaõ, desdouralhe a gentileza, & tiralhe totalmente a vida. Oh se os homens naõ tiráraõ os olhos da origem de seu nascimento, que facilmente, com a graça de Deos, florecèraõ em santidade! mas como cortaõ as raizes da humildade com o cutello da soberba, he força, que toda a flor da virtude naõ só se murche, se desdoure, & naõ dure, mas que totalmente pereça.

Nasce em peccado o homem, para que vendo-se escravo da culpa, abata a roda vãa daquella soberba, que lhe fingio jurisdiçaõ sobre as outras creaturas; & saiba, que nasce cativo, & sugeyto a huma cousa taõ vil, como he o peccado, que naõ he creatura de Deos, senaõ feytura dos homens; & daqui se levantem a considerar os mayores homens do mundo, que para ter dominio justo sobre os outros, devem entregarse primeyro ao senhorio, & imperio da razaõ; & resgatarse pela graça de todas as outras escravidoens, em que os meteo o vicio, depois que o uso da razaõ, devendo amanhecerlhe com a luz do Ceo, se quiz ficar às escuras com a sombra da terra.

Vive em miseria o homem, porque nada tem no discurso da vida, por mais feliz, que seja, senaõ huma continua miseria, ou huma necessidade continua: o que se julga bizarria, o que parece deleyte, & o que se estima por felicidade, saõ tudo grandes miserias da vida, & grandes necessidades do homem. Para sustentar a vida he necessario ao homem comer, beber, vestir, calçar, dormir, & negocear; temse por regalo o comer, por bizarria o vestir, por deleyte o dormir, & por felicidade o negocear; & todas estas cousas saõ necessidades da vida, q̃ naõ póde passar sem isto; & saõ mi-

serias

ſerias tambem, porque miſeravel he, quem tem tantas neceſſidades: & a mayor miſeria he ſobre todas, que chegue a ignorancia humana a ter por felicidades eſtas meſmas miſerias; pois ſe naõ tem por ditoſo no mundo, mais que aquelles homens, que tem bem que comer, que ſabem veſtir bem, & que podem mais dormir, & ſabem mais negocear: ſaõ todos eſtes bens miſerias, & neceſſidades, pois vemos que a natureza faminta, ſequioſa, nùa, affligida, & trabalhada pede ao homem, como por eſmola, o ſuſtento, o veſtido, o ſono, & a providencia, com que ſe tem cuidado della: & eſta he a cauſa, porque os Santos, & contemplativos tomavaõ com pena o que lhe era neceſſario, & deſejavaõ ſuſtentarſe de Deos, veſtirſe de Chriſto, ſonhar com Deos, & negocear ſó com Chriſto crucificado, para cuja gloria naſcemos; tendo por vil emprego, & exercicio miſeravel o mayor regalo, com que ſe come, & bebe; por vaidade indigna de homem a pompa, com que ſe veſte, & calça; & por tempo perdido o que ſe dorme, & negocea no mundo: & com grande razaõ; porque o comer foy occaſiaõ do peccado, o veſtir foy inſignia da penitencia, o dormir he figura da morte, & o negocear foy caſtigo da culpa: & naõ póde haver mayor miſeria, que chegar o eſquecimento, & vaidade humana a fazer negocio do caſtigo da culpa, deleyte, da figura da morte, oſtentaçaõ, & gala, do ſambenito da culpa, regalo, & goſto, da occaſiaõ do peccado. Devia o comer, & o beber ſer ſómente para o ſuſtento, & naõ para o regalo; devia ſer o veſtir, & o calçar para cubrirnos, & naõ para enfeytarnos; devia ſer o dormir para o deſcanço, & naõ para o deleyte; & o negocear devia ſer para o neceſſario, & naõ para o ſuperfluo: devia ſer menos o negocear, porque ſe he mais do que baſta para paſſar a vida, paſſa a ſer ambiçaõ, & naõ providencia: devia ſer menos o dormir, porque ſendo demaſiado, he vicio, & naõ neceſſidade: devia ſer outro o veſtir, porque ſendo como ſe uſa he vaidade, & naõ modeſtia: devia ſer menos o comer, & beber, porque ſendo mais do neceſſario, he gula, & naõ temperança; ſe o comer he muyto, & exquiſito, naõ ſó he eſtrago das virtudes, mas tambem da vida; ſe o veſtir he vaõ, naõ ſó he queyxa do coſtume, mas da natureza; ſe o dormir he demaſiado, naõ ſó he nocivo à ſalvaçaõ, mas à ſaude; ſe o negocear he ſuperfluo, naõ ſó he arriſcado para a conciencia, mas para a peſſoa: eisaqui como tudo he miſeria, & digno de laſtima, & neſta miſeria

ſeria vive o homem ainda aſſim, taõ eſquecido da eterna vida, como ſe vivèra já bemaventurado: certo, que he miſeravel eſpectaculo para a viſta da razaõ, ver que o homem criado para o fim ſobrenatural da gloria, anda arraſtando o ventre pela terra, ſendolhe neceſſario parecerſe com os brutos no alimento da natureza; naſcer mais nù, & pobre q̃ os brutos, a quem a natureza naturalmente naõ ſó veſtio, mas armou; parecerſe no ſono com a morte, & no negocear, ou com aquellas aves de rapina, ou com aquelles animaes agreſtes, que cruelmente apartados da ſociedade da razaõ vivem da deſtruiçaõ de outros; porèm a mayor miſeria de todas, he chegar a tal eſtado a ignorancia humana, & o eſquecimento, que deſtas meſmas miſerias, em que parecemos menos ditoſos de quem teve mayor cuidado a providencia, façaõ os homens a ſua mayor, & ultima felicidade.

Alèm diſto, todos os bens, que podem haverſe neſta miſeravel vida, ou ſaõ da graça, ou da natureza, ou da fortuna: os da fortuna ſaõ a honra, a ventura, as riquezas, & as dignidades, os da natureza ſaõ o entendimento, a valentia, a ſaude, & a gentileza: os da graça ſaõ Fé, Eſperança, & Amor de Deos, & do proximo: ſe conſiderarmos os bens da fortuna, vèremos, que todos elles tem a miſeria de depender da vontade, ou juizo de outrem; ſe reparamos nos bens da natureza, veremos, que tem a miſeria de perigar em ſi proprios; ſe contemplarmos nos bens da graça, veremos que tem a neceſſidade, de que Deos nos conſerve nelles: de que ſe ſegue, que os bens da natureza, & fortuna ſaõ huma pura miſeria; mas com huma grande dita, que he valerem pouco mais de nada, & fazerſe muyto caſo delles; & os bens da graça ſaõ ſó verdadeyros bens, mas com huma grande diſgraça, que quem os póde ter, naõ quer, quem os quer, preſume que naõ póde, & quem preſume que os tem, às vezes ſe engana: por iſſo tambem nas incertezas dos bens da graça, ſe ſe gozaõ ſem humildade, ſe padece a mayor de todas as miſerias; porq̃ cahir dos bens da fortuna, miſeria he para o mundo, mas às vezes he caminho para o Ceo: deſcahir dos bens da natureza, miſeria he para a vida, mas quaſi ſempre he meyo para a ſalvaçaõ; porèm perder os bens da graça he a mayor de todas as miſerias, que póde padecer o homem, pois de amigo de Deos ſe torna ſeu inimigo: de filho de bençaõ, filho da maldiçaõ: de Anjo por graça, demonio pela culpa: & de herdeyro da Gloria, condenado ao inferno.

De

Demais disto, todos os males, que póde haver no mundo, ou saõ tambem da culpa, ou da fortuna, ou da natureza; & todos estes juntos póde padecer hum só homem, & cada qual os póde ter; porque aos da natureza estamos sugeytos por natureza, aos da fortuna por disgraça, aos da culpa por nossa culpa, & por nossa vontade: os males da natureza saõ tribulaçoens do animo, fomes, sedes, calmas, frios, desabrigos, & enfermidades; os da fortuna saõ voltas de Estrellas, quedas da ventura, desdouros do credito, riscos da pessoa, desprezos do mundo, & pobrezas da vida; os da culpa saõ quaesquer peccados, & naõ quaesquer castigos, ou eternos, ou temporaes; pois naõ tem a culpa outro bem, que ter castigo, ou neste mundo, ou no outro. Eis-aqui as miserias, a que estaõ sugeytos os homens; & tudo isto podem padecer os mayores homens do mundo, naõ só nas declinaçoens da morte, mas ainda nos estados da vida, & nos aumentos da fortuna: taes saõ as miserias do homem, q̃ parece hum só homem, hum mundo inteyro de miserias.

Finalmente morre o homem em angustia, porque o cercaõ de toda a parte na hora da morte todas as miserias, que teve, todos os peccados, que fez, todos os males, que teme, & todas as cousas que vè: a vida o deyxa despedindo-se em hum suspiro, a morte o assalta a cada respiraçaõ tocandolhe a degollar, o Ceo o atemoriza negandolhe a luz do dia, o ar o affoga tomandolhe a respiraçaõ, a terra o quer comer abrindolhe a sepultura, o inferno o quer tragar metendo-o nas entranhas; & sobre tudo isto, Deos irado, & naõ misericordioso, & o demonio accusador, naõ amigo, os Anjos testimunhas, mais q̃ advogados, os Santos expectadores, mais que padrinhos, fazem hũa dissonancia triste, que he outro genero de morte mais temeroso, & mais horrendo. Morre em fim miseravelmente o homem, & se dalli naõ foy condenado para os carceres do abismo, ainda tem castigo no Purgatorio; se foy condenado, nenhum remedio tem, vay padecer para sempre fogo perduravel, penas eternas, confusaõ infinita, & eternidades escuras de pranto, tormento, & desesperaçaõ: mas que muyto he, q̃ assim succeda, se cada hum dos homens do mundo parece hum mundo de maldades?

Compoemse o mundo de quatro elementos, que saõ ar, fogo, agua, & terra; & estes de quatro qualidades, seco, quente, frio, & humido; de que tambem se compoem o homem nos quatro humores, de que cõsta a sua porçaõ inferior: corresponde

ponde a colera ao fogo no quente, & ſeco; accommoda-ſe o ar ao ſangue no quente, & humido; reduz-ſe a agua à fleima no humido, & frio; conforma-ſe com a terra a melancolia no frio, & humido; porèm com huma differença, que naõ contentes os homens com imitar eſtes mixtos na natureza para ſua conſervaçaõ, querem moralmente multiplicarlhe as entidades para ſua ruina: porque no fogo da concupiſcencia tem o ardente da ira, & o ſeco da obſtinaçaõ; no ar de ſuas vaidades tem o calido da ſenſualidade, & o humido da laſcivia; no mar de ſuas ambiçóes tem tambem o humido da gula, & o frio do amor do proximo; na terra de ſua malicia tem o ſeco da ſua avareza, & o frio no amor de Deos: de que procede, que inflãmandoſelhes a colera em rayos, & coriſcos de ira, & em cometas de obſtinaçaõ; apodrecendolhes o ſangue em calor de ſenſualidades, & em chuveyros de laſcivias; gaſtando a fleima o bom humor em tempeſtades de gula, & em friezas de proximidade; cerrandoſelhes a melancolia em eſterilidades de avarezas, & em ſequidoens de amor de Deos, o fogo os vem a conſumir com ſecuras de coraçaõ, o ar lhes quer beber o ſangue com cerraçoens de eſpirito, o mar ſe altera contra elles em tormentas do corpo, & a terra lhe foge dos pès com terremotos d'alma: já ſe o ſangue ſó lhes fervèra na primavera da vida; ſe a colera ſe lhes acendèra no eſtio da mocidade; ſe dominára ſó a fleima no outono da madura idade; & ſe reynára a melancolia ſó no inverno da velhice; diſſeramos, que neſte mundo breve ſe dava ao tempo, o que he do tempo; mas confundir os annos verdes com a idade madura, miſturar os uſos de moço cõ os tempos de velho, o frio com o quente, o ſeco com o humido, que ha de cauſar, & produzir, ſenaõ hũa prenhez de monſtruoſidades, hum embriaõ de quimeras, hum aborto de perverſidades, & hum aborto de abominaçoens? Querendo cada hum ter em ſi meſmo tudo, quanto tem o mundo, quando naõ póde ter o proprio, quer ter as propriedades: naõ ha ſoberba nos montes, altiveza nas nuvens, preſteza nos rayos, profundidade nos pègos, correnteza nos rios, murmuraçaõ nos regatos, de que ſe naõ viſtaõ ſeus animos cavilloſos: menos folhas tem as arvores, menos variedades as flores, menos dureza as pedras, menos ruido os ventos, menos braveza as ondas, que a vaidade, & preſumpçaõ de cada qual dos homens: poucos foraõ em fim os numeros, & os effeytos das creaturas, ſe houveramos de nu-

numerar os vicios da miseravel vida humana; por isso naõ ha mal na terra, reboliço no mar, batalha nos ventos, & desconcerto no fogo, que não seja castigo, ou retrato breve, ainda que natural, da guerra viva, em que anda o homem dentro de si mesmo.

O' mortaes, quereis saber isto melhor? olhay para vòs, & para o mundo, & vereis que de mundos de homens, que multidoens destes mundos se tem ido para os infernos, por não cuidar mais que no mundo? Tratais de vòs, & não de Deos, como se o não houvera? Tratais da vida, & naõ da morte, como se nunca se vira? Tratais do gosto, & não da salvaçaõ, como se não importára? Pois em que póde isto parar, senaõ, em que vendo Deos confundida a ordem natural das cousas, & toda a carne corrompida, naõ só mande sobre cada hum destes mundos hum diluvio de agua, que vos apague na morte tantas sensuaes labaredas; mas hum diluvio de fogo, que nesta miseravel tragedia vos converta em pó, & cinza, & vos sepulte nos infernos? & entaõ conhecereis, que o homem he huma fraca figura, filho da fragilidade, compendio da brevidade, cifra de muytas miserias, symbolo da inconstancia, & negaçaõ da permanencia: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseriis: qui quasi, &c.*

TOQUE XX.

Homo, cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis. Psalm. 48. 13.

CLAMOR XX.

Mostra-se, que cousa saõ as honras do mundo, & quanto caso se ha de fazer dellas.

A Honra, que entre os homens tem o primeyro lugar, & o mayor imperio na sua estimaçaõ, naõ sey, que traz comsigo, que nos deyta a perder o entendimento. Tanto que o homem se vio com honra, (diz David) perdeo o entendimento, & tornou-se bruto: perdeo o entendimento, porque naõ entendeo, que cousa era honra, nem soube distingoir as honras da virtude, das honras da vaidade: o que os mundanos chamão honra, chamaõ os espirituaes vaidade: trabalhaõ os mundanos por esta vaidade, naõ só consumindo a fazenda, mas arriscando a vida, perdendo a quietaçaõ, destruindo a paz, inquietando terras, atravessando mares, & sobre tudo desprezando a salvaçaõ.

As

As virtudes, ou saõ moraes, ou sobrenaturaes; as vaidades sempre saõ mundanas, & peccaminosas: as virtudes sobrenaturaes saõ verdadeyras honras, porque nos fazem ser filhos de Deos por graça, que he a honra, com que nos coroa Deos na gloria. As virtudes moraes, tambem saõ honra de quem as tem, porque Deos favoreceo sempre as virtudes moraes, atè em aquellles, a quem faltou a Fé, como se vio no Imperio Romano. As vaidades naõ podem ser honras mais que de outras vaidades; como huns erros de outros erros, que saõ menores; & como huns idolos de outros idolos, que tenhaõ preferencia quanto ao nome, & ao lugar, que lhes dava a gentilidade: & como naõ ha vaidade, que naõ seja offensa de Deos, fazer honras às offensas de Deos, he adorar as offensas, & naõ fazer caso de Deos. Porèm como nesta vida se honraõ as vaidades, & se honraõ as virtudes, & nisto se comprehende tudo, bem se segue, que todas as honras, que ha nesta vida, ou saõ honras da virtude, ou da vaidade.

As honras da virtude saõ como as miserias, que então saõ mayores, quando se fazem mais bayxas: saõ como as nuvens, que descem ao mar, abatemse, & fazemse muyto pequeninas, & alli donde mais se abatèraõ, começão a crecer tanto, & a subir de maneyra, que depois de encher a terra de beneficios, enchem o Ceo de grandeza. As honras da vaidade saõ como figuras de maquina, que tanto se fazem mais pequenas, quanto se poem mais altas: saõ da natureza das nuvens, que correm pelo ar, que ainda que pareção grande cousa, dalhes o ar, levа-as o vento, & mete-as debayxo da terra. Sede mortaes, quam honrados quizeres; pondevos na mayor altura, que vos podem dar essas honras vans, que entaõ menos haveis de parecer aos olhos de Deos, & mais tereis para cahir: *Alta à longe cognoscit*; & por fim de contas ainda que cubrais o Ceo, & enchais a regiaõ dos ares com vossas grandezas vans, & fantasticas pompas, darvosha o vento da morte, & não só vos meterá debayxo dos orizõtes da terra, mas dentro da sepultura: olhay para aquelles homens justos, q̃ andárão toda a sua vida desestimando as honras do mundo, metendo debayxo dos pès as suas vaidades, mais ambiciosos do desprezo, q́ vòs das honras; & vereis as q́ o Ceo, & a terra lhes deo por isso, atè quando, metendo-os a morte debayxo da terra, os reduzio a poucas cinzas: & a razaõ disto he; que as honras da virtude, quando levantaõ o seu edi-

Psalm. 137. 6.

edificio, poem o fundamento na humildade, de quem Christo foy Mestre; as honras da vaidade fazem seu alicerce na soberba, de quem Lucifer foy o architecto: funda-se a soberba no ar, & por isso cahe; funda-se a humildade na terra, & por isso se assegura: esta metendo-se por bayxo da terra se livra, de que o vento lhe faça mal; aquella levantando-se sobre as nuvens, por ser fabrica às avessas, he ruina às direytas: desce a virtude pela humildade, & esta he a escada perque sóbe; a vaidade pela soberba, & este he o precipicio perque cahe.

Desceo o Senhor do Ceo, quãdo encarnou nas entranhas da Virgem Santissima, como canta a Igreja: *Descendit de Cælis*; & isto mesmo (segundo entendem os Santos Padres) disse Isaías, que era subir o Senhor sobre as nuvens. Christo, quando desceo, humilhou-se, como diz S. Paulo, & por isso subio: nisto nos quiz ensinar a humildade, & o desprezo das honras do mundo. Naõ assim Lucifer, a quem Isaías admirado exclamava dizendo: Como cahiste Lucifer, que foste Estrella da manhãa? E a causa da queda foy; porque Lucifer quiz soberbamente subir, & pôr os pès sobre as Estrellas, porse com Deos em pontos de honra, & hombro a hombro com o Altissimo; de que se seguio, que como rayo, ou corisco disparado das nuvens desceo ao centro dos infernos, donde he feyo assombro das trevas aquelle mesmo, que tinha sido pouco antes a mayor belleza das luzes: sonhou-se em grandes alturas, foyselhe o lume dos olhos, & esvaeceoselhe a vista d'alma, que he o entendimento, & isto que já era vágado da sua vaidade, pois o desvanecia, quiz que fossem fumos da sua vangloria, pois o endeosavaõ: perdeo em fim a honra, & feyto semelhante aos brutos, se antes se deleytava em nectares, depois se alimentava de immundicias.

Isai. 19. 1.

Ap Philip. 2. 8.

Isai. 14. 13.

Assim cahio Lucifer do Ceo, assim Adam do Paraiso: este por querer ser Deos na terra, aquelle por querer ser semelhante a Deos; & em fim, por querer hũ, & outro as honras da divindade. Tanto desde o principio do mũdo foy a sua perdiçaõ o desejo da honra, que logo, que elle começou, se começou a perder por isso; mas como os homens amigos da honra vãa, & profana perdem o entendimento por ganhar honra, não entendem o perigo do seu engano, naõ vem a perdiçaõ do seu desejo, nem ouvem os brados, que lhes dá a razaõ, & desengano desde o berço do mundo: dizlhe a razaõ, que olhem como Lucifer parou em demonio, & Adam em vil trabalhador, & homem de ganhar mise-

Thren. 4. 5.

Genes. 3. 18.

miseravel, & que em fim, naõ bastando isto, comeo as hervas do campo, como qualquer bruto da terra; mas naõ fazendo caso disto os homens, imitaõ a vaidade, & a ignorancia, com que hũ, & outro se pretendèraõ endeosar, & nenhum olha para o fim, que isto veyo a ter, todos olhaõ o brio do atrevimento, & a resoluçaõ da ignorancia: o successo poucos, raros o castigo, & a culpa nenhuns: todos se casaõ com esta culpa, porque tem para si, que naõ póde haver no mundo cousa mais fidalga, pois taõ estirada qualidade, que procede do primeyro homem do mundo; taõ authorizado exemplo, que se achou em hum Serafim; solar taõ conhecido, como as montanhas do Paraiso, & brazoens naõ menos antigos, que as Estrellas do Ceo; & daqui nasce, que como os homens por amor da honra perdem o amor de Deos, perdem o juizo, & fazemse brutos; porque assim como os brutos naõ olhaõ mais que para a terra, elles não poem os olhos em outra cousa: o Ceo esquece, Deos naõ lembra, & o mundo só anda nas pèlas, & nas palmas da vaidade, & nos olhos da estimaçaõ. Fazemse tambem brutos; porque assim como quem os busca he só para os carregar, & servirse delles: assim tambem quem busca os homens de grandes cargos, & grandes honras, he para carregallos, servirse delles: carrega o peão o nobre, quãdo lhe encarrega algũa cousa, o nobre carrega ao fidalgo, o fidalgo ao ministro, & o ministro ao Rey; & tanto saõ mayores as cargas, quanto saõ os cargos mayores, porque saõ mais os que carregaõ, & mais o q̃ se encarrega; & tudo isto parece de rosas aos q̃ pela hóra se fazem brutos, naõ dormindo noyte, nem dia, naõ aquietando hora, nem ponto por dar boa conta de si, tal vez, no q̃ he menos serviço de Deos, & mais ostentaçaõ da vaidade, dourando-se tudo com aquella vangloria de ser grande pessoa, homem para muyto, & merecedor de que o honrem todos.

Homens nescios, naõ vedes quam pouca cousa saõ as honras, que vos faz o mundo? Se dependeis de qualquer homem para q̃ vos estime, de qualquer juizo para que vos louve, de qualquer conveniencia para que vos adule, adonde está essa honra, que haveis de ter na virtude, & naõ na vaidade? Se vireis bem como o mundo vos trata, conhecereis, que hum vos bendiz, & outro vos praguеja; que se aqui vos deytaõ bençaõs, alli vos amaldiçoão. E conhecereis finalmente, que todo esse vosso credito desvanecido, he hum feytio da conveniencia, que vos ha mister, huma traça da necessidade, que vos faz trabalhar, & huma

cor, com que vos enfeyta a servidaõ quem de vòs se quer servir: viray as guardas a essa razaõ de estado, donde nunca houve estado da razaõ, & sabereis facilmente, que esse vosso engano taõ estimado, naõ he mais, que hũa viraçaõ suave, que corre da vangloria para a ignorancia; & huma aura popular, que entra pela ignorancia para o desatino, & se sahe, he só do conhecimento para o desengano.

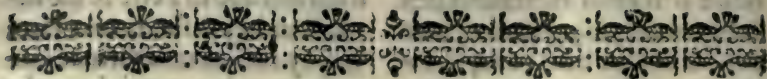
Saõ as honras da vaidade huma bençaõ do tempo, que se vay voando; huns tresvalios da fama, que anda douda pelo mundo; hũas maravilhas do engano, que nos teve por outros; huns abraços da ventura, q́ nos levanta os pès do chaõ; hũa cortesia dos fados, que nos fizeraõ mercè; & huma graça das Estrellas, que para nós se viraõ: & nem se deve estimar huma bençaõ, que naõ he de Deos; nem huns gabos da fama, que falla por cem bocas; nem humas maravilhas do engano, que naõ saõ as mayores do mundo; nem huns abraços da ventura, que nos póde dar cambapè; nem huma cortesia dos fados, porque tem dous rostos; nem huma graça das Estrellas, porque estaõ zombando. Rimse para nòs as Estrellas, para se rirem de nòs; fazemnos cortesia os fados, para nos rasgarem a cortesia; levantanos a ventura do chaõ, para dar comnosco em terra; mostranos o engano maravilhado, para que façamos por elle maravilhas; endoudece a fama por nòs, para que sejamos doudos por ella; abençoanos em fim o tempo, para que a eternidade nos deyte a maldiçaõ. Se pois todas as honras, que gozais, taõ longe estaõ de serem vossas, que ou saõ fruta do tempo, ou grito da fama, ou visagens do engano, ou invençaõ dos fados, ou geyto da ventura, ou força das Estrellas; que caso se póde fazer de hum tempo, que naõ he proprio, ainda que pareça correyo? de huma fama, que he, aqui d'ElRey, ainda que pareça, victor? de hum engano, que sempre he parvo, ainda que calle de passmado? de hũa ventura, que faz acintes, ainda que vos diga amores? de huns fados, que tem avesso, ainda que vos dem direyto? & de humas Estrellas, que haõ de cahir, tanto que houver juizo? Mas, oh miseria! que vendo os homens cada dia como as Estrellas erraõ, como os fados viraõ, como os tempos se mudaõ, como as venturas rodaõ, como a fama se vay, & como os enganos vem, a indà assim façaõ caso de honra de naõ perder por nenhum caso no engano, huns pontos, que saõ mentira; na fama, huns estrondos, que lhes quebraõ a cabeça; nas venturas, hum abraço, que parece despedida;

pedida; nos tempos, hum bom dia, que logo os deyxa às boas noytes; nos fados hũ favor, que se lhes torna em maos pezares; nas Estrellas hum aspecto, que logo lhes faz mao rosto: & tendo em Deos hum Sol da graça, que os allumia, huma providencia amorosa, que os governa, huma eternidade aprazivel, que se lhes offerece, hũa felicidade sem duvidas, que se lhes promette, hũa gloria sem estrondos, que se lhes assegura, & huma verdade sem embuços, que os desengana, nem a verdade presta na sua estimaçaõ; nem a gloria val nada; nem a felicidade luz, nem a eternidade importa, nem a providencia he cousa, nem o Sol he figura, nem o mesmo Deos he pessoa, de que se obrigue, & se affeyçoe esta ancia da vangloria humana!

Mortaes, reparay bem em vòs, & vereis que vos tornais brutos em vos vendo em honras do mundo: deyxais de comer paõ de Anjos, & fazeis extremos por alimento de brutos? Por ganhar honra pondes a risco a vida, que Deos vos deu para ganhardes o Ceo? Naõ tratais de ganhar o Ceo com ella, tratais de naõ perder a occasiaõ da honra, donde o mais certo he perderdes a vida, & juntamente a alma? Se a alma for para os infernos, de que vos aproveytaõ as honras do mundo, o credito do nome, & as posteridades da fama? Se a alma for para o Ceo, que perdestes de vossa honra, se ainda que no mũdo a enxovalhasseis por naõ fazer caso della, Deos vos honrarà mais nos Ceos, & na terra?

Vede, ó mortaes, que se levantaõ com applauso, & vos ganhaõ a verdadeyra honra aquelles homens, que na vossa opiniaõ saõ mais vís, despreziveis, & miseraveis. Desfizeraõ-se em pó, & cinza os muros, torres, & piramides, que foraõ maravilhas do mundo: cahiraõ os Colossos de Rhodes, as Estatuas dos Cesares, dos Pompeos, & dos Alexandres; & a estes mesmos, que estimava o mundo, estima hoje a vaidade por oraculos da vangloria, por exemplares da grandeza, da fama, da honra, & da fortuna; cahindo a morte sobre elles, lhes fez deyxar quanto tiveraõ: lançandolhes as almas no inferno, lhes fez levar sómente o castigo de suas nescias vaidades, sepultando-os eternamente em huma vida, que sempre morre, em hũa morte, que sempre dura; os deyxou finalmente em aquellas chãmas escuras, donde por todas as idades eternas gemeráõ sem alivio, arderáõ sem remedio, & penaráõ sem intervallo. Ao contrario disto vemos, que se levantáraõ do pó da terra, & da beyra do mar huns pobres pescadores, & huns homens desprezíveis, & puzeraõ os pès sobre

ſobre o mundo metendoſelhes debayxo dos pès; dando de maõ a todos os ſeus bens poſtiços, tomáraõ os Ceos às mãos; & ſubindo ao celeſte Reyno, póſtos nos thronos da gloria, ſaõ Principes da eternidade, & hũa meſma couſa com Chriſto: na terra honrados com imagens, templos, & memorias; & no Ceo com honras, & imperios de duraçaõ eterna.

O' mortaes, a todos iguala o pó, & cinza; em chegando o proceſſo da vida a final, quem tem feyto melhores autos, eſſe he o melhor deſpachado. Day pois a gloria a Deos; daylhe a honra, & o louvor; que ſó a elle ſe lhe deve. Zombay deſſas honras vans; buſcay as honras da virtude tanto mais, quanto mais honrados vos fez Deos por naſcimento, as Eſtrellas por ſorte, & a fama por louvor: nada vos tira iſto, do que podeis querer. Se vos diſtinguio o Ceo pelo naſcimento, ou pela fortuna; vede, que vos naõ diſtinguio pela natureza. Se quereis ſer ſabios, diſcretos, & entendidos, amay as verdadeyras honras, que naõ podem acabarſe; porque quem ama as caducas do mundo, he ignorante parecido aos brutos irracionaes, & ſemelhante a elles.

DESPERTADOR CELESTIAL d'alma adormecida na culpa sobre as palavras do Apostolo ad Roman. 13. 11.

Hora est jam nos de somno surgere.

TRATADO III.

STAS palavras de São Paulo são hum despertador divino do descuido, & esquecimento humano; para que aos justos sirva de alento, aos penitentes de estimulo, aos peccadores de acordo, & a todos de memorial para o desengano avivar o animo. Querem dizer: O' tu peccador, que dormes a sono solto no descuido, & esquecimento de Deos, no engano, & vaidade de tua vida, no lethargo, & desacordo de tua culpa, que fazes alma miseravel, que naõ acordas? Em que te occupas, peccador, que ainda naõ despertas? Como vives, alma cega, que ainda te naõ levantas? Que fazes, creatura ingrata a Deos, que ainda te naõ excitas? Como vives taõ esquecida do soberano fim, para que foste creada? do ultimo, & summo bem, para que foste redimida? Acorda, que já he tempo; desperta, que já he hora: já he hora de acordar do sono de nossa culpa; já he tempo de levantar da cama do nosso vicio: tempo he já de aproveytar do juizo; hora he já de entrar a razaõ em seu acordo: abre os olhos, peccador, & poem-nos nesta lamina do teu remedio, nesta luz, que te dá o Ceo para o teu perigo: Deos pendente de hũa Cruz por amor de ti, & tu com teus peccados pondo a Christo em huma Cruz! Haja alguma hora para o arrependimento, naõ se entregue toda a vida ao descuido, & todo o tempo ao engano, pois naõ

naõ sabemos se teremos outra hora para o que mais nos importa, havendo desperdiçado tantas no que nos arruina; & póde ser castigo das muytas, que gastamos na culpa, naõ ter a que nos he necessaria para fazer penitencia: a esta nos excita a trombeta do Ceo, nos chama a voz Divina, & nos convida a misericordia de Deos.

He a vida do peccador semelhante ao sono; & o peccar parece-se com o dormir, por muytas razoens: a primeyra he, porque quem dorme, está como fóra de si, fóra de seu sentido, sem razaõ, sem entendimento, & fóra de seu acordo: assim quem pecca, fóra de si anda; vive como se naõ tivera razaõ, nem juizo, nem entendimento; anda como homem, que está sem acordo algum, & anda fóra de seu sentido. Do Prodigo, figura do peccador, diz a Escritura, que quando se começou a arrepender, que entrou em si: quem entrou em si, parece, que fóra de si estava, & quem está fóra de si, fóra de seu acordo está, & fóra de seu sentido; & tudo isto lhe fez o peccado da luxuria, em que se empregára: por isso, o mesmo he peccar, que andar fóra de seu juizo, sem entendimento, & como fóra de si; & o mesmo he tomar acordo de emendarse, & fazer proposito de levantarse, que ser já homem a proposito, homem que está em seu acordo, & que tornou a seu sentido.

Hug.C. hic.

Luc. 15. 17.

Taõ fóra de seu sentido andaõ os peccadores, em quanto estaõ em peccado, taõ sem juizo vivem, taõ sem razaõ se desempenhaõ, que aquelles desatinos, que haviaõ de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos faz amar. De Salamaõ, que foy o mayor entendimento, que houve em puro homem do mundo, conta a Escritura hum taõ grande desatino, como foy amar os idolos, nos quaes se dava culto, & adorava o demonio, sendo que conhecia a Deos melhor que todos os do seu tempo; & finalmente seguio hum tam grande erro, como foy adorar os idolos, sendo do mundo o mais entendido: conhecer a Deos, & dar cultos ao demonio, he o mayor erro; ter fallado com Deos, ter recebido seus favores, & ir adorar os idolos, he o mayor desatino; & chegou Salamaõ a adorar o seu erro, & a idolatrar o seu desatino; havendo de aborrecer aquella perdiçaõ, poem nella o seu amor; havendo de ter odio ao demonio, poem nelle a sua affeyçaõ, porque depois que ao vicio da luxuria se entregou, ficou taõ desacordado, tanto fóra de si, que aquelles desatinos, q̃ havia de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos fez amar.

3. Reg. 11. 1. &c.

O' peccadores desacordados:

ó mortaes enganados, & pervertidos, entray em vosso acordo, cuiday no que fazeis peccando. Donde está a razaõ, & o juizo, quando huma alma pecca? naõ está fóra de si? Se viramos, que hum homem trocava hum diamante por vidro, perolas por avelans, ouro por chumbo, flores por espinhos, & triagas por venenos, naõ disseramos que estava louco, & fóra de seu sentido? Que diremos pois de quem, peccando, he certo que troca o Ceo pelo inferno, a Deos pelo demonio, o Creador pela creatura, a vida pela morte, o bem eterno pelo caduco? pois he certo, que peccando entrega a sua alma ao demonio, despreza o Ceo, & se condena ao inferno, de filho de Deos se faz escravo do diabo, se risca do livro dos bemaventurados, & se poem no rol dos malditos? Naõ he isto perder o acordo? Servir ao inimigo, que isto he ao demonio; & offender o amigo, que isto he a Deos: fazer a vontade ao contrario, que isso he a Satanás; & desagradar ao Pay, que isso he ao Creador, & Author do mundo; naõ he isto estar fóra de sentido? O' peccador, abre os olhos, entra, como o Prodigo, em ti, naõ adores o desatino, como Salamaõ, erguete de teu peccado, que já he tempo, levantate de teu delito, que já he hora.

Mas oh miseria digna de chorarse com lagrimas de sangue! que fica tal o peccador, tanto que se entrega a peccar, & persevera em delinquir, que por mais, que Deos multiplique os milagres para o desengano, entaõ crescem mais no peccador as cegueyras para o desatino. Leváraõ hũa vez os Filisteos cativa a Arca de Deos, vencendo em hũa batalha aos filhos de Israel, & pondo-a no seu templo do Idolo Dagon junto delle, acháraõ na manhãa do outro dia o Idolo deytado por terra com a cabeça degollada, & decepadas as mãos; que naõ póde parar o demonio aonde Deos está: tomáraõ o idolo, & tornáraõ a collocallo no seu lugar; mas no dia seguinte o acháraõ segunda vez no chaõ descabeçado, & decepado diante da Arca, & a cabeça, & mãos postas na entrada da porta do templo; & começáraõ os açoutes, & flagellos da maõ de Deos a castigar asperamente aquelle povo da Cidade de Azoto: vendo-se elles assim apertados, & o seu idolo feyto hum tronco, disseraõ: Naõ convem, que entre nòs esteja a Arca do Deos de Israel. As repetidas ruinas do idolo, & os açoutes do povo eraõ multiplicados milagres, que Deos fazia para o desengano desta gente; o teymarem em pôr o idolo aonde estava a Arca de Deos, era a mayor cegueyra do desatino; mas como estes

1. Reg. 4. 10. & cap. 5.

estes idolatras amavaõ tanto o seu idolo, & nelle ao demonio, tendo por perfeiçaõ o seu delito, haviaõ de crescer nelles as cegueyras para o desatino, de quererem antes em casa o demonio, que adoravaõ no idolo, do que a Deos, que se venerava na Arca. Oh quantos peccadares ha, que tendo idolos, nelles amaõ o seu peccado, & por consequencia o demonio! por mais que Deos lhes decepe os idolos com a enfermidade, com o castigo; se he idolo da luxuria, com a enfermidade, se he da vingança, com a doença, se he da honra, com a injuria, se das riquezas, com as pedras, por mais que Deos multiplique os prodigios para os desenganar, & se arrependerem, entaõ multiplicão os desatinos para deytarem de si a Deos! Alto, diz hum, fóra Deos desta casa; se o commungar ha de ser causa de eu deytar fóra o demonio, de que fiz idolo, Deos antes fóra de casa, & fique em casa o demonio: se ha de ficar Deos pela confissaõ, & pela restituição, fóra a restituição, & a confissaõ, & fique antes o demonio em casa: se ha de ficar pelo perdão da injuria, da afronta, vá fóra antes Deos, & fique o demonio do odio, do rancor, & da vingança: & donde procede tanta malicia, & tanta cegueyra? Donde? De que puzeraõ os peccadores o amor no idolo; de que idolatraõ o peccado, & por isso aborrecem o remedio, & o deytão pela porta fóra.

Que ha depois de seguirse a esta offensa, que se faz a Deos, acrescentando o desatino, quando Deos convida os peccadores para o desengano? Nenhũa outra cousa ordinariamente succede, senão castigos da ira de Deos. Sonhou Nabuco, que via huma estatua, mas apenas vio a estatua, quando vio tambem o castigo: desceo hũa pedra de hum monte, que fez a estatua em pó, & cinza: naõ lhe valeo a riqueza do ouro, nem a fermosura da prata, nem a fortaleza do bronze, nem a valentia do ferro, nem a firmeza da terra, tudo em breve tempo acabou em huma poeyra, & se resolveo em cinza. Sonhou tambem que via huma arvore taõ alta, & maravilhosa, que na altura era hũa piramide verde, que chegava ao Ceo; na pompa hũa frondosa nuvem, que assombrava a terra; nas flores huma primavera dos ventos, de que se vestia o ar; nos frutos hum paraiso de gostos, em que se recreava o mundo: mas apenas vio esta verde maquina, este Colosso florente, este assombro fructifero, quando vio, que hum Anjo do Ceo mandava porlhe o cutelo ao pé, & cahio arruinada em terra, apenas arvore, logo cadaver, apenas maravilha do mundo, quando já

Dan. 2. 34. &c.

Dan. 4. 7. &c.

arruinada nelle: assim a arvore, como a estatua, eraõ retrato de Nabuco, em que lhe mostrava Deos o seu castigo retratado, & a sua ruina em debuxo, para que visse que apenas era grandeza, já era ruina; que escassamente chegava a ser exemplo da felicidade humana, já era da desgraça, & do castigo hum espelho: & porque Nabuco em lugar de temer a ira de Deos com o desengano que na estatua, & com a ruina, que na arvore lhe mostrava, foy taõ desacordado, atè no acordo que tomou de chamar a Daniel, que fez huma estatua de ouro, & se fez com pena de morte adorar em estatua: & como Deos lhe aumentava as razoens para o desengano, elle hia por diante no desatino; no mesmo desengano, de que se naõ aproveytou, achou o castigo do desatino, em que cahio.

Oh quantos Nabucos ha, que no sonho, & engano da sua fantesia vivendo como desacordados, tudo he levantar estatuas para ser idolos, tudo querer como arvores trepar às nuvens, & chegar aos Ceos com a pompa, com a soberba, com a arrogancia! Vede que a estatua se ha de converter em pó, que a arvore se ha de desfazer em cinza: que para a estatua ha pedra, & que para a arvore ha cutelo. Desenganayvos, mortaes, deyxay os desatinos, amay os desenganos, & entray em vosso acordo, apartandovos do leyto de vossos peccados, que já he hora; acordando do sono de vossos sentidos, que já he tempo: *Hora est jam nos de somno surgere.*

A segunda razaõ, porque a vida do peccador he semelhante ao sono, & o peccar se parece com o dormir, he, que quem dorme descuida-se, nem se lembra do que lhe importa: assim quem pecca descuida-se do que mais importa à sua alma; descuida-se da morte, do juizo, do inferno, do Ceo, da sua salvaçaõ, de Deos, do demonio, dos mais inimigos d'alma, dos encargos da sua conciencia, da relaxaçaõ da sua vida, & das enormidades da sua culpa; & quando por este descuido tem a todos contra si, & convinha, que abrisse os olhos para tratar do remedio, entaõ lhos cerra o seu descuido para naõ fugir do seu perigo.

Apenas poz os pès na nao o fugitivo Jonas; apenas soltáraõ as vélas, & levàraõ as ancoras, & se davaõ boa viagem, quando huma horrenda tempestade veyo sobre elles: soltavaõ-se as geraçoens dos ventos, dando-se batalha huns aos outros, erguia-se o mar em esquadroens de ondas, dispáraraõ settas as nuvens, ou lanças, que chovia o Ceo, já de chuvas, já de rayos, já de

Jon. 1. 3. &c.

coriſcos; o Sol foy arrebatado das ſombras, o dia ficou defunto, & amortalhado em trevas, as luzes mortas, & tudo em confuſaõ taõ grande, que parece, que o Orbe ſe reſtituía entaõ àquelle temeroſo caos, em que começou o mundo: tudo perigava entaõ, a Nao indo-ſe a pique, os homens vendo-ſe a cada paſſo no mais profundo do abiſmo, quaſi ſubmergidos das agoas: ſó Jonas deſcuidado do cõmum, & particular perigo ſe foy deytar a dormir em prodigioſo lethargo, & quando havia de abrir os olhos para buſcar o remedio, entaõ lhos cerrou o deſcuido para naõ fugir do caſtigo: mas que muyto, ſe vinha Jonas em peccado, fugindo de Deos, como ſe lhe pudéra fugir? & aſſim que havia de ſuccederlhe, ſenaõ deſcuidarſe de tudo, do mar, da tempeſtade, da balea, da morte, do juizo, do Ceo, de Deos, do inferno, & de tudo?

Quantos ha, que tendo à viſta a tempeſtade da morte, eſtando para dar conta em juizo, condenados ſegundo a preſente juſtiça ao inferno pelo peccado da ſoberba, da reſtituiçaõ, da luxuria, do odio, da vingança, & de outro qualquer, ſe deſcuidaõ de maneyra, que lhes naõ lembra Ceo, nem Deos, nem alma, nem ſalvaçaõ, nem inferno, nem couſa alguma! tudo he dormir a ſono ſolto no leyto do peccado, na cama do vicio. Homens, que fazeis? em que vos occupais? ſendo Chriſtãos, & tendo Fé, naõ temeis o riſco de voſſas almas? naõ olhais, que eſtais metidos em hum mar de culpas, que a tempeſtade da morte vos ameaça a cada inſtante, ainda quando eſtais mais valentes, que ſe ira o Ceo contra vòs, que o inferno ſe abre, que a balea infernal ſe chega, que todas as creaturas offendidas de ver a ſeu Creador aggravado tomaõ armas para a vingança? & ainda aſſim fugis a Deos, a quem ninguem póde eſcapar, nem no Ceo, nem na terra, nem no mar, nem no inferno, nem em parte alguma? Donde naſce tanto deſcuido? Donde tanto eſquecimento, que havendo de abrir os olhos para buſcar o remedio, entaõ os fechais para naõ fugir do perigo? Oh naõ vem que dormem eſtes miſeraveis, que peccaõ, & ſe deyxaõ eſtar em peccado, & que o meſmo he eſtar em peccado, que em hum mortal deſcuido? pois que ha de ſucceder a quem aſſim vive morto, aſſim pecca, & aſſim dorme, ſenaõ o que ſuccedeo a Jonas, & peyor ainda? Porque a Jonas o tragou a balea para o vomitar nas prayas de Ninive; a eſtes os tragará a balea infernal para os deytar nas fornalhas eternas entre os ſempiternos horrores.

He finalmente mayor o deſcuido

cuido dos peccadores, que o seu perigo; naõ tem por tempo de vida, senaõ o que póde ser tempo de culpa; & naõ tendo huma hora para viver, cuidaõ que tem muytos annos para peccar, & por isso pagaõ na hora que menos cuidão, o descuido com que peccàraõ. Em hum mar de riquezas se via aquelle Rico do Euangelho com hum diluvio de frutos, que a liberalissima maõ de Deos lhe deo, que alagandolhe os celleyros, não tinha em que recolhellos: no meyo de tantas abundancias, começou a discursar entre si que faria para recolher tantos bens: & como se resolvesse a desfazer os celleyros, que tinha, para fazer outros mayores, & melhores aonde todo lhe pudesse caber, agradando-se da sua resoluçaõ, se convidou a si mesmo a regalos de muytos annos, a huma larga vida chea de delicias, & banquetes de muyta duraçaõ: & apenas estava a sua fantesia dispondo entre discursos a duraçaõ de tantos deleytes, quando huma voz de Deos lhe diz: O nescio, ó ignorante, esta noyte te arrancaráõ os demonios essa alma do corpo, & a sepultaráõ no inferno: se pois o Senhor lhe dá tantos bens, como o naõ deyxa lograr delles? & se naõ quer, que chegue a possuillos, como de noyte, & naõ de dia diz que chega a sua condenação? Oh naõ vem que para quem sempre dorme, todo o dia he noyte? Vivia este desaventurado Rico dormindo no negocio da sua salvaçaõ, vivendo em culpa, fazia-se com muytos annos de vida para offender a Deos em gulas, & demasias, sem cuidar na morte, no juizo, no inferno, nem se lembrar de Deos; pois por isso na noyte de seu esquecimento, & na hora que menos cuidava, havia de pagar o descuido, com que a Deos offendia. O' mortaes, vede se vos descuidais em emendar as vidas, em fazer pazes com os adversarios, em deyxar de todo a occasiaõ deshonesta, em restituir o alheyo, em ter oraçaõ, em confessar inteyramente os peccados, em frequentar os Sacramentos: olhay, que na hora que menos cuidardes, chegará a hora de pagardes o vosso descuido. Se pois quereis escapar deste dano, abri os olhos, que já he hora, & levantayvos do peccado, que já he tempo: *Hora est jam, &c.*

Luc. 12. 20.

A terceyra razaõ, porque à vida do peccador he semelhante ao sono, & o peccar se parece com o dormir, he, porque assim como quem dorme naõ entende, nem conhece o seu erro; assim quem pecca, em quanto pecca, naõ conhece o erro do seu vicio, nem a perversidade do seu peccado, nem a malicia da sua culpa: & daqui vem, que assim como quem dorme ama o sono, como

como ſe fora deſcanço; aſſim o que pecca ama o erro, como ſe fora acerto, ama o delito, como ſe fora deleyte, ama o deſemparo de Deos, como ſe fora felicidade; & naõ ha mayor ſinal da cegueyra, em que cáhe hum peccador, que amar a culpa, que he ſummo mal, como ſe fora ſummo bem, & eſtimar por felicidade o delito, como ſe fora deleyte. Diz o Profeta Oſeas, que o povo, que naõ entende, ſerá açoutado com flagellos da ira de Deos, como expoem a Gloſſa, & os Setenta, como refere o Cardeal Hugo, que eſte açoute ſerá viver nas torpezas do peccado da luxuria: & conforme eſtas letras, vem a dizer o Profeta, que o povo, que naõ entende, ſerá caſtigado cõ aſperos açoutes de Deos, & que eſtes ſeraõ os carnaes deleytes da luxuria a que ſe entregaõ: & que tem que fazer açoutes com deleytes? flagellos da ira de Deos, com as delicias de Venus? Saõ por ventura os goſtos, q̃ os mundanos tem por ſummo bem, os caſtigos, que Deos lhes dá? E ſe ſaõ caſtigos, como ſaõ goſtos? ſe ſaõ delicias, como ſaõ flagellos? He certo que ſaõ flagellos, porque ſaõ deſemparos de Deos; & como era povo ignorante, que não entende o ſeu erro, que naõ conhece o ſeu peccado em que anda, ſendo o deſemparo de Deos o mayor flagello, & o ſummo mal d'alma, ſo amaõ como felicidade; & iſto que he o mayor açoute, o eſtimaõ por deleyte: donde ſe vè que eſtes taes, como não curaõ da guarda da ley de Deos, ſenão de cevarſe em ſeus torpes appetites, tem já o mayor ſinal de malditos, como affirma David, & o confirma S. Gregorio Papa dizendo: que o peccador perverſo, quanto mais ſatisfaz ſeus deſejos, tanto mais depreſſa he arrebatado aos tormentos eternos: *Perverſus quantò citiùs pervenit ad deſiderium, tantò faciliùs rapitur ad tormentum.* E como eſtes miſeraveis cõmettem mais peccados, quanto mais he o deſemparo de Deos; quãtos mais forem os peccados, tanto ſerá no inferno mayor o caſtigo: & elles a amarem o deſemparo, como ſe fora goſto, o ſummo mal, como ſumma felicidade, & o flagello, & açoute de Deos, comó ſe fora deleyte.

Oſeæ 4. 14. & ibi. Gloſ. & Card. Hug.

Pſalm. 118. 21.

Greg. Pap. tom. 1. lib. in Job cap. 13. ad fin.

Oh quantos tem por ſummo bem os carnaes deleytes, & os goſtos deſta vida, que ſaõ deſemparos, & açoutes da ira, & indignaçaõ de Deos! Homens loucos, mulheres ſem ſiſo, quem vos faz amar a voſſa perdiçaõ? He a cegueyra do peccado, que he como ſono: porque em quanto viveis no peccado, naõ ſabeis conhecer o voſſo erro: & a razaõ he; porque quem dorme eſtá às eſcuras, & quem às eſcuras anda, ou com os olhos fechados,

naõ

naõ sabe por donde vay, & por isso aqui tropeça, alli cahe, ora cahe em huma cova, ora se despenha em hum barranco, perde a estrada, vay fóra de caminho: assim tambem os peccadores andão às escuras, & com os olhos fechados, porque sendo o peccar dormir, quem dorme, a olhos fechados está; & por isso, como cegos atropellaõ a ley de Deos, sem saberem por onde poem os pès, despenhaõ-se no barranco da culpa sem o advertirem, cahem na cova do peccado sem o saberem, perdem a estrada da salvaçaõ, & vaõ fóra do caminho do Ceo, sem conhecerem o seu erro: & por isso dos peccadores disse David: Saõ huns nescios: naõ tem entendimento, porque andaõ em trevas.

Psalm. 81. 5.

Eis-aqui como a ventura dos peccadores he a mayor desaventura que póde ser: tem os peccadores por a mayor ventura fazerem em tudo seu gosto, & fartar seus appetites, & naõ conhecem, nem entendem que nisto está o seu mayor perigo; porque assim como quando os Medicos naõ achaõ cura ao doente, lhe dizem que coma o que quizer, deyxando-o à natureza, entaõ está o enfermo em mayor perigo, & já sem esperança de remedio: assim tambem, quando o Medico celestial desempara o peccador enfermo da culpa, & o deyxa à natureza, para que viva conforme seu appetite, entaõ está o peccador no mayor perigo, porque está sem esperança de remedio: mas como a sua cegueyra lhes naõ dá lugar a verem estas verdades taõ claras, & palpaveis, dahi nasce porem o desejo no seu dano, o appetite nos venenos, a vontade no seu mal, & o fastio no seu bem. Poz Heva o seu appetite em hũ bocado, que era veneno, porque teve o mal por bem, a culpa por felicidade, a morte por deleyte, deyxando-se enganar do demonio, quando cõmetteo o peccado, & quebrou a ley de Deos: o que era mao, pareceolhe bem: o que era mortal, & infernalmente nocivo, pareceolhe deleytoso, tanto que deu ouvidos, & obedeceo ao demonio, querendo cõ a vontade quebrantar a ley de Deos: em quanto se determinou a guardalla, parecia a Heva a arvore vedada, cousa de que se naõ podia comer, nem tocar sem risco certo de morte; porèm tanto que na vontade teve o peccado, logo lhe pareceo suave, & deleytoso o seu mal. Oh quantos filhos da culpa deyxou Adam, & Heva no mundo, que cegos do seu appetite, todo o seu gosto poem no bocado, que he veneno mortal do inferno; & sendo o q̃ lhes dá eterna morte, parecelhes o mayor deleyte da vida!

Genes. 3. 6.

Creaturas cegas, despertay, abri os olhos; vede que vos engana

gana o demonio, & que por hum gosto instantaneo vos dá eterno tormento: solicitavos o tormento representando o gosto, & porque naõ cuidais, que haveis de achar tormento, senaõ gosto, morte, senaõ vida, garrote, senaõ deleyte no que vos offerece o demonio, por isso miseravelmente vos perdeis. Para a Escritura Sagrada chamar aos homens nescios, & ignorantes, diz, que saõ como aves, que se afogaõ no laço; & como peixinhos, que morrem no anzol: naõ lhes chama aves mortas cõ tiro, nem peyxes pescados na rede; porque estes morrem, porque mais naõ podem, & aquelles acabaõ a vida, porq̃ mais não querem: não quer a ave advertir, porque he ignorante, que debayxo do que lhe parece appetite está encuberto o laço da morte: naõ quer o peyxinho considerar, porque he simplez, que naquillo, que lhe parece gosto, está escondido o anzol da sua perdição: assim tambem succede aos peccadores com o caçador, & pescador do inferno: cahe o peccador no laço da culpa, como passaro, & fica no anzol do peccado, como peixinho; & se lhe perguntares o porque, dirá, que não cuidava que alli estava o garrote do laço, nem a morte do anzol, senão o deleyte, que naõ imaginava, que alli estava o tormento, senão gosto, que não entendia o seu erro, que naõ conhecia o seu engano, & que por isso se deixou prender no laço, & tomar em o anzol, que o demonio cavillosamente lhe armou.

Eccles. 9.12.

Que outra cousa saõ os gostos, & deleytes do mundo, senão laços, & anzoes, com que o destro, & astuto caçador, & pescador do inferno anda armãdo às almas? E que outra cousa fazem os peccadores mais, que solicitar os laços, & os anzoes, que o demonio lhes veste de seus nescios appetites? Vestelhes a soberba de honra, a cubiça de riqueza, a luxuria de delicia, a ira de valor, a gula de regalo, a inveja de razaõ, & a preguiça de necessidade: vay o peccador miseravel, cuida que busca a honra, & cahe no laço da soberba, imagina que busca a riqueza, & cahe no anzol da cobiça, antoja-selhe que acha delicias, & cahe nos laços, & anzoes da luxuria, & nos mais vicios, & peccados; & tudo isto nasce de não conhecer o seu erro, porque anda com os olhos fechados, sepultado no profundo sono da culpa: acorday pois, peccadores, abri os olhos, que está o mundo todo cheyo de laços, & de anzoes do demonio; vede o vosso erro, que já he tempo, & adverti o vosso engano, que já he hora: *Hora est jam, &c.*

Finalmente o mayor erro, que

que naõ entende o peccador absorto no sono do peccado, he naõ saber quam grave mal he o peccado; porque se o vira, conhecèra que era taõ feyo, que o demonio em sua comparaçaõ he fermoso; & he isto tanto assim para quem o conhece, que, se podèra, estimàra ver antes a cara de todos os demonios, do que ver em hum instante a cara dos peccados. Oh quem me dèra, meu Deos, (dizia o Santo Job) q̃ me escondereis no inferno, & lá me tivereis debayxo de vossa protecçaõ, em quanto passava o dia final de vossa ira, & furor! Considerava o Santo Job, que no inferno podia ver a cara aos demonios; & que no valle de Josafat havia de ver o vulto aos peccados (como o Senhor diz por David, segundo a exposiçaõ de Hugo Cardeal:) & como os peccados tem a mais horrivel presença que se póde considerar, achava ser muyto melhor partido, ver antes no inferno a cara aos demonios, do que ver no dia do juizo o vulto aos peccados. Se pois agora, peccador, tiveres os olhos fechados para naõ ver tuas culpas, que saõ os teus mayores erros, então os abrirás para olhalos; naõ para lhes dares remedio, mas para teu mayor tormento: queres pois fugir a este tormento, & aos eternos, que se lhe haõ de seguir? abre agora os olhos para chorar tuas culpas, & trata de emendar com tempo os teus erros, antes que chegue o tempo, em que o naõ possas fazer.

Job 14. 13.

Psalm. 49. 21. & ibi Hug. Card.

Dorme o peccador sem conhecer o seu erro, isto he, o seu peccado, sendo o seu peccado naõ só o seu mayor mal, mas o seu mayor, mais mortal inimigo: & sendo certo, que quem tem inimigos naõ dorme, & se dorme, he summamente ignorante: claro fica, que he o peccador, que dorme tendo peccados, muyto mais ignorante, que quem dorme tendo inimigos: porque os inimigos do corpo poderáõ quãdo muyto ajudarse do descuido de quem dorme para lhe tirar a vida temporal; mas os inimigos mayores d'alma, que saõ os peccados, valemse do sono do peccador para lhe tirar a vida eterna: & como saõ inimigos tanto mais prejudiciaes, tanto mais se haõ de temer para a guarda, & para a cautela: & saõ taõ súmamente prejudiciaes inimigos os peccados, que tendo-os contra si o peccador, está de peyor partido, do que tendo contra si a ira de Deos omnipotente. Oh que fortissimo, & terribilissimo inimigo he o peccado! & para que não pareça encarecimento, veja-se a prova. Naquelle Psalmo, a que vulgarmente chamaõ das pragas, hũa das que roga David aos peccadores he esta: Sejaõ os peccadores sempre

Psalm. 108. 15.

pre contra Deos: sejaõ sempre contrarios ao Senhor; & naõ sora mayor praga dizer: Seja sempre Deos contra os peccadores: seja sempre o Senhor seu contrario? Deos he infinitamente poderoso, & tendo os peccadores contra si a Deos, parece que ficavaõ tendo contra si o mayor, & mais poderoso inimigo, como logo lhes roga David esta praga, senaõ a outra? He certo, que David lhes rogou a mayor praga, que lhes podia rogar; & para isto se entender, veja-se que cousa he estar o peccador contra Deos, & que cousa estar Deos contra o peccador: está Deos contra o peccador, quando o castiga por suas culpas; & isto he hum acto da justiça divina, que he summamente bom: está o peccador contra Deos, quando o offende com seus peccados; & isto he hũ acto da mayor iniquidade, que he summamente mao: quando o peccador tem a Deos contra si, tem da parte de Deos contraria a divina justiça, que he infinitamente boa; & quando está o peccador contra Deos pela culpa, tem da sua parte o peccado contra si mesmo, que he o summamente mao, & conhecendo David, como Santo, quam terrivel inimigo do peccador he o seu mesmo peccado, que o faz inimigo, & contrario de Deos, rogou aos peccadores a mayor praga, em lhes rogar que tivessem peccados que os fizessem contrarios, & inimigos de Deos; porque os peccados saõ a peyor praga, que póde haver; & naõ lhes pedio a indignaçaõ de Deos contra elles, porque da parte de Deos naõ póde haver acto, que naõ seja a mayor bondade, que se póde considerar.

Como dormes, peccador, tendo contra ti taõ crueis, taõ tremendos, & taõ mortaes inimigos? Como te descuidas, tendo das portas adentro tantos, & taes contrarios? Como he possivel que descances, tendo tanto que temer? Acorda pois, & naõ durmas taõ rodeado de adversarios; levantate contra elles, para que naõ prevaleçaõ contra ti. Se atègora foste todo hũa cegueyra para dormir a olhos fechados, trata de ser agora todo vigilancia, para viver a olhos abertos. Se atèqui naõ tinhas olhos para ver tantos erros teus, deves ser daqui por diante todo olhos para fugir dos teus perigos. Acorda já, que he tempo; acaba de levantarte, que saõ horas: *Hora est jam nos de somno surgere.*

Temos visto como a vida do peccador he semelhante ao sono, & como o peccar se parece com o dormir; vejamos agora que parecer tem a penitencia, & conversaõ do peccador, com o acordar, & levantarse da cama,

ma. Quem depois de dormir se levanta, primeyro acorda, & depois sahe da cama; o acordar fazse em hum abrir de olhos, & o levantar em deyxar a cama: assim tambem a penitencia, & conversaõ ha de ser taõ apressada, que se faça em hum abrir de olhos; & o deyxar as occasioẽs do peccado ha de ser taõ perfeyta, que de todo se haõ de largar: porque assim como quem acorda, se naõ salta logo fóra da cama, facilmente torna a dormir; & se a ella torna depois de levantado, he para adormecer: assim tambem, se o peccador naõ larga logo a occasiaõ do peccado, nada lhe aproveytará o abrir dos olhos pelo arrependimento; porque tornará sem duvida a continuar o peccado, que naõ quiz com effeyto largar; & supposto o deyxe, largando a cama da occasiaõ, se a ella torna, certo he quer tornar ao sono do peccado. E conforme a isto, para ser agradavel a Deos a conversaõ, & penitencia do peccador, ha de gastar tanto tempo nella, como em acordar, em q̃ se gasta só hum abrir de olhos, & ha de ser taõ breve o acordo, que toma para fazer penitencia, & a resoluçaõ para mudar de vida, & emendar a culpa, que tudo deve succeder em hum fechar, & abrir de olhos.

Act. Ap. 9.15. Foy tam insigne a conversaõ de Saõ Paulo, & a sua penitencia, que o mesmo Christo Senhor Nosso chegou a dizer na occasiaõ della, que era Paulo vaso escolhido seu; & naõ acho, que o Senhor dissesse outro tanto de outro peccador convertido, porque tambem naõ encontro outra conversaõ como a de Paulo. Era Paulo tam grande peccador, que fazia capricho, & tinha por officio o ser inimigo, & perseguidor de Christo; appareceulhe de repente hũa grande luz do Ceo, que o rodeou como hum rayo, & deu com elle em terra; & logo huma voz, que como trovaõ, que se segue ao rayo, lhe perguntou: Saulo, Saulo, porque me persegues? E apenas soube que Christo, a quem elle perseguia, era o que lhe fallava, sem mais dilaçaõ se converteo, & determinou a fazer tudo quanto o Senhor lhe mandasse; & levantando-se da terra, naõ via, tendo os olhos aberto: & com tudo, diz Santo Agostinho, que naquelle tem o, em que naõ via as cousas do mundo, estava vendo a Jesu Christo: como logo Paulo em hum cerrar de olhos do corpo deyxou de ver o terreno, & com hum abrir de olhos d'alma principiou a ver o Eterno? foy a sua conversaõ em hum fechar, & abrir de olhos; & por isso tam agradavel ao Senhor, q̃ chegou a dizer de Paulo, que era vaso seu escolhido: donde se vè, que para

Act. Ap. 9.3. &c.

August. tom. 10. Serm. 14 de Sanct. post princ.

para ser agradavel a Deos a conversaõ do peccador, ha de ser o acordo, que toma para emendar a vida, taõ breve como o acordar de quem dorme, que se faz em hum abrir de olhos. Obra he da graça do Divino Espirito a conversaõ dos peccadores, & aonde o Espirito Santo influe com sua graça, naõ póde haver vagares, mas tudo saõ pressas.

Act. Ap. 2. 3. Em figura de lingoas de fogo desceo o Espirito Santo sobre o Collegio Apostolico, & naõ em semelhança de outro elemento; porque como vinha a tratar da conversaõ do mundo, se visse a pressa com que se ha de fazer, & como aonde inspira o Divino Espirito naõ ha vagares: considerem hum rayo, hum relampago, quanto tempo gasta em cruzar os ares, vadear as nuvens, medir este, & aquelle emisferio, & em chegar deste àquelle horizonte; hum momento, hum instante, hum abrir de olhos: naõ he assim na agua, cujo correr he vagar; naõ na terra, que se naõ costuma mover; naõ no ar, que está parado sem se bulir, & ainda que corra o vento, o vento naõ he o ar: a terra pende para baixo, a agua sem violencia naõ corre para cima: o ar tanto se inclina a occupar os vãos dos abismos, como os seus mais altos centros; mas o fogo, ainda que esteja debayxo da terra, sempre se inclina para o Ceo; rebenta nas minas, rompe muralhas, & voa penhascos, fazendo de suas chammas azas para voar sobre os ventos com pennas de labaredas: assim tambem se a conversaõ do peccador he verdadeyra, & effeyto do fogo divino, nas pressas se vè, & nos vagares se desconhece: se he verdadeyra, em hum abrir de olhos se faz, rebenta nas minas do coraçaõ em ardentes suspiros, rompe as muralhas das culpas, com que o demonio se tinha feyto forte em huma alma, deyta a voar os penhascos dos estorvos, & impedimentos, nada lhe pára diante a hũa alma chea deste celestial incendio; & fazendo ligeyras azas de suas pezadas pennas, voa em hum instante, da culpa para a graça, do caduco para o eterno, do inferno para o Ceo, & do demonio para Deos: isto quer Deos, & para isto nos ajuda, despertandonos com suas vozes, allumiandonos com sua luz, inflámandonos com seu amor, incitandonos com o exemplo dos bons, & advertindonos com o castigo dos maos.

Mas naõ basta acordar o peccador depressa do sono da culpa, tomando acordo de naõ offender mais a Deos; he necessario tambem, como diziamos, levantarse logo, em acordando, da cama do peccado; isto he, lar-

gar de todo a occasiaõ de offender a Deos; se estava em odio com o proximo, ha de deytar de toda fóra o odio, & fazerse com elle amigo, podendo ser; se tinha trato com a ruim mulher, ha de largar esse trato; se devia o alheyo, ou levantou o falso testimunho, ha de restituir como póde, sem dilaçaõ a fazenda, ou a fama; porque de outra maneyra nada importa acordar o peccador, se logo se naõ levanta da cama, deixando de todo a occasiaõ da culpa; mas antes he final de condenado, & maldito.

Isai. 18. 1. & ibi A Lap. Væ terræ, quæ est cymbalũ alarum.

Ay da terra, (diz Isaías) que he como sino de azas: & he como dizer: Maldita, & condenada eternamente seja a terra, que he como sino. Pela terra se entendem os peccadores; & pelo sino com azas, que ha de entenderse, senaõ o sino quando tange, pois entaõ parece que voa? Pois, que mysterio tem ser o peccador como o sino, que tange, para ser condenado, se os sinos estaõ nos lugares santos das Igrejas, & saõ instrumentos de despertar, & chamar a gente ao serviço, & louvor de Deos? Muyto mysterio tem nas semelhanças: bem he verdade, que o sino está nos lugares mais altos da Igreja, & que quando tange chama o povo ao serviço, & louvores de Deos; porèm em quanto a si mesmo nada aproveyta, tudo saõ brados, tudo estrondos, tudo voltas, quando puxaõ por elle; mas nem com todo esse puxar, nem com toda essa força faz mudança de lugar; dá hũa volta daqui, dá outra dalli quando se vè violentado, mas no fim socega-se, & fica-se como dantes estava. Diz pois o Senhor por Isaías: O peccador, que como sino tangido, quando por elle puxa a força da minha graça, da minha inspiraçaõ, da minha palavra, & dos meus preceytos, para que acorde do sono da culpa, & se levante da cama do peccado, naõ faz mais que acordar, dar gemidos, dar ays, & dar voltas sem se tirar da occasiaõ do peccado, & nella finalmente se deyxa ficar; ay de tal peccador, que he maldito da minha maldiçaõ, & condenado eternamente, para que assim vejaõ os peccadores, que nada lhes aproveyta acordar do sono da culpa, se dando huma, & outra volta se ficaõ na cama da occasiaõ do peccado, & offensa de Deos.

Que te aproveyta, peccador miseravel, quando Deos te desperta com suas divinas inspiraçoens, com a prègaçaõ de sua santa palavra, com a obrigaçaõ de confessarte pela Quaresma, & no aperto da enfermidade, gemer, gritar, & dar ays, fazer propositos de nunca mais offender a Deos; que isso he acordar da culpa, & ver que estás em

em peccado; que te aproveyta dar huma, & muytas voltas na cama do vicio com resoluçoens, & traças de o deyxar, se no fim, passada a enfermidade, o tempo da Quaresma, a occasiaõ do Sermaõ, & a marè da inspiraçaõ, te deyxas, como sino duro, ficar no mesmo lugar, tam duro, & empedernido como dantes, sem te levantar da cama da culpa, nem da occasiaõ do peccado? Isto he ser maldito da maldiçaõ de Deos, reprobo, precito, & condenado eternamente. O' mortaes, naõ o permitta assim a Divina Magestade; seja o vosso acordar da culpa, o mesmo que levantar logo da cama do peccado; seja largar de todo a occasiaõ da offensa de Deos, que para isso nos desperta a todos a misericordia de Deos, dizendo que a hora de levantarnos he já chegada: *Hora est jam nos de somno surgere.*

LAUS DEO.

SEGUNDA PARTE
DAS OBRAS ESPIRITUAES do eſpiritual, & Veneravel Padre Frey ANTONIO DAS CHAGAS.

VOZ PRIMEYRA
Deſtas vozes de Deos.

FILHO vè quam longe andas de mim, & da ſalvaçaõ, depois que de mim te apartaſte, para engolfarte pelo mundo, donde mais enfermo da culpa, que dos males que ſente a vida, & que eu te dou para que me chames, vas perecendo para ſempre.

FAISCA I.

In ſe autem reverſus dixit: Quanti mercenarii, &c. Luc. 15. 17.

SVSPIRO DO PECCADOR.

AONDE eſtaõ os meus ſentidos? aonde, aonde o entendimento? quando na flor da minha vida devia provar como Aguia, que era filho do Sol da Fé; como cego, abuſo da razaõ, moſtrey que era ave nocturna, metendome em hum mar de ſombras; logo que tive liberdade, ſahi dos

braços de meu Pay, do meu Deos, & do meu Creador, & me apartey para tão longe da sua graça, & seu amor, perdendo a Patria celestial, por seguir as vias do mundo, & os caminhos da perdição, da vaidade, & da ignorancia. Onde pois estaõ os meus olhos? que creditos, ou que ganancias temos tirado desta vida? Pelo curso da minha vida, pelo estadio de todo o mũdo, correo perdido, & enganado o meu espirito atègora: aqui dissipey cegamente naõ só os thesouros da graça, mas ainda os bens da natureza: precipiteyme presumido nos despenhadeyros do seculo: atoleyme desalumbrado nos atascadeyros do vicio; & ahi profanamente livre, em todo o laço da maldade prendime torpemente, cego em todo o visco do peccado, donde tornada hydropisia esta sede do mesmo danno, me foy atormentando a vida na morada escura da morte, & me foy affligindo a alma na mais triste regiaõ da culpa. Taes saõ as sombras carregadas da conciencia anoytecida, q̃ sendo ao espirito sepulchro, cheyo de medos, & de espantos, da mesma alma he já cadaver, cheyo de bichos peçonhentos. Aqui pereça de miseria, em fome eterna do meu bem; aqui se me arranca o espirito, em ancia muda do meu mal; espedaçadas as entranhas com os golpes do meu delito, suspiraõ sem achar remedio, magoaõ-se sem sentir alivio, & se vertem sem desafogo: como agua feyta lagoa, apodreceo dentro em meus vicios: como cousa fóra do centro, em nada posso achar descanço; & servindo ao mesmo demonio na guarda infame dos peccados, (que he o gado que pastoreyo) me entrego todo à perdiçaõ, escravo já de meus insoltos; sem que neste misero estado, a quem eu proprio me reduzo, nem ainda do manjar da culpa me possa fartar o demonio, nem ainda de seu mesmo mal se encha a seu gosto a natureza: isto me succede no mundo, a quem amey quanto elle quiz, & a quem servi tudo o que pude; esta he a paga, estas as honras, que tira de seus vaõs enganos nossa cegueyra fementida, nossa affeyçaõ desalumbrada, nossa vaidade sempre cega, quando na casa do meu Pay, do meu Deos, & do meu Creador, inda os servos mais inuteis, mais sem proveyto, & mais sem fruto se sustentaõ com paõ de Anjos, se adornaõ com vestes nupciaes, & vivem com eternos gostos? Pois se isto tem quem serve a Deos, & quem pela via da emenda torna a seu Pay, & a seu Senhor, que fazemos entendimento? em que vos occupais meus sentidos? se podendo ser desengano a miseria do vosso gosto,

gosto, nas mesmas nevoas do delito idolatrais a viver cegos, nos proprios fumos da vangloria quereis morrer desvanecidos: muy errado he o caminho, em que vos poz o vosso engano; mais segura he a vereda, que vos ensina o escarmento. Para dormir eternamente em leyto aspero de espinhos, de que vos serve irdes por flores? para descançar para sempre em cama de rosas, & flores, que mao vos he pizar espinhos? se cahistes gostosamente na sem-razaõ de ser ingratos, se tantas horas, dias, & annos arrastastes aquelle jugo, que da cegueyra he só bemquisto, cahi hũa hora na razaõ, para levantarvos na emẽda; humilhayvos na paciencia, para vos erguerdes na graça; & torne eu em mim hum pouco, já que taõ fóra de mim mesmo me puzeraõ meus precipicios. Meteme já muyto por dentro, ver quam longe estou de meu Deos, & quam fóra ando de mim; que cuide que basto eu só para me erguer, se sou pedra por mim lançada no profundo de hum mar de vicios? se sou tronco sem movimento, nas chammas negras do peccado? se sou ave morta sem azas, no confuso Reyno das trevas? Oh meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor! pezame dentro na minha alma, pezame em todo coraçaõ, de quanto vos hey offendido, pezame por serdes quem sois, summamente amavel, meu Deos, por vossa bondade infinita, & por minha culpa infinita, que he mayor que toda a maldade: prometto com vossos auxilios, & vossa ajuda, meu Senhor, emendar toda a minha vida, & servirvos eternamente, com huma dor muyto entranhavel, & de todo o tempo que perdi aggravandovos, meu Creador, & apartado de vossa graça. Direy a todas as creaturas, qual foy atègora nos meus erros, & qual vòs fostes, meu Senhor, em me esperardes atègora; agora em darme a vossa luz, & sempre amandome, & sofrendome. Feri vòs este coraçaõ, que ainda de marmore se sente; naõ me engeyteis, meu Redemptor, pois obra fuy de vossas mãos, & sede o Mestre que me ensine, pois naõ tenho outro, meu Deos, nem tive nunca alguem por mim, mais que a vossa misericordia: Misericordia Senhor, muytas vezes misericordia.

VOZ DE DEOS.

Filho, o corpo para levantarse, basta que mude de lugar, o coraçaõ para se erguer, de vontade basta que mude; se sem mudares de lugar, bastou que mudasses de animo, para que andasses taõ perdido nos remotos

motos climas da culpa; tambem para mudares de vida bastará sempre que des hum passo, para que a alma naõ se perca: torna para mim, filho meu, que naõ he mais longe a jornada, que hum virar para mim os olhos, a vontade, & o coraçaõ; nem ha para mim mais distancia, que hum só passo da penitencia.

FAISCA II.

Surgam, & ibo ad Patrem meum.

SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Pay, meu Deos, & meu Senhor: Eu sou aquelle filho prodigo, aquelle homem sem discurso, aquelle em fim ingrato filho, que vos deyxou como perdido, & vos fugio como perverso; segui os caminhos do mundo precipitados, & confusos, & em mil cegas profanidades gastey os annos, & o espirito que me déstes para servirvos, a vontade, & o entendimento que me déstes para louvarvos: entreguei ao luxo, & às lascivias: aos estragos, & às perdiçoens: às demasias, & arrogancias, & aos mais banquetes do demonio; nelles bebi todo o veneno, com que o peccado me fez brindes; nelles gastey toda a sustancia, q̃ me déstes para a razaõ; & nelles consumi sem fruto as abundancias do juizo, q̃ pedendo de vossas glorias ser hũ triunfo harmonioso, de vossa offensa tantas vezes quiz ser escandalo bemquisto: porèm, meu Deos, que mais castigo, que apartarme de vossa graça? que mayor vingança, meu Senhor, que faltarme a vossa presença? as mesmas culpas ainda hoje saõ cruelmente o meu cutello, a minha dor, & o meu verdugo; ellas, meu Deos, para vingarvos vos escusaõ já outra pena, pois nenhũa olho já agora, que naõ tome armas contra mim, que naõ espedace a alma, & me naõ corte o coraçaõ. Chegay pois, meu Deos, & Senhor, & levanteme a vossa maõ deste abismo, em que me vejo, tireme a vossa piedade deste lago donde me sumo, & resplandeça a vossa luz neste pègo escuro de sombras, donde me affoga hum mar de trevas. Assaz conheço o meu estrago, quando em pedirvos que me ergais, mostro que em mim tudo he ruina. Contra vòs, meu Deos, pequey mais que todos os homens; offendivos, meu Creador, mais que todas as creaturas; & ao Ceo, à terra, & creaturas tambem offendi, offendendovos, porque vos acho a vòs em todas, & em todas tendes contra mim a queyxa, & mais as testemunhas. Naõ sou eu digno, meu Senhor, de vos nomear

por meu Pay, nem de chamarme vosso filho, pois se nega de vosso filho, quem vendo-se filho de Deos pelos privilegios da graça, se fez escravo do demonio pela infame torpeza da culpa. Pezame muy de coraçaõ, naõ pela pena do delito, mas pela maldade da offensa: naõ pelo medo do castigo, mas por aggravar vosso amor, & offender vossa bondade; nenhũa dor terá o inferno, que iguale esta que padeço, pois padecèra o mesmo inferno, por naõ havervos offendido; porque menor he o tormento, que se imagina merecido, que a dor, que custa o mesmo mal, de quem o fez abominado. Naõ me tira isto com tudo a esperança, que em vòs tenho, de que me haveis de perdoar, pois se os meus erros foraõ causa de que eu perdesse o ser de filho, vòs naõ tendes, meu Creador, donde perder o ser de Pay. Se eu commetti aquella culpa, donde o condenarme he justiça, vòs naõ perdestes a piedade, donde o perdoarme he costume. Dessas vossas mesmas entranhas, que todas saõ misericordia, nenhum outro ha mais que vòs, que interceda hoje por mim; rico sois de misericordia, este he o mayor thesouro, pois nelle estaõ os coraçoens de todos quantos se arrependem. Se perdi a vossa graça, porque me corrompeo a culpa, da mesma corrupçaõ da culpa se me póde gerar o perdaõ. Se morri, meu Deos, nas offensas, renasça nas misericordias; pois quem rebelde tantos annos lhes fez mais guerra, meu Senhor, mayor triunfo lhes dará quando vencido se reduza. Por longe que de vòs esteja, em hũa attriçaõ que naõ basta, se eu achar graça em vossos olhos, quem estará de vòs mais perto? & se me chego tanto a vòs, que me peza de meus peccados, por quem vòs sois, & quem eu sou; que me falta, Pay, & Deos meu, para me ver em vossos braços? Aqui me tendes, meu Senhor, despido, & nù dessas virtudes, de que vòs podeis vestirme; çujo de todas as torpezas, de que vòs podeis alimparme; faminto daquelle manjar, de que só vòs, meu Creador, podereis bem satisfazerme. Para onde posso eu fugir, se de vòs me naõ amparar? se vòs me deitares de vòs, quem me quererá acolher? & se me naõ puzeres os olhos, quem porá os olhos em mim? ainda q́ mao, ainda q̃ vil, posto q́ çujo, torpe, & cego, vossa creatura sou, meu Deos, vosso escravo sou, meu Senhor, vossa ovelha, meu Jesu, & filho vosso, meu Pay: movaõse pois vossas entranhas a usar de misericordia, que em vòs naõ he este attributo menor que o da vossa justiça. Cubraõme já vossas piedades estas taõ feyas

desnu-

desnudezes: lavem-me já vossas virtudes as manchas negras de meus vicios: matem-me em fim vossos regalos a fome triste de meu bem: encha-se de vossos louvores a minha boca, noyte, & dia: naõ cesse hum ponto de agradarvos, nem pare hum atomo em servirvos, pois sem me haveres vòs mister, naõ parastes desde ab æterno, nem hum instante em me obrigar; em quanto naõ era, antevendome, escolhendome para que fosse, & antes que eu fosse, remindome; em quanto pequey, perdoandome; admittindome em vos buscando, & para perseverar sustendome. Naõ houve hora, meu Senhor, tẽpo, lugar, ou creatura, q̃ por vòs me naõ obrigasse, acodisse, & obedecesse; por vòs o Ceo me quiz cobrir, por vòs o Sol allumiarme, por vós a terra me deu frutos, o mar passagem, o ar alento, o fogo abrigo, & casa o mundo: em fim, por vòs, meu Creador, os mesmos homens me serviraõ, os mesmos Anjos me ajudáraõ, & as mais creaturas me sofreraõ. Se pois, meu Deos, quando perverso, com tudo isto me servistes: se agora quando arrependido me estais mostrando quanto obrastes por meu remedio, & salvaçaõ: se me prometteis esses Ceos: se a vòs mesmo vos prometteis: que dor, que mágoa, que pezar naõ terá o meu coraçaõ daquelles annos que roubey ao grande amor que vos devia, para os dar ao mesmo demonio, que de vòs, meu Bem, me apartava? Que louvor, que Hymnos, que cantares naõ inventara o meu amor, para mostrar eternamente ao mundo os vossos beneficios? Certo, meu Deos, & meu Senhor, que se pudèra nesta voz derramar o meu coraçaõ, pequeno amor me parecèra, encher com ella todo o mundo: se pudèra com esta dor desfazer as minhas entranhas, pouca demonstraçaõ seria, mostralla a todos os nascidos. Porèm, meu Pay, & meu Senhor, se os dons da graça saõ mayores que os excessos da natureza: se saõ melhores estes dias aonde o espirito renasce, que aquelles annos sempre inuteis, que para o seculo se vive; naõ olheis o que deste seculo leva huma vida taõ perversa; ponde os olhos naquelles dotes, que me dá hoje a vossa graça, para que em perpetua uniaõ de huma obediencia resignada, naõ torne atraz huma vontade de seu delito arrependida.

VOZ DE DEOS.

Filho, se queres crescer em graça, confessa a todos tua culpa, porque se te viraõ aggravarme, vejaõ tambem arrependerte; & se a todos escandalizaste

lizaste em quanto foste peccador, a todos satisfaças hoje accusandote compungido.

FAISCA III.

Ego autem in terra captivitatis meæ confitebor illi: quoniam ostendit maiestatem suam in gentem peccatricem. Tobias 13.6.

SUSPIRO DO PECCADOR.

CEos, Estrellas, Anjos, homens, mares, nuvens, aves, peyxes, prayas, ondas, flores, hervas, fontes, rios, feras, brutos, pedras, troncos, montes, valles, que tantas vezes de meus erros fostes theatro, & testemunhas: de minhas culpas tantas vezes publica queyxa, ou mudo escandalo: tantas vezes de meus delirios admiraçaõ mais do que estorvo: em fim da minha solta vida accusaçaõ mais do que freyo; ouvi agora hum peccador, que vos confessa suas culpas, sem dizer, por mais que vos diga, o menos que ha nos seus peccados; sabey vòs, mundo, & peccadores, sabey, moradores do Ceo, sabey, peregrinos da terra, hospedes do vento, & do mar, & em fim todas as creaturas, que sou o mayor peccador, o mais perdido, o mais ingrato, o mais iniquo, o mais perverso, que sahio de entranhas humanas, que criáraõ peytos de tigres, que viveo barbaro entre feras. Eu sou aquelle monstro horrendo, adonde poz a natureza as entranhas de muitas viboras, os olhos de mil basiliscos, hũa alma mais que de serpente, & hum coraçaõ mais que de marmore. Eu sou aquelle ingrato homem, cujas palavras saõ venenos, cujas acçoens saõ precipicios, cujas idéas saõ horrores, cujos exemplos saõ estragos: sou aquelle vivente indigno, que amortecido à voz de Deos, & surdo sempre a seus clamores, nem me movi quando me quiz, nem lhe paguey quando me amou, nem o segui quando me guiou, nem lhe abri quando me bateo. Rebelde sempre a seus preceytos lhe fiz offensa à obrigaçaõ, opposto sempre a seus decretos fiz da sugeyçaõ liberdade, exposto sempre à sua injuria, fiz dos escandalos vaidade, & entregue sempre à minha culpa, tive por gloria os meus delitos. As quimèras, que da razaõ saõ discursos impossiveis, em mim se vè por experiencia, que saõ evidencias palpaveis, pois juntando em hum só sugeyto os affectos, que tem hum bruto, as obras, que faz huma fera, as liviandades, que ha em hũa ave, & as perversidades, que ha em hum homem, fiz de taõ varias naturezas hũa bemquista confusaõ, hum impossivel desmenti-

do, huma mentira verdadeyra, & huma verdade fabulosa. Assim o confesso a vòs todas: assim o digo a todo o mundo, pois naõ tem numero as maldades, que eu naõ contasse em meus insultos, naõ ha nos vicios differença, que naõ contrahisse o meu vicio, naõ ha nas culpas circunstancias, em que eu naõ visse a minha culpa. A ser o mundo todo hum livro, & folhas as folhas das arvores, a serem pennas quantas pennas occupaõ a regiaõ dos ventos, a serem letras quantas hervas cobrem o papel dos campos, a serem tinta as aguas todas, que encerraõ os rios, & mares; naõ bastáraõ para que em cifra se escrevesse hũa só memoria de meus peccados, & delitos; pois fora cada qual delles, o mundo todo leve copia, pouco papel todas as folhas, todas as pennas curta penna, todas as hervas cifra breve, & os mares todos pouca tinta; & só poderaõ escreverse, se eu fizera, multiplicando-os, de cada onda hum pégo de aguas, de cada area hum mar de mundos, de cada hervinha hum mundo de hervas, de cada folha hum mar de bosques, de cada penna hum bosque de aves. Ceo, terra, mundo, & creaturas, todas me sede testemunhas de que eu assim vo lo confesso. Todas dizey ao meu Senhor, que assim o digo a todo o mundo. Oh meu Senhor, oh meu bem todo, a quem no mundo sobre tudo elejo, adoro, creyo, & amo; naõ ficará terra, nem Ceo, retiro, ermo, ou solidaõ, bosque, aspereza, ou penedia, gruta, ribeyro, nem regato, a quem naõ diga minha culpa, a quem naõ peça mil perdoens, & em quem naõ chore hum mar de lagrimas. Todos, meu Deos, hey de correr por me accusar, & obedecervos, por vos buscar, & contentarvos, por me chorar, & persuadirvos: quantos me viraõ peccador, naõ me estranhem já penitente, pois bem que a mesma penitencia se desacredite comigo, eu, meu Deos, naõ lhe quero os creditos, só os proveytos lhe procuro. Justamente, meu Deos, em mim parecerá mao, o que he bom, pois he tal a minha maldade, que ainda as triagas faz venenos. Culpem-me todos, de que aos bons ouso imitar a perfeyçaõ, se parece q̃ mostro ao mundo, que em mim ha hoje cousa boa. Boas, meu Deos, saõ vossas obras, & vossas saõ as obras boas, que o mundo póde ver em mim. Naõ me posso eu gloriar do que vòs dais quando quereis, pois o podeis tambem tirar todas as vezes que quizerdes. Faça-se em mim a vossa vontade, cumpraõ-se em mim vossos mandados, que eu mediante a vossa graça, quererey quanto vòs quizerdes; & quero quanto vòs quereis.

VOZ DE DEOS.

Filho, quem dorme, cahe no descuido, quando naõ cahe em outra culpa; quem se desvela por louvarme, por me querer, & por servirme, ao menos se levanta em graça, & se livra da tentaçaõ.

FAISCA IV.

Exurge psalterium, & cithara: exurgam diluculo. Psalm. 107. 2.

SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Pay, meu Deos, & meu Senhor, em que mostrarey que vos amo, se vos naõ quizer só a vòs? & em que vereis o que vos quero, se vos naõ quizer mais que a mim? Querome a mim, se nestas horas acordando me adormecer; querovos a vòs, meu Senhor, se adormecendome comvosco, me naõ acordar mais de mim. Bem sey, meu Pay, & meu Creador, que vos naõ mereço eu amar, pois naõ he digno deste bem quem teve gosto de offendervos. Naõ nasce de mim, meu Senhor, huma taõ nova differença, nasce de vòs, que em vòs achais a razaõ que me falta a mim, para que me naõ falte a razaõ, que tenho sempre para amarvos. Isto que sinto dentro em mim por influxo de vessa graça, he quem me acende a vos querer, he quem me obriga a eu deyxar isto, que em mim acho de vòs, he quem me obriga a que suspire pelo que em vòs agora busco, he o que me inflamma a q̃ hoje busque, o que em vòs só ha, meu Deos. Naõ durmamos pois, meu Senhor, acabe o sono do descuido, cesse o desmayo da vontade, baste a preguiça dos sentidos, & acorday vòs meu suspirado, vinde meu Deos, & meu Senhor, a ser hum hora o meu cuidado, a ser hum dia o meu desvelo; amanheçaõme os vossos olhos, pois chorando as alvas dos meus, me daõ já novas dessa luz, pois na arvorada dos meus ays, ouço já ao meu coraçaõ os annuncios dos vossos rayos; rompa essa luz da vossa graça as trevoas desta minha culpa; nascey, meu Sol, sahi, meu Deos, pois para serdes Sol de justiça, déstes ao mundo a luz da graça; riaõ-se já com vessa vista os campos tristes da minha alma, esteril sempre, & sempre secca, se a vessa luz a naõ alegra, se o vosso orvalho a naõ fecunda; naõ se prohibaõ sempre os Ceos, naõ se fechem sempre essas nuvens, porque saõ sempres do delito, os ainda nãos da minha emenda. Já he tempo, meu Redemptor, de se vos naõ passar o tempo, que eu perco, ha tanto, sem vos ver, porque vos naõ

naõ atino a servir. Vejavos no seu coraçaõ, quem das cordas do coraçaõ faz laços para vos prender, & por telo em vòs, ter eu Thesouro, tambem dellas vos quer fazer cadeas para vos prender. Sejaõ, meu Senhor, estas cordas as que sirvaõ neste instrumento, com que canto vossos louvores; seja cithara a minha lingua, seja psalterio o coraçaõ, onde as dez cordas suavissimas de vossa Ley, & Mandamentos andem ao som do vosso gosto, & soem bem ao vosso ouvido: pulse-as aquelle movimento, que infunde na alma o vosso espirito, sem que o pulsallas as afroxe, sem que a froxidaõ as destempere, & a intemperança as desafine; apertemse, Deos da minha alma, muyto no meu coraçaõ; unilonem todas, meu Deos, naquella suave uniaõ, que he consonancia da memoria, musica do entendimento, & da vontade melodia: por mais que o espirito as aperte, nenhũa quebre, meu Senhor, fallem todas, meu Creador, & a todos pareça que dizem, que o toque, meu Senhor, he vosso; tocando-as pois da vossa maõ, a ellas vos cante a minha alma as vossas graças, & louvores, & ande a minha vontade sempre ao vosso gosto. Adormeçaõ-se sempre os meus sentidos com a harmonia soberana, que elles me fazem dentro nalma; cante eu a vossa fermosura, por quem o Ceo he fermoso, por quem as Estrellas luzem, & por quem o Sol resplandece; aquella grande fermosura, de quem he sómente huma sombra, tudo quanto no dia lustra, tudo o que nas flores agrada, tudo o que nas bellezas se admira. Cante eu vossa Omnipotencia, que a tantos generos de cousas deu especies, & differenças, que a tanta maquina de fórmas deu a variedade, & fermosura, que a tantos modos de creaturas deu distinçoens, & semelhanças; a quem prostrado em obediencias, o mesmo nada se fez tudo, & a cujo imperio o mesmo tudo póde tornarse ao mesmo nada. Louve eu a vossa Magestade, de quem o mundo he breve Imperio, de quem he Paço o mesmo Empyrio; pois os mayores Ceos a louvaõ, as esferas a vaõ mostrãdo, as nuvens a vaõ descobrindo, os montes a estaõ confessando, & os mares o estaõ dizendo. Louve eu a vossa Eternidade, para o principio sem começo, para todo fim sem principio, cujos antes naõ tem depois, cujos agoras foraõ sépre, cujos depois saõ como agora. Admire a vossa Providencia, que com os campos nos sustenta, com os elementos nos serve, com as Estrellas nos ajuda, & com as aves nos avisa. Celebre a vossa Sapiencia,

que encheo as pedras de segredos; as flores, & hervas de virtudes; os homens, & as feras de espantos; os Ceos, & o mar de maravilhas. Solemnize em esta harmonia, com que a seu centro as aguas correm, com que no ar as aves cantão, com que no mar os peyxes nadaõ, com que na terra os brutos duraõ, com que no mundo os homens vivem. Festeje, & louve aquella ordem, com que tem guerra os elementos, com que nos tempos ha mudança, com que o Universo se renova, & com que tudo se conserva. Cante, & louve estes attributos, & estas perfeiçoens admiraveis, donde se enleva, & se suspende, quem menos ama, & menos cuida; & cante, meu Deos, finalmente a vossa bondade inexplicavel, que para os Santos sempre he graça, para com os bons he favor, para os maos he perdão, com os perversos sofrimento, com os peyores ameaço, amor com os arrependidos, espera com os descuidados, & com tod s misericordia; & entregandome finalmente a vosso amor, & admiraçaõ, em vòs se pasme o meu discurso, & em mim se deyxe o meu desejo, & em vòs se fique o meu espirito.

VOZ DE DEOS.

Filho, logo que acordares louvame, & logo que te ergueres louvame, pois àquillo só te levantarás a que te ergueres na minha graça. Nada pódes ser, por mais que sejas no mundo, que aquillo que fores diante de mim, por isso começa sempre comigo todas as tuas acçoens, para que comigo as acabes; & não cuides que perdes nisto o tempo para outras cousas, porque todas terás, se a todas me antepuzeres.

FAISCA V.

Prævenerunt oculi mei ad te diluculo: ut meditarer eloquia tua.
Psalm. 118. 148.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, todos madrugaõ por louvarvos, todos se espertaõ por servirvos, & se desvelaõ por querervos: o Sol descobrindo na terra vossas obras, & maravilhas, a terra, o Ceo, o mar, & o vento mostrando a vossa fermosura nos paizes de todo o mundo; pois sempre apenas a manhãa, apenas nasce a luz do dia, quando com festas admiraveis, com demonstra-

çoens

çoens aprazíveis se veste o Ceo de resplandores, as nuvens de ouro, o ar de plumas, de azul o mar, & de verde a terra, para melhor apparecervos; acordaõ as aves cantando, & se movem baylando as folhas, fazendolhes o som brandamente a viraçaõ por entre os ramos; correm os rios para o mar, só para ver vossa grandeza; vaõ saltando, como de prazer, os ribeiros pelo campo, a contar as vossas maravilhas; as plantas, arvores, & troncos, em vòs parece que se elevaõ, pois se vaõ todas pelos ares a contemplar vossa belleza. Todos, meu Deos, com a vossa luz sahem daquelle seu silencio, & desta triste confusaõ, com que no escuro caos das trevas se escondeo a sombra da noyte, sem que das vossas creaturas mais rudes, toscas, & grosseyras algũa fique sem louvarvos, sem que a flor mais encolhidinha se naõ enfeyte para vervos, & sem que a hervinha mais humilde naõ se espreguice por servirvos: todos parece que madrugaõ, por confessar quanto vos devem, pois aos olhos de todo o mundo dizem com mudas elegancias, que ellas a si naõ se fizeraõ, mas que vòs, meu Deos, as creastes, & que de vòs recebem tudo; mostra o Sol, que vòs sois quem lhe dá os rayos, o Ceo, que o adornais de luzes, & o ar, que o povoais de aves, as aves, que as vestis de plumas, o mar, que o encheis de peyxes, & a terra, que a brotais de flores, as ondas, que as fazeis de neve, as fontes, que as fazeis de prata, os campos, que os cobris de pompas, & o mundo todo de creaturas para se mostrarem agradecidos, & louvarvos todos alegres; deyxa o Sol o leyto das ondas, as aves o berço do ninho, as fontes o regaço da serra, as feras a cama do campo, os rios as prizoens de neve, & as flores o manto das folhas. Por merecer ser vosso throno triunfa das sombras o Sol, vencendo os rayos essas trevas, que encobriaõ as vossas obras: porque andeis nas pennas dos ventos, & sopre nelles vosso espirito, faz o Ceo carroça das nuvens: porque em suaves melodias vos celebrem córos de musica, faz o ar capella das aves: porque se vejaõ nesse Ceo huns longes dessa fermosura, faz o mar espelho das ondas: por vos fazer altar do prado, de quem fez templo a Primavera, vos daõ as flores o ornamento; por ser a terra amfiteatro de vosso applauso, & maravilhas, vos faz das féras espectaculo; tudo em fim, meu Deos, vos festeja, tudo vos louva, & vos adora, pois com festiva ostentaçaõ confessa o muyto que vos deve, descobre o muyto que vos ama, & mostra o muyto que vos serve. Eu só, meu Deos, & meu

meu Senhor, quando mais vos amo, & vos sirvo, se faço algũa cousa boa, he confessar minhas maldades, he descobrir os meus delitos, desenterrando pezaroso do sepulchro do meu coraçaõ tantos cadaveres de culpa, que ao bom exemplo saõ escandalo, & ainda a mim mesmo saõ assombro. Se pois, meu Deos, & meu Senhor, aquillo faz quem naõ tem alma, ou quem tem alma menos nobre: que farey eu, que em huma vida vos devo immensos beneficios? que farey, que em cada culpa vos devo mil misericordias? por todas essas creaturas, quizestes que em vòs contemplasse, & sobisse a ver o que sois, como he possivel conhecello; & todas essas creaturas fizestes só para servirme, & com este fim as criastes; ellas todas, meu Deos, vos servem, & vos servem melhor que eu, pois chegaõ a sofrerme a mim, só por vos obedecer a vòs. Eu, meu Senhor, & meu bem todo, sou aquelle servo sem fruto, aquelle peccador ingrato, que de todas ellas me sirvo, fazendo ao mundo tantos males, que vivo de vossos favores, para dobrarvos as offensas; ellas todas, meu Creador, saõ linguas que me ensinaõ sempre vossa grande sabedoria; saõ pinturas que me bosquejaõ vossa ineffavel fermosura; saõ figuras que me representaõ vossa suprema Magestade; saõ retratos que me estaõ pintando vossa admiravel Providencia; saõ bocas que estaõ confessando vossa infinita Omnipotencia; saõ vozes que me estaõ dizendo vossas perfeiçoens infinitas; eu só, meu Deos, naõ faço por imitallas, mas ainda quanto obro, he resistirvos, & aggravarvos, pois sendo todas as creaturas huns gritos, que me dais aos olhos, eu nem ainda para escutarvos, da minha vista faço ouvidos: acabem pois, meu Creador, estas taõ surdas repugnancias de huns olhos, que se fazem aspides; cessem as cegas resistencias de hũa razaõ que fazeis lince; dem já vozes dentro na alma esses silencios mysteriosos, & desfaça-se em fogo, & agua este pedernal sempre duro; ponha já os olhos em si, quem os tirou tanto de vòs, que se tirou de seu sentido; & tire os olhos de si proprio, quem por verse fóra de vòs, se sahio fóra de si mesmo; faça-se em mim por vosso amor, o que eu naõ posso obrar por mim; seja em mim possivel por graça, o que o naõ he por natureza; & em fim fazey, meu Creador, pois comvosco começo o dia, que pareça que estais comigo; & pois vòs sois quem me acordou, & me chamou para louvarvos, vòs quem cõ a luz dos auxilios rompeis a noyte da minha alma, vòs a quẽ devo confessar o muy-

to que de vòs recebo, & em fim vòs a quem amo, & quero sobre o tudo que naõ sois vòs: permitti, que pondome aos pès de todas vossas creaturas, debaixo dos pès das hervinhas, & debaixo do pò da terra, com todas vos peça perdaõ, com todas vos diga louvores. Oh se eu, Creador, & Senhor meu, tivera para vos servir mais vidas que as hervas do campo, se tivera para adorarvos mais almas que as flores da terra, se tivera para entregarvos mais corações que o mar areas, se tivera para admirarvos mais olhos que Estrellas o Ceo, se foraõ annos os momentos, se foraõ seculos as horas, & os dias eternidades, todas, meu Deos, & meu Senhor, para o que quero fora pouco, todas em fim, Creador meu, para o que devo fora nada; louvemvos por mim, meu Senhor, o Ceo, & a terra, & o mundo, & eu por toda a eternidade.

VOZ DE DEOS.

Filho, ainda que foste sombra algum tempo, chegate à luz da verdade, & se como Aguia fixares os olhos no Sol da graça, depressa veràs que o mundo he trevoas, os homens aves nocturnas, a sua luz mentira, a sua vida noyte, & o seu desejo engano.

FAISCA VI.

Populus qui ambulat in tenebris, vidit lucem magnam: habitantibus in regione umbræ mortis, lux orta est eis. Isai. 9. 2.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, Sol de justiça, & Sol da graça, lume da vida, & luz do mundo: todo o povo dos meus sentidos, que gastou toda a minha vida na regiaõ das sombras da morte, vem guiado da vossa luz, a offerecerse em vossas aras; escapada de hũ mar de trevas, com que a sepultava no abismo hum diluvio cego de noytes, ao assomar dos vossos rayos, navega já em hum mar de luzes, tendo o seu Sol no meyo dia, donde este espirito defunto na tristeza de meus delitos, já torna em si allumiado, já resplandece resurgido, sahindo desse escuro carcere, donde hum Oceano de culpas me suspende em hũ mar de sombras, pois nelle a vista como cega se sepultava para a luz, nelle a razaõ desalũbrada vivia morta para o bem, nelle a minha alma anoytecida, idolatrava no seu mal; amanheceo-me, meu Senhor, nos Orientes dessa Cruz, & esse lugar, que foy Occaso de vossa vida, Orien-

Oriente foy de minha alma, Aurora da minha razaõ, & luz do meu entendimento, pois desatando-se os horrores, que foraõ nevoas do discurso, se derreteo logo esta neve, que me congelava o espirito; desfazendo-se aquellas nuvens, que condensou minha frieza, chovèraõ graças nesta terra, sem vòs esteril, & infecunda; & vestindo-se os campos da alma de amenidades aprazìveis, crescèraõ logo hervas, & plantas, produzindo flores, & frutos. Milagres saõ, meu Creador, ou natureza milagrosa da virtude de vosso influxo, effeitos dos vossos poderes, & condiçaõ desta bondade, estas suaves differenças, & estes prodigios admiraveis, que para em mim serem maravilha, se tem feito em vòs condiçaõ; que para serem gloria em vòs, se tem feito em mim experiencia; pois apenas sobre a minha alma derramastes a claridade de vossos rayos amorosos; apenas desse mar de luz me mundáraõ as influencias, quando as hervinhas mais inuteis deste jardim, meu amor, se viraõ com vossas virtudes, quando as mais rusticas piçarras deste meu peito empedernido, parecèraõ pedras preciosas. Notavel condiçaõ de Sol tendes, meu Deos, & meu Senhor, pois com aquelle mesmo influxo, com que dos Ceos chegais à terra, à flor da terra criais flores, & nas entranhas lhe dais minas; com aquelles mesmos imperios, com que ferìs, meu Deos, os mares, das areas lhes fazeis ouro, & nas conchas lhes criais perolas; cõ aquelles mesmos favores, com que os montes vos participaõ, vos abraçaõ tambem os valles; com aquella propria caricia, com que vos concedeis às Estrellas, fazeis tambem lustrar as nuvens. Por mais longes em que vos finja a vossa altura, meu Senhor, todos a hum vosso resplandor para a vista da alma saõ pertos; por mais alto que vossos auges vos façaõ respeitar da vista, entaõ mais pequeno, meu Deos, vos communicais aos affectos; por mais encuberto que andeis aos olhos de quem vos procura, entaõ, meu Deos, mais abrazado o vosso ardor vos manifesta. Oh meu Deos, & meu Senhor! se eu vira já com a vossa attracçaõ, subir da terra este vapor, arder em fogo esta exhalaçaõ, & erguerse em nuvens este fumo, entre os vossos mesmos ardores o vapor se fizera nuvem, a exhalaçaõ se vira chãma, & o fumo se tornàra luz; que depressa, meu Redemptor, a terra de todo este mundo revivèra fertilizada, & se lustrára florecida, pois a nuvem se fizera lagrimas, que para os campos fora chuva; a chãma lhe déra calor, que para as plantas fora vida; & a luz lhe déra fer-

fermosura, que para as flores fora graça? porèm sem esta graça vossa, quem duvída, meu Creador, que a nuvem encobra a vossa luz, que a chamma queime as vossas plantas, que a luz se eclipse em minhas sombras, se sem a vossa claridade toda a mais luz he de Cometa, sem o vosso fogo, meu Deos, toda a outra chamma he de rayo, & sem as vossas influencias, todo o vapor se faz corisco? Desfazey pois, meu Creador, as durezas de hum coraçaõ, que para vòs se quer de cera, fertilize-se o meu espirito cõ a chuva de vossas lagrimas, derretaõ-se os meus caramelos com o calor de vossa luz, influaõ-me vossas virtudes no peyto novas qualidades; sejaõ janelas os meus olhos, por onde em cada vista de olhos, & em cada vista das creaturas me entre a luz de vossa vista, para que eu possa ver que em tudo, & em todas vos tenho presente. Alegre-se o meu coraçaõ, desvanecendo-se os horrores de meus enganos sempre cegos; naõ viva no mundo às escuras huma razaõ, que tanto às claras vè os vossos beneficios; resplandeça dentro de mim, & luza já com o meu exemplo essa verdade, que encobre a mentira do mundo; & em fim descubraõ-se, meu Deos, com essa vossa claridade, aquellas fabricas escuras, & essas quimeras mentirosas do desengano taõ malquistas, & taõ bem aceitas da vaidade, & da cegueira taõ prezadas; chegando-me muito a vòs, de sorte me acenda, meu Deos, fitando em vòs sómente os olhos; de sorte esta alma se allumie, que remontada, como Aguia, em vossos rayos se suspenda, & abrazada em fogo, como Fenix, em seus incendios se renove, purificando-se nas chammas, esmorecendo-se nas luzes, vivificando-se nas cinzas.

VOZ DE DEOS.

FIlho, faze muito por andar na minha presença, por fallarme sempre que queiras, abaixandote quanto pódes, & ergoendote quando eu procuro, & naõ resistas aos favores que te faço, sendo taõ vil, que naõ es mais que hum pó, & cinza, hontem igual com o nada, hoje filho das hervas, à manhãa sustento de bichos.

FAISCA VII.

Loquar ad Dominum meum cum sim pulvis, & cinis. Genes. 18. 27.

SUSPIRO DO PECCADOR.

DIante de vòs, meu Senhor, se poem agora o pò, & cinza; a fallar com o seu Senhor vem

vem hoje a mesma corrupçaõ; à vista da vossa presença, com quem he nada todo o mundo, se atreve a pôr o mesmo nada; porèm como, meu Creador, ousarey eu, sendo taõ vil, chegarme para vossos olhos? vòs esse mar de immensidades, esse pègo de fermosuras, esse abismo de maravilhas; vòs essa excelsa Magestade, a quem o Ceo, & a terra adora, a quem o fogo, & o ar se humilha; vòs essa immensa Omnipotencia, a cujo aceno o Sol se move, a cujo imperio os montes tremem, a cujo impulso o mar se abate, & a cuja vista finalmente todo esse Imperio se arrebata, todo esse mundo se derruba, & o mesmo inferno se ajoelha; consentireis que ouse a fallarvos huma vilissima creatura? vòs que nos Ceos achastes manchas, no Sol defeitos, na luz sombras, & escoridades nas Estrellas, culpas nos mesmos Serafins; vòs finalmente essa pureza, de cuja vista senaõ tem por dignos os Santos, & Anjos, que vos louvaõ, os Serafins que em vòs se abrazaõ, os Cherubins, que em vòs se admiraõ; vireis a fallar, meu Senhor, com hum bichinho vil da terra, com hum pouco de lodo, & cinza, hum pò unido, hum torpe argueiro, hum breve onçaõ, & hum leve atomo, que cheyo de nodoas, & vicios, prezo nas redes do peccado, atado nos laços da culpa, nem vos busca como he razaõ, nem vos adora como deve, nem se vos prostra como he justo? como he possivel, meu Senhor, que por erguer o pò da terra, ponhais por terra a Magestade? por ventura faltarvoshiaõ na longa esfera dos possiveis, mil perfeitissimas creaturas, em quem pudesseis pôr os olhos? no largo Oceano do mundo faltariaõ outros, (meu Deos) que merecessem melhor que eu porem se em vossa presença? no immenso espaço de vòs mesmo faria mingua quem he nada, para louvarvos, meu Senhor? como logo vossos influxos, como vossas misericordias me trazem diante de vòs, para que se ponha, meu Deos, esta sombra na vossa luz, este argueiro nos vossos olhos, & este lodo na vossa pureza? porèm, meu Deos, & meu Senhor, como neste vosso favor, estas ingratas humildades desconhecem vossos beneficios, se do nada para o ser de homem, me tirou vossa Omnipotencia? se sendo pouco mais de nada, me tirastes vòs da minha culpa à vossa benignidade? se me ergueis com este favor a que pize o Ceo, & as Estrellas, (que mais he porme a vossos pès) como sou eu tal, meu Jesu, que tapo os olhos ao que devo, quando mais os abro ao que sou? que resisto à vossa vontade, quando trago a mi-

nha vontade mais aceita para obedecervos? quasi culpo as vossas obras, pois me encolho a vossas grandezas? Oh Deos immenso, & soberano, obrem em mim vossos influxos, o que naõ podem meus defeitos, isto que excede aos meus discursos. De maneira, meu Deos, vos busque, com tal confiança vos falle, com taes incendios vos adore, q̃ fazendo azas das chammas, espiritos das lavaredas, & linguas das admiraçoens; sirvaõ os pasmos de discursos, as transformaçoens de assistencias, & de affectos as maravilhas. Oh alto, immenso, omnipotente, sapientissimo, santissimo, incomprehensivel, & bonissimo Senhor, & Deos meu!

VOZ DE DEOS.

Filho, eu sou o teu Deos, que te tirey da terra do Egypto, louvame, pois fuy teu remedio, suspirame, pois sou o teu bem, fallame, pois sou o teu amor, & pedeme, pois tens em mim tudo.

FAISCA VIII.

Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei? Psalm. 41. 3.

SUSPIRO DO PECCADOR.

QUando, quando, meu Redemptor, cahiráõ desfeitas em lagrimas as nevoas, que cegaõ meus olhos? quando ha de ouvirse na minha boca aquella voz, com que vos louvem as minhas entranhas? quando sahiráõ da minha alma aquelles intimos suspiros, com que voe a unirse comvosco? & quando deste coraçaõ haõ de sahir chammas com que arda em vòs o meu peito? tirastesme, meu Redemptor, da terra do Egypto da culpa, & das escravidoens do peccado, & pelo mar Vermelho de vosso sangue, abrindome a estrada nas ondas, nellas deixastes sepultados, como a Faraò, os meus vicios, trazendo a salvo os meus sentidos, q̃ tambem saõ o vosso povo, fizestes com que vos cantassem gloriosamente o triunfo: pelo deserto deste mundo, que para os bons he solidaõ, & passo para os que vaõ ao inferno, me sustentastes, meu Senhor, com o Manná dos Sacramentos, chovendo do Ceo na minha alma o orvalho das misericordias;

do

do pedernal de hum coraçaõ, que ferio fogo contra vòs, fizestes que deytasse, ferido com a vara da vossa Cruz, copiosos rios de lagrimas, com que acodindo à sequidaõ, que eu sempre achava nos meus olhos, por vòs revive este espirito, amortecido tantas vezes nas fraquezas do ser humano, & sem castigarme outras muitas, que eu dey aos idolos do mundo a adoraçaõ que vos devia, & outras muitas que suspirey pelo peyor manjar do Egypto, me fizestes subir ao monte da Oraçaõ, que me ensinastes, donde vòs me daveis a Ley, que mais me convinha guardar, & onde sempre me fallaveis entre as chammas do Espirito Santo, com quem naõ só me respondieis, mas juntamente me inflamaveis. Aqui com o fumo da oraçaõ, que subio à vossa presença, com os terremotos admiraveis de meus internos movimentos, naõ só me ouvistes, meu Jesu, mas me prometteo vosso amor ver a terra de Promissaõ da celestial Jerusalem, & eterna bemaventurança, ao mesmo passo em que os meus olhos viaõ soverterse no inferno outros que por menores culpas vòs para sempre condenastes; quando a mim me desejava a terra, o Ceo, o mar, & o mesmo inferno tragarme, abrirse, & confundirme, por tantas offensas que eu fiz a tamanhas misericordias; naõ baston nada, meu Senhor, para que vòs vos affastasseis de mim, ou de chegarme para vòs: todos aquelles inimigos, que espantosamente terriveis, ou amigos fingidamente, solicitavaõ destruirme, ou pelo menos combaterme, sendo despojo dessas chagas, que saõ as armas com que ando, sendo trofeo da vossa Cruz, que he o Estandarte, que tremólo, sendo brazoens do vosso nome, que he a razaõ porque entendo, sendo timbres da minha Fè, que he o escudo com que me cobro, foraõ vitorias repetidas da batalha de vossa morte; foraõ insignias gloriosas dessa guerra da minha vida; foraõ simulacros erigidos nos Imperios da vossa graça; foraõ bandeiras arrastadas no triunfo da vossa gloria; naõ parando aqui, meu Senhor, vossos immensos beneficios: naquella terra deleitosa, que sempre mana leyte, & mel, naquelles rios de delicias, naquelles jardins da minha alma, que sempre tem flores, & frutos: na sagrada Religiaõ, donde a pobreza me fez rico, donde a obediencia he liberdade, donde a castidade he deleyte, me puzestes, meu Creador, de sorte bemaventurado, que ainda na terra achey o Ceo, que ainda na morte encontro a vida, & atè nas penas vejo a gloria. Oh Deos altissimo, bonissimo, piissimo,

misericordiosissimo! que obras podem ser palavras, que cantos podem ser louvores, que affectos podem ser extremos, para que digaõ os humanos os beneficios que vos devo, para que encareçaõ os homens as maravilhas que em vòs ha, para que eu grite a todo o mundo a mentira, que sem vòs he? Sayaõ, meu Deos, por esta boca feitas palavras as entranhas: rompaõ, meu Deos, pelos meus olhos as lagrimas feitas razoens: derramemse por todo eu, os suspiros feitos discursos, para que o mundo na minha alma, os homens nas minhas entranhas, & ainda o Ceo no meu coraçaõ, leaõ huma ancia, que he amor, huma verdade, que he prodigio, huma razaõ, que he maravilha, & hum desengano, que he exemplo. Todos, meu Deos, nisto vos louvem, pois eu naõ sey de outra maneira louvarvos todos os instantes, servirvos todos os minutos, & amarvos todos os momentos.

VOZ DE DEOS.

Filho, quebraõ-se as pedras, vendome morrer em huma Cruz; & tu vendome morto por ti, nem me tiras deste injurioso tormento, nem te crucificas por mim. Olha, q̃ desta mesma fonte naõ podem manar juntamente as aguas doces, & amargosas.

FAISCA IX.

In foraminibus petræ, & in caverna maceriæ ostende mihi faciem tuam. Cant. 2. 14.

SUSPIRO DA ALMA.

Oh meu Jesu, oh meu Senhor! com que soberbo atrevimento levanto os olhos para vervos, com que profanas ousadias vos intento tomar na boca? com que arrojado precipicio tomo esta Cruz nas minhas mãos? se ellas vos pregáraõ os cravos, se a minha boca vos deu o fel, se os meus olhos foraõ vossa afronta; olhos tenho eu para vervos, boca tenho para fallarvos, & tenho mãos com que me atreva a tomar o Ceo com as mãos? & naõ choraõ ainda os meus olhos, o que vendo vos aggraváraõ? naõ confessa ainda esta boca a grande offensa que vos fez? naõ espedaçaõ estas mãos hum coraçaõ, que assim vos poz? para que tem covas os olhos, se ainda nellas se naõ sepultaõ? de que servio ter Ceo a boca, se he melhor a boca do inferno, que huma boca taõ infernal? de que servem as mãos terem palmas, se podendo-as ter de vitoria, as perdèraõ quando no mundo dèraõ as costas ao seu Deos?

Deos? Mas que se havia de esperar de hum coração mais que de pedra, que podendo ser de tocar vossa bondade, meu Senhor, foy de attrahir para as maldades, & de cevar a todos os vicios? que podendo ser de estancar o mar de sangue que verteis, foy tantas vezes, meu Jeso, de ferir fogo contra vòs? que podendo ser preciosa, & servirvos de pedra de ara, a todo o mundo o foy de escandalo, parecendo pedra perdida? que podendo desfeita em lagrimas fazer chorar as mesmas pedras, fez que se erguessem contra vòs as mesmas, que vòs magoaveis? que podendo na vossa casa ser pedra de fundamento, poz huma pedra sobre vòs, sem que vos désse sepultura? Oh meu Jesu, & meu bem todo! quebraõ-se as pedras de vos ver, & eu tenho inteiro o coraçaõ! usurpaõme ellas a razaõ com que doridas se enternecem, com que se partem magoadas, & eu só lhes usurpo esta dureza, com que vos olho empedernido! morre-se o dia de pezar, & naõ me peza de viver, sendo hum inferno a minha vida! O Sol olhandovos se eclipsa, o Ceo doendo-se se enluta, & eu vendo qual vos tenho posto, nem me doo do mal que fiz; nem de vervos tal me entristeço! Alli se rasga o veo do Templo, aqui naõ quer o coraçaõ rasgarse em golpes, & pedaços! Os cegos chegaõ a ter vista nos Sacramẽtos deste feito, & eu por naõ ser do vosso lado, quero com vista ficar cego! Hum inimigo se converte, confessando que sois seu Deos, & eu, a quem vòs chamastes filho, a quem chamastes tantas vezes, a quem mil vezes perdoastes, ainda recuso o converterme, ainda trato de vos fugir! para onde posso eu fugir, aonde todas as creaturas me naõ castiguem por ingrato, & me naõ tenhaõ por inimigo, se em toda a parte, meu Creador, levo comigo o meu peccado, & vay comigo a vossa offensa, espedaçandome a conciencia, & gritandome dentro na alma, para que aos golpes, & ao ruido desta sua perturbaçaõ, veja todo o mũdo os feyos vultos de meus vicios, as negras sóbras de meus erros, & as razoens que todos teraõ de vos vingar, & consumirme? tudo parece que me accusa o que em mim dura esta dureza: tudo parece que se arma contra esta minha obstinaçaõ. Olho para os Ceos, & se turbaõ de ver que os olho, & que os desprezo; olho para o mar, & se altera, de ver que ronca, & vos naõ temo; olho os ares, & se enfurecem, de ver que os bebo, & vos aggravo; olho para a terra, & me foge, de ver que treme, & me naõ move; vejo essas hervas, & se murchaõ de ver que as pizo em vossa offensa;

reparo no Sol, & se ensia de allumiarme em vossa injuria; valhome das sombras, & caem, por ver que encobrem vossa afronta; chegome ás fontes, & congelaõ-se de ver que as gosto, & vos naõ busco; passo aos penedos, & espedaçaõ-se de ver que os olho, & me endureço; contemplo as horas, & se acabaõ, de ver que acabo,& naõ me emendo; tornome a vòs, & demudaisvos, porque eu vos olho, & me naõ mudo; tudo parece que se admira,tudo conheço que me accusa, que me aborrece, & me reprehende, pois olhandome com a carranca, naquelle seu espanto mudo se pasmaõ da minha maldade, & em todos seus annuncios tristes me ameaçaõ a vossa ira: porèm, meu Deos, deste penhasco, desta serpente, desta vibora, deste prodigio de maldades, deste portento de delitos, que podeis vòs esperar, ou que podia ver o mundo? se desde o ventre à luz da vida foy hum veneno amortecido; se desde o berço à flor da idade foy hũa quimèra organizada; se desde o leyto atè o tumulo sou hum escandalo perjuro; & se em fim sou a todo o tempo hum parto morto da razaõ, hũ monstro horrendo dos nascidos, & hum cometa vivo do mundo. Porèm que importa, meu Jesu, a gravidade de meus vicios, a grandeza de minhas culpas, & o pezo de minha conciencia, se na balança dessa Cruz se pezar com vossas piedades? naõ vos puzestes vòs na Cruz para me condenar, meu Deos; para perdoar minhas culpas, & lavarme com vosso sangue, derramastes vòs dessas Chagas hum rio de misericordias; que tem pois que fazer, meu Deos, os torrentes de minha culpa, ainda que pareçaõ diluvios, com os mares de vossa graça, ainda que só pareçaõ fonte? que tem que fazer o diluvio da minha culpa com a innundaçaõ de vossa graça, se a muitos mares de peccados, & a muitos mundos de delitos excede a menor piedade vossa? Pesay, meu Deos, quanto me peza de me naõ pezar quanto he justo, o muito que vos offendi, & vereis que se me naõ peza, quanto he razaõ que me pezasse, he porque apar dessas piedades he nada toda a minha culpa; naõ pelo pezo da minha ancia, pelo valor de vosso sangue haveis de julgar, meu Senhor, & haveis de estimar, meu Jesu, meu amor, a minha emenda. Pondome apar de vossas Chagas, vos venho a pedir, meu Jesu, que me ponhais os vossos olhos, metendome por dentro dellas: donde me esconderey de vossa ira, se esses olhos de misericordia senaõ viràrem para mim? No vosso peyto, meu Senhor, donde os cegos achàraõ vista, entro eu a buscar re-

remedio; esse lado ha de ser agora a Cidade de refugio, adonde se vaõ a acolher todos os medos do meu mal, & as esperanças do meu bem; se ahi me achastes contra vòs, quando de hũa lança fiz chave, aqui vos hey de achar por mim, pois dessa chaga fazeis porta. Esta, meu Senhor, he a differença, que ha de hũ Deos misericordioso ao peccador mais ingrato. Aqui, meu Deos, & meu Senhor, me quero fechar para o mundo, metendome em hũ Ceo aberto; aqui me quero abrir comvosco, desabrindome com meus peccados, & de todos arrependido, ao menos vos venho a bater donde vos cheguey a ferir, porque me fira o vosso amor, & me cure a vossa piedade.

VOZ DE DEOS.

Filho, se queres q̃ ouça tuas petiçoens, & que te defira bem, naõ me peças nunca outra cousa, senaõ que se faça em ti a minha vontade.

FAISCA X.

Non mea voluntas, sed tua fiat. Luc. 22. 42.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Immenso, altissimo, infinito, & omnipotente Senhor meu, naõ, como outras muitas vezes, vos venho a pedir neciamente os bens da vida deste mundo, as honras, glorias, & fortunas, que só buscaõ almas do seculo: persuadido da vossa graça, atrahido do vosso auxilio, excitado do vosso impulso, cuido que venho a vos pedir o mesmo que vòs quereis darme; vòs quereis, meu Deos, que eu me salve, que vos adore, louve, & sirva, & para isso me criastes, escolhendome entre tantos, que me puderaõ preferir: a obedecer gostosamente a vossa vontade, meu Senhor, naõ me arrastaõ só as fortunas, naõ me soborna só o exemplo, nem só me move o desengano, a minha vontade me traz acesa em lavaredas de vosso espirito divino, que de mim, meu Deos, naõ presumo que naça este ardor de châmas, que corre a este mar de fogo. Aparelhado, meu Senhor, vem agora o meu coraçaõ para fazer vossos mandados, resignados os meus sentidos para entregarse ao vosso gosto, & mansa a minha liberdade para tomar o vosso jugo; faça-se em mim vossa vontade, & acabem já por huma vez tantas violencias da memoria, tantos excessos do alvedrio, tantas cegueiras do discurso; vença-se o gosto da razaõ, ace-se à graça a natureza, & sopee ao corpo o espirito. Baste, meu Deos, & meu Senhor, baste a passada resistencia, aquella

cega rebeldia, & essoutra louca repugnancia com q̃ às vocações fuy escandalo, aos auxilios ingratidaõ, & em fim àcinte aos beneficios: fiquem comigo as negaçoens, comvosco as conformidades, que me importa muito, meu Deos, naõ querer já nada de mim, nem me está bem, meu Creador, desviarme em nada de vòs: faça-se em mim vossa vontade, como vòs quereis que se faça, & naõ queira eu cõ meus erros governar os vossos destinos: sirvavos eu, meu Deos, em tudo, como vòs quereis que vos sirva, & naõ se metaõ meus arbitrios em mandar vossa vontade: mas quem sou eu, meu Creador, quem sou, meu Deos, & meu bem todo, para cuidar tanto de mim, que cuide que posso prestar para tudo quanto quereis? & que merecerey servirvos, sendo a peyor cousa do mundo? naõ se tem os Anjos do Ceo por dignos de vos adorar, naõ se julgaõ os Justos da terra merecedores de servirvos, & cuidarey eu, pó, & cinza, que disto sou merecedor, & que de tanto bem sou digno? Os que vos servem, meu Senhor, os que vos ministraõ, meu Rey, os que vos adoraõ, meu Deos, saõ Santos, & naõ peccadores; saõ Anjos, & naõ como eu homens; saõ Serafins, & naõ como eu brutos; mas eu, que na vida do seculo pareci Turco, & naõ Christaõ, pareci bruto, & naõ humano, pareci demonio, & naõ homem, no vicio, exemplo da maldade, na culpa, monstro dos perversos, nos erros, norte dos perdidos, cuidarey que posso servirvos do modo, que vos serve hum Justo, da sorte que vos ama hum Santo, & na fórma que vos quer hum Anjo?

Será bem, que eu chegue a cuidar, que no meu estado sou justo, que na minha vida sou Santo, & que sou hum Anjo no espirito? como, meu Deos, & meu Senhor, atè por aquelle caminho, em que vos desejo servir, & me ponho a risco de offendervos, levandome desta soberba, & tendo tamanha ousadia: como consente a vossa bondade, que eu vos falle taõ atrevido, & me suspeite taõ medrado? porque callais quanto faço? porque me sofreis quanto digo? que fosse offensa a minha vida, quando nas culpas foy estrago, andar, naõ era novidade: que fosse aggravo o meu amor, quando do mundo foy delirio, passe tambem, pois andey cego; mas que hoje quando vos busco, quando me peza de offendervos, & quãdo só quero agradarvos, seja delito o que vos peço, esta sòmente he a cegueira! que hoje, meu Deos, quando vos amo, seja soberba o que me prostro, esta só he a maravilha! porèm, meu Deos, que hey de fazer, ou que

será

ſerá razaõ que faça? ſerá acerto por ventura, por naõ ſer digno de ſervirvos, que continue em offendervos? ſerá razaõ que gaſte o reſto que me ſobeja, na vida de voſſo aggravo, & no meu delito? porque naõ poſſo ſer hũ Anjo, ſerá bem que ſeja hũ demonio? porque me naõ devo ter por juſto, tratarey de ſer peccador? ſerá pedirvos, meu Deos, que em mim ſe faça a voſſa offenſa, por naõ merecervos, que em mim ſe faça a voſſa vontade? pedirvoshey, meu Creador, que de mim vos queirais offender, porque naõ mereço pedirvos, q̃ de mim vos queirais ſervir? que hey de pedirvos, meu Senhor, ſe pedirvos iſto he aggravo? como ha de ſer, como he poſſivel, que vos agrade o que vos peço, ſe pedir eu parece abſurdo, ſe pedirvos a vòs he força? ſe o que ſe pede ha de ſer juſto, & pedirvos iſto he razaõ, ſoberba parece, meu Deos, o pedirvos eu, ſendo quem ſou, hum bem tamanho, como amarvos: parece offenſa naõ pedirvos, ſe vòs me rogais que vos peça: ſe me enſinais que iſto vos rogue, inclinando-me a obedecervos; vede, meu Deos, vede, meu Pay, o que he voſſo goſto que eu faça, q̃ eu me ponho nas voſſas mãos; & ſó vos peço, meu Senhor, o que vòs quereis que eu vos peça, faça-ſe em mim a voſſa vontade, porque ſem eſcolher, nem fugir dos caſtigos, ou dos favores, indifferente para tudo me acharáõ os voſſos decretos: ſeja, meu Deos, qual for a ſorte que hoje me lance o voſſo agrado, que eu já naõ quero mayor bem, que ſaber da minha reſignaçaõ, que a voſſa gloria he o meu fim, voſſa vontade a minha gloria, & voſſa em fim a minha vontade.

VOZ DE DEOS.

Filho, naõ ſó na noyte das adverſidades, mas em huma ſombra de deſcuido, me agrada quem ſe chega a mim, & quem bemdiz as minhas obras. Se perderes o ſono, & deixares o deſcanço, todo Eu ſerey o teu premio.

FAISCA XI.

Memor fui nocte nominis tui Domine, & cuſtodivi legem tuam.
Pſalm. 118.

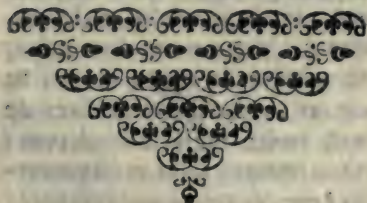
SUSPIRO DA ALMA.

Agora, Deos, & Senhor meu, que ſe amortalha o Ceo em nuvens, que a luz ſe ſepulta em ſombras, que a noyte ſe derrama em trevas: agora, que a ſombra da noyte finge deſcanço a tantas vidas; agora em fim, meu Creador, que as aves tem o ſeu abrigo, que os bru-

brutos gozaõ do repouso, que os homens trataõ do seu descanço; eu que em vòs só me recreyo, aonde encostarey os meus sentidos, aonde adormecerey os meus olhos, senão muito a par de vossa graça? aonde poderey eu ter reposo, senaõ deitado a vossos pès? aonde encontrarey descanço, senaõ for nos vossos braços? aonde gozarey abrigos, senaõ for nos vossos olhos? se esses me servem de regalo, estoutros me servem de leyto, & aquelloutros de ninho. Corre hũa fonte para o mar, porque no mar tem o seu centro: remontase a Aguia sobre as nuvens, porque no Ceo quer pôr os olhos: attrahe o Norte a pedra Iman, porque tem virtude huma pedra: & podendo os olhos ser fonte, pois saõ as fontes olhos de agua: podendo hum juizo ser Aguia, que tambem ha Aguias de juizo: podendo hum coraçaõ ser Iman, que tambem ha corações de pedra: naõ queira attrahir como pedra a vòs, ò Norte da minha alma! naõ queira voar como Aguia a vòs, ò meu Sol de justiça! naõ queira correr como fonte a vòs, ò mar de toda a gloria! Oh corra-se muito a razaõ de estar em mim tam mal parada, que tenha já mais virtude huma pedra, que hum coraçaõ! que faça huma Alma menos, que hũa ave! que obre huma fonte mais, que huns olhos! se só como Author da natureza vos obedece o Ceo, movendo-se, todos os Astros influindo, o Sol, & a Lua allumiando: só por servirvos, o ar a todos vos dá alentos, o mar passagem, a terra frutos, o fogo abrigos, o mundo cala; que menos hey de fazer eu, a quem sobre os bens da natureza déstes tantos bens da graça? para que vos servirey peyor, se vos conheço por meu Deos? vejo esses Ceos, essas Estrellas, que me vaõ servindo todas em todo o tempo, que vos busco: que me daõ luz para seguirvos, em quãto sabem que vos chamo: olho para essas sombras, & essas nuvens, & dizem-me, que vos vaõ amando, & buscando, pois a servirvos vaõ correndo: ouço esse ar, cujos çuçuiros me parece, que saõ suspiros: vejo o mundo todo posto em silencio, onde as cousas sem alma, as mais toscas, & as mais rudes contemplandovos admiradas, todas em vòs estaõ suspensas, & pasmadas; ellas correm a obedecervos, & se movem para agradarvos, sem que parem, nem de noyte, nem de dia: outras em vòs se estaõ revendo, & se estaõ em vòs elevando, sem que cessem hora, nem ponto. Todas parece, que me reprehendem, me arguem, & me accusaõ esta minha tibieza, com que me canso para servirvos, em q̃ me desvelo para fallarvos, & continua-

nuamente amarvos. O Sol vos cria as pedras para as Aras, & juntamente as flores para os Altares; mas que farey eu, se desse Sol, que os Ceos, & Espiritos celestes adoraõ, faltar a luz, que me allumia, faltar o influxo, que me attrahe? se desse mar, para onde corro, faltar o centro que me aquiete? Abrazem-me já esses rayos, predomineme o vosso influxo, & çoçobrem-me as vossas ondas, para que nelles sempre aceso, vos ame os seculos dos seculos: para que nelle arrebatado vos naõ largue o nunca dos nuncas: para que nelles embebido vos adore o sempres dos sempres.

VOZ DE DEOS.

Filho, detesta, & abomina tuas culpas diante de minha Magestade, para te fazeres digno de que minha grande misericordia tas perdoe, tas remitta, & naõ impute.

FAISCA XII.

Peccavi super numerum arenæ maris, & multiplicata sunt peccata mea: & non sum dignus videre altitudinem cæli, præ multitudine iniquitatis meæ. Ex Officio Eccles.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, meu Redemptor; eu o mais ingrato dos homens, o mais perverso dos nascidos, o peyor de todos os humanos, a vossos pès cheyo de culpas, venho a ver aquella bondade, que tantas vezes me soffreo, a pedir essa misericordia, que tantas vezes engeitey, a cõfessar essa piedade, que tantas vezes me attrahio. Eu sou aquelle filho ingrato, aquelle servo fementido, & aquelle em fim perverso homem, que da vossa misericordia fiz atègora a vossa injuria, pois que de tantos beneficios naõ tenho feito a minha emenda: sou aquelle monstro de culpas, aquelle extremo abominavel, aquelle excesso aborrecivel, que da vossa mesma justiça, fiz atègora paciencia, pois para ser misericordia, se fez comigo esquecimento. Eu sou, meu Deos, aquella pedra, aquella fèra, aquel-

aquelle bruto, que a ter de pedra o coraçaõ, naõ pudèra ser mais de marmore, que a ter de bruto a natureza, nunca pudèra ser mais bruto, que a ter de féra a condiçaõ, nunca pudèra ser mais féra. Sou aquelle peyor que todos, que dandome vòs mais que a todos, os beneficios, & os auxilios, mais que todos vos fiz offensas, mais que tudo vos fuy escandalo. Indigno sou, meu Creador, de que o Sol me dè a luz que vejo, o ar, o alento que respiro, a terra, o lugar que occupo, & dè todo o uso da razaõ, que nunca em mim teve o seu uso. Indignissimo sou, meu Deos, da vida, & da alma que me déstes, do tempo, & meyos que me dais para que fuja de mim mesmo, & para que a vòs só me chegue. Indignissimo sou, meu Deos, de que haja cousa que me sofra, bichinho vil que me consinta, & leve ouçaõ que naõ me aggrave. Merecedor sou, meu Jesu, de que no mundo as creaturas se ergaõ, & se armem contra mim, & por si, & por vòs se vinguem de quanto em mim vos aggravàraõ, quando em mim vos desobedecèraõ. Merecedor fuy, meu Senhor, por quantas vezes vos fugi, vos resisti, vos engeitey, de que o Ceo me desemparasse, de que o fogo me consumisse, de que a terra me sovertesse; & ainda hoje, meu Deos, mereço que as creaturas me naõ olhem, que os elementos se me neguem, que o mesmo inferno me sepulte, pois sendo em vòs mil beneficios cada hum instante meu de vida, foy em mim huma eternidade de offensas cada momento mais de culpa: & devendo em mim ser penitencia, tudo o que foy distrahimento, foy em mim sempre obstinaçaõ, o que devia ser emenda.

Daveisme a vida, meu Senhor: daveisme o tempo, meu Jesu, por ver se a mudança do tempo podia em mim fazer mudança: por ver se os estragos da alma eraõ já fastios da culpa; & eu cada vez mais pervertido, cada vez menos emendado, me deleytava nos delitos, como se nelles vos amàra: me gloriava nas maldades, como se nellas vos servira. Oh meu Senhor, meu Redemptor, quanto sinto, quanto me doo, & quam pouco me doo, & sinto de ser, meu Deos, a vossa afronta, de ser, meu Deos, a vossa Cruz! Quanto sinto, Redemptor meu, ser taõ grande a minha maldade, que mil vezes na mesma culpa, fiz vaidade de aggravarvos, & outras tantas me entristeci de naõ poder mais offendervos! Que homem seria mais perverso? que féra mais incorregivel? que demonio mais detestavel? & vòs, meu Deos, sempre a sofrerme, & vòs, meu Senhor, sempre

pre a esperarme, como se o vosso ser immenso dependèra muito de mim! como se ao vosso immenso amor lhe fora muito em me salvar! Rasgue-se pois, meu Creador, este coraçaõ empedernido em rios de fogo, & de lagrimas: ceguem, meu Deos, ceguem meus olhos com diluvios de sentimento: espedace-se esta minha alma com huma dor sempre chorada, com huma má. goa nunca vista, em hum vivo aborto destas culpas, & em huma ancia morta do meu pranto: seja este o parto das viboras, que me espedace as entranhas: seja este aquelle cutello, que me traspasse o coraçaõ. Pequey, meu Deos, & meu Senhor, & naõ tem areas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem, Pay, & Senhor meu, o numero das minhas culpas; nem a serem as hervas fontes, nem a serem as flores rios, nem a serem as ondas mares, igualaráõ as q̃ os meus olhos devem chorar arrependidos. Pequey, meu Deos, já o confesso, & ao Ceo, à terra, às creaturas o direy a vozes, & a lagrimas. Pequey, & sendo as minhas culpas hum aggravo de todo o mundo, quando imagino os que vos fiz, só cuido, que contra vòs pequey. Tamanha he á differença de vossa offensa às outras todas, que sendo muito cada huma junto da vossa, todas juntas parecem pouco mais de nada. Pequey, meu Deos, & bem conheço, que todas as penas do inferno saõ para mim pouco castigo; mas naõ pelo temor da pena, que eu mereço taõ justamente; naõ por perder os bens da gloria, que eu nunca vos mereceria, me peza, Deos, & Senhor meu, de meus vicios abominaveis, & de meus peccados incriveis. Pezame muito de coraçaõ, pezame muito na minha alma, por serdes vòs o offendido; vòs o meu Deos, & o meu Senhor; o Senhor dos Ceos, & da terra, que me criou, me redemio, que me sofreo, & me chamou; vòs que só por vòs sois digno de ser eternamente amado, por vòs mesmo merecedor de atè no inferno ser servido; vòs essa immensa Magestade, de quem os Ceos, & a terra tremem; essa suprema Omnipotencia, de quẽ foy obra todo o mundo; essa ineffavel fermosura, por quem o mundo he admiravel; essa bondade incomparavel, por quẽ eu sou aborrecivel; esse mar de misericordias, esse extremo de perfeiçoens, sempre infinito de grandezas, nunca acabar de maravilhas; & que sendo vòs tudo isto, & muito mais do que isto tudo, me atrevesse eu a offendervos, me resolvesse a exasperarvos! eu vilissima creatura, que hontem fuy nada, hoje sou pouco, & à manhãa serey mui-

to menos! eu que se bem me considero, quando muito vejo em mim mesmo, que fuy, que sou, & que serey, ha pouco lodo, agora feno, daqui a pouco pò, & cinza! eu mais vil que tudo o que he vil, peyor que o peyor de tudo! eu que de vòs recebi tudo, a vida, a alma, a liberdade, a vontade, o entendimento, a redempçaõ, a Fé, os auxilios, a honra, os bens, & as vocaçoens, com que ainda assim me estais chamando, com que ainda assim me estais querendo! Oh Senhor, & Redemptor! como he possivel que esta dor me naõ arranca das entranhas hũa alma, que foy taõ ingrata? como he possivel que esta dor me naõ parte este coraçaõ contra vòs sempre endurecido? como he possivel, meu Jesu, que eu nelle vos queira meter, se foy cova de basiliscos? como he crivel, meu Redemptor, que ouse erguer a vòs os meus olhos, se foraõ portas do peccado? & como he crivel, meu Senhor, que eu chegue a pôr em vòs a boca, se foy vaso de venenos? vòs offendido, & eu com vida! vòs com amor, & eu sem pezar! vòs perdoandome aggravado, & eu resistindovos vencido! vòs em huma Cruz dandome os braços, & eu nelles sendo a vossa Cruz! vòs por mim prezo nesses prègos, & eu contra vòs nas culpas solto! eu tenho dor, & ainda vivo! eu me enterneço, & ainda duro! como he isto, meu Creador, que me naõ entendo comigo, nem ainda quando estou comvosco? como he isto, Pay, & Deos meu, que ainda de mim naõ sey livrarme, quando de vòs chego a valerme?

Mas como ainda a mim me estranho, como ainda me desconheço! que outra cousa póde esperarse de qual eu fuy, de qual eu sou, senaõ estas ingratidoens, a vossa offensa, & os meus erros? que outra cousa se esperaria desta serpente, desta vibora, mais que as maldades, & os venenos? Oh meu Senhor, oh meu Jesu! se nesta hora fora licito, para vingarvos em mim proprio, para vingarme de mim mesmo, arrancar este coraçaõ, & tirarme a mesma vida; ainda assim se não apagára esta sede, ou essa chamma, que da minha ancia, & vosso espirito, tam vivamente se acendeo, por estas minhas sequidoens! mas pois que em mim de nenhum modo podem acharse as sufficiencias, a quem, meu Deos, hey de acodir, de quem, meu Deos, me hey de valer, senaõ de vòs, que sois meu Pay, meu bem, meu Deos, & meu Senhor? a quem tive eu nunca por mim, mais que só a vòs, meu Jesu? se sendo o mundo quem me tenta, o demonio quem me combate, & tudo o mais quem me persegue, nada foy tanto cõtra mim, como eu mesmo fuy,

&

& estou sendo. Acodime vòs, meu Jesu: valeime vòs, meu Creador, & naõ me desempareis, meu Deos.

Meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, naõ aos pès dos filhos dos homens, mas aos pès do Filho de Deos, & meu Senhor, me trazem hoje os meus suspiros, me arrojaõ hoje as minhas lagrimas, naõ com aquella reverencia, contriçaõ, & resignaçaõ, proposito, amor, & intensaõ, que este meu acto requeria, mas com aquillo que he possivel, a quem foy sempre a mesma culpa, o mais fragil por natureza, por experiencia o mais ingrato, por condiçaõ o mais perverso; mas quando posso eu confessar, que he a vossa bondade immensa, senaõ quando tam confiado a vossos pès venho a mostrar que ainda he mayor que a minha culpa? Em vir deitarme a vossos pès bem mostro já que reconheço, que sois vòs o meu Senhor; em vos pedir misericordia, & ter nella esta confiança, bem confesso que sois meu Pay; em conhecer quam justamente viraõ sobre mim os castigos, bem confesso, que sois meu Deos. Aqui me chego aos vossos olhos, aqui me ponho em vossas mãos, aqui me deito aos vossos pès; se he vosso gosto condenarme às mayores penas do inferno, como posso eu convencervos? como poderey resistirvos? seja embora, meu Creador, que justo sois, & eu o mereço, faça-se em mim a vossa vontade, que santa he, & eu peccador: naõ por gozar eu hum perdaõ, se balde em vòs hum attributo: louve eu assim vossa justiça, pois tantas vezes desprezey vossa immensa misericordia: porèm alcancemvos, meu Senhor, estas lagrimas hum partido, mereçavos a conformidade, com que obedeço a vosso gosto, (nas minhas penas) hum concerto, naõ que eu deixe de padecer as mayores, que lá se sentem, mas que vos naõ perca este amor, que vòs mesmo me tendes dado: cresça o amor, cresçaõ as penas, que nenhumas me tiraráõ (senaõ me tirares o amor) a gloria de as sentir, sabendo que tendes gloria de que eu as sinta. Gloria minha será, meu Deos, ver que vos tenho hum grande amor, donde todos vos aborrecem: poder cantar vossos louvores, donde vos vira maldizer; & poder suspirar por vòs, donde vos vira blasfemar.

Porèm se nos vossos juizos pódem meterse os humanos, tamanha gloria terey disto, se vòs disto tiveres gloria, que desde agora me persuado, que serey indigno, meu Deos, dos mesmos tormentos do inferno, se os sentir com circunstancia de q̃ vòs nelles tenhais gloria: pois sendo eu cousa taõ má, que

sou do mundo a peyor cousa, como me naõ admirarey, que ainda assim pudesse dar gloria (de qualquer maneira que fosse) a hum Deos taõ bom como vòs sois? tam bom sois, meu Deos, & Senhor, que cuido que no mesmo inferno, para conhecer quam bom ereis, naõ era necessario outro argumento, que crer que a mim me castigaveis, por ser a cousa mais opposta, q̃ achastes em todos os seculos, à vossa bondade infinita. Isto só bastàra, meu Deos, para que vendovos taõ justo, & conhecendovos quam bom ereis, me fizera amarvos nas penas, & louvarvos no meu castigo: naõ me tireis pois, meu Senhor, esse amor, nem esta razaõ: naõ passeis de mim, meu Deos, o vosso, & meu conhecimento; & desde logo se quereis sepultarme para todo sempre no escuro carcere do abismo, eu, meu Deos, naõ me persuado, que vòs me quereis condenar, porque se na campanha da honra, se no mal da vida passada, se na casa do mesmo vicio, se no leyto da mesma culpa, tantas vezes a vossa justiça embainhou a sua espada; como agora, que a vossa graça poem na balança o meu pezar, taõ unido com a vossa Cruz, me querereis dar o golpe? fiado na vossa bondade, naõ cuido eu, meu Redemptor, que me perdoastes obstinado, para condenarme arrependido: se esta fora a vossa vontade, já a terra me naõ sofrèra, já o Ceo me naõ consentíra, & já o inferno me tragára. Por ventura cuidarey eu, que sou mayor na confiança, com que busco a vossa piedade, do que ella he com minhas culpas? & quando isso assim naõ fora, (que eu mereço todo o castigo, & vòs, meu Deos, sempre sois justo) fora razaõ que o mundo vira, que vòs, meu Deos, me perseguieis, & me tinheis por inimigo?

Contra hũa debil folhinha, a quem os ventos arrebataõ, mostrareis o vosso poder? contra hum bichinho vil do mundo, em quem os ouçoens tem dominio, executareis o vosso imperio? cõtra hum argueiro limitado, sobre quem anda o pó da terra, empenhareis a vossa ira? naõ sois vòs quem desemparais a quem se chega à vossa sombra; taõ pouco quem toma vingança, de quem nas vossas mãos se poem; & menos quem deita de si, quem vem deitarse aos vossos pès: naõ deixarey os vossos olhos, naõ largarey os vossos braços, nem soltarey os vossos pès, nem daqui me levantarey, em quanto, Pay, & Senhor meu, naõ sentir no meu coraçaõ, que já me tendes perdoado, & me deixais restituido; naõ porq̃ eu, meu Deos, o mereça, mas por vossos merecimentos:

tos: naõ, meu Jesu, por minhas lagrimas, senaõ pelo vosso sangue: naõ, meu Senhor, por minha justiça, mas por vossa misericordia. Prometto, Pay, & Senhor meu, de nunca mais vos offender, nunca mais, nunca mais, meu Deos; cayaõ os Ceos, fujame a terra, falteme o ar, funda-se o mundo, tenteme o inferno, & o demonio, que em fim fiado em vossa graça, de vòs me naõ apartaráõ, o bem, o mal, a morte, a vida, a honra, a injuria, o gosto, a pena, a terra, o Ceo, & o mundo todo. Fazey vós, Pay, & Senhor meu, meu bem, & todas minhas cousas, que assim o faça, como digo, & pois com vosso auxilio o proponho, que em vossa graça o execute. Oh meu Senhor, oh meu Creador! antes mil males, que huma offensa: antes mil mortes, que huma culpa: antes o inferno, que hum peccado.

VOZ DE DEOS.

FIlho, resignate na minha vontade, que só entaõ acertarás, & fazendo norte do meu beneplacito, te porás nas mayores alturas do espirito sem perigo de naufragio.

✠✠✠✠✠✠✠
✠✠✠
✠

FAISCA XIII.

Domine, quid me vis facere? Act. 9. 7.

Loquere Domine, quia audit servus tuus. 1. Reg. 3.

SUSPIRO DO PECCADOR.

QUe quereis, meu Senhor, que eu faça? Fallay, meu Deos, & meu Senhor, que aqui vos ouve o pó, & cinza: já estaõ cahidos por terra aquelles castellos de vento, que ergueo a minha vaidade; já se levanta desenganada pela vossa voz, meu Deos, aquella razaõ tam cahida nas areas do meu engano; aquelles ouvidos, meu Jesu, que vos naõ deu o meu amor no meyo das ondas do seculo: já os tapou o advertimento às sereas do meu perigo: já para vòs estaõ abertos, & para tudo o mais fechados: cerrados tambem os meus olhos, para ver os riscos do mundo: a tudo se fechaõ, meu Deos, para se abrirem só comvosco: entray por elles, meu Deos, entray muyto dentro de minha alma, pois só para entrardes muy dentro, naõ só fiz portas dos meus olhos, naõ só corredor dos ouvidos, mas passadiço das entranhas, & Palacio do coraçaõ; de par em par as achareis, meu doce Esposo, todas

das por dentro, para que muito a vosso gosto andeis pelo interior da minha alma. Este, meu Deos, & meu bem todo, he o Castello de Emaùs, onde ainda a portas fechadas vos vi entrar. Entray, meu Deos, & ficay comigo: que se vem pondo sobre a terra a noyte da tribulaçaõ. Vede, meu Deos, que o meu bem todo naõ esteve só em entrardes, estará sim em naõ sahirdes. Aqui me podeis ensinar a fazer tudo o que quizerdes, que determinado estou já a me guiar por vòs em tudo: se entaõ quizerdes, que sayamos, hireis comigo, ou eu comvosco; que tambem estou resoluto a seguir o vosso caminho. Nelle me ponho, meu Senhor, nelle me resolvo a viver tudo o que aqui peregrinar: fazey vòs que assim o execute, pois fazeis que assim o prometta; pois de vòs nasce, que eu o deseje, fazey tambem que eu o faça, fallay comigo, meu Deos, conversay muito comigo: pois bem, que eu seja hum vil bichinho, naõ vos aggravo em querer tanto, pois vos queixais quando o naõ quero. Conversay comigo, meu Deos, & daime licença entre tanto, que aos vossos pès busque o meu throno: ponha eu a boca, meu Senhor, onde vòs puzerdes os pès. Quando nas chagas desses pès vos naõ merecer pôr a boca, tome eu essas mãos soberanas, que fizeraõ o Ceo, & a terra, & beijandovolas mil vezes, as ponha tambem nos meus olhos. Naõ se fartem nunca os meus braços de apertarvos sempre nos meus: nem cessem as minhas entranhas de vos meter no coraçaõ. Oh se eu, meu Deos, assim me vira, isto fizera a toda a hora; se todo o dia naõ parára, se toda a noite naõ dormira, se embebido, se arrebatado nesse doce dessassocego consumira os mezes, & os annos, que ledo, meu Deos, que contente passára as horas, & os instantes! que satisfeito, que ditoso possuira o tempo da vida! Nem pois, meu Deos, & meu Senhor, porque errey nas vias do mundo, desacerte em vossa vontade; nem porque cahi nos meus erros, vos descaya já dessa graça. Mais quero ser na vossa casa hum vil desprezo dos mais vís, que nos Palacios do mundo huma estimaçaõ dos mayores: antes quero nas vossas vias ser hũ deixado pobresinho, que nas estradas da vãgloria o mais querido dos humanos: mais estimo por vòs, meu Deos, ser hum fastio dos viventes, que sem vòs huma divindade na veneraçaõ dos nascidos. Sejaõ embora as minhas forças quasi impossiveis aos alentos, com que pize espinhos, & abrolhos: pareçaõ quasi insuperaveis as penedias, & piçarras, que hey de subir por esta via; & sejaõ quasi sem sahida os laby-

labyrinthos, & asperezas donde me embrenhe esta jornada, pois tendovos a vòs por via, considerandovos meu premio, conhecendovos meu exemplo, seraõ boninas os abrolhos, as asperezas seraõ branduras, as penedias estradas francas. Vede pois, meu Deos, que quereis, que aqui estou a vossos mandados: daime que nelles vos atore, fazendo cõ que persevere: daime que em todos vos abrace, ainda que tarde vos encontre: daime que sempre vos escute, ainda que nem sempre vos ouça; & daime que sempre vos ame, ainda que nunca vos veja.

VOZ DE DEOS.

FIlho, cuida que sou o teu bem todo, & refereme tudo a mim; & naõ haverá mal, nem bem, em que me naõ aches à mim, & em que te naõ aches Bemaventurado.

FAISCA XIV.

Deus meus, & omnia. Verba P. mei Francisci.

SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Deos, & todas minhas cousas: que cousa póde haver em mim, que vos naõ louve a vòs, se em todo eu naõ acho alguma, que em vòs naõ tenha a sua origem, & de vòs, meu Deos, me naõ venha? Poucos annos ha, meu Senhor, que sahi do abismo do nada, onde ab æterno nada era: logo que fuy, naõ tive ser mais que o que vòs quizestes que eu fosse: o que vòs quereis, estou sendo, & nada serey, senaõ quizerdes que seja. Pudèra sem mim haver mundo, pois o houve antes que eu fosse; & durará sem que eu dure, & eu já naõ serey durando elle; antes logo, se vòs quizerdes, me posso resolver em nada, pois se affastardes do que sou o vosso concurso, meu Deos, desfarseha em fumo, & sombra toda esta luz do ser vivente, tornarseha em vento, & nada esta minha mortalidade. Nisso vejo, meu Creador, que vòs me déstes o q fuy, que vòs me dais o que estou sendo, & me dareis o que serey. Vòs me criastes, meu Senhor, vòs me fizestes, & naõ eu; donde se vè, que quanto sou he huma divida, meu Deos, em que vòs está a minha alma, hũ empenho do meu coraçaõ, & hũa obrigaçaõ da minha vida: tanto mayor, quanto foy mais cega aquella ingratidaõ, com que desconheci tantos annos donde me viera este bem, donde me nascéra o que vivo, donde começára o que entendo, & donde manàra o q vos amo. Assim gastey a meninice, assim passey a mocidade,

perdendo inutilmente os annos, que deixey de viver comvosco. Nelles, meu Deos, & meu Senhor, ereis o meu despertador a cada grito da razaõ: ereis o meu memorial a cada golpe da conciencia, sem que houvesse cousa no mundo, que naõ fosse dentro de mim huma aldravada celestial, com que a vossa maõ me batia, & hum mudo aviso, com que em tudo vòs me fallaveis: chegava o dia, & nos crepusculos das sombras da minha ignorancia parece que a luz me ensinava, que vòs me daveis este dia: chegava a noyte, & recolhendome, o mesmo vicio me dizia, que sofrieis esta noyte: amanheciame outra vez, & parece que a cada hora me dizieis, que me esperaveis: passavaõ todas as horas, & em todas sabia eu, que vos fugia. Disto às vezes, meu Creador, me nasciaõ no coraçaõ humas tristezas desusadas, & humas ancias mal entendidas, com que no carcere da culpa, gemia prezo o coraçaõ, sem saber bem porque gemia, & agonizava dentro de mim o meu espirito, sem saber como agonizava, & apenas nellas respirava. Já desde a infancia, meu Senhor, eraõ rebates da minha alma, estes vislumbres trasluzidos de vossa infinita bondade: eraõ auroras da razaõ estes mal distinctos crepusculos do amor de vossos beneficios: eraõ sustos da minha culpa huns ignorados? Naõ sey quès dessas vossas misericordias; & eraõ gostosas suspensoens huns suspirados impossiveis de vosso amor, & minha emenda. Chegastes, meu Deos, & meu bem, a meterme na vossa casa, & ainda que a rastos, a vontade se deixou levar da razaõ, por mais que resistio à graça mal persuadida a natureza; em fim, em fim, Pay, & Deos meu, vosso fiquey, & vosso sou, indigno sempre de ser vosso, mas naõ querendo mais ser meu.

Se aqui, meu Deos, & meu Senhor, a minha vontade vos quer, quem me deu a mim a vontade, senão a vossa Omnipotencia? se o meu entendimento vos cuida, quem me deu este entendimento, senaõ só a vossa vontade? se a minha memoria vos tem, quem me deu a mim a memoria, senaõ vossa benignidade? se os meus sentidos vos adoraõ, quem me deu a mim os sentidos, senaõ o vosso amor? & se eu vos sirvo alguma cousa, quem me deu a mim este prestimo, senaõ vossa misericordia? que de vezes, meu Redemptor, cahindo eu dentro de mil males, os puzestes fóra de mim? sahindo eu da vossa graça, me metestes dentro de vòs? pondo-se o gosto a par da culpa, a puzestes longe do gosto? chegando a vida junto à morte, a affastastes muito da vida? & estando o inferno

ao longo da alma, a alongaſtes muito do inferno? Vòs em fim, Deos, & Senhor meu, o meu bem todo foſtes ſempre, & ſois todas as minhas couſas. Se vejo, ſois a minha viſta: ſe ouço, ſois os meus ouvidos: ſe como, ſois o meu ſabor: ſe cheiro, ſois o meu olfato: ſe pecco, ſois o meu perdaõ: ſe choro, ſois as minhas lagrimas: ſe vos adoro, meu amor: ſe perſevero, a minha graça: ſe me perſeguem, o meu refugio: ſe ſocègo, o meu deſcanço: & em fim, ſe duro, a minha vida. De ſorte, que em mim naõ acho nada, que eu naõ conheça, que ſois vòs. Vòs ſois, meu Deos, & meu Senhor, quem ainda cá neſte deſterro me faz bemaventurado. Vòs ſois a minha agilidade, vòs ſois a minha ſutileza; pois ſe quero correr a terra, ſe intento cruzar os mares, ſe aſpiro a vadear as nuvens, ſe deſejo atraveſſar os Ceos, ſe procuro ver todo o mundo em hum ſó inſtante, em hum ſó ponto, vòs ſois as azas com que voo, vòs ſois a eſfera aonde ando, vòs ſois o fim com que me movo, vòs ſois o termo donde paro, & ſois o centro onde me aquieto: & em fim, Senhor, & Deos meu, ſois o meu bem, ſois o meu tudo, atè quando junto de vòs ſou mais vil bichinho voſſo, o voſſo cuçaõ, o voſſo nada. Se paro dentro de mim meſmo, encolhendome no que era, recolhendome no que ſou, & tremendo do que ſerey, dilatando vòs o que ſois, atè no que ſe tem por nada, dentro deſte nada, meu Deos; fazeis vir o Ceo, & a terra, o mar, & todas as creaturas, & paſſandome todas moſtra de voſſa grande fermoſura, ſabedoria, immenſidade, omnipotencia, mageſtade, miſericordia, & providencia; para ver tudo, ſois meus olhos, para o entender, meu juizo, para o querer, minha vontade. Se neſte tempo vos procuro em alguma ſombra, ou figura, ſe vos ſuſpeito em imagens, & ſemelhanças, ſe vos abraço, meu bem, em alguma idéa, ou memoria: para abraçarvos, ſois meus braços, para buſcarvos, meu deſejo, para contemplarvos, meu eſpirito, para tervos o meu coraçaõ, para gozarvos, a minha gloria: ſe vos buſco mais puramente ſem figuras, & ſem imagens, porque as naõ ha do que vòs ſois, ſois toda a minha ſuſpenſaõ, meu amor, & maravilha, o meu incendio, o meu recreyo, o meu bem todo, o meu tudo, & muito mais que tudo. Oh louvemvos, meu Creador, em cada lagrima os meus olhos, em cada alento a minha boca, as minhas maõs em cada obra, em cada hora a minha vida, & ainda os meus pès a cada paſſo: pois vejo, Deos, & Senhor meu, que o Ceo vos

louva

louva em cada Estrella, o Sol, & a Lua em cada luz, o fogo ardente em cada chamma, o vento leve em cada nuvem, o mar soberbo em cada onda, a terra humilde em cada hervinha, & o campo alegre em cada flor. Louvemvos todos, meu Senhor, & eu só vos louve mais que todos, todos sempre, & eu por todo sempre.

VOZ DE DEOS.

FIlho, tempo ha de amor, & tempo de sequidaõ: huns mezes leva a Primavera, outros o Estio, & o Outono: importa apartarme de ti, ainda que te naõ deixe de todo, para chegarte mais a mim; & agora cuida que começas, pois agora te has de deixar, & em huma firme negaçaõ de todas tuas affeiçoens, has de tomar a minha Cruz, seguirme, & perseverar; & se tudo isto fizeres, serás meu verdadeiro discipulo.

FAISCA XV.

Ut quid Domine recessisti longe, despicis in opportunitatibus, & in tribulatione? Psal. 10. 1.

SUSPIRO DO PECCADOR.

QUe he isto, Deos, & Senhor meu, aonde estais, meu Redemptor? como naõ me ouvis, meu Jesu? que fazeis, amor de minha alma? Pergunto por vòs aos meus olhos, & dizem que vos naõ vem! Buscovos no meu coraçaõ, & em todo elle vos naõ sinto! Corro todos os meus sentidos, & nenhũ me dá novas de vòs! Quem vos poz taõ longe de mim, que em todo eu vos naõ encontro? Quem me poz taõ longe de vòs, que em todo vòs já vos naõ acho? já naõ me ouvis, quando vos chamo? naõ me acodis, quando vos grito? naõ me valeis, quando vos busco? que he feito, Deos, & Senhor meu, das doçuras da vossa graça? aonde está, meu Creador, vossa antigua misericordia? para onde, meu Deos, se foraõ aquellas vossas piedades, com que em outro tempo me attrahieis? aonde me hey de hir, meu Senhor, se vòs de mim vos apartardes? quem fez, que se vos naõ désse de hũa alma, que vos tenho dado? quem faz com que se vos naõ dè das ancias com q̃ vos suspiro? Acorday, vinde, meu Senhor, ergueivos, & chegay, meu Deos, correy à pressa, meu Senhor, que me çoçobra a tempestade, as ondas do mar já me sorvem, & estou já quasi no profundo. Acodime pois, meu Senhor, porque se os vossos escolhidos no meyo das ondas do mar, & tendovos a vòs comsigo, cuidavaõ que já se perdiaõ, que farey eu, meu Redemp-

demptor, que apenas de vòs fuy chamado, quando me vejo sovertido? que mal tratey de vos seguir, quando já vos choro apartado! Acaso, Deos, & Senhor meu, sou eu do metal dos Justos, que vòs provais, porque saõ ouro? Por ventura achareis em mim nesta prova mais que estas fezes? Será bom, luz dos meus sentidos, que este provarme seja meyo de que venhais a reprovarme? Logo, meu Deos, quem vos obriga a me virar tanto as costas? quem vos move, amor da minha alma, a que assim me deixeis sem vida? vedesme no mar destas lagrimas, & nellas, meu Sol, naõ vos pondes? no deserto desta tristeza, & já me deixais no deserto? na solidaõ desta saudade, & já fugis à solidaõ? que culpa minha vos poem rémoras, se as minhas penas vos daõ vozes? que nòs cegos meus vos saõ laços, se os fez o pranto corredios? que embaraços meus vos tem prezo, se atè os meus ays andaõ soltos? aqui me seraõ testemunhas todas as creaturas do mundo, da dor, da mágoa, & do pezar com que sem vòs fujo de mim, com que sem mim vos busco a vòs, com que sem mim, nem vòs me fico. De todas ellas farey eccos, que vos repitaõ meus soluços, quando naõ possa fazer vozes, que vos levem os meus suspiros. De todas ellas farey pennas, que vos escrevaõ minhas queixas, quando naõ possa fazer mãos, com que vos prenda nos meus braços: de todas ellas farey fontes, por onde corraõ minhas lagrimas, quando naõ possa fazer olhos, com que procure a vossa vista. Mas quem dovída, meu Senhor, que de mim nasce o naõ acharvos, de minhas culpas o escondervos, & de meus descuidos fugirdesme? pois naõ he da vossa piedade terdesme nesta servidaõ, sem que deixeis sentir na alma, & no coraçaõ, que deixe eu de vervos! Se pois, meu Deos, esta he a causa, a todo o mundo direy logo a causa de vos apartardes, confessando a vozes, & a lagrimas a todo o mundo a minha culpa.

Saibaõ todos, que eu tenho a culpa de vos affastardes de mim, & de eu sentir, que estais taõ longe; mas se naõ he ella, meu Deos, tornay, tornay, Deos da minha alma, para huma vida, q̃ vos busca, para hum coraçaõ, que se doe, para huma alma, que vos quer: vòs sois aquelle Deos piissimo, q̃ nesta fragil natureza, por vestir o sayal humano, deixastes as télas celestes: sois quem aos homens promettestes de lhes acudir vossa piedade, em vos gritando com huma lagrima, & em vos chamando com hum gemido. Aqui vos gritaõ os meus olhos, aqui vos chama o coraçaõ, & aqui me afflijo, & me lamento

mento por ver se me ouvís, meu Senhor, & se me acodís nesta pena. Terra he sem agua esta vida, que se vay fazendo penedo na sequidaõ dos meus sentidos, mata de espinhos a aspereza, q̃ noutro tempo produzio flores. Passe este Inverno, meu Senhor, venhaõ as vossas Primaveras, para que floreça este espirito, que se amortece a puro murcho: para que reviva este amor, que assim se murcha agonizado. Vinde, pois, vinde, meu Jesu, erga-se a vòs meu pensamento, em vòs se pasmem meus discursos, em vòs se absorvaõ meus sentidos, & nesta doce suspensaõ, neste suave abraço da alma, tenha eu affectos para amarvos, arda em chammas para querervos, & sinta amor para servirvos; & ao menos, meu Deos, façavos de imaginaçoens para pintarvos muito ao vivo, pois já desfiz o coraçaõ, em que de morte cor vos puz. Tenha, meu Deos, dentro de si huma sombra do que vòs sois, quem tanto por huns longes vossos tem sahido fóra de si. Permittime, meu Deos, que na alma vos retrate, ou na memoria vos bosqueje: seja o pintar como o querer; & fiqueme esta sombra vossa, pois à vossa sombra, meu Deos, será força, que me retrate de todos os erros, que fiz. Tenha pois a alma esta pintura, pois em quanto eu a naõ tenho, he certo, que naõ tenho vida. Toda a minha alma será lamina, a minha memoria pincel, & o vosso sangue será tinta, & ande de sorte nos meus olhos, este bosquejo suspirado, este debuxo appetecido, que naõ se apartem deste objecto antes que a morte os adormeça, nem saibaõ ver outra belleza, antes que a vida se lhes eclipse.

VOZ DE DEOS.

FIlho, depois da tormenta espera a bonança: muitas vezes faço, que viro a cara, para provar a confiança; & me retiro para me fazer mais desejado: sofre com paciencia a tribulaçaõ, & fartehas digno da consolaçaõ.

FAISCA XVI.

Usquequò avertis faciem tuam à me? Usquequò oblivisceris me in finem? Psal. 12. 1.

SUSPIRO DA ALMA.

ATé quando, meu Creador, me tereis virado as costas? Atè quando, meu Redemptor, vos quereis esquecer de mim? De mim, que atè quando vos tenho, & vos abraço na minha alma, sou huma flor, que ao Sol se murcha, sou feno, que com o vento cahe, sou hum onçaõ, que

que os ares levaõ, escuma, que se desfaz em agua, fumo, que se torna vento, sombra, que se resolve em nada! Como pois, meu Deos, assim me deixais neste aperto, nesta afflicçaõ, nesta agonia, qual terra seca sem orvalho, qual noyte escura sem Estrellas, qual nao sem leme entregue às ondas, qual folha leve exposta aos ares? Para que fim, Deos da minha alma, quereis com esta adversidade, que este meu barro se endureça, que a noyte me entregue a mil erros, que o mar me cause perdiçoens, que o ar me obrigue a liviandades? Por ventura folgareis vòs, que as sequidoens me façaõ pedra, donde falte hũa sede de agua? as trevas todo confusaõ, donde naõ póde haver acerto? as tempestades seu despojo, donde naõ póde haver bonança? & as ondas do mar seu naufragio, donde naõ ha nenhũ refugio? A hũ cego deixais sem guia, a hum viandante sem caminho, a huma avesinha sem azas, & a hũa barquinha pobre sem remos? Que se póde esperar de mim, se sendo guia me faltardes, se sendo via naõ vierdes, se pelas azas me dais penas, se pelos remos me dais ondas, senaõ que como cego caya, que como peregrino erre, que como avesinha morra, & como barquinha me vire? Como he isto pois, meu Senhor, como vos sofre o coraçaõ verme çoçobrar das ondas, verme agonizar nas penas, verme errar no vosso caminho, & verme cahir no meu erro? Consentevos essa piedade ver sem arrimo a vossa planta, sem pastor a vossa ovelhinha, o vosso cervo cego à sede, & o vosso escravo morto à fome? Ao mais intimo da minha alma entràraõ as sombras da morte, & as aguas da tribulaçaõ. Nada me val, nada aproveita para valerme dentro em mim, depois que vos naõ acho a vòs. Naõ só no Ceo, naõ só na terra, no mar, & em todas as creaturas vos achava eu, meu Senhor, quando vòs querieis, meu Deos, mas ainda dentro de mim mesmo achava eu, quando vos tinha, o mundo, o mar, a terra, o Ceo, & todas as mais creaturas. Hoje, saudade minha, agora, amor dos meus sentidos, por mais que faço, se vos busco, por mais que choro, se vos amo, suspiro, & vejo, que naõ val lamentarme, & nada me importa; chamovos, & pouco aproveita. Ninguem me mostra bom semblante, todos parece que me fogem, que me engeitaõ, & que me aborrecem, como offendidos de que eu cuide, que sem vos ter, os queira olhar: como enfadados de que eu sinta, que sem quererdes me aliviem: se ainda assim teimo em perguntarlhes, onde, meu Deos, vos acharey: se con-

tinùo

tinùo em inquirirlhe de que modo posso agradarvos, em todos acho dissabor, & todos me fazem carranca. Pergunto por vòs às hervinhas, & todas me respondem secas: peço vossas novas às aguas, & todas me respondem frias: subo a chamarvos pelas serras, & todas se me mostraõ asperas: corro a buscarvos pelas pedras, & todas se me mostraõ duras: voo a beber por vòs os ventos, & todos me deixaõ em vaõ: chegaõ ao Ceo os meus clamores, & todos viraõ sem ouvirme: passaõ meus olhos às Estrellas, & nenhũa me olha benigna: tornaõ-se a pôr por esses mares, & achando nelles hum diluvio, que cahio do mar do pranto, naõ acho vestigio vosso: fallo a todas as creaturas, & turbaõ-se todas de verme: recolhome dentro de mim, & achome em mayor solidaõ: pois toda a alma se fez ermo, todo o espirito cadaver, & o coraçaõ todo sepulchro, donde a tristeza finalmente naõ só enterra o meu alivio, mas já me sepulta a esperança. Baste pois, Deos, & Senhor meu, baste esta pena, baste esta afflicçaõ, com que os meus dentros agonizaõ, com q̃ os meus fóras me sepultaõ. Pondeme já os vossos olhos, viray para mim essa graça, naõ estejais mal comigo, & naõ me desempareis, meu Deos; & pois sabeis quanto isto custa, pelo que vos custou entaõ, me valey, meu Jesus, agora.

Naõ pereça, naõ taõ depressa hum amor, que nasce ainda agora; naõ se envelheça o meu espirito nas primaveras desta graça, onde só florece a razaõ, que se seca em vossas ausencias. Apartemse já da minha alma estes ventos, que espiraõ neve, com que estou morrendo de frio, entorpecido, & congelado: sopremda parte do Meyo dia aquellas viraçoens suaves, com que a minha alma se recrea, & o meu espirito respira: cayaõ sobre o meu coraçaõ aquellas mellifluas branduras, com que nas manhãas dessa graça orvalhaõ as misericordias; amolleça já esta terra, que toda he mar de area solta; & venhaõ já sobre estas hervas caducamente amortecidas os rayos do vosso Sol, que com seu calor lhes daõ vida: começaráõ logo as minhas flores a perfumar vossos altares; enfeitalloshaõ as boninas, que para isso regaõ os meus olhos; & abraçalloshaõ os meus votos, que para isso se renovaõ. Aqui recorro a vòs, meu Deos, à vossa casa de oraçaõ, que he o meu bem, & o meu refugio, pois já sey, que se isto naõ fora, nesta agonia perecèra. Bem sey, que he bom, que me afflijais, para que eu veja, quem sou sem vòs. Conheço, Pay, & Senhor meu, que sem vòs sou planta sem fruto,

nuvem

novem ſem agua, & ar ſem luz: ſey que ainda a minha meſma vida he eſqueleto, & ſepultura de huma alma, que ſem vós he morta; & ſey que em fim me naõ chamaſtes para paſſar a váo os mares, para ter ſem guerra o triunfo, & ſem eſpinhos a coroa: reſolvome neſta afflicçaõ a padecer antes a morte, q̃ conſentir em hum ſó peccado; & meterme pelo meſmo inferno, antes que gloriarme na culpa. Fazey de mim, meu Senhor, fazey de mim quanto quizerdes, com tanto que naõ permittais que eu peque hum ponto contra vòs. Mas que aproveita, meu bem, que eu aſſim o ſaiba propor, ſe vós naõ derdes, que eu o faça? Vinde pois, Deos, & Senhor meu, neſtes meus males como cura, neſta batalha como ſoccorro, & neſtas trevas como Sol: chegaivos já, meu Deos, & meu remedio, chegay, meu Deos, & meu esforço, chegay, meu Deos, & minha luz, que ainda que cego, ainda que fraco, ainda que enfermo, com mil amores vos procuro, com mil abraços vos eſpero, & com mil almas vos ſuſpiro.

VOZ DE DEOS.

Filho, quanto mais confeſſares tua ingratidaõ, & tiveres diante dos olhos a tua vileza, tanto mais me inclinarey a te fazer qual deſejas ſer, & a te levantar onde ſem mim naõ podes chegar.

FAISCA XVII.

Quid eſt homo, quòd memor es ejus?
Pſalm. 8. 5.

SUSPIRO DO PECCADOR.

MEu Deos, ſejais bemdito, & louvado: paſmemſe os Santos, louvemvos os Anjos, maravilhemſe os Serafins pela admiravel miſericordia, q̃ uſais comigo: louvemvos, meu Deos, & Senhor, pois na indigniſſima vileza deſta miſeravel creatura exercitais as maravilhas de voſſa graça, ſem terdes nojo de mim, ſem me aborrecerdes, ſendo eu merecedor de que todos me aborreçaõ, & me deſprezem, ſe enfadem de mim, & me naõ ſofraõ: como abominavel que ſou, que naõ obedeço a vòs, meu Deos, ſendo hum Deos terrivel, mas ſempre amavel, digno de toda a gloria, & de todo o louvor: a quem obedece o mar, que he a meſma mudança, o vento, que he a meſma liviandade, o fogo, que he a propria ſoberba: os montes movemſe pelos ares, ſendo taõ pezados naturalmente, a hum aceno voſſo; & eu a tantos Mandamentos voſſos naõ me movo nunca,

nunca, nem me acabo de entregar, sendo taõ facil, & taõ leve para obedecer aos brutos de meus appetites torpes, à terra de minhas inclinaçoens baixas, ao mar de minhas mudanças cõtinuas, ao fogo de minhas concupiscencias cegas, ao ar de minhas liviandades vãas.

Meu Deos, quem sou eu, para que me mostreis hum tamanho amor? que tenho de meu mais que a vaidade de antes, miserias de depois, & peccados de cada vez mais? que ha em mim, meu Deos, mais que o que vòs puzestes com a vossa imagem, o que estais pondo com vossa graça, & o que depositou em mim debalde vossa misericordia? se olho para os meus antes, vejo que naõ fuy cousa algũa, se olho para os meus agoras, nenhuma cousa sou, se olho para os meus depois, nenhuma cousa serey.

Em que lugar se póde pôr a minha vileza, & a minha malicia, senaõ abaixo de todas quãtas cousas criou a vossa Omnipotencia? Se olho para as vossas creaturas, todas vejo, meu Creador, que melhor vos servem, que eu; porque se olho para as hervinhas, por fermosas que sejaõ; por tenras, & melindrosas que naçaõ, todas saõ mansas, & humildes, pois consentem que eu as pize. Todas as creaturas vegetativas vejo que vos obedecem, & guardaõ vossos preceitos, pois as hervas se deixaõ pizar, as flores colhêr, os campos abrir, as arvores cortar, as pedras arrancar, & a terra mover, porque as creastes para servirse o homem de todas as cousas: vejo correr os rios para o mar, porque os inclinastes desde o principio a buscar o seu centro: vejo que naõ busco o meu centro, que sois vòs, meu Deos, ainda que me inclinastes para vòs desde o meu principio. Se olho para as creaturas sensitivas, & irracionaes, vejo que os bichos da terra vivem sem se queixar, vaõ passando a vida em silencio, & em solidaõ, com gosto, & sofrimento; vejo que o Leaõ forte, o Touro bravo, o Tigre feroz, o bruto mais indomito, & a fera mais agreste, deixando a fereza, & a crueldade servem ao homem, & posto que naõ entendaõ, ainda assim tem obediencia aos imperios da razaõ, servindo todas a mim, que vos offendi, & eu naõ vos sirvo à vòs, meu Deos, taõ servido dos bons, taõ querido dos Santos, taõ amado dos Anjos, & de todos os Espiritos Bemaventurados!

Vejo os homens, & dos peyores que vejo, posto que os veja todos juntos, naõ sey de todos elles tantos peccados, como sey de mim; só o que presumo que sey, he, que o peyor de todos elles, ou elles todos, se vòs lhe

dereis, meu Deos, o que me dais a mim, mais agradecidos vos foraõ. Vejo finalmente os demonios, & vejo que por hum só peccado estaõ no inferno; & vejome a mim, que havendo commettido tantos, naõ só estou no mundo, mas estou cheyo das vossas misericordias, que a tantos deixáraõ condenar com menos culpas que eu! Donde pois, meu Deos, me hey de pôr, se sendo peyor que todas vossas creaturas, me sirvo de todas ellas, & me vejo servir sempre, como se naõ fora eu esta indigna creatura, este gusano vil, este nada, este ainda menos, & este peyor ainda? Oh altissima bondade, que me sofreis! oh summa, & immensa misericordia, que me naõ desemparais! oh alèm de infinita, & inexplicavel piedade, que me naõ deitais de vòs! oh sobre alèm de infinito, eterno amor, que vos naõ cançais comigo! Louvevos o Ceo, adorevos a terra, bemdigaõ-vos os Anjos, & todas vossas creaturas; & bemdizeivos vòs, meu Deos, que só a vòs podeis dar a gloria, o louvor, & a honra, que a esse pègo de mais que infinita bondade infinitamente se deve pelos seculos dos seculos.

VOZ DE DEOS.

Filho, faze por te pôr em minha graça pelo conhecimento das tuas culpas, & arrependimento muito grande dellas; porque naõ faltarey à tua esperança, com que em mim confias; & te amarey como se nunca me offendèras.

FAISCA XVIII.

Hei mihi, quia peccavi nimis in vita mea! Offic, def.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, pequey, fiz mal; perversa, & pessimamente me desviey de vòs pelos caminhos da cegueira, & estrada larga da perdiçaõ: posto estou no deserto de minhas culpas, onde só com ellas, & taõ longe de vòs, meu Deos, taõ deitado a longe, naõ vejo nada do meu bem, mais que conhecer o meu mal. Perdi, meu Deos, perdendo a vossa amizade, & o vosso amor; perdi mil vezes a razaõ, que sacrifiquey à ignorancia; perdi a liberdade de filho vosso, a honra de vosso amigo, a uniaõ dos Santos, a intercessaõ dos Justos, & a memoria dos Ceos: & quasi deitado no inferno, ou peyor que no inferno, pois deitey a alma em meus peccados, nada me ficou, meu Senhor, mais que os horrores, & os assombros desta conciencia, desta alma fea, desta tribulaçaõ terrivel de

meus enganos cegos. Sugeitey-me por minha livre vontade à obediencia do demonio, às cadeas, & labyrintos de meus peccados graves, & desta miseravel vida. Que me fica pois, meu Deos, de tantos bens que tive na vossa graça, mais que esta dor que tenho de minhas culpas? Que tenho, Deos, & Senhor meu, que tenho de meu já agora, mais que este Ay de mim, este Pequey, este Pezame, este Naõ quero mais peccar, por serdes vòs quem sois? Pequey, meu Deos da minha alma, & do meu coraçaõ, pequey infinitamente, pequey perversa, & ingratamente. Que tem pois a vossa ovelhinha perdida, porèm sempre vossa? que tem mais que estes seus clamores, & estes balidos tristes, com que repete a cada instante: Ay de mim, que vos offendi! Ay de mim, meu Deos, & Senhor, que vos aggravey! Ay de mim, porque todo eu naõ sou mais, que hum Ay!

Amorosissimo Jesu, Deos, & homem verdadeyro, a quem offendi, & aggravey por minha grande culpa: pequey, fiz mal, abominavelmente pequey, pois vos offendi, desviandome da vossa Ley. Indigno sou de perdaõ, & de misericordia, pois por hum momento breve, por hum gosto caduco, por hum engano manifesto, por hum erro sabido, vos perdi o amor, & me apartey de vòs tanto, quanto foy a cega affeiçaõ com que segui meus vicios, torpezas, & profanidades: & sabendo eu muito bem, que naõ era caminho do Ceo esta minha perdiçaõ, seguilla àcinte da razaõ, continualla por teima da vontade, & determe nella cõ tanta dor da conciencia, que desculpa póde ter, meu Deos, se era conhecer claramente, que vòs me avisaveis, que eu vos naõ queria, que o demonio vos havia de vingar, & que eu mesmo me solicitava perder? Indigno sou por isso, meu Deos, de que o Ceo me cubra, a terra me sepulte, o dia me amanheça, & vossa infinita misericordia me perdoe; porèm, Deos, & Senhor meu, he taõ grande a vossa misericordia, que haveis de fazer motivos de me perdoar, das mesmas resistencias que fiz para vos obedecer: das dilaçoens que tive em me arrepender, & da dissoluçaõ, que tive no peccar. Assim o confio, meu Deos, em vossa infinita piedade; & ninguem confiou em vòs, que se confundisse. No lago dos Leoens confiou Daniel em vòs, & respeitáraõ-no as feras: no meyo das ondas do mar Vermelho cõfiou o vosso Povo, & as mesmas ondas furiosas lhe fizeraõ caminho: no meyo das chammas do forno de Babylonia confiáraõ os tres Meninos, & o fogo lhes fez viraçaõ: nos desertos do

monte Oreb confiou Elias, & os Corvos o sustentáraõ: no meyo do mar confiou S. Pedro, & as ondas se lhe tornáraõ pranchas: posto em huma Cruz confiou o bom Ladraõ, & a Cruz lhe servio de escada para subir ao Paraiso. Tanto como isto, meu Deos, & Senhor, sóbe, quem em vòs confia, tanto alcança, quem em vòs espera, & tanto perde, quem desmaya. Daime, Senhor, esta confiança em vòs, que he dadiva vossa esta mesma confiança, para que mereça eu recebердelme vòs nas entranhas de vossa grande misericordia, no seyo de vossa piedade infinita, nos braços de vossa caridade immensa, & tornado à vossa graça, herdeiro de vossa gloria.

VOZ DE DEOS.

Filho, vè que andas dentro de mim, & que naõ só deves crer, que te olho, & me olhas exteriormente em todas as creaturas, mas que tambem dentro de mim andas como fechado, & de maneira, que he impossivel poder sahir, & livrarte de mim, ainda que tendo tu azas para fugirme, te désse passo o mundo, rompendo-se, & abrindo-se a machina dos Ceos.

FAISCA XIX.

Ego Deus omnipotens: ambula coram me, esto perfectus.
Gen. 17. 1.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Admiravel, incomprehensivel, immenso, altissimo, ineffavel, & incomparavel Senhor meu, a quem se abate, & ajoelha, se prostra, humilha, & se derruba dentro do nada vil que fuy, o pouco, ou nada que estou sendo, pasmando-se em vòs, & admirando-se, absorbendo-se, & consumindo-se a vileza deste gusano, a pequenhez deste bichinho, & o quasi nada deste argueiro, que em vòs se enleva, & se suspende; em vòs se embebe, & arrebata: pois quando chego, meu Deos, naõ só a crer o que vos ouço, mas a sentir o adonde vivo, a conhecer o como ando, a suspeitar o como entendo, & a discorrer o como sinto, confesso, Deos, & Senhor, que me çoçobro, & que me alago; que eu me suspendo, & me confundo, pois contemplando-me entranhado nesse abismo de maravilhas, em todo o lugar estou prezo, por toda a parte ando cingido, & em todo eu como cercado, a toda a hora como absorto, sem que

meu Deos, possa dar passo em que me naõ meta por vòs; sem que respire, ou tome folego, em que vos naõ meta por mim; sem que passe algum breve tempo, em que vòs me naõ comprehendais; & sem que occupe algum lugar, aonde vòs me naõ cerqueis. Se busco a fonte, & o principio desta continua admiraçaõ, vejo logo essa immensidade, que para diante he sem fim, que para traz naõ tem principio, que para cima he sem limite, para baixo sem nenhum cabo, para cada lado sem termo, para toda a parte sem modo, para fóra sem comprehensaõ, & para dentro sem vazío. O Ceo tem fim, a terra termo, o mar limite, o vento cabo, & todas as outras creaturas tem onde pare o entendimento, & onde descance o sentido; só vòs, meu Deos, naõ tendes fim, termo, limite, ou comprehensaõ.

Aqui, meu Deos, & meu Senhor, qual a raiz por dentro da terra, como ave do ar cercada, como nuvem do ar cuberta, como esponja no mar metida, de vòs me sinto hir penetrando; de vòs me vejo hir embebendo, por dentro de vòs vou andando, & dentro em vòs me vou suminndo, de tal maneira, meu Senhor, que de alagado, & sumergido, de suspenso, de alienado, & em fim de immovel, & de absorto, sayo de mim sem saber como, entro por vòs sem saber donde, ficome em vòs sem saber qual, & torno em mim sem saber quando! Chegando-me aqui mais a vòs, quanto me alongo mais de mim, pasmo de vervos tam profundo, que em toda huma eternidade naõ tomo pé no menor pégo de vossos altos juizos! Admirome, meu Creador, de vos achar logo taõ alto, que por mais annos, & por mais seculos, que voe a alma ao menor cume de vossa excelsa Magestade, parece que naõ dey hum voo em immensidade taõ sublime! Suspendome, Amor da minha alma, vendovos depois taõ dilatado nessa largueza invadiavel, que por mais que o meu coraçaõ surque esse mar de beneficios, me persuado justamente, que naõ levey do porto as ancoras; nem por mais que larguey as vélas, naveguey a onda menor do Oceano dessa bondade! E em fim me absorvo, meu Senhor, vendovos sempre taõ comprido no longo estadio de vòs mesmo, que por mais que corre o discurso à detida posta dos sempres, por mais que voa o pensamento às extremidades do nunca, nunca espraya esse eterno ser no cabo remoto dos Evos, & sempre mostra, que se estende em começo de Eternidades!

Desta maneira, meu Senhor, se me afigura em quanto olho,

que

que vejo vossas maravilhas, & que em todas vos acho o mesmo: pois se caminho para diante, achovos eterno, & sem fim; se viro os olhos para traz, vejovos immenso, & sem termo; se vos considero depois, achovos como de antes ereis; se para hũ lado; ou para outro, se me derrama a admiraçaõ, em hum, & outro sois o mesmo! Se se me estende a maravilha, ou para baixo, ou para cima, naõ vos conheço differença! Immutavel sois, meu Deos: sois como sereis, & fostes: fostes como sois, & sereis: sereis como fostes, & sois! Daqui vem, que eu ando furtado de sorte aos usos de mim mesmo, & entregue às posses de vòs proprio, que naõ sey de mim mais que o gosto de que sois vòs tudo o que sey. Oh se eu, meu Deos, & meu Senhor, toda a vida gastára nisto! se toda a minha occupaçaõ, o meu estudo, o meu cuidado, o meu comer, & o meu dormir se convertèra todo nisto, que docemente embebecido, que felizmente transportado tivera os seculos por eras, & os annos todos por instantes! Mas quem sou eu, meu Creador, summa, & suprema fermosura, eterna, & alta Magestade, bondade nunca declarada, perfeiçaõ nunca encarecida? Quem sou eu homem desprezivel, vil peccador, baixa creatura, para ousar ter no meu deseio bens, que no seu merecimento tal vez naõ gozaõ muitos Justos? Vosso he tudo, meu bem todo, & nada meu, mais do que o nada. Oh meu Senhor, meu Creador, fonte da luz, fonte da graça, muito mayor que os Oceànos, mar de todo o bem, que se goza, muito mayor, que tem mil mundos! pois como cada voz da minha boca naõ he, meu Deos, hum Coro de Anjos? pois cada lagrima que choro naõ he hum mar de ancias ardentes? pois cada ay com que vos chamo naõ he hum mundo de suspiros? pois cada affecto da minha alma naõ he hum Ceo cheyo de espiritos, que vos louve continuamente? Louvevos por mim cada instante a terra com todos os Justos, o Ceo com todos os Santos, & mais espiritos bemaventurados pelo sempre dos sempres.

VOZ DE DEOS.

Filho, se queres aproveitar, naõ só has de cuidar, senaõ crer, que nunca tiro os olhos de ti, & que te olho em todas as creaturas, por ver em todas ellas como me tratas; & porque em todas vejas quanto te quero, pois em nenhuma perco o cuidado que tenho de ti; & em todas tenho gosto de que de mim te lembres.

FAISCA XX.

Et meditatio mea in conspectu tuo semper. Ps. 18. 15.

SUSPIRO DO PECCADOR.

AMor, & origem da minha alma, que pondo em mim os vossos olhos, me atravessais o coraçaõ, & allumiando a noyte escura do meu turbado entendimento, para me guiardes sois luz, para me abaterdes rayo, & para me inflámardes sois fogo: admirome de que diante de vòs sofrais taõ fea creatura; & assim com grande vergonha, meu Deos, me restituo à vossa vista, pois sendo nada por mim mesmo, o mais feyo por minha culpa, o mais torpe por condiçaõ, taõ distrahido por malicia, tam descuidado por costume, & taõ má cousa, meu Senhor, que naõ acho cousa possivel, por vilissima que a considero, com quem me possa comparar; sendo em fim a mesma maldade, o mesmo asco das vilezas, & nojo aos mesmos vicios, hey de vir porme, meu Senhor, diante dessa fermosura, dessa pureza, & Magestade, & dessa immensa perfeiçaõ, onde naõ chega quanto he conceito, onde pasma quanto he discurso, & onde pára quanto he pasmo? Grande vergonha tenho, meu Senhor, de erguer aos vossos olhos a vista deste entendimento; & me vejo taõ confundido de ver qual sou, & qual vòs sois, que sumindome pela terra, escondendome pelos mares, & encubrindome pelas nuvens, & fugindo dos mesmos Ceos, me vou a meter nos abismos do nada, q foy ha taõ pouco; & naquelle escuro cantinho do que hey de ser taõ cedo, buscando em todas as creaturas aquella parte mais escusa, & o retiro mais ignorado dos segredos, mais escondido das fadigas da natureza, onde me furte ao meu bem todo, a troco de que naõ vejais as minhas manchas, & fealdades, faltas, defeitos, & torpezas. Mas que importa, amor da minha alma, esta lida dos meus desmanchos, esta doudice do meu despejo, este medo dos meus delictos, se todas essas creaturas me dizem já, que me naõ cance, nem perca o tempo em vos fugir, que podendo melhor empregallo, em que este pejo descoberto seja preço do delinquido, & esta vergonha apparecida, amor pareça declarado? Já pois, meu Deos, & meu Senhor, naõ me afflijo por vir aqui: afflijome só de naõ ter tantas almas como saõ as creaturas, para que todas envergonhadas do mal, que eu vos correspondo, no sentimento do seu mal negoceassem o seu bem, & na confissaõ

fiſſaõ dos ſeus erros deſcobriſſem o voſſo perdaõ. Dizem-me todas as creaturas, que eſtais em todas, meu Senhor, naõ ſó por aquella preſença, com que aſſiſtis a quanto ha: naõ ſó por aquella potencia, com que reynais em quanto foy; ſenaõ tambem por aquella eſſencia, com que dais ſer a quanto ha. Todas de vòs, meu Senhor, ſahiraõ; todas em vòs, meu Deos, eſtaõ: em vòs começaõ, em vòs duraõ, em vòs ſe aquietaõ, & ſe movem, em vòs ſe eſtendem, & ſe augmentaõ: nellas parece, meu Deos, que vos eſtais repreſentando na meſma fórma, que ellas tem, do meſmo modo, que ellas ſaõ, nas perfeiçoens com que nos paſmaõ, na variedade com que alegraõ, & em huns Naõ ſey quès com que admiraõ, com hum ſegredo tam profundo, & taõ difficil de explicarſe, que a viſta o olha, & naõ alcança, a mente o goſta, & naõ o explica, a lingua o ſente, & naõ o diz! De cada pedra, meu Deos, ſey que me eſtais como eſpreitando, de cada hervinha me eſtais vendo, de cada flor, de cada folha namorandome, & commovendome, de cada onda, & cada Eſtrella admirandome, & attrahindome, de cada ave, & cada nuvem confundindome, & deleytandome; & em fim de todas como olhando ſe vos procuro, ou ſe vos deixo: como eſpreitando, meu Amor, ſe vos ſuſpiro, ou ſe me eſqueço: como eſperando, meu bem todo, ſe vos abraço, ou me deſvio: como obſervando, meu Creador, ſe vos bemdigo, ou vos offendo; & finalmente perſuadindome, que vos ſirva, & naõ vos aggrave; que vos louve, & me naõ deſcuide; que vos buſque, & naõ deſcance; que converſe com os voſſos olhos, que goze das voſſas preſenças, que aperte muito eſtes abraços, pois vòs em todas me moſtrais, que eſtais correndo para mim, que tendes goſto de me ver, que vos dá gloria o meu louvor. Oh afflija-ſe, meu Senhor, afflija-ſe muito a minha alma com o delicto dos Naõ queros, com a malicia dos Naõ ouço, com a deſculpa dos ſeus logos, com a promeſſa do Já vou, com as preguiças do Inda naõ! Derrame-ſe toda a minha alma, eſtenda-ſe eſte meu eſpirito por todo o ambito dos Ceos, por todas as partes da terra, pela circunferencia dos mares, & por toda a regiaõ dos ventos: & dilatado em voſſa viſta por todo o cerco deſte mundo; & finalmente ſumergido no fundo pégo de vòs meſmo, aqui me pare, & vos abrace, deſejando muito determe; alli me corra, & me reprehenda, porque em as outras vos naõ ſigo; & em todas ande como doudo, por naõ perdervos em nenhũa. Oh

admiravel! oh supremo! oh soberano Senhor meu!

VOZ DE DEOS.

Filho, eu sou manso, & humilde de coraçaõ: se queres ter meu filho, & parecer meu discipulo, haja em ti sempre huma mansidaõ, com que a todos roubes os animos; & huma taõ profunda humildade, que pasmem todas as creaturas de verte a todas sometido, naõ só por quam vil cousa es, mas por meu amor: pois eu, sendo Deos, por teu amor me meti debaixo dos pès dos peccadores;& ainda agora andando nas pennas dos ventos, & tendo throno sobre as nuvens, tambem ando debaixo dos teus pès.

FAISCA XXI.

Dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt.
Psal. 37. 1.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Soberano Creador meu, principio, & fim do meu amor, gloria, & suspensaõ da minha alma, aonde, aonde hey de abaterme? em que parte posso sumirme? de que maneira aniquilarme, que possa ser humilde termo, reverente veneraçaõ, conhecimento primoroso, & decorosa sumissaõ a taõ excelsa Magestade, a taõ suprema Omnipotencia, & a grandeza taõ infinita? Se pois, meu Deos, quando estais nos Ceos, & ainda estando aqui comigo, naõ me basta atè os abismos a mais profunda reverencia; porque he curta infinitamente toda a decencia a quem vòs sois: que hey de fazer, Creador meu, para estar na vossa presença de modo, que pareça humilde, se na mesma terra que pizo, se atè debaixo dos meus pès vos acho sempre, meu Senhor, por mais que querendo prostrarme a essa Divindade infinita, fura ligeiro o pensamento a terra, o mar, os Ceos,& o mundo? & por mais que alèm desses Ceos atravesso os longos espaços, que a imaginaçaõ considera, & finge a esfera do discurso? pois sem q̃ nunca tome pè em vossa grandeza infinita, vejo debaixo dos meus pès essa presença soberana,& essa infinita immensidade, que sendo mais, que quanto he, & excedendo quanto naõ ha, penetra o mar, occupa a terra, transcende os Ceos, traspassa o mundo; & passando daquellas metas, que ficaõ alèm do admiravel, se poem alèm dos Non plus ultras, que saõ as rayas do possivel; & começando deste ponto, onde parece acaba tudo, tanto mais sóbe, & se traslùz

dos

dos olhos das Aguias Angelicas; taõ longe corre, & se transmonta da vista dos humanos linces, que perdendo-a sempre de vista os mais subidos Cherubins, lá para onde ninguem olha, lá está onde ninguem chega, lá fica onde ninguem cuida! Neste pégo de admirações, neste pasmo de maravilhas, onde me embebo, & me çoçobro, buscando parte em que vos faça algũa breve reverencia, me vou meter, para ver se posso fugir com os pès daquellas partes, em que estais deitado aos meus pès! Fujo com os pès, meu Creador, buscando meyos de humilharme, & de naõ vervos desse modo, com que, meu Deos, estais comigo: desejo tervos nos meus braços, pôr vossos pès na minha boca, trazellos na minha cabeça, & metellos no coraçaõ; mas naõ, meu Deos, pôr os meus pès, sendo eu huma terra vil, sobre o lugar onde vos acho, & em parte, onde, meu Senhor, naõ estais como eu desejo. Nisto se desfaz a minha alma, o discurso se me estremece, o mesmo desejo se encolhe, acanha-se a mesma vontade, & a reverencia se me afflige: pois a humildade naõ consente, a adoraçaõ naõ se accómoda, & a razaõ naõ se persuade, & menos o amor se aquieta. Por isto, Deos, & Senhor meu, fujo com os pès da mesma terra, que pizo quando vos contemplo, para que nella vos naõ pize com descortez desattençaõ; como se no ar onde os ponho, ou nos lugares onde os finjo, vòs, meu Senhor, naõ estivereis! Procuro logo, meu Creador, com prostradas veneraçoens pôr a boca naquellas partes, onde de antes puz os pès, para mostrar que pretendo adorar vossa presença, respeitar vossa Magestade, & agradecer a vossa vista; & vendovos em toda a parte posto a meus pès, & mais humilde, sem saber a alma o que faça, para vos fallar, abatida dentro de si anda sumindo-se, aniquilando-se, & desfazendo-se: & eu, meu Senhor, dentro de vòs, como homem fóra de si! Ando, meu Deos, beijando a terra, abraçando os ares, & as sombras, correndo os Ceos, surcando as nuvens, atè q̃ de cançado nesta suavissima fadiga, neste doce desassocego, esmorecendome por vòs, me desmayo dentro de mim! quando torno em mim, me acho logo junto de vòs; pois se he na cama, me cobrís, se na mesa, me regalais, se no caminho, me guiais, se no estudo, me ensinais, se na tentaçaõ, me acodís, se na culpa, me reprehendeis, se no pezar, me consolais; & finalmente em toda a parte, em todo o tempo, em toda a cousa naõ ergo os olhos sem vos ver, naõ abro a boca sem me ouvirdes,

naõ

naõ movo a maõ sem vos sentirdes, naõ bulo pè sem me guiardes, nem dou passo sem me seguirdes! Mas oh meu Deos, que muito he isto depois de ver, que he impossivel haver creatura, ou cousa alguma onde naõ estejais? Estay pois, Deos, & Senhor meu, estay presente a quanto faço, a quanto cuido, a quanto digo; porque se vòs me naõ deixardes, he certo, Amor da minha vida, que nunca vos deixarey eu, por favor da vossa bondade, por força de vossos impulsos, & beneficio de vossa graça; a quem só quero, & procuro, a quem só amo, & só adoro, & espero em vòs de amar sempre, ou sem outro fim, mais que vòs por toda a eternidade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, para me amares como eu quero, & agradarme mais altamente, muito te falta por fazer, muito tens que andar, & muita altura a que subir: para isto te he necessario, que examines bem o motivo, que tens em todas tuas obras; porque se em todas naõ te houveres puramente por minha gloria, sendo por mim tudo o que fazes, para mim tudo o que procuras, & só em mim tudo o que queres, naõ chegarás à perfeiçaõ. Por amor de mim puramente seja o que cuidas, o que obras, o que queres, o que possues, o que naõ tens, & o que tiveres, o que te alegra, & entristece, & chegarás comigo ao monte de Siaõ por pura intençaõ.

FAISCA XXII.

Actiones nostras, quæsumus Domine, adjuvando prosequere, &c.
Or. Eccles.

SUSPIRO DO PECCADOR.

QUe miseraveis, meu Senhor, que nescios, que pobres, que enganados vivemos todos os humanos, que sem a luz de vossa graça, sem o lume do vosso espirito, & sem a vista interior de vossos suaves avisos arrastamos por este valle de amarguras, & de miserias, a vida apoz da vossa offensa, a alma em busca do seu dano, os olhos seguindo o seu erro, & o mesmo espirito contrito em mil nevoas desalumbrado! Conheço agora, meu Jesu, por favor do vosso auxilio, que atègora viví sem luz, enganado do mesmo espirito, que sem pureza vos buscava, & sem aviso vos servia. Meu Deos, que cavillosa nos ceva, & arma a natureza! que finamente se trasluz o véo dourado da malicia! que agudamente se nos desmente todo o veneno da vaidade! Bebemos

todos o veneno, porque se dá como triaga, abraçamos a culpa, porque tem rosto de virtude, cahimos no laço da offensa, porque se veste de bondade: sem que de viscos taõ occultos se acautele o mesmo receyo, sem que de laços taõ custosos se desenrede o desengano, sem que de taõ mortaes venenos se aborreça o mesmo desvio. Que de vezes, meu Creador, quiz agradarvos contra a gula, & atreiçoada a natureza em trajes de necessidade me introduzio a demalia? quantas vezes com falso espirito vos quiz louvar pelos labores, & disfarçado entre os louvores me fez abraçar o appetite? quantas vezes indo a humilharme na memoria de meus peccados, se me fazia tentaçaõ o que começava em virtude? quantas vezes por encobrir algũ thesouro, que me daveis, disfarcey a vida, & o espirito, & fuy meterme entre os peyores, para me terem por hũ delles, & despenhandome a malicia nos riscos, que me dourava, sahia peyor que nenhum? quantas vezes por me naõ terem por singular em o commum, me distrahi entre os melhores? quantas vezes a lingua nescia reprehendendo algum com vaidades de discreta, fez vaidade de entendida? quantas vezes se ostentou muda, tendo por justas humildades naõ dizer o que fora aviso? quantas vezes fallar de vòs foy o meu fim, para que alguns em outra cousa naõ fallassem? & quantas, Senhor meu, mortificado eu, quiz ser exemplo, & por aqui abrio a vangloria para as ruinas o caminho? mas tudo isto naõ he nada, pois em fim via claramente a culpa, que depois sentia, & o dano que logo chorava; mais alèm deitou a malicia a barra nas mesmas tençoens; mais subio o meu erro, por darme a queda de mais alto: pois quando eu cria que pezava com o Astrolabio da oraçaõ o mesmo Sol no meyo dia: quando cuidei que tinha sondado o fundo pégo da humildade: quando me persuadi que vencia as ondas do mar deste seculo: quando julgava que triunfava do temporal de todo o mundo, me achey no ar com azas de Icaro, no mar com barco de papel, na terra com bordaõ de cana. Pediavos, meu Creador, que fizesseis vossa vontade neste vilissimo bichinho; isto vos pedi muitas vezes, parecendome nesciamente, que já me tinha resignado, que o campo estava seguro, o inimigo vencido, o triunfo alcançado, & eu em fim todo resignado no vosso divino beneplacito; mas oh que modo de enganar tinha este falso parecer! pois tendome em conta de Cervo, com pès leves já me estendia pelos montes, suspeitan-

peitandome quasi Aguia queria já passar as nuvens, sem olhar naquelle subir, que a ligeireza do meu juizo foy cegueira, que ao mais veloz das minhas azas a liviandade fingio voos. Buscava eu nisto a minha gloria, & naõ a minha negaçaõ: negoceava o meu interesse, & naõ, meu Deos, a vossa gloria. Tambem queria, Senhor, deixando a vossa Humanidade, meterme só na Divindade, persuadido a que era impossivel unillas em hum só conceito, desejallas por hum só suspiro, amallas em hum só objecto, & louvallas em huma admiraçaõ; mas oh que engano taõ soberbo! oh que ignorancia tam rebelde de minhas falsas humildades! fugir de vòs, meu Redemptor, sem quem no Ceo naõ posso entrar, se primeiro me naõ unir: sem quem a mesma Divindade se naõ acha depois de unida; & com quem se unio por prenderme nos grilhoens de vossa justiça, depois de atarme a essa Cruz com os braços da misericordia.

Acto de resignaçaõ voluntaria, com que todo se punha nas mãos de Deos o Veneravel Padre.

MEu Deos, assim como vòs mandado pelo Eterno Padre a redimir o mundo naõ tivestes outra vontade mais que a sua, assim eu creado por vòs para vos amar, naõ quero ter outra vontade mais que a vossa. De todo me despeço, & esqueço voluntariamente, pretendendo em todas as cousas a vossa honra, & a vossa gloria, & que em tudo se cumpra em mim a vossa santa vontade. Este he o meu intento, & o meu ultimo fim, naõ só na duraçaõ do tempo, mas na eternidade, igualmente para o mal, como para o bem; & vos prometto amar taõ indifferente, que assim no gosto, como na pena, na honra, como na injuria, na morte, como na vida, no inferno, como no Ceo prometto com vossa graça louvarvos, darvos graças, & glorificarvos. Funda-se o mundo, caya o Ceo, & soverta-se a terra, nunca se mudará, meu Deos, esta vontade ultima, porque he vontade vossa. Taõ prompto me offereço para os trabalhos, & tribulações, que mandardes sobre mim, como para as mayores consolaçoens, que podereis mandar: as quaes naõ peço, nem mereço, nem me convem querer, antes repugnar por quã indigno sou por minha vaidade, & pouca humildade. De todo o favor, & bem, como victima morta posta nos Altares, me ponho nas vossas mãos. Fiome de vòs, meu Deos, que sois a mesma verdade, & confiado nesta me arrojo, & entrego todo em

vossa

vossa amorosissima misericordia, para que façais de mim, o que mais gloria vos der: desejo, meu Deos, ser servo fiel nesta promessa, fazey vòs que eu o seja, pois de vòs nasce isto: se acabey isto comvosco, absoluto poder, & imperio vos dou no meu alvedrio, para que façais, & desfaçais, edifiqueis, & arruineis como vos parecer: sem reparar em se me levais por flores, ou por espinhos, por doçuras, ou amarguras; & em fim sem fazervos melhor rosto no bem, que no mal; mas só pondo o meu desejo no vosso beneplacito, o meu affecto no vosso serviço, o meu cuidado na vossa honra, & o meu gosto na vossa gloria.

Actos para mover à contriçaõ, que fazia, & ensinava o Veneravel Fr. Antonio, para diante de hum Crucifixo.

MEu Deos do meu coraçaõ, dos meus olhos, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, a quem eu tanto offendi: tanto, meu Deos, & Senhor, que naõ tem o mar areas, o Ceo Estrellas, a terra flores, os livros letras, as plantas folhas, cujo numero naõ exceda, & vença infinitamente a multidaõ sem conto de meus peccados, a variedade sem numero de meus delictos. Pequey, Senhor, offendivos, fiz mal na face dos Ceos, & da terra. Sey, que mereci o inferno tantas vezes, quantas pequey; & naõ sey como se naõ esconde de irado contra mim o Sol que olho, o Ceo que vejo: como me naõ foge debaixo dos pès a terra, que pizo: como senaõ converte em fogo a agua que bebo: como me naõ furta o folego o ar, que tomo, & respiro: como senaõ murchaõ as hervas por onde passo: como naõ se armaõ contra mim todas as creaturas, que encontro, para se vingarem de mim, pois a todas aggravey quando pequey contra vòs. Pequey, Senhor, affasteime da vossa Ley, dey as costas à vossa graça, adorey a vossa offensa, fiz idolo da minha culpa, corri sem temor, nem pejo pelos caminhos do engano, da vaidade, & perdiçaõ: taõ contente do meu dano, como se fora da alma remedio: taõ cego pelo meu mal, como se achára nelle a vòs meu ultimo Fim, a vòs meu summo Bem.

Ah meu Deos! mas como vos chamo meu, se vos confesso, & conheço por Deos? Sendo este coraçaõ infinitamente mao, será bem, que chame cousa sua a hum Deos infinitamente bom? Mas ah meu Deos! torno a dizer: meu sois, meu bom Jesus: aqui lastra mais a vossa bondade, onde

onde he mayor a minha maldade. Meu bois, porque sois meu Deos, meu Pay, meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor, meu Salvador, & por isso vos vejo, & contemplo por meu amor vendido, afrontado, cuspido, açoutado, esbofeteado, ferido, crucificado, & morto por mim em huma Cruz. Mas que he isto, meu Senhor? Vòs pendente de huma Cruz por amor de mim, & eu sem dor de vossas dores, sem pena de minhas culpas, vos deixo estar nesta Cruz? Vòs com penas, & eu com culpas, vòs com chagas, & eu com vida? Ah meu Deos, quanto me peza do muito que vos offendi! Pezame, Senhor, do pouco, que me peza o muito que vos aggravei. Mais me peza pela grande ingratidaõ com que vos tenho aggravado, que pelo grande inferno, que tenho merecido. Mas que digo, meu Senhor? Nada me peza, meu Deos: hum pezar, que me naõ tira a vida, naõ he pezar: hũa pena, que me naõ arranca esta alma, ainda naõ he pena: huma dor, que me naõ parte o coraçaõ, ainda naõ he dor. Quizera ter huma pena das culpas que commetti, tamanha como as minhas culpas: quizera ter hũa mágoa das offensas, que vos tenho feito, à medida das vossas offensas: quizera ter hũa dor igual à vossa misericordia: quizera com lagrimas de sangue, com rios de fel, com mares de lagrimas, cõ diluvios de fogo chorar meus grandes peccados: mais pelo que tem de offensa, & aggravo contra vòs, que pelo que tem de dano, & perdiçaõ contra mim: quizera que assim como no aggravo foy infinita a culpa, fora no arrependimento infinita a pena. Mas donde, meu Deos, & Senhor: donde, meu divino Amor, onde acharey esta pena, senaõ na fonte de vossa graça? Onde, senaõ no conhecimento de vossa bondade immensa, & de minha infinitá culpa? Donde haõ de vir estas lagrimas senaõ do mar de vossas misericordias? Onde acharey esta mágoa, este pezar, esta dor, senaõ em vosso immenso amor, & em vossa piedade immensa? De vòs veyo este desejo de me arrepender, de vòs venha esta perfeita dor para me compungir, este firme proposito de nunca mais offendervos, esta ardente resoluçaõ de eternamente amarvos. Do mar vem a agua, com que os penedos rebentaõ fontes, sendo por natureza duros, & secos: venha pois, meu Deos, a este coraçaõ taõ seco, a este penedo taõ duro, venha agua de vossa graça desse mar de vossa clemencia, mar immenso, pégo sem fundo de bondade, & misericordia: lave-se, renove-se com ella esta taõ perdida alma: emende-se, & mude-se já em ou-

tra

tra esta miseravel vida.

Aqui venho a vossos pès, naõ estranheis o quando, naõ repareis no tarde, naõ olheis o como, olhay sómente, que venho. Venho a vossos pès, Senhor, vestido das fealdades de meus peccados, cuberto das torpezas de minhas culpas, cheyo das abominaçoens, & vicios da minha vida. Aqui trago, meu Senhor, a corda ao pescoço, aqui arrasto os ferros de meus delictos, aqui finalmente trago os grilhoens de meus peccados, donde a mesma culpa com que vos fugi foy Alcaide, que me prendeo, & carcere que me atou. Aqui venho, meu Redemptor, aqui vem esta pobre alma deformada dalmagem de vossa fermosura, & perdida a semelhança de tal maneyra, que nada diz o que ella se fez com o que vòs fizestes nella. Oh que miseravel! oh que torpe! oh que abominavel que venho! mas como venho a vossos pès, confiado venho, meu Deos, de achar em vossa piedade amparo, em vossa clemencia refugio, em vossa bondade remedio, em vossa misericordia porto. Por isso tremendo de vossa justiça naõ me valho de outro seguro, mais que de vossa clemencia: naõ solicito outro abrigo, senaõ vossa misericordia; nella me fio, meu Deos, porque ainda que eu por minha culpa perdi o ser de filho, vòs, Senhor, infinitamente bom naõ perdestes o ser, & condiçaõ, que tendes de Pay. Acabe pois em mim vossa graça esta obra, que começou em mim vossa piedade infinita; acuda vossa clemencia a esta miseravel creatura: tende dó, & compaixaõ desta pobre alma. Proponho com vossa graça de emendar a vida, confessar as culpas, perseverar na emenda, perdoar aggravos, esquecer de injurias, aborrecer meus vicios, restituir como posso, satisfazer, como devo, a vossos Mandamentos. Espero, Senhor, em vossa bondade infinita, que me haveis de perdoar todos meus peccados pela Morte, & Payxaõ de meu Senhor Jesu Christo: porque se nas suas Chagas tendes justiça para me castigar, tambem tendes misericordia para me favorecer. Misericordia, misericordia, misericordia.

Outro, & segundo.

Redemptor, & Salvador nosso, peccámos, & fizemos pessimamente diante de vossa vista, & do Ceo: encorremos em vossa ira, declinámos em nossa culpa; mas deste lodo, pó, & cinza, que podeis vòs esperar? Que haveis de esperar, meu Deos, do homem gerado em corrupçaõ, nascido em culpas, & miserias, creado em sombras,

&

& ignorancias? Peccámos, Deos, & Senhor nosso; & naõ tem areas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem de alguma maneira o numero de nossas culpas: nem a serem as hervas fontes, as flores rios: nem a serem as ondas mares, igualaráõ as que os nossos olhos deviaõ chorar arrependidos. Naõ merecemos, que os Ceos nos amparem, & a terra nos sofra, que o Sol nos amanheça, & o dia nos torne a vista: antes merecemos, meu Deos, que a terra se abra, & o inferno nos soverta; mas ainda assim, Redemptor nosso, naõ pela pena dos infernos, que merecemos: naõ pela perda dos bens do Ceo, que nunca mereceriamos; mas por havervos offendido, nos peza muito de coraçaõ, & entranhavelmente nos peza das maldades, que commettemos, da cegueira com que nos apartàmos de vòs, & ainda nos esquecemos de vòs: por vossa bondade, meu Deos, taõ querido dos Serafins, tam adorado, & respeitado dos bons, dos Anjos, & dos Santos, tam obedecido dos Ceos, & por vòs tam merecedor, de que atè no inferno sejais servido, & atè dos reprobos louvado. Pezanos muito do coraçaõ, naõ pela pena do delicto, mas pela maldade da offenta, & por vosso amor, meu Jesu. Mas naõ nos tira isto a esperança que temos de nos perdoardes: porque ainda que nòs cahimos na culpa, onde os castigos saõ justiça, vòs naõ estais sem a piedade, onde o perdaõ sempre he costume. Propomos com a vossa graça de pôr emendas em nossas vidas, & fiados nessa bondade, esperamos de vòs o perdaõ, naõ porque nòs o mereçamos, mas pelos vossos merecimentos: taõ pouco pelas nossas lagrimas, mas sómente pelo vosso sangue: naõ em fim por nossa justiça, mas por vossa misericordia.

Outro, & terceiro.

Redemptor, & Creador nosso: eu sou aquelle ingrato sempre, em fim aquella humana vibora, aquelle bruto, & naõ filho, aquelle penedo, & naõ homem, que a ter de vibora as entranhas, nunca foraõ taõ venenos, que a ter dos brutos a fereza, nunca pudéra ser mais bruto, que a ter de pedra o coraçaõ, nunca chegàra a ser taõ duro. Sou aquelle homem fementido, aquelle marmore com alma, & aquella alma sem razaõ, aquella razaõ sem uso, q̃ da vossa mesma justiça cheguey a fazer paciencia, pois para ser misericordia se fez comigo sofrimento: sou aquelle bronze com vida, que da vossa misericordia tenho já feito a vossa injuria, pois de tantas maldades minhas a quiz

a quiz fazer consentidora, & de tantos vossos favores naõ tenho feito a minha emenda. Pequey, fiz mal, eu o confesso. Pequey, meu Deos, & meu Senhor, contra vossa bondade immensa, sou por isto merecedor de todas as penas do inferno, & de estar por minhas maldades, abominaçoens, & delictos nas eternas chammas do abismo para todo o sempre dos sempres. Eu mesmo me dou a sentença, & me julgo indigno, meu Deos, de alcançar o vosso perdaõ, & de usardes de misericordia com taõ pessima, aborrecivel, & abominavel creatura: mas ainda que excedem as culpas todos os termos da piedade, todo o modo da razaõ; vossa piedade he sem limite, vossa bondade naõ tem termo, usay pois de misericordia.

Justo he, meu Deos, o condenarme, mas naõ o permittais, meu Senhor, que para me salvar a mim vos deixastes afrontar a vòs. Por ventura, meu Creador, tereis mais gloria de vernos nas penas do inferno, que na eterna Bemaventurança? Quem vos ha de louvar no inferno? Tereis gloria disso, meu Deos? Tereis; porque a pena dos maos he gloria de vossa justiça; mas naõ me podereis negar, que naõ ha de ter gloria disso essa vossa misericordia. Quaes nòs eramos nos quizestes, pois sendo nada nos creastes: quaes nòs somos nos soffreis; & pois sendo maos nos dais a vida, naõ seja isto, meu Senhor, para mayor condenaçaõ. Pezame muito da minha culpa, de me haver de vòs apartado, & mais de havervos offendido. Se pois todas vossas entranhas naõ saõ mais, que misericordias, como naõ ha de atravessarvolas, ver entre os lobos infernaes estas perdidas ovelhinhas, sem que o balido menos brando vos naõ rasgue o coraçaõ com essa natural piedade, que excede infinitamente toda a humana maldade? Prometto cõ vossa graça emendarme, & confessarme de minhas culpas, & em satisfaçaõ dellas vos peço, que aceiteis vosso sacratissimo sangue; no qual confio que todos meus peccados me seraõ perdoados.

Para pedir perdaõ a Deos de culpas sem advertencia.

Acto de amor de Deos.

MEu Deos, & meu Senhor, naõ estejais mal comigo, porque me dá tamanha pena naõ suspeitarme em vossa graça, que antes quizera mil infernos, se me sentira bem comvosco, que estar no Ceo, & hum só instante vervos irado contra mim. Apartay, meu Deos, apartay desse rosto cheyo de gloria a ira,

com que me affligis, & a turbaçaõ com que me olhais: naõ haja nessa fermosura, aonde os Anjos se revem, tantas carrancas apostadas contra quem vos quer mais que a si. Naõ se agaste contra mim a vossa mansidaõ, pois naõ foy minha tençaõ aggravarvos, Padre, & Deos meu. Naõ pois, meu Deos, desauthorize o vosso rigor a Magestade em hum bichinho tam pequenino, que ainda a si mesmo naõ se enxerga: contra quem naõ soube o que fez: contra quem antes se matára, & se fizera em mil pedaços, que aggravarvos por sua vontade: naõ se ponha vossa bondade a se esquecer do que foy sempre.

Actos de Contriçaõ.

MEu Deos, & meu Redemptor, por serdes vòs quem sois, & porque vos amo, & estimo sobre todas as cousas, me peza de todo o coraçaõ de vos haver offendido: proponho mediante vossa graça minha emenda; & espero de vossa misericordia minha salvaçaõ.

Amantissimo Jesu, Senhor dos Ceos, & da terra, Creador, & Salvador meu, por serdes vòs quem sois, infinitamente bom, & porque deveis ser amado sobre tudo o que se póde amar, me peza de todo o coraçaõ de vos haver offendido: prometto com vossa graça a emenda de minha vida; & disposta com vossa ajuda a satisfaçaõ de minhas culpas, espero em vossa infinita misericordia a salvaçaõ de minha alma.

Affectos.

O'Meu querido Esposo, luz de meu entendimẽto, suspendey o rigor de vossa justiça, & usay comigo, miseravel peccador, das grandezas de vossa piedade. O' coraçaõ ingrato: ò olhos cegos, despertay, vede ao nosso Deos com o grave pezo da Cruz de vossas culpas.

O' Pay Eterno: ò Sabedoria infinita, ensinaime a seguir, & sentir estes passos de vosso Unigenito Filho meu querido Senhor Jesu Christo, a quem só busco, só adoro, & só desejo servir de todo o meu coraçaõ, pois só elle he digno de ser amado.

Espirito Santo de vida, daime luz para que saiba sentir minhas culpas, & arrependerme dellas, & com huma dor, & fé verdadeira siga as pizadas deste soberano amante, & Senhor de minha alma, a quem peço me ajude a desterrar de meu coraçaõ tudo, o que naõ for para louvor, & serviço seu. Amen.

Oraçaõ ao coraçaõ de Christo.

O'Amorosissimo Senhor meu Jesu Christo, peçovos pelo ardentissimo amor de vossas divinas entranhas, & pelas angustias de vosso traspassado coraçaõ humano, que imprimais meu coraçaõ em o vosso crucificado, & o enchais de perfeitissima caridade, a qual acabe totalmente, & consuma todo o amor que tenho a mim mesmo, & às creaturas, & a tudo o que naõ sois vòs: para que com a setta de vosso abrazado amor tanto me fira, & acenda, que vos ame, meu Senhor, com toda a alma, & com todos meus sentidos, & minhas forças todas; puramente por vossa bondade immensa, naõ por retribuiçaõ, ou premio, mas só por vossa honra, & porque sois dignissimo de que sem outro fim vos ame, & louve, & obre, & padeça por vòs grandes cousas. Daime, Senhor, que com infinitos, & abrazados desejos, & oraçoens, & com perfeita negaçaõ de mim, & amorosa uniaõ comvosco, a vòs sem cessar suspire, clame, bata, & busque: & sempre vos ache, meu Deos, atè que transformado em vòs, fazendome comvosco hum espirito, fiquemos perfeitamente unidos. Daime, que com a mesma caridade ame a todos meus proximos, & por amor de vòs muito mais que a mim: daime huma grande firmeza, & perseverança nascida de forte animo, com a qual em hum continuo desejo de aproveitarme olhe em o espelho de vossa santissima vida, donde vendo meus erros passados, minha froxidaõ presente, meus perigos futuros, com continuo exame de minha vil conciencia, & miseravel vida, emende as torpezas de meu corpo, & as miserias de minha alma; & com novo fervor, mediante vossa graça, passe por agua, & fogo, & vos ame atè o fim. Amen.

Oraçaõ.

IMmenso pégo de amor, abismo eterno de belleza, sobreadmiravel maravilha, sobreinfinita Magestade, mar de ardentissimas perfeiçoens, fermosissima immensidade de Omnipotencia, & fermosura de bondade, & sabedoria, quando, quando será o dia, que profunda, & intimamente encerrandome dentro de vòs, me verey todo rodeado, transformado, sumergido, alagado, absorto, & entranhado nesse Oceano de Divindade? Quando, quando me derreterey nesse ardente abismo de chammas, & desfeito todo em amor, naõ acharey nada de mim, mais que o sentir, que

naõ sou nada, & que vòs, meu Deos, sois tudo? Abri pois, abri, meu Jesus, esse Reyno de resplandores, esse Ceo de suavidades, esse naõ sey de admiraçoens, esse alèm de tudo o que he bello, superior a tudo o creado, & fóra de tudo o sabido, para que em vòs já transformado, & convertido totalmente a vòs, vos ache só em tudo, & tudo veja cheyo de vòs o que em vòs se move, & sustenta. Oh se eu pudèra, meu Senhor, amarvos como mereceis, essa fora a minha gloria! naõ desejo outra bemaventurança, nem desejo outro bem no Ceo, nem na terra.

Advertencias para os Missionarios, que deixou escritas, mas naõ acabadas este grande, & Apostolico Missionario.

PAra que todas nossas acções, obras, palavras, & pensamentos comecem, & acabem em Deos, que he nosso primeiro principio, & ultimo fim, & para que em tudo tenhaõ por motivo, & fundamento a sua gloria, & honra, & depois a nossa salvaçaõ, & a das almas alheas; a primeira cousa que faremos em nos levantando cedo, será pormonos na presença de Deos, invocar o Espirito Santo, & ter meya hora, ao menos, de Oraçaõ mental, cuidando na Vida, Morte, & Payxaõ de nosso Senhor Jesu Cristo, que com tanta sede da salvaçaõ das almas veyo padecer ao mundo: & lhe pediremos luz, & graça, para empregarnos no mesmo officio, imitando-o quanto nos for possivel com a divina ajuda. Assim o fazia S. Francisco Xavier, que ao menos tinha meya hora de Oraçaõ cada dia, meditando na Payxaõ de Christo.

Na Oraçaõ examinaremos sempre estes tres pontos. Primeiro, com que fim, & motivo nos pomos na presença de Deos, & andamos no officio de Missionarios, se he puramente por gloria, & honra de Deos, & zelo da salvaçaõ das almas. Segundo, com que proposito de naõ commetter qualquer peccado. Terceiro, com quanto amor de Deos, & do proximo.

Depois, se naõ houver muito aperto de confissoens, se rezará das cinco horas da manhãa por diante o Officio Divino atè Noa, com devoçaõ, attençaõ, & pausa possivel, fazendo por estar com o espirito em Deos, a quem temos sempre em nossa presença: & depois iremos às confissoens.

Se houver grande concurso de gente, que se confesse, desde as cinco horas iremos para os Confessionarios, ou a dizer Missa primeiro que nos ponhamos nelles, & alli se estará ao menos

nos atè o meyo dia: & em cada huma das almas, que se chegarem a nòs, consideraremos, que està Christo crucificado, ou que as vemos metidas no coraçaõ de Christo, & que este Senhor as quer salvar, & para isto nos dá suas vezes, & poder, & que com seu sangue, & morte as veyo redimir: para que (consideraçaõ, que fazia S. Francisco de Sales) com grande caridade, & paciencia as curemos, & confessemos. E quem naõ tem estas duas virtudes, naõ he capaz de andar na Missaõ.

Em todo o tempo fujaõ como do demonio de dizer galantarias, & ociosidades, naõ só porque, como diz Christo, de toda a palavra ociosa se ha de dar conta em juizo, senaõ porque, como diz S. Bernardo, as zombarias, que nos seculares saõ galantarias, na boca dos Sacerdotes saõ blasfemias. Diante dos seculares se falle sempre em cousas de edificaçaõ, que causem horror, ou façaõ devoçaõ, confundindo-os com a modestia, que deve ser manifesta a todos: & com santa mortificaçaõ de olhos baixos, mãos cruzadas, corpo quieto, & sem movimentos; porque destas vistas ficaõ reprehendidos, & interiormente edificados. Muitas pessoas de vida estragada, & dissoluta se movèraõ à penitencia, & à confissaõ, vendo sómente a Saõ Pedro de Alcantara, & a meu Padre Saõ Francisco, a Santa Catharina de Sena, & outros Santos; & tem notavel força a compostura exterior dos Servos de Deos para a conversaõ dos peccadores: alèm de que he ordinario sinal da presença de Deos, & compostura interior.

Naõ fallem nos Sermoens, nem bons successos das Missoens, porque ainda que de tudo isto dem gloria a Deos, lá no fundo da alma fica alguma complacencia de termos feito alguma cousa. Naõ nos mostremos muito alegres com estes bons successos, pois em outros semelhantes disse Christo a seus Discipulos, vindo de fazer milagres, que vira a Satanás, como hum relampago cahir do Ceo: dandolhes a entender, que folgando de brilhar, & luzir nas cousas do Ceo com hũa occulta, ou clara complacencia de nòs mesmos, vimos a cahir. Convem mais entristeçernos do mal que somos Ministros de Deos, & dispenseiros de sua misericordia, dizendo, & sentindo com o Apostolo, que naõ temos feyto nada, & somos servos inuteis. Sintamos, & corramonos, de que no mesmo lugar, & successo em que ficáraõ outros aproveitados, tal vez nòs ficariamos cahidos, & sem o possivel aproveitamento.

VIA SACRA
ORDENADA, E ESCRITA
Pelo Veneravel Padre.

I. CRUZ.

CONSIDERA Alma, que esta primeira Estaçaõ significa a casa de Pilatos, onde nosso Senhor Jesu Christo foy cruelmente açoutado cõ varas cheas de espinhos, & com asperas cadeas, cujas pontas eraõ abrolhos de ferro, que feriaõ, & rasgavaõ atè os ossos seu santissimo, & delicado corpo, sem haver nelle parte alguma, que cõ o rigor dos golpes naõ ficasse em chaga viva: para que assim como todo o corpo mystico do seu povo estava chagado da culpa, assim seu corpo santissimo, que por elle satisfazia, desde a planta do pè atè a cabeça fosse chagado da pena.

Oh Magestade dos Ceos! Oh alto, & poderoso Senhor do mundo! que amarrado a huma columna, como se foreis ladraõ, ou escravo vil, sofrestes ser açoutado tam cruelmente, sem que no meyo dessas penas tomasseis por alivio hum Ay, nem por desafogo hũ suspiro! Peçovos, meu Senhor da minha alma, que por esse cruel tormẽto me chagueis este coraçaõ taõ duro com o amor, & compaixaõ dessas chagas; & imprimais nelle vossa paciencia, para que sem queixa nas dores, sem vingança nas injurias, vos imite, & acompanhe toda a minha vida atado a huma columna firme da memoria de vossas chagas. Amen.

Feita huma pequena pausa, diga o Ministro, & guia da Via Sacra: Arrepende-te peccador de teus horrendos peccados, por serem cõmettidos contra teu Deos, & Senhor. Considera que te está dizendo: Alma, mais me atormentaõ tuas culpas, que minhas chagas; o que em ti saõ deleytes, saõ em mim açoutes: naõ me açoutes com teus peccados, antes muito dorida delles arrepende-te peccador, & dize: Senhor pequey, tende misericordia de mim: pezanos do que nos peza, tende misericordia de nòs.

Dito isto, beijaráõ todos a terra,

ra, & entaõ dirá quem ler em voz alta: Bemdita, & louvada seja a Payxaõ de Nosso Senhor Jesu Christo, & sua bemdita Máy. Amen. Logo se ergueráõ, & proseguiráõ suas Estaçoens, rezando no caminho de cada hũa seis Padre nossos, & seis Ave Marias pela tençaõ dos Summos Pontifices, que concedem as Indulgencias: acabando na mesma fórma todas as Estaçoens; & chegando à segunda dirá.

II. ESTAÇAM.

CONsidera Alma, que esta segunda Estaçaõ, que consta de vinte passos, representa o lugar, onde leraõ a Christo Senhor nosso a sentença de morte de Cruz, que dizia: Justiça, que manda fazer Poncio Pilatos em Jesu de Nazareth, por ser malfeitor, & amotinador do Povo: manda que no monte Calvario seja crucificado entre dous ladroens. Aqui tirandolhe a purpura, & as mais insignias de Rey, excepto a coroa de espinhos, que lhe haviaõ posto por zombaria, & escarneo, o vestiraõ de suas proprias vestiduras, & em lugar da cana oca, que lhe tiráraõ das mãos, lhe puzeraõ em seus delicados hombros o pezado lenho da Cruz: & para q̃ fosse reputado por malfeitor, & ladraõ, o leváraõ entre dous, como se fora o peyor de todos.

O' Rey dos Ceos, & da terra, que em figura de ladraõ ides representando o engano, & cegueira deste mundo, tempo he já de que eu me dispa dos vestidos, & habitos de meus horrendos peccados, costumes, & vicios, & que me vista de vòs mesmo, para que tornando em mim do desejo de vãos applausos, ame, meu Deos, os proprios desprezos, & imitandovos na vida, vos acompanhe na gloria.

O' Alma minha, vè que cada vez que peccas, sentenceas à morte a teu Senhor Jesu Christo, & lhe poens huma pezada Cruz às costas: vendo a teu Deos afrontado, como queres honras? vendo a gloria do Ceo chea de penas na terra, como queres gostos? O' Padre Eterno, permittís que vosso santissimo Filho seja castigado como ladraõ, & que sendo eu o que pequey, seja elle o que padece? Oh immensa caridade, q̃ assim consentis q̃ seja castigado o Filho, para reconciliar com vosco este vil escravo!

Arrependete peccador de teus peccados, por serem cõmettidos contra teu Senhor Jesu Christo: dizelhe com grande dor: Senhor, pequey, &c.

III. ESTAÇAM.

COnsidera, que esta terceira Estaçaõ significa aquelle lugar, onde indo o Senhor com

a Cruz às costas suando, & regando a terra com seu precioso sangue, angustiado, & afflicto cahio mysteriosamente em terra debaixo da sua Cruz.

O' Amorosissimo Jesus, que como cacho espremido debaixo desse madeiro vertestes rios de sangue, me mostrais caindo, o pezo que tem meus peccados, pois fizeraõ cahir por terra, quẽ tem nas mãos o Ceo, & o mundo: daime, Senhor, naõ só a conhecer o pezo, mas a sentir a gravidade de minhas culpas, para que com hum grande pezar de havellas commettido, satisfaça o pouco pezar, com que vos tenho aggravado.

O' alma minha, se o pezo de teus peccados fez cahir o mesmo Deos por terra, que muito he, se naõ te arrependes, que te façaõ cahir no inferno?

Arrependete, peccador, &c.

IV. ESTAÇAM.

CONsidera que significa esta Estaçaõ o lugar onde seguindo ao Senhor grande tropel de gente, naõ tanto por seguillo, como por perseguillo: huns por odio para crucificallo: outros para escarnecello: outros ainda por curiosidade de espectaculo tam novo: nenhum para adorallo; ainda que alguns por compaixaõ natural, que tinhaõ do seu tormento: vendo o Senhor, que humas piedosas molheres o acompanhavaõ chorando, virou para ellas, & dissellhes: Filhas de Jerusalem, naõ choreis minhas penas, choray por vossas culpas; porque se o Filho de Deos innocente padece estes castigos na terra pelos peccados alheyos, que padecerá o peccador no inferno pelos peccados proprios?

O' Piedosissimo Jesus, immensa caridade, que como esquecido de vossos trabalhos, quereis que choremos os nossos, especialmente os daquelles que se naõ aproveitaõ da vossa morte, & Paixaõ, para alcançarem eterna vida; se assim vos virais para as lagrimas, que por compaixaõ das penas se vertem, quanto mais vos virareis para as lagrimas, que com dor das culpas se choraõ? Daime, Senhor, tanta dor de meus peccados, que sejaõ meus olhos fontes de lagrimas, para que paguem chorando os males que fizeraõ, vendo o que era offensa vossa.

O' alma, para que naõ chores por toda a eternidade, agora convem que chores: chora, que te naõ impede Deos, que chores sua Paixaõ, mas quer que primeiro chores a causa, que he teus peccados, & a perdiçaõ das almas, que naõ choraõ seus delictos. Chora pois, & se te naõ move a chorar teus peccados o muito, que teu Deos padece por elles, movate ao menos

nos o muito, que tu padecerás se te naõ aproveitares do que elle padeceo. E se sabes que es devedor à Divina justiça, treme de naõ saberes se alcançarás a divina misericordia.

Arrependete, peccador, &c.

V. ESTAÇAM.

Considera que esta Estaçaõ significa aquelle lugar donde, como piamente se crè, a Virgem Senhora nossa, ouvida a triste nova de ser condenado à morte seu innocentissimo Filho, lhe sahio com excessiva dor ao encontro na rua da Amargura, & vendo-o taõ desfigurado, ensanguentado, & dolorido, considera qual ficaria o seu coraçaõ santissimo, se as filhas de Jerusalem choràraõ tanta lagrima, vendo a Christo Senhor nosso, naõ o tendo mais que por Santo; que sentiria, & choraria a Virgem Senhora por seu Filho, que amava por Filho de Deos, & Deos verdadeiro.

O' Virgem Santissima, a mais affligida das mays, sendo a mais pura das Virgens: quem póde contemplar o que sentistes, quãdo à vista de vosso querido Filho, como Sol, & Lua eclipsados, deixastes o Ceo de vossa alma enlutado, & ennegrecido? Qual seria a tristeza, qual a dor com que trasfassou essa alma o cutelo desta vista? Pela immensa dor, que vos ferio as entranhas neste taõ penoso encontro, vos peço, Máy de Deos, que me alcanceis huma grande tristeza de meus peccados, & hũa grande dor de minha culpa, pois eu com ella matey a vosso innocente Filho meu Senhor Jesu Christo.

O' alma, acompanha, & ajuda a Virgem Senhora nossa, que vay seguindo a seu Filho atè o monte Calvario: se ella o seguio com os passos, & com os sentimentos, naõ o persigas mais com as culpas, segue-o com os suspiros.

Arrependete, peccador, &c.

VI. ESTAÇAM.

Considera que esta Estaçaõ significa a Porta Judiciaria por onde sahio o Senhor para o monte Calvario. Aqui se deve considerar quanto sentiria o amorosissimo Senhor ao sahir por ella, que aquella desaventurada Cidade o deitasse fóra de si, como que o naõ queria dentro de si, por cuja causa havia de ser rigorosamente assolada pela justiça Divina.

O' soberano Redemptor, & amoroso Senhor nosso, quanto sentirieis, que como a malfeitor, a vossa amada Cidade vos naõ quizesse comsigo! Naõ permittais, meu Jesus, que eu pela porta da culpa vos lance fóra

de

de minha alma, que he Cidade vossa; & que meta por ella dentro o demonio vosso inimigo. Vaõ fóra meus peccados, vaõ fóra meus vicios, & torpezas, que a vòs sómente quero dentro da minha alma, dentro do meu coraçaõ, entranhas, & sentidos.

O' alma minha, vè que cada vez, q̃ peccas, deitas a teu Deos pela porta fóra, & meres o demonio, que vem envolto em seus vicios, & teus consentimentos; & por isso serás como Cidade ingrata, assolada, & destruida com pena eterna.

Arrependete, &c.

VII. ESTAÇAM.

CONsidera que esta setima Estaçaõ significa aquelle lugar, onde o Senhor cahio segunda vez em terra, por ir já com grande fadiga, fraqueza, notavel tribulaçaõ, & angustia de o haverem arrastado por hũa corda, picando-o, & ferindo-o com as pontas das alabardas, com paos agudos, & contos das lanças. E vendo que o Senhor hia totalmente desfalecendo, alugáraõ hum homem chamado Simaõ Cyreneo, para que levasse a Cruz do Senhor, naõ porque delle se compadecessem, senaõ porque vivo o crucificassem.

Oh meu Deos, a quem eu tantas vezes renovey as chagas, multiplicando mortalmente as minhas culpas! fazey, Senhor, que naõ exaspere vossa clemencia com a minha aguda malicia, nem renove mais com meus vicios vossas offensas; que agora naõ passe adiante a misericordia, & caya sobre mim vossa justiça. Fazey que, como o Cyreneo, resolvendome a deixar o mundo, & a viver como peregrino, encaminhe todos meus passos a levar a vossa Cruz para salvarme com ella; & que abraçado com a vossa Cruz na terra, faça della escada para subir ao Ceo.

O' alma, que nasceste para a celeste Patria, para a Jerusalem celeste, & para lá caminhas, se no mundo vives como estrangeira, pega-te ás armas da Cruz, & conquistando com ellas o eterno Reyno, alcançarás o mayor triunfo.

Arrependete, &c.

VIII. ESTAÇAM.

COnsidera, que esta oytava Estaçaõ significa o lugar, onde chegando o Senhor todo banhado em sangue sem parecer de homem, angostiado, & ferido, rompeo por meyo dos Soldados hũa santa mulher chamada Veronica, que com hum lenço, ou touca sua alimpou o rosto do bom Jesus, onde ficou hum retrato ensanguentado, debuxo de seu santissimo rosto.

O'

O' amorosissimo Senhor, estampay em minha pobre alma vossa ensanguentada imagem; naõ negueis a huma alma, ainda que naõ esteja pura, o que concedestes a huma toalha limpa; para que seja molde de minha vida esse retrato da vossa cara: daime hum fervoroso desejo de chegarme a vòs, para que rompendo todas as difficuldades, abrace todas as virtudes.

O' Alma minha, se queres estar vendo sempre a face de Deos na terra, retira os olhos do mundo: chegate a teu Deos com a oraçaõ, contriçaõ, & compunçaõ, para que trazendo-o sempre na tua memoria, andes em sua presença.

Arrependete &c.

IX. ESTAÇAM.

CONsidera que esta nona Estaçaõ significa o lugar, onde o bom Jesus já todo sem sangue, & forças cahio terceira vez em terra, atè chegar a tocalla com sua santissima boca; & querendo-se levantar, naõ pode de desfalecido, porque aquelles perversos Judeos puxandolhe pela corda, que levava atada à garganta, & dandolhe de empuxões, o fizeraõ ferir de novo nas muitas pedras, que havia naquelle monte.

O' meu Senhor Jesu Christo, que de afrontas, & que de penas padecestes, & sofrestes arrastado, & maltratado daquelle Povo inimigo, cheyo de favores vossos! Ensinaime, meu Deos da minha alma, ensinaime a levar bem os aggravos de quem me quer mal: naõ só para que assim goze da vossa graça, mas para q̃ assim possa darvos algũa gloria.

O' Alma, que de tres modos peccando, por pensamentos, palavras, & obras, fizeste cahir tres vezes ao teu Deos, para que fosse semelhante o modo da misericordia ao modo com que cõmetteste a offensa: erguete pela contriçaõ, pelo proposito firme de nunca mais offendello.

Arrependete, &c.

X. ESTAÇAM.

COnsidera nesta decima Estaçaõ, que significa o lugar, onde chegado nosso amorosissimo Jesus ao monte Calvario, o despojáraõ de seus vestidos com a crueldade, & rigor, que outras vezes haviaõ feito: & tirandolhos lhe tornàraõ a renovar as chagas, por estar a carne chea de feridas, pegada a tunica, que lhe arrancàraõ com ella: & lhe déraõ vinho mirrado com fel, que o Senhor naõ quiz beber; sendo o seu mayor tormento verse despido, & nù à face de todo o povo.

O' pacientissimo Jesus, que dor, que pejo terieis quando vos deixá-

deixáraõ em chaga viva, & vos offerecèraõ bebida taõ amargosa! Daime, Senhor, sofrimento quando me faltar o vestido, & necessario para o corpo: & que me lembre, que nù sobre a terra nasci, & nù tornarey para ella: seja vossa confusaõ minha gloria, vossa pobreza minha riqueza, vossa afronta honra minha: & naõ beba eu o fel da culpa, o vinho dos deleites, que misturados me offerece o coraçaõ; antes despido de meus gostos, & appetites, naõ saiba mais, que fazervos a vontade.

O' alma minha, meu Deos està nù, & só vestido de chagas, que queres para ti mais que penas? vestete dellas, & de cruzes, por quem se poz por ti em huma Cruz.

Arrependete, peccador, &c.

XI. ESTAÇAM.

CОnsidera nesta Estaçaõ o lugar em que nosso Redemptor foy estendido em hũa Cruz, nella cravado de pès, & mãos: & naõ chegando os braços aos furos, que tinhaõ feito, desencaixáraõ todos seus sacrosantos ossos, em que sentio hũa das mais terriveis dores, que se padecèraõ no mundo; & foy tal a crueldade dos que o crucificáraõ, que lhe tornáraõ a pregar a coroa de espinhos com tanta força, que penetrada aquella sagrada cabeça, chegáraõ os espinhos aos olhos, enchendolhe de sangue todo seu santissimo corpo. E ouvindo sua Mãy santissima os golpes do martelo, ficou como morta de dor, traspassandolhe estas feridas a alma, quando a seu Filho o corpo.

O' amorosissimo Jesus, rogovos que naõ estenda eu pè, nem maõ para maldade alguma; antes encravado no temor do vosso juizo crucifique na arvore da penitencia meus peccados; & para memoria dessa Cruz todos os meus pensamentos; & para que sem descer já mais da Cruz da penitencia suba por ella ao Ceo a minha alma.

O' alma, olha para teu Deos, verás como seu immenso amor lhe fez inclinar a cabeça para se ver prender as mãos por te naõ castigar, os pès para te naõ fugir. Deitate àquelles pès, poemte naquellas mãos, & rogalhe que naõ aparte de ti seus olhos a misericordia; & pois se inclina para ti, que es a mesma culpa, inclinate para teu Deos, que he a mesma graça.

Arrependete, &c.

XII. ESTAÇAM.

COnsidera, que significa esta Estaçaõ o lugar, onde levantàraõ em alto a nosso Senhor Jesu Christo, & o deixàraõ cahir

hir de golpe na abertura de hũa pedra, com cujo abalo tremeo, & se rasgou mais todo seu santissimo corpo. Levantàraõ tambem as vozes de escarneos seus inimigos, sua santissima Mãy os olhos, & vendo-o crucificado, lhe causou esta vista huma tal dor, que só com o mar se póde comparar. O Sol tapou os seus por naõ ver aquella maldade dos Judeos: as pedras quebràraõ-se: & tremeo a terra, naõ podendo soportar o pezo de taõ abominavel culpa.

O' Redemptor de nossas almas, por mim afrontado, & morto em huma Cruz, daime Senhor vossa graça, para que crucificando minhas paixoens, & sentidos, me aproveite do fruto de vossa morte: daime vosso amor, para que crucificandome por vòs ao mundo, imite as creaturas do Ceo na tristeza de meus peccados: o ar, que fez tremer a terra em vossa Payxaõ sagrada, faça em mim algum abalo, com que de todo trema de cõmetter hum peccado; & naõ me apartando com a consideraçaõ do vosso Calvario, lance maõ de todas as occasioens de servirvos a vosso gosto.

Arrependete peccador, &c.

✠✠✠
✠

Exercicio para cada dia em verdadeiro espirito. Index muito certo das acçoens do Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, que a si se punha estas regras, que deixou escritas.

EM me erguendo do lugar em que dormi, farey que se erga a Deos minha alma, levantando-se pela oraçaõ, da cama do descuido. Feito o final da Cruz,

Será minha primeira acçaõ dar graças a Deos por me haver dado esta hora, & dia para o louvar, & servir, negando-o a muitos outros, que o puderaõ servir melhor. Direy o Padre nosso, & Ave Maria, & o meu Cantico, & depois outra vez a Ave Maria, invocando a Mãy de Deos. Será minha primeira, & final tençaõ reduzir tudo a gloria, honra, & louvor de Deos, & com este fim se purificaraõ as minhas obras. Farey acto de resignaçaõ, em q̃ me lance todo nos braços de Deos, entregandolhe corpo, & alma, para que elle, como em cousa de todo sua, faça em mim sua vontade; ficando aparelhado para darlhe graças por todo o bem, ou mal que me vier. Em sinal disto lhe pedirey, que tudo o q̃ em mim for applicavel, mediante a sua graça, elle o aceite,

ceite, & offereça a seu Eterno Padre pela alma, que lhe for mais agradavel sahir da pena.

Logo direy a Confissaõ, & me accusarey a Deos, como se o tivera presente, de todas minhas culpas, froxidoens, & imperfeiçoens. Rogarey depois aos meus Advogados, que intercedaõ por mim; & recolhendo os sentidos quanto puder, me ficarey em Deos, ao menos huma hora. Acabada a Oraçaõ particular, pedirey a Deos me dè graça para que naõ perca este dia no derramamento dos sentidos, o que ganhey, & adquiri no seu recolhimento. Todo o dia farey por me conformar em alguma cousa à vida de meu Senhor Jesu Christo: ou seja jejum, ou mansidaõ, ou paciencia, ou mortificaçaõ, ou caridade, ou o que me mover mais. Farey tambem concerto comigo de naõ pedir nada, de naõ perguntar nada, naõ desejar, naõ querer nada, ao menos de advertencia; & se naõ for fiel a Deos nesta pouquidade, necessario será humilharme; conhecendo quanto menos o serey em cousas mayores, & que por isso o meu Senhor terá razaõ de me naõ mandar entrar no gosto da sua casa. Depois farey por me conservar na presença de Deos em todos os meus actos, & ao menos em seu louvor, & gloria, quando naõ seja amor.

Se estiver em presença de homens, estarey dizendo a Deos interiormente sempre: Meu Deos, se tivera tantas almas, & coraçoens para vos amar, quantos saõ os cabellos da cabeça desta, ou destas creaturas, essa fora a minha gloria. Se estiver no campo, considerarey as hervas, & direy o mesmo: se forem arvores, cuidarey nas folhas: se livros, nas letras: se aves, nas pennas: se no mar, nas areas: se em casa, os ladrilhos, ou qualquer outra cousa de grandes numeros: se à noyte olhar para os Ceos, direy o mesmo nas Estrellas; & he grande proveito isto, & assim em tudo o mais. Naõ olharey para o rosto de ninguem, nem fixamente já mais para qualquer das vaidades caducas, & transitorias, mas antes trarey o mais do tempo os olhos baixos, como que estivera vendo dentro de mim a meu Senhor Jesu Christo, por me naõ divertir o visivel do mundo.

Nos actos da Communidade estarey sempre com silencio religioso, & modestia grave, memoria de Deos continua, sem olhar para ninguem, suppondo, & entendendo que Deos me está vendo, & como espreitando dentro das suas creaturas para ver como lhe assisto.

A horas de comer guardarey perfeito silencio com gravidade, & temperança: & para naõ go-

star

ſtar de nada, cuidarey que com o meſmo goſto, com q̃ eu como na meſa os manjares, me comeráõ os bichos na ſepultura. Ao beber me lembrará o fel, & vinagre, ou ao menos farey porque me pareça, que por algum dos buracos enſanguentados das chagas de meu Senhor bebo o que quer que bebo; & com iſto impoſſivel ſerá naõ achar algũa amargura no ſentido, ou no animo. Se me ſentir em eſtado, ou principio de contemplaçaõ, conſiderando aquella variedade de ſabores, q̃ a bondade Divina derramou naquellas creaturas para meu regalo, direy fugindo delles, ou buſcando por elles a Deos: Meu Deos, naõ tem iſto mais goſto, que o que vòs tendes de mo dar: & ao menos quantas forem as couſas, que houver na meſa, ou ſeja louça, ou vidro, ou pao, ou ferro, ou o que quer que for, conſiderarey, que por outros tantos criados me mandou Deos ſervir à meſa neſtas ſuas creaturas. Pelo numero dellas farey por contemplar a infinidade, pelos ſabores a ſuavidade, & aſſim quaeſquer outros attributos de Deos, em que me eſteja admirando. Comerey ſempre menos do que me parecer neceſſario, porque a natureza he grande hypocrita, & finge muitas vezes, que he ſanto, o que he vicioſo: havendo de peccar na gula, que he mãy da laſcivia, melhor he, ou menos mao, como dizia Climaco, peccar na vangloria, de que Deos me livre, de parecer abſtemio. E no cabo, mais pelos manjares eſpirituaes, em que me recrear, que pelos corporaes darey muitas graças a Deos, pedindolhe, que me dè hum eſtomago taõ forte, & o meu appetite taõ bem ordenado, que o meu comer ſeja fome de amarguras, o meu beber ſede de fel, & vinagre, o meu fartarme, naõ me fartar de anguſtias, nem de que ſeja tanta a gloria, que a Deos ſe dè, quanta for a que ſe me tire a mim; & em tudo o que naõ for iſto, convem entender que naõ acharey a Chriſto, que ha de ſer a minha via: pois no mais póde eſtar eſcondido o demonio das conſolaçoens, como Aſpid entre as flores.

Se ſe me repreſentar, ou offerecer aos ſentidos alguma falta, ou culpa de meus irmãos, naõ as olharey como offenſas de Deos, que iſto move a indignaçaõ: olhallashey como fraquezas, & miſerias de meus proximos, & como as minhas proprias, tendolhe dó, & laſtima; pois ſendo certo, que andaõ cegos os que andaõ em peccados, naõ nos devemos indignar de que hum cego erre o caminho, antes compadecernos, & ultimamente enſinarlho, ſe for capaz, com manſidaõ, & brandura, caridade, &

amor

amor. Nem interior, nem exteriormente murmurarey do meu proximo: & he ponto de importancia; porq̃ sem amor do proximo, naõ terey ô amor de Deos.

Para a Oraçaõ, & para todos os actos da obediencia farey por ir com taõ ardente desejo, & afervorado gosto, como o golosso vay para a mesa depois da fome: ou como qualquer homem muito vicioso vay para os seus vicios. E isto importa muito para a devoçaõ; & se assim o naõ fizer, ao menos reprehendermehey, quando me lembrar de que os perversos amem mais a sua perdiçaõ, & as suas torpezas, & as busquem com mayor sede, do que eu busco a salvaçaõ, & a meu Senhor Jesu Christo.

Por qualquer defeito, que cõmetter, me darey logo castigo particular, que mais naõ seja, que naõ fallar huma hora, ou picarme com hum alfinete, ou rezar alguma cousa pelas almas, quando naõ possa ser o cilicio, ou disciplina. Naõ me desculparey, ainda que naõ tenha culpa, salvo se for escandalo publico.

Todo o meu cuidado será sempre estar de espreita aos meus pensamentos, palavras, & obras, para ver se entra nellas algũa vaidade, ira, ou imperfeiçaõ, ou qualquer outra tentaçaõ, & me haverey com todas como cintinela com o inimigo; & disto farey muito caso, porque aproveita muito, principalmente se o fizer estando em Deos cõ movimento de amor.

Farey quanto poder por trazer despejada a memoria de imagens de creaturas, o entendimento sem discursos, & a vontade sem outro apegamento, nem inclinaçaõ, mais que o amor de Deos: os sentidos callados, a conciencia sem culpa, & ainda que assim mo pareça, nem por isso me terey por justo.

Estando deste modo, farey da minha alma hum deserto, onde naõ soe, nem se veja nada mais, que meu Deos, isto he, a sua noticia entre as nevoas da Fé, com o lume da Esperança, & com o fogo do Amor: só com o Senhor, & com quem sómente póde encherme o coraçaõ, & para isto o quer vazio: fazendo muito, & pondo quasi todo o cuidado, em que nenhuma cousa creada entre na minha alma, ao menos nenhuma, que dentro na alma me faça perturbaçaõ, ou guerra: & será isto final de quietaçaõ, & tranquillidade, que he estado perfeitissimo.

Naõ farey a vontade a nenhum de meus sentidos, & menos à minha vontade, & das outras potencias, excepto o conservallas em negaçaõ de si proprias, & de tudo o mais, que naõ for Deos; pois Henrique Suso depois de dar a entender, que

que vio a Essencia Divina, poz a sua perfeiçaõ na negaçaõ deste mesmo gosto, de que se julgava indigno com profunda humildade, & só de padecer se naõ podia fartar. E S. Paulo depois de ver a Essencia Divina, tambem naõ diz, que nisto só se gloriava, mas que só se gloriava de padecer. E Santo Efrem depois de chegar a estado de altissima paz pedio a Deos, que o tirasse della, & o tornasse ás tentações, & tribulações, por naõ perder as coroas na falta dos conflictos.

Naõ ama mais a Deos, quem tem consolaçoens, & doçuras espirituaes: naõ lhe quer mais quem tem dom de lagrimas, visoens, & sentimentos de Deos; só ama a Deos, quem ama a sua vontade, & se conforma com ella nas cruzes, que lhe poem. Só ama a Deos, quem naõ tem outro gosto mais que fazerse na sua alma, o que he gosto de Deos, dandolhe graças perpetuas nas tribulaçoens do corpo, & espirito, alegrando-se, & gloriando-se logo, que vè cahir sobre seus hombros a cruz, que Deos he servido, & abraçando-a forte, & suavemente todo o tempo, que lhe dura, sem querer, nem pedir a Deos, que lha tire, mas sofrendo-a em quanto o Senhor a dà, com sinaes de amor, & agradecimento por tamanho beneficio.

Alegraõ-se, & gloriaõ-se as almas puras neste estado penosissimo, quando mais crucificadas, & atormentadas, porque assim como florecerem, & rebentarem as arvores, he sinal de q̃ a Primavera está perto: assim andar alegremente arrebentando hũa alma com a sua cruz, & parecerem nella flores, o q̃ he arrebentar, grande sinal he de que já vay passando o Inverno do amor de Deos, isto saõ, as friezas, & que já naõ está longe o Veraõ do espirito, em que apparecem fermosas, & cheirosas as flores das virtudes, para que cedo dem frutos de obras heroicas, pois caminhaõ para o Estio daquelle amor de Deos abrazado, & ardentissimo, em que todos nos derretemos, & transformamos em Deos. He sinal tambem da uniaõ de Deos, & de grande perfeiçaõ esta alegria na cruz; porque assim como he sinal de vida mundana gostar dos deleytes, & gostos vãos do mundo: assim he sinal da vida do espirito gostar das tribulaçoens, & affliçoens: onde mostra a alma, que está taõ outra, & taõ inimiga da carne, do mundo, & do demonio, que assim como he todo o seu tormento o que he mayor deleyte dos que estaõ em peccado, assim o seu mayor deleyte he o que fora mayor tormento dos que vivem em culpa.

Por isto se gloriaõ, porque vaõ dando na verdade do q̃ lhes impor-

importa: vaõ conhecendo o gosto, que Deos tem de crucificar a seus filhos, & a gloria que tem de naõ perdoar nesta vida, a quem ha de dar a eterna. Por esta mesma razaõ em vindo a dor, & tribulaçaõ, recebem-na com festa,& agasalhaõ-na, dando graças a Deos, tende-a por pagem seu, que lhe vem dizer, que alli está Deos, & assim he a sua vontade. Na sede, que lhe faz o Espirito Santo de agradar a Deos, parece que naõ podem fartarse de cruzes, & mais cruzes, considerando, que vaõ seguramente pelo caminho da cruz, & se podem deitar nella para descançar: o que se naõ póde fazer nas consolaçoens, que naõ he via segura; antes chea de ladroens, & de inimigos dalma: pois em hũas póde estar o demonio, & em outras o espirito da carne, & noutras o do mundo. E esta suspeita, & desconfiança he de muita desconsolaçaõ às almas, que parece se affligem de que Deos de alguma maneira as possa despregar da cruz, antes de irem para a sepultura: receando em qualquer contentamento, q̃ naõ querem nesta vida, perderem o parecer, & a conformidade, que tem com a vida de Christo, cujas pègadas seguem: tudo o mais he engano, & ao menos perigo; porque nos contentamentos da alma, que se entrega às suavidades, mostra a alma, q̃ se ama a si, & naõ a Deos; & só irá bem encaminhada, quando dandolhe Deos estes contentamentos, ella os receba em resignaçaõ pura, isto he, naõ porque o quer, & deseja, senaõ porque tem gosto de tudo, o que Deos quer, & Deos tem gosto de fazerlhe estes favores.

Quem se resolve pois a entrar no caminho da verdade, & na vida do espirito, ha de tomar hũa tamanha resoluçaõ de chegar ao cabo, que determinando-se por hũa vez a vencer tudo, & a naõ deixar nada por fazer, naõ ha de descançar atè naõ dar no alvo a que tira, tocando os ultimos extremos da perfeyçaõ. Para isto com mais sede, que o Cervo à fonte, que a fonte ao rio, que o rio ao mar, ha de acometer esta empreza com tanta fortaleza, que entenda, que naõ correm a seus vicios taõ ardentemente os mais viciosos homens, como elle corre às virtudes na imitaçaõ de Christo. Fũdando-se pois em verdadeira humildade, isto he, desconfiando totalmente de si, & fiando-se todo em Deos, entrará no mar das amarguras da penitencia, & se exporá, como firme rocha, aos ventos,ondas de toda a mortificaçaõ, donde abraçando com animo resoluto os mais asperos riscos, por estes ha de mandar à alma; que suba à sua cruz, onde achará a Christo: sendo toda sua preten-

pretençaõ, & ambiçaõ huma ardente sede de naõ fartarse de cruzes, persegui çoens, & angustias: desejando sempre por puro amor de Deos, ser aborrecido do mundo, escarnecido da carne, açoutado do demonio, desemparado de todos, odioso, & grave a si mesmo, & só amavel a Deos: para quem só queira, deseje ardentemente, & procure toda a gloria, toda a honra, & todo o louvor, que lhe seja dado de todas as suas creaturas pelos seculos dos seculos.

Oraçaõ que fazia o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas todos os dias pela manhãa ao levantar da cama.

DEos meu, & Creador meu, a quem a minha alma com todo o coraçaõ, & affecto adora, & venera: eu vossa creatura, & vosso escravo no principio deste dia, que recebo de vossa misericordia, vos offereço minha alma, minhas potencias, & entrego meus sentidos: sacrificando meus pensamentos ao Pay, minhas palavras ao Filho, minhas obras ao Espirito Santo: quanto fizer, Senhor, & Deos meu, uno, & trino, consolaçaõ, & amparo de quanto tendes creado, seja em vosso serviço, & desde agora o applico em vosso infinito amor, & santissima vontade. Se por vossa misericordia obrar alguma cousa boa neste dia, a vòs a offereço com muito gosto. Se fizer alguma por minha fraqueza, eu a aborreço com todo o affecto, & vos peço della perdaõ com grande arrependimento. Se obrar alguma indifferente por meu descuido, ou inadvertencia, encomendo-a à vossa eterna Sabedoria, para que apartando-a, a ponha, Senhor, em o numero do bom, & agradavel a vossos divinos olhos. O' grande Deos, & Senhor da minha alma, debaixo do amparo da Rainha vossa Mây, minha Senhora Maria Santissima, me entrego, & exponho ao perigo das creaturas, & occupações, & negocios temporaes, que saõ forçosos: ensinaime, Senhor, a fazer em tudo vossa santa vontade: daime luz para acertar em tudo o que fizer: esforço, & animo para pôr fim no que emprender de vosso serviço; & finalmente paciencia para supportar, & sofrer os trabalhos, & miserias desta vida; de tal sorte, que nella vos agrade, & sirva, & na eterna vos goze, & louve com todos os Espiritos bemaventurados. Amen.

✠✠✠
✠

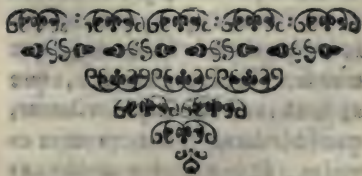
Oraçaõ do mesmo Veneravel Padre ao deitar à noyte.

DEos, & Senhor meu, tal sou como haveis visto neste dia: tal he a minha maldade, que me naõ deixa servirvos: tal minha ignorancia, que naõ sabe agradarvos: tal minha cegueira, que naõ acerta a amarvos: tal minha fraqueza, que naõ sabe imitarvos. Quem, oh Senhor meu, chorára com justa dor os peccados, & delictos deste dia! quem correspondèra a tantas offensas com devido sentimento, & pena! quem igualàra o meu pranto cõ a minha ingratidaõ: a minha contriçaõ com as minhas culpas! O' Pay misericordioso, já que por minha fraqueza naõ posso tanto, ainda assim de todo o coraçaõ vos peço perdaõ dos peccados, que contra vòs tenho feito. Riscay, Senhor, do livro rigoroso da conta os pensamentos, obras, & palavras, com que neste dia me apartey de vossa santa Ley, & da recta razaõ. Quem perde mais que eu em havervos offendido? Tal deve ser a dor como a perda, a contriçaõ como a culpa, & o remedio como o dano. Vosso sangue interceda, Senhor, por meus peccados: vossa luz allumie minha cegueira: vossas dores sarem minhas feridas: vossas penas apaguem minhas culpas: vossa misericordia remedee minha miseria. Senhor, pedindovos perdaõ proponho a emenda, & com ella hum ardentissimo desejo de padecer. Para a satisfaçaõ offereço, Senhor, toda a minha vida, que me derdes: toda dispenderey a vosso gosto, & santissima vontade. O' grande Deos, & Senhor da minha alma, vosso sou, & para vòs nasci: a vòs offereço os trabalhos do dia: a vòs me entrego em o descanço, & trevas da noyte, rogandovos amanheça de verdade o servirvos, & adorarvos, & viver, & morrer em vossa graça, para ir gozarvos em vossa eterna gloria. Amen.

SOLILOQUIO,

Que o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas desejava ter com Deos, para se afervorar em o servir.

QUem me dará, meu Deos, a mim, que no deserto da minha alma com vosco só me veja huma hora? Quem me dará, que possa hum dia descobrirvos meu coraçaõ, mostrarvos as minhas entranhas, dizervos todos meus segredos, & fallarvos à minha vontade? & pondo tudo aos vossos pès, depois de os lavar com mil lagrimas, & de pedirvos mil perdoens; pedirvos por final de amor, os vossos braços, meu Jesu? Quem, Ancia

d ce da minha alma,ha de acender, & dar calor a hum coraçaõ arrefecido, & a hum caram elo regelado, senaõ vòs, que me dèstes vida com o alento de vossa boca; se naõ vòs, que em fim me criastes aos peitos da vossa piedade, & ao bafo de vossos favores? Tal he o frio, meu Senhor, desta vontade escrupolosa, que me naõ deixa andar direito no caminho da salvaçaõ, & vereda do vosso serviço, em que vos busco, pois tudo faz com rosto torcido, quasi sempre com pè esquerdo, & sempre com tremor do corpo: se os espaços da imaginaçaõ saõ eras da eternidade, porque quereis que estes espaços, que imagino nos meus desvios, sejaõ eternas afflicções de quem naõ he quem dantes era, vagoroso sempre da pena, detido nunca da esperança? He, meu Senhor, & meu Bem todo, huma esperança, que recea, & huma penna, que nunca voa. Quem pois, meu Deos, me ha de dar azas para me chegar para vòs, se me vejo feito de rémoras para me desterrar de mim? Vòs sim, meu Deos, & meu Senhor, que tendes a vosso mandado, naõ só o imperio das creaturas, naõ só a esfera do possivel, mas a izençaõ do mesmo nada. Prendaõvos pois estas correntes, com que se soltaõ minhas lagrimas, desangrando-se pelos olhos esta febre do coraçaõ: solegos saõ do coraçaõ, que me saem já pelos olhos, & apertando-seme dentro na alma, para vòs parece que rebentaõ: cinzas saõ, em que se tornàraõ todos os incendios do peito, porque nellas se me tornassem todos os alentos da vida. Mas que farà, Senhor, huma alma, que fechando-se aos pezares de quãto vos tem offendido, se abre sómente aos suspiros, com que vos busca a toda a hora? Atè, meu Deos, os meus delitos me castigaõ imaginados: menos penoso fora o inferno, se esquecendome de minha culpa, só do tormento me lembràra. Este he aquelle verdogo, que me corta hoje as entranhas, sendo as nodoas mais crueis, que me deixa no coraçaõ, as faltas que me poem no rosto. Desejo, meu Deos, dar mil passos pelos caminhos do meu pezado desejo: desfazerme em voos pela esfera do vosso amor; mas como naõ mudou de cunhos a moeda da minha emenda, bem que mudasse de cruzes o desengano, naõ corre, porque a julgo falsa, nem val nada, se vos naõ pagais della.

Humilha-se o Veneravel Padre diante de Deos, pondo tambem diante de seus olhos suas antigas maldades, para mostrar, que he o Senhor justo em lhe naõ dar na Oraçaõ doçuras, & suavidades.

E Quem sou eu peccador vil, para querer consolaçoens? Eu, cuja vida, & cujos annos mais he, que numero de instantes, immenso computo de offensas! Eu, que na face da terra diante dos olhos do Ceo, no rosto dos Anjos, & Santos, à vista da Virgem purissima, & na presença do mesmo Deos, commetti culpas taõ enormes, delictos taõ abominaveis, maldades taõ aborreciveis, cuidarey que me saõ devidas as doçuras, & suavidades, que os mayores Santos da Igreja naõ ousavaõ nunca esperar, nem se atreviaõ a querer? Por ventura esta breve hora, q̃ venho dar ao meu Senhor, venho só a fazerlhe usura, ou a fazerlhe a vontade? Se pois he vontade de Deos, que as nuvens todas vertaõ rayos, que os Ceos se me ponhaõ de Cometas, que o ar se vista de tormentas, que as hervas se me façaõ viboras, que se levantem contra mim as ondas, & me dem nos olhos as areas, que o Sol se me eclipse, & se torne o dia em escura noyte, porque sentirey eu mal de Deos, & reprehenderey seus Decretos, naõ approvando o que elle faz, nem gostando do que elle quer? Oh homem misero, foste no mundo em teus peccados, de Deos hum publico inimigo, & queres que Deos, & as suas creaturas te sirvaõ ao teu gosto, & ainda para a sua offensa? De tamanhas sensualidades se veste ainda o teu espirito, que em naõ achando nos sentidos o deleyte, q́ ainda lhe buscas, foges assim do teu Senhor, que nessa prova te examina; & como perverso te naõ corres, como peccador te naõ pejas de andar mentindo a cada passo do que promettes ao teu Deos? Sofreote Deos toda a tua vida, & consentiote em sua offensa, sendo hum Deos de immenso poder, & de infinita Magestade, & tu hum dia, huma só hora, naõ podes sofrer por seu amor huma breve mortificaçaõ, sendo hum bichinho vil da terra? só pelo jornal queres servillo? só pelo soldo, & naõ pelo Rey? só por ti, & naõ pela Patria? se pelejas contra o demonio, naõ queiras outro premio. Como flor debil te desmayas a hũ breve ar, que te desfolha, devendo de estar como tronco, a quem o vento naõ derruba. Por ventura mereces tu, que teu Senhor te faça mimos, se a esses mimos, que te faz, estimas mais que a teu Senhor? Oh

Oh meu Creador, & meu Senhor, que sendo vò Filho de Deos, vivestes em perpetua cruz, & nem por isso vos queixastes: que suastes rios de sangue, & naõ fugistes da Oraçaõ: que açoutado, & crucificado, afrontado, & escarnecido, naõ apartastes nunca os olhos de vosso, & meu Eterno Pay: se nesta hora, que vos dou, se na secura em que morro, se na aspereza em que me vejo, se na ancia, & tedio em que agonizo, todo esse Ceo me perseguíra, todo o mundo se conjuràra, & todo o inferno me tentàra, antes quizera mil infernos, que cahir no menor peccado: pelas chammas do mesmo inferno briosamente me arrojàra, antes que consentir huma minima offensa vossa: pelas espadas, pelos martyrios, pelas mortes, pelas afrontas, pelos mayores males de todo o mundo me metèra, antes que cahir em huma culpa: engeitàra esse mesmo Ceo com huma eternidade de gostos, se em vosso odio os possuira; & abraçàra esse mesmo inferno por mil eternas duraçoens, se com isso vos contentára. Este, meu Deos, he o meu fim, este he sómente o meu desejo; naõ me tireis vòs este amor, & tiraime embora mil vidas: naõ perca eu esta vontade, & percaõ-se embora mil almas, que nada disso me doèra, nada demais me atormentàra, & tudo me affligiria, se eu vira, tendovos amor, que tinheis gloria disto tudo. Prevem-me pois, meu Deos, as chámas: firaõ-me de novo os espinhos: chovaõ rayos, meu Creador, & abrazem-me: revolva-se o mar, & sepulte-me: turbe-se o Ceo, & ameace-me: funda-se o mundo, & castigueme: abraze o inferno, & sovertame, que se vos acho no meu coraçaõ, que temerey verme no coraçaõ da terra, se vos tenho no meu amor? que importa verme no ventre do mar, se vos levo dentro da minha alma? que se me dará, que o inferno abra a boca, se vos tenho nos meus olhos? que medo posso ter às carrancas do Ceo? para essas chammas serey çarça, para essas ondas rocha viva, para essa terra cousa morta. Viva fé tenho, meu Deos, que estais aqui dentro de mim, ao redor de mim, & por toda a parte de mim, metido nas minhas entranhas, olhando agora como aceito este trato, que vòs me dais; & obsevando como me hey neste favor, que me fazeis. Vede pois, Senhor, & Deos meu, em mim nestas afflicçoens huma humilde resignaçaõ, com que abraço a vossa vontade, huma paciencia muito muda, com que obedeço às vossas ordens, huma constancia muito robusta, com que defendo a vossa Ley: sede pois vòs

vòs minha constancia, pois fostes sempre o meu auxilio: sede tambem minha paciencia, pois fostes sempre o meu exemplo: sede em fim minha resignaçaõ, pois sois hoje a minha vontade.

Mostra o Veneravel Padre, quanto se conformava com a vontade divina nas sequidoens, que lhe dava na Oraçaõ; & se anima a continualla sem ajuda de custo de consolaçaõ.

NEste profundo mar de angustias, neste escuro pégo de sombras, com que luta, senaõ se affoga o meu espirito affligido: neste deserto de asperezas, neste ermo de sequidoens, & nesta solidaõ de penas, donde os olhos à vista da alma estendidos, naõ achaõ mais que eternas ancias, sem ver Ceo, que me seja alegre, porto, que me seja seguro, terra, que me naõ pareça deserto, bem vejo, meu Deos, & Senhor meu, quam pouco he o amor, que vos tenho: porque se eu vos tivera amor, vendo que era vontade vossa, que padecesse este tormento: vendo que em cousa taõ ruim podieis ter alguma gloria, naõ sò devia, meu Senhor, por darvos gosto, & resignarme, serme a sequidaõ aprazivel, & suaves as tribulaçoens, mas a mesma morte gostosa, & o mesmo inferno Paraiso: oh como, Deos meu, vou vendo dentro da minha alma, quam esteril planta sou vossa, quam inutil servo sou sempre, quam mao, & ruim escravo, pois desgostandome a Oraçaõ, fugindo da fonte donde bebo, da origem de todo meu bem, do centro do meu amor, naõ posso mostrar huma hora, que me encobris a vossa luz, que me tocais com vossa maõ, que me deixais sem a vossa vista, que vos sirvo sem interesse, que vos amo mais que pelo premio, que vos busco mais que pelo gosto! Por ventura cuidarey eu, que vos fostes para muito longe, ou que de mim apartado vos desterrastes para sempre, se tudo o q̃ vivo me mostra, que na minha alma vos escondestes para estar mais dentro de mim? se tudo o que sou me assegura, que por essencia, & por presença dentro de mim me estais olhando, por observar como vos trato neste retiro, em que vos pondes, & nas distancias, que finge; quem duvída, que meus peccados saõ as neves, & caramelos, em que se prende o meu espirito, para q̃ eu naõ corra apos de vòs? Quem ignora, que estas angustias saõ faltas de resignaçaõ, com que eu devia conformarme em tudo o que he vontade vossa? Quem se persuade, que o ser froxo naõ he falta de fortaleza, operaçaõ, &

per-

perseverança, com q̃ nas guerras, & batalhas, que tem a carne contra o espirito, naõ aturo de pusillanime, como Soldado sem valor? Quem naõ dirá que pouco faço por imitar a vossa Cruz, se hum instante, que me pezou, huma hora que me doeo, vos naõ segui como discipulo, & me naõ neguey como amigo? Eu sou aquelle, que propoz de vos seguir mais, que atè a morte? Adonde está aquella Fé, esperança, longanimidade, amor, firmeza, & uniaõ, com que abraço os vossos tormentos, com que vos sigo, meu Deos, os passos, & com que vou por vossos caminhos, se já me affige a vossa Cruz, em que só devo gloriarme: se tanto antes de chegar ao alto monte de Siaõ, esmoreço: se antes de ver que as tempestades me çoçobraõ, perco o animo, antes de provar, quaes saõ as forças do inimigo, já me rendo? Oh homem vil, ò baixo homem, perverso, indigno, & sempre ingrato, que primeiro perdes o animo, que percas o teu mesmo alento! Para que te ha mister o teu Deos, que necessidade tem de ti, ou de que lhe pódes servir, se para ti proprio naõ serves, quando de ti faz mayor caso em fiar de ti mais hum pouco? Poste no mũda para amallo, & tu só tratas de offendello? Deute armas contra o demonio, & tu te armaste cõtra ti, pois desmayas sem contender? Torna em ti, homem descuidado, alentate, servo sem fruto, que tens hum Deos, que te dá azas, quando te crece mais as penas: que te acrescenta mais as forças, quando na terra te derruba: que te mete tanto por dentro, porque naõ sayas fóra de ti, & te leve o ar da vaidade. Bem he que dessas froxidoens tomes hoje por penitencia padecer mais que tribulações, desejar novas asperezas, & fazer mais guerra aos sentidos: sintaõ elles todos cuidarem, que delles te póde nascer o com que com Deos has de medrar. Chegate pois para o teu Deos, suspira-o, chama-o, & naõ o largues, que em todo o mundo, & creaturas te ouve bem, posto que te naõ responda: que em todo tu, & toda a alma te olha, ainda que o naõ vejas. Veja, que o amas, & suspiras quando menos se te descobre; & veja nisto a tua fé, ouça que aguardas seu favor, seus auxilios, & beneficios, & mostralhe a tua esperança: saiba que o buscas quando penas, que estimas por elle os tormentos, que te agradaõ porque elle os quer, & que os desejas porque tos dá, & verá nisto o teu amor. Oh meu Deos, & amor da minha alma! chovaõ tormentos, chovaõ penas, creçaõ as mortes, & os infernos, mas naõ me falte o vosso amor; porque se elle me

faz

faz ver que he gosto vosso, que eu os sinta, amevos eu, mas que padeça, sirvavos eu, mas que me affija, louvevos eu, mas que me acabem, me consumaõ, & me atormentem desemparos, de que eu sou digno, tribulaçoens, que eu vos mereço, & todo o mais, que for vosso gosto: porque vay muito, meu Senhor, se me mandardes para o inferno, de eu penar nelle por minha culpa, ou recebello em vossa graça: de o padecer por minha pena, ou de o sentir por vossa gloria. Se eu pudera vestir de mundos cada areasinha do mar, se pudèra encher de mares cada argueirosinho da terra, se pudèra coalhar de Ceos cada atomo desse ar, se pudèra cubrir de Hierarquias cada Estrellasinha do Ceo, se pudèra povoar de almas cada chammasinha do fogo, se pudèra fazer espiritos mais que as hervas, que tem o campo, se produzira coraçòes mais do que ha folhas nas arvóres, & se pudèra erguervos templos mais do que saõ as creaturas, todas, meu Deos, vos offerecèra, vos prostràra, vos entregára, sem reservar para outra cousa a mais pequena creatura: desejando em cada huma offerecervos hum mundo de coraçóes, hum mar de almas, hum Ceo de espiritos.

LUZES ESPIRITUAES

Para guiar Almas no caminho da perfeiçaõ,

Escritas pelo Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas.

LUZ I.

Que cousa seja Oraçaõ em commum.

A Oraçaõ he elevaçaõ da mente em Deos, hum abraço da alma com Deos, hum incendio do coraçaõ, hum roubo doce dos sentidos, & hum sono da alma suavissimo: ninguem a deseja sem auxilio, ninguem a começa sem especial favor, nem a continùa sem graça de Deos muy particular. Por tres caminhos se anda nesta via do amor Divino; no primeiro se exercita a penitencia, & a negaçaõ de

nòs

nòs mesmos, & se diz Via Purgativa; no segundo crece o nosso amor com os beneficios de Deos, & se diz Via Illuminativa; no terceiro se une o nosso amor com a vontade de Deos, & se diz Via Unitiva: esta he fim, aquella meyo, esoutra principio do caminho da perfeiçaõ. Na primeira se exercita a caridade, na segunda se acende; na terceira se inflamma: começa faisca, prosegue chamma, continùa lavareda. Nos principios a madeira verde faz fumo, que nos excita a lagrimas; depois já secca faz fogo com qualquer sopro que fomenta; & ultimamente feita em braza, arde, ainda que a naõ assoprem.

L U Z II.

Que cousa he Oraçaõ em particular.

TOda a Oraçaõ, ou he vocal, ou mental. A vocal se diz, ou faz com a boca com movimento exterior, ordenado, & dirigido a Deos, & às vezes sem uniaõ da mente. A mental, de que aqui tratamos, se faz dentro no coraçaõ com o entendimento prostrado, ou elevado a Deos sem movimento exterior: às vezes se ajuda huma à outra com grandes graos de perfeiçaõ, mas naõ a que he pura mental, A Oraçaõ mental se divide em duas, convem a saber, contemplaçaõ, & meditaçaõ. A contemplaçaõ he dom de Deos, que elle só concede a quem quer, porque naõ bastaõ para a ter as artes, ou forças humanas, ainda que he meyo efficacissimo todo o exercicio de virtudes. A meditaçaõ he hum intrinseco cuidado em Deos, hum trazer em Deos o sentido em hum desejo fervoroso de fazer a sua vontade, de o trazer em nossa presença, & de imitar o seu exemplo; esta ainda he de dous modos, conforme a doutrina dos Santos: ou meditar em Deos, quanto à Divindade, sem representaçaõ, ou figura; ou quanto à humanidade com figura, & representaçaõ: meditar quanto à Divindade, he caminho muito subido, mas por isso mais perigoso; assim o diz Santa Teresa, que o tem por de pouca humildade: meditar quanto à humanidade foy sempre a via mais segura; assim no lo affirma S. Paulo, que na humanidade de Christo tambem amava a Divindade, & só por meyo do Senhor diz, que façamos quanto obramos.

O que

LUZ III.

O que se ha de escolher para materia da Oração.

A Memoria da Payxaõ de Christo, he a via mais proveitosa do caminho espiritual, assim porque estas ultimas acçoens foraõ as com que elle coroou o fim de nossa Redempçaõ, como porque saõ as melhores com que nos persuadio, & ensinou à imitaçaõ do seu exemplo; naõ só foraõ thesouro para nos enriquecer, mas norte para nos guiar: naõ só foraõ extremos para nos obrigar, mas excessos para nos mover; esta escolhem os escolhidos, que querem acompanhar o Senhor mais no Calvario, que no Thabor: mais na Cruz, que nas suavidades; donde elle chamou nescio a S. Pedro, por naõ querer mais que gozar; & em fim mais na soledaõ, & afflições do Horto, que na companhia, & regalos da cea. Esta via da Cruz foy mostrada por Deos a meu Padre S. Francisco, que lhe era mais agradavel, & aos mais dos Santos, que por ella correraõ o estadio da vida; nem está a alteza do estado da vida espiritual naquelles doces sentimentos, nas visoens, & suavidades, que saõ beneficios de Deos, & naõ merecimentos nossos; está na resignaçaõ, & negaçaõ, na constancia, tençaõ, & fim com que nos pomos nas suas mãos indifferentes para tudo, & donde naõ possa apartarnos de fazer a sua vontade, nem o mundo, nem as creaturas, nem a morte, ou vida; bem, ou mal, &c. como S. Paulo dizia: guiados pois desta verdade, deste exemplo, & deste premio, que temos no mesmo Senhor, naõ temamos entrar nas ondas do mar Vermelho de seu sangue, pois naõ só por este caminho passaremos do mundo ao deserto, & por elle à terra de Promissaõ, mas veremos com gloria de Deos, affogarse nas mesmas ondas o exercito de Faraò, isto saõ, nossos inimigos, o mundo, a carne, & o demonio: a nossa culpa, & amor proprio, que he quem nos faz a mayor guerra; nem nos assombrem os trabalhos, que nas peregrinaçoens deste ermo ha de sentir a humana vida, porque naõ saõ dignas todas as fadigas do mundo do premio q̃ lhes promette, nem sem ellas póde mostrarse, que fazemos algũa cousa, porque a palma com o pezo se ergue, & a cana vãa hum ar a move: quem no amor de Deos tem raizes, quem persevera em seu amor, he como tronco, a quem naõ movem os temporaes, & as tempestades; quem as naõ tem, he como flor, que o vento

a leva,

a leva, hum ar a ſeca, hum Sol a murcha.

O que ſe ha de eſcolher para a fórma da Oraçaõ.

SAõ Paulo aos que enſina a orar, diz que tragaõ a Deos dentro em ſi; & elle meſmo de ſi confeſſa, que para fazerſe outro homem, já Paulo naõ vivia em ſi, porque Chriſto vivia em Paulo; ou ſubia ao terceiro Ceo, ou como Ceo vivia, pois morava nelle o Senhor, que iſto he pela Oraçaõ, quem do Senhor ſe faz morada, & do meſmo Deos ſe faz Ceo. David nos diz como iſto ſe faz, trazendo-ſe a ſi por exemplo, naõ ſó huma, mas muitas vezes, dizendo, que buſcava a Deos em todo o ſeu coraçaõ: por iſſo o achava David, que tambem cahio, & peccou, depois que ſoube amar a Deos; & naõ o achava a Eſpoſa Santa, a quem Chriſto ſeu Eſpoſo gabava de ſer toda pura, & aſſim naõ he neceſſario que buſquemos ao Senhor nos Ceos, ou lá ſobre os thronos das nuvens, ou nas ruas de Jeruſalem, dentro de nòs ha de eſtar tudo, a terra, o mar, o Ceo, & o mundo, ſobre tudo o meſmo Deos, que em nòs eſtá, ſe bem o amamos, & nòs em elle, ſe o queremos; ſó porèm havemos miſter pôr o ſentido em Deos, que dentro de nòs nos aſſiſte, & metello no coraçaõ: recolherſehaõ os ſentidos ao interior do noſſo peito, & ſuppondo que o coraçaõ he do Senhor Ceo, ou Palacio, caſa, jardim, leyto, ou cubiculo, fa á muito a noſſa vontade por tomallo nos braços da alma, & dizerlhe poſto a ſeus pès, ou metido nas ſuas Chagas, naõ ſó o que lhe adverte a liçaõ, mas o que lhe enſina o amor, crecendo ſempre na humildade, na admiraçaõ, & nos incendios, que fomenta o Eſpirito Santo, a quem nos affectos naõ pára, & com os favores ſe humilha. Iſto ſerá principalmente nas horas, que ſe deſtinarem à Oraçaõ particular, no recolhimento interior; & quando Deos ſeja ſervido, que o coraçaõ ſaya de ſi, o buſque nos Ceos, ou na terra, naõ reſiſta a ſeus impulſos, fugindo com todo o amor de que ſeja vagueaçaõ. Fóra deſte recolhimento, ſe andar derramado o ſentido, faça muito por ver ao Senhor em toda a parte dos Ceos, por encontrallo na terra, por ſeguillo nas pennas dos ventos, & por ver no mar ſeus veſtigios; & ſobre tudo o que elle der, he quem melhor ha de enſinar, ſendo porèm o noſſo eſtudo andar ſempre em ſua preſença.

L U Z V.

Avisos para o tempo da Oraçaõ.

EM toda a Oraçaõ particular começará a memoria em figura, o entendimento em apprehensaõ, & a vontade em suspiro; isto he, que o represente a memoria na figura mais agradavel; que contemple o entendimento, isto que lhe mostra a memoria; & que a vontade namorada do que lhe diz o entendimento, corra a adorar o que lhe diz, & suspire pelo que adora; mas em se inflammando o espirito, suspenderseha a memoria, pasmarseha o entendimento, & só se moverá a vontade. Se a alma se vir entre flores, dilate-se naõ só entre os lirios, mas entre os cravos, & entre as rosas: se o coraçaõ pizar abrolhos, naõ se desmaye entre os espinhos; que na terra esteril, & seca, na q̃ se tem por mais inutil, se achaõ as minas, & os thesouros; passará o tempo do Inverno, & seguirseha a Primavera, donde o espirito mais triste se vestirá de amenidades; passaráõ as trevas da noyte, & amanhecerá o Sol fazendo mais fermoso o dia; desatarsehaõ os caramelos, correráõ as fontes, & os rios, rirsehaõ os prados, & os valles, & em fim tudo o que naõ puder ser fogo, seja pelo menos fumo; tudo o que naõ puder ser amor, se a pelo menos affecto; quando naõ chegar a ser lagrima, faça ao menos por ser gemido; & se em fim tudo for silencio, faça por ser admiraçaõ; & sobre tudo se resolva a ser sempre conformidade, tendonos por servos inuteis, no mayor mal, no mayor bem, conhecendo o que sem Deos somos, & atè o que somos com elle.

L U Z VI.

Exemplos, & frutos de andar sempre em Oraçaõ.

BEmaventurados chama David, naõ aos que estaõ nos grandes thronos, ou nas felicidades do seculo, mas aos que amaõ a Ley de Deos, & a consideraõ noyte, & dia; com este amor, & esta lembrança, deixando o descanço do leyto, buscando em Deos o seu socego, meditava em Deos a Matinas. Inda a noyte naõ se enfeitava com os alvores do crepusculo, quando já cõ os olhos da alma buscava as luzes do seu Sol. Apenas rasgavaõ as luzes o escuro manto das trevas, quando tornava a vigiar, para ver a luz dos seus olhos. Chegava o dia, & sete vezes gastava cõ Deos o seu dia: tornava a noyte, & naõ dormia sem se lembrar de Deos à noyte; a noy-

tè toda, & todo o dia, chamava em fim pelo seu Deos, & se punha em sua presença, & se algum tempo socegava, tornava a erguerse à meya noyte para começar bem o dia. Isto fazia aquelle Rey, naõ só na solidaõ dos montes, (donde viveo Pastor hum tempo) mas no Palacio, & na campanha, nas delicias, & na aspereza, com q̃ hora o Sceptro, & hora a espada, hum tempo as armas, & outro os gostos, lhe puderaõ levar o tempo, que a Deos dava continuamente. Nos deleites, & nas fadigas, nas batalhas, & nos triunfos, por isso segurou o Reyno, naõ só da temporal fortuna, mas da eterna felicidade; & por isso disse o Senhor, que era homem do seu coraçaõ, porq̃ o trazia sempre em Deos. Oh se os que estamos cá no seculo, deramos a Deos todo o dia, toda a noyte, & todo o tempo! se ao menos deramos a Deos algum espaço deste tempo, alguns instantes da noyte, & algũa hora do dia, que facilmente conheceramos, que Deos nos dava o Reyno eterno, & tambem nos tinha por amigos muito do seu coraçaõ! Quem pois quizer ter oraçaõ, convem que faça a todo o tempo por trazer a Deos dentro na alma, & ao menos duas vezes no dia, ou pela manhãa, ou à noyte, occupar nelle o seu sentido, & se quer tello na memoria, crescerá como aquellas arvores, que estaõ postas junto das aguas, que quando he tempo daõ seu fruto; naõ será como aquellas plantas, que por inuteis, & infrutiferas servem sómente para o fogo, & se cortaõ a todo o tempo.

LUZ VII.

De dous concertos que se devem fazer para ter Oraçaõ.

QUem começa a Oraçaõ, alèm da mudança da vida, & emenda de todos os vicios, fará huma confissaõ geral, donde despindo ultimamente todas as vontades do mundo, & arrancando muy de raiz todas as payxoens do amor proprio, entrará a fazer comsigo dous concertos, de que depende toda a negaçaõ de si mesmo, & toda a resignaçaõ com Deos, sobre cujos fundamentos está a mayor perfeiçaõ do edificio espiritual.

LUZ VIII.

Do concerto que havemos de fazer comnosco.

O Primeiro concerto he comnosco, fazendo hũ firmissimo proposito de antes querer a mesma morte, & todos os males do

do mundo, que cahir de advertencia em hũa offensa de Deos, desejando mais estar no inferno com seu amor, se he gloria sua, que sem elle no mesmo Ceo, encontrando a sua vontade; se depois disto se cahir, (que em fim a vida he tentaçaõ, & batalha, donde ainda os Justos, senaõ mortos, sahem feridos) nem por isso nos desesperemos, & deixemos a Oraçaõ, antes saibamos humilharnos, & conhecer o que somos, porque he soberba do peccador fiar de si o naõ cahir, quando só isto tem de seu; o que convem he conhecer, que em quanto caminha a nossa vida, a cada passo se tropeça, & naõ faz pouco, senaõ cahe; & em quanto surca o mar do seculo, naõ póde terse por segura, porq̃ ha mil baixos, que se ignoraõ, muitos descuidos, que nos perdem, & muitos ventos, que nos contrastaõ: no meyo dia muitas vezes vemos que se eclipsa o Sol; com hum arsinho muito leve vemos que se perturba o mar, o dia claro morre em sombras, & o mesmo Ceo se mancha em nuvens: se pois o Sol tem seus defeitos, se o mar suas perturbaçoens, se contrarios a luz do dia, & se manchas o mesmo Ceo; que estranha em si hum peccador, cuja pureza naõ he Sol, cuja vida foy mar de vicios, cuja alma foy fea como a noyte, cujo coraçaõ naõ he Ceo? Cahio em culpa hum David, & em conhecendo sua culpa acodio à misericordia: negou a seu Mestre hum S. Pedro, & sahindo do lugar da culpa pedio soccorro a suas lagrimas; & succedendo isto aos Santos, & escolhidos de Deos, ternoshemos nòs por melhores sem lhe igoalarmos a penitencia, porque os excedemos na culpa; & sem lhe imitar o exemplo, pois o seguimos no delicto? se puderamos fugir a Deos em alguma parte do mundo; se puderamos esconder nos de sua presença infinita, parece que o pejo da offensa, fora desculpa do retiro; mas cuidar que se respeita a Deos, com fugir dos braços de Deos, q̃ os tem abertos, como Pay, sempre que Pay o nomeamos, por mais que ingratos o offendemos, esta he a mayor offensa, que recebe dos peccadores, pois por naõ largar o seu vicio, cuidaõ q̃ tem mayor amparo entre as cadeas do demonio, q̃ nas entranhas de hum Senhor, que para nos perdoar he Pay, & para nos livrar he Deos. Contritos pois, & compungidos com este conhecimento do amor de Deos, & prostrados nesta humildade (com que experimentamos quaes somos) nos deitaremos a seus pès, dizendolhe muy brandamente: Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, que podia eu esperar de mim, sendo a peyor cousa do mundo, senaõ fugir-

vos, & offendervos? mas que hey de esperar de vòs, sendo meu Pay, sendo meu Deos, mais que attrahirme, & perdoarme? & juntando a estas palavras os affectos da contriçaõ, as lagrimas da alma, & do espirito, & huma discreta penitencia, que o mesmo amor de Deos ensina, se continuará o concerto, & sentiráõ os mayores peccadores, como no mesmo instante os restitue Deos a si, & metendo-os no coraçaõ lhes mostra, que só tem para elles os thesouros da misericordia, & às vezes com tanta efficacia, que destes males nos faz tirar mayores bens, acquiridos no conhecimento do pouco que devemos fiar de nòs; succedendonos na humildade o que a moral Filosofia finge de Anteo cahindo em terra, que se erguia com mayores forças. Depois disto hũ grande temor, que he principio desta sciencia, & hum grande amor, que he todo o fim do caminho da perfeiçaõ, seraõ as bases, & as colunas em que se funde o nosso espirito, andando sempre receando de aggravar os olhos de Deos, & indo crecendo cada dia tanto de virtude em virtude, como se neste dia começassemos, & houvessemos acabar nesse dia; esforçandome a fazer isto, ver que me naõ convem viver em hum estado, em que me pezará de morrer.

LUZ IX.

Do concerto que havemos de fazer com Deos.

O Segundo concerto será com Deos, & será o concerto, que tenha elle cuidado de nòs, que nòs o teremos só delle; & assim importa depois disto naõ ter de nòs nenhum cuidado, nem descuidarnos delle hum ponto, & he certo se elle se comprir, que naõ em annos, nem em mezes, mas em poucos dias veremos proveitos naõ imaginados, que só se naõ vem nos que o fazem, porque se o fazem, naõ o comprem. Se o nosso cuidado he servillo, elle nos faz senhores do mundo com o desprezo que nos dá; se a nossa occupaçaõ he amallo, elle faz Ceo de nossas almas, com a gloria com que lhe assiste; se levamos a sua Cruz, elle nos leva logo em conta os extremos que lhe custamos; se só com elle conversamos, logo nos diz ao coraçaõ o muito que nos mete na alma; se nos desvelamos por elle, em hum doce roubo dos sentidos nos paga o sono que nos foge; & em fim, por pouco que façamos, se com cuidado o assistimos, toda a sua providencia se empenha, toda a sua misericordia se humana em sustentarnos,

& querernos; todo o seu amor naõ pára, todos seus thesouros se abrem, atè nos ver enriquecidos; inclina a sua Magestade para escutar o que queremos; sugeita a sua Omnipotencia, a fazer quanto lhe pedimos; mostra a sua sabedoria, em ensinar nossa ignorancia; emprega a sua fermosura, em namorar nossa cegueira; & estreita a sua immensidade, porque caiba na nossa vista; & he facil de considerar, que cuidado terá Deos de nòs, quando veja que o temos delle; se vemos, quando o naõ temos, & atè quando o crucificamos, o muito que de nòs sempre cuida, como nos trata, & nos obriga; por isso o que mais convem he fazer por nunca parar, & por ir adiante sempre; que em fim na via do Senhor, como dizia S. Bernardo, tudo o que naõ he ir adiante, he tornar muito atraz. He virtude a perseverança, donde correm como a seu centro, assim como os rios ao mar, crecidas todas as virtudes; para isto se obrar, convem soltarnos de todos os laços, com que naõ só nos prende o mundo, porèm mais o nosso amor proprio; nem he razaõ que se despreze o menor embaraço da alma; porque hũa rèmora pequena faz com que pare a mayor nao, ainda que leve o vento em poppa, & que navegue em mar bonança. Menina dos olhos de Deos, he a alma de cada Justo: & se os olhos dos homens naõ sofrem bem hum leve argueiro, como se sofrerá aggravar olhos de quem he de Deos o lume, & vista? Cumpra-se à risca este concerto, quando em perpetuo movimento de seu amor, & Oraçaõ, em tudo o que faço, & me occupo, & tenho por objecto, & fim. Para conhecer este fim em todas as minhas acções, examinarey que fim me move, se só por ser bom, & para servir a Deos, & naõ deixallo; se for obra da natureza encuberta com falso espirito, ou fugir delle, ou vencello. Em Deos, por Deos, & para Deos farey todas as minhas cousas, & tendome por peyor que todos, sem cuidar mal de nenhum, rogarey por todos a Deos: sometendome às creaturas mais humildes, & desprezadas, crerey, q̃ todas melhor que eu o sabem amar, & servir; naõ porey nunca o meu desejo nas fruiçoens, & gostos da alma, que saõ sensualidade do espirito, mas porey todo o meu desejo em abraçar a minha cruz, & fazer a vontade de Deos: se for de me fazer favores, louvallo, pois sou taõ indigno; se for de me dar afflicçoens, agradecerlhas resignado, pois me castiga assim taõ pouco, fugindo muito à hypocrisia, & servindo com prudencia à graça: finalmente me negarei a todos os bens enganosos da for-

fortuna, & da natureza; ainda que faça grandes cousas, cuidar no fim que naõ fiz nada; ainda que sinta grandes males, cuidar que nenhuma cousa sinto; depois de despirme de tudo, despirme tambem de mim mesmo, & depois de deixarme a mim, confessar que naõ deixei nada.

L U Z X.

Modo de estar na Oraçaõ particular.

ISto supposto, ou ainda que naõ se supponha isto, quem està na casa de Deos, ou quem deseja entrar nella, isto he, entrar na Oraçaõ, primeiro que tudo convem naõ entrar no Paço sem guia, a ver o Rey sem o valido, & sem Ministros ao despacho; invocando a Rainha dos Anjos, ao que for de sua guarda, & aos Santos de que for devoto, & a toda a Corte do Ceo, começarà em humildade, joelhos postos, mãos erguidas, & no mais com a compostura que a presença de Deos requere, em breve exame de conciencia, feito acto de contriçaõ, se valerá de todos para pedir a Deos o perdaõ de culpas passadas, & efficacia para a acçaõ presente, & adjutorio para as futuras, rogandolhe nos mostre o caminho por onde melhor o acharemos. Com esta humildade, & confissaõ se alcança a graça, & sufficiencia, que só vem das mãos do Senhor; & logo muito brandamente fechando as portas, & as janellas dos sentidos exteriores, meta-se no seu coraçaõ com o Esposo da sua alma, deixando tudo o mais de fóra, & erguendo as mãos a seu Senhor, isto he, erguendo o pensamento, a vontade, & as boas obras, prostrado naquella humildade, que pede o nada que somos, & o muito que he o nosso Deos, conhecendo este pó, & cinza, que se cobre da vaidade humana, nos abateremos àquella Magestade, que a terra, o mar, & os Ceos adoraõ; seraõ o emprego da Oraçaõ, pasmo, louvor, & adoraçaõ de seus immensos attributos, & infinitas misericordias, amor de suas perfeiçoens, affectos de sua uniaõ, suspiros de sua presença, petiçaõ de seus beneficios. Faremos por naõ estar nella sem hum desejo muito vivo, ou hum amor muito abrazado, porque naõ basta estar olhando-o, sem juntamente estar queiendo-o: mas isto ha de ser brandamente, naõ puxando a alma por si, fazendo-o cõ muita força, porq̃ he violencia que naõ dura, & molestia que nos quebranta, & ao menos sempre nos afrouxa; os q̃ se apressaõ muito no principio da jornada, ordinariamente cansaõ depressa. Passado o tempo da Oraçaõ, fa-

ça a alma nas despedidas, por ficarse sempre com elle; & se ha negocio que diviria o gosto da sua presença; seja tamanha a saudade, com que se vaõ os olhos da alma, que suspirem, & vaõ chorando por se tornar ao coraçaõ, donde entre as mais occupaçoens, representando-o como a furto, de quando em quando se lhe falle no meyo de todo o negocio; porque os Varoens espirituaes, que se prezaõ de viver ao espirito, muito mais que à natureza, o tempo todo, se puderem, a vida toda, se he possivel, haõ de entregar àquelle amor, que em se gostando se vè logo, quanto he suave o Senhor, quam tristes os gostos do mundo, quam cego o amor dos mortaes; & quam doces os bens do Ceo.

LUZ XI.

Consideraçoens para naõ peccar mortal, nem venialmente.

SE me vir tentado para algum peccado mortal, cuidarey que estando o meu Deos aos meus pès muito humilde, & com muitas lagrimas pedindome cõ as mãos erguidas, que o naõ offenda, pois me ama, que o naõ afronte, pois me quer, nem me condene, pois me busca, eu o encho de bofetadas (se faço a culpa que me tenta,) & pizandolhe o rosto a couces, chamo o demonio para que me ajude a despillo, & açoutallo, a afrontallo, & a crucificallo.

Se for peccado venial, cuidarey, que quando o commetto, estando o Senhor no mesmo estado, & com a mesma humildade, lhe digo muy asperamente: Eu bem sey, Senhor, que vòs naõ quereis que eu faça isto, mas muito em que vos peze, ainda que naõ queirais, eu hey de fazer a minha vontade, & ao diabo, & naõ a vossa.

Logo cuidarey, se fico em culpa, que ao modo de hum tronco cuberto de hera pela cabeça, pelos pès, pela garganta, pelos braços, pela boca, & por todo o corpo, me cercaõ, & cingem os demonios em figuras de basiliscos, de dragoens, & viboras, de cobras, de aspides, & de serpentes, & me apertaõ de tal maneira, que tiraõ a respiraçaõ, & a voz, para que me naõ confesse de minhas culpas, & para que mais negro, & mais feyo, que os mesmos demonios do inferno, os Anjos me naõ possaõ ver, seja odio das creaturas, & aborrecimento do meu Deos.

Cuidarey mais, que assim como a pedra do moinho se cahira no mar, naõ parára atè dar comsigo no mais profundo abismo, assim eu com a culpa naõ paro atè dar comigo dentro do inferno,

no, levandome mais depressa o pezo dos vicios aos abismos infernaes, que ao profundo do mar o que tem a pedra.

Ao contrario disto cuidarey, que quando venço a tentaçaõ, desce dos Ceos o meu Senhor com toda a Corte celestial, para que à vista dos Anjos, & de todos os Bemaventurados, vejaõ os demonios, que desce dos Ceos à terra, só a darme muitos abraços: ou fazendome azas das virtudes (que elle dá logo mais crecidas) faz que em hum abrir, & fechar dos olhos, voe a minha alma atè os Ceos, donde em presença de todos me faz os mesmos favores, metendome no seu coraçaõ, pondo o seu rosto no meu rosto, & apertandome nos seus braços, onde todos os Córos dos Anjos me cantaõ victoria, & triunfo.

LUZ XII.

Breve arte de perfeiçaõ.

TRes modos ha de andar em Deos para ter continua Oraçaõ: interior, & exterior, & superior; o superior mais enleva, o exterior mais move, o interior mais aproveyta: andamos em Deos interiormente, quando temos na alma huma firme apprehensaõ, de que o temos todo no mais profundo da alma, naõ só por potencia governandonos, naõ só por presença conhecendonos, mas por essencia, enchendonos, & dandonos todo o ser que temos; neste se aproveita mais, porque neste recolhimento interior, podemos, como Noè, que estava recolhido na Arca, livrarmos do diluvio da culpa, & das ondas da tentaçaõ, por mais que os sentidos, & as potencias, que estaõ de fóra, gritem, dizendo que se perdem.

O modo exterior de andarmos em Deos, mais nos move, quando com firme apprehensaõ, de que Deos està em toda a creatura, nos parece em tudo o que vemos, que nos està como espreitando, para ver como o tratamos: se o servimos, se o naõ servimos: se o amamos, ou naõ amamos: se o queremos, ou naõ queremos. O superior mais nos enleva, pois fazendonos estar sobre nòs num pasmo, & numa maravilha das cousas sobrenaturaes, nos faz andar como embebidos, & absortos, & alienados, na fermosura, na grandeza, na gloria, na immensidade, na magestade, omnipotencia, sabedoria, & perfeiçoens, & attributos de nosso Deos.

Mas para que qualquer destes modos de andar em Deos nos incite mais a caridade, & nos inflamme de seu amor, he necessario que primeiro que nos ponhamos

mos em Deos, nos ponhamos no nada que fomos antes de ser, no peyor que nada que somos pela culpa, & no outro nada que poderemos ser, se por ella formos ao inferno. No primeiro nada podemos cuidar, que nos pomos, quando sahindo do que estamos sendo, que he o que Deos em nòs poz, nos parece que deixamos o corpo, & alma, & as mais potencias, sentidos, & suminndonos por todo o mundo, naõ achamos lugar algum, em que vejamos algum ser, mais que huma sũma escuridade, onde em fim naõ vemos nada. No segundo havemos de ver, como sendo nada as privações, & negaçoens, negandonos, & privandonos de Deos, tambem nos fizemos nada, pois em Deos naõ póde estar a culpa, & quem está em culpa, está muito fóra de Deos. No terceiro conheceremos, que naõ tendo já nada de Deos, mais que o castigo de querermos ser seus inimigos, o teremos para remedio taõ longe de nòs, como he huma eternidade, sendo a mayor pena desta culpa aquelle nada, que se ha de achar na privaçaõ, que ha de haver para sempre de Deos. O primeiro, & segundo, saõ mais necessarios, porque nelles se funda, como em firme alicerce, toda a nossa humildade, vendo que sem Deos nada fomos, nada podemos estar sendo, & nada poderemos ser; & como nesta humildade conhecemos, que devemos a Deos tudo o que somos, & tudo o que podemos ser, della ordinariamente, como da mais infima parte, sobe seguramente o edificio das virtudes, que ultimamente se coroa com o amor de Deos; & tanto he mais alto este amor, quanto he mais profunda a humildade, com que lhe damos toda a gloria, todo o louvor, & obras do nosso aproveitamento.

Subindo pois por este grao ao amor de Deos mais perfeito, começaremos com hum acto de fé, a que se seguirá outro de confiança em suas misericordias, & logo nos poremos em continuo acto de amor, & ao menos de admiraçaõ, louvor, ou graças de seus immensos beneficios, de seus altissimos attributos, ou de suas obras admiraveis.

Requere-se para entrar neste estado, & para aproveitar nelle muito, que atè a morte nos mortifiquemos, naõ parando em cousa alguma, q̃ naõ seja Deos, que ha de ser o fim unico, & total de nossas acçoens, em perpetua negaçaõ de nòs mesmos, & continua resignaçaõ em sua vontade, estimando muito a devoçaõ, que he mãy do amor, & reverencia, & naõ affligindonos muito com as sequidoens dos sentidos, & distrahimento do espirito, pois para entrar na ca-

mera do Senhor, naõ ſó havemos de eſtar lavados de toda a culpa, purgados de ſenſualidade em todo o goſto das potencias, mas tam livres de intereſſe, o que toca nos goſtos da alma, que naõ póde voar muy alto, ſe leva em ſi o pezo do deſejar conſolaçoens, ou deterſe muito nellas; porque importa que aſſim para o corpo, como para o eſpirito, naõ buſquemos nunca outro alvo, mais que o amor de Deos puramente.

Ultimamente, todo o tempo da Oraçaõ acabará em pedir a Deos, que ſe faça em nòs ſua vontade, naõ ouſando fazerlhe outras petiçoens, ſem declararlhe, que ſe naõ encontrem ſeus decretos à noſſa petiçaõ: ſe faça em nòs, ou em outros ſua graça, ou miſericordia.

Reſta purificar pela Via Purgativa, aproveitando pela Illuminativa, & aperfeiçoando pela Unitiva, & depois diſto mortificar atè morte, amar atè o fim da vida, & naõ querer nada mais que o amor de Deos, em todo o diſcurſo do tempo, orar com deſejos de padecer, entendendo quando nos vier algum mal, que eſte era o theſouro que deſejavamos, & que naõ ha nenhũ outro mal mais que a offenſa de Deos, ou do proximo: eſteja certo quem guardar iſto à riſca com a graça de Deos (que naõ falta a quem faz o que he em ſi) que chegará à perfeiçaõ de Deos, para quem ſeja todo o louvor, & gloria. Amen.

Deos terrivel, Deos grande, & Deos immenſo, que eſtais todo dentro de tudo, todo fóra de tudo, todo ſobre tudo, & abaixo de tudo todo: esfera altiſſima, & profunda, larguiſſima, & longiſſima, cujo centro he toda a perfeiçaõ, & cuja circunferencia nenhũa, que eſtais dentro de tudo, mas naõ fechado dentro, fóra de tudo, mas naõ lançado fóra, ſobre tudo, mas naõ levantado, debaixo de tudo, mas naõ abatido, como me naõ embeberey, admirarey, abſorverey em voſſo ſer ſobre-admiravel, ſobre-immenſo, & ſobre-infinito, ſobre-ſupremo, & ſobre-excelſo, ſe ſendo o voſſo ſer puriſſimo, & incomprehenſivel, inveſtigavel, indizivel, invadeavel, & inexplicavel, quereis, fazeis juntamente que a vileza de hũa creatura, que de ſeu he hum puro nada, tranſcenda, ſuba, & ſe remonte a comprehender, & conhecer pela maneira que he poſſivel, eſte impoſſivel admiravel, pois vejo, meu Deos, & Senhor, que nos enſinais a conhecer, que ſois todo em todas as couſas, poſto que as couſas ſejaõ muitas, & vòs naõ ſejais mais que hum? que he verdade que eſtais aſſim poſto nellas, pois ſois unica verdade, & he bem que vos communiqueis? cu-

ja longidaõ he a ternidade, cuja largueza he a liberalidade, cuja altura he a Magestade, cuja profundidade he a sabedoria, immenso alèm de quanto ha infinito, em tudo he o mesmo em quanto póde ser.

Que moveis tudo sem movervos, que mudais tudo sem mudarvos, que abrangeis tudo sem estendervos, que estais em tudo sem encolhervos, q̃ excedeis tudo sem acrescentarvos; no mais pequeno argueiro, sem vos diminuir; & em toda a redondeza do mundo sem vos estirar; sobre ella sem vos subir; abaixo della sem decer; fóra della sem vos transpor; abaixo, como quem sustenta tudo; em tudo, como quem lhe dá ser; fóra, como quẽ he mayor; sobre, como quem transcende a tudo; verdadeiro, & unico; bem verdadeiro, que sois hum em tudo, huma verdade, & todas, hũ bem sobre-immenso. Adorevos, arda, consuma-se, & abraze-se, pasme-se, absorva-se, & aniquile-se, & finalmente em vòs se embeba, se suma, fique, & se naõ ache, quem vos conhece por seu Deos, quem se vè vossa semelhança, vossa copia, vossa figura; & para naõ ser, nem querer ser mais que o que for vossa vontade, que eternamente seja feita por todos os sempres dos sempres.

JE-

JESU, MARIA, JOSEPH.

Instituiçaõ da Escola de Christo Senhor nosso, que nesta Villa, ou Cidade de N. instituhio o P. Fr. Antonio das Chagas, Missionario Apostolico, na Missaõ que nella fez no anno de 1680.

TITULO I.

Das obrigaçoens dos que entraõ a ser discipulos de sua divina Magestade, nenhuma das quaes obriga por esta instituiçaõ a peccado mortal, ou venial.

RIMEIRA obrigaçaõ: Que todos os discipulos desta santa Escola, se faráõ escrever neste livro pela ordem do A, B, C, & se naõ tiverem feita confissaõ geral de toda sua vida, a faraõ logo; & dahi por diante se confessaráõ de quinze em quinze dias, & ao mais tardar, todos os mezes; & nas festas do Senhor, & da Senhora, havendo copia de Confessor; & em cahindo em peccado mortal conhecidamente, tratem logo de se levantar, & confessar delle sem dilaçaõ, para que naõ succeda apanhallos nelle hũa morte subita, & repentina, & deitalos no inferno para sempre.

2. Obrigaçaõ: Que cada qual tenha meya hora de Oraçaõ mẽtal todos os dias na Congregaçaõ, que fica instituida, naõ tendo legitimo impedimento; & para se instruirem neste santo exercicio compraráõ, se quizerem, os que sabem ler, o livro de Villa-Castim, ou o das Meditaçoens do P. Bartholomeu de Quental, ou outro semelhante: & os que naõ sabem ter Oraçaõ mental, rezem o Terço, ou Coroa de Nossa Senhora, & teraõ disciplina os que poderem, ao menos às sestas feiras.

3. Obri-

3. Obrigaçaõ: Que as mulheres discipulas desta santa Escola naõ venhaõ à Oraçaõ às Igrejas; mas teraõ a sua meya hora cada dia em suas casas, lendolhes o ponto para a meditaçaõ em hum dos ditos livros hũa pessoa de suas casas, que saiba ler, & naõ a havendo, rezaráõ o Terço de Nossa Senhora a Córos.

4. Obrigaçaõ: Que cada semana corraõ a Via Sacra, huma vez ao menos: as mulheres de dia, de Sol a Sol; & os homens a qualquer hora; todos com a mayor devoçaõ, & compunçaõ que for possivel.

5. Obrigaçaõ: Que todos os que naõ tiverem legitimo impedimento, jejuem todas as sestas feiras à Payxaõ de Christo, ou os Sabbados à Virgem Maria Nossa Senhora: & os impedidos daraõ em seu lugar huma esmola, ou rezaráõ a estaçaõ do Santissimo Sacramento, que consta de seis Padre nossos com outras tantas Ave Marias, & Gloria Patri, &c. & cada Domingo rezaráõ o Terço, Coroa, ou Rosario de Nossa Senhora pela alma, que mais penas padece no fogo do Purgatorio.

6. Obrigaçaõ: Que cada qual ensine aos de sua familia esta devoçaõ, & a Doutrina Christãa aos que disso necessitarem; naõ lhes consentindo cousa que seja offensa de Deos, & destruiçaõ de qualquer virtude.

7. Obrigaçaõ: Que nos trajes, costumes, & modestia de cada hum resplandeça o grande cuidado, que devem ter, de ser, & parecer discipulos de Christo Senhor nosso.

8. Obrigaçaõ: Que naõ vaõ a Comedias, & representaçóes profanas, nem a casas de jogo, & conversaçóes, donde se offenda a Deos, ou ao proximo; apartando-se de toda a casa, & trato donde haja suspeita de mao viver, ou occasiaõ de qualquer peccado.

9. Obrigaçaõ: Que em sabendo que he morta algũa pessoa desta Escola, offereçaõ pela sua alma a oraçaõ, & exercicios daquelle dia, para o que os herdeiros do morto avisaráõ logo aos que presidem nas Congregaçoens: & que todos os dias depois da Oraçaõ rezem devotamente tres Padre nossos, & Ave Marias; o primeiro, pelo estado, & augmento da Santa Igreja Romana: o segundo, pelo estado deste Reyno: o terceiro, por todos aquelles discipulos desta santa Escola, que com mais cuidado trataõ do augmento, & conservaçaõ della.

10. Obrigaçaõ: Que todos, assim homens, como mulheres, tragaõ comsigo alguma couta, que lhes sirva de lembrança, & despertador para andarem na presença de Deos; crendo com

viva

viva fé, que elle nos está vendo sempre, ainda os mais occultos pensamentos de nossos corações; & que sem este Senhor naõ podemos estar em parte alguma: & com esta certeza faraõ todo o possivel por fazer cada hum as obras, & obrigaçoens boas de seus estados, por agradar só a Deos, & fazer sua divina vontade; & tambem por este motivo, & fim deixaráõ de fazer, fallar, & cuidar tudo o que tiver qualquer sombra de offensa de Deos.

11. Obrigaçaõ: Que haverá nesta santa Escola huma pessoa Ecclesiastica, ou secular, de virtude, & zelo do serviço divino, que em cada huma das Igrejas, em que ha Congregaçaõ da santa Oraçaõ, tenha cuidado de per si, ou por outrem mandar tocar o sino a ella tanto que for noyte, & ler o ponto, ou pontós da Meditaçaõ, & para lembrar a algũs discipulos descuidados a froxidaõ, que vir em suas obrigações; fazendo-o particularmente com o amor, caridade, & brandura, com que Christo Senhor nosso o fizera, de que he substituto.

12. Obrigaçaõ: Que em cada hũa das Igrejas, em que houver esta santa Congregeçaõ, haja hum traslado destas obrigações, o qual se lerá de quinze em quinze dias, & ao menos todos os mezes, para que os discipulos desta santa Escola refresquem a memoria, & de novo se animem com mayor fervor a adiantarse na extincçaõ dos vicios, & no augmento das virtudes: & será trabalho muito util, & louvavel o dos que tiverem tambem seus traslados particulares para instruirem a gente de sua familia; & dos exercicios quotidianos, que adiante vaõ.

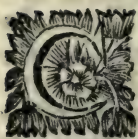
13. Obrigaçaõ: Que nesta santa Escola haja hum Escrivaõ, que pelo amor de Deos escreva neste livro os nomes das pessoas que nella quizerem entrar; & naõ haverá outros Officiaes, nem se fará ajuntamento de festa, ou outro algum, em que se hajaõ de fazer gastos, ou despezas de fazenda, por menores que sejaõ; mas todo o desvelo, & cuidado de todos se porá em desterrar vicios, & peccados, adquirir virtudes, & continuar com perseverança o santo exercicio da Oraçaõ, que he o fim para que se institue esta santa Escola, & naõ para se occuparem em outras temporalidades, posto q̃ sejaõ encaminhadas a bom fim; porque a experiencia tem mostrado, que pelos tempos em diante saõ a ruina das conciencias, & ainda das Congregações com pio, & santo zelo instituidas, & principiadas.

TITU-

TITULO II.

Dos exercicios quotidianos para os discipulos desta Santa Escola.

EXERCICIO I.

Do sentido do ver.

OMO os cinco sentidos sejaõ as portas, por donde os inimigos de nossas almas entraõ a fazerlhes guerra, & a metellas na miseravilissima servidaõ, & cativeiro do peccado; he necessario guardar com cuidado grandissimo, & particular vigilancia estas portas dos sentidos, fechando-as a toda a occasiaõ de peccado: & principalmēte a porta dos olhos, que he a principal ruina de nossas almas. E assim nos guardaremos da vista de toda a pessoa, que nos póde incitar a peccado; metendo os olhos no chaõ, ou virando-os a outra parte, dizendo a Deos com o nosso coraçaõ, que por seu amor, & por fazer sua santa vontade naõ queremos ver tal pessoa, nem determos em sua consideraçaõ: & do mesmo modo fugiremos de ver tudo o mais que naõ for licito, & honesto; ou que póde ser occasiaõ de cahir em peccado; & tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia, deixando de ver cousas licitas pelo amor de Deos.

EXERCICIO II.

Do sentido de ouvir.

GUardaremos esta porta dos ouvidos, naõ ouvindo palavras, & musicas deshonestas, nem murmuraçaõ alguma dos proximos, & atalhando-a quanto nos for possivel, & acodindo por sua honra, & credito: & quando isto naõ aproveite, deixaremos a conversaçaõ; & naõ a podendo deixar, nos mostraremos tristes, & pezados de se dizer do nosso proximo aquillo, que naõ queremos que de nòs se diga: & tambem algumas vezes deixaremos pelo amor de Deos cada dia de ouvir algumas vezes as musicas, & instrumētos honestos, as historias galantes, & boas, & outras cousas, que naõ

naõ contèm materia alguma de peccado.

EXERCICIO III.

Do sentido do cheirar.

GUardaremos esta porta, ainda que menos perigosa, que as outras duas, de cheiros, & perfumes, naõ usando delles nos vestidos, cabellos, & comer, por serem incentivos da luxuria: & tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia pelo amor de Deos, em naõ cheirar as rosas, & flores; & em naõ tomar tabaco os que o tomarem.

EXERCICIO IV.

Do sentido do gostar.

GUardaremos a porta deste sentido, naõ comendo cousas vedadas nos dias de peixe, (excepto os doentes) nem comendo, & bebendo mais do necessario: & ainda disto deixaremos alguma cousa do que mais gostamos, mortificando o appetite pelo amor de Deos.

EXERCICIO V.

Do sentido de apalpar.

A Porta deste sentido guardaremos, fugindo de abraços, & outros quaesquer tocamentos com outrèm, ou comnosco, como de peste espiritual de nossas almas; & ainda de nos ornar, & enfeitar com curiosidade, mais, que o precisamente honesto; & principalmente as mulheres, naõ usando tambem de cores, & posturas na cara, & enfeites profanos, & deshonestos; fugindo de estar às janellas, & de andar vagueando pelas ruas mais que a ouvir Missa, Sermaõ, ou algũa visita honesta; & entaõ iraõ com grande compostura, sem se descobrirem aonde possaõ ser vistas dos homens.

EXERCICIO VI.

Da guarda da lingua.

DIz a sagrada Escritura, que a morte, & a vida estaõ na maõ da lingoa: *Mors, & vita in manu linguæ*; para que vejamos o grandissimo cuidado com que havemos de guardalla, naõ fallando cousa alguma, que offenda a Deos, ou ao proximo: & assim nos guardaremos de toda a murmuraçaõ, palavra deshonesta, conversaçaõ suspeitosa, de praguejar, ou dizer pragas a cousa alguma; mas em lugar disso daremos tudo a Deos, à Virgem Maria, & aos Santos, pedindolhes muitos bens espirituaes, & temporaes, para quem nos aggrava, & offende: diremos de todos bem, & de ninguem

guem mal; encubrindo as faltas, & fraquezas dos proximos como queremos que se encubraõ as nossas: fugiremos tambem de jurar qualquer sorte de juramẽtos, hora seja verdade, ou mentira, por mais leve que seja: a melhor conversaçaõ que podemos buscar, he a de ler livros espirituaes, & devotos, para quem sabe ler: & os mais baratos, & melhores saõ a Reformaçaõ Christãa do Padre Affonso de Castro, o Combate Espiritual, & as Settas do Amor Divino, todos traduzidos na nossa lingua Portugueza, & capazes de andar na algibeira.

EXERCICIO VII. E ULTIMO.

TOdas as noytes antes da santa Oraçaõ, ou de deitarnos, faremos breve exame da conciencia, vendo o que temos faltado na guarda destes exercicios, & Mandamentos da Ley de Deos, & da Santa Madre Igreja, & de todas as faltas pediremos a Deos perdaõ, batendo nos peitos, & fazendo hum acto de Contriçaõ com grande dor de haver offendido a Deos, & com firme proposito de emendarnos com a ajuda de sua divina graça; & faremos algũa breve penitencia, offerecendo-a a Deos na uniaõ dos merecimentos infinitos de nosso Senhor Jesu Christo seu Unigenito Filho. E se por nossa miseria, & fraqueza cahirmos em peccado mortal, nos confessaremos logo, para q̃ nos naõ colha hũa morte subita em taõ miseravel estado: & quando pela bondade de Deos tivermos conciencia de peccado mortal, bastará confessarnos de quinze em quinze dias, & nas festas principaes dos peccados veniaes, que nos lembrarem, & de alguns mortaes já confessados, a que mais aborrecimento temos: & faremos muito por ganhar as indulgencias da Bulla da Cruzada nos dias em que ha Estaçaõ. Seremos finalmente muy devotos das Chagas de Christo, da Virgem Maria, do Anjo da nossa guarda, & do Santo do nosso nome, rezandolhes todos os dias algumas oraçoens, que applicaremos pelas almas do Purgatorio, a que somos mais obrigados.

Escada espiritual, por onde chegamos dentro de nòs a sua divina Magestade.

TEm esta escada cinco degraos, que saõ cinco perguntas, & repostas, que ha de fazer, & dar cada hum a si mesmo interiormente, depois de se benzer, & fechar os olhos, & dizer a Confissaõ, ou acto de Contriçaõ, pondo-se diante de Deos em humildade, & amorosa lembrança.

I. Per-

I. Pergunta.

Com que fé, & certeza estou aqui de estar diante de Deos?

Reposta.

Creyo, Senhor, & estou certo, que he impossivel naõ estar na vossa presença.

II. Pergunta.

Já que creyo, que estou diante da Magestade Divina, com que reverencia, & cortesia estou diante della?

Reposta.

Senhor, aqui estou com pouca reverencia, mas se podèra estar diante de vòs como estaõ os Anjos, & os Santos do Ceo, & a Virgem Maria, assim estivera, meu Deos.

III. Pergunta.

E com que pureza de tençaõ estou diante deste Senhor? venho eu puramente por contentallo, & servillo, & darlhe gosto?

Reposta.

Senhor, de hoje em diante a minha tençaõ he puramente contentarvos por vossa gloria, & honra: ter esta tençaõ em todas minhas obras, palavras, pensamentos, mas que a mim, & a todo o mundo descontente.

IV. Pergunta.

E com que proposito venho? tenho eu ainda proposito de peccar?

Reposta.

Senhor, de hoje em diante proponho morrer antes que peccar; ajudaime, Senhor, para que nesta resoluçaõ esteja taõ firme, que atè a morte persevere.

V. Pergunta.

E com quanto amor estou aqui a hum Deos infinitamente bom, que morreo por mim, & tanto bem me fez?

Reposta.

Senhor, nenhum amor vos tive atègora, mas se eu vos pudèra amar como a Virgem Maria vos amava, & como todos os Santos, & Anjos do Ceo, assim vos amára, meu Deos. Quizera de cada area do mar, Estrella do Ceo, & herva do campo fazer mil almas, mil coraçoens, & ao menos hum Reyno do Ceo para eternamente vos amar.

Feito isto, fique-se em Deos, ou considerando a divina bondade, & fermosura em algũ mysterio da Payxaõ de Christo Senhor nosso; & como Deos he amor, (se ama) em Deos fica. Detenha-se com elle quanto puder, offerecendo os merecimentos de Christo Senhor nosso, da Virgem Maria, & dos mais Santos a sua divina Magestade. Delhe graças por seus beneficios; peça perdaõ de seus peccados; & acabe sempre confirmando-se nos firmes, & efficazes propositos de servir, & amar eternamente a sua Divina Magestade.

Collo-

Colloquios para depois da Oração.

A Ultima cousa he fallar com Deos de tres modos: o primeiro, dando graças: o segundo, offerecendo: o terceiro, pedindo.

Dará graças a sua divina Magestade com estas, ou semelhantes palavras. Meu Deos, & Senhor, douvos muitas graças porque me creastes, me redemistes, me conservastes, & tantas vezes me chamastes cõ vossas misericordias, & pelos mais beneficios, que me fizestes, & por me dardes este breve espaço em que me peza de minhas culpas, & sospiro por vossas misericordias, & desejo abraçar vossa võtade santissima: tambem vos dou muitas graças por todos os dons, & bens que déstes a meu Senhor Jesu Christo, à Virgem Senhora nossa, a todos os Anjos, & Santos do Ceo, de cuja gloria me alegro, & cujo favor invoco: & desejo tantas vezes fazer isto para vossa gloria, & honra, quantas saõ as areas do mar. Ficará por hum breve espaço recreando-se em Deos no seu coraçaõ, dandolhe graças.

Logo fará o offerecimento com estas, ou semelhantes palavras. Soberano Pay de meu Senhor Jesu Christo, eu vos offereço em satisfaçaõ de todos meus peccados os merecimentos de vosso santissimo Filho, & da Virgem Senhora nossa, & de todos os Anjos, & Santos do Ceo, & Justos da terra: & vos offereço minhas obras, & trabalhos em uniaõ daquella tençaõ, com que meu Senhor Jesu Christo, quando andava no mundo, vos offerecia suas obras, palavras, & pensamentos. Ficarseha por outro breve espaço offerecendo a nosso Senhor tudo, quanto entender que póde ser agradavel a sua vontade santissima.

Logo fará petiçaõ a sua divina Magestade com estas, ou semelhantes palavras. Meu Deos, & meu Senhor, muito me peza de minhas culpas, por serem offensas vossas, & daqui em diante proponho antes morrer, que peccar. Peçovos perdaõ de todos meus peccados: peçovos vosso amor, vossa luz, vossa graça, vossa misericordia, & todo o que me he necessario para a alma, & para a vida, & para meu estado em vosso santo serviço; principalmente aquella virtude contraria do vicio, de que sou mais combatido, & que se faça em mim vossa santissima vontade; & tudo o que peço he em nome de meu Senhor Jesu Christo, que com vosco vive, & reyna por todo o sempre dos sempres. Amen.

Quinze

Quinze perfeições saõ necessarias a quem quizer servir a Deos, fazendo vida de espirito.

1. A Primeira, huma perfeita noticia, & conhecimento de todos seus desejos, payxoens, & inclinações naturaes.

2. A segunda, he a grande, & fervorosa resoluçaõ, com que hey de fazer guerra a todos os appetites, inclinaçoens, affeiçoens, & naturaes payxoens, ou sejaõ de odio, ou amor, repugnantes à razaõ: os quaes ha de sugeitar a si, para que com todos se sugeite a Deos.

3. A terceira, he hum grande temor, que deve ter de naõ estar certo, & seguro, se dos peccados, culpas, & offensas contra Deos tem dado a devida satisfaçaõ, & feito a penitencia devida, sem a qual naõ póde ter feito pazes com Deos.

4. A quarta, he hum grande temor, & tremor que deve ter cada qual, ainda depois de desenganado, & de todo arrependido, se acaso por sua fragilidade tornará outra vez a cahir em semelhantes, ou mayores peccados.

5. A quinta, he huma forte resoluçaõ, & aspero tratamento, com que ha de governar seus corporaes sentidos na cama, no vestido, no sustento, no sono, & em todo o necessario, sogeitando, & sacrificando seu corpo crucificado por mortificaçoens em obsequio de Christo crucificado.

6. A sexta, he huma grande fortaleza, & paciencia nas tentaçoens, & adversidades, imitando a pasmosa, & estupenda paciencia de Christo, & aquella mansidaõ, a cujo exemplo deve receber com bom, & forte animo a pobreza, dores, afflicções, & penas, que da maõ da divina Providencia para seu bem lhe saõ dadas, conhecendo que por suas culpas he digno de mayores penas, & indigno de padecer por amor deste Senhor, por cujo amor nunca deve padecer tanto, que naõ deseje mais padecer, com o desejo de conformarse com a crucificada vida, & morte deste Senhor, atè que nelle se naõ descubra alguma impaciencia, ou paixaõ humana; estando toda sua vida escondida em Deos, & metida em Jesu Christo; de nosso corpo naõ fazendo mais caso, que de huma pequena de terra, ou esterco, que os brutos pizaõ.

7. A setima, he fugir com animo resoluto de toda a pessoa, & creatura, como se fora hum demonio infernal, se entender que lhe póde ser occasiaõ naõ só do minimo peccado, mas de qualquer imperfeiçaõ na vida de espirito.

8. A oitava, he trazer em si a Cruz de Christo que tem quatro braços: o primeiro, he mortificaçaõ dos vicios; o segundo, desapego de todos os bens temporaes; o terceiro, destruiçaõ de todas as affeiçoens carnaes, & amor de parentes; o quarto, desprezo de si mesmo.

9. A nona, he huma liga, & continua lembrança, & meditaçaõ dos beneficios de Deos, que recebemos, assim na creaçaõ, conservaçaõ, & vocaçaõ, & mais na Redempçaõ, vendo quantas vezes nos livrou este Senhor do inferno, donde deitou os Anjos por hum só peccado, & outras muitas almas pelas mesmas, ou menores culpas, que as que cada hora commettemos, considerãdo outros muitos bens, que em cada qual tem feito este taõ bom Senhor.

10. A decima he, que de dia, & de noyte, a toda a hora, & em todo o lugar sempre estejamos, ou andemos em oraçaõ, isto he, com o sentido levantado em Deos, trazendo-o na memoria, naõ fazendo, nem dizendo, nem cuidando o que naõ cuidàra, nem dissera, nem fizera o mesmo Deos, ou ao menos o que naõ he contra sua Ley.

11. A undecima he, que daqui passemos a amor de sentir por meditaçaõ, & contemplaçaõ as celestes, & divinas doçuras daquella vida eterna, celestial, & divina, donde os bens naõ haõ de ter fim, nem as glorias cabo.

12. A duodecima, he hum ardente, & fervoroso desejo de exaltar a nossa santa Fé, isto he, de que Christo Senhor nosso de todos seja temido, amado, estimado, & conhecido de todos, continuamente louvado, & de nenhum offendido.

13. A decimaterceira, he ter huma grande compayxaõ, & piedade de todas as necessidades do proximo, assim como qualquer quizera que das suas a tiveraõ os outros; todos os proximos, ainda que sejaõ inimigos, se haõ de amar, como se estiveraõ no coraçaõ de Christo, sem isto naõ se póde verdadeiramente amar.

14. A decimaquarta, he dar graças de todo o coraçaõ a Deos em todas as cousas, louvar, glorificar em tudo a nosso Senhor Jesu Christo, nos males, nos bens, ou proprios, ou alheyos, estimando-o, ou amando-o em tudo por justo.

15. A decimaquinta he, que depois de fazer tudo isto, sinta, & diga de todo o coraçaõ: Meu Senhor Jesu Christo, nada posso, nada valho, mal vos tenho servido em todas as cousas, sou servo ruim, & inutil: a vòs gloria, & honra, & louvor, com que sejais bemdito por todas as eternidades. Amen Jesu.

Pre-

J. M. J.

Preparaçaõ para com-mungar.

PRimeira, considerar que a Escritura Sagrada nos move, & avisa para esta preparaçaõ, com palavras, & exemplos. Com palavras, pelo Profeta Amos 4. *Præparare in occursum Dei tui Israel.* Preparate, Israel, para receber a teu Deos, que elle vem para morar, & ficar em ti: & S. Paulo Epist. 1. ad Corinth. 11. *Probet autem se ipsum homo, & sic de pane, &c.* Veja cada qual se está capaz de chegarse àquella Mesa divina, &c. Prove-se, & examine-se: & esta prova entende a Igreja pelo exame, contriçaõ, & confissaõ sacramental dos peccados mortaes, dor, & firme proposito. Eis-aqui nos adverte com palavras, com obras, & exemplos, mandando q̃ com grande limpeza se comessem os Paens da Preposiçaõ, o Cordeiro Pascoal, & se puzesse o Manná figura deste Sacramento, em arca dourada por dentro, & por fóra: S. Joaõ Bautista se reputava por indigno de tocar a Christo Senhor nosso. Saõ Pedro naõ ousava a estar com elle na barca: o Centuriaõ naõ se atrevia a que entrasse no seu aposento: a Virgem Santissima se julgava humilde escrava, naõ merecedora de o ter em seu ventre purissimo: alèm disto a arte, & a natureza, tanto melhor produzem as suas obras, quanto está mais disposta a materia: o fogo melhor pega na lenha secca, que na verde; porque a secca para o fogo está mais disposta: o Pintor melhor faz o retrato em hũa lamina polida, que em huma taboa tosca, porque tem melhor disposiçaõ para o primor da pintura a lamina, que a taboa. Assim quando for melhor a disposiçaõ, & preparaçaõ, obrará este Senhor milagres, ou maravilhas mayores. O Sol a hum mesmo tempo endurece o barro, & derrete a neve: saõ diversas as disposiçoens, por isso saõ de hũa mesma causa os effeitos diversos. A disposiçaõ melhor, he huma profundissima humildade, huma grande reverencia, huma pureza limpa, huma devoçaõ fervorosa, depois de confissaõ, & oraçaõ.

A segunda (nota muito isto) entre as cousas, q̃ para esta preparaçaõ saõ necessarias, a principal de todas he a pura intençaõ com que commungas, o fim a que esta communhaõ se encaminha; & assim considera, que a tençaõ póde ser viciosa, ou menos louvavel, por quatro cousas.

A primeira se cõmungas porque te tenhaõ por Santo, iste he hypocrisia, & vangloria.

A segunda, se cõmungas por alcançar de Deos bens da terra; & a razaõ he: porque como este manjar Divino he sustento espiritual das almas, naõ deve de primario referirse a cousas terrenas, & caducas.

A terceira he, se commungas sendo teu primeiro intento alcançar consolaçoens, ou gostos espirituaes; porque esta tençaõ nasce do amor proprio, & naõ do amor de Deos.

A quarta he, se commungas sómente por costume, ou porque outros o fazem. Deve pois considerar cada qual, que a recta, & pura tençaõ póde ser de oyto modos.

O primeiro, se cõmungas para alcançar a remissaõ dos peccados; porque este Sacramento he tambem sacrificio, que pelos peccados se offerece a Deos.

O segundo, se cómungas para livrarte de algũ gravissimo mal espiritual, afflicçaõ, ou tentaçaõ.

O terceiro, se cómungas para alcançar alguma singular graça, ou dom espiritual.

O quarto, se cómungas para dar graças a Deos pelos beneficios espirituaes, & temporaes feitos a ti, & a teus proximos.

O quinto, se cómungas para que assim honres, & louves a Deos, & aos Santos, pois este he o mayor dos sacrificios, com que honramos a Deos: *Sacrificium laudis, &c.*

O sexto, se commungas para juntarte com Christo por puro amor, & fazerte huma cousa com elle.

O setimo, para que ajudes a teus proximos vivos, & defuntos.

O oitavo, para que faças o officio mais agradavel a Christo Senhor nosso, de quem sabes, que tem hum summo desejo, & gosto de estar comtigo. Proverb. 8. *Deliciæ meæ esse cum filiis hominum.* Com tudo adverte, que de todos estes fins, & intentos, os mais excellentes de todos, & por cuja causa foy este Sacramento instituido, saõ quatro.

O primeiro foy, para que tenhas em ti hum vivo memorial da Payxaõ de nosso Senhor Jesu Chisto: *Hoc facite in meam commemorationem.*

O segundo he, para que assim como com o sustento corporal tratas de sustentar o corpo, assim com o sustento espiritual trates de sostentar o espirito, & ter eterna vida. Joan. 6. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum: nisi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam in vobis.* Morre o corpo, se falta o paõ do corpo: morre o espirito, se falta este paõ do espirito.

O terceiro he, para que te

transformes em Christo, & para que Christo Senhor nosso viva em ti, & tu em Christo Senhor nosso; elle em ti por graça, nelle tu por amor, & memoria: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo.*

O quarto, & primeiro, como diz S. Boaventura, he, para que embebas em ti o espirito de Christo Senhor nosso, pelo qual vivas com aquella humildade, caridade, obediencia, amor da pobreza, mortificaçaõ do corpo, desprezo do mundo, & desejos de padecer, assim como viveo nosso Senhor Jesu Christo.

Quem em breve quizer chegar à perfeiçaõ, frequente as communhoens com estas quatro ultimas tençoens, chegando-se a este Senhor com a preparaçaõ possivel.

O quinto considera, quam de madrugada te deves preparar para o dia, que commungares: q̃ nosso Senhor Jesu Christo com incomparavel desejo te está esperando na Igreja, para q̃ commungues, & se agasalhe em tua alma, para ficar nella de assento, dizendo aquillo que disse Deos Senhor nosso a Santa Isabel: *Se tu queres estar comigo, eu quero estar comtigo.*

Cuida, logo que fores para a Igreja, ou Altar, o grande gosto com que o teu Anjo da guarda te vay acompanhando, para que hospedes, & recebas a teu, & seu Deos, &c. Em terceiro lugar, em chegando ao Altar, em que está este Divino Sacramento, lhe farás no teu coraçaõ huma profunda, & humilde reverencia, & invocarás a ajuda da Mãy de Deos, & de todos seus Santos, & Anjos, para que te acompanhem, & alcancem graça, & favor para que colhas deste Sacramento fruto.

Considera tambem em chegando adonde commungas, o que lá diz S. Mattheos 25. *Ecce sponsus venit, &c.* Adverti que vem o Esposo; & adverte que vem cheyo de desejo de estar comtigo, cheyo de caridade, de benignidade, de amor, & de todo o bem, para encherte, & favorecerte: *Exite obviam ei.* Ide vòs alma tambem chea de devoçaõ, de gosto, de reverencia, de humildade, dizendo com Abraham: Senhor, aqui está o pó, & cinza; com a Virgem Mãy de Deos: Eis-aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim a sua vontade, segundo a sua palavra; ou com Santa Isabel: Donde me veyo a mim, que meu Deos, & Senhor queira entrar, & pousar em minha pobre alma? *Unde mihi, &c.* Juntamente considerarey, quem he o que vem, isto he, meu Creador, meu Redemptor, a immensa misericordia, a infinita fermosura, a eterna Sabedoria, a incomparavel Magestade, a bon-

dade incomprehensivel; em fim meu Deos, meu ultimo fim, meu summo infinito bem; & a que vem: a honrarme, enriquecerme, & salvarme; dirlhehey com nosso Padre S. Francisco: *Deus meus, & omnia, quis est tu, & quis sum ego?* Meu Deos, & todas minhas cousas, quem sois vòs, & quem sou eu?

Antes que te apartes do lugar donde cõmungaste, dalhe muitas graças de haver feito morada sua, tua pobre, & miseravel alma.

Em segundo lugar lhe offerecerás em holocausto puro a ti mesmo, & a todas tuas cousas, assim como elle todo se entregou a ti neste santo sacrificio. Em terceiro lugar exercitartehas em actos de amor de Deos, beijando, & abraçando espiritualmente seus santissimos pès, & mãos, suas sacratissimas chagas, & adorando em sua humanidade sua divindade santissima, rogandolhe que nunca se aparte de ti, como os Discipulos de Emmaùs: *Mane nobiscum, Domine, quoniam advesperascit.*

Em ultimo lugar expoemlhe tuas miserias, o desejo de servillo, pedelhe que orne a casa de tua alma de todas as virtudes, que te dè graça aquelle dia, & todos os de tua vida, para que naõ esfrie a devoçaõ, & caridade, offerece-o muitas vezes a seu eterno Pay, & naõ o perdendo da vontade, nem da mẽmoria, louvao-o interior, & exteriormente quanto puderes por todos os seculos. Amen.

Com estas palavras, dizia o Veneravel Padre Fr. Antonio, me achey bem nas tentações, fallando com os demonios.

E as palavras eraõ estas.

Espiritos das trevas, cujos, baixos, & torpes, para sempre condenados ao carcere dos abismos, aborrecidos de Deos, fracos, & para pouco, dignos de que todos zombem, & escarneçaõ das vossas forças, pois naõ prestais para nada, nem tendes poder algum mais que o que vos dá quem nas vossas mãos se mete, depois que com as suas mãos se mata; poucos sois todos contra mim; vinde, vinde todos os que estais no inferno, naõ venhais taõ poucos, que gloria tenho de que venhais todos, & pena de que naõ sejais mais. Trazey todas as vossas armas, todas as tentaçoens, & tribulaçoens possiveis, que contra todos basta, & sobeja aquella graça, cõ que meu Senhor Jesu Christo me manda vos açoute a todos cõ o seu nome santissimo. Vinde, espiritos feissimos, naõ sejais fracos, que nenhum medo

do me fazeis, antes me rio de vòs; quem vos deitou dos Ceos, vos deitará de mim, porque està dentro de mim, quem no inferno vos açouta, em mim vos ha de açoutar, com este nada que sou vos ha de confundir; pelejay, pelejay comigo, & sei vireis a Deos, porque lhe dareis gloria a elle, dandome a mim tantas vitorias, como batalhas, & a vòs tanta pena de novo, quanta for a vergonha, & confusaõ de ficares vencidos. Chamay ao vosso Lucifer, & aos seus valentoens mayores, que aparelhado estou com o eterno odio que vos tenho, para me deleitar sómente na Cruz de Christo; & arvorando esta contra vòs, em quanto viver, andar sempre sobre os aspides, & basiliscos, & pizar confiadamente em Deos o collo dos Leoens, & Dragoens.

Oh meu Deos, & meu Senhor, quizera eu que o coraçaõ feito em pedaços me sahisse em lagrimas pelos olhos; que a alma desfeita em suspiros se me arrancasse do intimo das entranhas, & se me sahisse pela boca; que as entranhas pizadas de hũa aspera, & rigorosa contriçaõ, se me desfizessem no peito com mares de amarguras; pouca fora ainda estador para a mágoa, que desejo ter de vos haver offendido: quizera, meu Senhor, que com suspiros de fogo, com labaredas de amor, com ardentes chammas de contriçaõ me desfizesse em pó, & cinza este meu pezar, me consumissé dentro de mim mesmo estes ardentes affectos de penitencia, que naõ saõ sentimento em mim, sem que primeiro sejaõ misericordia em vòs; espero por vossa bondade, que me haveis de perdoar, & dar graça para vos naõ offender; & como naõ tireis de mim este amor, que eternamente vos desejo ter, fazey, meu Senhor, o que quizeres de mim, q̃ aparelhado estou na vida, & na morte, na pena, & na gloria, na honra, & na injuria, no mal, & no bem, no Ceo, & no inferno, de querer só a vossa vontade. O' Colunas do Ceo, Tochas do Firmamento, Luminarias do Empyrio, Alampadas de Deos, Fornalhas do Espirito Santo, rogay por mim a Deos, para que comvosco o louve eternamente.

Despedida de tudo.

MEu Deos, eu me despeço de todas as creaturas: intento amarvos daqui por diante de todo o meu coraçaõ, com toda a minha alma, com todas as suas forças, & com todos os meus sentidos. Memoria que se ha de lembrar de vòs, naõ deve ter outra lembrança; entendimento que ha de cuidar em vòs, naõ deve ter outro cuidado;

vontade que ha de querervos, naõ deve ter outro amor; coraçaõ que ha de occuparse comvosco, de tudo ha de estar vasio; olhos que vos haõ de ver, para tudo se haõ de fechar; boca que ha de fallar de vòs, nada mais que a vòs ha de tomar na boca; gosto que se ha de empregar em vòs, de nada mais ha de ter gosto; ouvidos que haõ de ouvir as vossas palavras, a nada mais haõ de dar ouvidos; vida que se vos ha de entregar, para tudo mais ha de estar morta; alma que ha de viver comvosco, só para vòs ha de estar viva: despeça-se pois, meu Deos, com vossa graça de tudo, quem convem que deixe tudo, para vos agradar em tudo, & gozarvos a vòs, que sois mais que tudo. Fique-se nos desejos do nada a alma, que naõ foy nada antes que vòs a creasseis, & que foy peyor que nada depois que vos offendeo: nada quero, nada desejo, nada possuirey, nada buscarey mais que vosso amor, & vontade, pois nada tenho que seja meu; nada posso ter que naõ seja vosso, nada mereço mais que castigos; & pois nada posso por mim, razaõ he que me naõ queixe, nem me afflija de nada, pois o nada naõ se queixa, o nada naõ se afflije: nem convem que me envergonhe; & vanglorie, porque o nada naõ se envergonha, o nada naõ tem vangloria, o nada naõ tem presumpçaõ de cousa alguma, porque o nada naõ faz nada. Só vòs, meu Deos, fazeis tudo o que he bom, & despejando com este nada quanto tem meus sentidos do mundo, & quanto tenho na minha alma, que naõ sejais vòs, taõ vasio quero ficar de tudo, quanto vòs naõ sois, taõ ermo de mim mesmo, taõ deserto de todo mais, que naõ achando totalmente em mim mais, que a vossa vontade, vossa honra, & gloria igualmente para o bem, & para o mal, vos offereça na minha alma huma desapego de tudo, huma negaçaõ de mim, huma solidaõ de nadas, & huma despedida total de todas as cousas, para que nem o desejo me afflija, nem o temor me inquiete, nem a inclinaçaõ me arraste, nem o gosto me desvie daquelle doce, & ultimo fim, daquelle summo bem, para que me creastes; antes com huma sugeiçaõ taõ rendida, com huma entrega taõ affectuosa, com huma ancia taõ enamorada, me ponha de todo nas vossas mãos, que em mim se naõ veja mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo, & este crucificado, por cujo sangue, & nome vos peço este favor, & perdaõ de tudo o que em mim naõ foy sempre isto.

SE-

SEMANA ESPIRITUAL,

Pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

O HORTO de Gethsemani he figura da perfeita Oraçaõ: Gethsemani quer dizer Valle de abundancia, porque pelo valle da humildade, & pela abundancia da Caridade morreo o Senhor por nòs; desceo dos Ceos à terra pela humildade, com que se unio à nossa natureza, & depois de unirse comnosco, subio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir cõ Deos, he necessario entrar no Horto da Oraçaõ, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas façamos por meditar, & dispornos para a Cruz, sem a qual naõ sendo semelhantes a Christo, naõ poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Predestinados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oraçaõ, assim como fazia o Senhor, para que este costume se faça natureza, se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna Paz, que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oraçaõ (que he subida da mente a Deos) se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a Oraçaõ, quanto for possivel, ser reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois naõ só buscou o Senhor a solidaõ, mas para ficar mais só, se apartou daquelles Discipulos, que comsigo tinha levado. Deve ser devota, isto he, huma promptidaõ, & naõ aquel-

le

le gosto sensivel, com que havemos de louvar a Deos, ainda que (como diz S. Pedro de Alcantara) com as consolações do Senhor cresce a devoçaõ, em que consistem as azas, com que voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes, que se poz à Oraçaõ; isto he (como diz a Glossa) Principio, Meyo, & Fim. Principio, na fé com que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nòs. Meyo, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negaçaõ de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acções acharemos o Norte, a estrada que seguramente nos leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeiçaõ, quanto fugirmos da mentira de falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da Eterna Gloria, que elle só tem aparelhada. Para o que por via direita, cada huma destas acçoens, que elle obrou em sua Payxaõ, nos ha de occupar toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se senaõ esmençaõ bem, naõ lhe damos bem na sustancia. Necessario he cavar bem a terra para que se ache a mina; & porque à flor da terra só quando muito se achaõ flores; a comida que naõ vay bem mastigada, naõ póde ser bem digerida, nem proveitosa à natureza; as perolas no fundo do mar se pescaõ, & naõ em cima da agua; por isso nos naõ cançaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxaõ junta. Toda huma noyte gastou meu Padre S. Francisco, sem cuidar mais que em duas palavras: *Meu Deos, & todas minhas cousas.* Santo Agostinho passou muito tempo sem formar mais que dous conceitos: *Senhor, conheçavos eu a vòs, & conheçame a mim.* Gregorio Lopes passou nove annos, sem dizer em si mais que isto: *Senhor, faça-se em mim vossa vontade.* O nosso Saõ Diogo quasi toda a vida naõ teve outra Oraçaõ, abraçando-se com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo: *Amor meu, Amor meu.* E de Santo Isidoro se conta, que por ser rustico em extremo, naõ dizia a Deos outra cousa mais que estas breves palavras: *Dios mio, si tuvieras ganado, yo te lo guardára de gracia.* E esta he a altissima Oraçaõ, estar sempre em continuo acto de amor

de

de Deos, sem affligir o entendimento com discursos demasiados, que às vezes deixando vaidade gastaõ o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuidados de pouco fruto. Serve-se Deos dos coraçoens, muito mais que das imaginações: quer as victimas abrazadas; ainda que com menos enfeite se apresentem nos seus altares; toda a maquina de discursos só entaõ será proveitosa, quando sirva de nos mover; ou por vernos em sequidaõ, ou qualquer outra enfermidade, que padece às vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada huma aprehendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de cinco effeitos, ou por todos: ou para imitar a Christo; ou para nos compadecermos de seus tormentos, ou para admirarnos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descançar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrèra, outra vez, se a caso fora necessario, & somos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nòs, naõ nos admiremos de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em uniaõ mais conforme, he certo que morrendo a carne, fazemos já vida do espirito. Somos já filhos de Deos, & huma mesma cousa com elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos àquella Bemaventurança, que póde dar se nesta vida, morando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, & a elle em todas as creaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua uniaõ; querendo por sua vontade, & entendendo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçaõ continua, nem facilmente a podem ter, & meditar todas estas horas, & tal vez nem huma só atè os que tem algum espirito, se observando as virtudes, que contèm cada hum dos dias, ou cada huma das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeira Oraçaõ, & será muito mais util, que outras muitas meditaçoens. Tambem bastará para nos desculpar com Deos, quando naõ possamos orar, dizer dentro de nòs, em qualquer occupaçaõ que tenhamos: *O meu Jesus está no Horto, na Coluna, ou no Calvario, & eu esteu jugando, comendo,*

mendo, rindo, passeando, ou peccando, &c. conforme o que estiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da Oraçaõ, onde os que tem verdadeiro espirito oraõ, & se resignaõ na vontade de Deos, como Christo: os descuidados vaõ a dormir como os Apostolos: os que tem o coraçaõ nos interesses do mundo, vaõ a vender a Christo, como Judas: os que naõ entraõ na Casa de Deos, mais que a offendello, vaõ a buscallo como a cohorte. Esta he a figura dos seculares, que quando vaõ à casa da Oraçaõ, parece que vaõ armados, & aparelhados só para fazer desacatos a Deos. Judas he figura dos maos Sacerdotes, que pondo-se Deos nas suas mãos, elles com falsos osculos de paz daõ final ao demonio de que o mesmo Deos anda com elles vendido. Os Apostolos, figura dos homens espirituaes, que por descuidos, & omissoens naõ fazem de todo a vontade a Deos no mayor grao da perfeiçaõ. E Christo verdadeiro Original dos perfeitos filhos de Deos, que a pezar das tribulações, & miserias da natureza, sempre estaõ promptos cõ o espirito para a vontade do Senhor. Quem pois quizer aproveitarse destes exemplos, saberá, se na Oraçaõ serve ao corpo, se ao espirito, à natureza, ou à graça, ao mundo, ou a Deos.

SEGUNDA FEYRA.

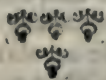
MATINAS.

UIDAREY que o meu coraçaõ he Horto, aonde o meu Senhor vem a orar; & chamando a minha Vontade, Memoria, & Entendimento, para que apartados dos mais sentidos, como Saõ Pedro, Saõ Diogo, & S. Joaõ dos outros Discipulos de Christo, me manda o Senhor vigiar, & ter oraçaõ, & pedindome que o acompanhe na agonia, & tristeza, q̃ o afflige, & melancoliza, parecermeha que todo angustiado, & cheyo de lagrimas, & penas, tomandome nos braços da alma, me diz estas palavras brandamente: Filho, eu aqui estou só, & desemparado, & posto nesta solidaõ, sem haver quem falle comigo, nem quem me queira pôr os olhos; peçote pelo meu amor, que vires para mim o teu rosto,

& o teu coraçaõ, & que pois te chamo, & te busco, me naõ desempares tambem, deixandome nesta tristeza, nesta afflicçaõ, nesta agonia, com que vejo perder o mundo por naõ querer estar comigo, fugindo da minha presença, como da do demonio: mas como tu tambem, meu filho, te naõ atreves a aturarme, & estás morrendo por fugirme, por ventura aborrecete de que eu te chame, & pezate de eu estar comtigo? Enfastiate o meu amor? Enfadaste da minha vista? Pois sabe de certo, que menos quero estar no Ceo, que no teu coraçaõ, & que me agrada muito menos a companhia dos Anjos, que verme em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com huma ancia muito de coraçaõ, com hum amor muito entranhavel, posto a seus pès, ou nos seus braços, farey por gastar todo o tempo, que destinar para esta hora, em hum vivo movimento da alma, & em que a memoria se perca por sua vista, o entendimento se palme em seus beneficios, & a vontade arda em seu amor, dandolhe as graças de chamarme, & pedindolhe que me naõ deixe, nem largue da sua maõ.

O fruto desta hora será, conhecer a vocaçaõ, com que o Senhor me trouxe à sua casa, & escolha que fez de mim para andar em sua presença pela virtude da Oraçaõ, contra quem (mais que em outra parte) mostrando no Horto os inimigos do Senhor, que se armavaõ para o tirar della, & saberem que este he o meyo mais efficaz da salvaçaõ, & de quem mais se teme o demonio: fazendo pois conta que me naõ convem deixar só ao meu Deos, nem desemparar ao meu Senhor, que gosta de que eu o acompanhe, farey muito por ter grande amor ao silencio, & solidaõ, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome naõ só dos homens, mas atè dos meus proprios sentidos, naõ dormirey (sobre a vigia que me convem ter na Oraçaõ) por naõ arriscarme a que me prendaõ o mundo, o diabo, ou carne, que no Horto da alma me cercaõ, naõ querendo por hum alivio, que os sentidos me podem dar, porme em perigo de cahir, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deixo a olhos vistas. E com isto exercito a abnegaçaõ de mim proprio, que he huma das mayores virtudes, que andaõ na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

LAU-

LAUDES.

Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.

CUidarey como estando dormindo os Discipulos do Senhor no Horto, elle os veyo a despertar, avisando-os que vigiassem: porque naõ entrassem em tentaçaõ; & isto naõ huma, mas muitas vezes.

Considerarey os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois sendo tentaçaõ toda a vida, que passo sem orar a Deos, & sem me unir com o Senhor, como quem sente os meus descuidos, & lhe vay muito em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a q̃ eu resisto: tantas vezes com divinas inspirações, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias da sua Payxaõ, de que eu me esqueço cada dia.

Será o fruto desta hora o conhecer, que o ter Oraçaõ he beneficio do Senhor, que he seu sentirme com espirito, que he meu verme com froxidaõ; que subir ao Horto he favor seu, que dormir nelle he obra minha: & por isso considerarey, que nem por verme na cõpanhia de Deos, que he só de quem me vem o amparo, a sufficiencia, & remedio; & finalmente pedirlhehey, que pois hum S. Pedro, fundamento da sua Igreja, se descuidou; que pois hum S. Joaõ, emprego de seu amor, se esqueceo; que pois hum Santiago, escolha de sua vontade, se divertio; que isto em todos foy o dormir, & todos houveraõ mister que o Senhor viesse acordallos; que me perdoe os meus descuidos, & que esperte os meus esquecimentos, & me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, ser hoje o filho mais ingrato, & sempre o servo mais inutil.

PRIMA.

Avulsus est ab eis.

CUidarey que o Senhor logo que poz no Horto seus Discipulos, & lhes encomendou que orassem, se affastou delles, metendo-se pelo mais interior do Horto.

Considerarey, que quando Deos nos traz mais comsigo, & nos sóbe a mayor Oraçaõ, ou porque fia mais de nòs, ou porque de nòs naõ fia muito; se affasta de nòs muitas vezes, apartando a consolaçaõ, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como entaõ, & só se conhece quem he seu verdadeiro Discipulo, necessario

he

he que neste tempo nos offereçamos muito mais, para que cõ qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; & como tronco exposto aos ventos, nos naõ mova o ar da vaidade, conhecendo que está Deos tam longe de nos deixar, quando se affasta, que entaõ metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da alma.

Será o fruto desta hora a vigilancia sobre nòs com a mortificaçaõ dos sentidos, pois podemos nesta afflicçaõ, q̃ he prova mais que desemparo, perder em hum fechar de olhos tanto como podemos recear de Deos em desabrir a maõ.

TERÇA.

Et factus in agonia prolixiùs orabat.

CUidarei como representando-se ao Senhor tudo o que havia de padecer pelos homens, quãtos haviaõ de condenarse ao inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveitarse de seu amor, foy posto em muy grande agonia, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarey, que nos males; & tribulaçoens, naõ se ha de perder o animo, ainda que se perca o alento; nem se ha de desmayar o espirito, ainda que se desmaye a alma: antes entaõ com mayor causa chegarnos para o nosso Deos, dandolhe por tudo muitas graças; porque se da sua maõ recebemos as obras, os males porque os naõ receberemos? O Senhor dá, o Senhor tira, & por tudo deve ser bemdito, & naõ nos faz nisto semrazaõ, pois elle he Senhor de tudo.

Será o fruto desta hora buscallo com grande igualdade, assim no mal, como no bem, pois nòs naõ temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribulaçoens, para que vendo nossa miseria o engano dos bens do mundo, naõ queiramos ter outro bem mais q̃ orar, padecer, & mais padecer, atè que o orvalho do Ceo desça a fecundar a terra, & as sequidoens sejaõ suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regalo, & naõ merecimento, mais he ir por espinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

SEXTA.

Non mea, sed tua voluntas fiat.

CUidarey como o Senhor nesta afflicçaõ dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Se-

Senhor, se naõ he possivel que se escuse este caliz de minha morte, aqui estou, faça-se a vossa vontade, & naõ a minha.

Considerarey, que se o Filho de Deos, o Morgado do Ceo, o Senhor do Mundo, & o Principe da Gloria, só havia de fazer a vontade a Deos, quando padecesse no mundo, & nelle foy angustiado, crucificado, & afrontado, que fará hum bichinho da terra, que hontem foy nada, hoje he taõ pouco, à manhãa menos, & só póde ser alguma cousa, quando pondo-se nas mãos de Deos, se resigne na sua vontade?

O fruto desta hora será a resignaçaõ, que aprenderemos do amor de Deos, sabendo que nesta virtude se adquire a perfeiçaõ de todas; pois se nella naõ declinarmos, ainda nesta vida cõ ella gozaremos aquella paz do espirito, & aquella Bemaventurança da alma, com que em tudo se acha repouso, em tudo gloria, em tudo merito.

N O A.

Apparuit autem illi Angelus de Cælo confortans eum.

CUidarey, como estando o Senhor suando gotas de sãgue, naquella penosa afflicçaõ lhe appareceo hum Anjo, que o confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Ceo, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos homens; & em fim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarey quanto devo suar no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos verse o suor do coraçaõ, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulaçoes do mundo, de todos seus póros fez olhos para fazer de todo seu sangue lagrimas, tendo por certo que naõ ha de faltar o Senhor com a consolaçaõ aos affligidos, ainda q̃ goste às vezes de os dilatar na tribulaçaõ, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quãdo isto naõ fora assim, ainda assim naõ foraõ dignas todas as payxoens do seculo de alcançar a gloria, que se nos promette no Ceo.

Será o fruto desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida naõ temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos dará gosto o fim da vida.

Amice,

VESPERAS.

Amice, ad quid venisti?

CUidarey em como o Senhor, ſabendo que Judas o vinha entregar, o foy eſperar, & lhe chamou amigo, perguntandolhe a que vinha, para que confeſſando-o elle, & arrependido, ficaſſe logo perdoado.

Neſta conſideraçaõ ſe nos raſgaráõ logo as entranhas com amor, & admiraçaõ de ver qual he a bondade daquelle Diviniſſimo Pay; & ſe verá com quanto amor abraçará aos que o buſcarem, ſe buſca aos que o entregaõ, & chama amigo aos que o vendem, que chamará aos que o adoraõ; pois parece que as entranhas de Judas ſe derramàraõ pela terra, em caſtigo de ſe naõ verterem pelos olhos em lagrimas, à viſta de hum amor, que lhe moſtráraõ humas entranhas de miſericordia. Conſiderarey tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo; a que vim à Religiaõ, aos officios, às dignidades, às fortunas, aos infortunios, à graça, & à natureza.

Será o fruto deſta hora, ter hum grandiſſimo amor a Deos, cuja bõdade incomparavel mais aborrecivel fez a nova culpa, pois atè no tempo das offenſas nos poem diante o ſeu amor, para envergonhar noſſa ingratidaõ, & confundir noſſa maldade. Por iſto em tudo o que fizer, cuidando que vim ſó a amallo, & ſervillo, & a obedecello, andarey ſempre dizendo: Meu Pay, meu Deos, & meu amigo, vòs meu amigo, & eu fugindo de vòs? vòs meu amigo, & eu vendendovos? vòs meu amigo, & eu afrontandovos? Eu ao mundo vim a ſervirvos; à Religiaõ a obedecervos; & em fim a adorarvos: iſto ſó quero, & ſó procuro; nem vòs queirais, meu Senhor, que outra couſa queira nunca, mais que fazer voſſa vontade.

COMPLETAS.

Hæc eſt hora veſtra, & poteſtas tenebrarum.

CUidarey como os Soldados que acompanhavaõ a Judas, prendèraõ ao Senhor, & elle ſe deixou maniatar, & arraſtar atè caſa de Annàs, com aquella manſidaõ, & humildade de que tanto ſe prezou ſempre.

Conſiderarey quantas vezes o Senhor ainda hoje ſe deixa atar as mãos à ſua Juſtiça, & à ſua Omnipotencia; deixando-ſe levar na noite de noſſa cegueira do poder das trevas da culpa, que ſe oppoem à luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na razaõ (que iſto foy o fazer cahir

por terra a cohorte) nos levantemos contra elle, naõ só tomando o Ceo com as mãos, mas pondo-as sacrilegamẽte no Cordeiro do Senhor; de que se segue endurecersenos o coraçaõ, como a Faraò no Egypto; & naõ reparar, nem ver com esta cegueira, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa universal em todas nossas acçoens, donde o levamos arrastado, maniatado, & afrontado, atè que chegando ao Tribunal da Divina Justiça, nos desterra da luz eterna, pondonos para os sempres dos sempres nas escuras trevas dos infernos.

Será o fruto desta hora, ter hum grandissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, para que vendo que eramos trevas em quanto estavamos na culpa pelo poder do demonio, naõ nos atrevamos contra Deos, a quem naõ devemos atar as mãos, pois ellas nos fizeraõ, & dellas esperamos, que se abraõ cada dia para deitarnos sua bençaõ, & enchernos de misericordias, para nos ter da sua maõ, & para q̃ pondonos nas suas mãos, nellas se entregue o nosso espirito.

TERÇA FEYRA.

Coluna.

MATINAS.

A planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas.

ECHADAS as portas dos sentidos, meter-mehey todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos segredos do meu coraçaõ, verey que elle he a Coluna, em que o Senhor está atado com asperas, & duras cordas; & chegandome maviosamente a elle, olharey com olhos da alma o estado em que o puzeraõ minhas maldades; & vendo-o coberto de sangue, & feito huma chaga viva, morto de frio, & cheyo de afrontas, para ver este espectaculo admiravel, & lastimoso, me assentarey muy perto delle, & lhe direy estas palavras, ou as que me ensinar o espirito.

Meu

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a pôr neste estado? que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vòs assim? A vòs immensa fermosura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vòs chegasse a pôr as mãos? Se dessas mãos, meu Senhor, & Creador, que fizeraõ o Ceo, & a Terra, qualquer que fosse, foy feitura; pondome, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me naõ quero ir em quanto me quizeres com-vosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindolhe estas palavras, me deixar o amor, ou as lagrimas escutarlhe o mais que me diz; parecermeha que elle muy amorosamente me conta a grande afronta, que lhe fizeraõ os meus peccados, antes de o atar à Coluna, em serem as pessoas, que o despiraõ, & o deixàraõ nù, fazendolhe mil desacatos, & zombarias.

Será o fruto desta hora, que o commetter eu neste mundo tantas lascivias, descomposturas, & todas as maldades, que contra a honestidade se cõmettem, nenhuma outra cousa lhe mais que deixar nù ao meu Senhor para escarnecello, & açoutallo, & que isto farey sempre que aquillo faça.

LAUDES.

Cuidarey, que tornando a ver o meu Senhor, & achãdo-o no mesmo estado, elle mesmo me vay contando como meus peccados, & maldades do meu coraçaõ de pedra endurecido na culpa, fizeraõ a Coluna, onde o atáraõ.

Parecermeha que elle me diz com grande mágoa, que havendo feito o meu coraçaõ para Colona de sua Igreja, desejando darlhe valor para vencer seus inimigos, fortaleza para resistir às tentações, & guardar os seus Mandamentos, & para que sobre esta Colona se sustentasse o Templo da Oraçaõ, que he a casa onde elle mora, & os muros de Jerusalem que elle edifica nas almas; eu o fiz coluna tam abominavel da casa dos vicios, em que os mesmos sentidos moraõ, que como sinaes de naõ poder haver mais vicios, a culpa o fez non plus ultra, dizendo que naõ ha passar daqui.

Será o fruto desta hora, naõ querer ser como Faraò, que resistindo sempre a Deos, se lhe endurecia o coraçaõ; de que se seguio, que no mesmo Mar Vermelho, onde os bons, como Moysés, acháraõ estrada para a terra de Promissaõ, achou Faraò sepulchro para a morte da eternidade.

PRIMA.

CUidarey anciosamentẽ; tornando à companhia de meu Senhor, que elle me conta, como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deu tantos nòs cegos, fez cordas a minha liberdade para atar afrontosamẽte ao Senhor à Coluna do meu coraçaõ, quando elle com braços abertos queria fazerlhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecermeha, que o meu Senhor me diz a grande dor que teve, de que sendo hum dos mayores gostos seos, unirse ao meu coraçaõ, naõ houve cousa, que mais o atormentasse, que verse entaõ com elle unido, pois esta uniaõ era só para o ferir quem elle amava.

Será o fruto desta hora conhecer, que todos os embaraços, com que nos empece o mundo, com que nos prende a carne, saõ laços, com que nos arma, para que delles façamos cordas, com que atemos a Deos afrontosamente, que elle com as mãos atadas por nossa culpa, nos naõ possa livrar dos laços, em que a cada ponto nos vemos,

TERÇA.

AQui tornando a alma para junto de seu Senhor, cuidarey que elle assim atado prosegue a historia começada com muita mágoa, & mansidaõ; & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz, que isto lhe fizeraõ meus peccados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coraçaõ, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecermeha, que se naõ queixa tanto o meu Senhor do tormento dos golpes, como da dor da injuria que lhe fiz em hũ tormento tam vil, que só se dá ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, & quem sendo todo o seu amor, se prezou de ser a sua afronta, fazendo de vicios taõ torpes aquelles crueis azorragues, que sem piedade o maltratàraõ; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha alma foy hospede do meu coraçaõ, por querer deitar fóra della os meus mayores inimigos, a quem eu o entreguey como ingrato, & depois cego me entreguey.

Será o fruto desta hora, estimar muito a honra de Deos, & naõ querer enxovalhalla em o menor dezar da culpa, pois cada peccado meu naõ he contra o meu Senhor hum açoute, que lhe dou, mas huma afronta, que lhe faço.

SEXTA.

TOrnando aos pès do meu Senhor, cuidarey que com muitas lagrimas, & com muy grande sentimento me diz, como depois de o açoutarem por detraz, para lhe fazerem o mesmo por diante, o desatàraõ, & viràraõ, & em seu rosto, & por toda a parte o fizeraõ hũa chaga viva.

Parecermeha, que o Senhor me conta, que neste passo disse-ra a minha alma, & sentidos, que se atè entaõ o tinhaõ offendido, que naõ era muito, pois elle lhe havia dado as costas. Aqui se póde cuidar o tempo que elle nos tinha dado as costas, foy todo aquelle que vivemos sem memoria de sua Payxaõ, & sem desejo efficaz de servillo, entregues ao mundo, & ao demonio, que era o mesmo que naõ darlhe auxilios efficazes. Mas que agora que se virava para elles, & que pondolhe os olhos, já se lhe naõ dava das culpas, pois as deitava para traz das costas, como encobrindo-as, que por seu amor o naõ aggravassem mais, & naõ quizessem ao seu rosto fazer huma tamanha maldade, como eraõ os açoutes, & afronta, que elle taõ mal lhe merecia; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoassem tambem isto. Mas naõ bastando esta brandura, esta piedade, & este amor, lhe fizeraõ mayor aggravo, & lhe déraõ mayor tormento.

Será o fruto desta hora, abominar a ingratidaõ com que offendemos a Deos, depois que se vira para nòs com olhos de misericordia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, & injuría qualquer peccado nosso, por mais occulto que se faça, naõ tendo menos testemunhas, que todos os Santos do Ceo, que nem sempre haõ de interceder, & que todos os demonios do inferno, que sempre nos haõ de accusar.

Atreverse hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de seu Senhor, & vista da Virgem Santissima, & de seus mayores inimigos, o que naõ fizera diante do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais desaforada, que commettem os peccadores, sendo certo, que ou sejamos bons, ou maos, todos andamos na presença de Deos, & diante delle se faz tudo, & de o naõ trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos que nos está vendo, procede todo o mal.

NOA.

POndome a par do meu Senhor, logo que tornar à Oraçaõ, cuidarey, que elle me

havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de açoutallo, começàraõ a escarnecello, de que se lhe seguio o tormento de naõ ousar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarlhe palavra com a mágoa que o atravessava.

Parecermeha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombava de offendello, rindome de havello afrentado, & de o deixar escarnecido; pois a troco de que eu o naõ offendesse mais, receava porme os olhos, que atravessáraõ huma pedra, quanto mais hum coraçaõ humano: & por se naõ arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isso me désse mayor inferno, naõ abria aquella boca santissima, de quem o Ceo, & os Anjos pendem, & cuja voz com huma palavra fez todo o mundo, & creaturas.

Será o fruto desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar quando o offendemos, do muito a que nos arriscamos; por naõ cuidar quando o devemos temer, (que isto vem a ser o zombar) naõ só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em huma escassa vista de olhos, ou em huma vez ao coraçaõ, nos naõ avise, ou visite com sua misericordia, para que nos metamos por dentro, & o abracemos na nossa Alma, seguindo-se desta ousadía termos o Ceo tamanho odio, & o mesmo Senhor taõ má vontade, que parece (segundo nos deixa) que já nos tirou a falla, & já nos naõ póde ver dos olhos.

V E S P E R A S.

TOrnando à Oraçaõ, & chegandome ao meu Senhor, o verey estar chorando lagrimas de sangue. E perguntandolhe porque causa, me dirá com muy grande dor, que estando todos com elle todo o tempo que o açoutáraõ, naõ houve nenhum, que se fosse sem offendello; porèm acabadas as offensas, naõ houve nenhum que quizesse ficar com elle, por naõ lhe ouvir as suas queixas, nem lastimarse, nem consolallo, todos o desempararàraõ, & deixàraõ só.

Aqui me parecerá que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dá de mim; todos me deixaõ, todos me fogem, & eu de todos desemparado; naõ choro a minha solidaõ, choro a perdiçaõ de todos; vejo que vaõ abraçar o demonio, & q̃ se vaõ meter no inferno, & naõ podendo ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixaõ levar de huma vida, que vay a dar na eterna

morte

mortẽ por caminhos ſempre difficeis, & por caminhos ſempre aſperos. Naõ ſejas tu aſſim, meu filho, pois te moſtro a via direita, chegate muito para mim, poemte muito apar deſtas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coraçaõ, ſaibas que es o meu theſouro, pois eu o ponho agora em ti: chegate, & chegate mais, pois eu te chamo, naõ te recees, pois eu te quero, naõ me fujas, pois eu te buſco.

Será o fruto deſta hora, conſiderar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos naõ ſiga, o deixamos para que nos naõ veja, buſcando ſó aquelles goſtos, que delle nos apartaõ mais, por naõ ter couſa que nos naõ doa, ou à viſta nos poſſa dar pena; de que ſe ſegue, que ou metendonos de todo no mundo, que he o inferno, totalmente nos apartamos de Deos, ſem mais nos querermos lembrar de ſeu amor, & Paixaõ. E aqui ſe póde conſiderar o mal que faz deixar a Oraçaõ, depois de conhecer a utilidade que ella tem.

COMPLETAS.

TOrnando para o meu Senhor, cuidarey que o acho tremendo, agonizado, & deſmayado; & vendo que entra em ſi, logo que eu me chego a elle, lhe direy, tomando-o nos braços: Meu Senhor da minha alma, amor do meu coraçaõ, ancia dos meus ſuſpiros, meu adorado, & meu bem todo, quem vos poz em tamanha pena, quem vos cauſou tamanha dor, que já me naõ fallais, meu Rey, que já me naõ olhais, meu Deos? Que he iſto, amor dos meus ſentidos, vòs ſem alento, & eu com animo? vòs taõ defunto, & eu com vida? vòs deſmayado, & eu com alma? E dizendolhe tudo o mais que o coraçaõ quizer, farey por me unir muito com elle, por deſatarlhe as cordas dos braços, & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecerlhe melhor, com o ſeu ſangue as minhas culpas.

Aqui me parecerá, que deitandome aos ſeus braços me agradece que aſſim o ſolte, ainda que queixando-ſe de que achando-ſe tantas vezes atado, naõ me pediſſe o coraçaõ tirarlhe aquellas prizoens; & que vendo-o morrer de frio, (que iſto ſaõ as friezas do amor de Deos) me naõ déſſe na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o ſeu Divino Eſpirito me eſtava dando calor para me chegar a elle, mãos para o delatar, & azas para o acolher.

Será o fruto deſta hora, entender que todas minhas friezas de eſpirito ſaõ o frio, que o Se-

nhor padece, os descuidos do meu amor, as prizoens que atаõ ao meu Deos, & que logo que as friezas se acabem, & os descuidos se percaõ, se me acenderá o coraçaõ de maneira, que pondo em Deos todo o cuidado, trazendo-a sempre no sentido, que naõ será difficultoso sentir na Alma aquelles fogos do Espirito Santo, por cujos incendios suspire.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, naõ deixallo só nem hum instante, ou escutando-o, ou respondendolhe, & sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amando-o, & abraçando-o; & se naõ puder dar a Deos mais que hũa hora, cuidarey o seguinte.

Considerarey, que sendo o coraçaõ fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a natureza traiçaõ à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atàraõ ao meu coraçaõ, cuja dureza impedernida o tinha convertido em coluna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde sendo meus peccados azorragues, & minha liberdade verdugo, foy açoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bemaventurança; mas hindome mal com meus vicios, & vendo como me perdia nas mãos do mundo, & do demonio, tomando ao meu Senhor, & tirando-o daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando em fim muitas lagrimas, lhe torney a dar o dominio de suas fortalezas, deixando fóra seus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas, por onde possa entrar dentro, pondo em defensa tudo o mais, por onde possaõ darme assalto, lhe pedirey posto a seus pès, que para poder resistir, & defenderme em seu nome, me naõ falte com seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley se ponhaõ nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda, nos muros do entendimento a cintinella da Oraçaõ, na homenagem da Alma as bandeiras de sua Fé, nos armazens da memoria as muniçoens de seus beneficios, na artelharia da vontade, a polvora de seu amor, para que com o fogo do Espirito Santo, que elle póde mandar, abrazados os inimigos, & eu aceso em divinas chammas, naõ só mortifique a carne, mas fazendo fugir o demonio, ponha por terra todo o mundo com as cargas da penitencia, que para o inferno ruina

na, para mim defensa, para o Ceo salvas se repete muitas vezes, naõ só nas trincheiras da Perseverança, mas sobre o fosso da Humildade.

QUARTA FEYRA.

Ecce Homo.

MATINAS.

Ecolhido o meu coraçaõ, me parecerá, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Jerusalem, coroada a cabeça de espinhos, com huma purpura ridicula, & com hum sceptro vaõ de cana, atadas as mãos, o corpo cheyo de feridas, o rosto afrontado, injuriado, cuspido, & desfigurado; assim o Eterno Pay mostrando dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontifices de minhas potencias, & sentidos, diz a todos, que alli tem diante dos olhos, a quem feriraõ, & maltratàraõ meus pensamentos com espinhos, minhas lascivias com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ousadia com salivas, minhas solturas com baraços, & minhas ostentaçoens com purpuras.

Parecer-me-ha depois disto, q̃ pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe esculará a morte, esculando elles a culpa. E todos responderaõ: Crucifica-o, crucifica-o. Com o que entristecido o Senhor, assombrado o Ceo, pasmados os Anjos, & confusamente admirados os Elementos, & Creaturas, ficaráõ suspensas naquella maldade minha.

Será o fruto desta hora, crucificarmos ao mundo nossos sentidos, & potencias, pois se atreveràõ impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificaçaõ naõ andamos seguros na terra, & q̃ he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos façaõ dor, andarem as nossas mãos atadas como quem vay ao sacrificio, & vestirmonos de paciencia contra as zombarias do mundo, fazendonos com a paciencia hũa imitaçaõ do Corpo de Christo, que todo estará em chaga.

LAU-

LAUDES.

TOrnando a ver ao meu Senhor, me parecerá que me diz o Eterno Pay: Eis-aqui tens a quem condemnas, porque se faz Filho de Deos, esse he o Homem que persegues; & me repete: Esse he o Homem que persegues, porque taõ outro o deixàraõ os açoutes, & feridas, que ao mesmo parece que era necessario dizer que era seu Filho, para que eu, & as minhas culpas conhecessem que era quem eu, & ellas accusavaõ.

Aqui considerarey, que se o Filho de Deos por amor de mim chegou a parecer taõ outro, que parecia peccador, pois em hum castigo taõ cruel mostrava que me he necessario tomar a sua innocencia, & parecer Filho de Deos, para que com esta troca, sendo muy outro do que foy, nada me fique do que sou.

Será o fruto desta hora, huma grande mudança de vida, para que com Saõ Paulo possa dizer, que já naõ sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, & o morrer he toda minha gloria.

PRIMA.

MEtendome no meu coraçaõ, me parecerá que acho nelle o meu Jesus, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus maos pensamentos; se depois de meter debaixo dos pès a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zombar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleytes, ainda me queres pôr na Cruz, & me naõ perdoas a morte, eisme aqui, faze o que quizeres; eisme aqui tens, naõ me perdoes; eisme aqui tens, afrontame, & crucificame; porque aparelhado estou para entregarme em tuas mãos, & fazer a tua vontade.

Aqui considerarey, que todas as vezes que estou para cómetter alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que já de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais q̃ porse diante de mim, & dizerme: Filho, eis-me aqui, se sobre o que te hey sofrido me queres crucificar agora, eis-aqui me tens, poem-me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Será o fruto desta hora, ficar com hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tençaõ saõ utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidaõ, & brandura, com que parece que aos mesmos aggravos se

se entrega, & naõ se escandaliza.

TERÇA.

TOrnando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triste, lhe perguntarey com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus sentidos, & sempre gloria de minha Alma, quem vos causou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura, que já naõ acho em vossos olhos a graça, com que me viaõ?

Parecermeha que o Senhor me responde: Filho, menos me aggravaõ hoje os maos, que os que deviaõ ser bons; pois acho mayor piedade nos meus deixados, que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoso naõ cessa por me tirar a vida. Vè tu, se as entranhas de hum Deos, que saõ todo misericordia, deixaráõ de se despedaçar, metendo no coraçaõ estas viboras.

Será o fruto desta hora, considerar que as offensas, que Deos sente, saõ mais as dos seus escolhidos, pois naõ he muito que naõ corra ao mar quem nasceo lagoa, mas que contra a ordem natural naõ corraõ a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho, & inclinaçaõ, & a natureza; este he o mayor espanto.

SEXTA.

Regnum meum non est de hoc mundo.

ENtrarey no meu coraçaõ, & vendo o meu Senhor coroado de espinhos, com hum sceptro de cana, & com hũa purpura de escarneo, lhe direy: Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, que insignias saõ estas taõ estranhas de vosso Imperio, & Magestade? Naõ sois vòs o Senhor do mundo? Naõ sois vòs o Principe da Gloria? Pois como he isto, meu Senhor, que naõ entendo esta figura, em que vos vejo taõ mudado?

Parecermeha, que me responde: Filho, o meu Reyno naõ he como os do mundo; nem quem quizer reynar comigo, ha de querer os Reynos da terra; quem nella me imitar para reynar no Ceo, ha de ter coroa de martyrio, o seu sceptro ha de ser zombaria do mundo, a sua purpura desprezo; taõ pouca cousa saõ esses thronos, de que o mundo faz pretençaõ, que quem os naõ tem por mais ocos que a cana, por mais desprezíveis que a purpura, por mais asperos que os espinhos, de Rey se fará escravo, & naõ menos que do demonio, & será atormentado no inferno para toda a eternidade.

Será o fruto desta hora, hum efficaz

efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & desengano, com que zombemos da mentira, com que nos douraõ suas quimeras, & naõ entremos na farça, com que passaõ suas figuras.

N O A.

TOrnando à vista do meu Deos, me parecerá que o acho muy dolorido; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz, que naõ sente tanto a dor que lhe fizeraõ os espinhos, a zombaria que se lhe fez na cana, & a vergonha que lhe causou a purpura, como a que elles significaõ.

Para o saber, considerarey, que os espinhos eraõ de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a Cana, a planta que deita mais raizes na terra amaldiçoada pela culpa; a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que naõ tem memoria: & apartarse tanto do lugar da Graça, quem offendeo o seu Senhor, deitar tantas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, & naõ ter memoria da morte, quẽ dos seus despojos faz gala; isto he o que Deos mais sente, pois por naõ haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida figurada no sangue da purpura; por se meter pela terra dentro, se perde a vaidade dos homens, representada no sceptro de cana; & por se pôr muy longe da Graça, se culpa a maldade do mundo.

Será o fruto desta hora, ver que hum agudo pensamento da culpa nos tira de hum mar de Graça, hũ leve descuido da Paixaõ de Christo nos arrisca a vida do espirito, huma vãa presumpçaõ do mundo nos faz perder o Ceo, metendonos por dentro do inferno, aonde se prendem as raizes da vangloria, luxuria, & de toda a vaidade humana.

V E S P E R A S.

MAndando a todos meus sentidos, que dentro na minha alma vaõ fallar com o meu Senhor, me parecerá que o acho chorando naquella figura lastimosa, com que a qualquer memoria minha diz: Eisme aqui; & perguntandolhe com muito amor, porque chora com tanta mágoa, imaginarey q̃ me diz: Filho, tu és a causa de meu pranto, porq̃ tu es como Pilatos, que depois de naõ achar razaõ para offenderme, depois de querer que outros muitos me naõ aggravem, fazendo muito por servirme; depois de perguntarlhe muitas vezes que mal lhe fiz, & em que pequey, perdes quãto me obrigaste por respeito dos homens, bastando hum medo

do vil de perder os bens da terra, & de faltar às razoens de estado do mundo, temendo mais aos homens, que a Deos, para perderes o animo, com que poderàs agradarme de todo, & subir ao estado da perfeiçaõ; sendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para quem só faltava hum passo, te precipitas ao inferno, onde naõ ha remedio; & em fim vens a perder tudo por huns nadas, que faltaõ, & que deixas de vencer por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que naõ tinha causa alguma.

Será o fruto desta hora, conhecer quantas vezes pelas amizades dos homens, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quantas vezes por naõ perder as dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar à perfeiçaõ, por naõ chegar a dar mais hum passo no caminho espiritual. Servirnosha esta consideraçaõ, que he utilissima, de espertar a razaõ, & a resoluçaõ para exercitar o valor do espirito, com que sem medo de nossos inimigos devemos servir fielmente ao Senhor.

COMPLETAS.

Restituindome ao meu Deos para acabar com elle o dia, me parecerá que o vejo com a mayor dor que nunca; & perguntandolhe o que tem, imaginarey que me diz: Filho, sendo tanto o que me viste sentir atè agora, naõ tem comparaçaõ com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Judeos, conhecendo que naõ tinha causa, mao he; mas era barbaro. Entregarme contra sua vontade aos Judeos, naõ he bom; mas era homem. Entregar o seu Deos ao demonio, peyor era, mas era Idolatria. Porèm fazendome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feito, isto he o que mais me aggrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem que me tivesses por justo, naõ era muito, se eras nescio; que contra teu gosto outras vezes seguisses a razaõ do mundo, naõ to estranhey, porque eras homem; que idolatrasses loucamente a minha offensa, & teu engano, eu to sofri, que andavas cego; mas que pondome em huma Cruz, ou consentindo-o, que he o mesmo, que confessando que era culpa o que se fez porque o quizeste, que conhecendo a liberdade que tinhas para naõ peccar, que entregandome

dome meus inimigos (isto he, aos vicios, & peccados) que assim me afrontaõ, & atormentaõ, fazendo isto a mãos lavadas, te imagines muito innocente, & te pareça que es hum Santo, isto me corta o coraçaõ; isto me atravessa as entranhas.

Será o fruto desta hora, ternos sempre por peccadores, & naõ por justificados, pois em huma breve complacencia, com que nos entregamos aos vicios, entregamos à Cruz a Christo, fazendo em nòs o mesmo qualquer payxaõ mortificada mal, ou qualquer graça resistida a terse por santo, & por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; já faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, & desejando summamente naõ impedir o mal, lhe faz perder todo o bem, & commetter este peccado; tirarey daqui, que naõ he menor mal o bem que deixo de fazer, que o mal que faço.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da alma, fallarlhe com o coraçaõ, & responderlhe com as entranhas, & tirarlhe da cabeça os espinhos, cõ lançar fóra os maos pensamentos, tirarlhe a cana da maõ, com pizar a nossa vaidade, despindolhe a purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fizemos gala; & desatandolhe as mãos com desembaraçarnos do mundo, para pôr nas suas mãos a nossa vontade, faremos por gastar todo o tempo em hum ardente fervor do espirito, em huma pasmada admiraçaõ, em huma perpetua acçaõ de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos doermos com elle de suas Chagas, & feridas, & depois de apertarlhas com a alma, sendo os seus braços ataduras, & curarlhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor, lhe pediremos, que por esta coroaçaõ, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na alma esta insignia, como coroa de vitoria, & como final de triunfo contra todas nossas tentaçoens.

Quem naõ tiver mais que hũa hora, cuidará que a nossa alma he Corte, o coraçaõ Paço, a memoria Throno, a vontade Valido, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellandome contra elle, por entregar ao demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coraçaõ, onde o Senhor sempre morava, estimando-o como seu Paço,

conju-

conjurandome com todos os vicios, o prendi, atey, & afrontey, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dey coroa de tormento, sceptro de zombaria, & purpura de escarnio; & mostrando de dentro do meu coraçaõ a todas as culpas, & vicios, que o cercavaõ por toda a parte, lhe direy o estado, em que o puz, & se querem que o crucifique. Mas tornando em si a razaõ, & dizendome o entendimento a grāde traiçaõ, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato correspondia a quem me tratou taõ benigno, & em quanta afronta tinha posto o Senhor dos Ceos, & da Terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que com medo dos castigos que merecia, estalandome o coraçaõ, & fazendoseme em pedaços, cahia sobre todos meus vicios, que enterrados nesta ruina, & afogados em hum mar de lagrimas, acabem subitamente, ficando eu aos pès do meu Senhor, pedindolhe muitos perdoens; & restituindome elle aos sobreditos ministerios, tornarey mais efficazmente a servillo, como a meu Pay, como a meu Deos, & meu Senhor.

QUINTA FEYRA.

Com a Cruz às costas.

MATINAS.

Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariæ, locum.

PARECERMEHA, que acordando a minha alma do sono do descuido aos gritos do coraçaõ, que sendo para o Senhor rua de Amargura, o vè passar com a Cruz às costas, vay tambem ver este espectaculo, & a poucos passos com que o busca, o acha em si, mudada a cor, perdida a fórma, cheyo de sangue, & feridas, com cordas nas mãos, & garganta, & na mais lastimosa figura que he possivel imaginarse; & virando-se para mim, cuidarey que me diz estas palavras, & seraõ a meditaçaõ desta hora.

Filho, todos no mundo, ou me

me seguem, ou me perseguem; seguem-me os que imitandome, naõ só tomaõ, mas abraçaõ a sua Cruz, conhecendo que sem ella se naõ póde chegar ao Monte da Oraçaõ, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & naõ se atrevendo a sofrella, passaõ leve, & gostosamente por esta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo ser na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ser Bemaventurados. Se pois eu, que sou Filho de Deos, naõ hey de entrar no Ceo sem Cruz; como tu, sendo peccador, cuidas que entrarás sem ella no Ceo? Se te prezas de meu discipulo, se queres seguirme, & salvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atraz de mim, & naõ busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envergonhate, peccador, de que havendo tantos que me sigaõ com Cruzes taõ pezadas, receas tu huma taõ leve, que só péza o que te peza de verte o mundo atraz de mim. Tiveste valor lá no seculo para arrastar briosamente o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coraçaõ para levar sobre teus hombros huma taõ leve Cruz de cana? Envergonhate, servo inutil, de que servisses ao demonio com mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, que sofraõ mais por Satanàs, do que tu pelo teu Senhor. Segueme, meu filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que pódes ter nesta jornada, & naõ cuides de mim taõ pouco, que sobre tuas forças te darey Cruz com que me sigas.

Será o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que naõ só se deraõ para meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a naõ tenha nos preceitos q̃ guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra cousa, com que o Senhor ma dá claramente, poderey crer que a tenho, como Saõ Paulo, em toda a grande tentaçaõ que tenha; & quando estas me faltem pela misericordia de Deos, a poderey fazer na navegaçaõ das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao espirito.

LAUDES.

DEsejando seguir ao meu Senhor, ainda que me seja pezado entrar em Oraçaõ, disto farey Cruz para o acompanhar; & entrando dentro de minha alma, o verey acompanhado de dous Ladroens, que tambem levaõ suas Cruzes. Aqui me parece á

recerá que pondome o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os maos tambem tem Cruz, & muitos delles mostraõ ao mundo, que me seguem, mas com muito grande differença, que estes vem comigo para me afrontar, & para se perder, se alguma rara contriçaõ naõ faz que se lembre delles a minha misericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu reparto com meus amigos. Vè tu agora se te convem ser destes, se daquelles; & se havendo de ter Cruz no mundo, te convem tella para fazer della escada para o Ceo, ou para descer por ella para o inferno. Olha tambem naõ te enganes com a tua Cruz, porque em te sendo pezada, he sinal que naõ he boa.

Será o fruto desta hora, conhecer, que naõ basta ter Cruz, se a Cruz naõ he boa: pois tambem as Cruzes dos Ladroens eraõ Cruzes, mas naõ eraõ como as de Christo; & para o saber, examinarey se ma deu o mundo, ou a culpa, ou se a tomo eu. A primeira he Cruz do demonio, a segunda de Christo; porque nisto se declaraõ as palavras, com que o Senhor quer que a levem: *Tollat*, *&c.* tomando cada hum Cruz, que seja sua, & naõ dada por outro; porque tambem esta leva-se por força, aquella por vontade.

PRIMA.

TOmando pois a minha Cruz, & seguindo a meu Senhor de todo o meu coraçaõ, o verey cahir muitas vezes lastimando-se magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantando-se logo, sem parar me diz estas palavras: Filho, se depois de teres Cruz, & de me seguires, cahires, trata de levantarte depressa, & de ir adiante, porque se assim o naõ fizeres, tornando para traz, he certo que deixas o caminho do Ceo, & se te detiveres muito, chegarás tarde, & naõ poderás subir ao Monte, onde eu te espero nos meus braços. De nenhũa maneira desconfies, quando cahires; entende que te atrazaste muito, & que já naõ poderás alcançarme; porque se a tua queda for mais fraqueza, que vontade, & mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sey, que se tu me amas, nestas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & com que apresses mais o passo. E se vès que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que naõ cahirá em ti a Graça combatida da natureza? Os justos cahem muitas vezes, quanto mais os que saõ peccadores? & ha nisto só a dif-

ferença, que os bons cahem de inadvertencia, & os perversos por sua malicia. Se desces, que muito he que te humilhes? & se sobes, que muito he que cances? com tudo o que mais te importa, he levantarte, & hir adiante, que aqui estou para darte a maõ, & para levarte nos meus hombros, quando naõ poderem os teus.

Será o fruto desta hora, conhecer, ainda que me veja cahir, que o que convem, he naõ parar; & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me espera com sua misericordia, pedirlhe humilde, & amorosamente, que me perdoe minhas culpas, pois sabe a minha fragilidade, & conhece qual sempre fuy, pois o que tenho bom, he seu, & só meu, o que em minha maõ; porque de outro modo, affastandome da Oraçaõ, & da conversaçaõ do Senhor, he sem duvida que me entrego a meus inimigos, & me ponho delle taõ longe, quanto elle vay para diante, & quanto eu torno para traz.

TERÇA.

Filiæ Jerusalem, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros.

TOrnando aos passos amargosos, com que sigo a meu Senhor, me parecerá, que virando-se o Senhor para todos os devotos de sua Igreja, (que disso he figura Jerusalem) os começa a ensinar, & advertir, que naõ chorem só porque querem, senaõ por obrigaçaõ que era devida.

Considerarey, que bastaõ às vezes duas lagrimas, & qualquer devoçaõ, com que sigamos ao Senhor, para que vire para nòs os olhos de misericordia, & nos ensine com as palavras, assim como com as obras, & nos advirta o melhor modo, com que o podemos servir. Aqui veremos tambem como naõ falla com outros mais que com as filhas de Jerusalem, sendo que (como diz Caietano) muitas outras o acompanhavaõ, & lamentavaõ tambem. E a razaõ he: porque a turba, que pedio que o crucificassem, era indigna de fallarlhe Deos, & às molheres de Galilea naõ tocavaõ os ameaços, que Christo fez às do seu Povo, que havia de ser destruido pelas culpas, que commettia. Isto finalmente vem a ser, que chorassem por seus peccados; porque parece que naõ quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meyos de achar sua misericordia, como agradecido àquellas lagrimas, que para o seu amor saõ perolas, se do fundo do amargoso mar da penitencia se tiraõ das conchas do coraçaõ.

Será o fruto desta hora, chorar interior, & exteriormente por nossas culpas, & peccados, naõ lagrimas, que por compaixaõ tenhaõ nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que nasçaõ do coraçaõ as raizes amargosas da contriçaõ, & da penitencia, onde ellas tem a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro; por ellas se naõ soverteo Ninive; por ellas foy Santa a Magdalena; & as mais converfoens das almas começáraõ nesta agua mysteriosa, onde se tempèraõ as armas da Justiça divina, & se forjaõ os rayos de seu divino Am r.

SEXTA.

ENtrando na Oraçaõ, me parecerá que vejo o Senhor na mesma figura hirnos continuando os avisos, quando nos faz ameaços, dizendo, que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justiças no Innocente, que se fará no peccador, quando no dia do Juizo apparecer no Tribunal da divina Justiça.

Aqui considerarey, que devo naõ ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor que assim o veria no dia do Juizo, naõ se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que entaõ se lhe representavaõ feitas a Deos, rasgou os vestidos, & naõ o coraçaõ, mostrando que lhe naõ passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espedaçaráõ as entranhas, vendo a grande conta, que daraõ neste terrivel dia aquelles, que taõ pouca fazem no mundo da muita que haõ de dar em o Juizo, lançando os mais delles tantos temerarios sobre o viver dos outros homens, & tal vez mais justificados. E aqui farey porque se me represente qual será o fogo do inferno nos madeiros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verey tambem como este dia será taõ horrendo, & terrivel o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condenados a sua vista, que os tormentos, pediráõ aos montes que os cubraõ, & aos outeiros que os escondaõ, sem que lhes valha entaõ o medo, pois lhes naõ val agora o Juizo.

Será o fruto desta hora, a consideraçaõ do dia do Juizo, & daquelle aspecto tremendo, com que sobre o Throno das nuvens ha de apparecer o Senhor, por cuja causa todos os culpados do mundo faremos por esconder os olhos, & naõ lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem meternos nas vidas dos outros, julgandonos sempre a nòs mesmos nos exames da consciencia, que devem ser a cada hora, & quando menos cada dia; & cada

hora póde chegar a derradeira; onde o nosso dia do Juizo he o nosso ultimo dia, que naõ só poderá ser o de à manhãa, porèm tambem o dia de hoje, daqui a pouco, logo, ou já, & naõ convem que vivamos em estado, em que nos peze de morrer.

NOA.

TOrnando a ver o meu Senhor na amargura do meu coraçaõ, & nos passos da minha alma, se me representará aquella mulher devota, que com huma toalha branca alimpou seu santissimo rosto; cuja figura lastimosa lhe ficou impressa na toalha.

Considerarey, que assim deve fazer a minha memoria, chegandome muito ao Senhor, & alimpandolhe seu santissimo rosto com huma purissima intençaõ, onde me fique o seu retrato; envergonhandome muito de q̃ na lamina de huma alma se naõ pinte taõ vivamente, & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coraçaõ; & entendendo que à falta de pureza, que na brancura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus sentidos, farey muito por lavar com lagrimas as manchas, que os affearem, esmerando-se a consciencia em toda a limpeza de espirito.

Será o fruto desta hora, o conhecer quam util me he a memoria da Paixaõ de Christo, pois he certo, que esta se naõ imprime senaõ em almas muito puras, onde já fica o seu retrato, quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos; & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

VESPERAS.

LEvandome a memoria do meu Senhor a ver os passos, que dá na minha alma, & vendo-o ir taõ magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de tristeza, o cabello cheyo de sangue, a boca toda denegrida, a feiçaõ toda demudada, a respiraçaõ affogando-se, os pès cortando-se, & trocando-se, me chegarey a elle cõ grande amor, & mágoa do meu coraçaõ, & lhe direy: Meu Creador, meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, ponde aos meus hombros essa Cruz, descançay aqui nos meus braços, que tempo tendes para os passos, a que meus erros vos obrigaõ; sinta eu tambem o tormento, pois que foy minha a culpa. Reparti comigo essas dores, pois taõ benigno, & amoroso me dais vossos merecimentos; naõ venha eu aqui só a vervos, venha tambem para aliviarvos; naõ seja isto só a olhar, seja tambem a sentir; &

pare-

parecermeha que me responde.

Filho, todos os meus passos saõ para teu remedio, todos os teus devem ser para meu serviço, & ainda que te pareça que mo fazes em me deter, & ajudandome, naõ te convem em que pare em remediarte, nem que tu pares em servirme; importa que te naõ detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de passo has de ir por huma vida que se acaba a cada passo; & assim como os males do mundo se naõ devem temer, porque todos saõ transitorios, assim os bens se naõ devem estimar, pois naõ saõ permanentes. Naõ tens grande amor à Cruz, se no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as suavidades, & os gostos, que assim deseja o teu espirito, saõ fraquezas do coraçaõ, que naõ atura os seus rigores; trata agora de padecer, que he o que mais te importa, & naõ duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hey mister; cuida que me has mister a mim, & que esse amor com que me buscas, esse valor com que te sentes, he só aquillo que me eu meto por dentro do teu coraçaõ; faze por naõ desfalecer, porque ainda naõ chegaste a subir o que te falta para a morte. Vem, que entaõ quero que me ajudes, & ao menos que naõ desmayes, pois naõ sobem a estar comigo, senaõ os que tem muy grande animo; huns coraçoens tamanhos, que naõ cabem em todo o mundo, que passem da Terra, & do Ceo, em quem ao menos caiba tudo quãto eu desejo meter nelles, saõ os que eu sómente estimo, para depositar meus thesouros, & para occupar meu amor; agora segueme, conhecendote por inutil, louvandome por misericordioso, amandome por minha bondade, & pedindome o que te convem.

Será o fruto desta hora, conhecer que toda a vida he hum passo, & se o Senhor sem parar na Encarnaçaõ os deu do Ceo à Terra; no Nascimento, do ventre ao Mundo; na Redempçaõ, do Horto à Cruz; na consummaçaõ, da Cruz à morte, naõ devemos nós de parar detendo vas penas ao Senhor, & detendonos na consolaçaõ; antes preparar as consolações para toda a guerra do espirito, conhecendo em suas batalhas, q̃ todas, se se vencem, nos daõ coroas; que o Senhor se communica às almas muy magnanimas.

COMPLETAS.

PArecermeha, seguindo na Oraçaõ a meu Deos, que o vejo subir ao Monte Calvario, onde no ultimo passo naõ pára para descançar, senaõ para mais padeçer, pois tirandolhe a

Cruz para o crucificar, arrancandolhe com a tunica a carne que se lhe pegàra, naõ só com o sangue das feridas, mas com hum mar de suor de sangue, depois de a darem aos soldados, onde ao peyor cahio em sorte, o mandàraõ deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Consideraarey neste passo o que succede aos perfeitos, a quem o Senhor subio a mayor grao da Oraçaõ, pois naõ havendo mais que subir, naõ pàraõ para descançar, senaõ para mais padecer, nem chegaõ à contemplaçaõ, senaõ para mais sentir; sendo o menos que fazem entaõ, despirse naõ só de tudo o que levaõ do mundo, mas juntamente de si mesmos, sentindo entaõ a mayor Cruz, atè se lhe acabar a vida, como se vio nos Apostolos, & o testemunhaõ outros Santos.

Será o fruto desta hora, naõ desejar chegar ao alto da Oraçaõ, & ao ultimo passo da perfeiçaõ pelo premio que se nos promette, senaõ por imitar melhor a Christo, desejando padecer por elle, & por todos os maos do mundo, a troco de que a sua bondade tenha misericordia delles, & veja em nòs que o seguimos, desejando mais a gloria de seu nome, que a nossa Bemaventurança.

Summa.

MElhor que tudo isto será, em hum vivo movimento de amor de Deos, ir seguindo suas pizadas, & gastar todo o tempo fallandolhe com o coraçaõ, sem parar nas grandes amarguras que tem os passos deste mundo, fazendo com grande fervor do espirito, porque a alma se naõ desmaye atè chegar com o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado, a que se chega nesta vida, pedindolhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Jerusalem assolada, naõ ficando pedra sobre pedra; assim permitta, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, & o povo de minhas culpas, naõ fiquem dellas mais que as memorias para chorar, & as ruinas, naõ para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oraçaõ, onde só morem as virtudes, & hũ grande desejo de emenda.

Quem naõ tiver mais que huma hora, poderá, se quizer, ter a Oraçaõ seguinte.

CUidarey que levantandose a minha alma do leyto da culpa, pelos passos da penitencia vay buscar o seu Esposo pelas

ruas de sua memoria, & por toda a parte dos sentidos, que se tem feyto Babylonia mais que terra de Jerusalem; & ouvindo as lagrimas, & os ays com que se lamenta o meu amor, que vay pelas minhas entranhas, ruas para elle de amargura; com a Cruz de meus peccados, voltando para ver se o sigo, detendo-se para ver se olho, & cahindo para ver se o alcanço, deixando, só por verme, em suas pègadas o sangue, em seus eccos os meus avisos, & atè em hum lenço o seu retrato; o busco no Monte Calvario, aonde o acho pondo-o na Cruz, & aonde ainda as minhas offensas lhe estaõ tirando as vestiduras, ao mesmo passo em que se queixa, que assim lhe queira tirar a tunica quem lhe naõ quer tirar os espinhos. Aqui vendo-o banhado em sangue, cheyo de mágoas, & de afrontas, & de ancias, tormentos, & afflicções, me parecerá, que doendose a alma do muito que o magoou a vontade do que o offendeo, & os sentidos do que o affligio, desfazendo os olhos em lagrimas, os sentidos em suspiros, o arrebataõ aos meus braços, & livrando-o das minhas culpas, que confundidas se apartaõ de mim, fazendolhe leyto do coraçaõ, o deita nelle a minha emenda entre os lançoes da castidade; correndo logo as cortinas ao segredo do meu amor, me ponho a seus pès com mil lagrimas, pedindolhe muitos perdoens, & promettendo eternamente de antes perder a vida, q̃ a Fé, de antes querer a morte, que a culpa, fazendo muito a toda a hora por ver se com o fogo do Espirito Santo se purificaõ minhas maculas, ou se com suas lavaredas se acende, & arde o meu espirito.

SEXTA FEYRA.

Crucificado.

MATINAS.

EM acordando esta hora, entrarey no meu coraçaõ, que me parecerá Monte Calvario, onde a minha alma he Cruz, em que meus peccados crucificaõ a meu Senhor, pondolhe por pregos nas mãos toda a crueldade das más obras, & por cravos nos pès toda a detença nos maos passos; dandolhe por vinho mirrhado a corrupçaõ de minhas palavras, que para o meu Senhor foraõ o peyor fel, & vinagre. Aqui considerarey, que em quanto o crucificáraõ, lhe passáraõ muitas vezes com os pès por cima do rosto, & fazendolhe mil afrontas, a nenhuma mostrou irarse, antes a todas sobmeterse.

Será a minha meditaçaõ, naõ só a paciencia do meu Senhor em tormentos taõ insofriveis, mas aquella humildade admiravel, com que debayxo dos pès dos homens, & dos homens mais vis, & baixos, pois eraõ verdugos, & algozes, se poz o Principe dos Ceos, a Magestade Divina, & o Senhor universal do mundo. Aqui cuidarey, que olhando para mim, & fallandome com o seu silencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito à minha custa te ensino, mas se ainda naõ acabo comtigo quanto quero, que muito he que faça quanto posso? E ainda que taõ cruelmente me ates as mãos para te naõ fazer beneficios, quando ellas estaõ mais prezas com este meu sangue, mais solto a teu remedio, & teu aviso. Olha, & adverte este espectaculo, que para os Anjos he assombro, para os Elementos pasmo, & para teus enganos riso; aprende delle esta humildade, em que ves ao Senhor do mundo, a Divindade de Deos, naõ só aos pès dos peccadores, mas pizada dos mais perversos, feira desprezo das infamias, & zombaria das injurias. E será bem que vendo isto, te prezes de soberanias, altivezas te desvaneçaõ, & honras, & applausos te dem gosto; tu que es sómente hum pó unido, huma vivente

corrup-

corrupçaõ, & hum pouco de lodo animado? Tu cujos antes foraõ nada, cujos agora saõ hum ponto, cujos depois haõ de ser cinza? Tu em fim hum bichinho vil, te queres ensoberbecer, sem ver que todas as creaturas devem armarse contra ti, por quantas vezes te atreveste contra o teu proprio Creador? Ora, filho do meu coraçaõ, tu naõ te queiras castigar, pois te procuro advertir, & menos te quero perder, pois vim ao mundo só a salvarte. Envergonhate de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, os queiras envergonhar, & a Deos, mostrando nessa vaidade, que es melhor que eu nesta virtude; pois parece que me reprehendes de que naõ sey parecer Deos, & que queres emendar isto com ensinarme a Divindade: esta foy a primeira culpa, & a mayor de todas as outras, que em castigo de sua vangloria fez cahir os Anjos no inferno, por querer erguerse a mayores com a minha Cadeira no Ceo. Nesta Cruz faço hoje a Cadeira para te ensinar as virtudes, se pretendes ser meu discipulo. O A, B, C, he a humildade, & por isso he o fundamento de toda a sabedoria: se queres por mestre a Lucifer, a soberba he o non plus ultra, donde naõ poderás passar mais que à tua condenaçaõ, & aos castigos de minha ira.

Será o fruto desta hora, conhecer, que sem humildade ninguem edifica no mundo, nem funda bem para Deos a casa da Oraçaõ, & que deve ser verdadeira, & naõ de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia daõ muitas vezes costas a Deos, & vestidas de hipocrisias, se vè que saõ refinada soberba, pois se servem de modestia em quanto as honra a cortesia, & descobrem o que saõ, logo q̃ a contrariedade as prova.

LAUDES.

Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.

TOrnando a pôr os olhos da alma no meu Senhor posto na Cruz, considerarey a mansidaõ com que entregando-se aos algozes, obedeceo aos Decretos de seu Eterno Pay, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse huma repugnancia, ou se lhe ouvisse hum queixume.

Será a minha Meditaçaõ neste discurso, ver que obedecer, & queixar naõ se compadecem; resignar, & naõ consentir naõ se pódem juntar; & se o Filho de Deos, a mesma innocencia, se sugeita aos castigos da culpa; se o Senhor, o Entendimento Divino, obedece à vontade de seu Eterno Pay, & ainda à vontade dos homens: nós os miseraveis

raveis, & neicios, os que nos sogeitamos à culpa, que razaõ teremos de naõ obedecer à razaõ, de nos naõ sogeitarmos aos mayores, & de nos naõ prezarmos de subditos, quando na mesma natureza obedece o Norte a huma pedra, se sogeitaõ ao Mar os Rios, se humilhaõ ao Leaõ os brutos, se entregaõ estes ao Homem, que deve sogeitarse aquelle, em cujas mãos poz Deos o mundo, & que em fim sendo superiores, representaõ ao mesmo Deos?

Será o fruto desta hora, exercitar obediencia, naõ só aos nossos mayores, mas às mais humildes creaturas, em quem está o nosso Deos, a quem servimos, se o servimos, fazendo sempre conta, que elle nos manda nellas, pois isto nos ensina Christo na Cruz, & quem pela Cruz segue a Christo, atè a morte ha de obedecer no que for contra a sua alma, sogeitando-se ainda a alma, o corpo ao espirito, a graça à Natureza.

PRIMA.

Recolhendo-se os meus sentidos aos interiores de minha alma, verey como estando o meu Senhor na Cruz, rasgadas as mãos com pregos, aberto o corpo com os açoutes, ferida a cabeça com os espinhos, atravessada a Alma com as afrontas, cortado o coraçaõ com penas, cobertos os olhos com lagrimas, as entranhas despedaçadas com mágoas, desfigurada a cor do rosto, correndo o sangue das feridas, os pés, & os nervos estirados, estalandolhe todos os ossos, doridas todas as potencias, morrendo todos os sentidos, quando mais cresciaõ as ancias, porque se dobravaõ as injurias de Deos, & as offensas dos peccadores, levantando os olhos ao Ceo, com aquella bondade immensa, com aquelle amor entranhavel disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, perdoay a estes, que me offendem, porque naõ sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendem, & affligem pedís perdaõ entre os tormentos, que fareis com a penitencia a quem prostrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravaõ, achaõ desculpa em vossa queixa, os que vos choraõ compungidos, que acharáõ na vossa misericordia? Se desprezando vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que sereis com os agradecidos? Se com humas almas de marmore, se com huns coraçoens de pedra tendes entranhas de Cordeiro; com homa condiçaõ de cera, com huns olhos cheyos de lagrimas, que usaráõ as vossas branduras? Acabadas

estas

estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabe dizer melhor com o espirito.

Será a Meditaçaõ a ardentissima caridade, que o Senhor nos ensinou na Cruz, naõ só sofrendo, & amando seus inimigos, mas desculpando-os com seu Pay, & pedindolhe perdaõ para elles: & sendo esta virtude o timbre, com que se coroa o edificio espiritual, foy a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que quẽ se crucifica ao mundo, & o crucifica em si, ha de ser aos vicios, & naõ às pessoas; porque de outro modo naõ levará bẽ a Cruz, nem mostrará que no seu coraçaõ se derramou o fogo do Espirito Santo. Este he o modo com que o Senhor tinha dito, que traria a si todo o mundo quando se exaltasse na Cruz, attrahindo, & atando a todos com a uniaõ da caridade: quem a tiver, terá a Deos, & ao contrario nada terá de Deos, quem nada tiver de caridade; com esta se encobrem os delictos dos proximos, como Christo nos ensinou; & com esta devemos a toda a hora, os que somos servos de Deos, andar dizendo com as obras, & com o exemplo de S. Paul: Quem nos poderá apartar da caridade do Senhor?

TERÇA.

Cuidarey a esta hora, que vejo pender da Cruz ao meu Senhor tam nù dos alivios da Alma, como dos abrigos do corpo, sem que lhe deixassem seus inimigos nem aquelles leves reparos, com que se perdoa à modestia, & se cobre a honestidade.

Considerarey que o Senhor naõ sofreo o tormento de verse nù, por restituirnos por este modo, ou deste modo ao estado da innocencia, que perdendo-se com a culpa, se envergonhou da desnudez, & se cobrio com o vestido; mas porque havendo de vello o mundo, a quem em tudo foy exemplo, visse a pobreza nunca vista, com que ao poremno na Cruz, ao levantaremno no ar, naõ levava nada do mundo, nem queria nada da terra; para ensinarnos, que entaõ he a Cruz para os Ceos escada, naõ só quando da terra nos tira, mas quando nos tira taõ pobres, que naõ levamos mais thesouro que a caridade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz.

Será o fruto desta hora, desejar vivermos taõ pobres na imitaçaõ de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, naõ queiramos nada delle mais que a Cruz, vivendo

vendo nelle de maneira, que estando com os pès no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as pennas dos Serafins, que tanto seraõ mais leves, quanto menos for o peso que levamos das cousas da terra. E nòs, principalmente os Filhos de meu Padre S. Francisco, devemos lembrarnos das festas da alma, & do amor, com que encontrando elle a pobreza muito fermosa, ainda que em trajos desprezìveis, lhe dizia com todo o coraçaõ, abraçando-a suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

SEXTA.

Cuidarey entrando na Oraçaõ, que o meu Senhor crucificado na minha alma, naõ só me ensina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na paciencia, & mais virtudes, porèm tambem com as palavras.

Considerarey, que as palavras de Christo naõ só saõ de fruto que as de suas obras, antes saõ verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulaçaõ, mostrando em tudo o que dizemos, que perdoamos aos inimigos, que desejamos meter no Paraiso a todos, que pedimos a Deos que nos naõ desempare, nomeando por Pay só a Deos, que desejamos padecer por Deos, & q̃ nos pomos nas suas mãos, que tomamos por Mãy a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, consummando-se nossas obras com abaixar a cabeça a tudo o que for sua vontade, que he sinal mais evidente de lhe entregarmos o nosso espirito.

Será o fruto desta hora (& será hum dos mais importantes) conhecer depois de crucificarmos ao mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificaçaõ, & de espirito, mortificados sem as flores, & sem as folhas das elegancias jactanciosas, com que na pompa da eloquencia florece a discriçaõ humana, fugindo daquelles enfeites, de q̃ fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentaçaõ poem no concerto, & no ruido toda a fadiga dos discursos; as palavras haõ de ser castas, o modo humilde, as vozes brandas, sahidas do coraçaõ, que se forjem dentro no peito, & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo façaõ o tiro sem sentirse, penetrando dentro nas almas, & naõ ficando nos ouvidos; & sobre tudo palavras que digaõ com o q̃ se faz, para que naõ zombem de q̃ naõ frizem com o que se diz.

N O A.

AQui consideraremos, que vendo padecer o Anthor da vida, o dia se vestio de noytes, o Sol de trevas, o ar de espantos, a terra de medos, & o Ceo de assombros, abrindo-se as sepulturas, sahiraõ os mortos a confessar estas maravilhas, quebrando-se as pedras, reprehendèraõ a nossa dureza, rasgando-se o Véo do Templo, se descobriraõ os segredos da Divindade; & só os coraçoens humanos parece que se empederniraõ, pois taõ poucos houve que temessem a Deos, fazendo nelles taõ pouco movimento hum tamanho terremoto.

Será a Meditaçaõ desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz taõ eclipsado, naõ só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrarse coraçoens de pedra, pois se quebraõ as pedras: o coraçaõ, mostrando que ellas tiveraõ a razaõ, que nos faltava, & nòs a dureza que nellas se naõ via; a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciencias, para que resuscitando-os mortos da culpa pela confissaõ dos peccados, naõ se esconda debaixo da terra o que ha de apparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser humano, & moverse este pò unido, pois nos penedos insensiveis, nas serras, nos montes, & Elementos fez hum movimento taõ grande; a cujo exemplo rasgando-se o véo da modestia, que esconde em nòs as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista póde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Será o fruto desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no mundo, vestindo a alma pela morte de seu Senhor aquelles lutos de tristeza, com que arrastaõ os coraçoens o seu pezar, & a sua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores sinaes de amor, & mayores mostras de pezar, que huma alma, que tem vontade, & hum juizo, que tem discurso, & que hum sentimento, que tem razaõ.

V E S P E R A S.

COnsiderarey, como estando o Senhor na Cruz, a cabeça chea de espinhos, os olhos cheyos de afrontas, lagrimas, & sangue, os ouvidos de blasfemias, o rosto de salivas, & bofetadas, a boca de fel, & vinagre, as barbas, & cabellos santissimos

tissimos de desacatos, & desprezos, & a garganta de cordas, & baraços, os hombros pizados da Cruz, estirados os nervos, os ossos desconjuntados, as mãos abertas, & feridas com tanta crueldade nas quinas dos pregos, & no entalado dos buracos, o corpo todo rasgado com chagas, & os joelhos com quedas, os pès de parte a parte atravessados, as costas abertas de golpes, & todo em fim hũ mar de sangue, morto, affeado, & denegrido; naõ contente a maldade humana, lhe passou o peito com huma lança, querendo passar cõ morte alèm da morte. Porèm mostrando o Senhor quanto eraõ mayores as suas misericordias, que as nossas mayores maldades, donde havia de sahir hum diluvio de castigos, sahio hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, naõ só nos olhos do corpo, mas nos do espirito, de que se seguio, que confessando sua culpa, & a bondade de Deos, naõ só alli, mas por todo o mundo veyo fielmente a ser triunfo com a coroa de martyrio,

Será a Meditaçaõ desta hora, ver quam cegos somos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvarnos, sem ver o que fazemos, sobre as offensas cõmettidas quasi queremos mostrarlhe que haõ de sobrevir nossas offensas a suas misericordias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempçaõ. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, naõ consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramentos vista, desentranha a misericordia do mesmo lugar, em que pudera tomar a peitos a justiça, & vingando-se de nòs, ou em deixarnos mais ingratos com o excesso dos beneficios, ou em vernos convencidos com a multidaõ dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle sejaõ lançadas, que nos cheguemos a elle para o ferir sómente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que acquirio tal remedio.

Será o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucharistia, confessando a cegueira de nossas culpas em muy doridas confissoens, & naõ chegando a elle para lhe ferir o coraçaõ às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boca naquella fonte de aguas vivas, onde se lavaõ nossas culpas, & se recreaõ nossas almas, para que com nova luz de graça, & novo espirito de Deos, possamos tambem no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu

amor,

amor, pedindolhe ultimamente, que se os cegos, se aquelles que o offendem, tiraõ do seu peito esta mina, nòs, que sequiosos buscamos a fonte da graça, naõ alcancemos menos.

COMPLETAS.

CUidarey, como Joseph, & Nicodemus tirando os espinhos, com que estava o Senhor na Cruz, o descèraõ della, & puzeraõ nos braços da Virgem, cujo coraçaõ depois de trespassado com a lançada, que dèraõ ao Senhor no peito, & com a vista de tudo o que tinha padecido, foy novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe tiráraõ cheyos de nervos, & de sangue, & com os golpes das martelladas, que para tirallos lhe dèraõ, renovando a dor com a memoria de que tambem lhe dèraõ para o pregar na Cruz.

Considerarey, que todas as vezes que tiro de mim maos pensamentos, que deixo de fazer màs obras, & de dar maos passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe tiro os cravos, & os espinhos, pondo-os nos braços da minha alma, para onde, naõ só da Cruz, mas dos Ceos, parece que desce o Senhor por me agradecer este serviço, & toda a dor que tive de sua Payxaõ.

Será o fruto desta hora, huma grande dor de peccados, que taõ cruelméte tratàraõ a meu Deos, entrando com grande ancia de coraçaõ por toda a ferida a ver as entranhas de seu amor, que parece que todas estas portas me abrio, para que entrasse no seu coraçaõ, dizendo por todas as bocas, com que me fallaõ suas chagas, que mais quer que nellas eu me sepulte, & me esconda de sua ira, que naõ que lhe dè sepultura no tumulo de pedra, ou em hum coraçaõ de marmore.

Summa.

MElhor será a toda a hora estar abraçando na Cruz ao meu Senhor como a Magdalena, ou assistindolhe como a Virgem Santissima, & como S. Joaõ com o coraçaõ de amor, mais que de discurso, sem largar já mais seus pès, salvo se for para lhe tirar os cravos, & espinhos, como acima fica dito, estando sempre em hum continuo movimento da alma, com que o abrace o coraçaõ. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Caridade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Desejo dos Sacramentos, & huma perpetua Contriçaõ. E quem contra isto naõ cõmetter nada neste dia, terá verdadeira

Oraçaõ,

Oraçaõ, pois para o exercicio destas virtudes, que se haõ de praticar mais com as obras, que com as tençoens, se consideraõ os Mysterios deste dia.

Quem naõ tiver mais que hũa hora, poderá, se quizer, considerar que a alma he Nao, que lutando com as ondas dos vicios, & com o temporal do seculo, naõ póde buscar o porto da salvaçaõ, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra si escuro, cuberto o mar do mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos baixos, & riscos a carne he Serèa, que nos attrahe, o nosso amor proprio a Rèmora que nos detem, os gostos enveja dos que nos enganaõ, & finalmente o demonio tormenta, que nos contrasta. Porèm parecermeha, que quando as vélas da vaidade nos metem no fundo da culpa, quando os chuveiros dos castigos nos ameaçaõ com diluvios, & quando os perigos do mar nos çoçobraõ com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vélas, mandandome trabalhar nas furnas, & compassando toda a Nao, me trocou o medo em esperança, fazendo bonança a tormenta, o naufragio boa viagem, a noyte dia, & a sombra luz: & pondome à vista da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de seu sangue, por onde naõ só promette que chegue cedo a salvamento, mas que possa na sua Casa gozar perpetua felicidade.

SABBADO.

No Sepulchro.

MATINAS.

UIDAREY como Joseph de Arimathéa, Discipulo occulto do Senhor, depois de pedir o seu Corpo a Pilatos publicamente, & depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro, & antes que o sepultasse, o ungio com preciosissimos unguentos, & o involveo em hum lançol limpo.

Considerarey, que os que occultamente tem Oraçaõ, naõ tem o fervor do espirito para publicamente buscar a Deos,

ſenaõ depois de cuidar na ſua morte, & Payxaõ, onde vendo que nos braços de ſua alma deſcem ao Senhor da Cruz, para fazerlhe altar, ou ſepulchro do coraçaõ, o trazem no ſeu peito, o enchem de ſuaves unguentos, & iſto he o cheiro das virtudes, & ſuavidade da Oraçaõ, & o apertaõ ultimamente com lançol da caſtidade.

Será o fruto deſta hora, naõ ſe nos dar do que diraõ os que naõ vierem a buſcar a Deos com mayor fervor, vendo-ſe morto por nòs, afrontado por noſſa cauſa, por noſſo amor crucificado. E em fim conſiderando que fomos o fim de ſuas obras, nos reſolvemos a que todas as noſſas o tenhaõ por fim, fazendo muito naõ ſó por trazello na alma como de paſſagem, mas por lhe dar muito de aſſento ao coraçaõ onde repouſe, pois tambem por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a ſi meſmo, ſem querer de nòs outra couſa, moſtrou que naõ teve onde reclinaſſe a cabeça no mundo, aonde as féras tem ſuas covas, aonde as aves tem ſeus ninhos, & onde naõ quer mais de nòs, que darmoslhe o peito por ninho, & o coraçaõ por cova, que para elle he leyto ſuaviſſimo, quando hũa grande caſtidade he lançol, em que ſe deita, pois naõ ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais neceſſaria para quem ha de tomar corpo de ſeu Eterno Filho.

LAUDES.

Monumentum novum, in quo nondum quiſquam poſitus erat.

CUidarey, como depois de ungirem ao Senhor com precioſos unguentos, & de o involverem em hum lançol puro, o puzeraõ em hum ſepulchro novo, onde ninguem ſe tinha enterrado.

Conſiderarey, que o ſepulchro he Altar do Sacramento, onde ſe encerra o Myſterio da Euchariſtia, & mais principalmente figura de quem ha de chegar ao corpo do Senhor, para fazerlhe altar do coraçaõ: & aſſim deve entender que o Senhor ſe naõ mete por dentro, ſenaõ em almas muito novas pela penitencia; que iſto ſignificaõ os golpes, com que a pedra eſtava lavrada: ou onde outro a morte naõ puzeſſe; que iſſo vem a ſer a novidade do Sepulchro, que ſe deu a Chriſto, onde outro ſe naõ havia poſto. E iſto ſerá quem pela caſtidade o meter no ſeu coraçaõ, ou quem deſpindo-ſe do homem velho com novo eſpirito de Deos, para fazer huma nova vida, ſe lhe meta huma alma nova.

Será o fruto deſta hora, o ex-

exercicio de cõmungar a Christo em Sacramento, ou em espirito, entendendo que só entaõ se meterá muy por dentro de nòs, quando com o cheiro das virtudes, quando com a suavidade da Oraçaõ, com lançol de Castidade, ungido, & amortalhando-o em nòs, o recebermos com hum taõ novo espirito, que nada do mundo tenha posto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do mundo, hũa grande negaçaõ de nòs mesmos, & huma grande resignaçaõ a quanto for vontade sua. Advertindo tambem, que naõ querendo o Senhor em vida ter onde reclinasse a cabeça, na morte (isto he no Sacramento) quiz ter as pompas de hum sepulchro grande, naõ por se accommodar ao mundo nos Pyramides, & Mauseolos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque sendo figura do Altar, onde està o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas representaçoens de morto lhe fizessemos sempre obsequios com as exequias da lembrança, pois estas eraõ as honras, que nòs lhe podiamos fazer.

PRIMA.

Erat autem in loco, ubi crucifixus est Jesus, hortus, & in horto monumentum novum.

Cuidarey, que naõ só o Horto foy o lugar onde começou a Payxaõ do Senhor, mas tambem onde o crucificáraõ, & onde ultimamente o sepultàraõ.

Será a Meditaçaõ desta hora, ver que a Oraçaõ figurada no Horto (como já dissemos) he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, assim na vida, como na morte nos acompanha; & por isso nòs depois de começar nella à imitaçaõ de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nòs sepulchro: & seja para o mundo exemplo o que para nòs descanço; advertindo, que assim como no Horto havia flores, & frutos, mas todos só se acháraõ dentro no Horto: assim as grandes virtudes, & perfeiçoens se achaõ todas na Oraçaõ; mas com huma particularidade, que ella he como o primeiro movel, a cujo movimẽto andaõ as mais esferas; ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenhuma se move,

move, sem que a mayor ce merece. E taõ costumado estará o Senhor a nos dar este bom exemplo, que sobre o costume da vida, atè na morte, & no sepulchro nos mostrou, que naõ deve huma alma de Deos sahir nunca do bom costume da Oraçaõ.

Será o fruto desta hora, gostar de maneira da Meditaçaõ, ou fazermonos a ella tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditaçaõ nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras; a cuja sombra vivendo a alma, deve naõ deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçoens, que a cada hora da Oraçaõ neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes desejar com a Esposa alentarse com estas flores, vivendo em sua fragrancia, & fugindo do mao cheiro da culpa; correndonos de ser taõ ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas almas, de ver que se perca Bethzaida com o mesmo, com que se salvàra Sidonia.

TERÇA.

In monumento exciso.

Cuidarey, que o Senhor foy posto em hum tumulo de pedra, & de huma só pedra.

Será a Meditaçaõ desta hora, entender, que para sermos hũa só cousa no mundo, quer o Senhor, que sejamos sempre huns, & cada qual hũa cousa só. Huns sempre, porque na perseverança mostremos, que sempre somos huns, & que nada do mundo nos fez outros. Saõ inimigos da divisaõ, que por naõ tella cõ ninguem, com todos pareçamos huns, & nós o sejamos atè nos meter em huma cova, & taõ sós, pois nos prezamos de huns, que atè de nòs nos apartamos, quando a companhia de nossas inclinaçoens nos faça naõ parecer sós huns, fazendo muito por despir o vestido do homem velho, que à semelhança do tempo queria andar ao costume do mundo; & trabalhando mais por vestir o coraçaõ de pedra, onde immovel ao bem, & ao mal, nem nos leve o vento da vaidade, nem nos mudem as ondas das tribulaçóes, para que esta pedra, que ha de ser Christo, seja de attrahir a todos os meus sentidos, de tocar a todo o bom exemplo, de fundamento às humildades, & de preço ao

a flor de Deos, de quem como pedernal ferido, ou derrame fontes de lagrimas, com que se lavem minhas culpas, ou verta chammas, & faiscas, com que me acenda em seu amor.

Será o fruto desta hora, huma total deixaçaõ de mim mesmo, & huma taõ constante deixaçaõ, que valandome totalmente do mundo, me encha de Deos, com tanta perseverença, que sem tornar a ser outro, & prezandome sempre de hum, para Deos possa ser altar, & para mim solidaõ, para o mundo deserto; conhecendo, que só assim poderey ser qual Deos me quer, & que me ha de tirar o ser, quanto fugir de verme só, quanto me fizer de estar comigo, quanto mais nas companhias do mundo, pois o ser só ainda dentro de mim, he o que me está melhor a mim, fazendo muito por naõ ter de mim nada, mais que o nada que fuy, & sou, & que serey, se estiver sem o meu Deos.

SEXTA.

CUidarey, como o meu Senhor quiz que o sepultassem dentro em huma pedra, & para este fim moveo efficazmente a seu Discipulo Joseph.

Será a Meditaçaõ desta hora, que nos naõ ha de desconfiar a dureza de coraçaõ, parecendonos, que nas sequidoens para Deos temos coraçaõ de pedra, pois por huma só hora, que na Payxaõ de Christo as pedras se quebràraõ, por hum dia que no Deserto com a vara de Moysés, figura da sua Cruz, se enternecèraõ, deitando de si fontes de agua, naõ só nas pedras nos deixa sua Ley escrita com sua maõ, naõ só fez a pedra, pedra fundamental de sua Igreja, mas fazendo-se pedra angular, em que todos edificamos, buscou nas pedras seu abrigo, dellas lavrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, para que assim fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petiçoens, quando nos parecesse que as pedras se levantariaõ contra nòs, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendo-as a nossa culpa pedra de escandalo.

Será o fruto desta hora exercitarnos nas sequidoens com huma grande constancia, conhecendo que a nossa dureza naõ nos faz mal quando conhecida, senaõ quando ignorada, & que se robustamante lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condiçaõ, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o tosco de nossa rudeza, pondo-se dentro de nossas almas, escreverá sua Ley, edificará sua Igreja, procurará o sepulchro, fará

fará a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras, que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroens para os seus titulos; tendo por certeza infallivel, que qualquer de nossos coraçoens, por mais de marmore que sejaõ, se for pedra de tocar a Christo, ao menor toque de sua graça ha de verter rios de pranto, com q se fecunde, & regue a terra seca de nossa alma, passando os torrentes da Graça atè as entranhas da terra.

NOA.

Posuit eum in monumento, & advolvit lapidem ad ostium monumenti.

CUidarey, como pondo Joseph de Arimathèa o Senhor no Sepulchro, o escondeo aos olhos do mundo.

Será a minha Meditaçaõ, conhecer que quanto mais serviços fizer a Deos, quando o sentir dentro de mim mais, hey de fazer muito por esconder do mundo o que tenho no coraçaõ, para que tendo posto huma pedra sobre minha devoçaõ, ao parecer da gente, naõ possa algum ar de vaidade entrar dentro de meus silencios, & do segredo de minha alma, fechando com esta cautela a porta, por onde póde a presumpçaõ, ou a soberba humana entrar a roubarmē o thesouro divino, que sempre se arrisca, se se poem patente à estrada, & ao menos se se tira delle o coraçaõ, se se deixa aos olhos, ou se se lhe naõ guarda a boca.

Será o fruto desta hora, saber pôr pedra sobre o thesouro de meu coraçaõ, para que o naõ furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar com o mais que fiar de mim, pois naõ quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintamos, convem desmentillos no gosto, no socego, serenidade, que o mais sobre ser desafogo da natureza, & naõ sobegidaõ de graça, he sinal que vivemos dentro de nòs por buscar fóra algum applauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de si, & guardando-se de si mesmos, naõ poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da conciencia, metendo debayxo da terra, & humildade tudo o que se nos vay pelos ares, se se levanta o pò da terra.

VESPERAS.

VEstindo meus olhos de lagrimas, (que estas saõ o luto dos olhos) o coraçaõ de tristeza (que este he o capuz do coraçaõ) os sentidos de sentimento, (que este he o nojo dos sentidos)

tidos) hey de ir por dentro de minha alma para o Sepulchro do Senhor; & fazendolhe com a minha ancia o Enterro de meu alivio, a celebrar com o meu pranto as Exequias de meu amor, a repetir com a minha pena os Officios de minha saudade, onde assistindo interiormente a mágoa de minha lembrança, verey que alli do meu Senhor me naõ fica mais que o Sepulchro, pois a Alma foy para o Limbo, o Corpo se escondeo na terra, a Tunica leváraõ os Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio, a vida lhe tirou a Cruz, & a Cruz nos tirou o escandalo.

Será a minha Meditaçaõ, ver que para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, he necessario meterme em huma cova, fazer casa da sepultura, & naõ só enterrarme em vida, mas sepultarme dentro em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem naõ deve já pôr os olhos, quem poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendo-se na terra de nossos coraçoes, quiz assim estar no coraçaõ da terra, quem quer sahir tanto de si? quem tem coraçaõ para deixallo, podendo-o meter no coraçaõ? quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultarse em vida, lavra com ella a sepultura; & quando os Justos nos avisaõ, que do ser que tem nesta vida lhe naõ fica mais que o sepulchro.

Será o fruto desta hora, naõ só o recato exterior, com que cada qual só com verse com o seu silencio, & solidaõ, mas o recolhimento interior, com que enterrando-se em si mesmo, & ainda escondendo-se de si, falle sempre com o seu Senhor, em qualquer parte onde se ache: ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tirámos a vida; seguindo-se desse discurso a dor das culpas, & peccados, pois morrernos o coraçaõ com o que se doe destas offensas, cobrirsenos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dò que ha nos coraçoens, & saõ os sinaes mais sentidos, que faz por elle nosso amor, quando o pesar nos dobra na alma.

COMPLETAS.

Cuidarey, como a Virgem Santissima, depois de seguir o Senhor atè o Sepulchro com S. Joaõ, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendose ao seu cantinho, teve aquelle admiravel traspasso, em que por espaço de tres dias, o seu viver foy sentir, o seu dormir foy orar, o seu fallar foraõ suspiros, o seu silencio, & a sua bebida lagrimas.

Confi-

Confiderarey as grandes virtudes, que traz comfigo o jejum, quando fe junta com a Oraçaõ, pois naõ fó fe fente o que fe vive, & fe vigia o que fe dorme, mas fufpira-fe o que fe falla, foluça-fe o que fe come, & chora-fe o que fe vè: acçoens que no fentido myftico incluem virtudes myfteriofas para a perfeiçaõ de huma alma, que naõ fegue eftes exercicios, fenaõ depois que tendo a devoçaõ, que fe reprefenta nas Marias, a penitencia, que fe figura na Magdalena, o amor, que fe fignifica em S. Joaõ, & a pureza, que fe entende na Virgem, fegue com todas o eftado da mortificaçaõ, que fe declara no corpo de Chrifto, quando hia para o Sepulchro.

Será o fruto defta hora, a obfervancia do Jejum, com mortificaçaõ, & Oraçaõ; & efte naõ fó ha de fer o Jejum corporal da Temperança contra a Gula, mas da abftinencia contra os vicios no jejum efpiritual; por ifto jejuem os olhos, pois por elles, como portas da alma, nos entrou a morte, & a culpa: jejuem tambem os ouvidos, pois em os dando à voz do feculo, he Serêa que nos encanta: jejue tambem a difcriçaõ, pois tudo o que lhe cahe em ar, fe lhe levanta em vento; de que fe fegue vermos no mundo, que todo o mal do entendimento confifte em darlhe o ar, porque efta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os fentidos, pois embebendo-fe no gofto, a que os attrahe o feu engano, naõ advertem bem os fabores, com que fe adoçaõ feus venenos: jejuem em fim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do appetite, & nas provas atè do licito, naõ fó a conciencia fe arrifca; naõ fó fe eftraga a virtude, mas ainda o vicio fe bemquifta.

Summa.

A Melhor Oraçaõ, que fe poderá ter em efte dia, he confiderar a cada hora a virtude que fe nos encomenda, exercitando-a pontualmente; convem a faber: A Matinas, a Caftidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, commungar ao Senhor em Sacramento, ou em efpirito. Na Prima, coftumar o entendimento. Na Terça, dè todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa, obfervar a cautela. Nas Vefperas, o recolhimento interior. E finalmente nas Completas, o jejum efpiritual, & juntamente corporal: & fermos Bemaventurados, pois affim chama o Rey Profeta a quem medita no Senhor, naõ fó no dia, mas na noyte. Efta fórma, que he a melhor, fe guarde

em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de nosso coraçaõ hum sepulchro, em que todo o dia arda a cera de nosso coraçaõ em obsequio de nosso Deos. Quem naõ tiver mais que huma hora, faça, se quizer, a Oraçaõ seguinte.

Cuidarey, que o coraçaõ he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a sésta com minha alma, a quem queria para Esposa: ou abrigarse com o rigor do tempo, atè que as sombras se inclinassem; o acolhimento, que lhe fiz, foy tirarlhe a vida com minhas culpas, & peccados, naõ ficando parte em seu corpo, que eu naõ desunisse com feridas, & naõ desatára a crueldades; porèm vendo enternecer com seu sangue, naõ só as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz, & magoado do que olho, naõ podendo apartallo ainda depois da morte, dentro do meu coraçaõ me parecerá que lhe ouço dizer: Filho, deste coraçaõ, que me negaste para leyto, ao menos me faze tumulo, & considera o que te quereria vivendo em ti, quem morto naõ póde apartarse. Essa crueldade tua, que para mim foy morte, naõ póde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he eça; fazeme estas ultimas honras, pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabando de lhe de ouvir isto com grandes desejos de emenda, começaraõ os golpes da penitencia a lavrar este penhasco duro, atè que deixando-se cortar da mágoa, & amollecer do pranto, faça a sepultura ao Senhor, donde metendo as minhas entranhas com grande pena de minha alma, ella se meterá dentro com elle, desejando sepultarse em vida, & meter os olhos comsigo, para que sepultados nesta cova, & naõ só nas covas dos olhos, façaõ chorar as suas meninas, em cujas capellas fechadas, se naõ apagará o lume dos olhos, atè que se naõ apague a vista, & se chegue a noyte da morte, sem fazer dentro cousa alguma, mais que chorar, & magoarme de ver qual puz a meu Deos, a meu Senhor, & a meu Esposo.

DO-

DOMINGO.

Resurreiçaõ de Christo.

MATINAS.

CUIDAREY, como a Magdalena com outras devotas molheres foraõ a manhãa da Resurreiçaõ ao Sepulchro, primeiro que os Apostolos, levando os aromas, que tinhaõ preparado para o Senhor.

A Meditaçaõ desta hora será, naõ só quanto devemos madrugar para buscar a Deos, summo bem nosso, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade, que isto se figura no sexo feminino; quem se vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adversidades do seculo, que tudo isto se representa na noyte; com mais pressa que os outros escolhidos de Deos, que se entendem pelos Apostolos, o devemos buscar, & recorrer a elle com os aromas de hum santo desejo de lhe fazer algum serviço, naõ pondo por diante o medo do que nos póde succeder, cuidando que ha quem impida ao Senhor, para que se naõ deixe achar de nòs, que isto se entende pelas guardas. Considerando tambem, que se a nossa fragilidade, figurada na primeira mulher do mũdo, foy a primeira que se affastou de Deos pela culpa, agora pela luz da Graça, com que se vaõ desfazendo as sombras do crepusculo de nossas duvidas, deve ser a principal, & primeira, que se desvele por chegar a Deos.

Será o fruto desta hora, exercitarmonos com grande desvelo em buscar pela Oraçaõ a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & o socego do sono, que sempre suppoem preguiça, & mostra descuido em huma alma, que sem pregar os olhos deve andar sonhando com o seu Deos, por naõ perder em hum fechar de olhos, hum bem que desapparece a olhos vistos. Porque quem na preguiça do leyto furta à alma a satisfaçaõ, naõ furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Para que, Que fará, do Logo, Para depois? Em fim parece que lhe dá pouco do seu amor, naõ cor-

rer quem anda muito de vagar.

LAUDES.

CUidarey, como as Santas Mulheres acháraõ virada a pedra do Sepulchro.

Será a Meditaçaõ desta hora, considerarmos as maravilhas, que faz o Espirito do Senhor onde chega, pois logo sua Alma Santissima se revestio ao corpo no Sepulchro: obedecendolhe o pezo daquelle marmore durissimo, muy levemente se moveo, & totalmente se viron para nos mover a nòs com o exemplo de que atè hũa alma de pedra com o pezo grande da culpa se vira de hũ para outro estado, em lhe chegando aquelle Espirito; & ainda que sem isto podèra o Senhor sahir do Sepulchro, parece o quiz assim, para mostrar ao mundo, que onde elle está, sempre succedem maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o louvem, & conheçaõ que só elle as obra. Se pois huma pedra se vira, logo que lhe chega o Espirito de Deos, que razaõ tem hum coraçaõ humano, a quem tantas vezes em vaõ chegou o Espirito do Senhor, para naõ dar hũa volta grande, obedecendolhe pelos ares, & publicando suas obras?

Será o fruto desta hora, naõ resistirmos ao Espirito do Senhor, & conhecermos que aos seus impulsos seremos mais duros que as pedras, se com elle nos naõ movermos, & de todo nos naõ virarmos, pois ainda que o pezo dos peccados naõ carrega muito a conciencia, tudo com a pena, que disso poderemos ter, se tivermos pezar para o sentir, ficará leve como huma penna; & desta se faraõ as azas, com que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

PRIMA.

CUidarey, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, q̃ a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, que estava no Sepulchro, deixando-o naõ só mais resplandecente que a neve, porèm mais claro, & fermoso que o mesmo Sol; & sendo vista horrenda para as guardas, que lhe tinhaõ feito, foy suavissima visaõ para os olhos da Virgem Máy, a quem (como affirmaõ muitos Padres) appareceo primeiro que a todos, mostrandolhe naõ só a sua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de crer, que todos os Santos lhe dariaõ as graças de ser Medianeira da Redempçaõ, & da Gloria que gozavaõ na visaõ de Christo.

Aqui naõ só considerarey os abraços exteriores, que a Virgem

gem daria ao Senhor, & os que delle receberia; mas hey de meditar interiormente na razaõ que houve para este favor: pois parece que este se concedeo à Virgem, por haver tres dias, que em huma continua Oraçaõ estava vencendo os tormentos, que lhe offendiaõ a memoria, onde via a Imagem de Deos offendida, a Synagoga condenada, afrontada a Misericordia, & exasperada a Justiça, alegre a culpa dos perversos, froxa a fé dos Apostolos, Jerusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempçaõ, com ardente caridade pedia perdaõ por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, dores, & mágoas. Ou poderey meditar na Resurreiçaõ universal, de quem esta foy exemplo, onde o Senhor para confusaõ, & medo dos que se entendem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virá na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triunfar dos maos, & dar triunfo aos bons, que vencendo as contrariedades do mũdo, da natureza, ou do demonio, firmes se conservaõ em seu amor, a pesar das tribulaçoens, das angustias, & dos tormentos.

Será o fruto desta hora, exercitarmonos na constancia, & igualdade, com que faltandonos as consolaçoens, & cobrando nòs as penas, sequidoens, & adversidades, nos naõ vençaõ o animo, ainda que nos tirem o alento; que nos naõ tirem o espirito, ainda que nos desmayem o animo: pois he certo, q̃ quem firme se sustentar contra esta guerra da Natureza, naõ menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como à noyte o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem à tristeza os gostos, às tribulaçoens as felicidades.

TERÇA.

Cuidarey, como o Senhor appareceo à Magdalena, mas naõ lhe consentio que o tocasse.

Será a minha Meditaçaõ, ver os termos com que o Senhor pagou à Magdalena as mágoas, & lagrimas que chorou, a mágoa com que sentio sua morte, & o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo considerarey, que nem tudo isto he bastante, que mereçâmos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nòs que o podemos obrigar, & que para elle assim o fazer, o havemos nòs de tocar a elle, devendo só desejar, que o Senhor nos toque a nòs, pois se nos busca, he

por sua misericordia, naõ por nossos merecimentos; & se muito o amamos, he por influxo de sua Graça, & naõ por acçaõ de total sufficiencia.

Será o fruto desta hora, a prudencia espiritual, com que nos havemos de ir à maõ no desejo de mais favores, contentandonos com o que Deos nos quer dar, sem querer, porque nos dá muito, governar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nòs ao contrario ternos por taõ indignos de todo o auxilio, que nos dá, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimento, pois isto nos naõ tira de levantarnos na sua Graça, antes entaõ parece que só o obrigamos, quando, se nos dá favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dá tentaçoens, o louvamos com perseverança; & quando, se nos dá males, o bemdizemos com paciencia, conformandonos com a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva, & naõ navegar com mais vélas, que as que pedem os sopros do Espirito Santo, & pequenhez de nosso Navio, & o inchado das ondas do seculo, a quem convem atravessar com cautela, porque o temporal nos naõ çoçobre, sem querer de hũ folego, ou de huma sangradura chegar à India Espiritual, naõ nos contentando sem as visoens, & apparecimentos, que haõ de ser mais que de desejos das almas, que estaõ neste mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, que o que nasce, ou o que se poem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto em que subimos, q̃ aquelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

SEXTA.

CUidarey, como o Senhor se fez encontradiço com os Apostolos, que hiaõ para Emaùs, mostrando-se em traje de peregrino: como fingio que hia para mais longe, para que lhe rogassem que ficasse com elles: como comendo com elles, o conhecèraõ no partir do paõ, abrindose-lhes os olhos da alma: como logo lhes desappareceo: como depois lhes tornou a apparecer, dandolhes paz.

Será a Meditaçaõ desta hora, ver como o Senhor se naõ aparta dos que vè tristes por sua causa, & como vendo-os tibios, & froxos, se chega a elles para os confortar. Considerarey, q̃ esta froxidaõ he quem nos cega os olhos à razaõ; porque atè o Senhor anda em nossa companhia, & o tenhamos por estrangeiro: por cuja causa fingindo as suas

entra-

entranhas de misericordia, que nos quer deixar,(que estes saõ os fingimentos) nos dá a entender, que se quer pôr muito longe de nòs, por se mostrar taõ frio na presença comnosco, como nòs entremos no espirito; sendo tanto ao contrario, que só faz isto a fim de que o roguemos, & lhe peçamos, q̃ nos naõ desempare; pois he certo, que em elle querendo ir, vem sobre nòs a noyte das adversidades, mostrãdo qualquer demonstraçaõ de amor, para que naõ se aparte de nòs, persuadindonos a que comamos, isto he, que nos cheguemos ao Sacramento. E buscando-o, elle abre os olhos d'Alma, & distribue entre os seus escolhidos o Paõ Sacramentado, com a virtude do qual se aparta de nòs o impedimento, com que os olhos do espirito o desconhecem: & conhecemos, que para tudo o q̃ convem saber de Deos, só elle nos abre os olhos, & logo nos desapparece para exercitarnos a Fé, ou mostrarnos os dotes dos Bemaventurados na agilidade, & sutileza. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos: para ensinarlhes quanto amava a paz; & que só os que fossem pacificos, seriaõ Discipulos, & seriaõ Bemaventurados.

Será o fruto desta hora, o grande fervor q̃ inflamme nossas almas, & as nossas froxidoens, para que naõ desconheçamos os favores, que Deos nos faz, arriscandonos com elles a que o Senhor nos deixe: ou hũa continua petiçaõ de que nos naõ desempare: ou huma grande fé, com que o vejamos com o espirito; pois só o vè resuscitado quem medita na sua Gloria: ou grande desejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto viveo a deu a toda a casa, aonde entrou; & quando morreo, fez paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

NOA.

CUidarey, como o Senhor appareceo terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tiberiades, onde elles toda a noyte naõ podèraõ tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foy lançar as redes para a maõ direita, foy tanto o peixe que tiráraõ, que enchéraõ os barcos, & as redes.

Aqui considerarey, que neste Mar se figurava o mundo, & nos peixes os homens, nas redes a Prègaçaõ, nos Discipulos os Prègadores; os quaes trabalhando, isto he, o tẽpo errado de sua presunçaõ, na parte da maõ esquerda, isto he, entre os reprobos & precitos, ou nos erros de sua Igreja, naõ podèraõ colher nenhũ fruto

fruto de suas vãas fadigas; mas pondo os olhos em Deos, que das prayas da Eternidade os ensina com seus avisos, & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prègaçaõ, confiados em a palavra de Deos, para a maõ direita, isto he, o caminho da verdade, ou as almas dos escolhidos, ou o exemplo com que prègaõ, naõ só enchèraõ as redes, & com ellas as esperanças, mas todo o Navio da Igreja de muitos, & muy grandes Santos, que trouxèraõ da Igreja para o Ceo, que isto he, do navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Será o fruto desta hora, exercitarnos na recta intençaõ, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & naõ alguma nescia vaidade, com que no mar do mundo naõ colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o naõ fazermos muito fruto, nasce de naõ inclinarmos para boa parte as nossas obras, onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noyte que nos cega, & erro que nos engana; atè que desenganados disto, logo que ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conheçamos à vista de seus influxos, & por experiencia de seus beneficios, que somos servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, & sem elle naõ obramos nada.

VESPERAS.

CUidarey, como o Senhor levando ao Monte Olivete os Discipulos, a Magdalena, & sua Mãy Santissima, depois de despedirse de todos com suavissimos abraços, pondo os pès sobre huma pedra, onde ficàraõ impressas suas pègadas, subio aos Ceos, que abrindo-se cheyos de luz, & claridade, com admiravel triunfo, com sonóras consonancias, com suavissimas melodías, o recebèraõ sobre o Throno das nuvens, & sobre os Córos dos Serafins, entre exercitos de Anjos, & de Espiritos Bemaventurados, que o cercàraõ, & levàraõ por toda a parte, enchendo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, atè que sendo recebido nos braços do Eterno Padre, se sentou à sua maõ direita, onde repartindo tambem os assentos eternos pelos Santos, que levou comsigo, foraõ gloriosamente occupadas muitas daquellas cadeiras, que perdèraõ por ingratos, & soberbos os espiritos condenados.

Aqui me parecerá, que achandome com a Virgem Santissima, & com os Apostolos, estou com elles absorto, & arrebatado, contemplando a grande gloria de Deos, a grande

Bem-

Bemaventurança daquelles Espiritos, a fermosura da Patria Celestial, a claridade, o resplandor, que nenhuma noyte esco ece, & que o dia eterno allumea, onde hindoseme pelos ares o espirito, & o coraçaõ em seguimento do meu Deos, gastarey a hora, enlevandome naquelle Oceano de glorias, naquelle pégo de delicias, naquelle mar de Bemaventuranças.

Será o fruto desta hora, exercitarme o mais do tempo naquelle pasmo Celestial, naquella admiraçaõ suavissima, que ande como embebido na contemplaçaõ da Gloria, na superior Jerusalem, feito Cidadaõ dos Ceos, pela conversaõ do espirito, que toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao mundo por deserto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo que naõ só he favor do Espirito Santo o cuidar na Gloria, mas sinal grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos, & esquecido do mundo.

COMPLETAS.

CUidarey, como estando no Cenaculo os Discipulos com a Virgem Santissima, preparados ja de muitos dias na Oraçaõ, & no Jejum, & taõ unidos de amor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabiaõ com igualdade, & sem preferencias, naõ querendo a Virgem mayor lugar, por ser Mãy de Deos, nem S. Pedro, por ser Cabeça dos Apostolos, nem o Euangelista, por ser Valido do Senhor, nem Santiago, por ser seu Parente, mas antes fazendo-se todos bom lugar, com que pela uniaõ nenhum queria ter mais que o mesmo, desceo sobre elles o Espirito Santo, derramandose em linguas de fogo sobre suas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheyos de celestial sciencia, & de chammas espirituaes pelo annunciar suas maravilhas, a ensinar sua Fé, & a communicar os thesouros do Ceo, desejando que por toda a terra se ateassem as Celestes chammas.

Aqui meditarey, como só no Cenaculo, figura do Altar do Sacramento, parece que recebem o Divino Espirito Santo, os que com ardentes suspiros, & com Oraçaõ pura o esperàraõ; exercitando-se naõ só no amor de Deos com a elevaçaõ da mente, mas na caridade do proximo, & no amor da fraternidade, com que todos cabiaõ em hum lugar, & mostravaõ só huma fé, huma esperança, & huns espiritos, sem se lhes dar das authoridades do seculo, & das preferencias do mundo; onde por naõ perdermos a superioridade, & preferirmos a todos, vimos a per-

perder tudo o que Deos nos dá pelo desprezo, perdendo tambem a todos a quem desestimamos pela soberania, por cuja causa parece mentira, & he engano tudo o que nos temos por servos de Deos, por contradizermos com as obras, o que affirmamos com as palavras, que saõ ar, devendo ser fogo, que he figura do amor de Deos, por quem devemos obrar tudo, amando em Deos a todos, por Deos, & para Deos; pois só entaõ receberemos aquelle fogo do Divino Espirito, com que correndo pelo mundo a acender o genero humano, nem o Sol nos possa offender, nem a neve esfriar, nem os mares impedir, nem as angustias, nem os gostos, nem as honras, nem as injurias, nem a morte, nem a vida, que isto vem a significar dar o Senhor o seu Espirito em linguas de fogo, & naõ pollo nas bocas dos Apostolos, senaõ sobre suas cabeças; mostrando que o amor de Deos naõ havia de estar na boca, onde só ha palavras, mas na cabeça, onde o entendimento falla, a Vontade obra, & a Memoria conserva.

Será o fruto desta hora, aquella chave com que se fecha, & guarda em duas palavras pontualmente a Ley de Deos, isto he, o amor de Deos, & do proximo; para quem naõ havemos de querer menos, que para nós, amando a todos como a nòs mesmos, & a Deos sobre tudo; fazendo neste modo por naõ receber em vazio o Espirito do Senhor, por ter entendimento na cabeça, & naõ em a lingua, pondo na cabeça seus beneficios, & dentro na alma seu Espirito, com que naõ só se escreva sua Ley em nossos coraçoens, mas fazendo escrevella no livro de todo o Universo com rubricas de sangue, com chammas de fogo, & movimento d'alma, naquelles impulsos vehementes, com que a sua vontade seja o nosso gosto, a sua Gloria o nosso fim.

Summa.

O Melhor de tudo será, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o desvelo, com que o devemos servir, a conformidade com que sem resistencia nos devemos entregar nas suas mãos, a constancia com que nos havemos de pôr a todas as tribulaçoens, na prudencia com que nos havemos de medir, com a que elle quer na Fé que devemos guardarlhe, & na paz que devemos ter, na intençaõ com que o obrigamos, na contemplaçaõ com que ainda he Ceo, no amor do proximo, & de Deos, que ainda em si he Gloria.

Se naõ tiver mais que huma hora, cuidarey, que minha al-

ma he Ceo, onde a Vontade he Serafim, que se occupa em amar a Deos; o Entendimento Querobim, que nelle se està admirando; a Memoria throno, que sempre lhe està assistindo; os Sentidos Anjos, que sempre lhe estaõ ministrando; as entranhas, & o coraçaõ Santos, que sempre o estaõ louvando; & considerando a pureza, com que os Anjos estaõ no Ceo; a fermosura do Ceo, a Gloria da Bemaventurança, aonde os Celestes Espiritos se estaõ revendo no meu Deos; vendo que elle me fez Ceo este dia, em que quiz vir estar comigo, farey por viver como se o fora, por servillo como se fora Anjo, por amallo como Serafim, por assistirlhe como Throno, por louvallo como Querubim, andando todo o dia passando dentro de mim mesmo naquella altissima presença, esforçandome a toda a hora por fazer o que diz S. Paulo: Sendo a nossa conversaçaõ toda no Ceo, em Deos, & em sua Mây Santissima, em os Anjos com os Santos entre aquelles jardins suavissimos, naquelles suavissimos, & celestiaes Paços, aonde o Senhor do mundo assiste, aonde toda a Gloria se acha, & aonde dentro de nòs mesmos podemos ter os Ceos abertos, se fechando nòs para o mundo os olhos da Fé, olharmos com a vista da alma aquella luz, & claridade incomparavel, & infinita; se imitando aos Ceos nossas almas, nem tem por dentro desta luz nuvens de erros, que os encubraõ, manchas de culpas, que os afeem, sombra de offensas, q́ os eclipse.

Fim da Semana.

Ee QUEM

QUEM NAM PODER TER ORAÇAM, faça ao menos por guardar a Virtude, que a cada hora se encomenda.

Segunda feira. O Senhor no Horto.

Matinas. Conhecimento de nossa vocaçaõ, ou amor da solidaõ.
Laudes. Memoria de nossas culpas.
Prima. Vigilancia para naõ cahir.
Terça. Fortaleza para naõ desmayar.
Sexta. Resignaçaõ na vontade de Deos.
Noa. Esperança nas tribulaçoens.
Vesperas. Amor de Deos por sua Bondade.
Completas. Odio aos vicios por sua maldade.

Terça feira. O Senhor atado à Coluna.

Matinas. A Honestidade.
Laudes. Brandura de coraçaõ.
Prima. Desengano da vaidade humana.
Terça. Cuidado da honra de Deos.
Sexta. Perpetua memoria de Deos.
Noa. Temor de Deos.
Vesperas. Amor à Oraçaõ.
Completas. Fervor na Oraçaõ.

Quarta feyra. O Ecce Homo.

Matinas. A mortificaçaõ.
Laudes. Saber examinar a Cruz, se he boa, se má.
Prima. A Perseverança.
Terça. Lagrimas d'alma, & do corpo.
Sexta. Memoria do Juizo.
Noa. Memoria da Paixaõ.
Vesperas. Memoria da Morte.
Completas. Desejo da perfeiçaõ.

Quinta

Quinta feyra. O Senhor com a Cruz às costas.

Matinas. O Desejo da Cruz.
Laudes. Mudança da vida.
Prima. Mansidaõ do espirito.
Terça. Agradecimento a Deos.
Sexta. Desprezo do mundo.
Noa. Considerar em Deos.
Vesperas. Valor espiritual.
Completas. Accusaçaõ de nòs mesmos.

Sesta feira. O Senhor crucificado.

Matinas. A Humildade.
Laudes. A Obediencia.
Prima. A Caridade.
Terça. A altissima Pobreza.
Sexta. A modestia nas palavras.
Noa. Movimento de Amor.
Vesperas. Desejos dos Sacramentos.
Completas. Contriçaõ.

Sabbado. O Senhor no Sepulchro.

Matinas. A Castidade.
Laudes. Commonhaõ Real, ou èm Espirito.
Prima. Amor de Deos.
Terça. Deixaçaõ de nòs mesmos.
Sexta. Confiança em Deos.
Noa. Cautela contra o demonio.
Vesperas. Recolhimento interior.
Completas. Jejum do Espirito, & do corpo.

Domingo. O Senhor resuscitado.

Matinas. O desvelo no Amor de Deos.
Laudes. Naõ resistir a Deos.
Prima. Constancia nas adversidades do espirito.
Terça. Prudencia espiritual.

Sexta. A paz do espirito.
Noa. A recta intençaõ.
Vesperas. A contemplaçaõ da Gloria.
Completas. Fogo do Amor de Deos, & do proximo.

Quem disto se naõ agradar, póde, se quizer, ter estoutra Meditaçaõ.

A' *Segunda feyra.* Meditará no Senhor como amigo; & bastará, que no seu coraçaõ ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deos, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foy nosso, pois chegou a pôr por nòs a vida: pois nos falla no coraçaõ como hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nòs, & se poz por nòs em huma Cruz, naõ perdoando aos Anjos maos: pois nos convida aos Ceos, & nos veyo a livrar do inferno; & se dá a si mesmo no Sacramento: & tantas outras cousas mais, que ensinará melhor o espirito.

A' terça feyra. Se meditará no Senhor, como Hospede de nossas almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, sendo a casa, em que o recebemos, taõ vil, taõ pobre, humilde, & baixa, que faz pasmarnos, na bondade com que se move a estar comnosco em huma cabana de palhinhas, & chea de lodo, & de immundicias, indigna de sua presença. Quem naõ quer meditar nisto, bastará que no seu coraçaõ ande dizendo a toda a hora: *Hospede de meu coraçaõ, enriqueceime esta casinha, pois sois Senhor de todo o mundo.* E se tiver tempo, cuide como foy nosso Hospede na Encarnaçaõ, no Presepio, no Templo, na Cruz, no Sepulchro, & no Sacramento: & o mais que ensinar o espirito.

A' quarta feyra. Se meditará no Senhor como Rey; & bastará, que a toda a hora se lhe repita dentro n'alma: *Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, fazeime merces à minha alma, pois sois meu Rey, & meu bem todo.* Se houver tempo de considerar, veremos como reynou na Cruz, pois o seu throno foy a Cruz, o seu Reyno a mortificaçaõ, sem a qual ninguem subirá a verse nos Reynos dos Ceos: peçamoslhe aqui muitas vezes, que venha a nòs o seu Reyno, & que nos faça amar a Cruz, para que sempre reyne em nòs, & se faça a sua vontade.

A' quinta feyra. Se meditará no Senhor como Esposo; & bastará, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coraçaõ: *Meu Deos, Esposo*

so de minha alma, trazeime sempre atraz de vòs, ou metei vos dentro de mim, & daime aquellas vestiduras, com que as Esposas vos recebem. Se houver tempo de meditar, cuidará de quantos modos se despofa o Senhor comnosco na Natureza, & na Graça, no Espirito, & nos Sacramentos. Cuidarseha quanto importa naõ se extinguirem as alampadas, nem sermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ser como a Esposa dos Cantares, que o buscava por toda a parte, & lhe perguntava amorosa, onde passava ao meyo dia.

A' Sesta feyra. Se meditará no Senhor como Mestre, que desde a Cruz nos ensina, quam nùs das cousas deste mundo, & quàm fóra haõ de estar da terra os que da Cruz fazem escada para subir ao Ceo, & aprender a sua doutrina, & seguir a sua vontade. Quem naõ puder considerar, bastará que lhe diga na alma: *Meu Deos, meu Mestre, & meu Bem todo, se vòs me quizerdes fazer vosso verdadeiro discipulo, he certo, que só vòs podeis.* Se tiver Meditaçaõ, considere como sempre foy nosso Mestre, & nosso exemplo, na pobreza com que nasceo, na verdade com que ensinou, na caridade que mostrou, nas virtudes que exercitou, & na obediencia com que morreo.

Ao Sabbado. Se meditará no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizendo nosso espirito: *Meu Deos, meu Pay, meu Bem todo, naõ seja escravo do demonio, quem vòs fizestes vosso filho.* Se houver tempo, meditarseha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança; & fazermos por naõ perder o morgado da Gloria pelos bens falsos da terra; por naõ morar no mundo com os sentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso desterro este mundo.

Ao Domingo. Se meditará em Deos como Senhor, que podendo só com os Anjos, com os Santos, & Serafins servirse ainda neste mundo, se quer servir com peccadores tam vís, & baixos pela culpa. Se naõ tiver tempo, ou naõ o houver para cuidar, bastará que sempre se diga: *Meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, indigno sou eu de servirvos, pois os que vos servem saõ Santos; mas se vòs quizerdes, meu Deos, só vòs me podeis fazer hum muito grande servo vosso.* Se puder considerar, meditaremos a Grandeza, o Imperio, a Magestade, & os mais supremos attributos de hum Deos, que he Senhor universal, naõ só da terra, mas dos Ceos, dos Elementos, & creaturas, & de tudo o mais que ha no mundo; & admirandonos sempre nelle, estando suspensos, & parados, veremos que favor nos faz em se querer servir de nòs.

E sobre tudo, encomendo muito, que em qualquer destes exercicios, figura, ou represen-taçaõ, oremos pelo Padre Nosso, pois (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre S. Francisco, Santa Teresa, Santa Coleta, & outros muitos Santos, & Mestres desta Espiritual Sciencia) tudo se acha no Padre Nosso, & tudo por elle se alcança; ainda que este se naõ reza na fórma que aqui se escreve, colhaõ-se delle as perfeiçoens com que se deve rezar; que este he o fim a que se ordena toda esta copia de escritura deste Papel, de que o Padre Nosso será melhor, se se obrar como se diz.

A ADMIRAVEL ORAÇAM DO PADRE NOSSO, MEDITADA, E ILLUSTRADA

pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

Da Ordem Serafica, & Missionario Apostolico.

Padre Nosso.

QUE antes de eu ser, & antes dos seculos hũa Eternidade me amastes; pois naõ sendo eu cousa alguma, mais que huma cousa a vòs possivel, ab æterno me estaveis vendo, para me estar sempre obrigando. Criastes a maquina do mundo, o Ceo para Patria dos homens, para peregrinaçaõ a terra: onde pondome de antemaõ tantos grandes Entendimentos, que me servissem para guia; para exemplo tantas virtudes; tantos bens para obrigaçaõ; & tantos males para aviso, sem interesse algum vosso, sem merecimento algum meu me tirastes dos abismos do nada, donde podereis tirar outras tantas creaturas possiveis à vossa Omnipotencia, que muito melhor vos serviraõ. Ou podendome fazer hum tronco bruto, hum bruto, hum barbaro, hum Herege, hum Mouro, hum Turco, ou hum demonio, me fizestes à vossa imagem, me criastes na vossa Igreja, regenerado no Bautismo, redemido com vosso Sangue.

Apenas comecey a ter vida, quando podendo vòs tirarma, por ver quam mal havia de empregalla, ma conservastes com o Ceo, & a terra, dandome Anjos que me guardassem, homens que me favorecessem, & elementos que me servissem. E correndo eu desde a meninice às mais cegas profanidades, gastando o mais da mocidade em precipicios, & cegueiras; pondo (como se naõ houvera Deos, Inferno, Ceo, Juizo, & Morte) a honra aos estragos do mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razaõ experimentaõ: dos perigos, infortunios, & da morte, que outros sentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros choraõ com menos culpa, & choraráõ; naõ contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os nòs cegos do deleite eraõ laços da liberdade: quando detido destas Rémoras, dava à vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto dava aos enganos o discurso, entaõ mostrastes vòs em mim, que me quereis para vòs.

Oh Deos immenso, & soberano! Oh Pay amigo, & Senhor meu, que sendo eu qual sempre fuy, que he o peyor que póde ser, quizestes vòs que ainda no mundo mostrasse, que era cousa vossa! Esquecido, meu Creador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocarme de vossa graça, chamandome à vossa casa com aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrandome sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje Mestre que me ensina, sois a Verdade que me guia, sois o Pay que me perdoa.

Ensinoume a vossa piedade, enchèraõme os vossos favores; & arrancandome de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandome do coraçaõ aquelles ultimos retratos, fizestes com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado; & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Creador:

Que estás nos Ceos.

ELevandome o Entendimento em vossa grande fermosura, de quem os Ceos, & as fermosuras, de quem as flores, & as Estrellas saõ breves sombras, & bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este mundo he pouca copia: & em fim de cujas maravilhas naõ ha

fim;

pintura, nem retrato, me fizestes taõ altamente fallarvos com o coraçaõ, ou assistirvos com o espirito nesse throno de Magestade, onde os Anjos vos adoraõ, os Serafins em vòs se abrazaõ, & os Cherubins em vòs se admiraõ: onde com o Sol sem eclipse fazeis dos Ceos o dia eterno: onde sempre presente a todos, sois delles Bemaventurança, & de todo o mundo fermosura: onde na praya deleytosa da dilatada Eternidade, aos que escapaõ do mar da culpa, naõ só sois porto, mas abrigo, naõ só refugio, mas descanço.

Em cujos campos revestidos da sempre verde amenidade, naõ tem o Inverno jurisdiçaõ, nem movimento as Primaveras: em cujas doces suavidades prezo o juizo, & o discurso, tudo para a alma he melodia, & para o espirito socego: onde elevados os sentidos em hũas bellezas nunca vistas, em huma harmonia incomparavel, em huns gostos sempre soberanos, em huns cheiros naõ imaginados, em humas glorias já mais sabidas, suavemente se arrebataõ, & quietamente se suspendem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao coraçaõ me estais dizendo: Homem cego, pois me naõ olhas; servo infiel, pois me naõ sirves: ingrato filho, pois me foges; sempre mudo, pois me naõ fallas: surdo sempre, pois naõ me escutas: se este he o centro, & o lugar, onde os Justos haõ de viver, se esta a Cidade, se este o Reyno, onde os bons me haõ de assistir, porque naõ vives com o espirito, onde naõ pódes com os olhos? Porque naõ vens com os suspiros, onde com a vista naõ pódes? Se naceste para salvarte, se he o teu fim a Vida Eterna, & se te prezas de meu filho, onde occupas o sentido? onde perdes o desejo? & aonde trazes o cuidado? Vás mendigando pelo mundo, tendo este Reyno por herança? Estimas titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vãos do seculo, & desprezas a eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os mòveis do mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Naõ dizem bem taes pensamentos com quem se quer chamar meu filho.

Divinos haõ de ser os cuidados de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamando, como sempre me vàs fugindo? Se te estou sempre acariciando, porque me estás sempre offendendo? Se saõ minhas inspiraçoens muda doutrina de tua alma, porque com esta tua obstinaçaõ fazes hoje emenda da porfia, para te deteres no mundo? Hum risco torpe ha de ser risco para naõ vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para naõ chegares

res aos meus braços? Ham gosto vaõ, & encantamento nestas baixas profanidades? Gostosamente te embaraças? Eternamente te confundes? Tu es o altivo de cuidados? Tu quem tem nobres pensamentos? E tu o de grandes espiritos? Como pois sofres, que te arrastem essas Rémoras da torpeza? Como consentes, que te pizem essas escravidoens da culpa? Como naõ, se assim to digo, olhas, & naõ vès qual será a Corte de Deos, se assim te elevas nas dos homens? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do mundo, que fará na Patria dos Anjos, & lugar dos Bemaventurados? Se lá no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes seraõ os premios da Gloria? Se no que dey para morada de mil reprobos, & precitos, achas taes gostos, & deleites, no que escolhi para Palacio de meu poder, & Magestade, quaes te parece seraõ as suavidades, & delicias?

Como pois, sendo filho meu, queres ser escravo do demonio? Como só por servillo a elle, te poens, & tomas armas contra mim? Que mal te fiz, pois te creey? Em que te offendo, se te amo? Em que te aggravo, se te sofro? Taõ pezada he a minha Cruz, que o mesmo Christo a naõ levasse? Taõ insofrivel o meu jugo, que outros muitos o naõ trouxessem? E taõ aspero este caminho, que muitos mil o naõ seguissem? Como has de vir ao Ceo, se naõ veyo Christo sem ella? Como sem jugo a meu rebanho, se quem o engeita, naõ he meu? E como à Gloria sem caminho, se quem o deixa vay ao inferno?

Pois convertete, filho meu, que se chorando tua culpa me pedires misericordia, se doendote de aggravarme, me buscares de coraçaõ, aqui com os braços abertos acharás a minha piedade, & aqui com os olhos cerrados encontrarás o meu amor.

No desprezo dos bens do mũdo terás o que elle mais estima: no cuidado, com que me busques, o repouso dos que socegaõ: nos suspiros, com que me chames, as suavidades dos que me gozaõ: em fim nos males o regalo, nas repognancias o desejo, na castidade o teu recreyo, hum thesouro na pobreza, na resignaçaõ o teu gosto, & na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu Creador, se tanta gloria ainda no mundo tem hum amor, que vos abraça, & hum coraçaõ, que sa vos prostra, levantaime ao Ceo o entendimento, unime a vòs esta vontade, & sendo nelle hoje, & só comvosco toda a minha conversaçaõ, só nelle busque a minha Patria, & em vòs só tenha o meu bem todo: com o que ven-

vendo-se a minha alma como es-trangeira cá na terra, muy de passagem pelo mundo use dos meyos para a vida, & muy de assento pelo amor ponha o meu fim na vossa Gloria.

Santificado seja o teu nome.

NA minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dandovos todas as creaturas o louvor, para que os creastes, & fazêdo-se toda a terra outro throno de Serafins; onde estando sem nos mover, onde voando sem parar, todos ardendo em vosso amor, vos digamos continuamente: *Altissimo, Santissimo, Eminentissimo, Sapientissimo, & Bonissimo, Creador, Pay, & Senhor nosso.*

Mas quem somos nòs, meu Senhor, sendo huns bichinhos vis da terra, hum pouco de lodo animado, & pouco mais que hũ pó unido, para que a essa Magestade, a quem se prostra o Ceo, & a terra, cuidemos que louvamos, & santificamos? Quem sou eu, & quem sois vòs, immenso Deos, & Senhor meu, para atreverme a vos louvar, se nunca sey mais que offendervos? Se os Serafins, se os Cherubins tem por baixos, & limitados os altos Hymnos, que vos cantaõ, como ha de ousar hum peccador fazer de lingua taõ perversa, instrumento que vos louve, se do louvor, que se vos deve, taõ pouca voz todas as creaturas, & todo o mundo pouca lingua? Como eu vilissima creatura, vos tomarey na minha boca, que tantas vezes vos fiz profana? Mas quem, meu Deos, & meu Senhor, me ha de dar a mim voz, & lingua para louvarvos, como devo, para guardarvos como cuido? Que Ceo, que mundo, que creatura póde ser capaz instrumento, onde caibaõ solemnizadas vossas glorias, & maravilhas, se os Anjos de vòs se admiraõ com hum excesso, a que eu naõ posso chegar? E se esses mesmos vos estaõ louvando com taõ superior caridade, que vence todo o meu desejo? Do mundo todas as creaturas com huns silencios eloquentes, que eu como nescio naõ alcanço, me reprehendem na minha frouxidaõ em vosso amor? Pois que farey, meu Creador, eu que sey que os vossos louvores naõ saõ como os do mundo? Naõ fallarey, porque sou nescio? Naõ amarey, porque sou tibio? Naõ cuidarey, porque sou mao? Pois naõ será assim, meu Deos, que aqui debaixo das hervinhas, dos argueiros, & dos ouçoens, com o coraçaõ muy prostrado, com a alma, & mãos erguidas, com os olhos postos no Ceo, & com a veneraçaõ por terra muy humilde, & muy elevado em vossa vista, meu Senhor, vos louvarey

rey eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvarvosha a minha boca com a eloquencia dos silencios; para que onde eu fiz o dano, & a offensa, se vos dè a satisfaçaõ. Fallarvoshaõ minhas entranhas com a eloquencia dos suspiros; para que assim satisfaça aquelles ays, que dey ao vento. Adorarvoshey com a vista em hum fechar de olhos continuo; pois vo los aggravey tantas vezes por huma escassa vista de olhos. Metervoshey no coraçaõ, metendome muito por dentro, sempre que me meta comvosco, ou que queirais estar comigo. E em fim todos os meus sentidos, meus espiritos, & potencias vos louvaráõ, pondo-se em vòs; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo taõ fóra de meus sentidos. E meus espiritos, & potencias vos louvaráõ, pondo-se em vòs; para que assim, meu Deos, renove a memoria no amarvos, & o juizo em querervos. Acabe pois esta minha vida perversa com tantos generos de culpas: torne, meu Creador, ao centro, donde sahio; ao principio, donde nasceo; à origem, donde emanou. Naõ mais nas violencias de hum erro taõ cegamente idolatrado traga as cadeas, como enfeite, & ame as vaidades, como gl ria. Busquem os olhos o seu lume, os sentidos o seu objecto, o espirito a sua vida, o seu thesouro o coraçaõ. E pois naõ posso quanto devo, ao menos, Deos, & Senhor meu, amevos sempre, quanto posso.

E se eu mil almas possuira, se mil coraçoens tivera, se mil caminhos descobrira, se mil modos imaginára, se mil mundos comprehendèra, todos, por todos, & com todos me empregàra, & entregàra em vos servir, & juntamente me desvelára em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho taõ pouco, & taõ pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Ceo, a terra, os elementos, as creaturas, os Anjos, os Bemaventurados, & toda a maquina do mundo; em cujas maravilhas grandes, generos, fórmas, fermosuras, & perfeições me estou revendo, & admirando em vossa grande, & immensa fermosura, Immensidade incomprehensivel, incomparavel Magestade, Omnipotencia soberana, ineffavel Sabedoria, infinita Misericordia, & admiravel Infinidade. Mas para que eu melhor vos louve.

Venha a nòs o teu Reyno.

QUe sem vòs virdes, meu Senhor, como poderey eu buscarvos? Sem me ensinar o vosso Espirito, q̃ louvores sey eu rendervos? Sem que o vosso amor me dè azas, quem bastará

para

para moverme? Sem que me chegue o vosso auxilio, que forças podem segurarme, quando a minha fragilidade cahe de si cada momento; & quando tantos inimigos cada instante me acometem, & me cercaõ por toda a parte? Venhaõ pois, Rey meu, venhaõ vossas misericordias. Permitti, que sempre a minha alma por vòs suspire, por vòs clame, & de vòs se valha, & se soccorra; comvosco se arme, & se defenda. Pois se sem vòs naõ sou nada, se ainda comvosco sou taõ pouco, de que impulsos mais que dos meus esperarey os meus estragos? De que Imperios mais que dos vossos alcançarey os meus soccorros? Debil he a praça de hũa alma, fraco o presidio dos sentidos, baixo o muro da natureza, leve o conselho do juizo, cego o governo da vontade: como pois, Deos meu, & Senhor meu, sem me ajudares nos assaltos, bastarey para as defensas? Como me haverey nas batalhas, sem vòs me dares as vitorias?

Naõ ignoro eu que a vontade por vòs se deve pôr em campo. Naõ duvido eu, que o alvedrio ha de tomar por vòs as armas. Nem desconheço, que devo tremolar vossas bandeiras. Pois sem que eu lide nos conflictos, naõ me dareis vòs o triunfo. Mas como hey eu de fiar de mim os vencimentos destes vis costumes, & destes riscos, se mil vezes tendovos por mim, eu mesmo fuy o meu estrago? Venhaõ pois desse Santo Espirito aquelles rayos soberanos, que allumiem, & desvaneçaõ as sombras da minha cegueira: q̃ rompaõ, & despedacem as nuvens de minha ignorancia: & que em fim, rasguem, & consumaõ as trevas de minha culpa. Accendase nas suas châmas, arda nas suas lavarêdas, purifique-se nos seus incendios, a vista, a alma, o coraçaõ, de quem se deseja mais puro, para que aos votos seja victima, para ser ara aos sacrificios, para ser templo à adoraçaõ. Pois assim venha esse vosso Reyno, & nos Imperios desta vida assim tudo vos obedeça, q̃ sendo Cidade de Deos esta confusa Babylonia, os sentidos vos façaõ Corte, a alma se vos faça Paço, & o coraçaõ vos seja leyto, com tanto gosto de servirvos, & adorarvos por meu Rey, por meu Deos, & por meu Senhor, que só para isto estime muito, para este ministerio ser Anjo, para este amor ser Serafim, para a essa Magestade ser trono. Vinde pois, vinde, meu Senhor: pois bem que pareça ousadia, querer que vòs a mim venhais, porque bem sabeis, que sem vòs virdes, naõ poderey verme comvosco. Necessario he, Sol divino, que arrebatem vossos ardores este vapor da terra humilde,

de, & que elevem vossas efficacias o pezo grave deste espirito, sempre para vòs taõ pezado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, desatem vossos rayos os caramélos desta culpa; para que correndome muito de naõ moverse esta frieza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servirvos.

Seja feyta a tua vontade.

E De tal sorte se faça em mim, que vencidas as repugnancias, com que se oppoem à natureza em huma perpetua negaçaõ do proprio amor, & de si mesma, em hũa continua indifferença para o que for vossa vontade: tudo o que em mim foy liberdade, pareça resignaçaõ: todo o que foy contradiçaõ, se faça em mim conformidade: taõ inseparavelmente me veja sempre unido a vosso gosto, taõ prezo sempre, & taõ atado, que sem poderem apartarme deste suave abraço d'alma os poderes de todo o mundo, a força, & arte do demonio, nem o amor cego de mim mesmo: firme me opponha a seus combates, como tronco, que sobre os montes resiste immovel às tormentas; & triunfe de seus assaltos como penha, que sobre as ondas se tem constante contra os mares em huma firmeza inalteravel: em huma constancia invencivel viva taõ prompto a obedecervos, taõ desejoso de agradarvos, & taõ destinado a servirvos, que recebendo os bens, & os males com gosto igual a todo o tempo, nesta melodia de espirito, & nesta doce consonancia de meu sentido, o coraçaõ goze daquella serenidade, com que a minha alma se suspenda, & com aquella humilde elevaçaõ, com que meu amor se vos una. Faça-se em fim vossa vontade:

Assim na terra, como no Ceo.

POis se nos Ceos, todos se amaõ, porque em si vos amaõ a vòs; & se vos amaõ sobre tudo, esses, que assim mais se amaõ, porq̃ se ha de condenar aquillo, que faz o Ceo? Porque haõ de fugir os homens de parecerse com os Anjos? Por ventura a vossa vontade he querer, que elles se condenem? Pretendeis vòs mais que salvarnos? Solicitais mais que attrahirnos? Sendo gloria a resignaçaõ, sendo o gosto a conformidade, naõ morrerey por estes gostos, que ainda no seculo saõ gloria? E sendo a culpa em si tormento, matarmehey por aquelles gostos que saõ inferno, ainda no mundo? Que saõ sem vòs os bens da terra, se os do Ceo sem vòs saõ nada? Della que posso eu desejar,

sejar, que vòs comvosco me naõ deis? E delle que posso eu querer, que vòs comvosco me naõ entregueis? E delle que posso eu appetecer, que vòs sem vòs me naõ concedais? Para alcançar a uniaõ, que me faz hum, meu Deos, comvosco, que meyo ha mais efficaz, que fazer a vossa vontade? Por isso os Ceos saõ vossa Patria, porque nelles perfeitamente vos chegamos a obedecer. Por isso nelles os Anjos, os Serafins, & os Cherubins vos contemplaõ rosto a rosto; porque naõ podem, naõ, querer mais que o que he vossa vontade. Por isso os Ceos saõ lugar, em q̃ vos vem os escolhidos; porque o serem lá huns comvosco, lhes fez tudo Bemaventurança.

Fazey pois, meu Creador, que naõ querendo toda a terra, mais que aquillo que quer o Ceo, naõ fazendo menos os homens, que aquillo que fazem os Anjos, conheçaõ, que para serem Ceo lhe falta só a obediencia: que para ter no mundo a Gloria, lhe falta só a conformidade: & para Bemaventurados, lhe resta só andar unidos com o que for vossa vontade. E assim, meu Pay, & meu Senhor, naõ só em mim, que fuy, & sou o mais perverso dos nascidos, & o mais ingrato dos homens, se glorifique o vosso nome, & se faça vossa vontade: porèm em todas as creaturas, do mar, & da terra, & do Universo; para que havendo em todo o mundo hum só Pastor, & hum só rebanho, assim vos amem, & vos louvem, assim vos sirvaõ, & obedeçaõ, que a terra pareça Ceo, & o mesmo Ceo se ache na terra. Mas se, Deos, & Senhor meu, nossa fragilidade faz, que cancemos no caminho.

O Paõ nosso de cada dia Espiritual nos dá hoje.

Dainos a todos o sustento; naõ que sobeje para o vicio, mas que baste para a necessidade. Os olhos de todas as creaturas estaõ postos, meu Creador, nessa Bondade, & Providencia, de quem esperaõ o alimento: vossa maõ sempre liberal nos enche cada dia a todos, & nos acode cada hora. Como pois de vossa Bondade me póde faltar a Providencia, quando espero confiado, & conheço agradecido? Se das entranhas da terra trazeis à mais humilde hervinha o succo, ou humor, de que se sustenta? Se nos penhascos, & nos montes o dais aos aspides, & às viboras, aos basiliscos, & às serpentes? Se os lirios da terra, que naõ lavraõ, se as aves do Ceo, que naõ fiaõ, se os peixes do mar, que naõ semeaõ, naõ ha dia que naõ recebaõ desta liberal maõ o com que vivaõ? Se vòs às feras intrataveis, se

vòs

vòs aos brutos mais terriveis, ou ministrais, ou consentis, que os elementos os sustentem, como faltareis aos humanos, que a vòs recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, & que vos rogaõ como a seu Deos?

Aqui pois, meu Creador, com este Paõ, aos que naõ tem mais celleiro, que a vossa Providencia; & daime o Paõ celestial de vossa Graça, & vosso Amor. Daime, Rey meu, & Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramento, ou em o Espirito; porque culpas de cada hora, cada hora pedem remedio. Seja esta a minha porçaõ, o meu manjar, & o meu regalo; & com taes lagrimas o busque, com tantas ancias o suspire, com tanta reverencia o receba, & o coma com tanto gosto, que indose a alma traz vòs, ou transformandovos comigo, em vòs me enlev e cada instante, comvosco me una cada hora, & para vòs morra toda a vida.

E perdoanos nossas dividas.

PErdoainos nossos peccados, ainda que o naõ mereçamos; pois tambem, sem que o merecessemos, nos creastes, & remistes. Usay, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa clemencia appella da vossa justiça. Pequey, meu Pay, & meu Senhor, errey, cegueime, & offendivos: merecedor sou, meu Jesu, do mayor inferno, & castigo, que póde darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peyor de todo o mundo, senaõ desagradarvos a vòs? Porèm que hey de esperar de vòs, sendo meu Pay, & meu Bem todo, senaõ que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçaõ, naõ tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja bondade incomprehensivel posta na cara de meus vicios me atormenta com a vergonha muito mais, que com os castigos. Pois vòs, meu Deos, & meu Senhor, quando naõ houvera mais em vòs, só por ella ereis dignissimo de atè no inferno ser amado.

Esta, meu Deos, he a dor grande, que tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia, que me atormenta pezaroso, & me despedaça arrependido. Vejome cheyo de maldades, de delitos, & peccados, & todos parecem, que me attrahem aos mais profundos precipicios, fugindo da vossa presença, como se ella fora o meu dano, querendo huma falsa humildade apartarme dos vossos olhos, onde he mais feya a minha culpa. Tem-me maõ o entendimento, a quem vòs sempre dais a maõ, gritando a razaõ dentro n'alma, que magoada

da se vos prostra, & compungida vos procura. Porèm de quem me hey de valer, ou para onde hey de fugir? Se me escondo da vossa ira, metido no centro da terra, lá encontro vossa presença. Se busco as entranhas do mar, para que me encubraõ de vòs, lá me assombraõ vossos castigos. E se occupo a regiaõ das nuvens, lá olho a vossa Magestade. Se subo ao ambito dos Ceos, lá vejo a vossa habitaçaõ. Se desço à sombra dos abismos, lá me prende a vossa Justiça. E em fim, se corro todo o mundo, em todo acho vosso Imperio.

Pois a quem, Pay, & Senhor meu, buscarey eu, para ampararme? A quem, meu Rey, & meu Senhor, chamarey eu, para acodirme? Por ventura será ao mundo, que tratou sempre de enganarme? Aos homens, & às creaturas, que intentaõ sempre confundirme? A carne, o vicio, & o demonio, que comvosco querem descompormes? Ao mar, ao vento, ao fogo, & à terra, que desejaõ soverterme? Todos olho, meu Creador, & a todos vejo contra mim, depois que esquecido de mim, & atrevendome contra vòs, ousey viver hum só momento, sem que deitado, & prostrado a vossos pès, confessasse minha culpa, & pedisse misericordia. Quem tenho eu, meu Redemptor, que acodisse nunca por mim, senaõ só a vossa Bondade? Quem fez já mais as minhas partes, para naõ vervos contra mim, mais que esse amor, essa piedade, que por mim se poz em huma Cruz? Todos os seus merecimentos, que eu nunca soube merecer, vos ponho diante dos olhos. Se olhardes as minhas maldades, como hey de olharvos, meu Senhor? Como chegarey eu a vòs, se vos virardes contra mim? Se me negardes o perdaõ, quem haverá, q̃ possa darmo? Se me naõ olhardes benigno, que valerá o arrependerme? Se entrardes comigo em juizo, quem poderá justificarme?

Se pois quereis, que eu me naõ perca, se desejais, que eu me converta, & salve, se medida vossa misericordia, parece pouco a minha culpa, naõ me condeneis, meu Senhor, perdoayme, Pay, & Deos meu, que aqui no altar de vossa Cruz todo escondido nessas Chagas, venho, meu Pay, offerecervos o sacrificio destas lagrimas, & os holocaustos destes suspiros, com hum coraçaõ muy magoado de havervos a vòs offendido, com huma alma muito dorida de havervos a vòs aggravado, com hũs olhos muy aggravados de apartar de vòs meus olhos. Perdoayme pois meus peccados, & a todos os mais peccadores;

Assim como nòs perdoamos aos nossos devedores.

EU perdoo, meu Creador, a todos quantos me offendèraõ; & quizera que na minha alma se acháraõ todas as do mundo, para de todas fazer hũa, para que tudo fora hum, & para que em tudo vos amàra. E naõ sómente lhe perdoo; mas quizera, que todos elles se perdoáraõ huns aos outros as offensas que fizeraõ. Perdoailhe vòs, meu Senhor, porque naõ sabem o que fazem. Naõ lhes sirva a elles de dano, o exercitar a paciencia; nem baste para os condenar, dar a outros em que merecer. E que razaõ tereis, meu Deos, para naõ perdoares aos peyores, se achastes razaõ nas vossas misericordias, para perdoarme a mim o peyor de todos? A mim o escandalo do mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hum monstro de delitos? Cuja vida foy taõ de bruto: cuja alma foy taõ de bronze, cujo coraçaõ foy taõ de pedra, que ainda hoje aos vossos rayos, & quasi sempre aos vossos olhos he fera, que naõ se amansa, he metal, que naõ se derrete, he penedo, que naõ se parte? Porque os deixareis, quando vos deixaõ? Porque os desempararareis, quando vos fogem? Porque os castigareis, quando vos aggravaõ, se me naõ aggravais a mim, que quando me buscais, vos fujo, que quando me chamais, vos deixo, q̃ quando me venceis, vos resisto?

Que achastes vòs em mim, meu Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutrinas? Que bons exemplos? Que serviços vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, & culpas chorado? E em fim que acçaõ, que fosse meritoria? Que obra, que naõ fosse ingratidaõ? Que erro, que naõ fosse delito? Este foy o peyor que este: & este foi eu o peyor de todos, servo inutil, & sem proveito, filho ingrato, & com mil culpas, homem perverso, & com mil vicios; penedo, & marmore, & naõ servo: que com razaõ cuido, que sou odio dos Anjos, & dos Santos, abominaçaõ dos nascidos, aborrecimento dos Ceos, & fastio de todo o mundo.

Se pois, meu Pay, & meu Senhor, sendo eu peyor q̃ isto tudo, ainda mayor q̃ tudo foy a vossa misericordia: como por todos os perversos, como por todos os peyores vos naõ pedirey perdaõ? Se as vossas entranhas, meu Deos, sendo todas misericordia, naõ pódem sofrerse hum instante, que naõ acudaõ aos gemidos, q̃ huma alma dá dentro na culpa: será possivel, meu Senhor, que vejais vòs hũa só lagrima de hũ coraçaõ arrependido, sem que venhais correndo a ella, mais do

que corre para vòs? Sofrervosha o coraçaõ ver entre os lobos infernaes a vossa ovelhinha perdida, sem que ao balido menos brando, sem que ao clamor menos dorido, a naõ defendais do seu dano, & a naõ ponhais aos vossos hombros?

Naõ viestes vòs cá ao mundo a salvar os peccadores? Pois naõ os sãos, mas os enfermos necessitaõ da medicina. Logo, meu Pay, & meu Senhor, razaõ tendes de perdoar, & a tenha eu de vos pedir; pois entre o mundo, & entre vòs me fizestes seu medianeiro. Faça já paz o Ceo, & a terra: obedeça-se à Ley da Graça, & acabe-se o Reyno da culpa, para esse coraçaõ naõ ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio; achar nos imperios da morte tanta jurisdiçaõ nas almas; pôr nos carceres dos infernos tantos prisioneiros do demonio; & ver nas batalhas do mundo taõ poucos trofeos da razaõ, taõ poucos triunfos da Graça.

E naõ nos deixeis cahir em tentaçaõ.

Porque ninguem, meu Creador, como vòs sabe as nossas forças. E se me haveis de levantar, sofrendo a injuria, que vos faço, para que he deixarme cahir, vendo a minha fragilidade, & sabendo o pouco, que presto? Mas oh meu Deos, & quantas vezes para cahir bem na razaõ, sendo o meu mal haver cahido, o conhecello me foy util! Como me conhecèra eu, como vira bem o que sou, se sem temer o que estou sendo, me naõ lembràra do que hey sido? Como serey, qual vòs quereis, ou qual ao menos me he possivel, se me naõ lembrar que fuy nada? se me naõ conhecer que sou terra? & se naõ vir que serey cinza?

Aquelles cegos precipicios, com que me puz de vòs taõ longe na escura regiaõ do vicio, nos remotos climas da culpa, que saõ, senaõ despertadores, com que hoje me ponho à luta para naõ tornar a cahir, & para naõ tornar a peccar? Que saõ hoje, senaõ huns medos, que faz a razaõ à vontade com os desterros de seu bem, & com os vultos de seu mal?

Aqui parece que as memorias nos estragos do coraçaõ pintaõ as Troyas, & Carthagos, que tem as almas dentro em si, quando em si tem seus delitos. Aqui parece que ainda fumaõ as ruinas da perdiçaõ a ser da vida desenganos, & das vaidades escarmentos. Aqui parece que ainda mostraõ aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do fallo bem, que idolatramos, do certo mal, que em nòs metemos. Sirvaõ para isso, meu Deos, & Creador, os avisos do mal: sirvaõme para prevenir os

futuros, pois neste meu entendimento se naõ achaõ outros avisos. Preguem-me os vicios, & os enganos, em o pouco que saõ de dura, & em os castigos, que tem, pois naõ quiz ouvir a razaõ, & os desenganos, que me dava. Ensinem-me os mesmos peccados a torpeza, que tem comsigo, pois naõ escutey às virtudes a graça, com que me attrahiaõ. Arrastem-me a ver os seus fins as vaidades, & ambiçoens, pois naõ bastou o exemplo alheyo a meterme na alma a razaõ. E em fim leveme a ver meu erro o mesmo erro, em que cahi, para que desta grande queda, a dor me sirva de lembrança, & a memoria de medicina.

Porèm fazey que em vossos braços me aperte, & una de maneira, que nunca mais, meu Redemptor, perca de vista os vossos olhos, sahindo de vossa presença: nunca mais me aparte de mim, fugindo de vossa lembrança; nem com a minha perdiçaõ queira comprar a vossa injuria. Se achey graça nos vossos olhos, tornem-me a ver benignamente. E aceitandome hum coraçaõ, que ao vosso peito restituo, naõ desprezando huma vontade, que ponho já nas vossas mãos; antes erguendo o meu espirito, seja de ambos; meu, para vo lo offerecer, vosso, para o melhorar. Se atègora cahi em culpas, vòs podeis fazer, meu Senhor, com que hoje vos caya em graça. Se atèqui me precipitey, vòs podeis erguerme daqui. E se ainda naõ estou erguido, deixaime, meu Deos, humilhado. Daime humildade, meu Senhor; pois naõ se segùra o edificio com a pedra, que o corôa, senaõ com a que o sustenta. Menos mal me faz todo o mundo, menos a carne, & o demonio, que este amor proprio, que mil vezes he o meu mal, & o meu estrago. Vista-se este de humildade, & amortalhe-se no desprezo destas quimeras fabulosas, cõ q̃ se doura o seu perigo: meta-se debaixo dos pès de todo o mundo, & creaturas, & conheça-se por peyor de todo o mao que ha neste seculo: para que debaixo dos pès naõ se me erga o precipicio, & sempre diante dos olhos se lhe ponha a vossa vontade.

Mas livrainos de todo mal. Amen.

FAzendonos já conhecer, que naõ ha mais mal que offendervos, nem outro bem mais, que servirvos. Esta seja a minha ambiçaõ, a minha honra, o meu recreyo; & tudo o mais o meu desprezo, o meu odio, o meu escandalo. Hũa leve venialidade, hum pensamento indifferente, & hũa só palavra ociosa sejaõ horror dos meus sentidos, assombro do meu desengano, & me-

dôs do meu escarmento. Naõ faça a alma pouco caso disto, que parece pouco, quando qualquer aggravo vosso feito por mim parece grande, & olhado em vòs parece muito.

Ande a minha alma, meu Senhor, tam limpa na vossa presença destas manchas, & destas nodoas: viva taõ puro o coraçaõ sem estas sombras, & fealdades, que se namore em vossos olhos, senaõ da sua fermosura, ao menos da sua pureza; quando naõ das suas perfeiçoens, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume, & claridade se aclare o lume dos meus olhos, & se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acçoens com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu, naõ dos males que sente o mundo; isto saõ, as tribulaçoens, enfermidades, & fadigas, com que se afflige a natureza, com que às vezes gosta a Graça, porque com ella se acrisola: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens, saõ precipicio da ignorancia, com que perdemos a humildade, & nos desvanece a ruina; porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, a quem fez dano daremlhe azas, pois forçando-as para voar, voaõ em fim para cahir.

Hum sonhar que temos virtudes, humas mentidas humildades hipocrisia da vangloria, hũ naõ fugir às estimaçoes, & hum naõ entrar dentro de nòs, & naõ conhecer miudamente, que todo o que he bom, he de Deos; que tudo o que he mao, he só nosso: hum pôr o thesouro na estrada, para que o roube, quem o vè; hum julgarnos muito seguros no meyo das ondas do seculo, naõ recear o temporal, que de hũ arzinho se occasiona, porque o Ceo se nos mostra claro; & antes de estar certo no porto, naõ temer as Sirtes, & os mares, naõ he sómente achaque d'alma, mas he a peste das virtudes, & o symptoma mayor do espirito: de que eu peço que me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu Senhor.

Que tenho eu bom, que vosso naõ seja? Que acho eu em mim destas riquezas, de tantos beneficios vossos, que esteja em mim, mais que em deposito, para que vòs possais tirallo, todas as vezes que vos parecer? Indigno sou, meu Creador, de que ainda assim vossos thesouros se fiem de quem taõ mal os guardou. Porèm nunca vòs permittais, que eu desconheça, o que em mim ha; ou me levante com o vosso. Vòs me déstes o entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu

Senhor, que naõ recebesse de vòs? Por ventura o pò, & cinza vangloriarseha do nada, que he sómente o que tem de seu? Prezarseha hũ vil bichinho daquelle naõ ser, que só teve em quanto naõ quizestes que fosse? E jactarseha o peccador da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio?

Oh naõ permittais, meu Senhor, que com taõ cegas confianças se offendaõ vossos beneficios! Abaixe as velas a vaidade, abata as bandeiras o engano, meta-se por dentro a razaõ, encolha-se sempre a humildade, & naõ se louve nunca a Graça destas traiçoens da natureza. Temavos sempre muito a vòs, quẽ se teme tanto de si; & naõ se ame a si em nada, quem vos ama a vòs sobre tudo.

Fazey, meu Deos, que em tençoens boas naõ se passe todo o tempo; pois a prova de algũas dellas póde ensinarme no custoso, quam outro sou do que imagino. Nem vòs queirais, que as suavidades, & aquelles doces sentimentos, que às vezes tem, quem vos assiste, sejaõ Serèas enganosas, que me elevem no meu perigo: antes, meu Deos, me day a Cruz, com que puder; & conheça eu, que ma dais, para que a estime como joya, para que a abrace como prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, tenha eu entrada comvosco, subindome muito por ella, pois ella he a Taboa, em que me escapo dos naufragios do mar do mundo: pois he a Escada, porque subo ao vosso celestial Palacio: & he tambem a Chave dourada do vosso melhor aposento. Suba por ella atè o centro, onde só acho a minha origem, & abra com ella em vosso peito as portas desse coraçaõ, onde só tenho o meu bem todo, & onde viva o meu amor por todos os sempres.

E se, meu Pay, este desejo; se, meu Senhor, esta humildade; se, meu Deos, esta Oraçaõ he conforme à vossa vontade; para que sempre assim vos busque, para que sempre assim me prostre, para que sempre isto vos peça, digaõ os Ceos, & a Terra. Amen.

ES-

ESPELHO DO ESPELHO,

EM QUE SE DEVE VER, E compor a alma, que quer chegar à uniaõ de Deos.

I. VISTA.

VER se ama a Deos sobre quanto se póde amar, mais que o Ceo, mais q̃ a vida, mais que a honra, &c.

II.

Se aborrece o peccado sobre tudo quanto se póde aborrecer, mais que a morte, que o inferno, & que o demonio.

III.

Se tem firme proposito, que está certo, & resoluto, que antes ha de morrer que peccar, ainda que o offendaõ na honra.

IV.

Se ama entranhavelmente a Deos, naõ só como Misericordioso, senaõ como Justo: & se faz taõ bom agasalho no coraçaõ à sua rigorosa Justiça, como à sua amorosa Misericordia.

V.

Se aceitàrá de boa vontade, estar antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.

VI.

Se estivera no inferno de boa vontade, quanto Deos quizera, a troco de dar com isto alguma gloria a Deos.

VII.

Se por seu amor de boa vontade deseja padecer de todo o coraçaõ por amor de Deos, & ama os desprezos, & aborrece os applausos do mundo.

VIII.

Se deseja fervorosamente cõformar a sua vida, & transformarse todo na vida, dores, &

virtudes de meu Senhor Jesu Christo crucificado.

IX.

Se despreza alguem, ou se se tem por melhor que outro, ainda que tenha vida mais justificada; porque he soberba.

X.

Se se queixa, ou folga de desculparse, quando o murmuraõ; porque quem tem verdadeiro amor de Deos, naõ se desculpa, nem se queixa.

XI.

Se está prompto para abraçar todas as tribulaçoens, que por amor de Deos lhe vierem, & por zelar a honra de Deos; & se está aparelhado para todo o desemparo do corpo, & espirito, & atè do mesmo Deos, como naõ seja perder sua amizade.

XII.

Se deseja estender por todas as creaturas o amor, & louvor Divino; & se faz quanto póde para que assim seja.

XIII.

Se se entristece das offensas de Deos, & da vida relaxada dos peccadores, & por elles offerece a Deos algumas penitencias,

XIV.

Se se alegra que haja outros muitos, que vivaõ santamente, & façaõ mayores cousas que elle, por gloria do Senhor.

XV.

Se dera as suas boas obras aos que estaõ em culpa para se pórem em graça, & às Almas do Purgatorio, para se livrarem de penas; contentando-se com ficar ingreme na vontade, & bondade Divina.

XVI.

Se tem Oraçaõ continua, & anda na Divina presença por mais occupaçoens, ou lida que tenha.

SE-

SEMELHANÇAS
Que tem o verdadeiro Amor de Deos com a Morte.

Fortis est ut Mors Dilectio. Cant. 8.

QUem tem perfeito Amor de Deos, ha de achar no seu Amor estas semelhanças.

I.

He, que contra a Morte naõ ha resistencia: assim nada resiste ao Amor de Deos; se a vontade ainda resiste, se o corpo, se a Alma, se os sentidos, naõ ha ainda Amor perfeito.

II.

A Morte tira os sentidos ao corpo, mas naõ tira à Alma a razaõ; antes fica mais perfeita: assim o amor tira os sentidos mortificando-os, mas naõ tira a razaõ ao entendimento; antes o aperfeiçoa no conhecimento proprio de Deos.

III.

A Morte em toda a parte póde succeder, em todas as occasioens tem occasiaõ, em todo o lugar póde ser, em toda a parte tem porta aberta, comendo, rezando, passeando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa, &c. Assim em toda a parte se póde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasioens, & acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que naõ seja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos do meu coraçaõ, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vòs creyo, em vòs espero, a vòs adoro, & amo sobre todas as cousas.*

IV.

He, que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: assim todo o nosso bem pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que todo o que naõ he bom para a hora da Morte, naõ he bom para a Alma: assim tambem naõ he para a Alma, o que naõ he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargosa para os maos, & doce para os bons: assim o Amor de Deos he amargoso para os appetites, & doce

doce para a razaõ, & affectos que naõ saõ maos.

VII.

E muito principal he, que quem morre, já naõ póde tratar dos bens desta vida, senaõ dos eternos, se morre bem: assim quem quer bem a Deos, naõ trata dos bens desta vida, só se lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata só por matar, naõ tira interesse nenhum de que morraõ o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Pequeno: assim o Amor de Deos ha de ser por amallo, sem interesse desta vida, caridade perfeita, & nù de tudo o que naõ he Deos.

IX.

He, que o Homem nasce para morrer: assim tambem o Homem nasce para amar a Deos.

X.

He, que para haver boa morte, he necessario boa vida: assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitando-se em todas as virtudes, que forem possiveis.

XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: assim o Amor de Deos de todos deve ser alivio.

XII.

He, que na Morte se acabaõ brevemente as penas: assim todas as nossas, em havendo Amor, brevemente se acabaõ.

XIII.

He, que a muito se atreve, quem se atreve à Morte; por isto saõ louvados os Martyres: assim a muito se atreve, quem se offerece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as difficuldades, & impossiveis lhe haõ de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte descobre os enganos do mundo: assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganos do seculo.

XV.

Muito para notar he, que diz o Espirito Santo, que quem se lembrar da Morte, naõ peccará mais: *Memorare Novissima tua, & in æternum non peccabis.* Assim quem se lembrar do Amor de Deos, naõ ha de peccar.

XVI.

He, que a Morte muda os sugeitos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, naõ sente o que lhe fazem: assim o Amor muda as creaturas, de modo que como mortas naõ sentem o que sentiaõ, antes quem antes de amar a Deos naõ se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, já naõ sente, ama, & ama ao mao trato, &c. por isto a Justificaçaõ se chama Conversaõ, que he mudar em outro.

He,

XVII.

He, que a Morte naõ tem mais que hum contrario, que he a vida: assim o Amor de Deos naõ tem mais que hum inimigo, que he o peccado, que he o seu destruidor; todos os mais inimigos, carne, mundo, & demonio, em tanto saõ inimigos d'alma, em quanto occasiaõ de peccados, mas vencidos todos elles, seraõ para crescer o amor.

XVIII.

De hum morto naõ sahem mais que gusanos, que lhe roem as entranhas: assim de huma alma enamorada de Deos sahe o bicho gusano da Conciencia, que a roe com a memoria, & contriçaõ das passadas culpas, com a dor dos descuidos presentes, que a estaõ sempre mordendo, & atanazando.

XIX.

A Morte deixa huma alma só acompanhada de suas obras, & em presença de Deos: assim o Amor deixa huma alma só, dizendo que naõ quer mais que a Deos, vestindo-se para isso de suas obras.

XX.

He, que hum morto logo dá cheiro de si em quanto o naõ enterraõ: assim quem ama a Deos, logo cheira a seu Amor, & naõ o póde encobrir atè se meter numa cova.

XXI.

He, que a Morte he ley que se poz a todos, naõ se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori*: os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebèos, enfermos, nescios, & sabios estaõ sugeitos às Leis da Morte: assim tambem estaõ todos sugeitos às Leis do Amor, & devem amar todos a meu Senhor Jesu Christo.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propositos de nunca mais peccar: assim quando chega o Amor, devemos fazer hum firme proposito de nunca mais offender a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.

SI-

SINAES DO PERFEITO Amor de Deos.

I.

PRimeiro final do Amor de Deos: he cuidar sempre no que se ama; & quanta he a lembrança, & memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agostinho: *Mensura Amoris, memoria est.* Se naõ cuidamos muito em Deos, naõ o amamos muito, & he impossivel, que folguemos de meter em o coraçaõ, o que naõ trazemos no sentido; se Deos he o nosso Amor, elle he o nosso cuidado; a força com q o Amor entra por dentro d'alma, naõ permitte que esteja ociosa a memoria.

II.

He gostarmos de fallar em Deos a meudo; vemse o coraçaõ à boca: he o Amor como o azeite, que logo revè por fóra; por fóra ha de dar sinaes do que está dentro, como o Sol na nuvem, & na chaminè o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos; naõ ha quem naõ se alegre, gabandolhe, ou fallandolhe no que ama; hum suave sobresalto causa nas almas, que tem entregue o seu coraçaõ a meu Senhor Jesu Christo: Deos he setta, em se bulindo na setta, de que hum está atravessado, logo dá sinal de que a sente.

IV.

Se os desejos de Deos se poem por obra. A arvore que naõ dá fruto, má arvore: Nao que vem da India vazía, triste Nao: Jardim que naõ tem huma flor, mao Jardim: Alma que deseja fazer por Deos grandes cousas, & naõ faz nada, miseravel alma.

V.

Se visita a meudo os Templos dedicados a Deos: se he Religiosa, veja se visita muitas vezes o Santissimo Sacramento, ainda que seja com hum Padre nosso, & huma Ave Maria, & se ama o Coro, & os santos exercicios, & se reza com reverencia, & devoçaõ o Officio Divino.

VI.

Se dá esmolas aos necessitados por caridade, & naõ por vangloria; se com suas Oraçoens, disciplinas, bom exemplo, & bons conselhos ajuda os proximos.

VII.

Se se naõ agasta com os trabalhos, & sofre com paciencia,

&

& alegria as necessidades, doenças, afrontas, & miserias, que Deos permitte para nossa prova; porque ao ouro de nossas almas nesta fornalha se tire o que tem de terra, & as fezes, que impedem a uniaõ Divina.

VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que nos manda Deos em sua Ley, & temos de obrigaçaõ, segundo nossos estados.

IX.

Se arrefece em nòs o amor, que antes tinhamos ao mundo; porque se este naõ esfria, he final que o Amor de Deos naõ se acende, naõ ha tal Amor, naõ se póde servir a dous Senhores, nem com huns mesmos passos caminhar para o Norte, & para o Sul. Quando o Amor de Deos começa, he final certo, que o do mundo acaba: a alvura na parede deita fóra a negrura; se a negrura do amor do mundo reyna, ainda naõ ha brancura.

X.

Se honra, & estima os servos de Deos, & gostosamente os ouve, serve, consulta, & obedece, em especial aos Pays Espirituaes; ou se aborrece atar o espirito, ou a vontade à obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Espiritual, & governe-se por elle.

XI.

Se folga de darse ao retiro, & ao silencio, para que estando só retirado do mundo, converse, & falle com Deos: quem se naõ retira de creaturas, & de deleites, & de peccados, naõ chega à uniaõ com Deos.

XII.

Se tem Oraçaõ continua, & se em tudo o que faz deseja contentar a Deos, & faz por naõ sahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intençaõ, & de conciencia, chegandose a meudo à Sagrada Communhaõ.

XIII.

Se folgamos, & nos alegramos de que todos amem, louvem, queiraõ, estimem, & obedeçaõ a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nòs he por estender por muitas almas o Amor de meu Senhor Jesu Christo; cançandonos o possivel porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as almas; & que em quantas podemos, se destrua o Reyno do peccado, & o imperio do demonio, de que devemos ser publicos, & capitaes inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

EXERCICIO DE
Mortificaçaõ para toda a Semana.

A segunda feyra.

MOrtificar os sentidos dos olhos, naõ olhando de advertencia para creatura alguma, fazendo muito porque esta exterior compostura do rosto, & vista seja memorial da interior modestia, & recolhimento da alma na presença Divina, andando em fé de que está na presença de Deos, sem se pôr a examinar, como he Deos, que figura tem, se está em pè, se assentado, de que cor, ou de que feiçaõ, ou onde morava, antes que fizesse o mundo; & outras cousas como estas. O que he immenso, como se póde medir? O que he infinito, como se póde alcançar? O que he incomprehensivel, como se póde comprehender? Basta conhecerse a Deos debaixo da razaõ de Bonissimo, Sapientissimo, Fermosissimo, Clementissimo, Liberalissimo, Pay, Amigo, Esposo de nossas Alma, Rey de todo o Universo. Só quando estiver em parte que possa olhar para o Ceo, póde erguer os olhos, porque, como dizia Santa Teresa: Olhar ao Ceo faz recolher os sentidos. E se olhamos para o Ceo, (como dizia Santo Ignacio) vil cousa nos parece a Terra. Este dia se tomaráõ trinta & tres golpes de disciplina, à honra dos trinta & tres annos de meu Senhor Jesu Christo, na uniaõ do que padeceo na Coluna. E examine à noyte, como guardou este sentido: & reze aos olhos de Christo hum Padre nosso, & huma Ave Maria, em satisfaçaõ dos defeitos que nisto teve, & em acçaõ de graças. E assim fará todos os dias à noyte, conforme a mortificaçaõ. E visitará o Santissimo Sacramento huma vez.

Terça feyra.

MOrtificará os ouvidos, principalmente em fugir das conversaçoens perigosas, desejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver saude, traga cilicio duas horas. E se puder, visitará o San-

o Santissimo Sacramento, ainda que naõ seja mais que com hum Padre nosso, & hũa Ave Maria.

Quartafeyra.

MOrtifique o sentido do gosto, jejuando de ordinario, & fazendo alguma mortificaçaõ no sustento, & totalmente pelo que for regalo ande cuidando nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Discipline-se à noyte por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santissimo Sacramento, na fórma acima dita.

Quintafeyra.

MOrtifique o sentido do olfacto, fugindo de todas as cousas de cheiro, & por algum espaço, buscando algum tormento deste sentido: quando naõ tenha em que se mortificar, exercite-se este dia em actos de humildade, & paciencia, fazendo por naõ cheirarlhe mal nenhuma palavra, nem afronta, que lhe façaõ. Faça vinte & quatro actos de amor de Deos, dizendo: *Meu Deos da minha alma, da minha vida, & do meu coraçaõ, antes morrer, que peccar; antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.*

Sestafeyra.

MOrtifique o sentido do tacto, pondo pela manhãa cilicio atè o jantar, se tiver saude; à noyte disciplina por espaço de hum Miserere. Naõ se toque, nem se coce de advertencia. Naõ se veja ao espelho, nem parte alguma sua. Jejue, se puder, a paõ, & agua; & visite tres vezes o Santissimo Sacramento, fazendo por ter dor de seus peccados; faça por andar cuidando este dia nas dores de meu Senhor Jesu Christo crucificado.

Sabbado.

FAça por guardar silencio todo o dia, buscando lugares sós, & solitarios, onde esteja só em presença, ou memoria de Deos; & naõ falle de advertencia, mais que a responder o que se lhe pergunta: visite as vezes q̃ puder o Santissimo Sacramento. E tome-se residencia este dia, como guardou os sentidos toda a Semana: reze hũa Ave Maria, & hũa Salve Rainha a N. Senhora.

Domingo.

MOrtifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vòs Deos meu? pois nada mais que Deos.* E faça que nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se dete-

detenha cousa, que naõ seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrança todo aquelle dia em actos de Fé, Esperança, & Caridade. Visite cinco vezes o Santissimo Sacramento. E se for dia de Communhaõ, & se quizer trocar o exercicio deste dia com o do Sabbado, póde fazello; & ao Sabbado faça o deste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meteráõ na cova, & na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contriçaõ, & de Amor, deite-se, & a primeira cousa, que disser em acordando, seja: *Louvado seja Deos.* E offereçalhe logo à sua gloria, & honra as obras, que fizer naquelle dia, & as de toda a vida.

EXERCICIO BREVE

para a santa Oraçaõ.

A Oraçaõ consta de cinco partes: Preparaçaõ: Liçaõ, Meditaçaõ, Petiçaõ, & Acçaõ de graças.

Posto de joelhos diante de alguma Imagem devota, ou onde quer que for, benza-se, & beije o chaõ, & faça este Acto de Contriçaõ.

Meu Senhor Jesu Christo, Deos, & Homem verdadeiro, Creador, & Redemptor meu: pequei, fiz mal, cahi como peccador. Por serdes infinitamente bom, me peza de todo o coraçaõ havervos offendido. Proponho firmemente com vossa Graça emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, & Payxaõ me perdoeis minhas culpas. Senhor, antes morrer, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoçaõ das Chagas de meu Senhor JESU Christo, sirva para composiçaõ de lugar, Representar hum Deserto, em o qual em cinco Penhas ingremes estaõ cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a alma, tendo tençaõ de viver solitaria, (isto he, apartada das creaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & que se deter-

determina a viver nellas, huma dia em cada homa.

Deserto, quer dizer cousa só, & desemparada: o Deserto he meu Senhor Jesu Christo, que naõ ha quem queira morar nelle, & assim está desemparado do mundo.

As Ermidas saõ suas Divinas Chagas: estaõ em penhas ingremes, porque parece cousa difficultosa viver metida a alma nestas Chagas Santissimas; & por isto estaõ como deshabitadas. Tanto que a alma considerar isto, dirá de todo o coraçaõ: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvo a viver comvosco, apartado por vosso amor de todas as creaturas. Escolho para morada de minha alma este Deserto, & por casa vossas Santissimas Chagas. Eisme aqui, meu Deos, se me quereis; aqui quero estar toda a vida.*

Tomando isto para Meditaçaõ, fará primeiro a Oraçaõ seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor Jesu Christo, que sem eu o merecer, me tirastes do nada que antes era; & depois por vossa Bondade immensa me fizestes sahir do pégo do mundo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & soberba; do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo inferno de meus peccados. Peço-vos (meu Senhor) que assim como sem o merecer, me livrastes da perdiçaõ, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me naõ deixeis cahir nelles, & fazey com que todas as minhas obras, pensamentos, & palavras se dirijaõ a vossa mayor gloria, & honra puramente; porque vós sois digno de ser summamente amado, louvado, & obedecido: & porque assim quereis que eu o queira, & o faça, & por todos os sempres dos sempres. Amen.

Feita esta Oraçaõ, feche os olhos, & represente-se neste Deserto, isto he, dentro de Christo; & tome huma Chaga para cada dia. Nella medite quem he aquelle Deserto, isto he, quem he Deos, immenso, infinito, eterno, incomprehensivel, que padeceo. Considere os tormentos, & agonias do Horto, da Coluna, ou da Coroaçaõ de espinhos, ou da Rua da Amargura, ou do Calvario; ou principalmente a dor que padeceria naquella Chaga, em que se mete a alma.

E se for na do Lado, considere o amor, com que aquelle coraçaõ Divino se expoz a todo o tormento, & que ainda depois da morte deu agua, para nos lavarmos, & sangue para nos redimir. Faça por estar abraçando aquelle amorosissimo coraçaõ; considere com que paciencia, com que caridade, com que desejo de nossa salvaçaõ padeceo.

Gg E me-

E medite principalmente por quem, por nòs peccadores, & por hum de nòs; pois dizem os Doutores sagrados, que se hum só houvera no mundo, viera a padecer só por elle: & conforme a tençaõ do Espirito Santo, gaste nisto meya hora, ou o tempo que puder.

Acabada a Meditaçaõ, pedirá a nosso Senhor o mais necessario para sua salvaçaõ, & para sua alma; a Graça, as virtudes, a perseverança, & os bens espirituaes, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvaçaõ, & bens de seus proximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Ultimamente dará graças a Deos deste superior beneficio, que delle recebeo; porque ter Oraçaõ, he dom particular do Espirito Santo, & final de Predestinado. Desejará meterse em todas as Creaturas do Ceo, & da Terra, para que com todas o louve, & ame; desejando fazer hum amor do que lhe tem todas, para mais ardentemente amar, & servir a Deos. Desejará meterse em Deos Pay, para amar com seu amor a Deos Filho; & em Deos Filho, para amar com seu amor a Deos Pay; & em Deos Espirito Santo, para se unir melhor com elle.

Feito isto, fará muito por conservar todo o dia a memoria de Deos; & naquella Chaga em que andar, como se estivera nella metido, alli coma, beba, durma, falle, ore, estude, & faça quanto fizer, isto he, com lembrança sua; & o que naõ fizera, andára, ou dissera à vista de Christo, naõ faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por gloria, & honra, & amor de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

ORAÇAM PARA ALCANÇAR ardentemente o Amor de DEOS.

Meu Deos, ou vòs me quereis, ou me naõ quereis: se me naõ quereis, hey de queixarme de vòs (meu Deos) aos Ceos, & à Terra, pois me creastes para me engeitar; & se me quereis, meu Deos, eisme aqui, na vossa Casa estou, fazey de mim o que quizerdes. Quando pois, (meu Deos) quando ha de ser isto, (meu Senhor) que me queira o vosso Amor; & que com

com o vosso Amor me estale o coraçaõ? Quando (meu Jesus) ha de ser o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes desejos, & entranhaveis suspiros, & com abrazados fervores se ha de acender a minha alma, & abrazar a minha vontade em vosso Divino Amor? Quando, (meu Deos) quando, Senhor, quando, meu JESUS, com abrazada sede das eternas doçuras, & da vida Eterna, & Celeste, haõ de andar as minhas ancias em lagrimas, & gemidos por esses ares, gritando ao Ceo, & fugindo à Terra? Seja, meu Deos, seja, meu Senhor, seja, meu Jesus, seja isto hoje, & naõ à manhãa; seja agora, meu Jesus, & naõ daqui a pouco; seja logo, meu Deos, & naõ ao depois; seja já, meu Senhor, & naõ logo. Aqui me tendes, meu Senhor, & meu Jesus, naõ seja mais tarde isto; rompa-se este penedo em fontes de lagrimas por vosso amor, & por minhas culpas. Desfaçaõ-se meus olhos em pranto, meu coraçaõ em suspiros, minhas entranhas em doridas màgoas por meus peccados, & aceso todo em meu Deos, em chammas de Espirito, & em celestes lavaredas, acabe já de consumir, & abrazar esta arvore sem fruto, esta terra toda espinhos, & esta alma de penhasco para vòs, meu Deos, sempre dura, & para o mundo taõ branda; para os vicios taõ viva, & para vossa Graça taõ morta. Oh meu Deos, & meu Senhor, se em mim houvera, meu Jesus, toda aquella reverencia, com que vos servem, & louvaõ todos os Anjos do Ceo, & Justos da Terra, essa fora, meu Deos, a minha gloria. E se eu só vos pudéra ter tanto amor como os Serafins do Ceo, essa fora a minha delicia. E se vos pudèra receber com outra tanta pureza como a Virgem Maria vossa Máy, essa fora a minha ventura. Se pudèra estenderme por todas as creaturas do mundo, & amarvos juntamente em cada huma, como todas juntas vos amaõ, essa fora a minha alegria. Se pudèra amarvos, meu Deos, que fosse ao Ceo, & roubasse o que quizesse, a todos deixaria a Gloria, mas o Amor naõ lho deixaria, porque todo me pareceria pouco para vos amar. E se de todos os coraçoens do mundo pudèra fazer hum só, só a vòs, meu Deos, & Senhor, o dèra. E se de cada area do mar, & de cada Estrella do Ceo, & de cada flor da terra, & de cada letra dos livros, & de cada penna das aves, & de cada pelo das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabello das gentes, pudèra fazer mil mundos de almas, mil mares de condiçoens, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos; & em cada hum destes multiplicados outros tantos, como

eu desejo em cada hum : todos, meu Deos, vo los déra, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & naõ paràra nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vòs sois, vos adoràra por meu Deos, & andàra fazendo Ceos, & Almas, creando vidas, & espiritos, erguendo Templos, & levantando Altares, em que, meu Jesus, fosseis adorado, & servido. Se fora o que vòs sois, deixàra de o ser, porque vòs o fosseis; contentandome, meu Deos, com que algũa hora, vendome a vossos Divinos pès, puzesseis em mim vossos santissimos olhos, com algum sinal de amor, & boa vontade. Meu Deos, meu Senhor, meu Jesus, & meu Esposo, por tantas razoens digno de ser amado, querido, & desejado: Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eterno bem meu, & meu Jesus de minha alma, já que naõ posso fazer isto, deseje eu sempre isto, & faça-se finalmente sempre vossa Divina vontade em esta vilissima, torpissima, & indignissima creatura vossa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vosso, por todos os sempres dos sempres. Amen Jesus.

DO

DO ULTIMO FIM,

& summo Bem.

Em seis Discursos Moraes, a que deu nome de Luzes o Veneravel P.

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

DISCURSO I.

Ponderaõ-se os males, que comsigo trazem os discursos, & faltas de consideraçaõ do nosso ultimo fim, para que fomos creados.

TODA a perdiçaõ do mundo de duas razoens nasce, de duas fontes procede: a 1. de desprezarmos o summo Bem, para que fomos creados: a 2. de amarmos como ultimo fim qualquer bem caduco em culpa pretendido. Estes dous males fazem todos os que peccaõ; porque qualquer peccado mortal naõ he outra cousa, que hum apartamento voluntario de Deos, & da sua Ley: *Peccatum est aversio à Deo.* Eis-aqui desprezado o summo Bem. E hum determinado affecto, com que se ama a creatura: *Et conversio ad creaturam.* Eis-aqui adorado como bem o summo Bem. Oppoemse estes dous males da culpa, a dous bens, que nos inculca a graça: o primeiro, apartar do peccado, que he o verdadeiro mal: *Diverte à malo.* O segundo, fazer o que nos manda Deos, que he amallo como infinito Bem: *Et fac bonum: Diliges Dominum, &c.* Por isso se queixa o Senhor pelo seu Profeta destes dous males, com que o aggrava quem peccando o des-

Psalm. 33.15.

preza: *Duo mala fecit populus meu.* O primeiro, deixar a fonte da Graça, onde se bebe a eterna vida: *Me dereliquerunt fontem aquæ vivæ.* O segundo, buscar com anciosa sede as cisternas torpes da culpa, onde se bebe o veneno da morte eterna: *Et foderunt sibi cisternas dissipatas, quæ continere non valent aquas.*

Jerem 2.13.

Se pois os mortaes considerà-raõ para que fim nascèraõ, facilmente cahiraõ na razaõ: que naõ creou Deos o homem para tam baixos centros, como saõ honras mundanas, riquezas terrenas, delicias caducas, & outros torpes, & imaginarios extremos, de que os peccadores fazem seu ultimo fim a modo de Borboletas nescias, que tendo por felicidade o seu dano, adoraõ, & galanteaõ o seu perigo, atè que pagaõ o seu erro em irremediavel incendio. Se cuidàraõ na brevidade da vida, no engano, & perdiçaõ de todos os gostos della, na vaidade do mũdo, no immenso espaço da Eternidade, nos caminhos da Penitencia, & da culpa, nos termos da morte, & juizo, nos fins do Ceo, & do inferno, que certo fora dar volta à vida, & tratar efficazmente da salvaçaõ, que he o mayor negocio de nossas almas! Esta consideraçaõ Christãa nos estimula ainda hũa generosidade gentilica: dizia Seneca de si, que era mayor, & nascido para mayores cousas, que ser escravo de seus sentidos: *Maior sum, & ad maiora natus, quàm ut mancipium sim sensuum meorum.*

Senec. Epist.

Porèm nem a isto se attende, nem naquillo se cuida, quanto convem que se cuide. Perde-se o mundo, como diz o Espirito Santo, por falta de consideraçaõ: *Desolatione desolata est omnis terra: quia nullus est, qui recogitet corde.* Naõ ha quem examine o fim para que foy creado, & o summo, & infinito bem para que foy redemido: & como desejaõ todos naturalmente ser bemaventurados, constituindo no esquecimento de Deos bemaventuranças apocrifas em glorias quimericas, em felicidades caducas, todos erraõ o caminho, porque desviando-se do summo Bem, & precipitando-se no eterno mal, no mesmo que escolhem por summa felicidade, os colhe a summa desaventura; & assim como a terra sem a luz do Sol fica sepultada em sombras, sem que se vejaõ na escuridade os perigos: assim as almas sem a luz da consideraçaõ, ficaõ sumergidas em hum mar de trevas, donde os eclipses da conciencia naõ deixaõ ver os males, em que nos precipita a culpa.

Jerem. 12.11.

O inimigo do genero humano, que invejoso de nossos primeiros Pays lhe fez guerra no Paraiso, a continùa sempre no mundo:

mundo: & quando naõ póde tirarnos a Fé, roubanos a consideraçaõ; porque faltando esta no mayor interesse da alma, se perca tudo.

Daqui nasce, que esquecidos os humanos da sua origem, & do seu ultimo fim, & de que devem ser como rios, que do mar sahiraõ, & devem tornar para o mar, se se naõ querem perder, se ficaõ como charcos podres, como lagoas ingratas nas vaidades terrenas, onde, como as agoas no lodo, entranhados no seu vicio, perdem a inclinaçaõ para o seu centro, & por isso deixaõ de correr ao mar da bondade Divina, tendo por summa gloria trocar o amor de Deos em amor do mundo, os desejos do Ceo em suspiros da terra, & em sede do seculo a fome da Eternidade.

Naõ olha o peccador a altura, a profundidade, a largura, & o comprimento das cousas eternas, & futuras: naõ olha para cima, naõ fita os olhos da alma, como Aguia espiritual, nos gostos da celeste Patria: naõ olha para baixo, considerando o profundo carcere da eterna pena: naõ olha para diante, estendendo a consideraçaõ no comprido campo da vida eterna: naõ olha para traz, lembrando-se do pó da terra, de que Deos o levantou, da regiaõ do nada, donde sahio, da torpe vida, com que de Deos se esqueceo, dos auxilios, dos Sacramentos, dos beneficios, que esperdiçou, & da bondade, paciencia, & misericordia, com que o Senhor o sofreo. Naõ olha para dentro de si, por isso naõ vè a imagem, que poz nelle, como em espelho, a Divina fermosura, nem a mancha, que contrahio em peccaminosas torpezas: poem os olhos sómente nas superficies douradas desta apparencia caduca, com que a vaidade se engana: cega-se na perdiçaõ aprazivel da temporal vãgloria: vaiselhe o coraçaõ atraz do cego feitiço dos gostos desta vida; & daqui vem esquecerse totalmente da eterna Bemaventurança, a modo de peixe simplez, vendo no mar a sombra do Sol, da Lua, & das Estrellas, corre com grande gosto ao vaõ simulacro das sombras, & com ellas se abraça, & se contenta, sem se lhe dar do Original, que he taõ differente, quanto vay do mar ao Ceo, da verdade à mentira, da sustancia à figura. Assim no mar do mundo se abraça, & contenta o peccador miseravel com qualquer bem temporal, que he huma sombra do eterno, & como ainda neste mar metido, a troco de viver como peixe na agua, naõ estranha as amarguras da conciencia, nem solicita outra gloria, mais que estas sombras aerias, que em sombras eternas paraõ, & em fogo eter-

no se mudaõ, se purgaõ.

Se pois o peccador algũa hora sondára bem este mar, & pezára bem o que saõ os falsos bens desta vida, facilmente vira, que os mesmos bens do mundo nos dizem, que naõ saõ verdadeiros bens. Seneca com ser Gentio disse: *Non nascitur ex bono malum, non magis quàm ex ficu olea: ad semen nata respondent: bona degenerare non possunt.* Dos bens naõ nascem males. Todos os bens do mundo se reduzem a tres generos de bens, riquezas, delicias, & honras: *Omne, quod est in mundo, concupiscentia carnis est, & concupiscentia oculorum, & superbia vitæ.* Das honras nascem perigos, das riquezas desassocegos, das delicias dano; quasi sempre nasce tambem das riquezas a cobiça, das delicias a luxuria, das honras a soberba; & quasi sempre pára a soberba em ruina, a luxuria em torpeza, a avareza em eterna desaventura. E finalmente todos os bens do mundo appetecidos saõ ancia, gozados fastio, perdidos mágoa, castigados inferno. Se pois os bens desta vida produzem males, como pódem ser verdadeiros bens? Se nos fazem mal, & se convertem em mal, como pódem ser bons? E se dos espinhos se naõ colhem uvas, nem figos dos abrolhos, colhendo dos bens temporaes quasi sempre males temporaes, & muitas vezes males eternos, como nos parecem bem?

Senec. Ep. 30.

1. Joan. 2. 16.

Naõ taõ sómente nos fazem mal os bens do mundo, senaõ que nos fazem maos. Quem fez a Faraò cruel, obstinado? O poder, & Monarquia. Quem a Nabuco blasfemo? A felicidade, & vitorias. Quem ao Rico avarento? As riquezas. Quem ao Prodigo lascivo? As abundancias. Quem a David adultero? O mimo, & demasiado regalo. Quem a Saul sobeibo, & invejoso? A grandeza, a que se vio constituido. Quem a Lucifer soberbo, & altivo? A fermosura, & sciencia, com que se desvaneceo. Quem a Adaõ desobediente? O Imperio, & a Magestade, com que Deos o exaltou. Quem a Salamaõ idolatra? As delicias com que vivia. Quem a Sodoma abominavel, a Ninive escandalosa, a Jerusalem ingrata? Suas mesmas opulencias, de que nascèraõ horrendas culpas.

Pelo fruto se conhece a arvore, pelos effeitos conhecemos as causas, & a natureza, & essencia de cada hum pelas suas obras: *Eodem modo, quo res se habet ad essendum, se habet ad operandum. Ad semen nata respondent.* O Sol mostra, que he Sol no que allumia, (este he o seu effeito formal) o fogo mostra, que he fogo, no que aquenta, a agua mostra que he agua, no que esfria,

Aristoteles.

Senec.

fria, a triaga mostra que he triaga, no que cura. Se pois a triaga nos matàra, como a tiveramos por triaga? Se a agua nos abrazàra, como a tiveramos por agoa? Se o fogo nos esfriàra, como o tiveramos por fogo? Se o Sol nos deixàra às escuras, como o tiveramos por Sol? Logo se naõ devemos ter por Sol o Sol, que naõ allumia, por fogo o fogo, que naõ aquenta, por agua a agua, que naõ esfria, por triaga a triaga, que naõ cura, como temos por verdadeiros bens, huns bens que nos fazem maos, & mal, & taõ grande mal, que nos apartaõ do summo Bem? Huns bens quimericos, & fallidos, que ainda que pareçaõ Sol, naõ saõ mais que sombra, quando muito sombra do Sol, & naõ Sol, sombra do fogo, & naõ fogo, sombra de agua, & naõ agua, sombra de triaga, & naõ triaga? Parecem Sol, que lustra, & saõ Cometa que ameaça: parecem Estrella, que brilha, & saõ exhalaçaõ que corre: parécem flor que deleita, & saõ espinho que lastima: parecem luz que nos namora, & saõ relampago, que nos cega: parecem diamante que dura, & saõ vidro, que estala: parecem sustancia, que existe, & saõ sombra, que desapparece.

Se pois naõ saõ mais que sombras, quem pela sombra do Ceo quererá deixar o Ceo? Quem pelas sombras do ouro, o ouro? Quem pela sombra da fonte, tendo ardente sede, deixou a fonte? Quem pela sombra das perolas, dos diamantes, das flores, & das luzes, deixou as luzes, flores, diamantes, & perolas? E que deixemos nòs o ouro da Bemaventurança pela sombra que nos leva à summa desaventura! A fonte da graça, a flor da gloria, a perola do Ceo, o diamante do summo Bem, a luz da eternidade, por huma sombra traidora, que a penas se nos representa em breve efimera de glorias, quando se nos desvanece em leve vágado de nadas! Oh erro poucas vezes conhecido no mundo, mas sempre chorado no inferno!

Ainda porèm, que foraõ verdadeiros bens do mundo, naõ se devia fazer caso de huns bens, a que falta a duraçaõ. A vida passada (disseraõ os condenados) que era como nevoa: *Vita nostra... sicut nebula dissolvetur*, a gloria como fumo, a idade como flor, o tempo como sombra, os contentamentos como sonho; & atè em quanto a vida dura, morremos a cada momento para a mesma duraçaõ da vida: *Per exigua festinantis ævi momenta permorimur.* He hum momento tudo o que nos deleita: *Momentum est quod delectat.* He huma eternidade o que nos ameaça, & penaliza: *Æternum quod cruciat.*

Sap. 3.

D. Gregor.

ciat. He hum ponto indivisivel o que se dura: *Punctum est, quod vivemus.* E há quem faça caso deste sonho, que em lagrimas se nos solta, deste ponto com que o demonio nos ata, deste momento, que a huma eternidade se arrisca, desta flor, que cada hora se murcha, deste fumo, que toda a vida nos cega, desta sombra, desta nevoa, que tam depressa passa? Oh cegueira! oh miseria summa!

Senec.

Digaõme os mortaes, quanto dura ao goloso o sabor, ao lascivo o deleite, ao desvanecido o applauso, ao vaõ o passatempo, ao sensual o gosto? Naõ passa num instante tudo? Fica alguma cousa mais de tudo o que se goza, que hũa saudade, ou mágoa que fica, & huma vaidade que passa? Naõ he certo que fica o peccado para verdugo, & se vay o gosto para o tormento? Que saõ pois as glorias da vida mais que huma hera de Jonas, que em hũa noyte nasceo; & em huma noyte acabou? Heras de Jonas saõ, promettemse-nos por eras, & acabaõse-nos por horas. Naõ podemos com verdade dizer: Este gosto he; quando muito podemos dizer: Este gosto era. Saõ imperfeitos os seus tempos, porque nunca passaõ de era. Hera que como folha se vira, & como folha se murcha, & arrebata do mesmo vento da vida, cahe, & se resolve em nada.

Joann. 4.6.

Saõ finalmente os bens do mundo, como estatuas de Nabuco, onde toda a gloria do mundo appareceo em figura: em sonhos appareceo, & desappareceo em moinha arrebatada do vento antes que se acabasse o sonho: *Redacta quasi in favillam æstivæ areæ, quæ rapta sunt vento.* Para que vissemos, que nem por sonhos dura a gloria vãa deste mundo, & que nos desenganasse em pó, & moinha o mesmo, que nos enganou em estatua: porque a desprezasse em vento, quem a suspirou em idolo. Foy sono, & naõ acordo; figura, & naõ sustancia; apparencia, & naõ realidade: para que a mesma figura da vaidade do mundo fosse despertador do nosso desengano.

Mortaes enganados, & pervertidos, aquelles que estais em culpa, amando a perigosa mentira da felicidade mundana, quem vos move? Quem vos atrahe? Quem vos enfeitiça? He por ventura mais ouro? Isso deu a terra a huma mina. He a fermosura? Isso deu o campo a huma flor. He a estimaçaõ? Isso deu a gente a huma pedra, que isto he o melhor diamante. He a ostentaçaõ, & a pompa? Isso deu o ar a huma nuvem. He a altura do estado? Isso deu o mũdo a huma grimpa. He a valentia? Isso deu o monte a huma fera. He o vestir sedas? Nessas

se

se amortalha hum gusano. Saõ as letras, & as sciencias? Isso achareis num livro. He a vida, & a saude? Isso tem na sua cova hum bruto. He o regalo do comer? Isso tem na podridaõ hum bicho. He a opiniaõ, & nome entre os homens? Isso tem Alexandre Magno no inferno.

Como pois he possivel, que ao homem racional lhe sirva de summo bem aquillo, que he cõmum à terra, & ao ar, ao papel, às pedras, às hervas, aos brutos, aos bichos, & aos condenados; aos quaes toda a gloria, que possuiraõ no mundo, serve agora de mayor tormento? O ouro some-se, os diamantes perdem-se, as flores agonizaõ, as nuvens desapparecem, as grimpas mudaõ-se, os livros rompem-se, as féras mataõ-se, os bichos morrem, os Alexandres condenaõ-se; & sendo cada felicidade destas hum perigo da natureza, & huma vaidade da culpa, como será razaõ, que as faça o nosso cego appetite, huma injuria da graça, & huma abominaçaõ da gloria? Oh ignorancia! Oh cegueira! Oh malicia! Oh perdiçaõ! Oh extrema desaventura!

Peccador, naõ he verdadeiro bem aquelle, que naõ dura, como dizia Saõ Jeronymo: *Nihil bonum, nisi perpetuum.* Nada he bom mais que só o Eterno. Bem que nos naõ mata a sede, naõ he bem verdadeiro. Huma pinga de agua naõ mata a sede, antes faz mayor a ancia: huma gota de orvalho acrescenta na fornalha o incendio. Todo o mundo he huma pinga de agua, he huma gota de orvalho para acender, & acrescentar a sede, em que se abraza a alma por lograr o seu ultimo, & verdadeiro bem. Se atègora pois deslumbrado amaste a gloria do mundo como fim ultimo, deixando por este engano com teus peccados aquelle summo Bem, para que fosse creado, & redemido com o sangue de meu Senhor Jesu Christo, troca o amor, & chora o aggravo, que fizeste a Deos, que he teu summo Bem, & dize de coraçaõ:

Div. Hier.

Meu Deos, & meu Senhor Jesu Christo, ultimo fim, & summo bem meu, a quem como cego offendi, & como perverso aggravey; pezame Senhor muito de coraçaõ de vos haver offendido: doome, & magoome muito; & senaõ he quanto devo, ao menos quanto posso, da offensa, que vos tenho feito: naõ me peza tanto, meu Deos, pelo grande inferno, que tenho merecido, quanto pela grande injuria, com que a Vossa Magestade tenho aggravado, fazendo como ignorante, & cego da malicia meu summo bem, da torpeza, & dos gostos, & bens desta miseravel vida a minha bemaventurança. Oh prouvèra a vòs, meu

meu Deos, que vos agradasse, que eu nesta hora morresse com dor da culpa, já que antes de vos offender naõ morri primeiro, que esse fora agora o meu gosto! Proponho firmemente a emenda da minha vida com vossa graça, espero alcançar perdaõ de minhas culpas pelos merecimentos de vossa Payxaõ santissima.

DISCURSO II.

Os beneficios da creaçaõ, os conselhos da Escritura, os avisos da natureza, as significações da graça, & persuasoens da gloria nos obrigaõ a amar como ultimo fim a Deos.

NInguem obra alguma cousa, diz o Filosofo, que naõ seja por algum fim: *Omne agens operatur propter finem.* Fazse a casa, para que nella se more, a horta para que frutifique, o jardim para que deleite, a guerra para a paz, a batalha para a victoria, a fortaleza para a defensa, a sementeira para a seara. Tudo quanto Deos fez foy por amor de si: *Universa propter semetipsum operatus est Dominus*, porque de tudo quiz ser ultimo fim, assim como de tudo he principio: *Ego sum Alpha, & Omega, principium, & finis.* O fim ultimo, para que Deos creou o homem, como ensina Santo Agostinho, foy para conhecer, amar, & servir a Deos nesta vida, & para o ver, amar, & gozar eternamente na outra. Para isso nos tirou dos abismos do nada, donde a infinita Omnipotencia pudèra tirar infinitas outras creaturas, que muito melhor o serviraõ, deixando estas por seus profundos mysterios, & independencia suprema, que naõ tem necessidade de nenhumas.

Prov. 16.4.

Isai. 41. 4. Apoc. 1.8.

Creounos à sua Imagem, & semelhança capazes de sua gloria, & de sua vista: dotounos de potencias, & de sentidos, dandonos memoria, para que delle nos lembrassemos, entendimento para que o conhecessemos, vontade para que o amassemos, imaginaçaõ para que o trouxessemos presente, olhos para que vissemos suas obras, ouvidos para que ouvissemos suas palavras, lingua para que louvassemos suas grandezas, & as mais faculdades da alma, & do corpo, para que nos admirassemos em suas maravilhas, & agradecessemos suas misericordias.

Fez o Ceo para serviço do homem

mem, & neste mandou, que naõ parasse o Sol, a Lua, & as Estrellas: o mar, o fogo, o ar, & todas as mais creaturas: fezlhe naõ só communs, mas particulares beneficios: deulhe Anjos para sua guarda: veyo ao mundo morrer por elle: dalhe auxilios, com que a cada instante o acorda: dalhe para alimento dalma seu Corpo, & Sangue nesta vida, promettelhe a perduravel, & eterna; & tudo isto lhe offerece sem dependencia sua, nem merecimento nosso: antes merecendo o peccador quantas vezes pecca, que o lance nos infernos, onde deitou os Anjos do Ceo por hum só peccado, nos espera sem que lho peçamos, nos chama quando lhe naõ respondemos, nos busca ao passo, que lhe fugimos, & nos sofre tantas vezes, quantas o desprezamos no peccado, com que quebramos seus Mandamentos, a troco de ver se alguma hora nos arrependemos: dissimula para que o peccador se arrependa: embainha a espada de sua ira, para que entretanto cada qual abrace a misericordia; & quanto obra a sabedoria, a omnipotencia, a misericordia, & a bondade nas suas creaturas, se encaminha a que conheça o homem quanto deve a Deos, que o ame como summo bem, & só por elle suspire como seu ultimo fim. Poem-nos cada dia o Ceo diante dos olhos, para que ergoendo-os à celeste Patria, suspiremos pela eterna vida, & desprezemos a caduca, que periga entre dous caminhos da eternidade do Ceo, & da eternidade do inferno.

Oh quantos com esta consideraçaõ povoáraõ os ermos da Thebaida, & da Palestina, convertendo em Cidades de Deos aquellas solidoens, & desertos; & fazendo casas dos sepulchros, & concavidades dos montes, se enterravaõ para a vida na flor dos annos, & viviaõ junto de hum penedo, como se foraõ outro penedo: taõ mortificada a carne, tam crucificado o espirito, que esquecidos da sua natureza já naõ sentiaõ os rigores do Sol, & do frio, dos ventos, & das neves, as inclemencias do Ceo, & da terra; antes acrescentando o numero aos troncos, a solidaõ aos penhascos, viviaõ em suave silencio, convertendo o mais aspero daquellas rochas em laminas do Paraiso! Alli se viaõ orar, & arrebatar os Paulos, os Hilarioens, os Jeronymos, & Antonios: alli chorar as Pelagias, & Marias Egypciacas: alli fazendo penitencias famosas os Pacomios, & os Macarios: alli postos em campanha contra o inferno hum sem numero de espirito: alli desprezando o mundo, & os seus enganos, suspirando o Ceo, pretendido summamente aquelle summo bem, &

totalmente aborrecido o peccado, que he das almas o mayor mal, era Deos summamente amado, querido, & louvado.

Oh quantos ainda arrebatados deste conhecimento trocàraõ a hollanda pelo cilicio, a purpura pela morcalha, o borcado pelo burel, a téla pela estamenha, as sedas molles, & brandas pelos vestidos asperos, & grosseiros; para que ainda no exterior mostrassem, que seguiaõ o pendaõ de Jerusalem, naõ o estandarte de Babylonia, naõ a pompa do demonio, senaõ a Cruz de Christo!

A este amor de Deos nos incita a Escritura, nos move a natureza, nos clama a graça, que o Senhor nos dá, nos persuade a gloria, que nos promette, nos instaõ todas as creaturas, que meudamente nos gritaõ. Quanto ao primeiro, incitanos a Escritura em muitos lugares. Deuter. 6. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Amarás a Deos de todo o teu coraçaõ. Eccles. 13. *Omni vita tua dilige Deum.* Amay a Deos por toda a vossa vida. Saõ Mattheus, S. Lucas, S. Joaõ em seus Euangelhos repetem os mesmos preceitos; acrescentando S. Joaõ que amemos a Deos, porque elle primeiro nos amou a nòs. E assim destes, como de outros lugares nos faz obrigaçaõ de amallo, como ultimo fim, para que usemos de tudo, & só nos gozemos em Deos.

Matth. 22. Luc. 10. Joan. 4. 1. Joan. 4.

Segundo, movenos a natureza, porque dentro de nòs mesmos clama a obrigaçaõ natural que temos de amar sobre tudo aquelle Senhor, a quem naõ ignoramos que devemos tudo. Se naturalmente ama o filho ao pay, a quem deve parte do seu ser, quanto mais devemos amar a Deos, que tirou do nada nosso corpo, & alma, & nos deu como Pay superior todo este ser, que temos? *Amandus est Generator*, (diz Santo Agostinho) *sed praeponendus est Creator.* Mais devo a quem me creou de nada, que a quem me fez alguma cousa. Se te parece pouco crearte, considera com S. Bernardo qual te fez quanto ao corpo, excellente creatura, em quanto à alma superior cousa: porque he insigne imagem de Deos, participante por graça da divina natureza, capaz com o lume da gloria da eterna Bemaventurãça; tudo isto fez com artificio incomprehensivel, com sabedoria ineffavel: sem necessidade sua, porque naõ ha mister nada nosso; sem merecimento nosso, porque se de antes naõ eramos, antes nada mereceriamos. Cada parte do nosso corpo, cada sentido nosso he hum beneficio divino, & por qualquer que só lhe deveramos, deviamos amar a Deos com os mayores extremos.

Se

Se hum homem perdèra hum dos olhos, hum pè, huma maõ, hum braço, quanto amaria aquelle que lho restituira, & puzera no estado que dantes era? E se o que merecia lhe tirassem os olhos, lhe cortassem o braço, decepassem o pè, quanto amára a quem lhe impedira o castigo, & desviàra o tormento? Naõ he menos, antes muito mais para amar aquelle immenso Deos, que desde o principio da vida nos deu, & nos conservou os olhos, as mãos, os pès, & os braços ao mesmo passo, que empregando-os em sua offensa, mereciamos que nos quebrassem os braços, nos decepassem os pès, nos cortassem as mãos, & nos tirassem os olhos. O que digo dos olhos, cuiday dos outros sentidos, & membros do corpo humano.

E se tanto he para amar o Creador do corpo, quanto será mais para amar quem nos creou a alma, que infinitamente he melhor que o corpo? Se perdereis o uso da razaõ, & o entendimento, quanto amarieis a quem vo lo tornàra? Quanto será pois para amar, quem desdo nosso principio nos deu o entendimento, & o uso da razaõ? Naõ he menos para amar quem vos dá a capa nova, do que quem vos restitue a velha perdida? Se merecereis por hũ crime a morte, que he separaçaõ da alma do corpo, quanto amarieis àquelle, que vos perdoàra a morte, & do corpo vos naõ separàra a alma? Logo quanto mais he para amar aquelle bom Deos, & Senhor, que unio a vossa alma, & o vosso corpo, & nesta uniaõ a conserva atè quando mereceis, com vossos peccados, a morte, & separaçaõ da alma? Digno he, Senhor Jesus, de morrer perdendovos, quem recusa viver amandovos, exclamava neste passo S. Bernardo: *Dignus planè est morte qui tibi, Domine Jesu, recusat vivere.*

Que imagem naõ amàra o seu Artifice, se tivera entendimento para o conhecer, vontade para o amar? Fezvos Deos à sua imagem, & semelhança com entendimento, & vontade: quem ha que tenha entendimento, se nelle naõ cuida? Quem ha que tenha vontade, se o naõ ama? O filho, que he mais semelhante ao pay, mais o ama, & he mais amado delle: logo esta natural semelhança a amar a Deos nos inclina.

Atè a figura do homem o persuade, que ame a Deos. Fez Deos os animaes com a face para a terra, para que andando com os olhos nella, como prostrados, nella buscassem o pasto, nella o seu gosto. Fez o homem em figura recta cõ a face para o Ceo, para que no Ceo trouxesse os seus olhos: *Non habeamus faciem sursum,*

sum, (exclamava Saõ Bernardo) *& cor deorsum*. Naõ tenhamos pois a face no Ceo, & o coraçaõ na terra: se os olhos estaõ para cima, naõ fique o coraçaõ para baixo, siga o coraçaõ os olhos, que tantas vezes deraõ apoz de si o coraçaõ; demos pelos avisos da natureza, naõ desatendamos às significaçoens da graça: & especialmente a graça que nos fez na redempçaõ, com que o Senhor Jesus nos libertou, & nos comprou, dando-se a si por nòs.

A graça do teu fiador, diz o Espirito Santo, naõ te esqueça nunca, pois deu por ti a sua vida: *Gratiam fidejussoris ne obliviscaris, dedit enim pro te animam suam*. E Saõ Paulo: Sabeis a graça de nosso Senhor Jesu Christo, que vos fez em se fazer pobre, sendo rico, para que vòs na sua pobreza tivesseis a mayor riqueza? Posto que muito obrigue ao homem para amar a Deos considerar que Deos o formou, muito mais o deve obrigar, ver que Deos o reformou. Pouco aproveitàra creallo, se faltàra o redimillo: nada valèraõ os dotes da natureza, senaõ se aperfeiçoàra com os seguros da graça. Por isso inferia Saõ Bernardo: *Si totum me debeo pro me facto, quid addam pro me refecto, & refecto hoc modo?* Se todo me devo a Deos, porque me creou, quanto mais me deverey, porque me remio por hum taõ admiravel modo, que me obrigou de todo? *Quid retribuam Domino* (perguntava-se David a si) *pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Que hey de dar a Deos pelo que segunda vez me deu? Como se dissera: Todo me devo a Deos pela creaçaõ, nada tenho, que lhe dar pela redempçaõ: na primeira obra da natureza deume muito, porque me deu todo a mim: na obra da graça da redempçaõ devolhe infinitamente mais, porque me deu todo a si, & onde se me deu a si, a mim me restituhio a mim: logo dado, & restituido a mim por mim me devo, & deverey, que darey pois a Deos por si? Se mil vezes me pudèra dar a este infinito Senhor, ainda assim naõ dava nada, visto que em sua comparaçaõ sou cousa nenhuma.

Eccles. 29.10.

Galat. 2.

Ps. 115. 12.

Como dormes, alma miseravel, tendo à vista este beneficio? Como naõ ouves o clamor da graça sobre os gritos da natureza? Movèraõ-se as pedras na Paixaõ de Christo, tremeo a terra, abriraõ-se as sepulturas, eclipsouse o Sol, & a Lua, moveose o firmamento, o ar, & todas as creaturas insensiveis, sem que Christo morresse por ellas; & tu, a quem se concedeo esta graça, por quem se fez esta fineza, naõ te moves, naõ te obrigas? Sem duvida, que es mais duro, que as pedras, mais insensivel, que

os

os marmores, & que as creaturas todas? Sinal he de morto faltar o sentimento: morta vive a alma no sepulchro vivo do corpo, se naõ ouve este clamor da graça de Jesu Christo: se naõ ouve as blasfemias, os gritos, os clamores, as irrisoens, & estalos dos azorragues, com que o Senhor Jesus foy por todos, & qualquer Christaõ escarnecido, açoutado, morto, & crucificado, surdo he de espirito, mouco de entendimento, insensato de alma, & incapaz da eterna gloria. O fogo com nenhuma cousa se acende melhor, que com outro fogo: ainda que foramos agua, deviamos ferver, & arder no amor do nosso Deos, abrazados no fogo daquelle immenso amor que nos mostrou em sua morte, & Paixaõ.

Persuadenos a mesma gloria; porque se tanto nos leva, & enleva a mundana para encaminharmos a ella como para fim as acçoens da nossa vida: que naõ devemos fazer por alcançar aquelle ultimo fim, que nos coroa, por amar aquelle ultimo fim, que he principio de huma gloria eterna? Se saõ taõ amigos de gloria naturalmente os homens, como naõ trabalhaõ por aquella gloria sobrenatural, que a Fé lhes ensina, o amor de Deos lhes offerece, & que sem o entenderem todo anelaõ nossas almas? Se pela gloria temporal, & caduca se daõ tantos passos, como pela eterna se fazem taõ poucos extremos? Deos he como Labaõ, a gloria, como Rachel: he necessario antes de gozalla servir a Deos para merecella. Se muitos annos a Jacob, pelo amor que tinha a Rachel, pareciaõ poucos dias; como he possivel, que breves horas, que gastamos em servir, & amar a Deos, nos pareçaõ muitos annos? Ora se nos naõ persuade a razaõ, movaõ-nos os exemplos. Quem chamou tantos ao martyrio, senaõ a espera do eterno triunfo? Quem a tantas penitencias fez suave o trabalho, senaõ a representaçaõ do premio? Quem a tantos Santos fez ambiçaõ das penas, senaõ a consideraçaõ da gloria? Quem adoçou a S. Pedro a Cruz, a S. Paulo o cutelo, a Santo André as aspas, a S. Lourenço as grelhas, a Santa Catharina as rodas, senaõ a promessa daquella gloria, porque morrem os escolhidos, & suspiraõ os predestinados?

Genes. 29.

Que tens feito, peccador, cheyo de beneficios por este bem supremo? Aspiras a este bem? Suspiras por este fim? Aborreces já o mundo? Choras, & alegras-te quando te lembras do Ceo? Amas aquellla celeste Patria, Reyno dos escolhidos? Folgas de cuidar na gloria dos predestinados? Louvas muito a Deos por suas miseri-

cordias? Ora arrependete, & pedelhe perdaõ das tuas culpas.

Senhor meu Jesu Christo, &c.

DISCURSO III.

Como as creaturas nos ensinaõ a amar a Deos em seus beneficios, & exercicios.

CLamaõ-nos todas as creaturas, que amemos como summo bem a Deos. A todos dizem o mesmo, diz tambem Santo Agostinho, para que nenhum tenha escusa: *Cœlum, & terra, & omnia, quæ in eis sunt, ecce undique mihi dicunt ut te amem; nec cessant dicere omnibus, ut sint inexcusabiles.* De dous modos nos daõ as creaturas esta liçaõ, o primeiro mostrandonos, que he Deos dignissimo do nosso amor, o segundo mostrando, que todas ellas saõ dons, & beneficios de Deos.

August. Conf. lib. 10.

Quanto ao primeiro, a mesma bondade de todas as creaturas do mundo, que da omnipotencia foraõ obra, mostraõ a superior bondade do seu Creador, & por isso de todo o amor dignissimo: a fermosura do Sol, da Lua, das Estrellas, das flores, das perolas, dos diamantes, que nos dizem, mostrando a obra das mãos divinas, senaõ, que saõ hũas migalhas, ou faiscas da divina fermosura, huma pègada, como lhe chama Santo Thomàs, da infinita belleza de Deos? *Vestigium Creatoris.* Todas dizem isto com aquellas palavras: O Senhor nos fez a nòs, & naõ nòs a nòs: *Ipse fecit nos, & non ipsi nos.* Naõ te admires, peccador, em mim, olha, considera quem aqui me poz, quem assim me fez: o dedo de Deos andou por aqui: *Opera digitorum tuorum.* Se isto foy hum toque dos dedos, a maõ toda que será? Se isto he só o vestigio, que sobre o nada ficou impresso, que será a impressaõ do seu pè fermoso? Se taõ fermosa he a sombra, que será a luz? Se taõ bello he o rayo, que será o Sol? Se todo este mundo he huma pinga, que será o mar daquella belleza immensa? Se este he grosseiro deboxo, que será o Original supremo? Vedes como desta maneira nos clama o Ceo, a terra, o mar, o vento, o fogo, & em fim todas as creaturas, que amemos a fermosura de Deos? Que fazes pois, peccador, que em amor te naõ desfazes?

D.Th.

Psalm. 99. 3.

Psalm. 8. 4.

O segundo modo com que nos fallaõ he, dizendonos mudamẽte, que todas saõ dons, & beneficios de Deos, com que atrahe

aos homens, assim como se attrahe a ovelhinha com o ramo, o menino com o brinco, o peixe com o engodo. Para incitar hũa pessoa a que lhe queira bem outra, mais efficazes saõ as dadivas, que as palavras: o presente, ou a joya, que vos mandáraõ, he a melhor palavra, que vos disseraõ. Tudo quanto ha, & tudo quanto se vè no mundo, no Ceo, & na terra, creou Deos para logros do homem: o que creou dantes, & o que creou, ou aperfeiçoou depois de crear o homẽ, tudo lhe poz debaixo dos pès, já avinculando-o a seu imperio, já propondo-o a seu merecimento por premio: para que sobre todo amasse o homem a Deos, que lhe dera tanto. O fogo tanto arde, quanta he a lenha, que se lhe deita; se a lenha he muita, he o fogo muito, se menos a lenha, tambem o fogo he menos: *Secundùm ligna exardescet ignis.* Grande deve de ser logo nas nossas almas o fogo do amor divino, pois por lenha tem tantos beneficios de Deos, quantas saõ as creaturas.

Ecclesi. 28.

Olhay, & consideray para que se move o Ceo andando continuamente numa roda viva: perguntay universalmente a todas as creaturas: Ceos, para que vos moveis? Sol, para que luzis? Lua, para que brilhais? Estrellas, para que influis? Fogo, ar, vento, nuvens, mares, ondas, campos, arvores, aves, peixes, & em fim creaturas do mundo; para que sois, que officio tendes, que fazeis? Responderá o Ceo: Eu ando numa roda viva para teu beneficio; porque sem o movimento do Ceo, & dos Astros fora infecũda a terra. Dissera o Sol, a Lua, & as Estrellas: Toda a nossa luz, & movimento he para te servir com o influxo. Dissera o fogo: Eu tenho por officio aquentarte, & fazerte de comer. Dissera o ar: Eu te dou a respiraçaõ, & o folego. Dissera o mar: Eu te dou os peixes, & te trago as mercancias das terras mais remotas; se eu naõ fora, menos riqueza fora a tua. Dissera a terra: Eu foy creada de Deos para te dar o sustento, regalar com frutas, enriquecer com minas, agasalhar com casas. Disseraõ as aves, as flores, os peixes, os animaes: Para teu regalo, para teu deleyte, para teu uso, & para teu serviço nascemos todos, & este he o officio que temos.

Vede como vos dizem as creaturas, sendo dadivas de Deos, q̃ ameis este Deos, que tanto vos dá no desterro, & promette mais na celeste Patria. Eis-aqui a lenha das creaturas, com que Deos mandou que cada dia no altar de nossos coraçoens ardesse o fogo divino do amor de Deos: *Ignis in Altari meo semper ardebit.* Este he o fogo, que Christo Senhor nosso veyo meter na terra, &

Levit. 6.

 que

que queria que ardesse sempre, & de continuo se acendesse: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo nisi ut accendatur?*

Luc. 12. 49.

Aquelles que se naõ movem a amar a Deos por tantos beneficios, como lhe participaõ as creaturas, saõ, sem duvida, peyores, que as féras. Atè os caens, diz Seneca, amaõ a seus bemfeitores: *Ecce etiam canes amant benefactores suos.* Conta-se de hum Leaõ, a quem livrou hũ Soldado de huma serpente, com que estava brigando, que nunca mais se quiz apartar do Soldado, mostrando o seu agradecimento em lhe andar sempre ao lado. Que escusa teraõ logo aquelles, que deixando a seu Redemptor, se unem com a serpente infernal? As gottas de agua, que cahem continuamente sobre hũa penha dura, fazem móça nella, & se deixa cavar, & abrir da ternura, & mollidaõ da agua: que escusa pois teraõ aquelles coraçoens de pedra, que se naõ abrandaõ com a continua corrente da beneficencia divina? Peyores saõ que as féras, que os marmores, bronzes, & penhas. Se qualquer outro homem como vòs, vos déra a luz deste Sol, que vedes: a agua que bebeis: o vestido que vestis: a vista do Ceo, do mar, dos rios, da terra, com que tanto vos recreais, que obrigações, que amor tivereis, & confessarieis ja este tal homem? Como he possivel pois que devendo tudo isto, & infinitas mais, & mayores obrigaçoens a Deos, de cuja liberal maõ tendes quanto tendes, deixeis de lhe pagar em amor, que tivereis a qualquer outro bemfeitor? Mas he possivel; porque ainda mal, que amamos mais a quem devemos menos; & a Deos, de quem procedem tantos beneficios, lhe pagamos em offensas como ingratos, vís, & baixos.

Senec.

Naõ só nos clamaõ as creaturas com os beneficios, tambem nos incitaõ a amar a Deos, quando servem de flagello: o Ceo vestido de carrancas, o ar armado de bandeiras negras, o fogo esgrimindo rayos, a terra sacodindo terremotos, o mar ameaçando diluvios, o Sol eclipsado, a Lua amortecida, as Estrellas macilentas, os campos estereis, as arvores defuntas, as flores feitas cadaveres, & finalmente cheas de horror, & assombro todas as creaturas, que he o que nos clamaõ, que he o que nos gritaõ? Peccador, convertete a Deos, teme a divina justiça, aproveitate da penitencia, naõ esperdices a divina misericordia. Se tudo contra ti se arma, o Ceo, a terra, os elementos, estando Deos mal comtigo, quem será por ti? Que falta já senaõ que a terra se abra, q̃ a morte te arrebate, que o inferno te soverta? As fomes, as pestes, as tempo-

taes calamidades, as guerras, & desaventuras, as afrontas saõ hum silencio, que grita, & hũa rhetorica muda, para que solicites a emenda.

Gen. 7. As aguas do diluvio por quatro dias em quanto naõ assoláraõ o genero humano, eraõ hum quartel para o arrependimento. Exod. 7. 8. 9. 10. As pragas de Egypto, que eraõ azorrague para os obstinados, eraõ despertador para os convictos. Num. 21. As serpentes de fogo, que no deserto ameaçavaõ mortes, eraõ aviso, para que olhando para a serpente de metal, & clamando ao Ceo, alcançassem melhor vida. 2. Paral. 33. & 36. As transmigraçoens, com que o povo de Deos foy desterrado da propria terra, eraõ meyos para que puzessem o coraçaõ no Ceo. Servem os flagellos de aviso, para que atè os castigos sejaõ espiritoal remedio. Aquella chaga podre, a que naõ bastaõ medicinas brádas, poemselhe cauterios fortes. Finalmente castiga Deos nesta vida a quem naõ quer castigar na outra: Heb. 12. 6. *Flagellat omnem filium, quem recipit.* Castiga, & reprehende a quem ama como a filho: Apoc. 3. 19. *Quos amo, arguo, & castigo.* Nem permitte males em bons, que quando para elles naõ sejaõ cura, deixem de ser para outros medicina.

Naõ só os males da pena, mas ainda os da culpa nos movem a amar a Deos como sũmo bem, dizendonos, que só nelle póde aquietar o amor. Consideray o lascivo no seu mayor deleite, vereis que o gosto se converteo em tristeza, o appetite em melancolia: & que diz nisto aquelle vicio, que buscou como summo bem? Sem fallar palavra lhe diz: Peccador ingrato, naõ está aqui o summo bem, que buscas: porque se fora summo bem, naõ te causára fastio, nem desassossego, ficáras com mayor gosto, & mais satisfeito: & se alèm disso, onde buscou o deleyte achou algum dano grave, como muitas vezes succede, que lhe diz aquelle dano? Homem cego, buscaste hum bem, & achaste este mal: trata de buscar a Deos, que só elle he sũmo bem; porque o que he bem naõ faz mal.

Consideray o cobiçoso dos bens terrenos, deseja dez mil cruzados, chegou a tellos, naõ descança alli, o desejo já he de vinte: chegou a tellos, naõ pára o desejo, quarenta saõ os desejados, deseja mais, crescendo o desejo, & a cubiça, quanto mais lhe acresce de fazenda: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.* Que diz entaõ este vicio? Homem miseravel, se o que poens por fim do teu appetite, se farta cada vez menos, final he que naõ está aqui o summo bem: porque onde está, o desejo pára, a vontade aquieta; busca a Deos,

que ſó nelle, como em centro, terás ſoſſego.

Conſideray o ambicioſo de honras, dailhe quantas deſeja, vereis que no meſmo ponto, que alcançou o que deſejava, voa o appetite a outras, que a meſma ambiçaõ repreſenta: hydropico de dignidades, & enfermo de ſua meſma dita, quanto mais deſta agua bebe, tanto mais ſede lhe fica. E que lhe diz eſta ſede? Sede, que naõ ſacîa naquillo que procura, & alcança, em outra parte tem o centro; & ſe fóra de Deos o procuras, nunca acharás o que deſejas.

Conſideray o mayor Principe do ſeculo, & com todos os imperios da terra, que deſejou no mundo; & neſte ultimo ponto, que havia de ſer termo do ſeu deſejo, velloheis, como Alexandre Magno, ficar vaſio, velloheis chorar a eſtreiteza da fortuna, com fome de Reynos, & com ſede de outros mundos, & quimericas Monarquias. Tem o Imperio fim, & a Monarquia termo, ſó o deſejo o naõ tem; & eſte he hum brado mudo, hum grito interior, com que a meſma ſoberba, & vaidade lhe inculca o Reyno eterno, & a gloria do ſummo bem. Finalmente parando a meſma ſoberba em anguſtia, a laſcivia em doença, a preguiça em ancia, a gula em faſtio, a vingança em homiſio, o regalo em apoplexia, a inveja em raiva, a cubiça em miſeria, & tudo o mais em extrema deſaventura, parece que os meſmos peccados nos prègaõ, q̃ naõ amemos por bem o mal, & que ſómente ſuſpiremos pelo ſummo bem. Se iſto nos dizem os vicios, ſe iſto os peccados, que nos diraõ as virtudes, a razaõ, a Fé, & a certeza, que temos da divina bondade? Dizemnos, que ſó em Deos buſquemos o ſummo bem, porque em tudo o mais nos acharemos mal. Por iſſo David dizia a Deos: *Satiabor cum apparuerit gloria tua.* Só entaõ, Senhor, me poſſo ſatisfazer, quando na voſſa gloria me vir. Ainda que naſci paſtor, & me fizeſtes Rey, ainda que do mundo, & deſta vida gozo a mayor gloria, tudo iſto naõ he mais que hum raſto eſcuro daquelles bens eternos, huns deſpertadores de meus ſuſpiros.

Pſalm. 16.15.

DIS-

DISCURSO IV.

Deos he summo bem, & nelle como nosso centro deve parar o fim porque obramos, a exemplo das creaturas sensiveis, & insensiveis.

HE Deos summo bem, mayor infinitamente que todos os bens possiveis ao mesmo Deos. He hũa sobredivina substancia, huma fermosura infinita, magestade immensa, omnipotencia summa, eterna gloria, ineffavel sabedoria, bondade incomparavel, perfeiçaõ incomprehensivel, incessavel providencia, inescrutavel justiça, sobre immensa misericordia, inexplicavel doçura, indizivel liberalidade, & infinita infinidade de infinidades immensas de perfeiçoens infinitas, & de infinitos alens de immenso, de eterno, de ineffavel, de incomprehensivel.

Naõ ha nos encarecimentos modo, nos hyperboles extremo, nas infinidades circulo, nas eternidades espaço, nas immensidades numero, onde caiba a menor luz, a menor sombra, a menor pinga, o menor raisgo, o menor debuxo do pègo, do mar, do Oceano, do abismo daquella essencia, bondade, perfeiçaõ, magestade, & fermosura divina; em sua comparaçaõ todas as perfeiçoens, bellezas, graças, glorias, maravilhas possiveis ao mesmo Deos, saõ infinitamente menos, que a respeito do Sol hum rayo, do Ceo huma Estrella, da terra huma flor, do mar huma onda, do mundo huma cifra; a seu respeito toda a comparaçaõ parece blasfemia, toda a verdade he mentira, toda a exaggeraçaõ injuria, todos os hyperboles ponto, todas as immensidades sombra, todas as infinidades nada. Por isso diz S. Dionysio Areopagita: Nenhuma cousa explica aquelle invadeavel segredo da sobredivindade de Deos, que sobre tudo sobre essencialmente existe, & supera todo o entendimento. Rectamẽte dizemos que Deos naõ he vida, nem substancia, nem sabedoria, nem bondade, nem Divindade; porque he outra cousa mais sobreeminente, & sobresuperior do que dizemos. E he como se dissera: Divindade he Deos, mas naõ aquella Divindade, que podemos aprehender: bondade he, mas naõ aquella bondade, que podemos considerar: sabedoria he, vida he, substancia he, infinidade, eternidade, immensidade he, mas naõ aquel-

D. Dionys. de divin. nom. c. 13. De myst. Theol. c. ult.

aquella, que o entendimento póde propor, entender, ou alcançar, ainda que a proponha, & proponha como incomprehensivel; porque tudo isto he hum conceito limitado, hũ debuxo grosseiro, hum brutesco tosco daquelle Original sobreimmenso, alèm de sobresoberano, & mais que infinitamente sobreinfinito: he hum discurso de creatura, que dista menos do nada, que o nada de Deos.

Esta he a razaõ, porque os Doutores sagrados, de dous caminhos, que assinaõ para conhecer a Deos, hum de affirmaçaõ de suas perfeiçoens, como he dizer: Deos he bondade, he fermosura, he sabedoria; outro de negaçaõ, como agora: Deos naõ he a bondade, que dizemos, naõ he a fermosura, que pintamos, nem a sabedoria, que conhecemos, senaõ outra sobre todo o entendimento, sobre toda a infinidade, sobre toda a comprehensaõ; achaõ que he mais decoroso a Deos o modo, com que se nega, do que o modo, com que se affirma.

D. Th. cum aliis DD.

Meu Padre S. Francisco naõ sabendo explicar o conceito, que tinha feito de Deos, dizia na sua oraçaõ: *Deus meus, & omnia, vellem te diligere.* Meu Deos, & todas minhas cousas, tomára amarvos. Tertulliano parece, que naõ dizia peyor, quando fallando neste abismo de bellezas, & maravilhas rompeo nestas palavras: *Tu omnia, tu nihil rerum: quem te appellem cum ineffabilis sis?* Vòs, Senhor, que sois todas as cousas, & nada de todas ellas, que nome vos hey de pôr, se nada vos póde explicar, porque sois ineffavel? Este summo bem, que supera quanto se cuida, & quanto se naõ cuida, que ainda taõ mal debuxado he gloria, q̃ suspirado he delicia, buscado bemaventurança, quantas vezes peccador o deixas, o desprezas por hum gosto, que he torpeza immunda, por hum interesse, que he vergonha, por hum pundonor, que he ponto, por huma honrinha, que he ar, po hum capricho, que he riso, & por tudo o mais, que he nada?

Tertul.

Oh quanto he para sentir, & para chorar, que tantas almas no mundo deixem este summo bem atè pelo seu mal! Grande cegueira! Summa desaventura! que sendo creado o homem para gozar de Deos, ponha seu coraçaõ na vileza dos contentamentos terrenos, & vire as costas aos divinos! Se vireis, que hum homem deixava o ouro por chumbo, diamantes por vidros, as perolas pelas conchas, as flores pelos espinhos, as triagas pelos venenos, em que opiniaõ o tivereis? Naõ disseramos todos, que estava louco, & fóra de seu sentido? Que diremos pois de todos aquelles, que deixaõ a

Deos

Deos pelo ſeu goſto, a verdade pela mentira, a realidade pela apparencia, o ſummo bem pelo ſeu mal, ſenaõ que ſaõ inſenſatos, & gentes ſem entendimentos?

Mas ainda que aſſim ſejais, a meſma brutalidade, & inſenſibilidade ſuſpira por aquelle centro, & fim, para que foraõ creadas todas as couſas; & aquelle extremo, ou esfera, que lhe ſerve como de fim ultimo, he continuamente o ſeu mais vivo deſejo, o ſeu natural abalo, o ſeu mayor movimento, o ſeu mais vehemente impulſo; por mais que alguma contrariedade lhe ponha obſtaculos, lhe opponha impedimentos, por tudo rompem, vencendo as difficuldades, ſem tomar deſcanço, atè que ſe vem no centro; & deſta maneira ou nos enſinaõ, ou nos reprehendem do pouco, que fazemos pelo noſſo ultimo fim.

Conſideray hum rayo fechado no carcere de huma nuvem, & vede com quanto impeto eſtala, raſgando a nuvem, ferindo o ar, atormentando o vento, eſtremecendo os Ceos, & atroando o mundo, quando, como vibora ardente, mal parido, ſe arroja aos ares, ſe fulmina, ſe vibra, & ſe diſpara. Naõ parece impaciencia o relampago, o eſtrondo queixa, o trovaõ bramido? Naõ ha duvida. E ſe perguntais, porque aſſim ſe queixa, ſe afervora, ſe arrebata, ſem a quietar na nuvem, que o metia nas entranhas, reſponde: Eſtou na nuvem violento, & como em outra esfera tenho o meu centro, naõ paro, em quanto naõ rompo por todas as difficuldades: naõ ſoſſego atè me conſumir, ou chegar ao meu fim ultimo.

Conſideray o fogo da polvora incluſo em huma mina; vereis que em hum breve inſtante rebenta furioſamente, arrebatando muros, voando torres, precipitando baluartes, ſem que haja na mayor fortaleza obſtaculo, que lhe ſirva de impedimento, ou defenſa a ſeus impetos: & que vos diz, quando ſahe vomitando chammas como de braveza? Diz com eſpantoſo ruido, que as fumaças ſaõ colera de verſe prezo, que os incendios ſaõ feſtas por verſe ſolto, que as ruinas, & aberturas ſaõ vinganças do tempo, que eſteve atado, que o eſtalido he brado, com que por ſeu centro ſuſpira, que as labaredas ſaõ azas, com que à ſua esfera voa.

Conſideray hum terremoto, q̃ aſſombra o mundo com tamanha confuſaõ, que parece que o mũdo ſe vira, & a maquina do Orbe acaba; & ſe lhe perguntais a cauſa de tamanho abalo, facilmente vos reſponde, que tudo procede de hum pouco de ar, cujo vapor incluſo nas concavidades

da

da terra; & que daquella força, & impeto, que poem para ſahir em quanto naõ póde romper, naſce que a terra treme, & ſe abala. E ſe ſegunda vez inquiris, quem deu tanta força a hum vapor, que he fraco, & a hum pouco de ar, que he taõ leve, para mover montanhas, abalar ſerras, abrir penhaſcos, derrubar edificios, affundir Cidades, & deixar com quartans os montes? Quem? Reſponde a razaõ natural: O eſtar fóra do ſeu centro, & querer tornar para o ſeu ultimo fim; & para reſtituirſe a elle o mais fraco tem forças ſe quer, ſobejaõlhe pujanças: & naõ ſendo eſte vapor, eſte ar, mais que hum ſuſpiro leve, mas ſuſpiro por ſeu centro, tem eſte tanta efficacia, que baſta para abalar o mundo.

Conſideray huma fonte, que do berço de hum penedo ſe arrojou a hum valle, onde as margens mais aprazíveis lhe offerecèraõ abraços, as flores galas, as aves muſicas, as plantas mimo, os boſques leito, as ſombras toldo: vereis que como ave de neve fugindo vos, de tudo ſe vay rindo, a tudo engeita correndo; naõ pára deſpenhando-ſe: & ſe perguntais a cauſa de tanta furia, de tanto deſapego, de tanta preſſa: vereis que naõ he outra mais que ter longe o ſeu centro, ter no mar o ſeu fim ultimo; & por iſſo naõ ſoſſega, antes com ancia amoroſa ſe arroja, & ſe precipita ao mar, & ſó nelle tem deſcanço.

Conſideray huma rocha na mayor altura, poſta como coroa na cupula do edificio; ainda que pareça, que deſcança, porque eſtá quieta, he certo, que alli eſtá violentada, tendo natural appetite de tornarſe à terra, poſto que ſeja a mais baixa: & em que ſe prova a violencia? Em que tirandolhe o impedimento, com que eſtá ligada, deſcerá logo voando com todo o impeto a buſcar o centro. Deſorte que na fonte, na pedra, no ar, no fogo, & em todas as mais creaturas achareis eſta fome, & ſede de ſeu fim ultimo.

Conſideray ainda a agulha tocada da pedra de cevar, vereis, que naõ aquieta ſenaõ no Norte. Conſideray a herva gigante, ainda q̃ pelos pès a tenha preza a terra, com as folhas, & com todo quanto póde vay ſeguindo o Sol. Conſideray a palha perto do alambre, vereis que eſquecida da terra, onde naſceo, ſe arrebata em ſeu amor. De maneira, que nas hervas, nas palhas, nas pedras, nas fontes, no ar, no rayo achamos eſte movimento para o ſeu fim ultimo: & ſendo Deos o ultimo fim do homem, ſua eſfera, ſeu ſummo bem, & ſeu centro, vemos que faz mais extremos a palha pelo alambre, a herva pelo Sol, hũa pedra pela

terra,

terra, huma fonte pelo mar, hum vapor pelo ar, hum rayo pelo fogo, que huma alma, que hũ coraçaõ por Deos. Oh miseria digna de chorarse com lagrimas de sangue!

Que fazes, alma peccadora, que naõ morres de pezar, pois sendo Deos para ti infinitamente mayor bem, que o alambre para a palha, que o Sol para a flor, que o Norte para a agulha, que a terra para a pedra, que o mar para a fonte, que o ar para o vapor, que o fogo para o rayo: & sendo tu infinitamente mais vil em comparaçaõ de Deos, do que he o rayo, o vapor, a fonte, pedra, agulha, flor, & palha, em comparaçaõ do fogo, do ar, do mar, da terra, do Norte, do alambre, & do Sol, naõ tens feito nada pelo teu verdadeiro bẽ, tendo feito muito pelo teu verdadeiro mal? Cada hum daquelles rompe por todas as difficuldades, que se lhe oppoem: o peccador a cada passo acha huma rémora: os mesmos meyos, que lhe facilitaõ o passo, tem por estorvos, na cadea do seu appetite as difficuldades augmentaõ os impossiveis, dobraõ os encantamentos.

Na verdade, que he pasmosa miseria, que fuja o amor humano do amor divino; sendo q̃ por qualquer parte que queira, parece que naõ póde, porque se, peccador, o teu amor he venal, & se vende por algum preço, quem o póde comprar mais caro, do que Deos, que dá por elle hũ Reyno inteiro, & hum Reyno eterno? Quem o póde levar a mayor custo, que quem deu por elle sangue, & vida de hum homem Deos? Se este teu amor se ha de dar de graça, quem he mais digno delle, que Deos infinitamente bom, & como tal o merece? Se por força, & violencia, quem nos faz mais força, que este Senhor, que nos pede este amor com a espada desembainhada, & quasi disparando settas, dizendo: Ou me has de amar, ou com morte eterna has de perecer: *Nisi conversi fueritis, gladium suum vibravit, arcum suum tetendit, &c.* Psalm. 7.13.

Peccador, para si te creou Deos, se a Deos naõ queres, por força te has de perder: querello, he buscallo com toda a ancia, servillo com toda a diligencia, amallo com toda a alma. Rio q̃ naõ chega ao mar, em charco se converte, pouco a pouco se corrompe, atè que na terra se sóme, & em fim se perde. Se ao amor donde sahiste naõ tornas, se a Deos naõ corres, em charco do abismo te mudas, corromperte has nos vicios, sumirte has no inferno. Ou ao Ceo, ou ao inferno sem duvida has de ir, ou de Deos, ou do demonio has de ser. Vè o que escolhes: na tua liberdade tens o caminho, na

resoluçaõ o perigo, ou o remedio. Que aggravo faz Deos em deitar no inferno a quem naõ quer o Ceo? Que injuria em entregar ao demonio quem desprezou a Deos? E a Deos, & ao Ceo se despreza pelo peccado! Se neste te ficas, em peyor estado ficas, do que se estiveras sem culpa no inferno. Se te peza de haveres desprezado este summo bem, & adorado o summo mal, humilhate a este Senhor, que em toda a parte te olha, & dize muito de coraçaõ:

Meu Deos, unico bem, meu ultimo, & soberano fim, a quem eu tanto offendi cega, & miseravelmente, corrome, Senhor, envergonhome, confundome, & summamente me afflijo de q̃ sendo vós quem sois, infinitamente bom, me atrevesse eu vilissimo pó, & cinza, aggravarvos, & offendervos. Pezame, Senhor, doome muito, meu Deos, de que atè pela minha pena desprezasse a vossa gloria, & pela minha perdiçaõ a vossa bemaventurança. Pequey, fiz mal, & por tudo quanto tem o mundo proponho de naõ vos offender. Espero que me haveis de perdoar; porque se me esperastes, quando aggravado, se me chamastes quando queixoso, como naõ usareis de misericordia comigo arrependido? Nunca mais de culpa, meu Deos, morrer antes, que peccar. Tende misericordia de mim.

DISCURSO VI.

De que maneira se oppoem o peccado a este summo bem, & fim ultimo.

A Este summo bem, que he o nosso ultimo fim, se oppoem hum mal infinito, que he o peccado mortal. Póde-se sondar, & medir a profundidade do mar, a redondeza da terra, a altura dos Ceos, a grandeza do Orbe, a largura, & comprimento de todas as esferas, & vadear as estancias imaginarias, que a fantasia sonha, ou o estudo medita; mas naõ haverá entendimento humano, sabedoria Angelica, capacidade creada, que possa tocar o fundo da malicia do peccado, ou declarar quanto este mal tem de immenso, por avesso, & contrario da magestade, & bondade de Deos, a quem he opposto.

Mas ainda que seja impossivel definillo, & declarallo, necessario he segundo a humana capacidade dizer delle algũa cousa para conhecello, & conhecendo fugillo; pois he certo, que os

vicios

vicios se naõ podem evitar sem primeiro se conhecer. O enfermo que naõ conhece a sua doença, naõ trata quanto lhe importa da sua medicina; & se he maligna a enfermidade, quanto menos se conhece do humor peccante a malicia, tanto mais se lhe impossibilita a cura. O Piloto, que naõ conheceo o baixo onde a sua Nao tem dado, naõ póde evitar o naufragio, nem remediar o perigo. Assim os peccados, que saõ febres malignas da alma, como se haõ de curar, se a sua gravidade, & malicia deixar de se conhecer? Os vicios, que saõ baixos, & riscos onde tantas almas se perdem, como se haõ de evitar, & aborrecer, se se naõ chegarem a descobrir.

Perdèraõ-se os Judeos, porque naõ conhecèraõ o baixo em que tinhaõ dado, como diz Santo Agostinho: *Si cognovissent, nunquam Dominum crucifixissent.* Perdeo-se o rico Avarento, porque naõ vio o risco sobre que estava fuito. Perdèraõ-se os do diluvio, & Sodoma, porque naõ conhecèraõ a maldade, que tinhaõ feito, antes como cegos huns, & outros fizeraõ peçonha do seu remedio, & gloria do seu delito. Ao contrario conheceo David o seu peccado, & logo detestou o seu erro: *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco.* Conheceo a Magdalena o seu engano, & logo chorou o seu desatino: *Ut cognovit.* Conheceo o Prodigo a sua perdiçaõ, & logo encaminhou os passos para a salvaçaõ.

Por esta razaõ, ainda que desse summo mal do peccado naõ possamos dizer todo, alguma cousa diremos. O gigante conheee-se pelo dedo, o leaõ pela unha, o elefante pelo dente, a noyte pela sombra. Retrataremos aqui huma sombra, que mais naõ seja: hum mundo inteiro se descobre em breve mappa, em pequena carta; arguamos pelas sombras deste breve debuxo, qual será o original do peccado.

Cinco cousas diz o nosso Santo Antonio, que deve considerar o peccador para conhecer a gravidade, & malicia do peccado mortal.

Primeira, a Magestade, que offendeo.

Segunda, a macula, que contrahio.

Terceira, a Bondade, que desprezou.

Quarta, a gloria, que perdeo.

Quinta, a pena, que mereceo.

Quanto à primeira, havemos de entender, que o que faz mais horrendo, & grave o peccado, & o constitue numa malicia infinita, he ser injuria de Deos, & afronta da Divina Magestade; porque como diz S. Thomàs, o peccado tem huma malicia infinita contrahida na injuria, que fez

D. Th. 3. p. q. 1. à 2.

fez a Deos; & a injuria tanto he mais grave, quanto a pessoa injuriada he mais digna: sendo pois sobreinfinita a Magestade de Deos, & hum bicho vil da terra o peccador, que a injuría, quem duvida, que he infinita ao menos objectivamente esta afronta, esta injuria, esta offensa?

Quem es, peccador, quem es tu, que te atreveste peccando afrontar hum Deos omnipotente? Qual será a enormidade, qual a malicia da injuria, que lhe fizeste, quando peccaste? Sendo pois o peccado o mayor contrario de Deos, quanto Deos por ser infinitamente bom he amavel, o peccado por ser infinitamente mao he aborrecivel; & assim como he impossivel amar alguem tanto a Deos, que naõ mereça ser mais amado: assim he tambem impossivel aborrecer alguem tanto o peccado, que elle naõ mereça ser mais aborrecido. Que o peccado seja injuria, & desprezo de Deos, diz elle pelo seu Profeta Isaias: Criey os peccadores, como se foraõ meus filhos, exaltey-os com os dotes da natureza, com os bens da ventura, & com os dons da graça, & elles desprezaraõme com suas culpas, & naõ fizeraõ caso de mi mandando suas torpezas.

Isai. 2.

Succede este desprezo de Deos, quando ao peccador o tenta o demonio para algum peccado: fazey conta que se poem Deos de huma parte, o demonio de outra, & fica o peccador no meyo. Deos com a sua Ley na maõ lhe diz: Homem, vè que te criey, que te fiz Christaõ, que morri por ti numa Cruz, que te mando que me sirvas, & naõ me offendas, naõ peques, porque se naõ peccares, serás dos meus amigos, & como filho muito querido terás o Reyno eterno: olha que se consentes, & me desprezas peccando, que terey teu capital inimigo, que te entregarey ao demonio, & te lançarey no inferno. Da outra parte está o demonio com aquelle deleyte, ou gosto com que nos tenta. E que importa, diz, que Deos naõ queira, se a tua liberdade se exercita? Es senhor do teu livre alvedrio, & da tua eleiçaõ, fazea do que te dá gosto, que só assim serás o primeiro homem do mũdo, a quem nada se poz diante para comer do pomo vedado. Que te diz Deos, que te creou como filho? E que muito, se te tinha feito? Que te fez Christaõ? Isso fez a muitos. Que morreo por ti? Foy geral beneficio para todos. Que te manda, que o naõ offendas, que naõ peques, & que o sirvas? Para que te pede o que elle póde? E se naõ quer poder por te conservar a liberdade, pecca para mostrares que es muito senhor da tua vontade. Que mais te diz? que senaõ peccares,

serás

ſe ás dos ſeus amigos, & terás o Reyno eterno? Muitos estaõ no ſeu Reyno: & mais que muitos tem hoje por amigos, q̃ o offenderaõ neſta vida com muitos, & grandes peccados. Se te atreves a hum gemido, em qualquer tempo que o deres na tua vida, te porás na ſua graça, & amizade antiga. Com que te ameaça, com o inferno? Faze teu goſto neſte mundo, fecha os olhos ao outro: que ſe aſſim o naõ fizeraõ quantos peccàraõ, já do peccado naõ houvera fumo, mais que o que ainda levanta nos brazeiros do inferno; fazete ſurdo ao que Deos te diz, ſe queres que os mais ſentidos te deleitem, te recreem, te agradem, ſem ſuſto, ſem çoçobro, ſem temor, & ſem limite.

Se o peccador conſente, & ſe determina ao peccado, ſabeis que faz? Naõ ſó eſtima a Deos menos que o demonio, mas faz Deos do ſeu peccado, pois entregando-ſe totalmente ao ſeu goſto, faz delle ſeu fim ultimo, o que he proprio ſómente de Deos, & ainda que com a boca naõ diga nada, pelo que obra he o meſmo que ſe diſſera a Deos: Nada ſe me dá de vòs, nem temo os voſſos ameaços, nem faço caſo do voſſo Paraiſo; naõ tenho medo do voſſo inferno, hey de fazer o meu goſto, ainda que vos peze: naõ quero guardar os voſſos preceitos: eſcolho por amigo o demonio: & que me vay em vos ter por inimigo? Alèm diſto, quem pecca, quanto em ſi he, fere, mata, mete debaixo dos pès a Deos, como diz o Apoſtolo: *Rurſum crucifigentes ſibimeti pſis filium Dei, & oſtentui habentes.* Folgára que Deos naõ fora bom, para que Deos o naõ caſtigára por mao. Quizera cortar a Deos os braços da juſtiça, & da omnipotencia, para que naõ pudeſſe caſtigar as ſuas culpas. Tomàra que naõ houvera Deos no mundo, para elle viver como ſe fora Deos. Tomàra que fora Deos cego, para que naõ vira ſuas offenſas: que fora tonto, para que naõ entendèra as ſuas maldades: que Deos naõ fora eterno, para que o naõ fora ſeu caſtigo; & finalmente tomára que naõ houvera Deos, & com iſto quanto em ſi he lhe deſeja deſtruir o ſer, o pòder, & mais attributes.

Heb. 6.6.

Iſto faz, iſto diz o peccador quando pecca, ainda que naõ ſayba o que diz, nem o que faz; & deſta maneira deſpreza a Deos como Legislador, naõ querendo guardar ſua Ley, deſpreza-o como a Senhor, naõ querendo ſugeitarſe ao ſeu dominio, deſpreza-o como a Rey, rebellando-ſe a ſeu imperio, deſpreza-o como amigo, naõ fazendo caſo de ſeus beneficios, deſpreza-o como inimigo, moſtrando que naõ teme ſeu poder immenſo, deſpre-

despreza-o como Creador, virando contra elle o ser, a vida, a alma, & quanto de Deos recebeo. Despreza-o como Redemptor, naõ fazendo estimaçaõ do sangue, que por elle derramou, a morte, que por elle padeceo. Despreza-o como ultimo fim, naõ querendo aquella bemaventurança, que perde por hũa torpeza, ou por qualquer gloria caduca. Despreza-o como pay, engeitando a herança do Ceo, & o titulo de filho. Despreza-o como Juiz, naõ temendo a terrivel sentença, que o ha de lançar no inferno. Despreza-o como Deos, pois sendo o peccado unico mal, que se póde fazer a Deos, sem embargo de sabello, pecca. Despreza a infinita misericordia, valendo-se da esperança, de que Deos lhe ha de perdoar, para mais soltamente offendello. Despreza a immensa bondade de Deos, tomando por occasiaõ de seu mao estado a experiencia, que tem de que Deos he infinitamente bom. Despreza a sua presença, pois na cara de Deos, que a tudo está presente, commette sem pejo as culpas. Despreza a sua omnipotencia, pois naõ podendo fazerse nada sem que Deos concorra, faz que concorra Deos como Author da natureza, em todas as suas obras, para que delle se sirva na offensa do mesmo Deos. Despreza a sua sabedoria, pois naõ se lhe dá, que saiba Deos a sua torpeza, sendo de Deos afronta. Despreza a sua justiça, peccando depois de tantos exemplos da divina vingança. Despreza a sua providencia, pervertendo a ordem, & o fim a que ella se encaminha. Finalmente despreza todos os attributos, & perfeiçoens de Deos, pois contra todos pecca. Despreza os beneficios da natureza, os dons da graça, os bens da gloria, o sangue de Christo, o remedio dos Sacramentos, as inspiraçoens, os auxilios, & de tudo faz armas contra a bondade divina: sendo tantos os modos da malicia, quantos saõ os favores da immensa misericordia, & as esperas da divina paciencia.

E porque bem despreza isto? Por hum gosto, que he torpeza, por hum capricho, que he vaidade, por hum ponto de honra, que he ar, por hum interesse, que he terra, por hum appetite, que he fogo, por huma gloria, que he fumo, por hũa felicidade, que he vento, por huma estimaçaõ, que he sonho, & por tudo mais, que he nada em comparaçaõ de Deos, sem se lhe dar das pensoens, com que abraça o seu peccado, que saõ ser inimigo de Deos, escravo do demonio, desherdado do Ceo, & condenado ao inferno. Eis-aqui Deos deixado pelo demonio, Christo pospasto a Barrabás, o

Manná do Ceo deixado pelas cebolas de Egypto, & finalmente Deos despiezado por hum vil motivo; & quanto he mais vil o motivo, tanto mayor o aggravo, quanto mais vil a pessoa, que aggravou, mayor a injuria da pessoa, que se offendeo: & sendo Deos huma Magestade infinita, eis-aqui hum breve debuxo da infinidade da offensa.

Se desprezareis o ouro pelo cobre, os diamantes por vidros, o Sol pela sombra, a perola pela concha, as rosas pelos espinhos, & as triagas pelos venenos; & se tivera entendimento essa triaga, essa flor, essa perola, esse Sol, esse diamante, esse ouro, quanto se offendèra deste desprezo, pois o deixaveis por huma cousa taõ vil? He certo, que quanto fora o ouro mais puro, o diamante mais fino, o Sol mais claro, a perola mais preciosa, a rosa mais fragrante, a triaga mais excellente, mais havia de sentir o desprezo, que se lhe fazia por hum cobre grosseiro, por hum vidro quebradiço, por hũa sombra fea, por huma concha tosca, por hum espinho duro, por hum veneno danoso, & contrario à vida.

Que será pois a offensa, que se faz a Deos, indo da creatura a Deos huma distancia infinita, & deixando pelo cobre dos bens terrenos o ouro dos thesouros divinos? Pelo vidro quebradiço de quanto tem o seculo, o diamante eterno da gloria, que se ha de gozar no Ceo? Pela sombra fea, & vãa das felicidades da vida, o Sol immortal da mayor felicidade da alma? Pela concha tosca de qualquer gloria terrena, a perola preciosa da Bemaventurança? Pelo espinho, ou pico pungente de qualquer belleza caduca, a flor de fermosura eterna? Pelo veneno mortal de qualquer mortal peccado, a triaga da graça, & misericordia infinita? Oh Bondade infinita, quem nunca te houvera offendido! Oh maldade minha, quem nunca te houvera entendido!

Pasmaivos Ceos, admiraivos Serafins, assombraivos Anjos, sirva de espanto aos elementos, & a todas as creaturas, o que com os homens me succedeo. E que foy, Senhor? E que caso he esse, meu Deos, para conciliar os espantos, & persuadir os assombros? Sabeis que? Diz o Senhor pelo seu Profeta Jeremias: Deixàraõme os homens a mim, sendo seu Creador, por huma vil creatura; desprezáraõ os peccadores a fonte da vida pelas cisternas da morte: desprezáraõ as aguas do Ceo pelo lodo da terra, a gloria pela culpa, o Ceo pelo mundo, a Deos pelo demonio. Oh miseria! Oh espanto! Oh perdiçaõ do mundo! *Obstupescite cæli super hoc, & portæ ejus desolamini, dicit Dominus.*

Jerem. 2.12.

Duo enim mala fecit populus meus: me dereliquerunt fontem aquæ vivæ, &c.

Pelo Profeta Isaias faz Deos os mesmos espantos, dizendo: Ouvi Ceos, ouvi terra, ouvi mar, ouvi fogo, ouvi penhascos, ouvi montes, ouvi brutos, ouvi elementos, vestivos de entendimento, de olhos, & de ouvidos, de admirações, & de assombros, & sede testemunhas de que os homens, a quem criey como filhos, escolhi como herdeiros, redemi com meu sangue, dotey com tantos beneficios, & prometti eternos thesouros, esses saõ os que me desprezaõ, me aggravaõ, & me injuriaõ: *Audite Cæli, & auribus percipe terra, quoniam Dominus locutus est. Filios enutrivi, & exaltavi: ipsi verò spreverunt me.* Isai.1.2

Os homens, que às vezes se naõ atrevem a desprezar outros homens, estes me desprezàraõ. Oh prodigio de ingratidaõ! Oh non plus ultra de malicia! Que fazeis Ceos, que naõ disparais infernos? Que fazeis fogo, que naõ vos desfazeis em rayos? Em que vos detendes ar, que naõ fulminais coriscos? Em que vos occupais terra, que naõ vibrais terremotos? Que fazeis mar, que naõ repetis diluvios? Mas quem vos detem a furia, quem vos suspende a ira, quem vos enfrea a colera para naõ tomar vingança do peccador, pois isto deseja cada creatura, quando o peccador pecca? *Omnis creatura ingemiscit, & parturit usque adhuc.* Rom. 8. 22. Quem ha de ser, Ceos, senaõ a bondade, & misericordia de Deos, que a quem pudèra castigar, & lançar no inferno logo que commetteo hum peccado, dá tempo de penitencia, para que arrependido da culpa entre no Paraiso? Quem, senaõ o Filho de Deos, que como na Cruz, pede a seu Eterno Pay: Padre meu, naõ vibreis os rayos, embainhay os coriscos; estes peccadores saõ nescios, andaõ cegos, naõ sabem o que fazem, derramey por elles este sangue, dey por elles a vida, perdoailhe, & tende misericordia delles. Luc.23. 34.

O' peccador, se naõ es mais duro que os marmores, mais insensivel que os troncos, mais grosseiro que os brutos, mais cruel que as feras, ouve, compungete, magoate com estas vozes de Deos, responde a cada queixa: hum suspiro seja cada voz, a compunçaõ hum ecco, & dize de coraçaõ: Meu Senhor Jesu Christo, pequey, fiz mal na cara dos Ceos, & da terra, naõ sou digno da luz, que vejo, do Ceo, que olho, do ar, que bebo, da terra, que pizo: antes sou merecedor que o Ceo dispare settas, que o fogo fulmine rayos, que o ar vibre coriscos, que a terra se abra em sepulchros, & que cada creatura vossa seja huma

ma arma contra mim: naõ devo chamarme filho vosso, pois voluntariamente com meu peccado me fiz da perdiçaõ escravo, & do demonio servo: ainda assim, meu Deos, & Senhor, quanto desconfio de mim, tanto espero de vossa bondade immensa; porque todas as razoens, que me movem a vos amar, a esperar em vòs me movem. Porque naõ terey eu esta esperança em hum Deos infinitamente benigno, se tanto padecestes no mundo por fazerme bem, & bemaventurado? Em quem confiarey com mayor razaõ, que em quem tanto me ama, que se entregou à morte, porque eu tivesse eterna vida? Em quem terey mais certo o meu remedio, que em quem por fazerme participante de seus bens, se fez participante de meus males? Como me negará o remedio, quando já lhe naõ custa nada, quem me remio a tanto custo seu? Como fugirá de quem o busca, quem buscou por tantos caminhos a quem lhe fugia tanto? Se pois, meu Deos, atègora vos naõ dedignastes de me sofrer, peçovos por vossa morte, & Payxaõ, que tenhais por bem o favor de me perdoar.

DISCURSO VI.

Trata-se do segundo effeyto do peccado, que he a macula, que deixa na alma.

O Segundo dano, que faz em huma alma este furioso rayo, esta peçonha do inferno, he pôr na alma huma mancha, & nodoa, a que os Theologos chamaõ macula do peccado; porque assim como qualquer cousa alva, & limpa chegando ao lodo, fica perdendo a sua limpeza, & candura: assim a alma, que pecca, pelo ajuntamento com o bem temporal, que he como lodo, fica perdendo a sua fermosura, a alvura, & candidez da graça: fica deslustrada, fea, & asquerosa. He o peccado mortal, como o rayo, mata, & chamusca. He como podridaõ do pomo, que poem nodoa tanto que entra; & nodoa, & mancha tamanha, que naõ bastariaõ a tiralla todos os homens do mũdo, ainda que fizessem hum taõ grande monte de lagrimas, que chegasse da terra ao Ceo Empyrio: nem o fogo, pois naõ basta o fogo do inferno: nem a agua, pois naõ bastou o diluvio; só bastou para a tirar o Sangue de meu Senhor Jesu Christo: *Livore*

D.Th. 1.2.q. 86.

vore ejus sanati sumus.

Aqui parou a penna do Veneravel Padre, naõ sem mágoa de que parasse; porque se o teu escrever he espalhar flores, o vosso ler he recolher preciosidades; mas porque entre os fragmentos dos seus apontados achey hũ principio do Memorial do Espirito, que conduz para o fim ultimo, com este principio rematarey este Tratado, & Discurso.

Memorial do Espirito para almas Religiosas.

O Fim para que nascemos, & para que foy creada toda a racional creatura, he para contemplar, amar, & gozar a Deos, que he sómente o nosso unico, & summo bem, & o nosso ultimo fim; para quem devemos tornar com amoroso impeto, & fervoroso influxo, assim como tornaõ para o mar os rios, que do mar nascèraõ, & como se unem com o Sol os rayos, que do Sol para a terra sahiraõ. Quẽ nos une a este centro, & ultimo fim, & bem nosso, he huma ardente, pura, & nua caridade, com a qual tanto mais nos chegamos, & unimos a Deos, quanto mais nos apartamos de nòs mesmos, isto he, de nossa propria vontade.

Este puro amor de Deos consiste essencialmente em guardar à risca os Mandamentos da Ley Divina, os conselhos de nosso Senhor Jesu Christo, as obrigaçoens do nosso estado, & em hũa inteira, & perfeita mortificaçaõ da vontade, & natureza. E tudo isto se ha de fazer, naõ por nos livrar do inferno, ou por alcançar o Ceo, senaõ puramente por contentar a Deos, & fazer sua divina vontade; & quanto disto temos nos exercicios do espirito, tanto temos de amor de Deos, & naõ mais.

Deste puro amor de Deos nascem quatro filhos. O primeiro he hum grandissimo desprezo, naõ só do mundo, & seus bens, mas ainda de si mesmo. O segundo he huma total negaçaõ do proprio appetite, & vontade. O terceiro hũa indifferença, com que a alma esteja aparelhada para receber gostosamente todo o bem, ou mal, que lhe vier das mãos da Divina Providencia. O quarto huma conformidade taõ grande com tudo o que a Deos contenta, que do seu gosto, & do nosso se faça huma só vontade, unindonos por amor com elle em hum só espirito.

Quanto ao primeiro, que he desprezo de si mesmo, devemos entender, que ninguem póde alcançar a perfeiçaõ Christãa sem elle. Quanto ao segundo, que he negaçaõ de toda a propria vontade, summamente temos necessidade della para nos despir das payxoens, affeiçoens,

inclinações, & appetites naturaes, que saõ laços, & cadeas da liberdade do espirito. Esta he huma morte espiritual de toda a sensualidade: huma vitoria de nòs mesmos, com que nos fazemos senhores de nòs para poder livremente sugeitar os appetites à razaõ, & a razaõ a Deos. Quãto ao terceiro, que he a indifferença, isto he, huma entrega do animo sem escolha alguma para quanto Deos quizer, he a melhor disposiçaõ, que póde haver numa alma para a uniaõ com Deos, porque nella se mostra, que o nosso desejo he o divino beneplacito, a nossa vontade naõ ter nenhuma, o nosso gosto, o que contentar, & agradar em tudo à Divina Magestade. Quanto ao quarto, que he a conformidade com a vontade de Deos, he o derradeiro officio da caridade, que com ella já vive unida, & transformada de sorte, que toda se absorbe, & transfunde na vontade de Deos, naõ ficando rasto na crearura de sua propria vontade. Esta faz com que hũa creatura já naõ viva em si, nem sinta em si, mais que a Deos, sentindo-se desatada, & livre de toda a creatura, & de si mesma.

Por tres vias se alcança este perfeito amor: via Purgativa, Illuminativa, & Unitiva. Nos principiantes serve a via Purgativa para alimpar a alma: & o primeiro passo desta he hũ grande odio aos peccados; porque naõ basta, como diz Santo Thomás, chorar, & doer dos peccados por algum dano temporal, ou eterno, que delles nos póde vir: he necessario terlhe tamanho odio, que claramente os cheguemos a aborrecer: & a razaõ he; porque assim como o verdadeiro amor na consideraçaõ do que ama páre alegria, & deleite: assim o verdadeiro odio, quando cuida no que aborrece, páre enfadamento, & tristeza.

O segundo passo he aborrecimento, & fastio do mundo, considerando a condiçaõ da miseria humana, a brevidade da vida, a certeza, & incerteza da morte, as terribilidades do dia do Juizo, as penas do inferno, os desejos da vida eterna; de que se segue o estado do pranto, o amor da penitencia, o proposito da emenda, a confissaõ geral das culpas, a satisfaçaõ das obras, o pelejar com os vicios, atè desepir, & extirpar todos os maos habitos, que estavaõ pegados à alma pelo mao costume do amor, & vontade propria.

Nos aproveitados serve a via Illuminativa para exercitar todas as virtudes: como quem semea a terra, que está já lavrada, plantando nella todas as virtudes, que deve aprender de nosso Senhor Jesu Christo, principalmente a santa humildade, que he alicerce, & fundamento

da

da vida espiritual; sem a qual fica como armada no ar toda a maqnina das virtudes. Humildade he hum perfeito conhecimento da propria miseria, fraqueza, & incapacidade, com a qual nada se atribue a si, senaõ a Deos: antes tendo-se em conta da mais ruim, & desaproveitada alma, tudo o que he mao se atribue a si, tendo-se por indigna dos dons, que sua Divina Magestade em vaõ emprega nella; & tendo para si sem duvida, que todas as obras boas que faz, as recebe da misericordia de Deos, atè o jejum, a disciplina, o silencio, o retiro, & as outras obras, que parecem filhas da sua emenda, & resoluçaõ. Cuidará de si no mal, & naõ no bem: dos outros todos no bem, & naõ no mal, & como vaso perdido, & cheyo de immundicias se porá nas mãos de Deos, para que elle o alimpe, & lave como for servido.

Bom exercicio he para esta virtude a consideraçaõ do nada, que foy quanto à natureza, do nada, que foy, & do nada, que tem de seu, em quanto está em culpa; porque estando sem Deos, tudo o mais em sua comparaçaõ he nada: do nada, que tem da graça, ainda que nella viva, pois de Deos he toda: do nada, que tem da gloria, & do nada, que terá se for às eternas penas. E desta consideraçaõ tirará para as tentaçoens este conselho: Eu por mim sou nada, & o nada nada quer, nada póde, nada merece, nada tem, nada o póde vencer, nada o póde tentar, & finalmente para mim nada mais, que Deos. He muy util esta consideraçaõ.

Desta virtude nos devemos levantar ao exercicio da caridade, & do amor do proximo, amando a todos por amor de Deos, como se os viramos metidos dentro do costado de Christo Senhor nosso; & entendendo, que como cousa sua os ha de salvar, pois por elles veyo a morrer: rogando por bons, & maos a Deos, & offerecendo pelos peyores a sua Divina Magestade nossas lagrimas, penitencias, & oraçoens, quando soubermos de suas miserias: em todos, ou sejaõ parentes, ou amigos, ou inimigos, naõ aborrecerey mais, que os vicios, naõ amarey nada mais que a Deos, & o que he de Deos, isto he a graça, & virtudes.

Depois passaremos a imprimir em nòs com toda a resoluçaõ a virtude da paciencia, que he a sciencia dos Santos: a santa Oraçaõ, que he a escada dos justos, sem a qual naõ ha communicaçaõ com Deos: a desconfiança de si junta com a confiança na Providencia Divina: a temperança, o retiro, o silencio, & a guarda estreita dos sentidos inte-

interiores, & exteriores, & todas as demais virtudes; entendendo, que o perfeito aproveitamento da vida naõ consiste tanto em cuidar altas cousas da Divindade, como em imitar, amar, & seguir a crucificada Humanidade de Nosso Senhor Jesu Christo, que naõ só serve de espelho para nossas almas, mas para exemplar, & molde de nossas vidas; pois daquelle santissimo Original havemos de tirar as tintas, com que nos façamos seu retrato. Para isto deve a verdadeira Religiosa guardar seus votos com tanta perfeiçaõ, que naõ faça mais, que o que fizera Christo: naõ cuide o que este Senhor naõ cuidàra, naõ diga o que este Senhor naõ dissera.

Quanto ao voto da Obediencia, naõ só com a vontade, mas com o entendimento esteja tam prompta para obedecer, & sugeitarse à vontade dos Prelados, & Padre espiritual, como a sombra ao movimento do corpo, està prompta para se mover. Seja como livro posto nas mãos de seu dono, que se o quer abrir, abre-o, se fechar, fecha-o, se dobrar, dobra-o, se pollo a hum canto, ahi se deixa pôr. Esta virtude he o fundamento da Religiaõ: he filha do amor de Deos, & da verdadeira humildade. Quem a naõ tem, saiba que qualquer desobediencia he filha da soberba, & do amor proprio, & só de taõ ruins pays póde nascer taõ má filha.

A Religiosa, que chegasse a fazer milagres, & resuscitar mortos, se faltasse à obediencia da ley de Deos, ou de seus Prelados, seria peyor que infiel, diz S. Francisco de Sales; porque a santidade naõ consiste em fazer milagres: o Ante-christo ha de fazellos: consiste na verdadeira, & cega obediencia do puro amor de Deos a seus Mandamentos, & vontade dos Prelados, como naõ seja contraria à Ley Divina, ou Regra da Religiaõ.

Melhor he por obediencia comer, que sem obediencia açoutar. A desobediencia perdeo o Paraiso, & o Ceo: & Christo Senhor Nosso reformou o mundo com a obediencia. Muitos ha, que escolhem suas devoçoens, & penitencias, & fazem sua vontade, medindo-a com a de Deos; estes naõ sabem ainda o A, B, C, do espirito, pois ainda se naõ entregàraõ a Mestre, que os começasse a ensinar atandolhes a vontade. Se os levaõ por caminho de que naõ gostaõ, daõ tudo por perdido, tendo para si, que só vaõ errados guiandose por entendimento alheyo: ainda naõ chegàraõ a conhecer, que a primeira ceura, de que se haõ de despir, he de sua escolha, & uso do parecer, & vontade propria. A Saõ Paulo sendo

Act. 9. 7.

sendo hum dos mayores entendimentos, perguntando a Deos, que queria, que fizesse, respondeo o Senhor: Vay, & governate por Ananias. Ninguem, posto que seja Medico, se cura bem da propria enfermidade, acerta entregando-se ainda a peyores Medicos.

He engano cuidar que a penitencia, ou a Oraçaõ vos póde aperfeiçoar sem a obediencia; esta he a virtude do Esposo mais estimada, em a qual, pela qual, & para a qual quiz morrer. Muitos Religiosos foraõ Santos sem Oraçaõ mental, sem obediencia nenhum.

Deos declara sua vontade por meyo da Obediencia: haveis de ter hum coraçaõ de menino, a vontade de cera, o espirito nù de qualquer affeiçaõ, juizo, ou gosto vosso, ainda que seja de espirito. Fiaivos de Deos, se por seu amor fazeis, ou o que naõ quereis, ou o que naõ entendeis. A's escuras por baixo da terra se chegá à mina. Com olhos fechados vio Jacob a escada, & caminho do Ceo.

LAUS DEO.